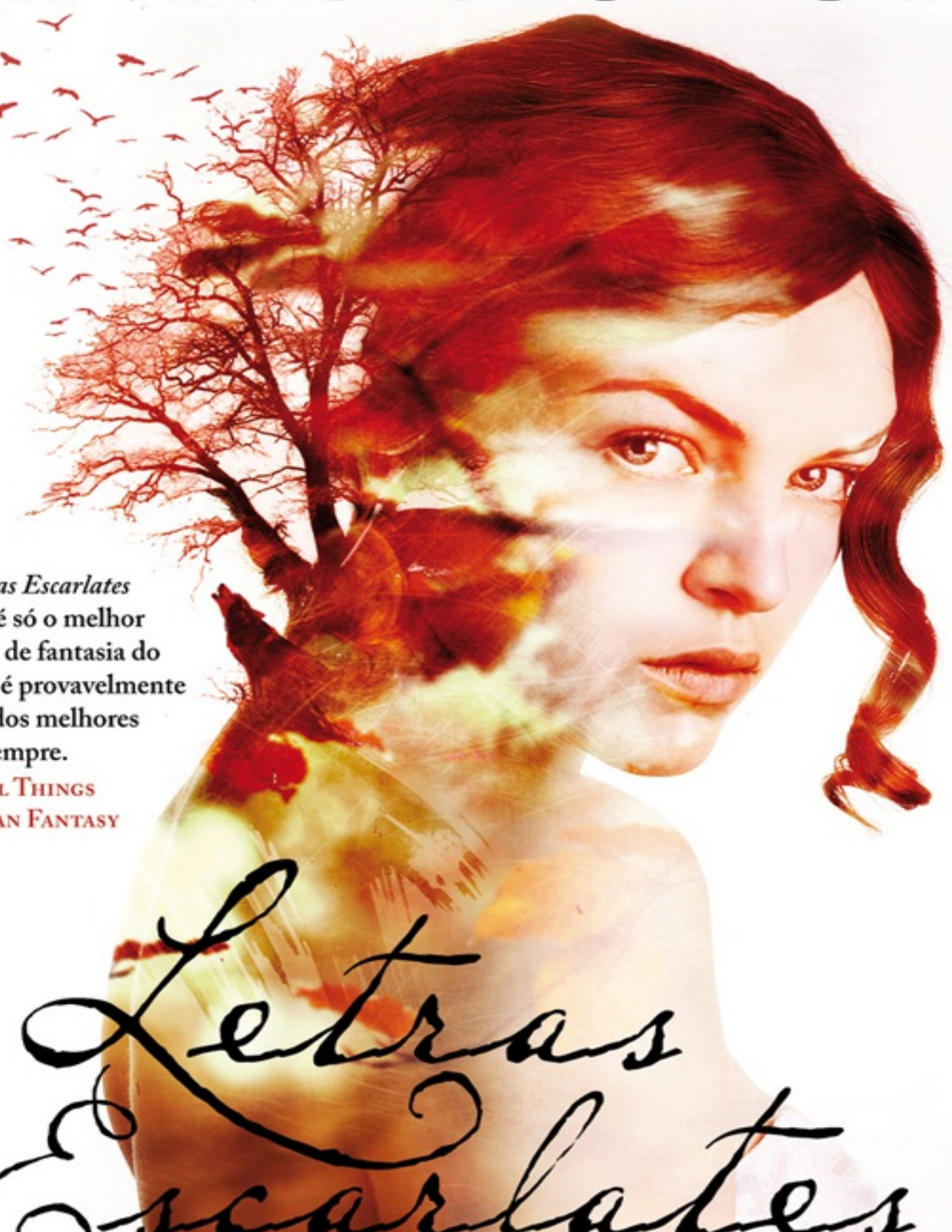


AUTORA BESTSELLER DO THE NEW YORK TIMES

ANNE BISHOP

Letras Escarlates
não é só o melhor
livro de fantasia do
ano, é provavelmente
um dos melhores
de sempre.

— ALL THINGS
URBAN FANTASY



Letras Escarlates



FICHA TÉCNICA



SAÍDA DE EMERGÊNCIA livros para fugir da rotina

TÍTULO: *Letras Escarlates*

AUTORIA: *Anne Bishop*

EDITOR: *Luis Corte Real*

Esta edição © 2015 Edições Saída de Emergência

Título original Written in Red © 2013 Anne Bishop.

Publicado originalmente nos E.U.A. por Roc, 2014

TRADUÇÃO: *Luis Santos*

REVISÃO: *Saída de Emergência*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

DATA DE EDIÇÃO E-BOOK: *Junho, 2015*

ISBN: *978-989-637-820-2*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082

S. Pedro do Estoril, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Blair Boone por continuar a ser o meu primeiro leitor e por toda a informação sobre animais e outros temas que absorvi e transformei para que se adequasse ao mundo dos Outros, a Debra Dixon por ser a segunda leitora, a Doranna Durgin por manter o *website* e pela informação acerca de língua de vaca, a Adrienne Roehrich por manter a página oficial no Facebook, a Julie Green por me dar a conhecer Bully Sticks, a Jennifer Crow pelo seu encorajamento quando lhe falei da coluna Others Etiquette, a Nadine Fallacaro pelas informações sobre temas clínicos, a Douglas Burke por responder a perguntas sobre a polícia (e por não perguntar o que iria eu fazer com a informação) e a Pat Feidner pelo apoio e encorajamento. Obrigada a Kristen Britain, Starr Corcoran, Julie Czerneda, Claire Eamer, Lorne Kates e Paula Lieberman pelas dicas acerca das lojas para a Praça do Mercado e bairro circundante.

Quero deixar um agradecimento especial às pessoas que emprestaram o nome a personagens, sabendo que o nome seria a única ligação entre a realidade e a ficção: Elizabeth Bennefeld, Blair Boone, Douglas Burke, Starr Corcoran, Jennifer Crow, Lorna MacDonald Czarnota, Julie Czerneda, Roger Czerneda, Merri Lee Debany, Michael Debany, Chris Fallacaro, Dan Fallacaro, Mike Fallacaro, Nadine Fallacaro, Mantovani «Monty» Gay, Julie Green, Lois Gresh, Ann Hergott, Danielle Hilborn, Heather Houghton, Lorne Kates, Allison King e John Wulf.

NAMID — O Mundo

Continentes/Massas Terrestres (até agora)

Afrikah

Cel-Romano/Aliança de Nações Cel-Romano

Felidae

Ilhas Ded'osso

Ilhas da Tormenta

Thaísia

Tokhar-Chin

Britânia/Britânia Selvagem

Grandes Lagos — Superior, Tala, Honon, Etu e Tahki

Outros lagos — Lagos da Pena/Lagos do Dedo

Rio — Talulah/Talulah Falls

Cidades ou aldeias — Hubb NE (ou Hubbney), Jerzy, Lakeside, Podunk, Sparkletown, Talulah Falls, Toland

Dias da Semana

Dia da Terra

Dia da Lua

Dia do Sol

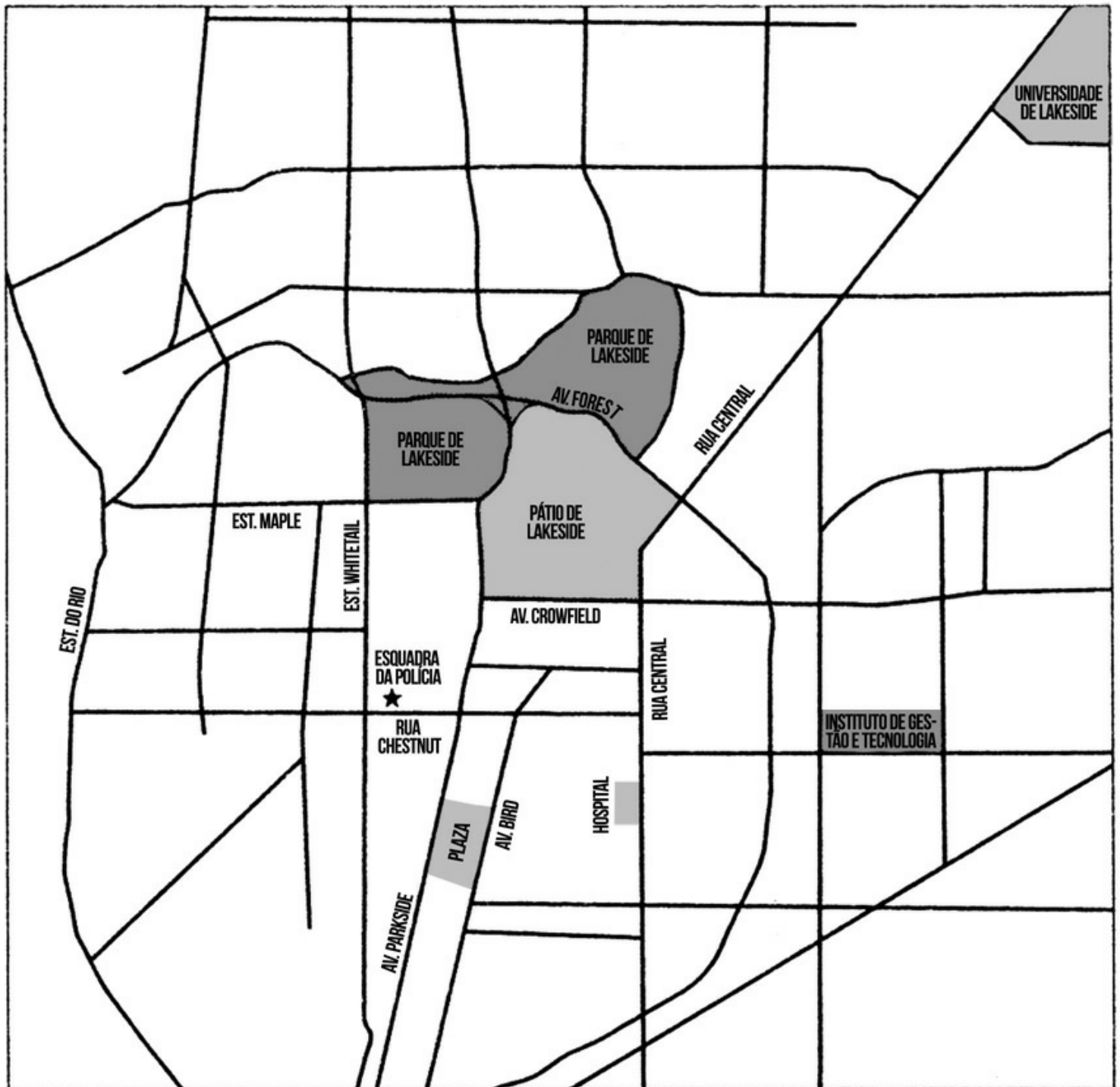
Dia do Vento

Dia de Thaís

Dia do Fogo

Dia da Água

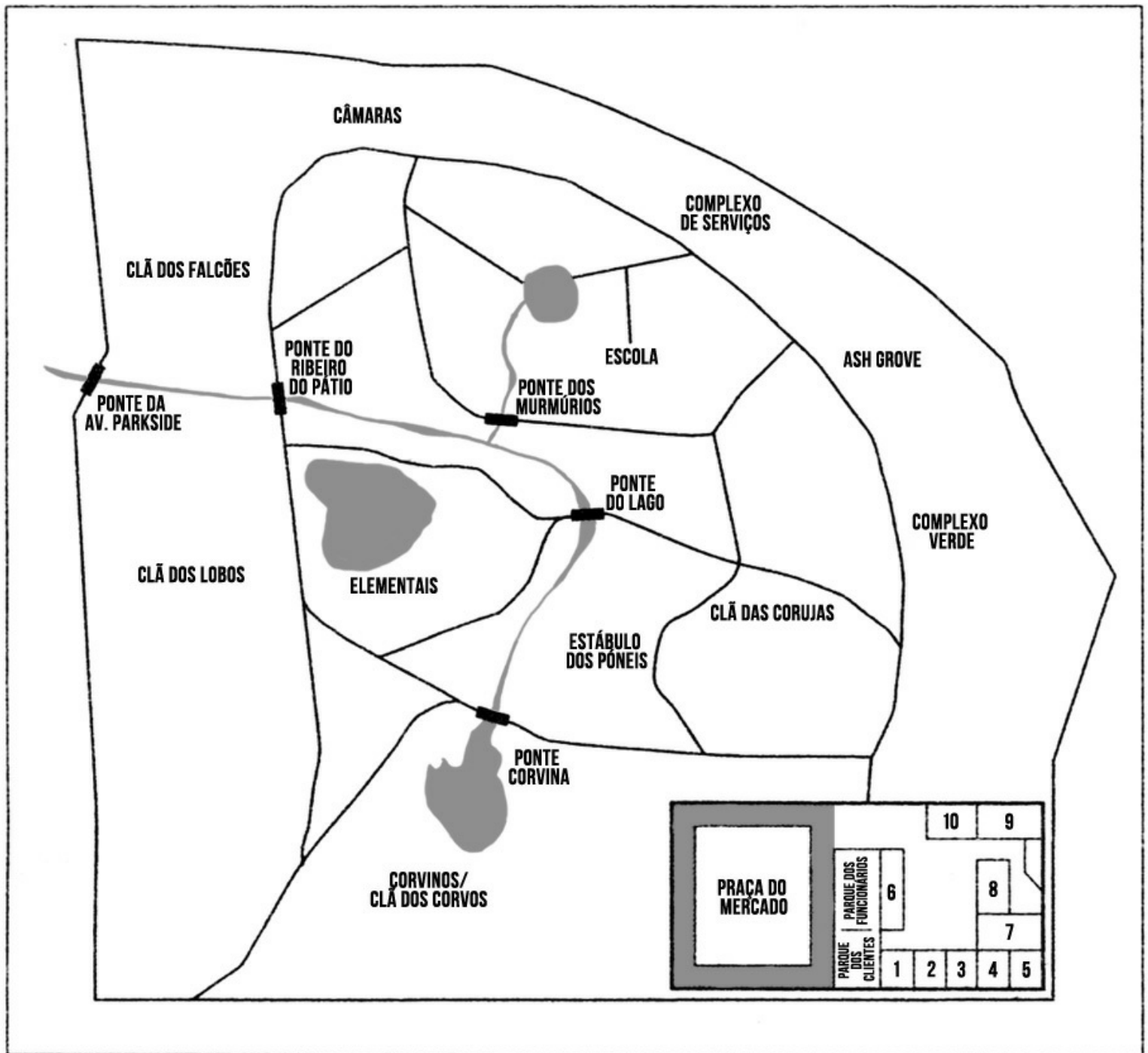
LAKESIDE



© 2012 Anne Bishop

Este mapa foi criado por uma autora com deficiência geográfica que apenas incluiu aquilo de que precisou para a narrativa.

PÁTIO DE LAKESIDE



© 2012 Anne Bishop

1. Costureira/Alfaiate & apartamentos de serviço
2. Trincadela
3. Ler e Uivar por Mais
4. Corre & Bate
5. Centro de Convívio
6. Garagens
7. Nativo da Terra & Estúdio de Henry
8. Estação do Intermediário

9. Consulado

10. Três P

Há muito tempo, de Namid nasceram todas as formas de vida, incluindo os seres conhecidos como humanos. Namid ofereceu aos humanos pedaços férteis de si própria, e deu-lhes também boa água. Uma vez que tão bem conhecia a natureza dos humanos e a natureza dos seus outros descendentes, Namid concedeu-lhes ainda isolamento quanto bastasse para que tivessem possibilidade de sobreviver e de medrar. E assim foi.

Aprenderam a fazer lume e abrigos. Aprenderam a cuidar da terra e a construir cidades. Fizeram barcos e pescaram no Mediterrâneo e no Mar Negro. Multiplicaram-se e espalharam-se pelos seus pedaços do mundo até entrarem nos lugares selvagens. Foi então que descobriram que os outros descendentes de Namid já haviam reclamado o resto do mundo.

Os Outros olharam para os seres humanos e não viram conquistadores. Viram, isso sim, carne nova.

Travaram-se guerras pela posse dos lugares selvagens. Por vezes, os humanos venciam e chegavam um tudo-nada mais longe. Todavia, o mais habitual era que áreas de civilização desaparecessem, ficando os sobreviventes receosos a tentar não tremer ao escutar os uivos na noite, ou quando alguém que se afastasse da segurança das portas robustas e da luz era encontrado exangue, na manhã seguinte.

Passaram-se séculos e os seres humanos construíram navios maiores que os levaram pelo Oceano Atlântico. Ao encontrarem terra virgem, erigiram uma colónia junto à costa. Descobriram então que essa terra havia igualmente sido reclamada pelos *terra indigene*, os nativos da terra. Os Outros.

Os *terra indigene* que governavam o continente chamado Thaísia ficaram zangados quando os seres humanos derrubaram árvores e usaram arados para cultivar uma terra que não lhes pertencia. Por isso, os Outros comeram os colonos e conheceram a forma dessa carne específica, tal como já haviam feito tantas vezes no passado.

A segunda onda de colonos e de exploradores encontrou a colónia abandonada e, mais uma vez, os humanos tentaram tomar posse da terra.

Os Outros também os comeram.

A terceira onda de colonos tinha um líder mais inteligente do que os antecessores, que ofereceu aos Outros mantas quentes, tecido para roupas e objetos brilhantes. Em troca pôde viver na colónia e dispor de terra suficiente que plantar. Os Outros consideraram a troca justa e afastaram-se dos limites das terras que os humanos podiam usar. Novos presentes foram trocados por privilégios de caça e de pesca. Era um estado de coisas que satisfazia ambos os lados, mesmo arreganhando uma das partes os dentes por tal tolerância e a outra engolindo o medo e certificando-se de que os seus se encontravam de volta à povoação antes do cair da noite.

Com o passar dos anos assistiu-se à chegada de cada vez mais colonos. Bastantes morreram, mas foram muitos os que prosperaram. Os colonatos cresceram e tornaram-se aldeias, que chegaram a vilas e acabaram por se transformar em cidades. Pouco a pouco, os humanos percorreram Thaísia, espalhando-se tanto quanto possível pelas terras cujo uso lhes fora permitido.

Passaram-se séculos. Os seres humanos eram inteligentes. Os Outros também. Os humanos

inventaram a eletricidade e a canalização. Os Outros controlavam os rios que acionavam os geradores e os lagos que garantiam água potável. Os humanos inventaram os motores a vapor e o aquecimento central. Os Outros controlavam o combustível indispensável para fazer funcionar os motores e aquecer os edifícios. Os humanos inventaram e fabricaram produtos. Os Outros controlavam todos os recursos naturais decidindo, assim, o que seria ou não feito na sua parte do mundo.

É óbvio que se verificaram choques, e alguns sítios tornaram-se memoriais sombrios dos mortos. Esses locais acabaram por deixar bem claro aos líderes humanos que eram os *terra indigene* que governavam Thaísia, e só o fim do mundo poderia alterar tal estado de coisas.

Chegamos ao nosso tempo. Erguem-se pequenas aldeias humanas em vastas extensões que pertencem aos Outros. Nas cidades humanas de maior dimensão existem parques vedados chamados Pátios, habitados pelos Outros cujo dever é vigiar os habitantes da cidade e garantir que os humanos cumprem os acordos firmados com os *terra indigene*.

Ainda se verifica uma tolerância atenta de um lado e um profundo receio pelos que vivem na noite no outro, mas se tiverem cuidado, os seres humanos sobrevivem.

Quase sempre sobrevivem.

Meio cega com a borrasca, ela cambaleou até ao espaço aberto entre dois edifícios. Contava esconder-se do que a caçava, bem como encontrar abrigo da neve e do vento, e por isso seguiu uma parede até dobrar a esquina. Tinha as meias e as sapatilhas ensopadas, e os pés gelados a ponto de não os sentir. Sabia que isso não era bom, que não era seguro, mas pegara na roupa que tinha à mão mal tivera oportunidade de fugir.

Não havia sons de passos que confirmassem estar a ser seguida, mas isso não queria dizer nada. A parede abafava até os sons do trânsito lento.

Precisava de encontrar abrigo. Estava demasiado frio para aventuras no exterior. Vira, como parte do seu treino, imagens de pessoas que haviam morrido de frio, pelo que tinha noção de que não poderia ficar muito mais tempo ali fora. Claro que os caçadores iriam começar a procurá-la nos abrigos da cidade que serviam os sem-abrigo.

Iria morrer naquela noite? Seria aquela a tempestade que marcaria o início do fim? Não. Nem sequer teria essa possibilidade em conta. Não passara por tudo aquilo, nem havia chegado tão longe para que tudo acabasse antes sequer de começar. Além disso, ainda não vira outras partes da profecia. Ainda não vira o homem moreno de pulôver verde. Não era preciso rezear a morte antes de *o ver*.

Isso não queria dizer que podia dar-se ao luxo de ser tola.

O prédio ao fundo do espaço aberto chamou-lhe a atenção, acima de tudo por ser a única luz visível. Espreitou à esquina para garantir que continuava sozinha e acercou-se da entrada. Talvez fosse capaz de engendrar uma desculpa para lá entrar por uns minutos — o suficiente para descongelar os pés.

Contudo, a luz, tão brilhante e fonte de esperança momentos antes, não passava de uma luz de presença. Estava fechado. Não obstante, o brilho chegava para que visse o sinal por cima da porta de vidro — uma placa que a gelaria mais do que o vento e a neve, não fosse pelo desespero.

PÁTIO DE LAKESIDE

A.L.H.N.S.A.

A Lei Humana Não Se Aplica. Encontrava-se em terreno pertença dos Outros. Poderia estar momentaneamente a salvo de predadores humanos, mas se ali fosse apanhada, ficaria à mercê de seres que apenas pareciam humanos, e mesmo quem vivera confinada sabia o que acontecia aos humanos que fossem imprudentes nos encontros com os *terra indigene*.

Um segundo aviso estava colado ao interior da porta. Mesmo de pés dormentes em temperaturas abaixo de zero, ficou a olhar para as palavras por uns momentos.

PRECISA-SE:

INTERMEDIÁRIO HUMANO

CANDIDATURAS NA LER E UIVAR POR MAIS

(À ESQUINA)

Um trabalho. Algo com que ganhar dinheiro para ter o que comer e onde dormir. Um lugar para se esconder por algum tempo. Um sítio de onde os caçadores não a poderiam levar, mesmo que fosse encontrada, pois a lei humana não se aplicava.

Ler e Uivar por Mais. Parecia o nome de uma loja dos Outros.

Podia dar-se o caso de vir a morrer ali. Afinal de contas, era o que acontecia à maior parte das pessoas que se metia com os Outros. Claro que, tendo em conta o que vira na profecia, ia morrer, fosse como fosse; pelo menos, o que lhe viesse a acontecer seria responsabilidade sua.

Decisão tomada, regressou ao passeio e dirigiu-se à esquina. Quando virou à direita, para a Avenida Crowfield, viu duas pessoas a sair de uma loja. Luz e vida. Encaminhou-se para ambas.

Simon Wolfgard assumiu o seu lugar ao balcão, olhou para o relógio na parede e disse

<Agora.>

O uivo vindo das traseiras da livraria provocou os esperados gritinhos femininos e outros resmungos de surpresa, mais viris.

— Dez minutos para fechar — declarou, levantando a voz para que os humanos ali presentes o ouvissem.

Não que eles não o soubessem. O uivo era o alerta dos dez minutos — tal como o Lobo que assumira posição junto à porta era o sistema de segurança da livraria. Qualquer potencial ladrão com a mão a ser-lhe arrancada à dentada promoveria o sentido de honestidade dos restantes humanos que visitassem a Ler e Uivar por Mais. Ter de andar por cima do sangue — e passar rente ao Lobo que continuava a mastigar uns dedos — era marcante — além de suscitar alguns pesadelos.

Isso não impedia que os macacos regressassem no dia seguinte para apreciar as manchas de sangue e trocar palavras murmuradas enquanto passavam em revista o conteúdo da loja. O entusiasmo de contornar uma estante e dar de caras com um dos Outros na sua forma animal — e o entusiasmo ainda mais emocionante de por vezes testemunhar atos de violência célere e terrível — tendia a aumentar a venda de romances de horror e thrillers, o que ajudava a livraria a manter receitas aceitáveis.

Não que algum estabelecimento do Pátio precisasse de lucro para se manter em funcionamento. As lojas eram geridas para conveniência dos *terra indigene* que viviam no Pátio e garantiam que os restantes Outros recebia os bens humanos que queriam. Era, acima de tudo, o desejo de compreender a forma de gestão de um negócio — e de testar a honestidade das empresas humanas com que lidava — que incentivava Simon a manter a loja lucrativa todos os meses.

Claro que a Ler e Uivar por Mais não seguia os hábitos humanos no que dizia respeito aos horários de funcionamento. A LUM fechava às nove da noite em ponto nos serões em que abria as portas aos humanos, e alguns dos funcionários não tinham pejo em mudar de forma e morder os clientes retardatários que partiam do princípio de que o horário afixado da loja era apenas uma sugestão.

Fez algumas vendas, mais do que esperaria numa noite em que quem tivesse juízo estaria em casa para fugir às temperaturas geladas e à neve batida a vento que magoava tanto como a dentada de um Lobo. Claro que alguns dos macacos viviam nas redondezas e usavam a livraria e o café adjacente, o Trincadela, como ponto de encontro quando não queriam passar o serão a beber nas tavernas da rua

central.

Humanos, admoestou-se Simon. Endireitou os óculos redondos de que não precisava para ver, mas que lhe davam um aspeto tímido e mais afável. *Quando estiverem na loja, chamas-lhes humanos. Assim, é menos provável que uses o calão quando te diriges a um empregado. Já é difícil encontrar trabalhadores que toleremos. Não faz sentido afugentarmos os que temos com insultos.*

O termo viera de Afrikah, do outro lado do oceano, onde o Clã dos Leões se referia aos seres humanos como sendo macacos pelados balbuciantes. Depois de os *terra indigene* de Thaísia terem visto imagens de macacos, haviam adotado o termo por se adequar a boa parte dos humanos com que se deparavam. No entanto, ele fazia parte da Associação Comercial que geria as lojas integradas e as dos Pátios, além de ser o líder do Pátio de Lakeside, pelo que tentava não ser insultuoso — pelo menos em voz alta.

— Simon.

Virou-se para a voz que soava a xarope viscoso no momento em que a mulher vestia a parka com capuz. O movimento ergueu-lhe a camisola curta, revelando alguns dedos de barriga lisa que parecia apetitosa.

Eram muitas as humanas que passavam o tempo a cheirar a loja, desejosas de serem convidadas a dar uma volta pelo lado mais selvagem da vida, mas aquela deixava-o com vontade de lhe enfiar as presas no pescoço, em vez de lhe dar umas mordiscadelas na barriga.

— Asia. — Simon meneou a cabeça, um gesto a um tempo de cumprimento e de rejeição.

Ela não percebeu a deixa. Nunca percebia. Desde o primeiro dia na Ler e Uivar por Mais que Asia Crane se embeixara por ele. Era parte do motivo por que Simon não gostava da jovem. Quanto mais ela se esforçava por se aproximar, mais ele se sentia um desafio a ser ultrapassado e menos a queria por perto. Claro que Asia nunca forçara a ponto de ele ter justificação para a atacar pelo simples facto de a humana estar presente na livraria.

Algumas pessoas vestiam sobretudos e cachecóis, mas não estava ninguém junto à caixa registadora.

— Vá lá, Simon — gemeu Asia, oferecendo-lhe um sorriso que dizia *Morde-me que eu gosto*. — Já passou mais de uma semana e *prometeste* que ias pensar no assunto.

— Eu não prometi nada — contrapôs Simon enquanto arrumava o balcão junto à caixa.

Asia tinha cabelo louro e olhos castanhos, e alguns dos humanos que trabalhavam no Pátio haviam dito a Simon que ela era linda, mas havia coisas na jovem que o incomodavam. Não era capaz de identificar nada em particular, além do facto de ela o perseguir mesmo sendo bem claro que Simon não estava interessado, mas a sensação fora o motivo para se ter recusado a dar-lhe trabalho na LUM quando ela lá fora pela primeira vez. Era também a razão pela qual não a deixava alugar um dos apartamentos que por vezes o Pátio disponibilizava aos funcionários humanos. Agora queria ser a Intermediária Humana, um cargo que lhe daria acesso ao Pátio em si. Mais depressa Simon a comeria. E Vladimir Sanguinati, o outro gerente da livraria, já por mais de uma vez se oferecera para ajudar, caso Simon alguma vez olhasse para Asia e sentisse a barriga a dar horas.

Tratava-se de um bom compromisso, já que Vlad preferia o sangue, ao passo que Simon gostava de arrancar nacos de carne fresca.

— Estamos fechados, Asia. Vai para casa — indicou Simon.

Asia deixou escapar um suspiro dramático.

— Gostava tanto de ficar com esse emprego, Simon. Aquele que eu tenho mal dá para pagar a renda e é uma *seca*.

Agora, Simon nem sequer tentou parecer simpático.

— Estamos fechados.

Mais um suspiro, seguido por um beicinho contrariado enquanto Asia fechava a parka, calçava as luvas e finalmente saiu.

John, outro elemento do Clã dos Lobos, deixou o posto junto à porta para confirmar a presença de retardatários. Simon estava assim sozinho na zona frontal da loja quando a porta voltou a abrir-se, deixando entrar uma rajada de ar frio que lhe pareceu refrescante depois de todos os cheiros usados pelos humanos.

— Estamos... — Olhou na direção da porta e engoliu o *fechados*.

A mulher parecia quase congelada. Usava sapatilhas — *sapatilhas*, imagine-se — e tinha as calças de ganga ensopadas até aos joelhos. O blusão de ganga compunha um abafo leve, adequado a uma noite de verão, e por baixo trazia uma t-shirt.

Tinha um aspeto de sofrimento tão profundo que Simon não passou pelo habitual debate automático em que considerava se ela seria comestível.

— Posso ajudá-la? — indagou.

A jovem fitou-o como se já o tivesse visto e o acontecimento de então a tivesse deixado receosa. O problema era não a reconhecer, nem à vista, nem pelo cheiro.

A rapariga deu então alguns passos a caminho do balcão. Simon imaginava que ela pretendesse entrar mais na loja, onde estava mais quente, e não aproximar-se dele.

— V-vi o aviso — gaguejou ela. — S-sobre o emprego.

Não é gaga, decidiu Simon. Os dentes estavam a começar a bater. Desde quando estaria ela lá fora com aquele tempo? Era uma tempestade normal, vinda do lago, a primeira do novo ano. Claro que o facto de ser normal não impedia que fosse agreste.

— Qual aviso?

— Int... intermediário Humano — conseguiu ela dizer através de dentes cerrados. — O aviso dizia para vir aqui.

Passaram-se vários segundos e a mulher baixou os olhos. Provavelmente não teria coragem de lhe enfrentar o olhar, agora que dissera o que pretendia.

Havia qualquer coisa naquela figura que o incomodava, mas não era parecido com o que sentia junto de Asia Crane. Não queria expulsá-la de volta à neve até perceber de que se tratava. Além disso, exceção feita a Asia, aquela era a primeira humana que perguntava pelo emprego, motivo mais do que suficiente para lhe conceder alguns minutos do seu tempo.

Apercebeu-se de movimento pelo canto do olho. John, agora na sua forma humana e vestindo uma camisola e calças de ganga, meneou a cabeça, como se perguntasse, *E agora?*

Simon, por sua vez, inclinou ao de leve a cabeça e olhou para a caixa registadora.

— Queres que trate das coisas? — indagou John, oferecendo um sorriso ao aproximar-se da

mulher que tremia.

— Sim. — Simon mirou a rapariga. — Vamos aqui ao lado tomar um café enquanto falamos do emprego.

A mulher virou-se para a porta da rua e hesitou.

— Não, por aqui. — Simon contornou o balcão e apontou para uma abertura na parede.

A arcada entre os dois espaços tinha uma porta de treliça que podia ser trancada quando uma das lojas estava fechada e a outra ainda servia os clientes. Na parede ao lado da porta via-se um cartaz que dizia, PAGUE OS LIVROS ANTES DE ENTRAR NO TRINCADELA OU A DENTADA É POR NOSSA CONTA.

O sinal do outro lado da porta dizia, CLARO QUE PODE LEVAR ESSA CANECA. NÓS FICAMOS COM A SUA MÃO EM TROCA.

Simon imaginava que o cérebro da mulher ainda não estivesse suficientemente descongelado para apreender as palavras. Depois daquele primeiro sobressalto ao vê-lo, duvidava que tivesse apreendido fosse o que fosse.

Quando Simon entrou, Tess estava a limpar o expositor de vidro. Ao reparar na companheira, o sorriso afável que começou a oferecer-lhe tornou-se mais reservado.

— Podemos tomar um café? — perguntou Simon ao sentar-se à mesa mais perto do balcão — e mais afastada da porta e do invólucro de frio que parecia envolver as mesas mais próximas da montra.

— Ainda há algum na cafeteira — respondeu Tess, dedicando agora à mulher um olhar mais atento.

Simon recostou-se na cadeira e apoiou um tornozelo sobre o outro joelho.

— Sou Simon Wolfgard. Como te chamas?

— Meg Corbyn.

Simon percebeu a breve hesitação que lhe confirmou que não era um nome ao qual ela estivesse habituada. O que significava que era um nome recente. Não gostava de mentirosos. Os humanos que contavam pequenas mentiras costumavam mentir sobre muitas outras coisas.

Além disso, bem feitas as contas, um nome não era algo assim tão insignificante.

No entanto, quando Tess levou os cafés até à mesa e Simon viu a forma como Meg apertou a caneca para aquecer as mãos, ele ignorou a sensação.

Agradeceu a Tess e voltou a dirigir a atenção a Meg Corbyn.

— Sabes o que implica ser um Intermediário Humano?

— Não — foi a resposta.

— Portanto, não tens experiência em cargos destes?

— Não. Mas posso aprender. Eu *quero* aprender.

Simon não duvidava da sinceridade daquelas palavras, mas interrogou-se se ela não morreria de pneumonia ou de qualquer outra coisa antes de ter oportunidade de aprender fosse o que fosse.

De súbito recordou a velha das cicatrizes sentada ao sol, a oferecer-se para lhe deitar as cartas e ler o destino das pessoas. Mas nesse dia ela não se servira das cartas, pelo menos com ele. Aquilo que ela fizera fora o motivo para que as palavras dela se tivessem enraizado na sua mente durante os últimos vinte anos. Agora, essas palavras ecoavam-lhe na memória com tanta nitidez como se as

tivesse ouvido na véspera.

Sê um líder do teu povo. Sê a voz que decide quem vive e quem morre no teu Pátio. Chegará o dia em que uma vida que salves irá, por sua vez, salvar alguém que é caro.

O facto de ser o líder do Pátio de Lakeside não lhe salvara a irmã, Daphne, havia dois anos. Não obstante, pensar na velha enquanto aquela jovem a tremer aguardava pela sua decisão deixara-o incomodado.

Tess pousou uma malga de sopa na mesa, a par de algumas bolachas.

— É a última da panela — comentou Tess.

— Obrigada, mas não tenho como pagar. — A voz de Meg mal passava de um murmúrio — e estava carregada de ansiedade enquanto mirava a comida.

— É por conta da casa — disse Tess, fulminando Simon com o olhar.

— Come — indicou Simon quando Tess voltou às arrumações. — É saborosa e vai aquecer-te.

Virou a cabeça e bebeu o café enquanto observava Tess na sua rotina de encerramento, ao mesmo tempo que dava a Meg algum espaço para que se concentrasse na comida que tinha à frente.

Tess era uma dor de cabeça. Tess era sempre uma dor de cabeça, pois a linha que separava o divertimento que sentia com os humanos e a intolerância pela sua existência era muito ténue. Simon não sabia o que ela era, apenas que pertencia aos *terra indigene* — e que era tão perigosa que até outras espécies de *terra indigene* a receavam. Mas quando ela chegara ao Pátio de Lakeside, havia alguns anos, algo no olhar dela deixara-o com a certeza de que se Tess não encontrasse algum tipo de companheirismo, ela tornar-se-ia inimiga de tudo quanto vivesse.

Convidá-la para ficar fora a sua primeira decisão oficial enquanto novo líder do Pátio de Lakeside. Com o passar do tempo, enquanto a via mudar, de uma solitária arisca para alguém capaz de gerir um negócio público, nunca se arrependera da decisão.

Claro que isso não implicava confiar nela cegamente.

— O que faz um Intermediário Humano? — indagou Meg.

Simon relanceou a malga. Metade já fora. Não sabia se a pergunta queria dizer que ela já não era capaz de comer mais ou se precisava apenas de fazer uma pausa.

— Segundo os acordos estabelecidos entre os seres humanos e os *terra indigene*, cada cidade de Thaísia dispõe de um Pátio, um lote de terreno onde os Outros residem. Esses Pátios são ainda locais onde se podem adquirir os produtos fabricados pelos humanos. Mas os humanos não confiam nos Outros e nós não confiamos nos humanos. Grande parte dos produtos é entregue por humanos, e ao início verificaram-se incidentes quanto bastassem para convencer o governo humano e os nossos líderes de que seria assisado termos alguém a receber o correio e as encomendas que não tivesse vontade de comer o mensageiro. Por isso, em cada Pátio foi criada uma zona que é gerida por alguém que serve de intermediário entre os humanos e os Outros. Cada Associação Comercial dos Pátios decide o salário e os benefícios. Segundo os acordos, o governo humano está obrigado a penalizar qualquer serviço de entregas que se recuse a levar mercadoria a um Pátio. Por outro lado, o período de tempo durante o qual a posição de Intermediário Humano pode ficar vaga antes de as empresas poderem recusar-se a entrar nos nossos territórios sem penalizações é limitado. Este tipo de interrupções tende a enfraquecer a tolerância de parte a parte. E quando a tolerância cede, costuma

haver mortes. Às vezes morre muita gente.

Meg comeu mais uma colherada de sopa.

— É por isso que deixa que os humanos façam compras na sua loja? Para fortalecer a tolerância entre os seres humanos e os Outros?

Inteligente. A conclusão não estava cem por cento correta — a maior parte dos *terra indigene* não estava interessada em tolerar os humanos —, mas denotava a compreensão quanto à necessidade de um Intermediário.

— O Pátio de Lakeside é uma espécie de experiência. Embora as lojas da nossa Praça do Mercado sejam exclusivamente para o nosso povo e para os nossos funcionários humanos, as que estão viradas para a Avenida Crowfield têm horários de abertura aos seres humanos em geral. A livraria e o café são duas dessas lojas. Temos ainda o ginásio, com vagas para humanos, a costureira/alfaiate, e uma galeria na Rua Principal, que quando abre, é para todos.

— Mas a lei humana não se aplica nessas lojas, pois não?

— Correto. — Simon observou-a. Não confiava em Asia Crane, mas a reação para com Meg não era assim tão simples. Por esse motivo decidiu contratá-la. O Pátio não sairia prejudicado se ela por ali ficasse alguns dias, sobretudo se alguém a vigiasse nas suas andanças. Isso dar-lhe-ia tempo para descortinar por que razão a jovem o incomodava. Claro que antes de informar Meg, Simon teria de lhe dizer mais uma coisa. — A lei humana não se aplica. Compreendes o que isso significa?

Meg assentiu. Simon não acreditou nela, mas deixou o assunto ficar por aí.

— Se quiseres o emprego, é teu.

Meg fitou-o com os olhos cinzentos-claros de um Lobo, mas ela não era um Lobo. A tez pálida enrubescceu, deixando-lhe um tom rosado nas faces. E agora que o cabelo estava a secar, Simon percebeu que tinha um tom ruivo bizarro — e *tresandava*.

Teriam de fazer alguma coisa quanto a isso.

— Posso ficar com o emprego? — indagou Meg, o tom da voz animado por algo a que ele chamaria esperança.

Simon assentiu.

— Vais receber à hora... e ficas responsável pelo registo do teu horário. Também podes usar um dos apartamentos por cima da costureira/alfaiate e podes comprar artigos em qualquer loja da Praça do Mercado.

Tess regressou e pousou um chaveiro na mesa.

— Vou buscar alguns artigos essenciais às lojas enquanto mostras o apartamento à Meg. Deixa a louça na mesa. Eu depois trato disso. — Saiu com tanta desenvoltura quanto chegara.

Meg comeu mais uma colherada de sopa e esvaziou a caneca.

— Ela está zangada comigo?

— Contigo? Não. — Com ele? Às vezes era difícil sabê-lo em relação a Tess. Noutras ocasiões, os sinais de alerta eram demasiado óbvios.

Simon exibiu as chaves.

— Nós aqui temos regras, Meg, e garantimos que elas são cumpridas. O Pátio tem acesso restrito. Não trazes convidados para o teu apartamento sem antes nos dizeres. Se cheirmos um estranho,

matamo-lo. As desculpas não nos interessam e não damos uma segunda oportunidade. Só na entrada da loja da esquina é que os humanos e os Outros podem confraternizar sem que seja necessária a autorização de um líder. Para lá podes levar convidados. Percebeste?

Meg assentiu.

— Muito bem. Anda. Saímos pela livraria.

Simon foi à frente pela LUM, onde pegou no sobretudo que John lhe deixara no balcão. Enquanto o vestia, abriu a porta, segurando-a até que Meg saísse. Depois trancou a porta, agarrou o braço da jovem para evitar que escorregasse e levou-a pelo Trincadela, até uma porta de vidro no edifício da costureira/alfaiate.

— A primeira chave é da porta da rua. — Simon tirou o chaveiro e usou a primeira chave. Abriu a porta, indicou a Meg que entrasse e voltou a trancar a porta. Ao recordar-se de que os seres humanos não dispunham da mesma visão noturna dos Lobos, acendeu a luz, exibindo as escadas de acesso ao primeiro andar.

Meg subiu os degraus e parou no patamar, à espera dele.

Simon passou por ela, confirmou o número do apartamento na chave e soltou um ronco quase inaudível de surpresa. Tess dera-lhe a chave do apartamento da frente, o mais distante da porta para a Avenida Crowfield — e mais próximo da escadaria de acesso ao Pátio.

Simon abriu a porta do apartamento e acendeu a luz do teto, descalçando automaticamente as botas molhadas que deixou no corredor. Olhou em redor enquanto aguardava que Meg descalçasse as sapatilhas molhadas. Asseado e simples. Casa de banho e roupeiro ao fundo. Zona de cozinha com refrigerador, forno de ondas, uma pequena bancada e lava-louça, e armários mínimos. Cama de corpo e meio e cómoda. Uma pequena mesa retangular e duas cadeiras. Um cadeirão com otomano e um candeeiro de leitura ao lado de uma estante vazia.

— Deve haver um jogo de toalhas na casa de banho — indicou Simon. — Bem pareces precisar de um duche quente.

— Obrigada — murmurou Meg.

— A casa de banho é ali. — Simon apontou.

Meg tremia tanto que Simon duvidava que ela fosse capaz de despir a roupa molhada, mas não fazia tenção de a ajudar.

A porta da casa de banho fechou-se. Não havia grande coisa que se pudesse ocultar da audição animal, mas Simon ignorou os sons. O autoclismo foi puxado enquanto ele procurava os cobertores adicionais na gaveta de baixo da cómoda. Momentos depois foi a vez de o chuveiro começar a correr.

Fitava a neve a cair do outro lado da janela quando Tess entrou, com dois grandes sacos.

— Pus tudo na tua conta — indicou ela. Tinha o cabelo, habitualmente castanho e liso, com caracóis e madeixas verdes — sinal de que Tess não estava calma. Pelo menos, as madeixas não eram ruivas, o que indicaria que estava zangada.

Quando o cabelo ficava preto, havia quem morresse.

— Puseste o quê na minha conta? — quis saber Simon.

— Dois conjuntos de roupas, pijamas, produtos de casa de banho, um blusão quente e botas, e

alguma comida.

O blusão era vermelho, uma cor que atraía muitos dos residentes do Pátio, pois regra geral indicava uma presa abatida. Uma vez que essa seria a razão mais provável para ninguém o ter comprado, ficou a pensar no motivo para que Tess o tivesse trazido para Meg.

— Pensei em oferecer-lhe a refeição do meio-dia como parte do salário — sugeriu Simon.

— Talvez seja melhor discutires o assunto com o resto da Associação Comercial antes de tomares tantas decisões. Ainda por cima contrataste uma Intermediária nova sem consultares os outros — retorquiu Tess, com um tom duro.

— Trouxeste-me as chaves do apartamento antes de eu tas pedir, por isso, também deves ter tomado uma decisão — argumentou Simon.

Tess não respondeu. Limitou-se a deixar um dos sacos em cima da cama, levando o outro para a cozinha. Depois de guardar os alimentos, juntou-se a Simon à janela.

— Não tens o hábito de recolher errantes, Simon. Muito menos macacos.

— Não a podia deixar ao frio.

— Podias, sim. Já deixaste outros humanos à sorte deles. Esta é diferente porquê?

Simon encolheu os ombros, não querendo falar sobre a velha das cicatrizes cujas palavras haviam moldado tantas das suas opções.

— Precisamos de um Intermediário, Tess.

— Sabes que para mim, essa ideia é de loucos. Os únicos humanos que querem esse trabalho são ladrões que julgam que nos podem roubar, ou então os que andam a fugir das leis deles. Expulsaste o último por ser um preguiçoso, e o anterior... os Lobos *comeram* o anterior.

— Não fomos só nós que o comemos — resmungou Simon.

Não obstante, via-se obrigado a admitir que Tess tinha uma certa razão. Os Intermediários mal tinham tempo de aprender a cumprir os seus deveres — quando se davam a esse trabalho — antes de precisarem de um substituto, fosse qual fosse o motivo para isso. Os seres humanos queriam sempre o emprego por razões que nada tinham a ver com o emprego propriamente dito. Não era por isso que ele não confiava o trabalho a Asia? Ambicionar o cargo de Intermediária era o passo seguinte na tentativa de o levar a reparar nela. Simon não queria que ela andasse por ali a meter ainda mais o nariz em tudo.

— Do que estará a Meg Corbyn a fugir? — interrogou-se Tess. — Com as roupas que trazia vestidas, ela não saiu aqui das redondezas.

Simon não respondeu porque não discordava da opinião. Era como se Meg tivesse *Fugitiva* tatuado na testa.

As madeixas verdes desvaneceram-se do cabelo de Tess, que suspirou.

— Pode ser que fique tempo suficiente para tratar de parte do acumulado de correio e de encomendas.

— Talvez — acedeu Simon. Não acreditava que Meg Corbyn, ou lá quem ela na verdade fosse, ficasse muito tempo depois de receber o primeiro pagamento. Mas a rapariga dissera que queria aprender, e nenhum dos outros humanos afirmara tal coisa. Nem sequer Asia.

Seguiu-se um silêncio incómodo.

— Devias ir-te embora — aventou Tess. — Rapariga nua no duche. Um estranho. Estou sempre a ler este tipo de histórias nos livros que os humanos escrevem.

Simon hesitou, mas Tess tinha razão.

— Diz à Meg que nos encontramos na Estação do Intermediário às oito e meia da manhã. Isso dá-me tempo para tratar de umas coisas com ela antes de as entregas começarem a chegar, às nove.

— Tu é que mandas.

Simon pousou as chaves em cima da mesa e saiu do apartamento — e interrogou-se se teria assassinado a jovem por tê-la deixado sozinha com Tess.

A água quente a bater-lhe no corpo magoava-a e dava-lhe uma sensação maravilhosa. Usou o champô e o sabonete que estavam na prateleira do chuveiro, e depois deixou-se ali ficar, apoiada com uma mão contra a parede.

Por enquanto encontrava-se em segurança. Por aquela altura, o vento e a neve teriam eliminado quaisquer vestígios da sua passagem. Seria vista por humanos, e isso seria um risco, mas conquanto permanecesse dentro dos limites do Pátio, ninguém lhe poderia tocar. Nem sequer...

A tremer, estendeu os braços. Ambos estavam marcados com linhas finas, cicatrizes que iam desde o cotovelo ao ombro, espaçadas por meio centímetro. Tinha o mesmo tipo de cicatrizes desde o topo da coxa esquerda e no exterior da direita. Outra sequência de cicatrizes idênticas percorria-lhe o lado esquerdo das costas — a execução fora perfeita. Tinham de ser precisas, caso contrário, o corte valeria menos — ou não valeria nada. Salvo como castigo.

Ignorou o entrançado de cicatrizes na parte superior do braço esquerdo e observou as crostas nas três linhas nesse antebraço. Não se arrependeria dessas cicatrizes. As visões que tivera ao fazer esses cortes haviam-lhe conseguido a liberdade. E haviam-lhe mostrado uma imagem da sua morte.

Um quarto branco. Uma cama estreita com grades metálicas. Estava presa nesse quarto, nessa cama, incapaz de obrigar os pulmões a inspirar. E Simon Wolfgard, o homem de cabelo escuro que ela vira na profecia, encontrava-se ali, às voltas com um rosnido no fundo da garganta.

Fechou a torneira e abriu a porta da cabine de chuveiro.

Momentos depois, alguém bateu à porta da casa de banho.

— Meg? É a Tess. Vou abrir a porta e deixar-te um pijama, está bem?

— Sim. Obrigada.

Meg pegou numa toalha e segurou-a à sua frente, satisfeita por o espelho estar embaciado a ponto de não mostrar as cicatrizes que a toalha não escondia.

Quando Tess voltou a fechar a porta, saiu da cabine do chuveiro, secou-se o mais depressa que pôde e vestiu o pijama. Limpou a condensação do espelho e confirmou que não havia qualquer cicatriz à mostra, depois abriu a porta e regressou ao apartamento.

— Dá-me as tuas roupas molhadas — indicou Tess. — Eu mando-as secar.

Meg assentiu e foi buscar as roupas que deixara na casa de banho, entregando-as a Tess.

— Há comida nos armários e no frigorífico — explicou Tess. — E dois conjuntos de roupas. Tive de imaginar o teu tamanho ao calhas, por isso, se elas não te servirem, podes trocá-las na loja. O Simon vai ter contigo à Estação do Intermediário às oito e meia da manhã para reverem as tuas

responsabilidades.

— Está bem — confirmou Meg. Agora que já aquecera, manter-se acordada revelava-se quase impossível.

— As chaves estão em cima da mesa. — Tess encaminhou-se para a porta.

— Foste muito simpática. Obrigada.

Tess virou-se e fitou-a.

— Vê se dormes.

Meg contou até dez antes de correr para a porta. Não sabia se seria possível ouvir alguma coisa encostando o ouvido à madeira, tal como se fazia nos filmes, mas não deixou de tentar. Não ouviu nada, pelo que trancou a porta e apagou a luz do teto. A iluminação pública da Avenida Crowfield garantia luz suficiente para que Meg conseguisse chegar às janelas. Correu o cortinado grosso, ocultando uma delas, depois hesitou e deixou a segunda destapada. Regressou às apalpadelas à cama, onde se deitou a tremer até que os lençóis aquecessem com o calor do seu corpo.

A morte aguardava-a algures no Pátio, mas não a procuraria nessa noite. Ninguém a procuraria nessa noite.

Meg suspirou de alívio, fechou os olhos e adormeceu.

Simon abanou-se para tufar o pelo. Nem pensar ir para ali na forma humana, mas a neve já parara de cair e enquanto Lobo, o frio não o incomodava — especialmente com alguns dos Lobos à espera para uma corrida pelo Pátio.

Demasiado tempo na forma humana deixava-o nervoso. Sim, oferecera-se para gerir aquele Pátio e fora ele que insistira para que se desse acesso aos seres humanos a algumas lojas para que pudessem ficar debaixo de olho. Claro que isso não o deixava menos incomodado quando estava perto deles, ou quando passava tantas horas nessa pele, como nas durante o horário de expediente da Ler e Uivar por Mais. Precisava de passar tempo *naquela* pele — precisava de correr.

Elliot chegou junto dele. Simon era o Lobo dominante em Lakeside, mas o seu progenitor era o rosto oficial do Pátio. Elliot não se mostrava interessado em gerir negócios, nem se sentia à vontade a tratar com os outros *terra indigene*, sobretudo as Elementais e os Sanguinati, mas tinha jeito para lidar com o governo humano e era o único de entre todos eles capaz de passar horas a falar com o presidente, ou outros dignitários da cidade sem morder ninguém.

Assim, era habitual que Simon fosse visto como líder empresarial, ao passo que Elliot, mais social e sofisticado, era erroneamente tido como *o líder* do Pátio de Lakeside. E Simon não tinha problemas com isso. O pai podia apertar mãos, comparecer a jantares e deixar-se fotografar. E se o presidente e os seus amiguinhos tivessem sorte, nunca descobririam que a sofisticação de Elliot era meramente superficial.

Outros sete Lobos juntaram-se a eles. Simon subiu a estrada nevada, satisfeito com a companhia. Cada espécie de *terra indigene* que vivia no Pátio dispunha de uma secção que era respeitada como seu território natal, mas o resto do território era partilhado por todos. Assim que Simon e os seus amigos cruzassem a Ponte do Ribeiro do Pátio entrariam na área do Clã dos Falcões, pelo que tomariam a primeira estrada que dava acesso ao interior.

Lobo, pensou, enquanto todos mantinham um trote calmo para aquecer os músculos. Talvez todos os lobos fossem como eles na alvorada do mundo, mas os *terra indigene* — ágeis, fortes e mortíferos — haviam mantido a forma primeva, mais corpulenta. Agora, o animal a que os seres chamavam lobo era para o Lobo *terra indigene* o que um lince era em relação a um tigre.

Trotavam sobre meros cinco centímetros de neve na estrada; o resto do nevão daquela noite fora acumulado de ambos os lados do caminho. Não podia esquecer-se de agradecer às raparigas do lago por isso.

Assim que os músculos aqueceram, Simon deu início a uma corrida, liderando a alcateia sobre a ponte. Sabia bem correr. Sabia bem o ar gelado no pelo. Sabia bem...

O vento mudou. Uma Coruja, uma das sentinelas noturnas do Pátio, gritou um alerta. <Intrusos!>

Não devia haver ninguém na estrada entre o Parque de Lakeside e o Pátio, à exceção dos limpaneves que labutariam noite adentro para abrir as estradas que os humanos tomariam para irem trabalhar no dia seguinte. Se um trabalhador humano *tivesse* de entrar no Pátio, *especialmente* à noite, Elliot seria informado com antecedência por um agente do governo. Assim sendo, nessa noite não havia motivo para a presença de um ser humano.

Simon apanhou o cheiro e acelerou ao máximo, encaminhando-se para a estreita estrada de serviço que acompanhava a vedação do Pátio.

Não houve uivos, sons, alerta. Apenas formas negras, brancas e cinzas que se fundiam com a neve e a noite ao correrem a caminho do inimigo.

Seria um risco, caso os humanos dispusessem de armas, pois a neve mais profunda na estrada de serviço atrasava os Lobos o suficiente para que os intrusos conseguissem disparar um tiro ou dois.

Claro que os humanos teriam igualmente de abrir caminho pela neve, pelo que não conseguiriam fugir, mesmo que ferissem um Lobo ou dois.

<Ali>, indicou Simon.

Três humanos avançavam pela neve, afastando-se da vedação de ferro forjado preto que servia de fronteira do Pátio.

<Espingarda>, avisou Elliot.

<Estou a ver>, retorquiu Simon. Só um a entrar no território dos Outros com uma arma? Pouco provável. Lá por não ver mais armas, não queria dizer que não as houvesse.

Avistou o fumo preto que flutuava logo acima da neve, aproximando-se rapidamente dos intrusos. Ignorou o fumo e concentrou-se no indivíduo com a espingarda. O tolo não estava a prestar atenção e não o viu, nem aos outros Lobos, até que o terceiro homem olhou em volta e gritou um alerta.

A espingarda foi virada na direção de Simon.

Não alcançariam o inimigo a tempo. O disparo atingiria um deles.

O fumo negro cercou repentinamente o homem da espingarda. Parte da névoa transformou-se em mãos que apontaram a espingarda para o céu no momento em que o humano premiu o gatilho.

Simon correu através do fumo e saltou, batendo com tanta força no segundo homem que ambos se ergueram do carreiro incerto e foram aterrorizar em cima da neve intocada. Cerrou os dentes sobre o cachecol grosso que envolvia o pescoço do humano e a força esmagadora das mandíbulas de Lobo estrangulou a presa, enquanto outros Lobos prendiam os pulsos do homem, impedindo-o de se

defender.

O homem envolvido pelo fumo soltou um grito.

Simon deteve a presa até que esta deixou de se debater. Largou o pescoço e ergueu a cabeça para cheirar o rosto do humano. Apenas inconsciente.

Perfeito.

A neve ficou manchada com o sangue que jorrou da garganta do terceiro humano, com os Lobos a rasgarem as roupas para chegarem à carne.

O fumo em torno do primeiro humano condensou-se até se tornar um homem de cabelo preto, com camisola de gola alta e calças de ganga pretas. Tinha os braços à volta do humano, com as mãos ainda a cobrir as que seguravam a espingarda.

Na sua forma de fumo, os Sanguinati envolviam a presa e sugavam o sangue através da pele. Com aquele tempo, não havia grande área de pele exposta, mas o rosto do humano suava gotas de sangue que congelavam quase de imediato.

<Vlad>, disse Simon.

Vladimir sorriu, exibindo os caninos compridos.

— Vou levar este para as Câmaras. O Avô está a ver filmes antigos e vai gostar de fazer um lanche.

Simon baixou a cabeça em sinal de reconhecimento.

— O Nyx e eu já voltamos para ver o que pode ser útil e para nos livrarmos do resto. — Sempre a sorrir, Vlad arrancou a espingarda das mãos do humano, segurou com força o sobretudo e encaminhou-se de regresso à zona do Pátio que pertencia aos Sanguinati, correndo com facilidade enquanto arrastava a presa.

Simon seguiu o rasto deixado pelos seres humanos, analisando o zimbório partido que fora plantado para ocultar o Pátio dos carros que por ali passavam — e para garantir alguma privacidade contra olhares indesejados a partir do parque no outro lado da estrada. Ergueu-se sobre as patas e abriu caminho por entre dois arbustos.

O rasto partia de um carro estacionado no coto da Avenida Parkside e que tinha os piscas ligados. A presença do veículo seria notada aquando da passagem do limpa-neves seguinte, mas ninguém iria fazer perguntas antes da manhã — se alguém lá fosse, de todo.

Regressou a trote para as presas.

Vários Lobos despedaçavam alegremente o outro corpo. Elliot aguardava junto ao humano inconsciente. Quando Simon se aproximou, Elliot olhou na direção tomada por Vlad.

<Aquela presa era nossa>, rosnou Elliot.

<Também era dele>, retorquiu Simon, arreganhando os dentes. <Nós partilhamos.>

<Um desperdício de carne.>

<Não é desperdício.> Era verdade que os Sanguinati não usavam a carne, mas depois de a família de Vlad ter jantado, ele ligaria a Boone Hawkgard, o talhante do Pátio. No dia seguinte haveria um sinal discreto na montra da loja a informar os *terra indigene* da disponibilidade de carne especial.

Uma mudança na respiração do indivíduo deu conta do regresso à consciência. Era altura de comer.

Os dedos nas patas anteriores alongaram-se, transformando-se em dedos fortes e hirsutos com

garras aguçadas. Simon e Elliot abriram o sobretudo, arrancaram o cachecol, a camisa de flanela e a t-shirt, e rasgaram as calças e as ceroulas desde as coxas aos tornozelos.

Um arfar. O humano abriu os olhos.

Simon arreganhou os dentes e mordeu a barriga, enquanto Elliot rasgava o pescoço, atalhando o grito do desgraçado.

Rasgar. Estraçalhar. Engolir a carne quente. Simon puxou o fígado e devorou-o alegremente, deixando o coração para Elliot. Comeu a sua parte e depois afastou-se, reduzindo os dedos anteriores para a forma de Lobo enquanto se rebolava na neve para limpar o pelo. Quando os amigos ficaram saciados, Simon uivou a Canção da Presa. Quaisquer Lobos que por ali andassem naquela noite iriam acercar-se para uma trincadela ou duas.

Nós partilhamos, pensou, olhando para o braço que arrancara algures durante o festim. Pegou-lhe e retrocedeu até à estrada principal do Pátio. Depois afastou-se num trote. Cruzou a Ponte do Ribeiro do Pátio e atravessou os terrenos do Clã dos Lobos, deixando, por fim, o braço na parte corvina do Pátio. Pela manhã, os Corvos teriam um pequeno-almoço simples.

Momentos depois, Elliot chegou junto a ele, arrastando parte de uma caixa torácica. O pai podia não gostar de partilhar uma presa, mas Elliot concordara em seguir as ordens de Simon quando se tinham mudado para Lakeside.

Sim, os Corvos iam comer bem nessa manhã. E depois de todos terem recebido a sua parte, pouco restaria dos macacos para queimar e enterrar.

Isto é um carro, isto é um comboio, isto é um autocarro... Uma caveira com ossos cruzados significa veneno... Chiu. Está calada. Isto é outra aula... Presta atenção, cs759. Vê o que acontece quando alguém é envenenado... Isto é um cão, isto é um gato... Este vídeo mostra uma mulher a montar a cavalo... Isto é uma criança, isto é um martelo. Isto é o que acontece a uma cara quando...

Um ronco despertou Meg de um sono agitado. Com o coração aos pulos, mirou as formas escuras recortadas na luz cinzenta, tentando recordar-se de onde estava, ao mesmo tempo que tentava escutar passos no corredor que indicassem que os Nomes Ambulantes estavam a chegar para dar início aos «mimos» e às lições arrasadoras do dia.

Os guardas e os outros funcionários de farda branca, com placas com os nomes presas por cima do bolso do peito. Os homens de bata branca que sondavam, examinavam e decidiam aquilo de que as raparigas precisavam para se manterem em condições excelentes. E a cs747 a gritar-lhes que também tinha nome, que se chamava Jean, e que lá por não ter o nome preso à camisa, o que dizia não deixava de ser verdade.

Jean ficara presa durante semanas, depois de ter roubado uma dessas placas e usado o alfinete para escrever o seu nome na barriga com grandes letras, estragando toda aquela pele dispendiosa. Após esse contratempo, as fardas passaram a ter os nomes cosidos. Quando Jean regressara às sessões de formação, passou a referir-se a todos os que trabalhavam no complexo como sendo um Nome Ambulante, recusando-se até a conceder-lhes uma designação distinta.

Os Nomes Ambulantes detestavam Jean. Meg, por seu lado, escutara as divagações e as memórias vagas da rapariga mais velha sobre um diferente tipo de vida e sonhara com algo que apenas vislumbrara através das imagens que compunham as suas lições. Pensar nela como Meg e não como cs759 fora o primeiro ato silencioso de rebelião.

Outro som, mais um triturar constante do que um ronco.

Já não se encontrava no complexo. Não estava ao alcance dos Nomes Ambulantes, nem do Controlador que geria o lugar. Estava no Pátio de Lakeside... ao alcance dos *terra indigene*.

Meg levantou-se da cama e dirigiu-se à parede, ao lado da janela, de onde podia espreitar sem que a vissem.

Mais um ronco quando um camião grande desceu a rua, com a lâmina pesada a afastar a neve à sua frente.

Um limpa-neves. Os que ela vira nos vídeos de formação não haviam produzido sons, mas isso era normal. A identificação de sons era uma aula distinta da de reconhecimento de imagens. À parte as ocasiões em que mostravam excertos de vídeo às raparigas, não era habitual usarem-se sons e imagens a par.

Um triturar constante.

Mexeu-se para ver mais um pouco da extensão da rua.

Um carro a percorrer a estrada. O triturar era o som dos pneus na neve. Os pés dela haviam feito o mesmo som na véspera. Neve e um gelo intenso. Tinha agora um som que acompanhasse o que vira e

sentira — uma recordação visual e não uma imagem de formação.

Regressou à cama a tremer e tapou-se com os cobertores até voltar a aquecer.

Escapara e fugira. Não tinha a certeza da localização do complexo — focara-se em para onde ir e não onde estivera —, mas sentia-se muito distante do local onde o Controlador mantivera as suas raparigas. Ia enviar alguém à sua procura. Mesmo que Meg estivesse esvaída a ponto de ser considerada uma perda, ele não podia deixar que a fuga fosse um êxito. Outras raparigas poderiam tentar fugir também, e isso era algo a que o Controlador não se podia dar ao luxo.

Claro que, por agora, Meg tinha um emprego — e um empregador que era um Lobo na sua outra forma. Era isso que significava o apelido. Qualquer um que se chamasse Wolfgard era um *terra indigene* capaz de se transformar em Lobo. Ou talvez fosse um Lobo capaz de se transformar em ser humano. Nem mesmo o Controlador, com todos os seus espiões à procura de informação, seria capaz de descobrir grande coisa acerca dos Outros que não fosse de conhecimento quase geral.

Meg pensou na neve e no frio. Pensou em passar um dia enroscada na cama.

Depois pensou em ser despedida no primeiro dia de trabalho e em dar consigo sozinha nas ruas. Por isso levantou-se e tomou mais um duche longo e quente, pois não havia ali ninguém que lhe dissesse que não o podia fazer. Enroscada no robe, secou o cabelo com a toalha enquanto observava as roupas que Tess lhe deixara. Um par de calças de ganga pretas e outro azuis-escuras. Dois pulôveres grossos — um preto; outro azul. Dois tops cremes de gola alta.

O preto parecia demasiado solene para o primeiro dia, pelo que optou pelo conjunto azul. Sentiu-se aliviada ao ver que tudo lhe servia, desde a roupa interior aos sapatos que pareciam pesadões, mas que eram extremamente confortáveis. Meg dirigiu-se à alcova da cozinha, onde abriu armários e gavetas. Identificou uma pequena cafeteira elétrica que não sabia como usar e um forno de ondas, que não sabia como usar. Encontrou manuais de instruções numa das gavetas, mas uma breve olhadela ao relógio desencorajou-a de tentar perceber qualquer dos eletrodomésticos. Tinha a cabeça repleta de imagens, mas tratava-se de quadros ou resumos de uma ação completa — quanto bastasse para identificar algo, mas não para perceber como fazer fosse o que fosse por sua conta.

Os cortes que suportara como castigo pelas mentiras e pelas provocações quase a haviam deixado louca, mas também tinham servido para associar muitas imagens anteriores que provavelmente teria visto em profecias, contextualizando-as de forma útil. Se não tivesse sido castigada, não teria descoberto como fugir.

Sem saber quanto tempo a comida deveria durar, contentou-se com meio copo de sumo de laranja, duas dentadas de um queijo amarelo intenso e um pedaço de frango cozinhado. Ainda com fome, vasculhou os armários e encontrou uma caixa de cereais e um pacote de bolachas de chocolate.

Abriu o pacote e comeu duas bolachas tão depressa que mal lhes sentiu o sabor. Tirou mais uma bolacha que comeu lentamente, saboreando-a. Voltou então a guardar o pacote no armário e fechou a porta com firmeza.

Imagem de treino. Insetos em pacotes de comida abertos deixados num armário.

Meg voltou a abrir o armário e a tirar o pacote de bolachas. Sem o conseguir fechar devidamente, procurou nos outros armários até encontrar pequenos pratos com tampa de vidro no armário por baixo do forno, mas nenhum grande o suficiente para nele guardar o pacote — a menos que comesse

mais bolachas.

Fez menção de tirar mais uma bolacha, mas abanou a cabeça e continuou com a busca nos armários. Encontrou um frasco com tamanho adequado e com tampa. Um relance ao relógio por cima do forno mostrou-lhe que esgotara o tempo, pelo que o frasco teria de servir.

Calçou as botas e depois guardou os sapatos num dos grandes sacos com fecho que Tess deixara ficar. Teria de encontrar uma bolsa onde guardar quaisquer pequenos objetos pessoais que tivesse de levar consigo.

Com o que seria que as mulheres andavam?

Dirigiu-se à porta, completamente absorta a tentar recordar alguma imagem de formação sobre bolsas e respetivo conteúdo. Um leve bater na porta fê-la soltar um breve gritinho ao recuar, de coração aos pulos. A segunda batida, mais forte e impaciente, pareceu mais reconfortante, de um modo assustador.

Destrancou a porta e entreabriu-a o suficiente para espreitar.

Simon Wolfgard estava a devolver-lhe o olhar.

— Sr. Wolfgard. — Abriu completamente a porta. — Não estava à sua espera.

— A sério? — Avançou pela soleira, obrigando-a a recuar. — Como nunca fizeste este tipo de trabalho, imaginei que gostasses que te explicasse as responsabilidades. E que pudesses gostar de ficar a conhecer o atalho para a Estação do Intermediário, para não teres de andar pela rua.

Como poderia Simon saber que ela queria evitar o mais possível andar no território deles? Saberia quem ela realmente era? *Aquilo* que era?

Simon observou-a. Os óculos de armação de metal que envergava não ocultavam como na véspera os olhos predadores ambarinos. Mas ele não fazia nada, além de a fitar... porque estava à espera que ela fosse buscar o casaco para lhe mostrar a Estação do Intermediário antes de ir à vida dele.

Em alguns excertos de vídeo a que Meg assistira, as pessoas diziam «dah» ou batiam com a mão na testa para indicar um momento de estupidez. Meg imaginava que ele já a considerava tola quanto bastasse, e não queria confirmar essas suspeitas.

Foi buscar o blusão vermelho ao roupeiro.

— Chapéu, luvas e cachecol — enumerou Simon ao olhar para o quarto, como se confirmasse as diferenças entre o cenário da véspera.

Meg encontrou as peças nas prateleiras embutidas num dos lados do roupeiro. Envolveu o pescoço com o cachecol e envergou o chapéu ao encaminhar-se para Simon.

— Chaves — indicou ele.

Meg avistou as chaves em cima da mesa. Olhou em redor, tal como ele fizera, e interrogou-se se haveria mais alguma coisa que uma pessoa normal se lembraria de fazer antes de sair do domicílio.

— Estás pronta? — indagou Simon.

Poderia essa pergunta ter uma rasteira? Ela tinha tantas questões. Havia tanta coisa que não sabia. Mas ele era seu patrão, por isso talvez não fosse um gesto inteligente perguntar-lhe acerca de temas que nada tivessem a ver com o trabalho.

Simon saiu para o corredor e observou-a a debater-se com a fechadura. Meg guardou então o chaveiro no bolso do blusão, ficando aliviada ao perceber que o bolso dispunha de fecho. As

peessoas perdiam chaves constantemente. Ela própria tinha cicatrizes nos dedos dos pés que o testemunhavam.

A poucos passos da porta de Meg, entraram num outro corredor que contornava o edifício até às traseiras e terminava numa porta de madeira e vidro.

Simon destrancou-a.

— É a terceira chave. Não precisas de chave para sair, mas precisas dela para voltar a entrar.

— Terceira chave — repetiu Meg. Seguiu-o para o exterior e sentiu os pulmões a gelarem. — Está *frio*.

— Estás no Nordeste e é inverno. É suposto estar frio. Tem cuidado com estes degraus. Foram varridos esta manhã, mas podem ser escorregadios.

Simon desceu as escadas a correr, ignorando o seu próprio conselho. Meg manteve-se bem firmada ao corrimão, ao mesmo tempo que agarrava com força o saco com a outra mão.

Simon apontou para o edifício oposto ao local onde se encontravam.

— Ali são as traseiras da Estação do Intermediário. Já lá chegamos. Primeiro... — Passou por uma construção térrea com grandes portões. — Garagens. Algumas contêm veículos; as outras são usadas como armazéns.

— Garagens — resmungou Meg, esforçando-se por acompanhar as passadas mais largas do patrão.

Simon virou à esquerda e passaram por um espaço vazio, cercado por muros em três lados.

— Parque de estacionamento dos funcionários — indicou. Fez uma pausa e apontou para uma porta no muro dos fundos. — Aquela porta vai dar ao parque de estacionamento dos clientes. Está trancada e só é usada quando procedemos à manutenção. — Cruzou o parque de estacionamento e atravessou uma arcada.

Meg olhou para os edifícios que cercavam um espaço aberto. As construções de três dos lados tinham dois andares. O lado com as duas maiores arcadas era de primeiro andar.

— Esta é a Praça do Mercado — explicou Simon. — Há degraus que vão dar à zona aberta, mas agora não podes lá ir, por isso deixa-te ficar perto dos edifícios. — Apontou para várias portas. — A biblioteca do Pátio. Aí podes requisitar livros, ou então comprá-los na Ler e Uivar por Mais, se houver algum com que queiras ficar. A Música e Filmes tanto empresta como vende. Temos uma mercearia, um talho, uma clínica para os curandeiros *terra indigene*, o equivalente aos vossos médicos, dentista, farmácia, armazém, roupa...

— Brilhantes e Tralhas? — interrompeu Meg ao avistar a placa ao lado da porta de uma das lojas.

— É gerida por cinco Corvos. Lá podes encontrar diamantes falsos, diamantes verdadeiros ou uma boneca só com um braço. Os humanos autorizados a fazer compras na Praça do Mercado dizem que a loja dos Corvos é um misto entre feira da ladra e joalheria. Regra geral, são os outros Corvos que a consideram interessante, mas já houve humanos que me disseram que se souberes o que procurar, é possível encontrar coisas interessantes.

A Brilhantes e Tralhas parecia ser um lugar interessante, e Meg avistou outras placas simples que a deixaram intrigada, como por exemplo uma loja que vendia gelados e chocolates. Simon, no entanto, já dera início ao regresso, pelo que Meg se apressou a acompanhá-lo.

Simon deteve-se nas traseiras da Estação do Intermediário e voltou a apontar.

— Aquelas são as entradas dos fundos da Ler e Uivar por Mais e do Trincadela. A Tess dá-te a refeição do meio-dia como parte do salário, por isso podes entrar por aquela porta quando fizeres a pausa para comer.

Meg tinha a cabeça às voltas. Tantas imagens em tão pouco tempo. Tantas coisas para recordar! Mas reconheceu as escadas por onde haviam descido minutos antes, o que a deixou mais descansada. Agora, se pelo menos fosse capaz de entender por que motivo estava ele irritado. Não fora ela que pedira uma visita guiada. Fora *ele* que os mantivera ali fora, ao frio, apesar de estar sempre a fungar, como se estivesse constipado.

— A quarta chave abre a porta das traseiras — indicou Simon, parecendo ainda menos afável do que há pouco.

Meg sentia-o a eriçar-se, a ocupar demasiado espaço enquanto ela se debatia para retirar o chaveiro do bolso do blusão.

— Não voltes a fazer aquilo que fizeste ao cabelo — rosnou Simon.

O rosto dele aproximou-se repentinamente de tal maneira que Meg deixou cair as chaves. A área à frente da porta fora limpa, mas, mesmo assim, Meg teve de se servir de uma luva para limpar as chaves ao apanhá-las.

— O que é que tem o meu cabelo? — perguntou ela, detestando o som da voz, débil e defensiva.

— Tresanda. — A voz *dele* nada tinha de débil ou defensiva.

— Usei o champô que estava no apartamento. Não tinha mais nada. — Ainda pior do que o modo como a voz soava defensiva, detestava pensar que teria de se submeter a mais alguém que julgava ter o direito de lhe controlar a vida.

— E não vais usar mais *nada*. Os *terra indigene* fazem esses produtos e vendem-nos nas nossas lojas por não empestarem o ar. Mas eu não estava a falar do sabonete, nem do champô. Aquilo que fizeste para que o teu cabelo parecesse sangue velho e cascas de laranja também o faz tresandar, e não o voltas a fazer!

Oh, céus. Meg estivera com pressa para se disfarçar, pelo que deveria ter cometido um erro ao usar o frasco de tinta ruiva no cabelo. *Parece que a mudança de cor que esta manhã vi ao espelho não foi por causa da luz na casa de banho do apartamento.*

— Vê se percebes uma coisa, Meg Corbyn. Não deixamos que os humanos vivam na nossa parte do mundo por gostarmos de vocês. Permitimos que aqui vivam porque podem ser úteis e porque inventaram coisas que nós gostamos de ter. Se não fosse por isso, não passavam de carne. Algo que é bom não esqueceres.

— Não é justo que fique zangado com o meu cabelo — resmungou Meg, procurando ocultar o facto de que estava a começar a tremer. Imaginava que, naquele momento, tremer não seria propriamente boa ideia.

— Não tenho de ser justo — retorquiu Simon, com maus modos. — Estás no Pátio. As regras que os seres humanos possam ter para os funcionários não são iguais às minhas regras, a menos que eu diga que assim é. Por isso, posso contratar-te mesmo sem teres a mais pequena noção daquilo que estás a fazer, e *posso despedir-te por teres cabelo que tresanda!*

— Não posso fazer nada quanto ao meu cabelo, a menos que queira que o rape! — ripostou Meg. E depois ficou aterrada, ao pensar que talvez fosse exatamente isso que ele ordenaria que fizesse.

Um rosnido. Um rugido. Um berro. Meg não fazia ideia como descrever o som produzido por Simon.

Meg estremeceu. Não o pôde evitar. Ele continuava a ter um aspeto humano, mas, ao mesmo tempo, parecia selvagem e feroz.

— Será má altura para uma apresentação? — ouviu-se uma voz tonitruante.

Um matulão com um manto desgrenhado de cabelo castanho que lhe chegava aos ombros. Calças de ganga e camisa de flanela, com um blusão aberto, como se o frio não o incomodasse.

— Vais deixá-la a tremer ao frio ou vais mostrar-lhe o posto de trabalho? — indagou, olhando para Simon. — Ou será que devo...

Simon rosnou.

O calmeirão limitou-se a aguardar.

Simon tirou um molho de chaves do bolso e abriu a porta. Depois meneou a cabeça na direção da jovem.

— Esta é a Meg Corbyn. — Semicerrou os olhos para o homem. — E este é o Henry Beargard. — Sem mais comentários, Simon empurrou-a para o interior e fechou a porta.

Mesmo através da porta fechada, Meg ouviu a gargalhada ribombante de Henry.

— Os cabides nas paredes são para os blusões — indicou Simon, num tom irritado. — As esteiras são para as botas e para os sapatos molhados. O soalho fica escorregadio quando está húmido. Os nossos curandeiros não fazem ideia de como reparar os humanos verdadeiros, por isso, se escorregares e fraturares uma perna, nós comemos-te, tal como faríamos a um veado. — Descalçou as botas e calçou um par de mocassins que se encontravam em cima da esteira. — Retrete e lavatório atrás daquela porta. A zona de armazenamento é ao lado. Os caixotes com roupas são para os *terra indigene*. Não lhes toques. Refrigerador. Forno de ondas e chaleira elétrica para aquecer água. Canecas, pratos e talheres nos armários aqui em baixo. Ficas responsável pela limpeza daquilo que usas. — Atirou-lhe um olhar penetrante. — E então? Vais ficar aí especada?

Meg despiu o blusão e descalçou as botas, calçou os sapatos que levara consigo e lembrou-se de pegar nas chaves quando ele lhe rosnou.

Simon não era um homem agradável, e Meg ia aprender as suas obrigações o mais depressa possível para não ter de lidar muito com ele.

Simon abriu outra porta de madeira que dava para mais um espaço grande.

— Sala de separação — indicou Simon, acercando-se de um painel na parede, onde pressionou um interruptor. — Este painel destranca as portas de entrega, que ficam trancadas, a menos que estejas a aceitar uma entrega aprovada ou a distribuir correspondência.

— Como é que eu sei que foi apro...

— Os compartimentos nesta parede têm a correspondência para as lojas da Praça do Mercado. As divisórias maiores são para as encomendas e para tudo o que precise de se manter liso. Também se pode guardar embrulhos debaixo da mesa de separação ou naqueles armários. — Simon atirou-lhe mais um olhar hostil ao abrir outra porta e apontar para a placa aparafusada à madeira. — Estás a

ver isto? Diz PRIVADO. Ninguém que não seja *terra indigene* entra nesta sala de separação. Só tu. Percebeste?

— Percebi, mas... porquê? — indagou Meg.

— Porque eu digo que é assim. Porque aquilo que se passa no interior do Pátio só nos diz respeito a nós. — Simon olhou para o relógio na parede e rosnou. — Tenho de tratar de outros assuntos, por isso vais ter de descobrir sozinha o que fazer a seguir.

— Mas...

— As entregas são recebidas entre as nove e o meio-dia. As entregas da tarde costumam chegar entre as duas e as quatro. Os camiões de entregas dos *terra indigene* têm outros horários, mas não tens de te preocupar com eles. Naquela gaveta tens uma lista de números de telefone. Se tiveres dúvidas, podes ligar para a Ler e Uivar por Mais ou para o Trincadela. Aqueles sacos de correspondência e aquelas encomendas têm de ser separados para entrega. Fizemos o que pudemos enquanto procurávamos um Intermediário, mas todos nós temos o nosso trabalho e não dispomos de tempo para fazer o teu.

— Mas...

— As portas abrem às nove — concluiu Simon, saindo do espaço.

Meg fitou a porta de acesso à sala das traseiras e deu um salto quando a porta da rua se fechou com estrondo.

Susteve o fôlego até ter a certeza de que estava sozinha. Depois suspirou com um «Lobo Mau» resmungado e esperou ser capaz de perceber como dar início ao dia de trabalho.

Simon tinha vontade de morder alguém, mas o indivíduo encostado à parede junto à porta das traseiras da LUM era Henry, e um Lobo solitário não se metia com um Pardo, especialmente se esse Urso servia de espírito-guia do Pátio e era um dos poucos seres com quem Simon podia falar sem conter pensamentos ou palavras.

— Hoje acordaste com um nó na cauda — comentou Henry tranquilamente. — Se calhar é melhor não afugentares a nova Intermediária antes de ela separar alguma da nossa correspondência.

Simon enfiou a chave na fechadura e girou-a, mas não abriu a porta.

— Ela não cheira a presa. Está repousada, alimentada e não tem frio. Porque é que não cheira a presa?

— Nem todos os humanos cheiram — replicou Henry calmamente.

Simon abanou a cabeça.

— Com alguns, decidimos que não são comestíveis por ser assisado tê-los por perto. Mas mesmo assim, eles continuam a cheirar a presa, e *ela não*.

— Nem todos os humanos cheiram — repetiu Henry. — Não há muitos assim, mas já houve alguns casos. — Fez uma pausa. — Pode ser que não lhe estejas a apanhar o odor por causa daquele cabelo malcheiroso?

Simon fitou o Pardo.

— Conseguiste cheirá-lo de onde estavas?

— Não, o vento não estava a soprar na direção certa para que eu o cheirasse, mas ouvi-te a gritar.

E todos os que andarem por aí a esta hora da manhã também ouviram.

Simon encostou a testa à porta.

— A falta de cheiro de presa está a deixar-me confuso.

— Bem vejo, mas ela não é *terra indigene*. Disso, eu tenho a certeza.

— Eu também. Ela cheira a humano. Só não cheira a presa.

— Se ela já está a causar tantos problemas antes de a maioria de nós a ter sequer visto, talvez a devesses expulsar do Pátio.

Simon afastou-se da porta e suspirou.

— Vou deixar que o resto da Associação Comercial a veja antes de decidir. Precisamos de um Intermediário. Mais vale deixá-la ficar aqui algum tempo.

Henry aquiesceu.

— Explicaste-lhe o que tem de fazer? — Simon rosnou. Parecia frustrado. — Então afasta-te dela o resto da manhã e deixa que alguém lhe explique.

— Quem?

— Sabes bem quem.

Sim, ele sabia. E também sabia que se se opusesse, Henry iria atirá-lo contra a parede para lhe meter um pouco de juízo na cabeça. Em nome da amizade.

— Está bem. O Coiote que se encarregue dela por umas horas.

Só depois de entrar na livraria e pendurar o sobretudo é que se apercebeu de que ainda trazia os mocassins e tinha os pés molhados. Sentira-se tão incomodado, confuso e desesperado por se afastar de Meg antes que se transformasse e a mordesse para provar que ela era presa que se esquecera de trocar os mocassins pelas botas.

Furioso com todos os seres humanos — especialmente aquela de cabelo fedorento —, dirigiu-se ao gabinete no primeiro andar para tratar de papelada antes de confirmar as remessas que haviam chegado na véspera. A loja só abria dali a uma hora. Se todos tivessem sorte, nessa altura ter-se-ia acalmado e não comeria um cliente.

O malfadado sinal de oferta de emprego desaparecera.

Asia fitou a porta de vidro, sem se atrever a aproximar-se, já que a zona de entregas limpa de neve era sinal de que os Outros já andavam na labuta.

Queria aquele maldito emprego. Queria *mesmo* aquele emprego. Havia meses que estava em Lakeside e ainda não vira *nada* no Pátio que não tivesse já sido visto por qualquer pessoa. Os seus patrocinadores estavam a ficar descontentes, começavam a dar a entender que talvez precisassem de alguém mais profissional para aquela missão.

Fora o aspeto físico que a tirara de Podunk e do futuro miserável que a esperava na sua terra natal. Fora o aspeto físico que a levara até Sparkletown e lhe conseguira algumas audições. Mas atuara mais nos sofãs de *casting* do que à frente das câmaras — até ter descoberto uma pequena informação acerca da esposa de um manda-chuva de Sparkletown que dera ao indivíduo a alavancagem necessária para se divorciar sem penalizações financeiras.

Sob a capa do aperfeiçoamento de Asia para o papel principal numa série de televisão ainda a ser

determinada, ele ajudou-a a refinar as suas competências naturais de recolha de informações e mandou-a descobrir dados acerca de um concorrente.

Asia continuava sem saber se essa primeira missão fora um teste, mas, ao regressar com as informações, fora incumbida de uma segunda, a par de um envelope recheado de dinheiro.

Era como se estivesse a ser paga para investigar um papel de polícia à paisana ou de espia empresarial. Sim, esse seria o papel perfeito para ela: Asia Crane, Investigadora Especial. Por vezes passava algum tempo numa das maiores cidades e dispunha de roupas elegantes e de brinquedos caros. Noutras ocasiões passava semanas numa povoação que nada mais era do que uma variante de Podunk, onde desempenhava o papel de uma jovem viúva a começar uma vida nova, usando conjuntos de malha e sapatos altos, enquanto obtinha informações sobre o alvo selecionado — ou ajudava a arruinar a sua carreira empresarial ou as ambições políticas do indivíduo.

Era um trabalho empolgante, divertido e bem pago, e agora que o Manda-chuva angariara mais algumas partes interessadas para a financiar, Asia recebia missões mais longas com alvos mais desafiantes. A maior parte das atrizes não construíam assim as suas carreiras, mas dali a um ano ou dois regressaria a Sparkletown com experiência suficiente para conseguir o papel que quisesse.

A infiltração num Pátio fora a maior e mais arriscada missão que recebera até à data. Mudara-se para Lakeside por ser o único Pátio em toda a Thaísia com outros funcionários humanos além do Intermediário. Nem mesmo Toland, na Costa Leste, nem Sparkletown, na Oeste — os centros financeiro e do entretenimento do continente —, tinham Pátios com tal tolerância para com os seres humanos. A sua missão era entrar, observar e relatar tudo o que pudesse ser útil nas relações com os Outros ou, mais concretamente, que ajudasse a quebrar o seu domínio sobre as cidades humanas em Thaísia.

Como dispunha de poucas informações com que trabalhar, apesar de ter amigos com amigos no governo de Lakeside, o Manda-chuva sugerira dois alvos potenciais como sendo o passaporte de Asia para entrar no Pátio: Elliot Wolfgard e Simon Wolfgard. Com Elliot, ela ficaria lado a lado com agentes do governo e alpinistas sociais que poderiam garantir outras informações financeiramente valiosas. No entanto, à última hora, antes da mudança para Lakeside, o Manda-chuva descobrira que, em tempos, Elliot dissera a uma jovem *socialite* que o tentava seduzir que o sexo com macacos pouco diferia do sexo com gado, e nenhuma das situações lhe interessava. Ninguém se lembrava do que ela respondera, mas, dias depois, a *socialite* fora encontrada no quarto, parcialmente comida. Assim sendo, Asia riscou Elliot Wolfgard da lista.

Sobrava então Simon, que parecia ser um trintão — jovem a ponto de gostar de uma aventura ocasional e com idade suficiente para ser improvável que perdesse o controlo. Escolhera então uma personagem e um aspeto que se enquadrasse com as outras universitárias que passavam o seu tempo na loja. Chegara mesmo a inscrever-se em algumas cadeiras na Universidade de Lakeside para preencher o tempo livre. E o que conseguira até então? Nada. Nem trabalho, nem sexo, nem conversas de travesseiro, nem sequer alguns minutos no armazém para um pouco de brincadeira. Ainda nem fora capaz de sacar uma inscrição no ginásio.

Em breve teria de mostrar trabalho feito. Caso isso não acontecesse, corria o risco de ver os patrocinadores a abortarem a missão e a enviarem outra pessoa. E se eles fizessem *isso*, o Manda-

chuva não cumpriria a promessa e ela podia acabar de volta a Podunk, em vez de ser a estrela do seu próprio programa.

Um crocitar anunciou a chegada de uma mancha de Corvos que pousaram no muro à altura dos ombros que percorria o lado esquerdo da zona de entregas. Um deles saltou para a escultura de madeira à frente de uma das janelas da Estação do Intermediário. Esse observou o que se passava no interior do edifício. Os outros quatro miraram-na *a ela*.

Dando meia-volta como se tivesse feito uma breve pausa e não se interessasse por nada relacionado com o Pátio, Asia afastou-se.

Não estava a chegar a lado nenhum com Simon Wolfgard. Talvez tivesse mais sorte com a nova Intermediária.

Meg abriu a porta assinalada como PRIVADO, depois fechou os olhos e imaginou a Estação do Intermediário como se estivesse desenhada em papel. Um edifício retangular dividido em três divisões grandes. A divisão dos fundos era o WC, que continha a sanita e o lavatório. Também servia de sala de folga e de armazém, e tinha uma porta para a rua e outra de acesso à sala de separação. Esta divisão tinha uma grande porta exterior de entregas, uma porta *interior* de entregas que dava acesso à divisão frontal, e a porta com a placa de PRIVADO que ficava diretamente por trás da zona do balcão com três lados. A divisão frontal, onde ela imaginou que seria feita a maior parte das entregas, já que era aí que se encontrava o balcão, tinha uma porta de vidro e duas grandes montras.

Voltou a observar a sala de separação e interrogou-se quem teria desenhado a Estação do Intermediário. Para uma divisão que supostamente teria de ser privada, privada, *privada*, a sala de separação dispunha de uma quantidade imensa de portas, já para não falar de uma janela que poderia servir para um acesso ilícito.

O problema não era dela. Conquanto mantivesse as portas das entregas trancadas sempre que não fossem necessárias, evitaria ser comida. Talvez. Pelo menos, assim esperava. Agora, tinha de se preparar para o trabalho.

Acender as luzes na zona frontal do espaço foi simples — os interruptores estavam na parede, ao lado da porta Privada. Chegar à porta exterior para a abrir revelou-se um problema, pois não conseguia descortinar como abrir a parte mais curta do lado esquerdo do balcão para permitir a entrada na zona principal da sala. Assim, foi buscar o banco da sala de separação e usou-o para saltar o balcão. Virou o trinco simples para a posição de aberto e depois apercebeu-se de que essa fechadura era complementada por outra que pedia chave — a qual poderia, ou não, estar no molho que ela deixara na sala de separação.

Caw caw

Lá fora estavam três pássaros negros, empoleirados num pedaço chato de madeira, que procuravam a melhor vista possível para o interior através de uma das janelas. Quase ignorou a presença deles, até que se interrogou se poderiam ser Corvos *terra indigene* a querer dar uma espreitadela à nova Intermediária.

Enquanto se esforçava por oferecer um sorriso alegre, Meg agitou os dedos e articulou as palavras *Bom-dia*. Depois regressou ao balcão e tentou içar-se o suficiente para passar as pernas por cima do

tampo.

Os Nomes Ambulantes não contavam nada às raparigas sobre elas, mas Meg escutara algumas coisas. Tinha vinte e quatro anos de idade. Tinha cento e sessenta centímetros de altura. Tinha cabelo preto, olhos cinzentos e pele clara. As faces dela tinham um leve tom rosado que destacaria as cicatrizes, mas o rosto ainda não fora maculado pelas lâminas. As raparigas no complexo eram mantidas saudáveis e eram levadas diariamente a caminhar, mas não deixavam que fizessem coisas que lhes desse resistência desnecessária ou que as tornasse fisicamente fortes.

Por vezes, a determinação compensava a falta de resistência e de força. Outras vezes, não.

Na quarta vez que voltou a aterrar no lado errado do balcão, ouviu uma voz a dizer-lhe tranquilamente: — Embora isto seja extremamente divertido, porque não usas a passagem?

Meg afastou-se do balcão e viu um homem magro a entrar pela porta Privada. Tinha olhos castanhos-claros e cabelo castanho de uma variedade imensa de tons, entre eles o cinzento.

— Desculpa — lamentou-se ele. — Não te queria assustar. Chamo-me Jester. O Henry imaginou que precisasses de ajuda para perceber o que fazer, e como hoje o Simon não está nele, fui escolhido para te auxiliar. — Ergueu as mãos. — Sem truques, prometo. — Depois ofereceu-lhe um sorriso tão afável como matreiro. — Pelo menos hoje.

— Tenho de abrir a porta antes que as entregas comecem a chegar — indicou Meg, desejando não parecer tão ansiosa. — As chaves que me deram estão no molho que ficou na sala de separação, mas nem sequer tenho a certeza de lá haver uma chave para esta porta.

— E não há — confirmou Jester, desaparecendo na sala de separação. — Tens uma chave da porta das traseiras — continuou a dizer, encaminhando-se para a porta da frente e saltando o balcão. — Eu mostro-te onde se guardam as chaves do gabinete.

Destrancou a fechadura, observou os Corvos por uns instantes e depois exibiu um sorriso rasgado enquanto regressava ao balcão.

— Ainda nem há uma hora entraste ao serviço e já te tornaste a Intermediária mais divertida que já tivemos.

— Obrigada — replicou Meg, tentando não soar amarga. Imaginava o que Simon Wolfgard diria se ouvisse falar do acontecido. — Não vai contar esta história do balcão a ninguém, pois não?

— Quem? Eu? Não. Eles? — Jester meneou a cabeça na direção das janelas. Havia Corvos a digladiarem-se por um lugar na escultura de madeira, e um par deles estava a olhar pela porta. — No espaço de uma hora, grande parte do Pátio vai ficar ao corrente da história.

Meg suspirou.

— Anda. Eu mostro-te o truque do separador. — Apontou para o fecho de correr que ligava o separador ao balcão comprido.

— Já experimentei isso — queixou-se Meg.

— Este mantém-no fechado durante o dia, quando podes andar a entrar e a sair muito. — Levou a mão sob o tampo largo. Momentos depois, Meg ouviu um fecho a deslizar, e depois outro. — Há dois fechos de correr maiores que mantêm o separador fechado durante o resto do tempo. Estes ficam corridos quando deixas a estação para tomares uma refeição ou ao final do dia.

Jester abriu o separador e depois recuou para a deixar entrar. Seguiu-a, fechou o separador e usou

o fecho visível para o prender. Depois de lhe mostrar onde se situavam os outros fechos, Jester apontou para os artigos nas prateleiras por baixo do balcão.

Uma prancheta com papel. Um copo de cerâmica cheio com canetas de cores diferentes. Clipes e elásticos. Um telefone na outra parte curta do balcão e a lista telefónica na prateleira abaixo. E catálogos. Muitos catálogos de artigos de várias lojas, bem como ementas de restaurantes locais.

— Na Praça do Mercado dispomos de um bocadinho de quase tudo, mas não temos muito de quase nada — explicou Jester. — Há um centro comercial a poucos quarteirões daqui que serve os humanos que vivem nesta parte de Lakeside. Tem bastantes lojas, de todos os géneros, e mais variedade em termos de artigos. Um autocarro do Pátio garante transporte duas vezes por semana a quem lá quer ir fazer compras.

— Isso não é perigoso? — indagou Meg, recordando-se das imagens sobre lutas, sangue e corpos retalhados que vira na formação.

Jester mirou-a.

— É sempre perigoso quando somos poucos entre os humanos. — Acenou com a mão para indicar os Corvos e depois levou os dedos ao peito. — Lembra-te disto, Meg Corbyn. Nós somos aqueles que consegues ver, mas não somos os únicos aqui presentes. É por isso que temos tantos catálogos — prosseguiu, num tom mais leve. — As nossas lojas encomendam coisas diretamente aos fabricantes, tal como acontece nas lojas humanas. Parte fica aqui, e parte é enviada para os nossos familiares que gostam dos objetos mas não querem ter qualquer contacto com os seres humanos. Mas há muita outra coisa que é encomendada a lojas humanas e que é entregue aqui. É então que tu entras.

Meg assentiu, sem saber o que dizer. Havia tantos alertas embebidos naquelas palavras. Tanta coisa em que pensar.

— Pronta para começar? — perguntou Jester.

— Sim.

Entraram na sala de separação. Jester pegou no primeiro saco de uma grande pilha, abriu-o e despejou o conteúdo em cima da mesa de separação.

— O carro do correio chega de manhã — indicou. — Devolve-lhes os sacos à medida que os vais despejando. Vais habituar-te a separar o correio de modo mais específico, mas para começar separa por clã ou localização. Depois...

Caw caw

Jester sorriu.

— Parece-me que é a tua primeira entrega.

Meg dirigiu-se à sala da frente, fechando parcialmente a porta. Pousou a prancheta e o bloco em cima do balcão, experimentou uma caneta para confirmar que escrevia, e registou cuidadosamente a data no cimo da página — esperando que o calendário por baixo do balcão tivesse os dias riscados corretamente.

Os Corvos espalharam-se, com a maior parte a afastar-se dali, enquanto uns poucos voltavam a pousar no muro e na escultura que se projetava da neve.

Enquanto um homem saía da carrinha verde e abria a porta, Meg anotou as horas, a cor do veículo e o nome Entregas Em Todo o Lado.

Era um homem mais velho com um rosto marcado pelo tempo e pelos anos, mas os seus movimentos pareciam eficientes, bem como enérgicos. Empurrou a porta da carrinha com o cotovelo e olhou para os Corvos ao encaminhar-se para abrir a porta da estação. Hesitou à entrada, com quatro embrulhos equilibrados nas mãos.

— Bom-dia — cumprimentou Meg, esperando soar afável e profissional.

O homem descontraiu-se e apressou-se a chegar ao balcão.

— Bom-dia. Tenho aqui umas encomendas para si.

Meg recordou-se subitamente que cada rosto podia pertencer a um inimigo e tentou manter a expressão de profissionalismo.

— Estou a começar hoje. Importa-se que registe algumas informações?

O indivíduo ofereceu-lhe um sorriso rasgado a ponto de a levar a pensar que aqueles não seriam os dentes com que ele nasceria.

— É uma excelente ideia, Nina...

— Meg.

— Nina Meg. Sou o Harry. É H-A-duplo-R-Y. Pertenço à Entregas Em Todo o Lado. Não é um nome bonito, mas é sincero. Normalmente costumo chegar mais perto das nove no Dia da Lua e no Dia de Thaís, mas os limpa-neves ainda andam a limpar as estradas e hoje o trânsito está lento. Tenho aqui quatro encomendas. Preciso da sua assinatura.

Meg apontou o nome do homem, os dias e a hora a que ele normalmente fazia as entregas, e o número de encomendas que recebera.

Harry olhou para a prancheta de Meg e suspirou alegremente.

— É agradável ver alguém ao balcão a fazer bem o trabalho. Sabe o último que aqui tiveram? — Abanou a cabeça, desalentado. — Não me admiro que o tivessem posto a andar. Admiro-me que tivesse ficado tanto tempo. Não se preocupava com nada, e isso não é correto. Não, isso não é correto. Olhe que com esta porta a abrir e a fechar o dia todo, a sala pode ficar muito fria. Talvez devesse pensar em arranjar um par daquelas luvas sem dedos. A patroa usa umas lá em casa e garante que a ajuda a ficar quente. Devia pensar em arranjar um par.

— É uma boa ideia.

— Fique bem, Nina Meg.

— Obrigada. Até ao Dia da Lua, Harry.

Ele acenou afavelmente aos Corvos ao regressar à carrinha.

Meg pousou o porta-canetas de cerâmica em cima do balcão, mas guardou a prancheta numa prateleira longe da vista. Voltou então à sala de separação.

Jester sorriu-lhe.

— Ele não é excêntrico, se é isso que estás a pensar. Está só aliviado por lidar com alguém seguro. Portanto, preocupar-se com o facto de poderes apanhar uma gripe é tanto por ti como por ele. — Mirou-a. — Além disso, ele tem uma certa razão.

— Ah tem? — Meg não gostava da forma como foi estudada, especialmente quando ele lhe agarrou no braço e o apertou, largando-o antes que ela tivesse hipótese de protestar.

— Não és gorda, mas não tens grandes músculos. Tens de tratar disso. O Toca a Correr tem

passadeiras e...

— Não gosto de passadeiras. — Apercebeu-se do pânico que lhe surgiu na voz. *Não penses no complexo. Não penses no Controlador, nem nas passadeiras, nem em mais nada acerca daquele sítio.*

— Há muitos sítios onde podes andar. — A voz dele era gentil, mas os olhos brilharam com algo intenso ao observá-la. — Mas não foste capaz de saltar o balcão, pelo que se calhar te fazia bem uns exercícios para fortalecer os músculos. E o primeiro andar do Toca a Correr tem aulas de dança, ou de flexibilidade, ou uma coisa assim.

— Vou pensar nisso.

— Separa por clã e depois por indivíduos — sugeriu Jester, após uma pausa desconfortável. — Daqui a umas horas volto com alguns dos póneis.

— Póneis?

— Quando lhes apetece, fazem as vezes de carteiros pelo Pátio.

Jester saiu — e Meg interrogou-se se por acaso já teria falado de mais.

Jester fechou silenciosamente a porta das traseiras e olhou em redor. Os Corvos estavam de partida, espalhando-se para observarem e escutarem — e para ouvirem o que os corvos normais tinham para lhes contar. Os Falcões pairavam lá bem no alto, também à espreita.

E no interior da Estação do Intermediário?

Segredos. Receio.

Queria bisbilhotar os motivos de ambos.

Não podia falar com Simon. Não naquele dia. Henry já o avisara quanto a isso. Mas, e quanto a Tess? Sim, era possível que Tess soubesse como haviam conseguido a nova Intermediária. Além disso, ela tinha sempre uma reserva de chá de feno à sua espera. O Trincadela ainda não abrira as portas aos clientes humanos, pelo que talvez Tess dispusesse de tempo para dois dedos de conversa sobre o assunto — se ele fizesse os comentários e as perguntas certos.

Ainda bem que Henry lhe contara que Meg não tinha o cheiro a presa tão típico dos seres humanos. Ele ficaria ainda mais desconfiado da nova Intermediária se o Pardo não o tivesse alertado para algo de estranho sobre ela.

Queria saber os motivos por trás da contratação de Meg Corbyn por Simon. E, acima de tudo, queria saber o que tinha a jovem humana que o deixara a sentir que ela seria um risco para todos.

Monty pagou ao taxista e saiu na esquina da Estrada Whitetail com a Rua Chestnut. Não se podia dar ao luxo de apanhar um táxi todas as manhãs, mas não queria chegar atrasado no primeiro dia. Teria de investigar os percursos e os horários dos autocarros até ter tempo de considerar a necessidade de adquirir algum tipo de veículo.

Olhou para o relógio e hesitou. A Esquadra de Chestnut já estava à vista e ele ainda tinha meia hora antes do encontro com o capitão Burke. No lado da rua oposto à esquadra ficava um restaurante, o tipo de estabelecimento que servia refeições robustas e café forte o suficiente para manter de pé um homem demasiado cansado para se aguentar sozinho. A meio do quarteirão ficava um Templo Universal.

Monty viu outra vez as horas, atravessou a rua e dirigiu-se ao templo. Fosse ou não verdade, reconfortava-lhe o coração pensar que havia alguma coisa além do plano físico, algo benevolente para com os seres humanos, pois os deuses sabiam que pouco existia no plano físico que lhes fosse favorável.

Abriu a porta de entrada, bateu os pés para limpar a neve das botas e entrou para o templo.

As janelas salpicadas de neve deixavam entrar uma luz natural suave. Velas de baunilha enchiam o ar com um aroma delicado. Os timbres aleatórios dos sinos de meditação ecoavam através do sistema de som oculto do templo. Os bancos almofadados podiam ser dispostos em várias configurações. Nesse dia estavam organizados para garantir lugares sentados em cada alcova com representações dos espíritos-guia.

Mikhos, guardião da polícia, dos bombeiros e do pessoal médico, encontrava-se na alcova mais próxima da porta, o que fazia sentido, estando o templo tão próximo de uma esquadra.

Tirou um fósforo do recipiente, acendeu uma vela à frente da alcova e depois instalou-se no banco e praticou a respiração controlada que lhe esvaziaria a mente de pensamentos agitados para escutar a voz da sabedoria.

O que lhe ocupou a mente não foi a sabedoria, mas sim as recordações.

Abateste um humano para proteger um Lobo.

Abati um pedófilo que tinha uma menina prisioneira em casa. Ele tinha uma faca e ameaçara matá-la.

Deixaste um humano ferido com um dos terra indigene.

Não senti pulsação. Não me apercebi de que ele estava vivo quando fui confirmar o resto da casa.

Não sabia que a rapariga era uma Loba *terra indigene* Wolf. Não sabia que o sacana que alvejara ainda estava tecnicamente vivo quando pedira ajuda e uma unidade médica, e depois deixou a menina sozinha para poder confirmar rapidamente o resto da casa. Não sabia a destruição que um jovem Lobo esfomeado era capaz de fazer a um corpo humano em tão pouco tempo.

Não devia ter avançado sozinho. Não devia ter deixado a rapariga. Eram muitas as coisas que não devia ter feito. Arrependia-se do que não devia ter feito, tendo em conta o custo posterior. Agora, abater o pedófilo? Não se arrependia *dessa* escolha, especialmente depois de ter encontrado os

corpos de seis outras meninas.

Se a rapariga que salvara fosse humana, ainda estaria a viver em Toland com a amante Elayne Borden e a sua filha, Lizzy. Ainda leria todas as noites uma história para dormir à sua menina em vez de estar a dormir num T0 a centenas de quilómetros.

Mas ele abatera um ser humano para proteger um Lobo e ninguém se esqueceria disso. O comissário de Toland dera-lhe a escolher: ou se transferia para Lakeside ou não voltava a exercer nas forças policiais.

Elayne ficara furiosa, consternada, humilhada por ter sido envolvida no escândalo por arrasto, por ter sido transformada numa pária social, por Lizzy passar a ser vítima de provocações e de troças, e até de empurrões e de estalos por parte dos colegas da escola, seus amigos até à semana anterior.

Não estavam unidos por quaisquer contratos legais. Elayne não quisera esse tipo de estrutura — pelo menos até que ele provasse que o trabalho que desempenhava lhe poderia garantir os contactos sociais por que ela ansiava. Não obstante, fora célere a falar com um advogado e a transformar a promessa de Monty de dinheiro para sustentar Lizzy num documento legal depois de se recusar terminantemente a acompanhá-lo e a começar de novo. Viver em Lakeside? Estaria doido?

Lizzy. A sua pequenina. Iria Elayne deixar que ela o visitasse? Se ele apanhasse o comboio para passar um fim de semana em Toland, será que Elayne o deixaria sequer ver a filha?

Não vi um Lobo, Lizzy. Vi uma menina pouco mais velha do que tu, e, por um momento, vi-te nas mãos de um homem como aquele. Não sei se foi o polícia ou o pai que premiu o gatilho. Não sei se alguma vez o compreenderás. E não sei o que vou fazer aqui sem ti.

Monty inspirou um derradeiro fôlego do ar perfumado, saiu do templo e dirigiu-se à esquadra para descobrir se tinha um futuro à sua frente.

O capitão Douglas Burke era um homem corpulento com cabelo escuro bem aparado abaixo da calva. Os seus olhos azuis denotavam uma afabilidade feroz, sendo capazes de reconfortar ou de assustar a pessoa que os enfrentasse do outro lado de uma secretária.

Nos momentos antes de Burke lhe fazer sinal para que se sentasse e de abrir uma pasta com papéis, Monty imaginou que havia sido avaliado: um indivíduo de tez trigueira e estatura mediana que se mantinha em forma com esforço e tendia a engordar quando comia pão ou batatas a demasiadas refeições seguidas, e cujo cabelo crespo preto já exibia algum grisalho, apesar de ter pouco mais de quarenta anos de idade.

— Tenente Crispin James Montgomery. — Burke ofereceu a Monty um sorriso duro, fechou o dossier e cruzou as mãos. — Toland é uma cidade grande. Só Sparkletown e duas outras cidades de todo o continente se equiparam em habitantes e dimensão. O que significa que a população pode passar a vida sem se cruzarem conscientemente com os Outros, o que faz com que seja fácil fingir que os *terra indigene* não observam tudo o que os seres humanos fazem. Lakeside, por outro lado, foi erigida nas margens do lago Etu, um dos Grandes Lagos que são a maior fonte de água potável de Thaísia. E esses lagos pertencem aos *terra indigene*. Temos algumas comunidades agrícolas e vilarejos no raio de trinta minutos dos limites da cidade. Há uma comunidade de elementos da Vida Simples que cultivam a Ilha Grande. E temos a vila de Talulah Falls, mais à frente. Depois disso, as

vilas ou cidades humanas mais próximas ficam a duas horas de comboio em qualquer direção. Todas as estradas atravessam a floresta. Lakeside é uma cidade pequena, o que significa que não temos dimensão suficiente para esquecer o que há lá fora.

— Sim, capitão — reconheceu Monty. Essa fora uma das objeções de Elayne em relação à mudança para Lakeside: quando não se passava de carne inteligente, não era possível acreditar que os contactos sociais valiam fosse o que fosse.

— Esta esquadra da Rua Chestnut é responsável pelo distrito que abrange o Pátio de Lakeside — indicou Burke. — Vai ficar encarregue do papel de intermediário entre a polícia e os Outros.

— Meu capitão... — começou Monty a dizer, à laia de protesto.

— Há três agentes que lhe vão responder diretamente. O agente Kowalski vai ser o seu motorista e parceiro; os agentes MacDonald e Debany ficam com o segundo turno de patrulha, mas relatam-lhe quaisquer incidentes, a qualquer hora do dia ou da noite. O Elliot Wolfgard é o cônsul que fala com o presidente e que confraterniza com outros representantes do governo, mas será mais útil que se dê a conhecer a Simon Wolfgard. Para começar, ele é gerente de uma loja *terra indigene* com funcionários humanos e que tolera clientes humanos. Além disso, acredito que ele seja mais influente no Pátio do que o nosso governo julga.

— Sim, capitão. — Lidar diretamente com os Outros? Talvez ainda não fosse muito tarde para regressar a Toland e encontrar outro tipo de trabalho. Mesmo que Elayne não o aceitasse de volta, estaria perto de Lizzy.

Burke levantou-se e contornou a secretária, fazendo sinal a Monty para que permanecesse sentado. Depois de o fitar algum tempo, disse: — Já ouviu falar da Cidade Afogada?

Monty assentiu.

— É uma lenda urbana.

— Não, não é. — Burke pegou num abre-cartas, revirou-o na mão e voltou a pousá-lo. — O meu avô foi um dos integrantes das equipas de salvamento que foram em busca de sobreviventes. Nunca falou sobre o assunto até ao dia em que me formei na academia de polícia. Foi então que me chamou à parte e me contou o que aconteceu.

»Segundo aquilo que se pôde apurar, três jovens, todos eles fanfarrões, decidiram que se se livrassem dos Outros, os humanos assumiriam o controlo, que isso seria o primeiro passo para que dominássemos este continente. Assim, despejaram contentores de veneno no ribeiro que fornecia a água desse Pátio.

»Os Outros apanharam os indivíduos em território controlado pelos humanos, por isso chamaram a polícia. Eles foram levados para a esquadra e o castigo deveria ter sido decidido pela lei humana, em tribunais humanos. — A expressão de Burke ficou mais sombria. — Parece que um desses jovens era sobrinho de um manda-chuva importante. Portanto, deliberou-se que embora os rapazes tivessem sido apanhados junto dos contentores, ninguém os tinha visto a despejar o veneno no ribeiro. Foram libertos e a edilidade foi tola a ponto de os deixar declarar publicamente que as suas «ações sem consequências» tinham sido uma vitória da humanidade. E os *terra indigene* viram e ouviram tudo.

»Mais tarde, nessa mesma noite, começou a chover. Os céus abriram as goelas e a água caiu com tanta força e tão depressa que as passagens subterrâneas ficaram inundadas, e os ribeiros e os cursos

de água galgaram as margens antes de se perceber que havia problemas. Relâmpagos precisos cortaram a energia elétrica por toda a cidade. As linhas telefônicas foram-se abaixo mais ou menos ao mesmo tempo. Estava-se a meio da noite. Não se conseguia ver no escuro, nem havia maneira de se pedir ajuda. E a chuva continuava.

»As estradas de saída da cidade foram cortadas por buracos grandes o suficiente para engolir camiões. Pontes centenárias foram arrastadas. Terramotos localizados derrubaram alguns prédios, e outros foram engolidos por buracos. E a chuva não parava.

»As pessoas afogavam-se nos carros, a tentar fugir... ou em casa, quando nem conseguiam tentar fugir.

»A chuva parou ao nascer do dia. Os camionistas que chegavam à cidade para as entregas da manhã foram os primeiros a perceber que tinha acontecido alguma coisa e pediram ajuda. Encontraram carros cheios de mulheres e crianças a flutuar nos campos de ambos os lados da estrada. — Burke pigarreou. — Não sei como, os carros que só tinham mulheres e crianças conseguiram fugir. E a maior parte dos homens mais ou menos da mesma idade dos que tinham envenenado a água dos Outros não morreu afogada.

Monty observou o rosto de Burke sem dizer palavra. Não fora essa a versão que ouvira sobre a Cidade Afogada.

— Quando a água começou a baixar, enviaram-se equipas de resgate em barcos à procura de sobreviventes. Não havia muitos, além dos que tinham sido arrastados para fora da cidade. Não houve edifício governamental ou esquadra que ficasse de pé. A equipa de resgate do meu avô aproximou-se do Pátio e viu aquilo que os estava a observar. Foi a primeira, e única, vez que viram a verdade sobre os Pátios e os *terra indigene*.

Burke inspirou fundo e soltou o fôlego lentamente enquanto regressava à cadeira para se sentar.

— Os Outros, como os metamorfos e os chupa-sangue? Os que se aventuram a fazer compras em lojas humanas e que interagem com seres humanos? Não passam de meios-termos, tenente. Por mais mortíferos que sejam, há coisas bem piores a viver nos Pátios. Aquilo que não se vê... O meu avô disse-me que *Elementais* era o termo usado nos relatórios confidenciais. Nunca explicou o que eram, mas quase uma vida depois de as ter visto, as mãos ainda lhe tremiam ao falar delas.

Monty sentiu um arrepio.

Burke entrelaçou os dedos e pressionou os punhos cerrados contra a secretária.

— Não quero que Lakeside se torne uma nova Cidade Afogada, e espero que me ajude a garantir que isso não acontece. Já vimos um cartão amarelo. Não nos podemos dar ao luxo de ver o segundo. Estamos entendidos, tenente?

—Estamos entendidos, capitão — retorquiu Monty. Queria fazer perguntas acerca desse cartão amarelo, mas já tinha o suficiente em que pensar por um dia.

— Passe pela sua secretária para levantar a sua identificação e o telefone móvel. O agente Kowalski está lá à sua espera.

Era óbvio que Burke já terminara, pelo que Monty se levantou. Com um aceno de cabeça ao capitão, Monty deu meia-volta, pronto para sair.

— Conhece a anedota sobre o que aconteceu aos dinossauros? — perguntou Burke quando Monty

abriu a porta do gabinete.

Monty virou-se, oferecendo um sorriso hesitante ao superior.

— Não, capitão. O que é que aconteceu aos dinossauros?

Burke não sorriu.

— O que aconteceu aos dinossauros foram os Outros.

O agente Karl Kowalski era um homem bem-apessoado e afável de quase trinta anos de idade que sabia como conduzir um carro nas estradas nevadas de Lakeside.

— Espero que os camiões de sal e de areia passem por aqui depressa — comentou Kowalski ao verem o carro à frente deles a patinar num semáforo. — Caso contrário, vamos passar o dia a tratar de chapa batida e de carros atolados.

— É isso que vamos confirmar? — perguntou Monty, abrindo o pequeno bloco que levava para todo o lado.

— Espero bem que sim.

Era uma resposta estranha, já que iam a caminho de um carro abandonado na Avenida Parkside.

Monty confirmou os apontamentos que fizera.

— Um limpa-neves avistou o carro ontem à noite, mas só esta manhã é que fomos alertados? A que se deveu o atraso?

— O carro pode ter saído da estrada e ficado atolado — aventou Kowalski. — O dono pode ter ligado a um amigo que lhe deu boleia para casa e decidiu só tratar do assunto de manhã. Ou pode ter ligado para um serviço de reboques e encontrado abrigo algures, já que todos os reboques da cidade devem ter listas de espera durante este tempo, e o reboque pode ter demorado horas para chegar ao dono deste carro.

— Mas o carro ainda lá está.

— Sim, meu tenente. O carro ainda lá está, pelo que é altura de darmos uma vista de olhos. — Kowalski parou atrás do veículo abandonado e ligou as luzes intermitentes do carro-patrolha. Olhou para os arbustos que garantiam a privacidade de uma vasta extensão de vedação. — Ah, que mer... Desculpe-me, tenente.

Monty observou o que poderia bem ser um rasto que ia desde o automóvel até à vedação.

— O que foi?

— Nada de bom — replicou Kowalski num tom sombrio ao sair do carro-patrolha.

Monty imitou-o. Lá fora, experimentou o terreno por baixo da neve para se certificar de que não ia tropeçar numa vala. Satisfeito, avançou pela neve ao lado das marcas que talvez fosse o que restava das pegadas de alguém.

Caw caw

Olhou para a direita, para a mancha de aves empoleiradas nas árvores próximas. A vedação à altura do peito não dispunha dos espigões decorativos que tinham como objetivo dissuadir um intruso. A sebe não serviria de grande proteção, especialmente se alguém resolvesse saltar a vedação em busca de ajuda. Ao reparar nos topos quebrados de dois dos arbustos, Monty estendeu as mãos por cima da vedação e apartou-os.

Caw caw

— Valham-me os deuses, há aqui tanto sangue — exclamou Monty ao avistar a neve pisoteada mais além dos arbustos. — Dá-me aqui uma ajuda. Há alguém ferido que precisa de assistência.

— *Tenente*. — Kowalski agarrou no braço de Monty e fê-lo recuar alguns passos, antes de lhe explicar, num tom baixo: — Isto é o Pátio. Acredite que não há ninguém ferido do outro lado da vedação.

Monty apercebeu-se da convicção na voz de Kowalski e olhou à sua volta. Os Corvos eram agora mais de uma dúzia, com outros a voar na direção dos dois polícias. Um Falcão encontrava-se empoleirado num poste e outro descrevia círculos lá em cima. E todos os pássaros o observavam e a Kowalski.

Foi então que Monty escutou o uivo.

— Temos de voltar já ao carro — alertou Kowalski.

Monty assentiu e tomou a dianteira no regresso ao veículo. Assim que entraram, Kowalski trancou as portas e ligou o motor, após o que pôs o aquecimento no máximo.

— Pensava que a barreira entre os humanos e os Outros era mais... substancial — comentou Monty, abalado. — Aquilo é mesmo o Pátio?

— É aquilo — asseverou Kowalski, observando Monty. — Em Toland não trabalhou na área do Pátio?

Monty abanou a cabeça.

— Nunca me aproximei dele. — Reparou que as mãos de Kowalski ainda não tinham deixado de tremer. — Tens a certeza de que não há ninguém ferido do lado de lá da vedação?

— Absoluta. — Kowalski meneou a cabeça, indicando o espaço aberto no outro lado da avenida de quatro faixas. — Assim que o reboque chegar, podemos ir às antas confirmar quem é que saltou a vedação.

— Não estou a perceber.

— Cada Pátio tem a sua própria política quanto à forma como lidam com os seres humanos. Este Pátio é gerido pelo Clã dos Lobos desde há anos, e as regras deles são bem claras. Os miúdos que saltem a vedação para bisbilhotar ou por causa de uma aposta são atirados para este lado da vedação e há quem se sente em cima deles até os virmos buscar e deter por invasão de propriedade. Os adolescentes são um bocado maltratados. Podem levar uma dentada mais forte ou ficar com um osso fraturado antes de serem atirados para este lado da vedação. Agora, quaisquer adultos que entrem sem autorização nunca mais aparecem. E se qualquer humano, miúdo, adolescente ou adulto, saltar a vedação e tiver com ele uma arma... — Kowalski abanou a cabeça. — Os Outros deixam carteiras, chaves e outros pertences nas antas, para que saibamos que a pessoa não volta. Por nossa parte, preenchemos um formulário FPD. Sabe o que são? — Monty abanou a cabeça. — FPD. Falecido, Paradeiro Desconhecido. Quando o corpo não aparece, a família precisa de uma declaração dessas para obter a certidão de óbito.

Monty fitou os arbustos e pensou na neve revirada e no sangue.

Kowalski assentiu.

— Pois é. Com um FPD, esforçamo-nos por não pensar no que aconteceu ao corpo, pois pensar

nisso não faz bem a ninguém.

Quantas pessoas de Toland dadas como desaparecidas seriam, na verdade, FPD?

— O que têm as antas de especial?

Kowalski olhou para as árvores e para o candeeiro público. A Monty não parecia ter havido qualquer alteração no número de Outros que os vigiavam, mas o parceiro teria melhor noção.

— Há dois anos, a Daphne Wolfgard e o filho pequeno andavam a correr. Nem de propósito, andavam mesmo por aqui. Ela foi abatida por um homem. Outro disparou contra o filho dela, mas não acertou. Os homens fugiram de carro antes de os Lobos a encontrarem ou de terem hipótese de perseguir os humanos. Mas os Lobos encontraram o ponto no parque onde os homens tinham esperado para disparar contra o que pudesse ficar ao alcance deles. Seguiram o cheiro deles, mas perderam o rasto no sítio onde devia estar estacionado um veículo de fuga.

»Nessa primavera, os Outros plantaram estes zimbros para limitar o campo de visão, e o nosso presidente e os órgãos governativos de Lakeside transformaram o parque à frente do Pátio em santuário para a vida selvagem. O acesso ao parque é proibido, salvo no caso de visitas guiadas e de caça limitada. Quem for apanhado à noite no parque é detido e multado. Quem for apanhado com uma arma a qualquer hora é preso, a menos que seja época de caça ao veado e cada elemento do grupo tenha uma licença para caça com arco.

»O capitão Burke esforçou-se por encontrar os homens que mataram a Daphne Wolfgard, mas parece que eles saíram de Lakeside logo a seguir ao que aconteceu. Especulou-se que não deviam ser de Lakeside, logo para começar... que vieram só para abater um prémio e que depois desapareceram. O caso continua aberto.

— Para quê mantê-lo aberto?

O sorriso de Kowalski foi sombrio.

— Alguma vez se pôs a pensar na taxa sobre a água, tenente?

— Sim, já pensei nisso. — Ficara chocado quando a senhoria lhe explicara as regras rígidas que ela seguia quanto ao consumo de água. Outros inquilinos do prédio onde se instalara falaram-lhe sobre o uso da água da chuva, recolhida em barris, para lavar os carros e para regar a pequena horta da cozinha. Parecera-lhe estranho que ninguém lhe quisesse explicar o *motivo* para a existência de uma taxa sobre a água quando viviam mesmo ao lado do lago que a fornecia.

— Os Outros controlam toda a água potável. As tabelas para o preço da água e do aluguer do terreno agrícola que fornece a maior parte dos alimentos de Lakeside são negociadas com este Pátio. No ano em que a Daphne Wolfgard morreu, acrescentou-se uma taxa sobre a água às tabelas normais. Na altura ninguém disse nada, e também não se disse nada desde então, mas o capitão mantém o caso aberto porque a taxa desaparece se por acaso se apanhar os responsáveis pelo homicídio, e isso também nunca foi dito.

Monty respirou fundo.

— Foi por isso que pediu este destacamento? Pelo subsídio de risco?

Kowalski assentiu.

— Vou casar-me daqui a seis meses. Esse dinheiro a mais todos os meses ajuda a pagar as contas. Arriscamo-nos sempre que nos encontramos com um dos Outros porque nunca se sabe se vão olhar

para nós e ver um almoço. A verdade é que eles são perigosos, mas se tivermos cuidado, é possível viver com eles.

— A fronteira é esta vedação? — quis saber Monty.

— Não, os terrenos chegam até à estrada. A cerca é mais um aviso do que uma barricada. O espaço entre a estrada e a vedação é considerado um corredor de acesso para entregas de bens e para os funcionários públicos.

— Os quais são vigiados — concluiu Monty, olhando para o Falcão que o observava também.

— Sempre. E eles vigiam muito mais do que o Pátio e o parque. — Kowalski olhou para o retrovisor. — Lá vem o reboque e outro carro-patrolha. Se essa equipa puder ficar com o reboque, nós podemos ir.

Quando Kowalski abriu a porta para se dirigir aos outros agentes, Monty pensou no que aconteceria depois de confirmarem as antas.

— Quem informa as famílias quando ocorre um FPD? — *Por favor, que não seja eu.*

Kowalski fez uma pausa, de porta aberta.

— Há uma equipa especial de investigadores e um conselheiro de dor que trata disso. — Fechou a porta.

Monty suspirou de alívio.

Somos os rendeiros e não os senhores, dissera certa vez um sacerdote de templo durante um encontro semanal. *O ar que respiramos, a comida que comemos e a água que bebemos são só alugados.*

Era fácil esquecer isso em Toland. Imaginava que a taxa sobre a água ajudasse todos os residentes de Lakeside a lembrar-se dessa verdade.

Kowalski regressou ao carro e dirigiu-se ao semáforo, depois contornou a rotunda larga e parou quase no lugar oposto ao sítio onde haviam estacionado momentos antes.

Mesmo com a neve que caíra na véspera, foi fácil encontrar o monte de pedras e os bens pessoais abandonados. Três carteiras com documentos de identificação e cartões de crédito. Três conjuntos de chaves.

— Está aqui dinheiro — indicou Kowalski. — Talvez não seja todo o dinheiro que aqui estava originalmente, mas os Outros nunca o levam todo.

Não eram miúdos, pensou Monty enquanto via os documentos de identificação. Era certo que eram jovens, mas com idade suficiente para terem juízo — algo que não serviria de consolo às famílias naquele momento de perda. — Sempre pensei que os jovens andassem com mais coisas nos bolsos.

— E provavelmente andavam. Regra geral, aqui só ficam as carteiras e as chaves. Joias, armas, bugigangas... esse tipo de coisas acaba numa das lojas dos Outros, aqui, noutra Pátio da Região Nordeste, ou algures no continente. Até as armas são vendidas, embora não a nós. Os Outros não matam para roubar, mas assim que a carne morre, eles aproveitam tudo o que podem.

Monty sentiu um aperto no estômago.

— É assim que vês a tua própria espécie? Como sendo carne?

— Não, tenente, não é. Mas é assim que os *terra indigene* pensam, e já testemunhei as consequências para os humanos quando estes se esquecem disso, sejam polícias ou seja lá o que

forem.

É melhor não começas a pensar se devias ter usado mais uma bala depois de veres aquele Lobo jovem a transformar-se outra vez na rapariga que salvaste. É melhor não começas a pensar. Aqui, não.

Agora, não.

— Vamos levar estas coisas para a esquadra — sugeriu Monty. — As famílias podem começar a pensar no motivo por que os rapazes delas não voltaram a casa ontem à noite.

— E depois? — indagou Kowalski.

— Depois acho que me devo apresentar ao Simon Wolfgard.

As caixas e as encomendas foram-se empilhando em dois carrinhos à medida que os carros de entrega ia chegando numa azáfama, os motoristas a relancearem nervosamente os Corvos empoleirados no muro e depois a descontraírem-se visivelmente ao repararem na humana baixa ao balcão. Todos indicaram com celeridade o nome da empresa para que trabalhavam, bem como o próprio, soletrando-os a ambos enquanto ela os anotava. Identificação. Validação. Alguns tiveram de fazer duas viagens para descarregar as remessas, e Meg interrogou-se se eles teriam evitado aquela paragem tantos dias quanto possível.

Nessa primeira hora, a porta abriu-se e fechou-se com tanta frequência que ela decidiu procurar um par das luvas referidas por Harry e algum tipo de vestimenta quente que pudesse usar sobre a camisola de gola alta e o pulôver.

Precisava de um pouco mais de calor e como, além disso, queria mostrar trabalho adiantado antes do regresso de Jester, Meg dirigiu-se à sala de separação para se dedicar à correspondência.

A separação do correio revelou-se um desafio. Havia o que estivesse dirigido a um indivíduo, outras coisas estavam endereçadas a um grupo, certas cartas tinham o nome de uma rua — talvez fosse uma rua — e outras ainda ostentavam uma designação que ela não compreendia de todo. A única coisa em comum em tudo aquilo que ela recebera era o facto de dizer Pátio de Lakeside.

— Não admira que seja difícil receberem correio — resmungou Meg.

Conseguiu fazer uma separação grosseira do primeiro saco de correspondência e recebeu mais duas entregas antes que Jester regressasse.

— Nada mau — elogiou ele, mudando alguns sobrescritos de uma pilha para outra. — Corvino pertence ao Clã dos Corvos. É o que eles chamam ao complexo onde vive a maior parte. As Câmaras pertencem aos Sanguinati. Os números indicam uma parte específica das Câmaras. O Complexo Verde é a única residência que não é específica de uma espécie. Fica junto da Praça do Mercado e é onde vivem os membros da Associação Comercial.

— Existe algum tipo de mapa ou de lista que me mostre o que pertence ao quê? — quis saber Meg.

O rosto de Jester ficou sem expressão por um instante.

— Vou perguntar — acabou ele por responder. — Agora vamos conhecer os teus ajudantes. — Dirigiu-se ao painel na parede e destrancou a porta exterior da sala de separação.

Meg pensou em correr até à sala das traseiras e pegar no blusão, mas depois viu os ajudantes e esqueceu o casaco.

— Estes são o Trovão, Relâmpago, Tornado, Terramoto e Nevoeiro — apresentou-os Jester. — Eram os únicos pôneis dispostos a fazer entregas hoje.

Eram altos o suficiente para a olharem nos olhos. Meg não sabia ao certo se isso significava que tinham uma altura típica de pônei, mas o que via eram barris peludos com pernas grossas e caras mal-humoradas. Trovão era preto, Relâmpago era branco, Tornado e Terramoto eram castanhos, e Nevoeiro cinza malhado.

— Olá — cumprimentou Meg.

Não houve alteração nas expressões carrancudas.

— Cada um deles tem alforges para as entregas — explicou Jester, regressando à mesa para pegar em dois montes de correspondência. — Nos alforges estão escritas as secções do Pátio... estás a ver? Assim, por exemplo, o correio endereçado a Corvino ou a alguém chamado Crowgard vai para os alforges do Trovão. — Depositou os sobrescritos mais pequenos em quatro compartimentos de um alforge e os envelopes maiores e os catálogos no alforge do outro lado. Olhou para Trovão. — Hoje vais aos Corvos.

O pônei agitou a cabeça e afastou-se do caminho.

Relâmpago recebeu o correio do complexo do Clã dos Lobos, Tornado ficou com os Falcões, Terramoto com as Corujas e o Estábulo dos Pôneis, e Nevoeiro ficou encarregue dos Sanguinati.

— O que acontece quando chegam aos complexos? — perguntou Meg.

— Há sempre quem lhes descarregue os alforges e distribua o correio por cada interessado — respondeu Jester enquanto fechava e trancava a porta exterior. — Mmm. Não há quem leve o correio até ao Complexo Verde ou até ao lago. Pelos vistos, esses vão ter de esperar até amanhã. — Meneou a cabeça com um sorriso para Meg. — O Simon deu-te o teu livre-trânsito?

Meg abanou a cabeça.

O sorriso pareceu tornar-se divertido.

— Pois, o Simon hoje não estava nele. De uma maneira muito breve, assim que saís pela porta desta estação, precisas de um livre-trânsito para poderes ir à Praça do Mercado ou ao Complexo Verde, a única zona residencial que não está completamente interdita a visitas humanas. Esse livre-trânsito é uma coisa que tens de ter sempre contigo para evitar mal-entendidos.

— Onde é que o posso arranjar?

— No gabinete do cônsul, o outro edifício que se serve da mesma entrada externa que esta estação. Eu vou buscá-lo e já to deixo aqui.

— O que faço com os carrinhos cheios de encomendas que estão na receção?

Jester abriu a porta interior de entregas e empurrou os carrinhos para a sala de separação.

— Isso depende — disse ele, prendendo a porta. — Se a encomenda couber no alforge, pode ser levada por um pônei, juntamente com o resto da correspondência. Ou então podes entregá-la no Cairo. Nunca encorajámos os anteriores Intermediários a fazer entregas aqui no Pátio, mas se optares por fazê-lo, é algo que se enquadra vagamente nos parâmetros do cargo.

Fazer entregas faria mesmo parte do trabalho de Meg, ou estaria Jester a tentar deixá-la em apuros por algum motivo?

— Cairo? — indagou ela.

— Caixote sobre Rodas. É um pequeno veículo que usamos dentro dos limites do Pátio. É um veículo elétrico, por isso, se não quiseses ficar pelo caminho, lembra-te de carregar o teu Cairo. O do Intermediário está na garagem mesmo aqui por trás da estação. Não há como enganar.

— Tenho um carro — exclamou Meg, satisfeita.

— Tens um Caixote sobre Rodas — corrigiu Jester. — Não é propriamente um veículo que queiras levar para dentro da cidade.

Meg não tencionava deixar o Pátio.

— Queres fazer uma pausa? — indagou Jester.

Meg viu as horas no relógio da parede e abanou a cabeça.

— Tenho de ficar de prontidão para receber entregas até ao meio-dia, por isso vou continuar a separar o correio.

— Como queiras. Vou buscar-te o livre-trânsito.

Jester encaminhou-se para a porta Privada e saltou o balcão. Regressou minutos depois. Não tinha o livre-trânsito, mas deixou outra coisa em cima da mesa de separação.

— Isto é um mapa do Pátio — disse Jester baixinho. — Mostra as estradas e o lugar onde vive cada clã.

O meu Controlador pagaria uma fortuna por isto, pensou Meg, enquanto analisava o mapa. Não pensaria duas vezes em matar para conseguir tais informações acerca do interior de um Pátio.

Wolfgard. Crowgard. Hawkgard. Owlgard. Sanguinati. Complexo Verde. Lago das Meninas. Ash Grove. Complexo de Serviços. Lagos. Ribeiro. Reservatório de Água.

— Sugiro que o guardes numa gaveta quando não o estiveres a usar — aconselhou Jester. — Isto não foi de todo confiado aos últimos dois Intermediários e, tal como te disse, não os encorajámos a explorar. Acho bem que tenhas cuidado com quem sabe que tens isto, Meg Corbyn.

— O Sr. Wolfgard sabe que eu tenho um mapa do Pátio?

— O Simon pediu-me que to entregasse.

Um teste, pensou Meg. Simon Wolfgard estava a testá-la para confirmar se podia confiar nela. O que significava que não podia esperar que o mapa fosse de uma precisão absoluta. Se Simon imaginasse que ela poderia ser uma espia a tentar obter acesso ao Pátio, dar informações falsas ao inimigo era quase tão bom como não dar qualquer informação.

Depois Jester sorriu, uma expressão que contrastava profundamente com o tom sóbrio de há um instante.

— Vou então buscar-te o livre-trânsito. — E voltou a desaparecer.

Depois de meia hora sem entregas ou qualquer sinal de Jester, Meg foi dar uma vista de olhos ao leitor de música. Não havia discos, o que foi uma desilusão, mas ao experimentar os botões, descobriu um que alterava a função de discos para rádio e a ligava às estações radiofónicas de Lakeside. Passou vários minutos concentrada no sintonizador em busca de uma estação com música autorizada. Foi então que se lembrou. Não precisava da permissão, nem da autorização de ninguém. Podia experimentar um estilo diferente de música todos os dias e decidir sozinha aquilo de que gostava.

Entusiasmada, sintonizou uma estação e regressou ao trabalho.

— Corre & Bate? — indagou Monty ao ler o cartaz sobre uma das montras dos estabelecimentos *terra indigene*.

— É um ginásio — explicou Kowalski. Virou para o parque de estacionamento com menos um terço de espaço disponível para veículos, pois os recortes junto ao muro dos fundos estavam ocupados por montanhas de neve de ambos os lados de uma porta de madeira. — Passadeiras para correr e batuque de pesos. Não sei o que fazem no primeiro andar. Também não sei porque é que os Outros precisam de um sítio como este quando têm mais de cento e cinquenta hectares para correr.

Talvez até mesmo eles se sentissem incomodados com o cheiro do pelo molhado e preferissem correr debaixo de um teto quando o tempo não estava agradável.

— Então e a montra sem placa?

— Centro de Convívio. Este Pátio emprega humanos e por vezes permite que alguns vivam nos apartamentos por cima da costureira/alfaiate. Agora, receber estranhos num apartamento com acesso ao Pátio? — Kowalski abanou a cabeça. — Os amigos são recebidos no Centro de Convívio. E é aí que se confraterniza com um conhecido que seja *terra indigene*.

— E se quisermos um encontro mais íntimo? — Monty mirou o homem mais jovem.

— Para esse tipo de encontro podem usar-se os quartos por cima do Centro de Convívio.

— Isso é conversa de rua ou conhecimento em primeira mão?

— Será que alguma vez o vou apresentar à minha família?

Monty reprimiu um sorriso, mas foi preciso bastante esforço.

— É provável.

Kowalski suspirou.

— Não tenho assim *tanta* experiência em primeira mão. *Ouvi dizer* que se usarmos um desses quartos, ficamos responsáveis por fazer a cama de lavado e por deixar os lençóis usados no carrinho da lavandaria ao fundo do corredor. Está um frasco ao lado do carrinho. Cinco dólares pelo uso dos lençóis e do quarto.

— E se o dinheiro no frasco não bater certo com o número de lençóis usados?

— Na próxima vez não há lençóis lavados... e as raparigas ficam bastante insultadas se são convidadas para se enroscarem em lençóis usados por termos sido demasiado forretas para deixar cinco dólares no frasco na última vez.

Dessa vez, Monty nem sequer tentou esconder o sorriso.

— Mas que grande fonte de informações me saíste, agente Kowalski.

Kowalski mirou-o de soslaio.

Monty saiu do carro a rir-se. Apesar do vento, que ainda gelava os ossos, o tenente deixou o casaco aberto, para que o coldre com a arma ficasse à vista. Depois pegou na carteira de identificação, para que a tivesse na mão ao entrar na Ler e Uivar por Mais.

— Depois do tiroteio de há dois anos, as montras das lojas foram equipadas com vidro à prova de bala — indicou Kowalski.

— Um atirador podia entrar pela loja dentro e começar aos tiros — contrapôs Monty.

— Podia entrar, mas já não saía vivo. — Kowalski inclinou ao de leve a cabeça ao abrir a porta.

Monty olhou nessa direção ao entrar — e estacou.

Olhos ambarinos fitavam-no. Os lábios da criatura deitada à frente de uma estante arreganharam-se num rosnido silencioso quando ela se levantou. Era um monstro *enorme*. Os ombros iam chegar à anca de Monty se ficassem lado a lado, e de certeza que o Lobo era mais pesado.

A rapariga que salvara parecera uma versão em bruto das crias de lobo que Monty vira em documentários de televisão, mas não havia como confundir *aquilo* com o animal normal. O corpo tinha algo de mais primevo do que os animais que habitavam atualmente o mundo. Os primeiros seres humanos a pisarem aquele continente teriam certamente usado o termo *lobo* como forma de atenuar o receio em relação ao que os fitava das florestas — ou que os caçava nas trevas — e não por ser uma descrição correta.

Kowalski pigarreou baixinho.

Consciente de que todos se encontravam imóveis — e a tremer —, Monty ergueu a carteira de pele com a identificação e acercou-se do balcão.

À primeira vista pensou que o homem ao balcão seria humano. O cabelo escuro estava um pouco desgrenhado, mas ostentava um corte profissional. A camisa e o pulôver eram o que se vestiria casualmente no trabalho e tinham uma qualidade equiparável ao que vira nas melhores lojas de Toland. E os óculos redondos davam ao rosto um ar académico.

Depois, o indivíduo fitou-o com uns olhos da mesma tonalidade ambarina dos do Lobo.

Como poderia alguém ver estes olhos e não compreender que estava a ser encarado por um predador?, pensou Monty ao dar os últimos passos até ao balcão. *Como seria possível não perceber que atrás daqueles olhos não havia nada humano?*

— Sr. Simon Wolfgard? — perguntou Monty, ainda de identificação em riste.

— Sim, chamo-me Wolfgard — replicou Simon com um tom de barítono que seria agradável se não se reparasse no rosnido colado às palavras.

Monty fingiu não se ter apercebido do rosnido e prosseguiu.

— Sou o tenente Crispin James Montgomery. Os meus agentes e eu fomos destacados como vossos contactos com a polícia, pelo que gostaria de aproveitar esta oportunidade para me apresentar.

— Para que precisamos de contactos com a polícia? — questionou Simon. — No Pátio tratamos das coisas à nossa maneira.

O Lobo atrás de Monty rosnou.

Várias raparigas que se encontravam diante da loja soltaram gritinhos e recuaram mais para o interior, onde se pudessem esconder atrás das estantes e daí observar o desenrolar do drama.

— Sim, tenho noção disso — retorquiu Monty, dando à voz um tom cortês, embora firme. — Mas tenho esperança que possam sentir que não têm sempre de tratar das coisas à vossa maneira se souberem que vamos responder a qualquer pedido de ajuda. Os furtos, por exemplo.

Simon encolheu os ombros.

— Se nos roubarem alguma coisa, comemos uma mão. Mas só uma, se for um primeiro delito.

Ouviram-se risinhos nervosos atrás das estantes mais próximas.

— E se for uma reincidência? — perguntou Kowalski, aproximando-se do balcão e sempre de olho no Lobo na sua forma original.

A expressão predatória nos olhos de Simon intensificou-se, ao mesmo tempo que o sorriso

endurecia.

— No caso das reincidências não nos ficamos pela mão.

A ameaça ficou registada.

Monty apercebia-se do esforço de Wolfgard para manter a máscara e a linguagem corporal do lojista humano — e imaginava que os óculos e as roupas estivessem a ser usados com esse objetivo em mente.

Naquele dia não estava a resultar. Não conseguia ocultar o predador.

Ou talvez nunca ficasse mais oculto.

— E se fôssemos tomar um café aqui ao lado? — ofereceu Simon, fazendo das palavras mais uma ordem do que um convite. — Os polícias gostam de café, não gostam?

— Gostamos sim, senhor — respondeu Monty.

Simon fez sinal a uma rapariga de olhos e cabelo pretos que não acompanhara as outras na fuga até aos fundos da loja — na verdade, estivera a observá-los com tanta intensidade que Monty ficara com vontade de lhe comprar pipocas para que ela fosse comendo enquanto assistia ao espetáculo.

— Jenni — disse Simon quando ela saltou para cima da bancada e depois para o outro lado. — Tomas conta da caixa por uns minutos?

O sorriso que ela ofereceu a Simon fez com que Monty levasse a mão à carteira para garantir que ela ainda lá estava.

— Se alguém quiser comprar alguma coisa, eles dão-te dinheiro e tu dás-lhes troco — explicou Simon.

— Mas as brilhantes não — argumentou Jenni, meneando a cabeça. — As brilhantes ficam para nós.

Simon parecia ter vontade de morder alguém, mas limitou-se a responder: — Sim, está bem, não tens de dar as brilhantes a ninguém. — Depois olhou para o Lobo, que se acercou e sentou à frente da caixa registadora — transformando-se num dissuasor grande e peludo que impediria quem quisesse sair antes que Wolfgard voltasse.

Levou-os para o estabelecimento adjacente.

Não há muitos clientes, pensou Monty ao olhar em volta. Algumas pessoas trabalhavam em computadores portáteis enquanto beberricavam de canecas grandes, mas era só.

— Tess? — chamou Simon a mulher de cabelo castanho ao balcão. — Três cafés para aqui.

Sentaram-se a uma mesa. Monty guardou a identificação no bolso quando Tess pousou três canecas e uma travessa com fatias de algum tipo de bolo. Quando ela regressou com a cafeteira de café, guardanapos e um pequeno recipiente de natas, Simon apresentou Monty e esperou que este apresentasse o parceiro.

Simon observou Kowalski.

— Já o tinha cheirado?

Kowalski ficou vermelho e quase largou a caneca.

— Não, não me parece.

— Tem mais um cheiro em si?

Um abanar de cabeça. Depois Kowalski empalideceu e murmurou: — A minha noiva.

— Ela gosta de livros?

— Sim. — Kowalski bebeu um gole de café. Quando pousou a caneca, as mãos tremiam-lhe. — Ambos gostamos. Lemos muito.

Simon continuou a observar o agente de uma forma que deixou Monty com vontade de derrubar a mesa ou de começar a gritar só para quebrar aquela concentração.

— Educada — acabou Simon por dizer. — Cheira bem. Não guincha quando fala. Pergunta por livros que não consegue encontrar nas lojas humanas. A encomenda deve chegar amanhã. Ela pode vir buscar os que estiverem disponíveis. — Um sorriso cheio de dentes. — Ou então vem o agente.

Kowalski fitou os olhos de Simon.

— De certeza que ela prefere levantar a encomenda pessoalmente, para se certificar de que são os livros que ela queria.

— A sua noiva não estava interessada apenas em livros, mas a LUM não vende discos de música, e a loja de música só está aberta a residentes do Pátio. — Simon ofereceu um sorriso a Monty. — Mas podemos preparar uma visita à nossa Praça do Mercado para os nossos novos amigos da polícia. Cada um poderia trazer um convidado e até podiam fazer compras.

— Desde que não façamos questão de que os vendedores nos entreguem as brilhantes, certo? — adiantou Monty, esforçando-se por se manter calmo e educado, e rezando para que Kowalski fizesse o mesmo.

Tess, que acabara de lhes encher mais uma vez as canecas, deu meia-volta.

— Ah, Simon. Não deixaste outra vez os Corvos à caixa, pois não?

— Vai correr tudo bem — retorquiu Simon, num tom tenso.

— Diz isso quando logo à noite quiseses acertar as contas. — Tess regressou ao balcão a abanar a cabeça.

Monty desviou o olhar antes que alguém reparasse que estava pasmo. O cabelo dela era castanho e liso quando haviam entrado. Agora parecia que despejara corante verde em algumas madeixas e que usara um ferro de frisar. Mas não tinha saído do estabelecimento. Ele *sabia* que não saía.

— Uma vez que hoje sou eu que vou fechar a loja, talvez deva ir ocupar a caixa — proclamou um homem que se acercou da mesa.

Cabelo preto, olhos escuros, camisola e calças pretas. Uma tez mais a puxar para a cor de azeitona do que para o claro, e extremamente bem-apegoado.

— Este é o Vladimir Sanguinati, cogerente da Ler e Uivar por Mais — apresentou Simon.

Kowalski fez estremecer a caneca e espalhou café sobre a mesa.

— Desculpem — resmungou, pegando nos guardanapos que Tess deixara na mesa.

— Estes são o tenente Crispin James Montgomery e o agente Karl Kowalski, os nossos novos contactos na polícia — indicou Simon.

— Mas que intrigante — replicou Vladimir.

Monty não sabia por que motivo era intrigante, nem por que razão reagira Kowalski daquela maneira ao nome, mas sabia que havia coisas que queria dizer e pensar, mas que não era seguro dizer ou pensar enquanto se encontrasse naquele estabelecimento.

— Não lhe vou ocupar mais o seu tempo, Sr. Wolfgard — disse Monty calmamente, afastando a

cadeira e levantando-se. Tirou um dos seus novos cartões de visita do bolso e entregou-o a Simon. — Tem aqui o meu telefone da esquadra e o meu telefone móvel. Ligue-me se precisar de assistência, ou por qualquer outro motivo.

Simon levantou-se e enfiou o cartão no bolso das calças sem sequer olhar para ele.

— Já que agora somos todos amigos, devia voltar para tomar outro café — sugeriu Tess.

— Obrigado, ‘nha senhora. Será um prazer — agradeceu Monty. Foi abotoando o casaco enquanto ele e Kowalski se dirigiam à porta da rua. — Espere até chegarmos ao carro — acrescentou para o parceiro, sentindo os olhos dos Outros colados a eles ao passarem à frente das montras a caminho do parque de estacionamento.

Quando se sentaram no carro, Kowalski soprou o fôlego e perguntou: — Para onde, tenente?

— Por enquanto, para lado nenhum. Só quero que lighes o carro para não congelarmos. — Monty olhou em frente, deixando que os pensamentos se solidificassem em palavras. No entanto, como ainda não estava pronto a dizer aquilo que de repente compreendera, fez uma pergunta.

— Sanguinati. Quando ouviste o nome, deste um salto como se tivesses sido espetado com uma agulha. Porquê?

— O nome não lhe diz nada? — Kowalski aguardou um momento. — Conhece o termo *vampiro*? Monty virou a cabeça e fitou o parceiro.

— Aquele era um chupador de sangue?

Kowalski assentiu.

— Como em *deixar a presa exangue*. Na ficção popular são chamados de vampiros, mas aquela espécie de *terra indigene* dá-se a conhecer como Sanguinati. Ninguém sabe grande coisa acerca deles salvo que bebem sangue, não parecem ter nada em comum com a versão ficcional, e são tão perigosos como os metamorfos. E tem havido... indícios... de que dispõem de outra forma de extrair o sangue que não mordendo.

Grato por não ter bebido muito café, Monty engoliu em seco para acalmar o estômago agitado.

— Achas que usam aquelas lojas como campo para uma caça fácil?

Kowalski recostou a cabeça.

— Quanto aos Sanguinati, não posso dizer nada — acabou por responder —, mas os metamorfos não usam as lojas dessa maneira. O Wolfgard não estava a brincar quando disse que comiam a mão de um ladrão de lojas, mas nunca preenchemos um FPD por alguém ter entrado numa dessas lojas. — Virou a cabeça para encarar Monty. — O que lhe vai na alma, tenente?

— Estou a pensar que a maior parte daquilo que sabes acerca dos *terra indigene* foi aprendido por teres estado junto deles toda a vida. Provavelmente crescestes num bairro suficientemente perto do Pátio para saberes as regras do Centro de Convívio.

— Não sou o único polícia de Lakeside que já se deparou com os Outros num evento social. Os *terra indigene* controlam a maior parte do mundo. É tolice não se aproveitar uma oportunidade para aprender mais alguma coisa sobre eles. E para que conste, antes de conhecer a Ruthie, andei enrolado com uma rapariga que trabalhava no Pátio, mas separámo-nos depois de alguns encontros e nunca me servi de um daqueles quartos por cima do Centro de Convívio para dar umas voltinhas debaixo dos lençóis.

O carro foi preenchido por um silêncio que Monty interrompeu antes que se transformasse num espinho entre ele e o homem mais novo.

— *Terra indigene*. Nativos da terra. Na academia, nunca nos explicam ao certo o que isso significa. Talvez o comando não saiba exatamente o seu significado, ou talvez receie que a verdade assuste muitos de nós, e homens assustados com armas seriam a morte de todos nós.

— Haverá algo mais assustador do que saber que estamos constantemente cercados por criaturas que nos consideram comestíveis?

— Eles não são realmente humanos, Karl — disse Monty. — Sei disso a nível intelectual. Agora, além do cérebro, sei disso com o corpo. Os *terra indigene* não são animais que se transformam em humanos, nem humanos que se transformam em animais. Na verdade, são qualquer coisa desconhecida que aprendeu a mudar para uma forma humana por isso lhes ser útil. Ganharam qualquer coisa com a forma humana, quer tenha sido a posição ereta ou a conveniência de terem polegares, tal como ganharam qualquer coisa com as formas animais que já tinham absorvido.

— É partidário da teoria da forma original? — perguntou Kowalski.

— Não nos ensinam isso na academia — replicou Monty com um sorriso forçado.

— É uma coisa que a Ruthie encontrou há uns tempos num livro de História já velho. Havia uma teoria onde se defendia que os Outros já tiveram muitas formas, mudando consoante o mundo e as criaturas à volta deles se iam transformando, para que continuassem a ser os predadores dominantes. Mas a forma original, qualquer que ela seja, é o antepassado evolutivo de todos os *terra indigene* e o motivo para que consigam mudar de forma. A teoria também diz que eles ficam com algumas características das formas que usam, como aquela rapariga dos Corvos, atraída por coisas brilhantes.

— Está suficientemente perto daquilo em que eu estava a pensar — asseverou Monty. — Aprenderam a assumir a forma humana, mas eles não têm humanidade, nada que nos reconheça como sendo algo mais do que carne. Mais inteligentes do que os veados ou o gado, mas carne, não obstante. E mesmo assim, não tendo encontrado os homens que mataram um dos deles, souberam punir todos os habitantes da cidade aplicando uma taxa às tarifas da água. Isso significa que têm sentimentos pelos restantes elementos da espécie.

— Isso está tudo muito bem, mas terá alguma coisa a ver com o Wolfgard a oferecer-se para nos deixar ver algo que normalmente é de acesso restrito, ou a certificar-se de que eu ficava a saber que eles reconheceram a Ruthie? O tenente foi educado e em troca recebeu ameaças.

— Não me parece que tenha sido uma ameaça. Acho que o Simon Wolfgard estava a tentar ser simpático. O problema é que a linhagem de *terra indigene* de onde ele vem absorveu o lobo há milhares de anos e o lado humano há uns séculos, quando muito, por isso parece-nos ameaçador, mesmo quando não está a tentar sê-lo. Ele terá os seus motivos para abrir esses estabelecimentos a clientes humanos e para nos convidar a visitar um mercado que terá sido visto por muito poucas pessoas.

— E então?

— E então, vamos aceitar a oferta — declarou Monty. — Vamos visitar o mercado. A Ruthie também, caso te sintas à vontade com ela a acompanhar-nos. Vamos passar por cá com regularidade para tomar um café. Vamos ser os rostos que os Outros reconhecem. Vamos tentar alterar a dinâmica,

Karl. Eles não são humanos, e nunca serão. Mas vamos tentar fazer com que eles vejam pelo menos alguns de nós como sendo mais úteis ou inteligentes do que simples carne. E então, pode ser — *pode ser* — que da próxima vez que homens adultos se armem em parvos e entrem sem convite no Pátio, em vez de termos de preencher um FPD, talvez venhamos a receber um telefonema.

— Não sei se alguma vez houve alguém que tentasse alterar a dinâmica entre os humanos e os Outros — acautelou Kowalski.

— Então talvez tenha chegado a altura de alguém tentar. — Monty suspirou. — Muito bem. Mais uma paragem e depois gostaria de dar uma volta, para me habituar à zona.

— Para onde?

— Vamos apresentar-nos à pessoa que pode vir a ser o nosso melhor aliado, o Intermediário Humano.

Saíram do parque de estacionamento e viraram à esquerda no cruzamento da Avenida Crowfield com a Rua Principal. Passaram por uma montra antes de entrarem na zona de entregas da Estação do Intermediário e do consulado.

— Esta loja chama-se Nativo da Terra — indicou Kowalski. — Escultura, cerâmica, pinturas e tecidos *terra indigene*, bastante caros, mas à venda para seres humanos. Um escultor que trabalhe com madeira faz coisas chamadas totens de jardim a partir dos troncos das árvores derrubadas. As peças maiores podem pesar cem quilos, e as mais pequenas podem ser usadas como aparadores. A Ruthie quer comprar uma peça para o nosso apartamento novo.

Monty armazenou toda essa informação para uso posterior e estacionaram. Kowalski apontou para a direita.

— Aquele edifício ali é o consulado. O Elliot Wolfgard tem lá um gabinete e as salas de reuniões costumam ser o mais parecido com um espaço oficial da edilidade que se encontra no Pátio.

— Espera aqui — indicou Monty. Assim que saiu do carro, metade dos Corvos empoleirados no muro à altura dos ombros levantou voo e os restantes começaram a crocitar. No outro lado do muro, alguém trabalhava com algum tipo de martelo, e o som rítmico foi atalhado

Monty dirigiu-se à porta da estação e abriu-a, fingindo não ver os Corvos — fingindo que o silêncio do outro lado do muro nada tinha de ominoso.

A primeira coisa em que reparou ao acercar-se do balcão foi no cabelo da mulher. Fê-lo recordar uma das bonecas de Lizzy, cujo cabelo era feito com fios cor de laranja. Depois apercebeu-se do sorriso a desvanecer-se quando ela avistou o carro da polícia.

— Bom-dia, ‘nha senhora — cumprimentou Monty, apresentando a identificação. — Sou o tenente Crispin James Montgomery.

— Sou Meg Corbyn — replicou ela. Os olhos cinzentos denotavam nervosismo, talvez até receio, e as mãos tremiam-lhe o suficiente para se notar. — Posso ajudá-lo em alguma coisa?

Monty vira o cartaz sobre a porta. Sabia o que ALHNSA queria dizer. Segundo a sua experiência, regra geral as mulheres só mostravam medo com algum motivo específico.

— Não, ‘nha senhor. Sou o contacto da polícia destacado para o Pátio, e queria apresentar-me. — Pousou um cartão de visita no balcão. Ao ver que Meg não lhe pegava, deu à voz um tom ainda mais gentil. — Menina Corbyn, está aqui de livre vontade? Não pude deixar de notar que parece nervosa.

Meg ofereceu-lhe um sorriso inseguro.

— Ah. É o meu primeiro dia a trabalhar aqui. Quero sair-me bem e há muita coisa a aprender.

Monty devolveu o sorriso.

— Como eu a compreendo. Também é o meu primeiro dia.

O sorriso de Meg ganhou força e ela pegou no cartão de visita. Depois enrugou ao de leve a testa.

— Mas, tenente, a lei humana não se aplica no Pátio.

— Bem sei, ‘nha senhora. Mesmo assim, se alguma vez precisar da minha ajuda, basta ligar-me.

Meg hesitou, ao que perguntou: — Sabe alguma coisa acerca de póneis?

Monty pestanejou, confuso.

— Póneis? Não concretamente, mas montei a cavalo quando era pequeno. Costumava andar com bocados de cenoura ou maçã. Os cavalos não gostavam muito de ser selados, mas chegavam-se à cerca para vir buscar as cenouras.

— Talvez isso ajude — resmungou Meg.

— Bem, parece que já servi para alguma coisa.

A rapariga riu-se como se não soubesse como fazê-lo, como se não fosse um som familiar. Incomodava-o que o riso fosse um som desconhecido.

Não era só isso que o incomodava nela.

Monty desejou-lhe sorte para o resto do dia, desejo que ela retribuiu. Satisfeito, Monty saiu da estação — e apercebeu-se do rosto tenso e da atenção fixa de Kowalski. Ao olhar para a esquina do edifício, viu o indivíduo corpulento de calças de ganga e camisa de flanela, com um escopro e um martelo na mão. Devia ser o escultor.

— Bom-dia — cumprimentou Monty, prosseguindo o seu caminho até ao carro.

O homem não respondeu, limitando-se a observar.

— Meu tenente? — disse Kowalski assim que Monty entrou para o carro.

— Já conhecemos residentes suficientes do Pátio para hoje — retorquiu Monty. — Faça-me uma visita guiada ao distrito.

— Com todo o gosto.

— Quais as qualidades que regra geral um Intermediário deve ter? — perguntou Monty enquanto se afastavam do Pátio.

— Aguerrido. Perspicaz — respondeu Kowalski sem hesitar.

— Inocente?

Kowalski olhou, sobressaltado, para Monty, antes de devolver a atenção à estrada.

— Não seria um rótulo que aplicasse a quem trabalha para os Outros.

— Fiquei com a impressão de que a Menina Corbyn carece de uma maturidade equiparável à idade física. Se não a tivesse visto, diria que tem metade da idade.

Kowalski voltou a mirá-lo.

— Por vezes, os elementos da Vida Simples dão essa ideia por não disporem da maior parte da tecnologia que todos nós usamos. Acha que ela deixou a comunidade na Ilha Grande e veio trabalhar para aqui?

Nunca vira alguém que pertencesse à comunidade da Vida Simples, pelo que não podia adiantar

uma opinião, mas mesmo assim comentou: — Talvez valha a pena confirmar.

— A questão, tenente, é que os Outros controlam tudo nessa ilha exceto a terra que arrendaram à comunidade da Vida Simples e às duas dúzias de famílias que vivem ao longo da costa austral e que ganham a vida a pescar, a operar o *ferry*, ou a trabalhar nos estabelecimentos e nas lojas de bens e serviços. Uma rapariga que viesse dessa comunidade estaria habituada a ver os Outros e teria menos receio de trabalhar com eles do que de estar sozinha numa cidade grande.

A explicação pode ser realmente assim tão simples, pensou Monty. Não obstante, interrogava-se se o facto de se encontrar no Pátio era o motivo que levava Meg Corbyn a estar tão nervosa. Poderia ter outro motivo de receio?

Asia praguejou entre dentes. Os malfadados Corvos estavam a prestar demasiada atenção à Estação do Intermediário, e se ela continuasse a passar por lá, um deles aperceber-se-ia em breve de que estava sempre a ver o mesmo veículo. O facto de ter reparado no carro da polícia no parque de estacionamento fora motivo mais do que suficiente para não parar. A sua aparência física era memorável e não queria que os chuis reparassem nela. Mas queria ver bem a nova Intermediária que Simon contratara em vez dela. Depois de ter patinado por várias vezes em algumas das estradas secundárias — onde diacho estavam os malfadados limpa-neves? — e de ter regressado à entrada pela rua, os chuis tinham estacionado à frente da Estação do Intermediário!

Imaginou que a sorte passara a sorrir-lhe quando os viu a afastar-se, mas o nativo da terra que vendia esculturas e outras tretas supostamente artísticas estava a entrar na estação; e havia qualquer coisa sobre ele que a deixava nervosa, além do tamanho do matulão.

Experimenta outra vez amanhã, pensou Asia.

Ao desligar o pisca, apercebeu-se de que a carrinha branca à frente dela fizera o mesmo pouco antes.

— Parece que não sou a única curiosa — resmungou para com os seus botões. Manteve um sorriso nos lábios enquanto seguiu a carrinha durante o tempo necessário para decorar a matrícula. Depois parou na primeira zona de estacionamento limpa de neve que encontrou e anotou os algarismos. Isso era algo que podia contar ao Manda-chuva, que estava sempre a dizer que a informação era um bem valioso. Saber que havia mais alguém interessado na nova Intermediária era o tipo de informação que ele e os outros patrocinadores talvez considerassem lucrativa.

A experiência com a cafeteira foi um desastre absoluto, pelo que Meg se contentou com uma taça de cereais e uma maçã, e prometeu-se uma pausa de dez minutos para dar um salto ao Trincadela assim que o estabelecimento abrisse, para uma caneca generosa de café.

Envergou mais uma vez a camisola e as calças azuis para que o conjunto preto continuasse limpo e fez uma segunda promessa: passar pela loja de roupa na Praça do Mercado e comprar roupas suficientes para os dias de trabalho ou, pelo menos, tantas quantas pudesse comprar naquele momento. Como tratariam os Outros da roupa suja? As roupas de Simon Wolfgard não cheiravam mal, pelo que os Outros deviam ter maneira de lavar a roupa. Bastar-lhe-ia descobrir como e onde.

Tanta coisa a aprender. Tantas coisas que ela só conhecia através de imagens estáticas ou excertos de movimento. Como seria capaz de descobrir aquilo que tinha de saber sem revelar a sua ignorância profunda?

Isso teria de ficar para mais tarde. Agora precisava de acabar de se preparar para sair.

Tirou três cenouras do frigorífico, lavou-as e secou-as, e depois pousou-as na tábua de corte. Arregaçou as mangas das camisolas e tirou a faca grande do suporte.

Aço e carne. Um bailado extremamente íntimo.

Cada novo golpe aproxima-te daquele que te vai matar, dissera Jean. Se depois de te libertares deste sítio, continuares a usar a lâmina, tornas-te o teu próprio assassino.

A faca retiniu em cima da bancada. Meg recuou, fitando a lâmina brilhante enquanto esfregava o antebraço esquerdo para aliviar a dormência que sentia por baixo da pele. Por vezes tinha essa sensação, imediatamente antes do golpe seguinte. Se o corte se atrasasse, a sensação piorava a ponto de parecer um ardor ou, pior ainda, era como se algo lhe quisesse sair da pele à dentada.

Só um golpezinho, pensou Meg ao tirar a lâmina desdobrável do bolso das calças. Só um golpe para ver se as cenouras vão resultar, para ver se os póneis vão gostar de mim.

Tentou convencer-se de que não aconteceria nada de terrível caso aquele gesto de amizade não resultasse, e gastar carne para algo tão insignificante era insensato. E como reagiriam os Outros a um golpe recente e ao cheiro a sangue? Não pensara nisso ao aceitar o trabalho.

Mas estava já a rasgar algumas folhas de papel de cozinha do rolo e a amarfanhá-las na bancada ao lado do lava-louça. Abriu a navalha, alinhou-a com a primeira articulação do indicador esquerdo, depois virou a lâmina para que a parte afiada se apoiasse na pele. Respirou fundo e pressionou a lâmina contra o dedo, abrindo um golpe fundo o suficiente para deixar uma cicatriz.

A dor percorreu-a, uma agonia que remontava aos tempos em que fora castigada pelas mentiras ou pelas provocações. Viu os póneis e...

A dor foi abafada por uma euforia violenta. Era *aquela* o êxtase por que as raparigas ansiavam, o êxtase apenas conseguido com a lâmina a beijar a pele. *Isto...*

Meg pestanejou. Cambaleou. Fitou o sangue nas folhas de papel de cozinha.

Qualquer coisa acerca dos póneis.

Para te lembrares do que viste tens de engolir as palavras juntamente com a dor, dissera Jean. Se falares, aquilo que viste vai dissipar-se como um sonho. Talvez te lembres de fragmentos, mas

não suficientes para te serem úteis.

Ela devia ter falado, com certeza descrevera o que vira. Mas não havia ninguém que ouvisse as palavras, pelo que a profecia, e tudo o que ficara a saber acerca dos póneis, se perdera.

Olhou para a navalha e pensou em fazer mais um corte. Depois viu as horas. Já perdera demasiado tempo.

Meg correu para a casa de banho, lavou o golpe e encontrou uma caixa parcialmente usada de gazes e adesivo no armário dos medicamentos acima do lavatório. Depois de tratar do corte, regressou à cozinha, limpou a navalha e guardou-a no bolso das calças. Pegou então na faca e cortou as cenouras em pedaços. Se alguém reparasse no penso ou cheirasse o sangue, a explicação seria fácil. Estavam sempre a acontecer acidentes na cozinha. Um corte no dedo não seria invulgar, não levaria ninguém a interrogar-se quanto a ela.

Guardou os pedaços de cenoura numa taça com tampa, arrumou a cozinha, depois vestiu e calçou os trajes de exterior e foi buscar o resto das suas coisas. Ao sair do edifício e apressar-se escadas abaixo, deu graças por não ter de andar muito até ao emprego.

O frio ainda era cortante, mas o tempo estava muito mais calmo do que na manhã anterior. Ou pelo menos estivera, até chegar ao fundo das escadas e avistar Simon Wolfgard a sair do Trincadela com um dos copos tapados que vira na véspera, quando passara pela mercearia da Praça do Mercado para comprar cenouras e maçãs.

Simon estacou quando a viu. Depois cheirou o ar.

Meg esperava que o cabelo ainda libertasse cheiro suficiente para o impedir de se aproximar.

— Bom-dia, Sr. Wolfgard — cumprimentou-o.

— Menina Corbyn.

Não obtendo mais resposta da parte dele, Meg apressou-se a dirigir-se à Estação do Intermediário, consciente de que estava a ser observada até que destrancou a porta das traseiras e entrou. Com um pouco de sorte, ele iria à vida dele e deixá-la-ia com a dela.

Pendurou o blusão e trocou as botas pelos sapatos. Depois de um debate interior que lhe consumiu cinco minutos, Meg decidiu que cenouras à temperatura ambiente seria provavelmente o melhor para a barriga dos póneis e deixou o recipiente em cima do balcão. Apetecia-lhe algo quente para beber, por isso foi verificar os armários do pequeno espaço da cozinha. A última pessoa a trabalhar como Intermediária fora desleixada, e Meg não iria guardar nada comestível naquelas prateleiras antes de as limpar. O que implicava, claro está, aprender a limpar.

Pelo menos naquela manhã tinha música. Na véspera passara pela Música e Filmes e requisitara cinco discos musicais. Ia procurar um caderno e registar quais as músicas de que gostava e não gostava, e da comida de que gostava e não gostava, e... tudo o resto.

Introduziu o primeiro disco no leitor e dedicou-se à abertura da estação. Colocou uma folha nova na prancheta para fazer apontamentos sobre as entregas. Foi buscar as chaves à gaveta na sala de separação e suspirou quando abriu a passagem do balcão e a prendeu com os fechos de correr, e depois conseguiu destrancar a porta da frente.

Os pássaros haviam regressado — três no muro e um na escultura de madeira. Como não sabia ao certo se se tratava de corvos ou de Outros, Meg espreitou à porta e disse: — Bom-dia.

Seguiu-se um silêncio sobressaltado. Ouviu alguns deles a crocitar quando voltou a entrar. O som parecia menos agreste do que anteriores chamamentos, pelo que Meg decidiu aceitá-lo como uma resposta ao seu cumprimento.

Mal teve tempo de retirar o mapa da gaveta e de arrastar um dos sacos de correspondência até à mesa quando a primeira carrinha de entregas chegou à estação.

Quando temos Corvos de guarda, nem precisamos de campainha, pensou Meg enquanto datava a folha e tirava notas acerca da carrinha.

A mesma circunspeção de véspera quando os entregadores abriam a porta. O mesmo alívio quando a viam e se apercebiam de que não teriam de lidar com um dos Outros. As mesmas informações úteis sobre quem eram e os dias em que habitualmente faziam entregas.

Pareceu interessante a Meg que duas ou três carrinhas tivessem chegado quase em simultâneo, o que a levou a pensar se os condutores teriam alguma combinação entre eles quanto às entregas a um horário específico, para que não tivessem de se encontrar sozinhos no Pátio — suspeita acentuada ao ver que a maioria se cumprimentava entre si pelo nome.

Quando a primeira onda de entregas chegou ao fim, Meg abriu a porta da sala de separação e empurrou um dos carrinhos lá para dentro. Não gostava de passeadeiras — demasiadas recordações de ser obrigada a fazer exercícios no complexo —, mas talvez devesse dar um salto ao Corre & Bate para tentar ganhar massa muscular. Se não conseguisse levantar encomendas ou sacos de correspondência, não ficaria bem vista por Simon Wolfgard.

Ligou o leitor de discos e começou a separar correio, com as ancas a acompanhar o ritmo da música.

— Associação Comercial do Pátio — resmungou Meg, lendo o nome no envelope. — Eles têm uma associação comercial? Onde? — Juntou o envelope à pilha do que tinha de perguntar a Jester.

Havia vários envelopes endereçados às Câmaras onde se lia ÚLTIMO AVISO carimbado a vermelho. Imaginou que encontraria os primeiros avisos nos sacos de correspondência no fundo do monte.

Haveria uma regra que ditava que os Outros não podiam separar correspondência, ou será que esperavam que tudo continuasse inalterado até que alguém o fizesse? Ou estariam assim tão ocupados com assuntos dos Outros a ponto de não disporem de tempo para tratar de correspondência ou de encomendas?

Ainda meditava sobre o assunto quando a porta do exterior se abriu. Meg pousou o monte de envelopes e dirigiu-se ao balcão, deixando apenas entreaberta a porta Privada.

A mulher que se acercou do balcão tinha cabelo louro à altura dos ombros, olhos castanhos e um rosto cuidadosamente maquilhado que Meg associou às imagens de treino relativas à beleza. Tinha a parka aberta, exibindo um corpo curvilíneo por baixo das calças e da camisola justas.

Sem uma bitola com que avaliar o mundo exterior, Meg não foi capaz de decidir se uma mulher naqueles preceitos durante o dia corresponderia a uma estrela de cinema ou a uma prostituta.

— Estou à procura do novo Intermediário — anunciou a mulher.

— Sou eu — replicou Meg.

— A sério? — Um lampejo de fúria brilhou nos olhos da recém-chegada, ao mesmo tempo que

oferecia a Meg um sorriso rasgado. — Até pareces um porta-chaves.

Fúria e um sorriso eram imagens contraditórias, mas Meg vira amiúde esse conflito na expressão dos Nomes Ambulantes, sobretudo quando Jean causava problemas e deixava as outras raparigas agitadas.

Meg deu um passo atrás. Não sabia como reagir. Havia um telefone na sala de separação, caso precisasse de ajuda, bem como naquele balcão, e a porta Privada tinha fecho.

A mulher observou-a por um instante, após o que disse: — Não fiques assustada, minha querida. Fiquei irritada com o Simon por ter contratado alguém depois de praticamente me ter prometido este emprego, mas não estou chateada *contigo*.

— Desculpe?

A mulher abanou despreocupadamente a mão.

— Águas passadas, como se costuma dizer. — Ostentava agora um sorriso afável. — Sou Asia Crane. Estudo na Universidade de Lakeside. A Ler e Uivar por Mais é uma espécie de casa longe de casa, por isso, se calhar vamos encontrar-nos com frequência.

Seria pouco provável, já que Meg não fazia tenção de passar muito tempo na livraria — pelo menos enquanto Simon Wolfgard se encontrasse por lá para a mirar ou para se ofender com o cabelo dela.

— Sou Meg Corbyn.

Asia bateu as palmas.

— Crane. Corbyn. Temos os nomes tão semelhantes que até podíamos ser irmãs!

— Só que não somos nada parecidas — frisou Meg. Seria o comportamento de Asia a reação normal quando se conhecia alguém?

— Não sejas desmancha-prazeres. Isso são pormenores! E não fiques ofendida com o comentário do porta-chaves. Devo ter apanhado essa expressão nos romances com que me tenho andado a divertir.

Meg não era capaz de imaginar Simon com romances no inventário. Talvez houvesse mais alguém com voto no que era encomendado para a livraria.

— Foi um prazer conhecê-la, Asia, mas tenho de voltar ao trabalho — indicou Meg.

— A fazer o quê? — Asia encostou-se ao balcão e franziu o nariz ao olhar em volta. — Não me parece que haja por aqui grande coisa que ajude a não morrer de tédio. Se calhar, não ter ficado com este trabalho ainda foi pelo melhor.

— Este trabalho não é só tomar conta do balcão e receber encomendas — defendeu-se Meg.

— Como por exemplo?

Meg hesitou, mas pareceu-lhe que responder à pergunta não traria grande mal ao mundo, ainda por cima se a Simon só faltava ter prometido o trabalho a Asia.

Mas se ele lhe prometeu o emprego, porque é que me contratou a mim?

— Eu separo a correspondência do Pátio — explicou Meg, tentando ignorar o formigueiro que de repente lhe preencheu o braço direito.

Asia arregalou os olhos.

— Do Pátio todo? Não só das lojas, mas *de tudo*? Sozinha?

Meg assentiu.

— Oh, minha querida, se é assim, não sei se aquele homem paga o suficiente seja a quem for para fazer esse trabalho tão aborrecido.

— Não é um trabalho aborrecido, e também não é assim tão pesado, ou vai deixar de ser, quando eu tratar do acumulado. — O formigueiro no braço piorou, e Meg começou a sentir-se inquieta. Não era suposto ter essa sensação tão pouco tempo depois de um corte. Seria sinal de que se passava algo de errado com ela? Os Nomes Ambulantes estavam sempre a dizer às raparigas que não aguentariam muito tempo fora do complexo, pois ficariam assoberbadas com o mundo. Jean dissera que isso era mentira, mas já há muito tempo que Jean vivera no exterior, pelo que talvez ela já não se recordasse bem das coisas.

— Olha, e se fosses buscar alguma dessa correspondência para aqui, para nos ficarmos a conhecer melhor? Até te podia dar uma mãozinha — aventou Asia.

Meg abanou a cabeça e recuou outro meio passo a caminho da porta Privada.

— Obrigada pela oferta, mas a correspondência tem de ficar na sala de separação, e mais ninguém pode entrar sem a autorização do Sr. Wolfgard.

— Pois o *Simon* não se vai importar que eu te dê uma ajuda. — Asia apoiou as mãos no balcão. Um breve salto e meia-volta, e de repente estava sentada em cima do balcão e a passar as pernas para o outro lado.

Foi então que a porta Privada se abriu totalmente e Simon surgiu lançado, afastando Meg com violência. Quando se atirou a Asia, esta gritou, voltou a girar as pernas para o ponto de partida do outro lado do balcão e recuou para longe do alcance do Lobo.

— Olha que o Simon *importa-se* — resmungou ele. — E da próxima vez que tentares saltar o balcão para ires para onde não és chamada, voltas atrás com *menos* uma perna!

Asia saiu porta fora e correu até chegar ao passeio. Depois virou-se e fitou-os, antes de se apressar rua abaixo.

Meg encostou-se à parede, querendo afastar-se mais, mas sem se atrever a mexer-se.

— S-Sr. Wolfgard, eu disse-lhe que ela não podia, mas pareceu...

— Eu sei o que pareceu — rosnou Simon. — Não te pago para andares a tagarelar com outros macacos quando há trabalho a fazer. E se queres este emprego, ali dentro ainda há muito que fazer.

— E-eu sei.

— Estás a gaguejar porquê? Tens frio?

Meg abanou a cabeça, sem se atrever a falar.

O rosnido seguinte pareceu tão carregado de frustração como de fúria. Depois de mais um relancear ameaçador lá para fora, ele regressou à sala de separação.

Momentos depois, Meg ouviu a porta das traseiras a bater.

Estava a tremer e ainda demasiado assustada para se conseguir mexer. Começou a chorar.

Simon irrompeu pela porta dos fundos da Ler e Uivar por Mais, despiu as roupas e, incapaz de manter a forma humana por um segundo mais que fosse, transformou-se em Lobo.

Depois uivou, deixando que a fúria que sentia se manifestasse no som.

Não sabia porque estava tão zangado. Só sabia que algo no tom de voz de Meg quando esta procurava defender o seu território — de um modo tão *inconveniente*! — lhe ativara qualquer coisa no cérebro.

John foi o primeiro a chegar ao armazém, mas bastou-lhe olhar para Simon para recuar. Tess chegou em seguida, o cabelo com madeixas verdes e vermelhas.

— Simon? — disse ela. — O que foi?

Antes que ele conseguisse responder, a porta das traseiras voltou a abrir-se, quase lhe batendo nos quadris. Deu meia-volta e rosnou a Jenni, que abandonara a forma de Corvo e era agora uma humana desnudada que tremia.

Jenni ignorou o frio e o Lobo, um insulto profundo, já que ele *era* o líder daquele Pátio. Em vez dele, Jenni concentrara-se em Tess.

— O Simon estava a ser mau. Ele fez a Meg chorar. Vou à loja ver se consigo encontrar um brilhante que a faça sorrir outra vez. A Meg sorri muito... quando o Lobo não lhe está a rosnar.

Jenni voltou ao exterior, transformou-se em Corvo e alçou voo a caminho da Brilhantes e Tralhas.

<Não rosnei à Meg>, queixou-se Simon.

Tess deu meia-volta para seguir Jenni porta fora.

— Vou falar com a Meg e ver se consigo sanar os danos — disse Tess por cima do ombro.

Simon não sabia se ela pretendia que o *Estúpido* que resmungou fosse ouvido. Olhou para John, agachado para ficar com a cabeça mais baixa do que a de Simon.

<Traz roupas>, ordenou Simon. Depois correu escadas acima até ao escritório da loja.

John chegou com as roupas, que deixou na cadeira mais próxima, e apressou-se a regressar ao rés-do-chão.

Simon andou às voltas pelo gabinete e voltou a uivar.

Não tinha rosnado a Meg. Não exatamente. Claro que duvidava que naquele dia houvesse uma fêmea que fosse no Pátio que visse as coisas pelos seus olhos.

Voltou a assumir a forma humana e vestiu-se. Dirigiu-se então à janela com vista para a Avenida Crowfield e ficou a olhar para o exterior. As ruas estavam decentes. Ainda não se viam os passeios, mas já estavam transitáveis.

Afastou-se da janela e olhou para os montes de papelada que o aguardavam, pois encorajara um maior contacto com os seres humanos como forma de melhor os vigiar.

— Era mais fácil quando só os queríamos comer e ficar com as coisas deles — resmungou.

E fora mais fácil quando não precisava de recear que fizesse chorar um humano.

Asia tremia tanto que não era capaz de introduzir a chave na ignição para ligar o carro.

O Manda-chuva alertara que qualquer lide com os Outros seria arriscada, razão pela qual ele e os restantes patrocinadores tinham deixado que ela demorasse o seu tempo a infiltrar-se no Pátio. Durante os meses passados até então em Lakeside e pela LUM, Asia não se deparara com mais nada além de pose e rosnidos por parte dos Lobos, e nem sequer isso em relação aos restantes Outros. Percebia agora que o Manda-chuva lhe pagara bastante à cabeça pois *ele* sabia que *arriscado* poderia significar *fatal*.

Tirou o frasco do porta-luvas e bebeu um longo trago de uísque para acalmar os nervos. Depois bebeu outro para esbater a imagem das pernas a serem arrancadas por um Lobo.

— Maldito Lobo — queixou-se, depois da terceira golada. — Rai'spartam o Lobo, que devia estar na loja dele, em vez de andar a cheirar uma fêmea desenxabida. — E, ainda por cima, ele não se limitara a contratar uma fêmea desenxabida e sem gosto para representar o Pátio; *ele contratara uma parvinha!*

Asia esperara um homem, vestira-se para se apresentar a um homem, partira do princípio de que Wolfgard não a escolhera por normalmente os Intermediários serem homens, e por ter havido um candidato ao lugar. Em vez disso, Wolfgard contratara uma débil mental de cabelo esquisito que achava que separar correspondência era *interessante*.

Asia bebeu mais um gole e devolveu então o frasco ao porta-luvas.

Se Meg *não fosse* idiota, que tipo de pessoa *quereria* o cargo de Intermediário? Alguém com motivos para se esconder. Do quê? De quem?

O condutor daquela carrinha branca andava a controlar alguém ou alguma coisa no Pátio, e Meg Corbyn era a única funcionária nova.

Tinha um nome e uma descrição para fornecer ao Manda-chuva nessa noite. Isso poderia ajudá-lo a perceber quem estaria interessado numa personagem como Meg. Até que recebesse a informação obtida no lado dele, Asia seria a nova melhor amiga de Meg Corbyn e usaria essa amizade para descobrir tanto quanto possível acerca do Pátio. E isso implicava ter de lidar com Simon Wolfgard.

Suicídio com Lobo. Já ouvira muitas vezes essa expressão, e agora compreendia o seu significado. Claro que se não pressionasse Simon agora, não voltaria a ter oportunidade de se aproximar de Meg.

Ponderou por um instante e decidiu que o hálito a uísque seria o mais adequado àquele pequeno drama. Afinal de contas, não havia ser humano naquela livraria que esperasse que alguém confrontasse um Lobo, a menos que essa pessoa estivesse embriagada. E imaginou que a espia Asia Crane seria o tipo de investigadora com um passado irregular, com necessidade de um copo ocasional durante o dia.

Tinha de apontar essas ideias para quando se reunisse com o Manda-chuva para debaterem a série de televisão.

Saiu do carro e dirigiu-se à Ler e Uivar por Mais. Cerrou os punhos assim que entrou na livraria e gritou: — Simon Wolfgard! Vem já aqui! Tenho umas palavrinhas para te dizer!

Vários clientes deixaram cair livros. Quando Simon apareceu, a livraria mergulhou num silêncio terrível. Asia esperava que as lentes dos óculos de Simon estivessem a refletir algum tipo de luz que lhe deixava os olhos a refulgir — e vermelhos.

Antes que ele se aproximasse demasiado, Asia deu início ao ataque verbal.

— Simon Wolfgard, és pior que uma doninha raivosa!

— Estavas onde não devias! — rugiu o Lobo.

— Olha, desculpa lá estar a tentar ser simpática! Só lá fui para me apresentar e dar as boas-vindas à tua nova empregada. Não percebi que ela estava *proibida* de ter uma simples conversa com *outro ser humano*. É mais do que óbvio que a coitada da miúda tem problemas. — Asia bateu com o dedo na fronte. Não era relevante se Simon entenderia o gesto; todos os seres humanos presentes na

livraria iriam reconhecê-lo e partiriam do princípio de que ele contratara alguém com problemas mentais. — E quando alguém se interessa por ela, *tu* só fazes é ameaças. Pela maneira como a tratas, não vou ficar admirada se ela um dia se escapulir a meio da noite e não voltar. Sabes o que tu és, Simon?

— Não — rosnou ele. — O que é que eu sou?

— Não passas de um fanfarrão com presas! Um ser humano tem de estar *desesperado* para trabalhar para alguém como tu!

— Tu dispuseste-te a trabalhar para mim... e a fazer ainda mais.

Asia sentiu o rosto a aquecer, mas conseguiu erguer o queixo.

— Isso foi antes de perceber que os Outros imitam os humanos para conseguirem o que querem. Mas vocês não fazem ideia do que um ser humano tem por dentro.

Simon arreganhou os dentes.

— Sabemos bem o que os seres humanos têm por dentro. Coisas saborosas. Sobretudo o coração e o fígado.

Asia sentiu os joelhos a quererem ceder e o coração aos saltos. A voz fraquejou-lhe, mas assumiu um tom baixo e digno quando disse: — Não tenho mais nada para te dizer.

Saiu da livraria. Chegada ao parque de estacionamento, correu até ao carro, segurou-se ao capô e vomitou.

O medo e o uísque não combinam, pensou, durante o regresso ao apartamento.

Ia tomar um duche quente, vestir roupa confortável e passar o resto do dia a ver os seus filmes preferidos.

Dali a uns dias regressaria à Ler e Uivar por Mais e veria se tinha oportunidade de passar algum tempo com a nova Intermediária.

Pelo menos conseguira uma coisa: se Meg Corbyn viesse a desaparecer por algum motivo, todos imaginariam que estava a fugir de Simon Wolfgard e ninguém se daria ao trabalho de a procurar.

Meg ia fungando e separando a correspondência. Não lhe restava grande dinheiro para voltar a fugir, pelo que teria de ficar por aquele trabalho até pelo menos receber o salário.

Ergueu o olhar quando a porta da sala das traseiras se abriu, mas não disse nada até que Tess se foi prostrar no outro lado da mesa.

— O Sr. Wolfgard esqueceu-se do café. — Olhou para Tess e depois voltou a concentrar-se na correspondência. Lembrava-se do verde no cabelo de Tess na véspera, mas não do vermelho. Seria a mudança da cor do cabelo uma espécie de passatempo? E a ser assim, porque implicava Simon com o cabelo *dela*?

Tess franziu os lábios enquanto observava o copo tapado.

— Na verdade, ele trouxe-to para ti.

Sobressaltada, Meg ergueu o olhar.

Tess assentiu.

— O que aconteceu, Meg? — perguntou, num tom gentil. — Estiveste a chorar, o Simon está furibundo e os Corvos disseram-me que a Asia saiu daqui a correr como se tivesse a alcateia toda

atrás dela.

— Eu estava a começar a separar o correio quando ela chegou e se apresentou. Disse-me que o Sr. Wolfgard lhe tinha prometido este emprego, mas que me contratou em vez dela. Por isso, ficou curiosa com o que eu podia fazer, além de assinar os recibos das encomendas.

— Explicaste-lhe?

— Disse que separava o correio do Pátio.

— Contaste-lhe alguma coisa sobre quem vive no Pátio? Referiste nomes?

Meg negou com a cabeça.

— Acho que é natural que as pessoas tenham curiosidade quanto a este sítio, mas oferecer-se para me ajudar a separar o correio pareceu-me excessivo. Mas há pessoas assim — acrescentou, na defensiva. — Extrovertidas e faladoras. O Harry, da Entregas Em Todo o Lado, também é falador, mas o Jester não disse que não devia falar com o Harry, e eu *disse* à Asia que tinha de voltar ao trabalho. Ela não se devia ter sentado no balcão e passado as pernas para o outro lado, mas as pessoas fazem isso quando querem conversar. Elas sentam-se na mobília e balançam as pernas. — Agora que já não estava tão assustada, Meg começava a zangar-se. — E depois o Sr. Wolfgard apareceu e ameaçou que mordida a perna da Asia. Por isso, ela fugiu e o mais certo é já não voltar.

— Queres que ela volte? — indagou Tess.

— Tenho perguntas — argumentou Meg. — Coisas que não lhe posso perguntar a *ele*.

Tess ergueu as sobrancelhas.

— O Simon é um Sr. Wolfgard e um ele? — Suspirou. — Que tipo de perguntas?

— Não vi qualquer sítio na Praça do Mercado onde lavar a roupa. Lavo as peças no lavatório da casa de banho ou... — Não queria pensar em ter de ir a uma lavandaria fora do Pátio.

Com uma expressão tão pensativa que assustava, Tess pegou no copo e entregou-o a Meg.

— Não vai estar quente, mas ainda deve estar morno. Já agora, não convém meter esse copo no forno.

— Está bem. — Obediente, Meg aceitou o copo, tirou a tampa e bebeu um gole de café.

— Quanto à roupa, há coisas que entregamos a um serviço de lavandaria: colchas, cortinados e... outras coisas em que não queremos mexer. Também temos uma máquina de lavar e uma de secar a moedas no Centro de Convívio que os funcionários podem usar. E cada complexo residencial dispõe de lavandaria própria.

— Há instruções que digam como usar as máquinas a moedas?

Imagem de formação. Uma lavandaria comercial, as paredes salpicadas de sangue e dois mortos no chão.

Meg arrepiou-se.

— Fazemos assim — sugeriu Tess. — Passo por aqui por volta das quatro e meia. A essa hora já passa tempo suficiente do horário de encerramento da estação para ainda termos carrinhas atrasadas pela neve a chegar. Vamos à loja de roupa e escolhemos aquilo de que precisas para te agatares mais uns dias. Depois levo-te à lavandaria do Complexo Verde. Já te entregaram o cartão da Praça do Mercado?

— O Jester deixou-o juntamente com o meu livre-trânsito, mas não me explicou para que servia.

— Tão típico — resmungou Tess. — Faz sempre só quanto baste para agitar as águas. Então é assim. Quem trabalha nas nossas lojas é pago em moeda humana e também recebe um crédito que pode ser rebatido em qualquer estabelecimento do Pátio. Portanto, embora o teu ordenado possa não parecer muito no que diz respeito ao dinheiro que recebes, também ficas com o dobro desse valor todas as semanas no cartão. No final de cada mês podes passar pelo nosso banco e levantar um extrato da quantia que te resta no cartão. — Como não tinha de pagar o apartamento, o salário era mais generoso do que pensara inicialmente. — Não finjo que compreendo os seres humanos — admitiu Tess. — A Associação Comercial decidiu abrir mais estabelecimentos aos clientes humanos em parte para que ambos os lados tivessem oportunidade de se conhecer melhor. Vou falar com o Simon para que deixe que a Asia Crane passe por cá para conversarem... mas é bom que percebam que o Simon a mata se lhe apanhar o cheiro onde não deve estar. Agora, se tiveres questões acerca do Pátio, podes falar comigo. Está bem assim?

— Sim. Obrigada.

Tess sorriu e viu as horas no relógio de parede.

— Bom, vou deixar-te voltar ao trabalho. Os póneis devem estar a chegar. Não te esqueças de aparecer à hora de almoço. O Trincadela oferece a refeição do meio-dia.

— Eu não me esqueço.

Esperou que Tess saísse, deixou o sinal de Volto Já em cima do balcão, trancou a porta Privada e foi lavar o rosto à casa de banho. Não podia fazer nada quanto aos olhos inchados, mas o pó também podia ter esse resultado, não era verdade? E aquele canto com os sacos de correspondência e os embrulhos mais antigos *estava* muito sujo.

Destrancou a porta Privada e guardou a placa por baixo do balcão no momento em que chegava mais uma carrinha de entregas.

Ao que parecia, ia ter a oportunidade de testar a desculpa do pó e confirmar se alguém acreditava.

— SIMON!

Ao ouvir a voz de Tess, Simon pulou sobre o balcão da caixa, uma reação instintiva gravada na essência da sua espécie. Quando ela entrou, vinda dos fundos da livraria, Simon percebeu o motivo para querer ficar com espaço para lutar.

Tess avançou para ele de cabelo completamente vermelho e aos canudos.

Não estava preto. Não estava da cor da morte, mas andava suficientemente perto.

Tess olhou em redor e a voz ribombou pela LUM.

— A Ler e Uivar por Mais encerrou por hoje. Quem ainda se encontrar na loja daqui a sessenta segundos nunca mais será visto.

Outros e seres humanos correram para a porta mais próxima, quer fosse a entrada da LUM ou a arcada de acesso ao Trincadela.

— Tess? — chamou Julia Hawkgard da arcada. — Também vamos fechar?

— Os clientes que se vão embora. Tu e a Merri Lee ficam para arrumar as coisas.

— Tu não, Wolfgard — sibilou Tess quando Simon se dirigiu à porta da rua para a trancar e virar o sinal para «Fechado».

Dirigiu-se à fêmea.

— Sou o líder deste Pátio. Vives aqui porque *eu* te convidei. Não te esqueças disso.

Apareceram-lhe madeixas pretas no cabelo vermelho.

— Se eu tenho de travar amizade com um macaco para limpar a porcaria que fizeste, então tu também vais fazer concessões — alertou Tess.

— Não tens de ser amiga de ninguém. — Simon não tinha a certeza de que ela *fosse* capaz de travar amizade com alguém e, apesar dos esforços envidados por ele e por Henry, continuavam sem saber que tipo de *terra indigene* era Tess. Mas sabiam que ela era capaz de matar. Pelo menos isso sabiam.

— Mas foi o que aconteceu. Pelo Pátio fiz-me amiga da tua Intermediária Humana. Agora é a tua vez.

— O que queres que eu faça? A Asia Crane estava a meter o nariz onde não devia e ela vai continuar a fazer isso.

Tess meneou a cabeça.

— Mesmo depois disto?

— Mesmo depois disto. E a Meg não tem força suficiente para se aguentar. — Mas tivera força suficiente para fugir de alguma coisa, ou de alguém, e revelara coragem ao pedir um emprego.

— Transformaste a Asia num fruto proibido — concluiu Tess.

— O quê?

— Já leste histórias humanas suficientes para saberes a atração do fruto proibido.

Pois já. E se Meg cheirasse a presa, tal como era suposto, Simon não teria reagido como se estivesse a proteger um dos seus. Teria obrigado Asia a afastar-se, disso não havia dúvida, mas tê-lo-ia feito da mesma forma que lidaria com um cliente da livraria que quisesse aceder a lugares privados. Assim sendo, o facto de não ter agido corretamente era culpa de Meg.

— Simon?

Percebeu o tom de alerta na voz de Tess.

— Não vou proibir a Asia de visitar a Meg, conquanto ela permaneça no lado certo do balcão.

— E eu vou falar com os meus empregados para que me ajudem a ser amiga da Intermediária — cedeu Tess.

— E vais ficar mais atenta à Asia?

— Também.

Ainda tinha o cabelo vermelho, mas as madeixas pretas haviam desaparecido e os caracóis suavizavam-se.

Como já não seria visto como uma fuga, Simon deu um passo atrás e olhou em volta.

— Não me apetece voltar a abrir a porta.

— Hoje também já não vem ninguém — constatou Tess. — Mas amanhã, o medo já se dissipou o suficiente. — Sorriu. — Ouvi o John comentar que tinhas recebido uma encomenda de livros de terror.

— Romances de horror. — Foi a vez de Simon sorrir. — Incluindo duas caixas de autores *terra indigene* que normalmente não ponho ao dispor dos clientes humanos.

— Talvez devesse montar um expositor e pô-los à venda amanhã. Imagino que estejamos cheios.

— Se tivéssemos comido um dos clientes antes de terem saído todos, podíamos triplicar as vendas.

Tess riu-se.

— Talvez para a próxima.

Simon suspirou.

— Preciso de um dia fora desta pele.

— E eu preciso de algumas horas de solidão. Até amanhã, Wolfgard.

— Adeus. — Inclinou a cabeça na direção do Trincadela. — E quanto ao teu estabelecimento?

— A Julia e a Merri Lee arrumam tudo e fecham o café. Vou dizer-lhes para levarem alguma coisa à Meg antes de se irem embora.

Simon decidiu contentar-se com isso. Pegou nas chaves e trancou a porta da rua da LUM. Passou pelo gabinete e demorou-se o suficiente para ligar a Vlad e o informar de que a livraria estava fechada e também para sugerir um expositor de livros de horror por autores *terra indigene*. Depois apagou as luzes enquanto atravessava o edifício, vestiu o sobretudo ao chegar ao armazém e saiu, trancando a porta das traseiras.

Não queria estar naquela pele. Queria envergar o corpo de um Lobo, mas ia permanecer na forma humana até levar Sam, o filho de Daphne, à rua para uns minutos de ar fresco — o máximo que a cria tolerava desde a noite em que Daphne fora abatida. Assim que voltasse a deixar o jovem em casa, poderia transformar-se e correr sozinho durante algumas horas.

Dirigiu-se então ao Complexo Verde, esperando que uma caminhada num dia frio lhe congelasse parte da fúria e da frustração — e voltando a desejar encontrar algo que quebrasse o medo que mantinha Sam preso a uma única forma.

Meg tinha o blusão vestido e a taça de cenouras em cima da mesa do correio quando os póneis relincharam. Abriu a porta exterior da sala de separação e sorriu às expressões carrancudas.

— Bom-dia — cumprimentou, esperando que eles não fossem capazes de reconhecer uma boa disposição forçada. — Já que andamos todos a esforçar-nos por distribuir o correio pelo Pátio, trouxe-nos uma guloseima. Deixem-me encher os alforges e já lhes mostro o que tenho aqui.

Talvez eles não estejam carrancudos, pensou Meg enquanto enchia os espaços nos alforges de Trovão. *Talvez a cara dos póneis seja mesmo assim.*

Quando Trovão se afastou, Meg fez menção de lhe recordar que tinha uma guloseima para todos, sentindo-se desiludida por o pónei se estar a ir embora antes de ela ter oportunidade de travar amizade. No entanto, o pónei limitou-se a contornar o espaço até ficar atrás de Nevoeiro para voltar a ser o primeiro mais uma vez.

Meg fez-se acompanhar da taça quando regressou com o derradeiro molho de correspondência para o Complexo Verde — o destino de Nevoeiro naquele dia.

Ao que parecia, os póneis *tinham* mais do que uma expressão. Quando ofereceu dois pedaços de cenoura a Trovão, este aceitou o primeiro à cautela e o segundo com sofreguidão. Afastou-se a trote de cabeça a abanar, enquanto os outros se empurravam para chegar à taça.

— Esperem pela vossa vez — ordenou Meg. — Trouxe que chegue para todos.

Os póneis acalmaram-se e aguardaram pelas guloseimas, parecendo tão interessados nela como nas cenouras. Quando Nevoeiro se afastou, Meg fechou a porta e sentiu que nesse dia houvera qualquer coisa que finalmente correria bem. Pousou a taça na mesa para ir petiscando o resto das cenouras enquanto trabalhava e foi à casa de banho limpar as mãos das lascas de cenoura e da baba de pónei — e trocar o penso do dedo por um novo.

Enquanto Kowalski conduzia Avenida Crowfield abaixo, Monty reparou no sinal de «Fechado» na porta da Ler e Uivar por Mais. — Encosta aqui — pediu. Observou o sinal e depois olhou para o seu equivalente no Trincadela. — É habitual fecharem as portas quando a maior parte dos outros estabelecimentos está aberta?

— Não, não é — replicou Kowalski. — Os Outros podem ser caprichosos com os horários de expediente, e às vezes os estabelecimentos estão encerrados aos humanos, para que os *terra indigene* possam fazer compras sem nos terem por perto. Mas quando isso acontece, costuma haver uma placa a dizer «Só Residentes» na porta, as luzes estão acesas e vemos pessoas nas lojas.

— Quer dizer que seja o que for que levou a isto, não pode ser bom.

— Não, tenente, não pode ser bom.

Monty abriu a porta do seu lado do carro.

— Estou a ver movimento no Trincadela. Espera aqui.

Monty saiu do carro, dirigiu-se à porta e bateu com força suficiente para se certificar de que as duas mulheres no interior do café não o ignoravam.

A morena correu até à porta e apontou para a placa, ao que Monty respondeu exibindo a identificação.

A mulher destrancou a fechadura, abriu a porta e informou: — Estamos fechados.

— Posso ajudar em alguma coisa? — indagou Monty, a voz com um tom calmo e cortês.

A rapariga abanou a cabeça e fez menção de fechar a porta, acabando por ser interrompida pela outra mulher, que lhe disse: — Deixa-o entrar, Merri Lee. Ele pode levar deste café e desta comida. É polícia. A Tess disse que temos de ser educadas com ele.

Merri Lee abriu a porta para que Monty entrasse, após o que voltou a trancá-la.

— Desculpa — lamentou-se, mantendo o tom de voz baixo. — Houve uma... perturbação... há pouco, e é melhor que hoje não haja humanos por aqui.

— Então e você? — perguntou Monty.

— A Julia é uma Hawkgard, por isso não faz mal. — Ergueu a voz para um volume normal e dirigiu-se à mulher que servia café para dois grandes copos para levar. — Tenho de levar a comida à Meg.

— Já separei as coisas para ela — retorquiu Julia. — Para ti também. E para mim. Tens onde levar?

Monty precisou de uns instantes para se aperceber de que a pergunta lhe fora dirigida.

— Não, ‘nha senhora, não tenho.

— Normalmente vendemos os sacos, mas como és da polícia, vou dar-te um — informou Julia.

O saco de tecido grosso tinha dois compartimentos com fundos rígidos adequados aos copos para levar, a par de um espaço com fecho de correr onde se podia guardar sanduíches ou recipientes de comida. Até havia uma secção para os talheres. Monty observou-a a encher o saco com sanduíches e folhados. Parecia que estavam a retirar tudo o que fora confeccionado para ser vendido nesse dia e não podia ser guardado para o dia seguinte.

— O que aconteceu? — quis Monty saber.

— A Jenni disse que o Simon perturbou a Meg e a fez chorar — respondeu Julia. — Depois, aquela Asia foi à Ler e Uivar por Mais e gritou com o Simon, e depois a Tess e o Simon gritaram um com o outro por causa do que aconteceu com a Meg. Foi então que fecharam as lojas. Não é seguro quando o Simon e a Tess gritam um com o outro.

— A Menina Corbyn está bem?

Merri Lee assentiu.

— Está só perturbada. — Observou Julia a fechar o saco e acrescentou: — É melhor ires-te embora.

Preocupação a par de um aviso. O que acontecera ali não fora inédito. Os humanos — e os Outros — sabiam como agir nessas circunstâncias.

E esperavam sobreviver?

Não havia nada que pudesse fazer, pelo que Monty aceitou o saco e a comida com um agradecimento caloroso e entregou um dos seus cartões de visita a Merri Lee quando esta o acompanhou à porta.

— Tenente? — disse Kowalski quando Monty entrou no carro.

— Para ali no parque de estacionamento deles. Preciso de uns minutos para pensar enquanto comemos alguma coisa.

Assim que Kowalski estacionou, Monty entregou-lhe café e comida.

Sendo humana, Merri Lee talvez não comentasse a presença dele no café, mas Julia Hawkgard informaria alguém. Assim sendo, ele não poderia ir falar com Meg Corbyn para se certificar de que ela estava apenas perturbada, mas havia outras formas de confirmar coisas que oficialmente não lhe diziam respeito.

Disse para consigo que devia contentar-se com isso e desfrutou da refeição inesperada.

Alguém bateu com força à porta das traseiras da estação, voltando a bater antes que Meg lá chegasse.

— Olá — cumprimentou a mulher quando Meg abriu a porta. — Sou a Merri Lee. Posso entrar um bocadinho para não perderes o calor todo?

Meg chegou-se para o lado, ainda irritada com a reação de Simon com Asia — e sentindo-se um tudo-nada contestatária porque *aquela* mulher tinha um livre-trânsito que lhe permitia estar naquela parte do Pátio.

— Trouxe-te a refeição do meio-dia — anunciou Merri Lee ao entrar. — As coisas hoje estão complicadas, por isso... Uau. — Arregalou os olhos ao mirar o que a rodeava. — A outra sala está mais limpa?

— Um pouco. Não muito. — Meg também olhou à sua volta. — Está muito suja, não está? — Era o

que ela pensava, mas não tinha a certeza de que outros humanos teriam a mesma opinião.

— Toma. — Merri Lee entregou-lhe o saco. — Olha. Só o Intermediário e os *terra indigene* é que podem estar nesta estação, mas eu cá não voltava a trabalhar aqui até estar limpa.

— Há muita correspondência que tem de ser separada — lamentou-se Meg.

— E vais ter de fazer isso — concordou Merri Lee. — Mas o Trincadela está fechado por hoje, por isso podia empregar as minhas horas de serviço e ajudar-te a limpar pelo menos esta sala.

— Se não podes aqui estar, vais arranjar problemas. — A simpatia de Merri Lee tinha um quê de naturalidade, pelo que Meg não queria que ela saísse magoada.

— Não me acontece nada se pedir autorização a um elemento da Associação Comercial. — Merri Lee pareceu ficar nervosa. — Não posso pedir ao Simon, nem à Tess, e preferia não falar com o Vlad, nem com a Nyx. — A expressão aliviou-se-lhe. — Mas posso pedir ao Henry, se ele estiver a trabalhar no estúdio. Tens aqui material de limpeza?

— Não encontrei nada.

— Nem sequer para a sanita?

Meg abanou a cabeça.

— Meus deuses. Bem, eu vou buscar material depois de falar com o Henry. — Reparou nas mãos de Meg. — O que te aconteceu ao dedo?

— Estava a cortar cenouras para os póneis — replicou Meg. — E descuidei-me. Não é fundo.

Merri Lee aquiesceu.

— Vou buscar luvas para te proteger as mãos. Se os detergentes te chegarem ao corte, vai arder. — Apresentou outro saco. — Esta é a minha comida. Podes guardá-la até eu voltar? — Ofereceu um sorriso e um aceno a Meg e saiu a correr.

Meg pousou os sacos na mesa de separação. Sentia-se desconfortável por estar a mentir a alguém tão gentil. Não sabia que uma mentira podia ter um peso físico, mas só se não tivesse alternativa é que contaria a verdade sobre o golpe e sobre as profecias.

Decidida, abriu o compartimento com a sua comida.

Antes de ter oportunidade de retirar uma sanduíche, apercebeu-se de uma coisa pequena e castanha a correr pelo soalho, na direção do monte de encomendas que ainda tinham de ser separadas.

Quando, minutos depois, Merri Lee regressou com Henry Beargard e duas fêmeas, Meg estava ajoelhada em cima da mesa de separação, a fitar o canto da sala.

Merri Lee deteve-se à soleira da porta e pareceu pronta a fugir. Henry e as fêmeas entraram na sala de separação.

Meg apontou com o dedo a tremer.

— Está uma coisa escondida naquele canto.

Henry acercou-se silenciosamente do canto e cheirou o ar.

— Rato.

— Ai, deuses — exclamou Merri Lee.

— São mais fáceis de apanhar se deixarmos comida no meio do chão — sugeriu a mulher de cabelo castanho.

— E porque se haveria de fazer isso? — indagou Meg.

— Lanche fresco — retorquiu alegremente a mulher de cabelo preto.

— Ai, deuses — repetiu Merri Lee, antes de levar a mão à boca. Meg limitou-se a fitar o canto.

Henry observou Merri Lee e depois Meg.

— Os seres humanos não gostam de ratos?

— Dentro de casa, não! — asseverou Meg.

— Nem ao pé de comida — acrescentou Merri Lee.

Os três *terra indigene* pareciam confusos.

— Mas é carne fresca — acabou por dizer a fêmea de cabelo castanho.

— Os humanos não comem ratos — explicou Merri Lee. — Nem ratazanas. Não comemos.

Silêncio.

Por fim, Henry suspirou — um som profundo e potente.

— Vamos adiar outro trabalho que tenhamos hoje e deixar este sítio limpo à medida dos humanos para a Intermediária. — Apontou para Merri Lee. — Vais mostrar-nos como se faz.

— Vou à Praça do Mercado buscar o que é preciso para deixarmos estas salas a brilhar — afirmou Merri Lee.

A mulher de cabelo preto crocitou.

— Podes deixar as coisas a brilhar?

— Por assim dizer.

A Corvo acompanhou Merri Lee, enquanto Henry começava a revirar os sacos de correspondência e as caixas empilhadas ao canto da sala de separação.

A mulher de cabelo castanho era uma Coruja chamada Allison. Ficou bastante satisfeita por ter apanhado dois ratos — e não muito contente quando Henry a obrigou a sair para os comer.

Quando cinco pessoas se dedicavam à limpeza de três divisões — sendo um dos indivíduos um homem forte como um urso —, o trabalho avançava rapidamente, mesmo com Allison a fazer outras duas pausas para devorar ratos. Alguns dos embrulhos nesse canto tinham sido mordiscados; outros estavam esmagados. Meg reparou na quantidade de encomendas endereçadas a residentes das Câmaras, o que a levou a interrogar-se quanto ao que seriam os Sanguinati, para que os anteriores Intermediários não lhes entregassem correspondência.

Por outro lado, Jester dissera que os anteriores Intermediários não haviam sido encorajados a fazer entregas no Pátio. Claro que era preciso fazer alguma coisa para que as encomendas chegassem às pessoas que as aguardavam.

Meg apresentara várias desculpas para não comer enquanto trabalhavam — sobretudo havendo a possibilidade de encontrarem mais um rato. Como Merri Lee também ia apresentando as suas próprias desculpas, os Outros aceitaram como normal esse comportamento bizarro.

Finalmente, todas as encomendas mais antigas foram empilhadas num dos carrinhos; os balcões, as mesas, os armários e os soalhos foram lavados; o forno e o frigorífico foram limpos; e a casa de banho já não a repugnava quando usava a sanita. Allison regressou ao Complexo do Clã das Corujas para dar conta da estranha aversão humana aos ratos. Crystal Crowgard correu para a Brilhantes e Tralhas com trapos e um vaporizador de detergente que deixaria todos os balcões a brilhar.

Henry apontou para Meg.

— As salas estão limpas. Agora vais comer. — Apontou para Merri Lee. — Podes acompanhá-la na sala das traseiras.

Meg olhou para o relógio na parede da sala de separação.

— São quase duas horas. Tenho de receber as entregas.

— Vais comer — insistiu Henry. — Eu tomo conta do balcão até acabares.

Meg dirigiu-se à sala das traseiras e franziu o cenho ao ver a pequena mesa redonda e duas cadeiras.

— Isto não estava aqui hoje de manhã.

— Pois não — admitiu Merri Lee, enquanto tirava comida do frigorífico. — Mas eu disse ao Henry que seria mais agradável ter um lugar onde comer quando não quisesse sair durante as folgas e ele foi buscá-las não sei onde. — Olhou à sua volta e assentiu. — Está muito melhor.

— Mesmo — concordou Meg. — Obrigada.

Não falaram muito. Talvez estivessem ambas demasiado esfomeadas para se concentrarem em algo que não comida. Talvez tivessem ficado a saber o suficiente sobre cada uma por agora. Qualquer que fosse o motivo, Merri Lee saiu assim que se sentiu satisfeita.

Meg guardou o resto da comida e depois dirigiu-se à sala da frente a tempo de receber os dois entregadores que haviam olhado para Henry e estavam a recuar.

Depois de os homens terem entregado as encomendas a Meg e partido, Henry assentiu, como se estivesse satisfeito com alguma coisa.

— Não atendo o telefone quando estou a trabalhar com a madeira — disse-lhe ele. — Mas se precisares de mim, diz aos Corvos e eu venho ter contigo.

— Obrigada pela ajuda de hoje — agradeceu Meg.

Henry saiu sem dizer mais nada.

Meg dedicou o resto do dia de trabalho à separação da correspondência, mas não deixou de relancear as encomendas antigas. No dia seguinte, faria qualquer coisa quanto a elas.

Estava prestes a dar o dia por encerrado quando um carro-patrolha entrou na zona de entregas.

Ele encontrou-me, pensou, de coração aos saltos. *O Controlador encontrou-me. É por isso que a polícia aqui está.*

Nunca vira aqueles homens, mas eles pareciam saber alguma coisa acerca dos Outros, pois saíram os dois do carro, tiraram os chapéus e olharam diretamente para os Corvos antes de entrarem na estação.

— ‘Nha senhora — cumprimentou um deles quando chegaram ao balcão. — Sou o agente Michael Debany. Este é Lawrence MacDonald, o meu parceiro. Trabalhamos com o tenente Montgomery e queríamos apresentar-nos e dizer que estamos à sua disposição, caso precise de assistência.

Enquanto conversavam e o agente Debany voltou a referir que prestariam o seu apoio caso necessário, Meg apercebeu-se de que estavam à procura de quaisquer informações sobre o que acontecera naquela manhã e que levava ao encerramento da Ler e Uivar por Mais e do Trincadela, mas acima de tudo procuravam saber se ela fora magoada mas estava com demasiado receio de sair dali.

Não iria com eles, nem que precisasse de ajuda, mas sentiu-se melhor por saber que havia ajuda

disponível para os outros seres humanos que trabalhavam para os *terra indigene*.

Quando os policiais saíram, Meg trancou a porta da frente e continuou a separar correspondência até que Tess chegou para a ajudar com a compra de roupas e com a lavanderia. A experiência revelou-se mais agradável do que ela esperara.

A única coisa que maculou o serão foi quando olhou pela janela do seu apartamento antes de se deitar e avistou um homem do outro lado da rua, a observá-la.

No dia seguinte apareceram oito póneis, em busca de correspondência e de cenouras. Meg encheu-lhes os alforjes, distribuiu guloseimas e suspirou de alívio por ter pedaços suficientes de cenoura para todos. Não tinha a certeza se eles sabiam contar e ficariam a saber se o último pónei recebesse apenas um pedaço em vez de dois, mas não estava disposta a correr esse risco.

Despediu-se com um aceno quando eles se afastaram a trote, depois fechou a porta, lavou as mãos e regressou à separação de correspondência. Ao que parecia, o Dia da Água não era altura de grandes entregas por parte das empresas humanas, mas o número de camiões com o símbolo dos nativos da terra mais do que compensava essa redução de movimento. Mas eles não paravam na estação de Meg; prosseguiram pelo caminho de acesso entre a Estação do Intermediário e o consulado, até à zona de entregas da Praça do Mercado.

Segundo Merri Lee, o Pátio de Lakeside servia de entreposto para os *terra indigene* que pretendiam desfrutar de bens humanos sem terem de lidar diretamente com seres humanos.

Chegava ao Pátio carne, laticínios e produtos agrícolas das quintas geridas pelos Outros; saíam de lá roupas, livros, filmes e outros produtos que lhes interessassem.

Meg olhou para algumas das encomendas mais antigas. As etiquetas diziam AO CUIDADO DO PÁTIO DE LAKESIDE. Deviam seguir para as colónias de *terra indigene* a par das outras mercadorias? Não queria incomodar Henry, que regra geral também não se dava ao trabalho de atender o telefone. E, garantidamente, não queria chamar o Lobo mau. Mas tinha de perguntar a alguém, pelo que ligou para a livraria e escutou o sinal de chamada.

— Se calhar foi atropelado por uma árvore — resmungou, enquanto imaginava um tronco a rolar por uma encosta abaixo e a esmagar um certo Lobo. Era algo que acontecera em alguns dos vídeos a que assistira, pelo que *podia* acontecer. Não podia? Pensar nisso animou-a, por isso voltou a imaginá-lo, trocando o tronco por um rolo da massa que alisava o Lobo, qual massa de tarte peluda.

— Ler e Uivar por Mais — disse uma voz masculina que não era a *dele*.

Precisou de um instante para organizar as ideias.

— Fala Meg Corbyn.

— Queres falar com o Simon?

— Não.

— Ah.

Tentou pensar numa pergunta a que qualquer um que se encontrasse na livraria fosse capaz de responder, para que pudesse desligar antes que alguém lhe dissesse que ela telefonara. Depois olhou para as encomendas.

Rememória. Uma mulher fechada numa caixa — uma surpresa a ser entregue como presente especial.

Mas ninguém sabia o que estava na caixa, e ninguém reconheceu a urgência de a encontrar quando a caixa não foi entregue tal como prometido.

As raparigas podiam não recordar uma profecia na altura em que diziam as palavras, mas as

imagens não se perdiam. Eram absorvidas, tal como as imagens da formação, associando algo recordado a algo presente. Jean chamava a essas imagens memórias, pois eram mais do que imagens de formação, mas menos do que recordações pessoais.

Não havia qualquer mulher nas encomendas deixadas na sala de separação, nem se perdera uma vida naquelas pequenas caixas. Mas cada um dos embrulhos estava maculado pela desilusão.

— Será que alguém me pode dizer se alguma das encomendas que tenho na estação deve sair nos camiões dos nativos da terra a par das outras entregas?

Uma pausa.

— Alguém que não seja o Simon? — perguntou a voz, à cautela.

— Sim.

As vozes foram abafadas pela mão que tapou o auscultador, mas, não obstante, Meg conseguia distinguir a emoção nessas vozes e interrogou-se até que ponto estaria a levantar problemas a quem estava a trabalhar na LUM naquele dia.

O silêncio que se seguiu foi tão profundo que Meg receou que a chamada tivesse caído. Depois a voz regressou e disse: — O Vlad já aí vai ver.

— Obrigada.

Meg desligou e voltou à separação. Não sabia se Vlad seria melhor do que *ele*, mas Vlad, pelo menos, não tinha gritado com ela. Ainda.

Encostado à ombreira da porta do gabinete, Vlad ofereceu a Simon um sorriso que fez os caninos do Lobo alongarem-se e as unhas transformarem-se em garras duras.

— Vou à Estação do Intermediário — anunciou Vlad alegremente.

— Porquê? — rosnou Simon.

— Porque parece que a Meg sabe bem guardar rancor e não quer falar *contigo*. E deves achar que ela tem boa razão para esse rancor. Se não julgasses que tens de compensar qualquer coisa, não passavas a manhã a tratar de papelada de que não gostas.

— Não tenho de compensar nada!

— Ontem agitaste bem as coisas.

— *Ela* é que agitou as coisas.

— Podes contar a versão que quiseses da história — comentou Vlad, desencostando-se da ombreira. — Isso não vai mudar nada.

— Vai ver se estou à esquina.

— Hoje estás muito rezingão. Preferia...

Simon pôs-se de pé de um salto.

Vlad fitou Simon e depois levantou as mãos.

— Vou até lá responder-lhe a questões a pedido dela... mais nada. Dou-te a minha palavra, Wolfgard.

Era uma tolice discutir com um amigo, pois sabia que Vlad estava a provocá-lo devido ao seu comportamento na véspera, e era simplesmente de loucos brigar com um Sanguinati. Contudo, foi preciso um esforço profundo para aceitar a palavra de Vlad.

Simon obrigou-se a assumir por completo a forma humana, depois sentou-se e pegou numa caneta, como se tudo estivesse sanado.

— Se tiveres de provar alguém, faz-nos um favor a todos e morde a Asia Crane.

Vlad riu-se.

— Agora estás a ser mau.

Com base nas imagens que estudara como parte do treino de identificação, Vlad seria considerado o estranho alto e moreno, a emoção arriscada.

Aquela criatura assustava-a. Os seus movimentos eram mais sinuosos do que os dos restantes nativos da terra que ela vira. A *esses* só faltava anunciarem que eram predadores. No caso de Vlad, Meg imaginava que os humanos só se apercebiam do perigo quando já era demasiado tarde.

Não obstante, o Sanguinati mostrou-se cortês e não a fez sentir-se abafada enquanto verificava as etiquetas nas caixas que ela separara, concordando que deveriam seguir com os camiões que entregavam produtos a outros *terra indigene*.

Telefonou a Jester, a quem pediu um pônei e um trenó para transportar as encomendas, e explicou a Meg, enquanto aguardavam, que os condutores saberiam que encomendas deveriam seguir em que veículo.

Jester chegou com um pônei chamado Furacão, e ele e Vlad carregaram o pequeno trenó com as caixas. Depois, Furacão puxou o trenó até ao local onde os camiões estavam estacionados.

— Se não precisares de mais nada, tenho de voltar à livraria — disse Vlad com um sorriso. — Hoje, o Simon está a tratar de papelada, por isso é melhor para os clientes que seja outra pessoa a atendê-los. — Ao afastar-se, acrescentou: — Mas imagino que por volta da hora do almoço o Wolfgard esteja a precisar de uma folga e de um pouco de ar fresco.

O que significava que o Lobo talvez ali fosse meter o nariz e encontrar mais alguma coisa que ela tivesse feito mal — pelo menos segundo os caprichos de Simon Wolfgard.

— O que vais fazer com estas encomendas? — perguntou Jester, olhando para as caixas que ainda estavam no carrinho. — Queres que diga ao Furacão que as venha buscar?

— Não — asseverou Meg rapidamente. — Estava a pensar em usar o Cairo para as entregar em mão. O Jester disse que eu o podia fazer.

— Pois disse. — O brilho divertido nos olhos do *terra indigene* deixava bem óbvio que ele sabia o motivo para Meg não querer estar por ali à hora de almoço. — Já desligaste o cordão de energia do Cairo?

Meg abanou a cabeça. Era mais uma das coisas que ainda não experimentara.

— Então desta vez eu faço isso e trago-o para aqui.

— Será que posso levar o mapa comigo até me ambientar?

Agora não se vislumbrava divertimento.

— É bom que não o percas.

Nem o dês a mais ninguém.

— Eu tenho cuidado.

Os olhos de Jester encheram-se de um divertimento diferente. Cortante, quase predatório.

— E se eu te fosse buscar outra cópia ao Três P? Fica já ali à frente. O Lorne é humano mas, mesmo assim, é de confiança. — O sorriso de Jester deixou bem claro a Meg que nem todos os seres humanos que já haviam trabalhado para os Outros eram de confiança. — Os Três P correspondem a Posta, Prelo e Papel. O Lorne vende diferentes tipos de artigos de papelaria, bem como os selos necessários para enviar coisas para fora do Pátio. E imprime a *newsletter* semanal do Pátio.

— Têm uma *newsletter*? — A surpresa levou-a a deixar escapar as palavras.

— É claro que temos uma *newsletter*. Se assim não fosse, como saber quais os filmes que vão passar nas salas de convívio de cada complexo residencial? Como é que sabíamos dos livros novos que chegaram e que estão disponíveis na biblioteca? — Jester pressionou a mão contra o peito. — Como é que podíamos aprender com a coluna da D. Sabe-tudo, «A Etiqueta dos Outros»?

— Uma coluna de conselhos? — Meg continuou a fitá-lo. — Estás a brincar.

— Não se brinca com a D. Sabe-tudo — retorquiu Jester. Depois pegou no mapa e foi-se embora.

Meg ali ficou, tentando avaliar as palavras e a mudança de atitude de Jester quando ela perguntara se podia levar o mapa. Fora ele quem lhe apresentara o mapa e a alertara para ter cuidado. Agora dizia-lhe onde fazer cópias e que podia comprar selos para enviar cartas para pessoas fora do Pátio. Estaria a *tentar* metê-la em sarilhos?

É um teste, pensou Meg. Talvez muitas outras pessoas já tivessem visto o mapa. Talvez não fosse um segredo assim tão grande como lhe tentara fazer crer. Talvez fosse a maneira de os Outros decidirem se podiam confiar num humano específico. *E talvez os seres humanos que não passam no teste nunca mais sejam vistos. Tenho a certeza que vou morrer neste Pátio. Será por causa do mapa ou porque não vou passar num outro teste qualquer?*

Minutos depois, Meg ouviu o *bip bip* da buzina do Cairo. Esquecendo quaisquer testes, Meg vestiu o blusão, abriu a porta de entregas da sala de separação e começou a carregar a traseira do veículo.

O Cairo era realmente uma caixa sobre rodas. Tinha dois lugares à frente e o resto — o pouco que havia — era uma zona de carga.

Havia muito espaço para um Lobo lá atrás, indicou-lhe Jester depois de deixar uma cópia do mapa no banco do passageiro e de devolver o original à sala de separação. Como se ela precisasse de um Lobo a respirar-lhe no pescoço enquanto conduzia — ou enquanto fizesse outra coisa qualquer.

Julgariam que se continuassem a referir Simon, ela se esqueceria de como ele fora *assustador* na véspera? Talvez os Outros não retivessem o medo, mas isso era algo que garantidamente acontecia com os seres humanos.

Até mesmo os humanos como ela.

Pouco passava do meio-dia quando Meg fechou a estação e entrou para o Cairo, certificando-se de que tinha o livre-trânsito no bolso lateral da bolsa nova, um lugar de fácil acesso.

Baixou o vidro quando Jester lá bateu.

— Estás pronta? — perguntou ele.

— Estou pronta. — Esperava soar confiante. Queria muito que ele se fosse embora antes de arrancar com o Cairo.

— Vou dizer à Tess que passas por lá mais tarde para tomares a tua refeição.

Meg interrogou-se quanto ao que mais ele contaria a Tess, mas conseguiu sorrir e agradecer: —

Obrigada.

Meg não fez menção de engrenar a mudança e a expressão divertida voltou aos olhos do Coiote. Depois afastou-se.

Meg recordou as imagens de treino sobre o interior de veículos, e encontrou as luzes e o limpaparabrisas. Encontrou onde se controlava o aquecimento. Mais ou menos confiante de que tudo correria bem — conquanto não precisasse de fazer mais nada além de seguir em frente —, Meg deu início à viagem para fazer as suas primeiras entregas.

Passados uns minutos de condução tensa numa estrada que fora mais ou menos limpa, Meg começou a interrogar-se se o pónei e o trenó não teriam sido uma melhor opção. O pónei não se sentiria inclinado a sair da estrada. Não que o Cairo não fosse um veículo robusto. O motor roncou enquanto subia uma elevação, esforçando-se por conseguir a tração necessária para chegar à extensão seguinte de terreno plano.

Pelo que percebia do mapa, encontrava-se na estrada principal que contornava todo o Pátio, o que implicava que estaria bastante limpa. Desde que não se afastasse dela, tudo correria bem. Além disso, pensar em regressar e dar de caras com Simon era motivo mais do que suficiente para seguir em frente. Isso e não saber como fazer marcha-atrás.

Não era culpa sua que nunca tivesse conduzido na neve — nem em qualquer outro piso. A vida estéril e confinada levava a que as raparigas não dispusessem de outros estímulos além das imagens, dos sons e restantes auxiliares visuais nas aulas, e aquilo que era usado como referência para as profecias podia ser confirmado, pois supostamente todas as raparigas viam e ouviam a mesma coisa. E os Nomes Ambulantes haviam comprovado que esse tipo de vida levava a que as raparigas aceitassem melhor qualquer tipo de estímulo real, pois estavam esfaimadas por sensações.

Poderiam os cortes ser tão atraentes se dispusessem de outras formas de sentir prazer, de outras sensações?

Mas essa vida estéril pertencia ao passado. Naquele momento estava a ganhar experiência a conduzir na neve, e desde que não fosse bater noutro veículo nem acabasse numa valeta, o Lobo não tinha motivos para a criticar.

A estrada bifurcou-se. O caminho da esquerda dirigia-se ao Complexo do Clã das Corujas e ao Estábulo dos Pôneis. O da direita era a estrada principal e nela erguia-se um sinal que dizia, OS TRANSGRESSORES SERÃO COMIDOS.

Meg engoliu em seco e prosseguiu pela estrada principal, passando à frente do Complexo Verde. Passou depois pelo Bosque das Cinzas e pelo Complexo de Serviços. Chegou finalmente às grades pretas ornamentadas que limitavam as Câmaras, a parte do Pátio reservada aos Sanguinati.

Tentou invocar alguma memória sobre esse nome; tinha a certeza que sabia alguma coisa acerca deles, mesmo tendo as raparigas aprendido muito pouco sobre os Outros. No entanto, o aviso de Jester enquanto ela carregava o Cairo fora bastante claro.

A cerca em torno das Câmaras não é decorativa, Meg. É uma fronteira. Não se abre um portão nem se entra no território dos Sanguinati seja por que motivo for. Quem entra sem o consentimento deles não volta a sair — e não me lembro de eles alguma vez o terem consentido.

O que mais a incomodava nessas palavras era a certeza de que elas se aplicavam tanto aos

restantes *terra indigene*, como aos humanos.

No entanto, Meg não precisou de quebrar as regras para entregar as encomendas. Quando chegou ao primeiro edifício de mármore branco posicionado no centro do terreno vedado, viu nove caixas metálicas no exterior da grade, caixas essas pintadas de preto e presas a uma base de pedra. Não tinham números individuais, pelo que deveriam ser usadas por todos os residentes do... Aquilo seria um mausoléu? Parecia muito pequeno, caso a mancha de nomes com aquela morada específica vivesse mesmo ali dentro.

Abriu a porta da primeira caixa, que tinha espaço suficiente para revistas e outra correspondência de dimensões semelhantes. Outra das caixas era mais larga e as encomendas que Meg trazia consigo cabiam na perfeição. Deixou embrulhos em mais três caixas, depois voltou a entrar para o Cairo e dirigiu-se à construção seguinte.

Quatro encomendas para os residentes daquela parte das Câmaras. Dessa vez, reparou na fuligem em torno do mausoléu quando estava a fechar a porta da última caixa. Ou seria fumo? Estaria alguma coisa a arder lá dentro?

Esticou-se para o interior do Cairo e procurou o telefone móvel que Tess lhe conseguira. Meg gravara de imediato os números de contacto de Simon, de Tess e do consulado. Mas a quem ligar para informar de um incêndio? Como seria que o Pátio lidava com as emergências?

Depois, com uma mudança de direção deliberada, o fumo afastou-se da estrutura — a caminho dela.

Meg deixou de procurar o telefone, entrou no Cairo e dirigiu-se à zona vedada seguinte.

Aquele mausoléu não parecia diferente dos outros dois, salvo pela construção mais pequena que se erguia junto à vedação a separar as duas estruturas. O carreiro de acesso a partir do portão até à porta de madeira entalhada, bem como o degrau de mármore, estavam limpos de neve.

Havia fumo a pairar junto à cerca.

Jester não dissera que ela se magoaria caso se encontrasse daquele lado da cerca. Alertara apenas que era certo que seria magoada caso entrasse na zona vedada.

Talvez ficassem gratos por alguém finalmente lhes estar a entregar as encomendas?

Meg enfiou o livre-trânsito no bolso do blusão, saiu do Cairo, levantou a porta traseira, tirou as encomendas e encheu algumas das caixas.

Depois pegou numa encomenda para o Sr. Erebus Sanguinati. Era um dos embrulhos mais ao fundo do canto da sala de separação, pelo que já ali estaria havia semanas, talvez até meses.

A encomenda não era pesada, mas era um quadrado, e não um retângulo, o que a tornava demasiado alta para caber nas caixas metálicas. Meg mordeu o lábio, interrogando-se quanto ao que fazer.

— Algum problema?

Meg deu um passo atrás. Não vira ninguém a aproximar-se, não ouvira nada, mas agora, junto à grade que separava os dois mausoléus, tinha uma bela mulher de olhos pretos e cabelo negro que lhe chegava à cintura do vestido de veludo também preto.

— Tenho uma encomenda para o Sr. Erebus Sanguinati, mas ela não cabe nas caixas.

— És a nova Intermediária?

— Sim. Sou Meg Corbyn.

A mulher não disse o nome. Em vez disso olhou para o mausoléu maior — cuja porta estava agora entreaberta o suficiente para que alguém espreitasse.

— Podias deixar um aviso a dizer que está uma encomenda na Estação do Intermediário — aventou a mulher.

— Já lá está há algum tempo — replicou Meg. — Foi por isso que pensei em entregá-la em mão.

O sorriso da mulher parecia mais mortífero do que encorajador.

— Podias deixá-la na neve. Seria o que fariam os Intermediários anteriores... caso tivessem a coragem para aqui vir de todo.

Meg abanou a cabeça.

— Se o que estiver lá dentro se molhar, pode estragar-se.

Vindo do mausoléu maior, ouviu-se um som, como o de folhas a serem arrastadas pelo passeio.

A mulher pareceu sobressaltada e depois observou Meg com um interesse incómodo.

— O Avô Erebus diz que podes entrar nas Câmaras e deixar a encomenda à porta. Não saias do carroiro e não te acontece nada de mal.

— Disseram-me que não podia entrar nas Câmaras — adiantou Meg.

O sorriso da mulher endureceu.

— Até o Lobo obedece ao Avô.

Isso significava que o Sr. Erebus era uma pessoa muito importante no Pátio.

Meg viu fumo a fluir rapidamente sobre a neve e a acumular-se a um lado do portão. Parte condensou-se, tornando-se um braço e uma mão que abriu o portão antes de se voltar a desfazer em fumo que se desviou.

Havia qualquer coisa em relação ao fumo e ao nome Sanguinati que Meg tinha de recordar.

Abriu um pouco mais o portão e dirigiu-se ao mausoléu. Uma mão agarrou a beira da porta — uma mão velha, com articulações grandes, veias proeminentes e unhas grossas e amareladas. Um olho escuro num rosto enrugado espreitou-a.

Sem fitar diretamente o olho, para o caso de isso lhe parecer ofensivo, Meg pousou cuidadosamente a encomenda no degrau de mármore seco.

— Sinto muito por ter demorado tanto tempo a receber a sua encomenda, Sr. Erebus. A partir de agora vou ficar atenta, para que as possa entregar o mais depressa possível.

— Minha doce criança — murmurou o ancião com a voz que lembrava folhas secas. — Tão atenciosa para com um velho.

— Espero que não se tenha estragado nada — disse Meg, recuando. — Continuação de um bom dia para o senhor. — Consciente do fumo que se concentrava no interior da vedação, deu meia-volta e regressou ao Cairo. O portão fechou-se à sua saída. A mulher não deixou de a observar enquanto Meg entrava para o Cairo e se afastava.

Tinha mais encomendas para outra morada das Câmaras, mas sentia-se nervosa e só queria deixar aquela zona do Pátio. Continuou a conduzir até passar pela última vedação preta ornamentada e estar a caminho do Complexo do Clã dos Falcões.

Foi então que se lembrou. Fumo. Sanguinati.

Travou a fundo e quase foi bater num monte de neve. Conseguiu deixar o Cairo em ponto-morto e aumentar a intensidade do aquecimento antes de começar a tremer.

Vampiro. Durante uma das suas conversas proibidas e apressadas, Jean contara-lhe que *vampiro* era o nome de calão dado aos Sanguinati. O fumo era uma das formas assumidas quando caçavam.

E quando estão a matar?

Compreendia agora por que motivo era tão perigoso entrar no território deles — e porque quem o fazia não regressava das terras dos Sanguinati no Pátio.

No entanto, um vampiro velho e poderoso dera-lhe autorização para entrar nas Câmaras e entregar uma encomenda.

— Sinto-me tonta. — Recostou-se e fechou os olhos. Abriu-os momentos depois, incomodada por não se ter apercebido do que poderia estar a aproximar-se.

Quantos ali teriam estado, a observá-la?

Isso não a deixou menos zozna, pelo que engrenou a mudança do Cairo e percorreu o resto do caminho até ao Complexo do Clã dos Falcões, o qual consistia de três edifícios de primeiro andar em forma de U, separados por caminhos que davam acesso a garagens e a uma zona de estacionamento.

Cada apartamento dispunha de um pátio ou uma varanda com entrada própria. Contudo, Meg não viu caixas de correio ou outras caixas grandes para encomendas, o que significava que algures teria de haver uma divisão para essas coisas.

Parou à frente do edifício central e saiu do Cairo.

— O que queres?

Meg soltou um gritinho e procurou o puxador da porta antes de recuperar controlo suficiente para olhar para trás. O homem de cabelo e olhos castanhos que a fitava não tinha um aspeto de todo simpático.

— Olá — cumprimentou Meg, esforçando-se por sorrir. — Sou a Meg, a nova Intermediária. Trago encomendas para o Complexo dos Falcões, mas não sei onde as deixar. Pode ajudar-me?

O homem demorou tanto a responder que Meg ficou sem saber o que fazer. Finalmente, ele apontou para a sala central no rés-do-chão.

— Ali.

— Cada edifício tem uma sala de correio? — indagou Meg, interrogando-se como perceber quais encomendas que se destinavam a que edifício.

O homem bufou. Meg podia jurar que o cabelo dele se erguera como penas eriçadas com a irritação.

— *Ali.* — Dirigiu-se à traseira do Cairo e abriu a porta, fungou e começou a revirar alegremente os montes que Meg tão bem empilhara.

— O que está a fazer? — quis ela saber.

— Rato — respondeu o homem, pegando em cada embrulho e cheirando-o.

— Não há ratos nas encomendas. — Pelo menos, ela assim esperava. — Mas havia ratos no sítio onde os pacotes estiveram guardados.

O Falcão deteve as buscas, tendo aparentemente perdido o interesse. Mas ajudou-a a levar as

encomendas até à sala de correio. A julgar pelos cubículos embutidos numa das paredes e pela grande mesa num ângulo reto em relação a eles, era para ali que se enviava toda a correspondência destinada ao Complexo do Clã dos Falcões. Os cubículos tinham números, mas não se viam nomes e a maioria das encomendas estava endereçada com Hawkgard e um número.

Pensando bem, muita da correspondência que ela separara para todos os complexos apresentava o mesmo tipo de endereço. O clã, e talvez uma inicial, era, com frequência, a única identificação exibida. Era difícil saber quantos elementos de uma determinada raça viviam no Pátio quando apenas um punhado utilizava o nome completo, como Erebus Sanguinati e Simon Wolfgard.

Seriam assim tão despreocupados com tais coisas ou excessivamente cautelosos quanto ao que os seres humanos sabiam acerca deles?

O que seria que o uso do nome completo dizia sobre Erebus? Seria uma forma de indicar a falta de preocupação quanto ao facto de se saber que era residente do Pátio de Lakeside ou seria um alerta?

Agradeceu a ajuda do Falcão e ficou com a impressão de que ele se vira obrigado a vasculhar os conhecimentos sobre os humanos para responder «De nada».

Quando chegou à ponte que cruzava o ribeiro do Pátio, Meg parou e estudou o mapa. Se continuasse em frente, chegaria à zona do Clã dos Lobos no Pátio, e não queria ir por aí, para não se arriscar a dar de caras com *ele*.

Além disso, tinha de regressar à estação. No entanto, havia ainda tempo para dar uma vista de olhos a um lugar que a deixava curiosa. Cruzou então a ponte e virou à esquerda na estrada que acompanhava o pequeno lago.

Quando avistou a rapariga a patinar no lago, Meg parou o Cairo e saiu.

O ar estava tão limpo e frio que até doía a respirar, mas a jovem, que usava um vestido pela barriga da perna com manga curta, parecia nem sequer notar.

Meg acercou-se do limite do gelo e aguardou. A rapariga olhou para ela, descreveu um círculo largo e depois patinou até onde Meg se encontrava.

Uma rapariga com forma, mas não humana. O rosto, e especialmente os olhos, só passavam por humanos à distância.

— Sou a Meg — apresentou-se ela baixinho, sem saber porque lhe parecia que aquela rapariga seria uma maior ameaça do que os Sanguinati.

— Paraste — comentou a rapariga. — Porquê?

— Queria apresentar-me. — Hesitou. — Estás aqui sozinha? Onde estão os teus pais?

A jovem riu-se.

— A Mãe está em todo o lado. O Pai não jorra a semente dele nesta estação. — Riu-se outra vez. — Não gostas do jorro? Não importa. As minhas irmãs e as minhas primas estão aqui comigo e isso basta. As nossas casas ficam ali. — Apontou para um aglomerado de pequenas construções feitas de pedra e madeira.

— Ainda bem que não estás sozinha.

Uma expressão estranha.

— Isso é importante para ti?

— Sei bem como é estar sozinha. — Abanou a cabeça, determinada a ignorar a recordação de

estar isolada numa cela, ou de ver um excerto de filme numa sala cheia de raparigas e sentir-se ainda mais sozinha. — Bom, a partir de agora tenciono fazer entregas regulares, por isso queria saber se precisas de alguma coisa da Praça do Mercado. Ainda é uma grande caminhada para ti e para as tuas irmãs. Podia dar boleia a uma ou duas de vocês até às lojas.

— Bondade. Mas que inesperado — murmurou a rapariga. — Há um autocarro do Pátio que passa por aqui duas vezes por dia e que os *terra indigene* podem apanhar até às lojas, e os póneis estão sempre dispostos a levar-me. Mas...

— Mas...?

A rapariga encolheu os ombros.

— Fiz um pedido de livros à nossa biblioteca. Eles não chegaram.

— Espera um pouco. — Meg regressou ao Cairo, pegou no bloco e na caneta que tinha na bolsa, e voltou ao lago. Estendeu à rapariga o que fora buscar. — Se apontares os títulos, eu vou à biblioteca depois de sair do trabalho e vejo se há algum disponível.

A rapariga aceitou o bloco e a caneta, escreveu vários títulos e devolveu os objetos a Meg.

— Por quem devo perguntar, se as tuas irmãs estiverem cá fora quando eu voltar?

Mais um olhar bizarro, assustador pela diversão nele contida.

— Normalmente, as minhas irmãs estão a dormir nesta estação, por isso, só as minhas primas é que podem andar por aí — explicou a rapariga. Depois acrescentou: — O meu nome é Inverno.

— É um prazer conhecer-te, Inverno — respondeu Meg. Começou a bater os dentes.

Inverno riu-se.

— Sim. Mas acho que já tiveste prazer suficiente.

— Também me parece. Vou procurar os livros. — Apressou-se a regressar ao Cairo, mas uma vez no seu interior, com o aquecimento a trabalhar para a descongelar, Meg acenou à rapariga.

Inverno devolveu o aceno e depois virou-se para fitar os Corvos e os Falcões pousados nas árvores na outra margem do lago. Todos alçaram voo apressadamente, como se tivessem ficado nervosos por chamarem a atenção da rapariga.

Mas Meg reparou que pelo menos alguns deles a seguiram até à estação.

Ela e o Cairo arrastaram-se vagarosamente para o interior da garagem. A abertura tinha quase o dobro da largura do veículo, mas os nervos de Meg permaneceram à flor da pele até que o Cairo entrou por completo e foi desligado.

Os nervos ficaram ainda mais abalados quando ela saiu do Cairo e viu o homem que ali se encontrava. Envergava o fato-macaco azul de um mecânico, sendo a única concessão ao frio intenso uma fina camisola de gola alta por baixo. Tinha cabelo castanho, os olhos ambarinos de um Lobo e uma expressão irritada que deixava claro que Meg já lhe estragara o dia e ele não ficara satisfeito.

— Sou Meg, a nova Intermediária — apresentou-se ela.

— O Wolfgard diz que desta vez tenho de te carregar o Cairo.

— Ah. — Meg olhou para o cordão e para os botões na parede da garagem. — Se calhar devia aprender a fazer isso.

— O Wolfgard disse que sou eu que trato disso. Tens de ir buscar comida e de abrir a estação antes que as entregas comecem a chegar. Os tolos não saem das carrinhas se virem um Lobo, e eu

estou à espera de peças. — Afagou o capô do Cairo num gesto possessivo. — Se não estivesse à espera de peças que devem chegar hoje, não precisava de estar tão perto dos macacos.

— Então é melhor ir buscar o meu almoço e abrir a estação — disse Meg alegremente enquanto se afastava do Lobo. Não sabia explicar porquê, mas aquele parecia mais selvagem do que Simon, e não tinha a certeza de que ele entendesse o conceito «pensa antes de morder». — Obrigada por tratar do Cairo.

— Só porque *ele* te entalou a cauda na porta, os outros têm de ser educados — resmungou o Lobo. Depois cheirou o ar e voltou a cheirar ao voltar a cabeça na direção de Meg. — No que é que andaste a rebolar para ficares com o pelo assim tão fedorento?

A irritação abafou a cautela. Seriam *todos* tão obcecados com o cheiro?

— Não andei a rebolar em nada. E o meu cabelo está menos fedorento do que estava.

— As doninhas também.

Como parecia ser essa a opinião final, Meg encaminhou-se para a porta das traseiras do Trincadela.

Tess sorriu assim que olhou para o rosto de Meg.

— Estou a ver que conheceste o Blair.

— Talvez — resmungou Meg. — Ele por acaso gosta de algum humano?

— Claro — garantiu Tess alegremente. — Embora se queixe da falta de carne magra na maioria.

— Acho que não quero almoçar.

— Queres, sim. Sopa de legumes e uma sanduíche de peru. Vou arrumar-te as coisas.

Meg seguiu Tess até ao balcão.

— Então e quem é ele?

— É o terceiro Lobo, depois do Simon e do Elliot. Estes dois lidam com os seres humanos e com o mundo exterior ao Pátio. O Blair cuida do interior do Pátio. Gere a caça no nosso território, lidera a caçada quando o talhante encomenda veado e é o principal agente das leis. É também o habitante de Lakeside com mais interesse por tudo quanto é mecânico e pelas fontes de energia, por isso gere os *terra indigene* que cuidam dos moinhos e dos painéis solares que usamos para garantir energia à maior parte dos edifícios que se encontram fora do bairro comercial. — Tess sorriu ao entregar o saco a Meg. — Isso mantém-no ocupado e limita o contacto com os humanos... o que é ideal para ele e para o Simon.

— Ele está à espera de uma encomenda. Quem é que eu chamo, se chegar? — perguntou Meg. Tess fitou-a até Meg suspirar. — Devia falar com o Simon.

Quando Meg chegou à porta traseira da estação, a porta da garagem do Cairo estava fechada e não viu sinais de Lobos nas redondezas. No entanto, quando destrancou a porta da frente, viu três camiões parados, com os condutores à sua espera — e viu o sedã preto lá atrás, impossibilitado de entrar até que pelo menos um dos camiões saísse. Parecia o tipo de carro que imaginava um cônsul a conduzir — ou teria motorista? —, pelo que assinou a receção das encomendas o mais depressa possível, tirando apontamentos apressados para que não fosse ela a causadora do atraso. Os entregadores pareciam da mesma opinião. Daí a pouco já tinham partido e o sedã parou à porta do consulado.

O homem que saiu era magro e tinha entradas no cabelo. Depois de olhar na direção dela, entrou no consulado.

— Se aquele era o Elliot Wolfgard, não devo conseguir estrelas da parte *dele* — resmungou.

Podia bem passar sem estrelas. Naquele dia ficaria satisfeita se não fosse devorada. Demasiado nervosa para pensar em comida, guardou a sanduíche e a sopa no frigorífico.

Depois de uma hora tranquila a separar correspondência e encomendas, telefonou para a Ler e Uivar por Mais e deixou recado, dizendo que tinha recebido uma encomenda para B. Wolfgard, bem como outros embrulhos endereçados simplesmente ao Complexo de Serviços, e foi informada de que Blair as iria buscar depois de a estação ter encerrado.

Talvez o cabelo malcheiroso fosse uma vantagem, se servia para que os Lobos se mantivessem à distância.

Animada com essa ideia, Meg aqueceu a sanduíche de peru e saboreou um almoço tardio.

Pela janela das traseiras da LUM, Simon observou Blair a sair da Estação do Intermediário com uma encomenda e a enfiá-la no Cairo pertencente ao Complexo de Serviços. O lobo aguardara apenas o suficiente para se certificar de que Meg dera o dia por encerrado antes de entrar para levantar as peças para o seu projeto presente.

Meg dirigira-se para a Praça do Mercado, o que significava que passaria por ali a caminho do apartamento. Seria melhor para ambos se não se vissem. Pelo menos seria melhor para ele. Henry dar-lhe-ia um sopapo se um encontro com ele perturbasse Meg — e levar um sopapo de um Pardo não era divertido, nem mesmo para um Lobo.

Vestiu o sobretudo e demorou-se apenas o suficiente ao balcão para dizer a Heather, uma das suas funcionárias humanas, que ela deveria informar Vlad caso Asia Crane entrasse na loja. Depois saiu pela porta das traseiras e dirigiu-se à Estação do Intermediário.

— Já tens as tuas peças? — indagou Simon quando Blair apareceu com mais um embrulho que enfiou no Cairo.

Blair assentiu ao fechar a porta de carga do veículo. Depois foi trancar a porta da Estação do Intermediário.

— Precisas de boleia?

Não *precisava* de boleia, mas talvez pudesse convencer Sam a passar mais algum tempo no exterior se chegasse a casa ainda com luz. E se Blair não estava satisfeito com Meg por algum motivo, seria melhor ficar a par disso antes que houvesse sangue derramado.

— Obrigado.

Nenhum deles falou até estarem a caminho do Complexo Verde.

— A Intermediária — disse então Blair, casualmente. — Achas que a podemos lavar com a mesma solução que usamos para as crias que são pulverizadas pelas doninhas?

Simon soltou uma gargalhada. Depois pensou em como seria interessante fazer isso — e nas consequências — e, com relutância, abanou a cabeça.

Blair suspirou.

— Já imaginava. — Uma pausa. — O Elliot é capaz de querer falar contigo. Os camiões de

entrega ficaram parados uns minutos enquanto os motoristas esperavam que ela voltasse, e o carrinho brilhante dele não os pôde contornar.

— Ele não se importa com o carrinho brilhante.

— Pois não, mas importa-se com o estatuto. Gosta de o manter de modo a que os macacos percebam como são as coisas, e acho que ter de esperar que a tua humana abra a porta para as entregas da tarde não vai ajudar a que a tolere.

— Ela está a fazer o trabalho que lhe compete.

— E está a arranjar problemas.

Simon rosnou — e apercebeu-se de como os lábios do outro Lobo se contorceram com a diversão.

Blair não disse mais nada até pararem junto ao Complexo Verde. Depois olhou em frente.

— Ainda estamos na época dos veados, por isso vai haver caçadores com arcos no parque mais umas semanas.

— E depois? — Simon abriu a porta do passageiro e saiu.

— Se ela não usar um chapéu, a Intermediária não vai precisar do colete laranja que os caçadores usam para não se alvejarem uns aos outros.

Simon fechou a porta do Cairo com mais força do que a necessária, mas mesmo assim ouviu Blair a rir-se enquanto o Lobo se afastava.

Simon tirou as chaves do bolso e dirigiu-se ao seu apartamento. Os apartamentos do Complexo Verde eram espaços de várias dimensões com paredes partilhadas e que acomodavam as diferentes espécies de *terra indigene* que optavam por ali viver. Alguns pareciam moradias, ao passo que os apartamentos mais pequenos se limitavam a um piso. À semelhança dos outros complexos residenciais, o Verde fora construído em U, com a secção de ligação a alojar a sala do correio, a lavandaria e um espaço de convívio no primeiro andar, onde se exibiam filmes no televisor de ecrã grande e algumas mesas compunham uma área para jogos de tabuleiro que os Outros haviam convertido a partir das versões humanas desses jogos.

Assim que enfiou a chave na fechadura, ouviu o gemido agudo que era o uivo de Sam.

A grande sala de estar tinha carpete e um sofá, um par de candeeiros, uma televisão e um leitor de discos de filmes, uma mesa baixa com cestos de arrumação, e a gaiola onde Sam vivia.

Sam abanava a cauda alegremente à laia de boas-vindas — até que Simon abriu a porta da gaiola. A cria foi então encolher-se ao fundo da gaiola, a gemer.

Simon estendeu a mão.

— Anda lá, Sam. Ainda é de dia, lá fora. Vai correr tudo bem. Anda lá fora fazer um xixi e um cocó.

Com a cria a tremer e a gemer, Simon agarrou-a e puxou-a para fora, ignorando as tentativas de Sam de o morder para fugir. Repetiam a cena várias vezes por dia — faziam-no desde que Daphne fora morta e Simon se tornara guardião de Sam. Sam sentia-se aterrorizado com o exterior, pois tinha sido lá fora que a mãe morrera à frente dele.

Sam deixara de crescer nessa noite, não continuando o desenvolvimento habitual de uma cria. Não tinham como saber o que acontecera à sua forma humana, pois havia dois anos que não se transformava.

Simon nem conseguia imaginar como seria passar a vida preso numa única pele, incapaz de se transformar.

E nem queria imaginar como seria ter tanto medo que se tornasse impossível ter essa opção.

Levou a cria sempre a debater-se lá para fora e fechou a porta do apartamento.

— Um xixi e um cocó — disse, aproximando-se de uma árvore num vaso que fazia parte de uma zona ajardinada central. Pousou Sam e colocou-se entre a cria e o apartamento. Só voltariam a entrar quando Sam obedecesse, mas de cada vez que faziam aquilo, o seu coração mirrava um pouco mais e as presas do ódio que sentia pelos homens responsáveis alongavam-se.

Um dia, prometeu a si próprio enquanto Sam fazia as suas necessidades.

Sam estava a tremer e à beira do pânico por estar tanto tempo no exterior quando o sedã preto brilhante parou à frente do complexo. A porta de trás abriu-se e Elliot Wolfgard saiu. À semelhança de Daphne e de Sam, Elliot tinha olhos cinzentos e não ambarinos, mas esse cinza era de um gelado que combinava com a expressão severa que normalmente ostentava no rosto humano.

A dureza transformou-se num sorriso caloroso à medida que Elliot avançava de braços abertos.

— Olá, Sam. — Acocorou-se na neve para afagar as orelhas da cria e esfregar-lhe o pelo. — Como está o nosso menino? — Olhou para Simon ao fazer a pergunta.

Simon encolheu os ombros, à laia de resposta: *Na mesma*.

O sorriso de Elliot esbateu-se ao levantar-se.

— Devias dizer à Intermediária para começar a usar relógio. Deve precisar, para chegar a horas ao trabalho.

— Por acaso, ela não esteve a preguiçar sem fazer nada. Esteve a fazer entregas no Pátio — corrigiu Simon, com um tom suficientemente duro para recordar a Elliot quem era o macho dominante.

— Peço desculpa — lamentou-se Elliot, passado um instante. — Já devia saber que ela estava ocupada com as obrigações dela. Os Corvos são uns bisbilhoteiros, e a julgar pelo número deles que se junta para observar a estação, acham-na divertida. Prefiro não ter de lidar com eles, mas se tivéssemos motivo de queixa dela, a minha equipa teria sido informada.

— Ela não gosta de lanchar ratos e isso torna-a bizarra... pelo menos segundo as Corujas.

— Está bem, Simon, já te percebi — comentou Elliot. — Se finalmente temos uma Intermediária que faz aquilo para que lhe pagamos, vou tentar ser mais tolerante.

— Agradecido.

— O Blair já a conheceu?

Simon assentiu.

— E não a mordeu.

— Nada mau. Esta noite vou jantar fora... convidado do presidente da edilidade. Se precisares de mim, tenho o telefone móvel comigo.

— Diverte-te.

— Isso vai depender da ementa. Se for vaca, a refeição vai ser tolerável. Se for frango... — Elliot arrepiou-se. — Para que é que servem os *frangos*?

— Para nos darem ovos?

Elliot enjeitou a conversa com um aceno da mão.

— Até amanhã.

Assim que Elliot se afastou, Sam começou a bater com a pata na perna de Simon, tentando saltar-lhe para os braços.

— Tens de treinar as pernas — disse Simon à cria, fazendo-o andar de volta ao apartamento, mas pegou-lhe antes de abrir a porta, tirou uma toalha do cesto à entrada e secou-lhe as patas e o pelo.

Assim que foi libertado, Sam correu para a segurança da gaiola.

Determinado a não deixar transparecer a desilusão, Simon dirigiu-se à cozinha, pendurou a toalha junto à porta das traseiras e fez jantar para ele e para Sam. Depois fez correr um dos filmes a que Sam gostava de assistir, instalou-se na sala com comida e um livro, e deu ao sobrinho tanto apoio e companhia quanto a cria estava disposta a aceitar.

Meg abriu o diário que encontrara no Armazém. Escreveu *Livros* como título da primeira página, saltou uma página, e intitulou a seguinte *Música*. Saltou mais uma página, escreveu a data no topo e parou.

Era suposto escrever o quê? *Querido Diário, hoje não fui comida*. Era verdade, mas não dizia grande coisa. Ou talvez dissesse tudo o que era preciso.

Continuava sem saber se os seres humanos não aguentavam muito tempo nos empregos do Pátio por se despedirem ou por não sobreviverem às lides com os Outros. À exceção de Lorne, que geria o Três P, e de Elizabeth Bennefeld, a terapeuta presente na Massagens Boas Mãos duas tardes por semana, Merri Lee era a humana há mais tempo empregada no Pátio, trabalhando desde há pouco mais de um ano no Trincadela. Era verdade que os funcionários não eram tidos como comestíveis, mas isso não queria dizer nada se a pessoa fizesse alguma coisa que os Outros considerassem uma traição.

O que seria uma traição aos olhos dos Outros? Um gesto físico contra eles seria garantidamente visto como tal, mas e quanto a uma mentira que nada tivesse a ver com eles? Também seria considerada uma traição?

Com receio de que a privacidade continuasse a ser uma ilusão, acabou por evitar referir nomes ou as zonas do Pátio que visitara durante as entregas, mas comentou a participação na aula de exercícios da Mente Calma, realizada no primeiro andar do Corre & Bate, e a visita à biblioteca do Pátio.

Encontrara três dos livros que Inverno solicitara e dois para si própria antes de se cruzar com Merri Lee, que a convencera a experimentar a aula da Mente Calma e depois a acompanhara a algumas lojas para escolher um colchão de exercício e roupa de treino.

Estava a fazer amigos, desenvolvendo uma rotina que poderia tornar-se uma vida agradável enquanto durasse. Bastava lembrar-se de passar pela mercearia para comprar comida para as refeições da noite e estaria mais do que instalada. Afinal, cansada como estava para voltar a sair depois de se ter arrastado até ao apartamento, lá se conformou em juntar os restos da comida que Tess lhe levara.

Agora, com os músculos descontraídos por um duche quente e adequadamente alimentada, enfiava-se na cama com um dos livros, satisfeita por ficar a ler enquanto os carros passavam na estrada e as

vozes das pessoas se elevavam no ar durante o seu regresso a casa.

Ouvia Lobos a uivar, mas não sabia quão perto estariam daquela parte do Pátio. Até onde viajaria o som? A biblioteca dispunha de computadores que podiam aceder a informação através das linhas telefónicas. Talvez conseguisse encontrar informações sobre o lobo animal que a ajudassem a melhor compreender o Lobo *terra indigene*.

Retesou-se ao ouvir passos pesados junto à sua porta, mas soltou um suspiro de alívio quando a eles se seguiu o retinir das chaves do apartamento vizinho. Nessa tarde passara por Henry na Praça do Mercado, e ele comentara que nessa noite ia ficar num dos apartamentos, pois queria ficar perto do estúdio.

Meg pegou no diário e apontou um lembrete para procurar escultura e totens quando tivesse oportunidade de usar o computador da biblioteca.

A porta de Henry abriu-se e fechou-se. Os carros continuaram a passar. Meg levantou-se para fazer uma caneca de chá de camomila e depois voltou à cama e continuou a ler, um tudo-nada escandalizada com a narrativa — e ainda mais escandalizada por ninguém a ter impedido de requisitar o livro.

Deixou então de se ouvir carros e pessoas a regressar a casa.

Meg viu as horas e fechou o livro com relutância. Levantou-se para deixar a caneca no lava-louça e para ir à casa de banho. No dia seguinte era dia de descanso, com a Estação do Intermediário e a maior parte das lojas do Pátio encerradas. Com sorte, a mercearia não estaria incluída no lote. Maças para os póneis no Dia da Lua? Teriam de ser cortadas imediatamente antes da chegada dos póneis, caso contrário os pedaços ficariam castanhos com a oxidação.

Ficara a saber isso graças às imagens de formação. Certo ano, as raparigas haviam passado uma semana inteira a olhar para imagens com legendas de diferentes tipos de fruta, tanto fresca como apodrecida. Numa profecia, ver fruta que apodrecia desde há um número específico de dias podia indicar há quanto tempo uma pessoa estava desaparecida... ou morta.

Meg soltou um suspiro inconformado. Talvez a sua espécie visse sempre o mundo como imagens que pudessem ser recordadas para criar um quadro completo para alguém. Ou talvez ela tivesse sido assim treinada para pensar e aprender. Jean não usara sempre as imagens padronizadas, mas ela fora invulgar, difícil. Diferente.

Vais ter hipótese de fugir a esta vida, Meg. Vais ter hipótese de ser alguém por ti própria. Quando chegar a oportunidade, aproveita-a e foge — e não voltes. Não deixes que te tragam de volta.

Então e tu?

Os Nomes Ambulantes certificaram-se de que eu não posso fugir, mas um dia também serei livre. Também vi isso.

O formigueiro por baixo da pele de Meg começou-lhe nos pés e subiu-lhe por ambas as pernas. Reprimiu um grito, pois não queria que Henry a ouvisse e lhe fosse bater à porta, em busca de explicações.

Dirigiu-se à casa de banho, esperando encontrar no armário dos medicamentos alguma coisa que acalmasse a sensação.

Sabia bem o que faria desaparecer o formigueiro, mas ainda era muito cedo para um novo corte. Além disso, também sabia quão doloroso era conter uma profecia, e falar sem um ouvinte aliviaria a pressão, mas não lhe seria benéfico em qualquer outro aspeto.

Enquanto se tentava convencer a não realizar novo corte, o formigueiro desapareceu sozinho.

Meg lavou o rosto e voltou ao interior do apartamento, decidida a concentrar-se no presente e não no passado, pois era bastante provável que o seu presente pudesse ser resumido a uma questão de dias ou semanas.

A guloseima do Dia da Lua. Quantas maçãs para quantos póneis? Era preferível levar fruta a mais, para o caso de aparecerem póneis adicionais. Quantos viveriam no Pátio? Teria de perguntar a Jester, já que era o tratador deles.

Concentrada nos póneis, nas maçãs e no que poderia fazer no seu dia de folga, Meg abriu o cortinado e olhou para a rua — e esqueceu-se por completo do sono.

Lá estava outra vez aquele homem. Não lhe conseguia distinguir as feições, mas estava a usar o mesmo sobretudo e gorro escuros que o homem que ela vira na outra noite. Tinha a certeza disso.

Enquanto Meg observava, o homem atravessou a Avenida Crowfield, encaminhando-se diretamente à porta de vidro que dava acesso aos apartamentos. Mas essa porta estava trancada. Meg continuava em segurança porque essa porta estava trancada.

Imagem de formação. Mãos a manipularem finas ferramentas metálicas para abrir uma fechadura.

Uma porta trancada não a manteria em segurança. O pânico imobilizou-a à janela. Depois, ao ouvir um som que não conseguiu identificar, a sensação de formigueiro regressou-lhe às pernas. Sentiu picadas nas mãos e nos braços quando se lembrou da última vez que falara com Jean.

Não deixes que te tragam de volta.

Meg correu para o outro lado da divisão, certa de que aquele homem fora enviado pelo Controlador.

Não podia sair. Estava presa, tal como quando vivia no complexo! Não, não era como antes. Agora era *ela* que tinha as chaves. A fechadura só precisava de uma chave.

Procurou o porta-chaves na bolsa, arquejando enquanto as mãos a tremer tentavam enfiar a chave na ranhura.

Estaria o homem a subir as escadas? A esgueirar-se pelo corredor? Se abrisse a porta, será que ele ali estaria, à espera para a agarrar?

As picadas nas mãos tornaram-se um ardor tão doloroso que a fez largar as chaves.

Incapaz de fugir, começou a esmurrar a porta e gritou: — Henry! Henry! — Será que ele a ouviria?
Por favor, meus deuses, façam com que ele me ouça!

Meg não só ouviu, como também sentiu o rugido que preencheu o corredor, seguido por um grito sobressaltado e pelo ressoar de botas.

Correu até à janela a tempo de ver o homem a atravessar a estrada à pressa, a dirigir-se para a esquina e a desaparecer de vista. Meg voltou atrás, pegou nas chaves com as mãos trementes e finalmente conseguiu abrir a porta.

Henry encontrava-se ao fundo do corredor, a olhar para o fundo das escadas. Meg não conseguia

ver-lhe a expressão — as luzes dos apartamentos não chegavam tão longe e ele não acendera a luz do corredor —, mas tinha a impressão de que ele estaria muito zangado.

— Henry? — tartamudeou ela. — Devo chamar alguém?

— E quem chamavas? — indagou ele, parecendo mais curioso do que zangado.

— Não sei. A polícia? Ou alguém do Pátio?

Henry dirigiu-se à porta de Meg e observou-a. Depois abanou a cabeça.

— Não é preciso chamar ninguém. Por agora vou dar uma vista de olhos e amanhã falo com o Simon. Mantém a porta trancada e ficas bem, Meg.

Não, ela não ficaria bem. Não o podia explicar a Henry, pelo que fechou a porta e girou a chave na fechadura. Depois encostou o ouvido à porta e escutou enquanto contava devagarinho.

Chegou aos cem antes que Henry voltasse a percorrer o corredor até às escadas. Assim que ficou com a certeza de que ele não a ouviria, Meg começou a mover-se com um desespero controlado e vestiu as calças e uma camisola, arrumou um pequeno saco de produtos de higiene, guardou o livro, uma vela e uma caixa de fósforos num dos sacos com fecho de correr. Enrolou o cobertor adicional que tinha na arca aos pés da cama à volta da almofada. Depois vestiu o blusão e calçou as botas, e susteve a respiração enquanto girava a chave, sempre à escuta dos passos de Henry.

Saiu do apartamento e trancou a porta, após o que correu até à entrada das traseiras e desceu as escadas. Encaminhou-se para a Estação do Intermediário, debateu-se para conseguir abrir a porta e suspirou de alívio uma vez no seu interior.

Ali estaria tão exposta como no apartamento. Estaria igualmente sozinha, pois as lojas e o consulado não abririam no dia seguinte. Mas ninguém sabia que ela ali se encontrava. A luz suave na zona frontal da estação estava sempre acesa e não chamaria a atenção. A luz da vela só seria visível a partir da janela da sala de separação, que dava para o pátio e jardim de esculturas atrás do estúdio de Henry.

Ali, nessa noite, estaria em segurança — tanto quanto possível.

Não queria acender as luzes do teto, por isso descalçou as botas e dirigiu-se em meias à sala de separação, deixando a almofada e o cobertor em cima da mesa antes de se encaminhar para a bancada abaixo da janela. Tirou a vela e os fósforos do saco e acendeu-a. Não precisava de cortar a pele para perceber que o Controlador a descobrira. Era uma questão de tempo até que o agente dele encontrasse maneira de a levar.

Apenas uma questão de tempo.

Meg estendeu o cobertor em cima da mesa de separação, deitou-se e tentou instalar-se tão confortavelmente quanto possível naquela dura cama improvisada.

Na zona ocidental do continente, onde os Pardos *terra indigene* comandavam tantos Pátios como os Lobos, alguns humanos chamavam à sua primeira forma espírito do urso.

O espírito do urso percorria o mundo invisível, mas havia quem lhe sentisse a passagem.

Havia quem desse conta da sua presença antes de ele assumir a forma sólida, com dentes e garras.

Henry seguiu o rasto do estranho até desaparecer, mais ao fundo da rua, onde o veículo do humano estivera estacionado.

Virando-se para o Pátio, dirigiu-se à porta de vidro e observou a fechadura partida enquanto ponderava as implicações.

Tanto receio atrás da porta de Meg, tanto desespero quando ela lhe gritara pelo nome.

Poderia ela ter desaparecido se Henry não tivesse querido ficar perto da sua madeira naquela noite, deixando-os a pensar que se tratava apenas de mais uma humana que os usara durante alguns dias em troca de abrigo? Ou poderia a fechadura partida e o cheiro de um estranho perturbar Simon e os restantes *terra indigene* que ali viviam?

Henry afastou-se da porta, dirigiu-se à esquina e virou à esquerda. Acompanhou os limites do Pátio, sem saber ao certo o que procurar, mas deixando que o instinto o orientasse.

Passou pela zona de entregas, inspirando os odores junto à Estação do Intermediário e ao consulado. Não captou o cheiro do estranho, mas ao aproximar-se das portas de entrega da sala de separação, identificou outro cheiro que estava mais fresco do que deveria.

Contornou a estação até ao pátio atrás do seu estúdio, onde viu a luz tremeluzente na sala de separação. Henry assumiu a forma total de Pardo, apoiou uma pata à parede e espreitou à janela.

Meg, a dormir na mesa de separação.

Meg, que não estava no apartamento onde qualquer um esperaria encontrá-la àquela hora da noite.

Henry afastou-se da janela e chamou: <Corujas!>

Cinco responderam ao chamamento, pousando no muro que separava o estúdio da zona de entregas.

<O que pretendes de nós?>, perguntou Allison.

<Intruso>, disse Henry. <Vigiem aqui. A Meg está na estação.>

Duas das Corujas alçaram voo, ocupando posições no telhado do consulado. Outra voou até ao telhado do estúdio. Allison e um macho jovem permaneceram no muro.

Henry imaginou que assim teria quem o alertasse quando o estranho regressasse, pelo que voltou ao apartamento, mudou para a forma humana e pegou nas roupas que deixara na escadaria. Preparou uma caneca de chá preto bem forte com uma dose generosa de mel e instalou-se na cadeira de balanço à janela com vista para a Estação do Intermediário. Enquanto bebia o chá, pensou na fêmea que de repente entrara na vida deles.

Pensou muito ao longo do resto da noite.

E pensou no que diria Simon pela manhã.

Simon saiu do duche e esfregou a toalha com força sobre a pele. Não gostava de se conformar com o modo como os seres humanos dividiam os dias em pequenas caixas. O Sol, a Lua e as diferentes estações deveriam ser suficientes para todos. Mas se *tinha* de se conformar para gerir um negócio de estilo humano, não deveria ter de pensar nisso no único dia da semana que podia viver como Lobo desde um nascer do Sol ao outro.

O Dia da Terra era o dia de descanso, o dia em que o Pátio estava encerrado aos humanos, para que os *terra indigene* pudessem correr e divertir-se e ser aquilo que realmente eram: nativos da terra. Era o único dia em que não tinha de assumir a pele que era útil, mas na qual nunca se sentia inteiramente *confortável*.

Como tratava muito com seres humanos, Simon *precisava* de um dia com o Clã dos Lobos, *precisava* da sua espécie. Era essa a armadilha dos Outros que tinham contacto excessivo com seres humanos — se houvesse demasiada adaptação para lidar com eles, corria-se o risco de esquecer quem se era e acabar por não se ser nada. Era por isso que nem sequer a perturbação de Sam ao vê-lo como Lobo chegava para o levar a abdicar daquilo de que precisava para si próprio.

No entanto, a mensagem de *Henry* nessa manhã no atendedor de chamadas levava-o a quebrar essa sua regra, já que o Urso deixara bem claro que era o Lobo em forma humana que teria de comparecer no estúdio.

Vestiu-se e depois passou pela sala para se certificar de que Sam tinha comida e água — e que não sujara a gaiola. Uma vez que estava naquela forma, levaria a cria à rua antes de envergar o pelo e de se encontrar com Blair e alguns outros para uma corrida.

Depois de ponderar os benefícios de uma caminhada desde o Complexo Verde ao estúdio para que a forma humana fizesse exercício, Simon dirigiu-se à garagem para ir buscar um dos Cairos. Dava bastante exercício àquela forma. Naquele dia, quanto mais depressa se livrasse daquela pele, mais satisfeito ficaria.

Durante a noite haviam caído mais alguns centímetros de neve. Adicionada à que já se encontrava nas estradas do Pátio era meio caminho andado para um pouco de emoção a uma deslocação banal — também serviu para o lembrar de falar com os *terra indigene* que trabalhavam no Complexo de Serviços e também estavam encarregues da limpeza das estradas do Pátio. Se Meg pretendesse fazer entregas no dia seguinte, Simon teria de pedir a Jester que lhe explicasse como se limitar às estradas principais para não ficar atolada. Os Cairos eram excelentes para lidar com a neve — conquanto o condutor não fosse tolo.

Chegado ao bairro comercial do Pátio, estacionou o Cairo no parque dos funcionários, deixando-o entre a Praça do Mercado e os outros estabelecimentos, incluindo o estúdio de Henry. Saiu do Cairo e deteve-se a ouvir o som ritmado de alguém a usar uma pá de neve.

Ao sair do parque de estacionamento, Simon contornou as garagens e parou quando viu as pegadas junto à Estação do Intermediário. Não se faziam entregas no Dia da Terra, pelo que nessa manhã não devia haver pegadas frescas a *sair* da estação.

Acercou-se de Henry, que estava a limpar a área entre as portas das traseiras das lojas e da

Estação do Intermediário. A retirar a neve. A eliminar as pegadas.

— É difícil não deixar rasto quando há neve fresca — comentou Henry. A expressão nos olhos do Pardo deixou Simon desconfiado, especialmente depois de Henry acrescentar: — Ontem à noite tivemos uma visita.

Simon olhou para a porta das traseiras da estação.

— Um intruso?

— Não foi aí — esclareceu Henry, inclinando a cabeça na direção da estação. Depois apontou com o polegar para as escadas de acesso aos apartamentos.

Por um instante, Simon limitou-se a fitar Henry. Depois apreendeu o sentido das palavras e rosnou, enquanto os caninos se alongavam, as unhas mudavam e o pelo lhe surgia no peito e nas costas.

— Eu disse à Meg que tínhamos regras quanto a visitas. Eu *disse-lhe*... — Engasgou-se com a fúria que lhe crescia no íntimo, uma fúria que lhe dava vontade de rasgar e destruir a sensação de traição e a pessoa que a provocara.

— Simon.

Pensara que ela seria diferente dos outros malditos macacos. Pensara que finalmente havia um deles com quem os *terra indigene* seriam capazes de trabalhar, mesmo deixando-o ela meio doido com a confusão do *não ser presa*. Consentira que ela dispusesse de um mapa do Pátio por parecer querer fazer o seu trabalho. Se quisesse uma mentirosa como Intermediária, teria contratado aquela Asia Crane!

— *Simon*.

Ao ouvir o alerta na voz de Henry, Simon esforçou-se por regressar à pele humana.

— Quando queres trazer uma visita às escondidas, não reventas a fechadura da porta exterior. E não chamas a atenção para a presença de alguém com gritos que são ouvidos pelo Pardo no apartamento vizinho.

— Ela não sabia que lá ias estar — contrapôs Simon, a meio do esforço para reduzir os dentes para um tamanho humano.

— Sabia, sim. Encontrei-a ontem na Praça do Mercado e disse-lhe que ia para lá, para que ela não ficasse assustada se me ouvisse.

Assustada. A palavra dissipou-lhe a fúria e permitiu-lhe voltar a raciocinar.

Meg estava a esconder-se de algo ou de alguém. Apercebera-se disso quando a contratara, mas desde então andara tanto a correr atrás da cauda — ou a evitar que alguém a pisasse — que se esquecera que Meg estava em fuga.

Olhou para as pegadas que saíam da estação.

— Depois de o intruso ter fugido, ela veio passar a noite na mesa de separação da correspondência — indicou Henry.

Demasiado assustada para permanecer no seu próprio quarto? Inaceitável!

Precisou de se esforçar para formar as palavras.

— Viste o intruso?

— Não o vi bem. Mas apanhei-lhe o cheiro, e reconheço-o se voltar a aparecer.

Se esse estranho andava atrás de Meg, ele voltaria.

— Só amanhã é que podemos arranjar a fechadura. — Um Lobo e um Falcão estavam a aprender a trocar e a reparar fechaduras. Talvez pudessem substituir a que estava partida, mas o Pátio tinha um acordo com um serralheiro, e Simon fazia negócios com Chris, da Fechaduras Fallacaro para que pudesse ensinar essa competência aos Outros.

— As Corujas que ontem ficaram de vigia vão continuar de guarda — disse Henry. — Já falei com alguns Falcões e Corvos para que hoje vigiem esta parte do Pátio. E eu fico outra vez no apartamento de serviço.

— E quanto a hoje? Com as lojas fechadas, ela vai lá ficar sozinha durante o dia. — Seria pouco provável que alguém se aventurasse por ali em plena luz do dia, mas imaginar Meg sozinha até à noite era como estar a ver um veado que era a presa perfeita por estar longe do resto da manada.

E isso lembrava-o de Daphne e Sam a correrem sozinhos naquela noite fatídica, julgando que estavam em segurança.

— Devíamos chamar a polícia? — aventou Henry.

— E dizer-lhes o quê? Que alguém arrombou uma fechadura? Não levaram nada. Não temos a certeza se o intruso andava atrás da Meg. Já houve quem tentasse arrombar e usar os apartamentos. Pode ter sido alguém que queria fugir do frio e que julgava conseguir escapar-se antes que déssemos por alguma coisa.

— Isso chama-se invasão de propriedade — frisou Henry. — Os seres humanos também têm uma lei contra isso.

— Tratamos disso à nossa maneira — declarou Simon. — Vou buscar outra pá e ajudo-te a tirar a neve. — E a apagar as pegadas que podem indicar a outro tipo de predador onde encontrar a presa.

— E quanto à Meg?

Ela não lhe pedira ajuda. Incomodava-o que ela não lhe tivesse pedido ajuda.

Afinal de contas, era o líder do Pátio.

— Hoje ficamos de guarda. Amanhã pensamos no que mais poderá ser preciso.

Como por exemplo tentar perceber de quem ela estaria a fugir — e o motivo por que alguém a queria de volta.

Meg escutou o uivo assim que fechou a torneira do chuveiro. Parecia que tinha uma alcateia inteira por baixo das janelas. Secou-se o mais depressa possível, enrolou a toalha à volta da cabeça, vestiu um robe e foi espreitar à janela.

Não havia sinais dele, mas a julgar pela forma como um carro patinou ao passar pelo parque de estacionamento do Pátio e o condutor tentou acelerar para fugir do que tinha visto, eles não estariam longe.

Não avistara Henry ao regressar, apressada, ao apartamento. Será que ele trabalhava no estúdio no Dia da Terra, ou estaria ela sozinha naquela parte do Pátio? Merri Lee dissera-lhe que no Dia da Terra não havia estabelecimentos oficialmente abertos, mas a biblioteca nunca estava trancada, e de manhã alguns dos Outros serviam sobras no restaurante da Praça do Mercado, o Carne-e-Legumes. Podia então ir tomar uma refeição ao restaurante e passar algum tempo de volta dos livros, na biblioteca.

Um novo uivo, ouvido na perfeição apesar de ter as janelas fechadas.

Estamos aqui.

Por cima dela, algures no telhado, ouviu vários Corvos a crocitar.

Estamos aqui.

Algo tenso no íntimo de Meg desde a véspera começou a relaxar.

Nesse dia não havia muitos humanos naquela parte do Pátio, mas ela não estava sozinha.

Podia passar a tarde a ler ou a dormir, talvez mesmo a fazer algumas tarefas domésticas — afinal de contas, já aprendera a limpar. Nem todas as lojas humanas estavam fechadas no Dia da Terra, pelo que havia carros a passar — entre eles, segundo reparou, antes de se afastar da janela, um carro da polícia.

Estaria segura enquanto houvesse luz do dia.

Mais tarde decidiria onde se esconder depois de anoitecer.

Nessa tarde, Asia Crane conduziu lentamente à frente da entrada da Estação do Intermediário e do consulado. Tal como era hábito no Dia da Terra, havia uma corrente a barrar a entrada da rua, com uma placa de metal a dizer «Fechado» pendurada ao centro. Era uma forma simples mas eficaz de impedir que se usasse a zona de entregas como parque de estacionamento dos restaurantes e dos outros estabelecimentos no outro lado da rua, oposto ao Pátio.

O Manda-chuva não lhe conseguira dar informações acerca da carrinha branca ou do condutor que parecia estar a vigiar o Pátio. Provavelmente não passaria de um marido ou namorado zangado que esperava pela oportunidade de levar a tola da mulher para casa.

O motivo para alguém se dar a tanto trabalho pela desenxabida da Meg era um mistério.

Asia não queria saber quem, como ou porquê, conquanto Meg terminasse de ser a Intermediária e lhe deixasse o caminho livre para tentar aceder ao Pátio.

Rai'spartissem! Não havia nada parecido com um sinal de «Funcionário Precisa-se» colado à porta da estação. Isso queria dizer que o Homem da Carrinha Branca ainda não tratara do assunto. Bom, talvez ela pudesse ajudar.

No dia seguinte faria um ataque em duas frentes. Veria se era bem-vinda à Ler e Uivar por Mais, e esforçar-se-ia por travar amizade com Meg.

O passo seguinte dependeria da receção que tivesse, mas fosse como fosse, Simon ia pagar por ter feito com que os seus patrocinadores ficassem impacientes com a falta de desenvolvimentos da sua parte.

Simon destrancou a porta da Ler e Uivar por Mais, virou a placa para «Aberto», pôs os óculos e deu início à restante rotina para a abertura da loja.

Momentos depois de Simon ter aberto a LUM, Asia Crane marchou porta adentro. Ela era uma cabra determinada, pelo que Simon não ficou surpreso por nem sequer um grande susto a ter mantido afastada durante muito tempo. Se gostasse um pouco que fosse dela, talvez ficasse admirado com a sua determinação em levá-lo ao sexo.

E se viesse a descobrir que ela andava a cheirar o Pátio — e a ele — em busca de algo mais do que um pouco de diversão, ia matá-la.

Asia lançou-lhe um olhar penetrante ao abrir a parka e dirigir-se ao expositor com os livros novos, cada salto das ancas um movimento vincado nas calças justíssimas. Simon observou a forma como o peito se erguia e descia por baixo da camisola curta e justa, o modo como as ancas enclausuradas continuavam a mover-se, mesmo estando ela a pegar em livros e a olhar para os volumes antigos — quase como se não se atrevesse a parar, pois era bem possível que não fosse capaz de recomeçar. Quando lhe viu o breve sorriso satisfeito, apercebeu-se de que ela o estava a ver a observá-la. Porque estaria satisfeita?

Pela forma como ela se esforçava por expandir o peito, não parecia de todo comestível.

Ou talvez ele ainda estivesse cheio com o veado que tinham abatido na véspera e não estivesse interessado num outro animal mais fraco.

— Sr. Wolfgard?

Dedicou o olhar ambarino e a maior parte da atenção a Heather, uma das funcionárias humanas.

— Se vai ficar a tomar conta da caixa, quer que faça a reposição das prateleiras? — Ofereceu-lhe um sorriso hesitante e de repente libertou um odor nervoso.

— És uma mulher sensata — disse Simon, erguendo o tom de voz para que Asia permanecesse junto ao expositor com os livros novos e não sentisse necessidade de se esgueirar para mais perto para ouvir o que ele estava a dizer.

— Obrigada — agradeceu Heather. — Aaa... porquê? Ainda não fiz nada.

Simon acenou a mão na direção dela.

— A tua roupa não te prende o corpo. Podes respirar fundo. Se estivesses a ser perseguida, não caías depois de alguns passos com falta de ar. — Simon imaginava-a a fugir de um perseguidor humano. Um Lobo iria apanhá-la numa questão de segundos, conseguisse ou não respirar.

Heather fitou-o.

Simon continuou a observá-la, percebendo, graças ao cheiro a medo, que dera um passo errado algures durante o último minuto. Estivera a mostrar a sua aprovação, pois tornava-se agora óbvio para ele que Asia fazia aqueles movimentos exagerados com as ancas para ocultar o facto de não conseguir andar rapidamente sem perder o fôlego. Não sabia o que dissera para assustar Heather, mas a expressão nos olhos da fêmea recordava-o de um coelho antes de tentar fugir.

Gostava de perseguir coelhos, mesmo quando não tinha fome.

— Vou fazer a reposição de algumas das prateleiras — disse Heather, recuando para longe dele.

— Está bem. — Tentou soar afável para que ela não se despedisse. Tal como ele, Vlad detestava tratar da papelada necessária quando um humano se despedia, razão pela qual ambos haviam prometido não comer quem se despedisse só para evitar a burocracia. Tal como Tess frisara, comer os funcionários era mau para o moral e dificultava a contratação de novos empregados.

Quando Heather voltou da sala das traseiras com um carregamento de livros — em vez de ter fugido porta fora deixando um papel colado à parede a dizer *Despeço-me*, tal como haviam feito alguns funcionários anteriores —, Simon devolveu a atenção a Asia.

Ela deveria estar à espera daquele momento. Tinha as faces afogueadas e parecia pronta a cuspir fogo. Pousou um livro com força no expositor e ergueu o queixo.

— Parece que hoje não há por aqui nada de interessante — comentou friamente.

— Então, se calhar devias ir-te embora — replicou Simon. — No entanto... — Saltou o balcão, dirigiu-se ao outro lado do expositor, pegou num livro e exibiu-o. — Talvez este seja interessante.

Era um dos livros de horror escritos por um *terra indigene*. A capa era preta, com a boca aberta de um Lobo imediatamente antes de morder o inimigo. Ou talvez fosse a segunda dentada, pois já havia um pouco de sangue nos dentes.

Asia esqueceu tudo o que sabia acerca de Lobos e saiu porta fora.

Simon observou-a a correr na direção do parque de estacionamento e decidiu duas coisas: primeiro, ela não era capaz de correr nada com aquelas roupas, e segundo, nela, o odor a medo era agradável.

Monty endireitou a gola do sobretudo com uma mão enquanto batia à ombreira da porta do capitão.

— Entre, tenente — indicou o capitão Burke, acenando-lhe. Manteve grande parte da atenção na folha de papel que estudava. — Está a enturmar-se bem?

— Sim, capitão. Obrigado por perguntar.

Na véspera fora ao templo perto do prédio onde tinha o apartamento e encontrara um pouco de paz e de companheirismo. Depois telefonara a Elayne, esperando poder falar com Lizzy, e fora impedido. Lizzy nunca tivera autorização de visitar amigos antes da refeição do meio-dia no dia de repouso e meditação. Não lhe parecia que Elayne alterasse essa regra, mas se o tivesse feito, o objetivo seria apenas negar-lhe algum tempo em que poderia falar com a sua menina. Até ao telefonema ainda se imaginava como amante de Elayne, pesasse embora o afastamento presente, mas ela deixara bem claro que estava à procura de alguém cuja posição social apagasse a «mancha» que ele deixara nas suas vidas.

E dissera-lhe sem margem para dúvidas que as suas hipóteses de falar com Lizzy, e mais ainda de a ter com ele durante as férias do verão, tinham passado de escassas a inexistentes.

— Ontem tivemos várias chamadas sobre avistamentos de Lobos — informou Burke. — Ouvimo-los a uivar a quilómetros de distância, pelo que as pessoas já se habituaram a isso, mas ter Lobos reunidos no parque de estacionamento do Pátio durante o dia não é vulgar.

— Eu vou investigar — comprometeu-se Monty.

Burke assentiu e depois virou o papel que tinha à sua frente para que Monty o visse.

— A sua prioridade é o Pátio, mas fique atento a este indivíduo durante a patrulha. Há quem queira

esta pessoa apanhada e os artigos que roubou devolvidos o mais depressa possível, alguém com poder para puxar cordelinhos junto do governador da Região Nordeste. E o governador puxou os cordelinhos junto do nosso presidente. Já sabe como funcionam as coisas daí para baixo.

Monty olhou para o cartaz de «Procurado» e sentiu o sangue a deixar-lhe a cabeça.

Que todos os deuses tenham misericórdia.

— Vou fazer cópias disto e distribuí-las, e...

— Não pode.

Burke cruzou as mãos e ofereceu a Monty um sorriso carregado de uma ameaça afável.

— Está a dizer ao seu capitão aquilo que ele pode ou não fazer?

Monty apontou para o rosto no cartaz, apercebendo-se de como a mão lhe tremia. Tinha a certeza que Burke também reparara.

— Esta é a nova Intermediária do Pátio de Lakeside. Conheci-a no outro dia. — Ser procurada pelo roubo de qualquer coisa que levara alguém a pressionar o governador para a sua devolução podia explicar o motivo por que Meg Corbyn parecera tão nervosa no dia em que se haviam conhecido. Ela não estava preocupada por trabalhar com Lobos; receava que *ele* a reconhecesse.

— Tem a certeza, tenente? — indagou Burke calmamente.

Monty assentiu.

— O cabelo aqui está mais escuro... — Uma má pintura explicaria o laranja bizarro. — Mas é ela.

— O tenente já conheceu o Simon Wolfgard. Acha que ele seria capaz de lha entregar?

A lei humana não se aplicava nos Pátios — nem em qualquer ponto fora do território arrendado pelos *terra indigene* aos seres humanos para que estes dispusessem de quintas e de cidades — e *nunca* se aplicava aos Outros. No entanto, Simon Wolfgard geria um negócio e não tolerava ladrões. Poderia isso fazer a diferença?

— Posso atrasar a distribuição de cópias deste cartaz — disse Burke —, mas tenho a certeza que as outras esquadras também o receberam e os outros capitães vão entregar cópias aos agentes deles. Portanto, se eu vou ser o único capitão a contestar uma ordem direta do presidente, acho bem que me dê uma boa razão que eu possa apresentar a Sua Excelência.

— Gostaria de fazer uma cópia do cartaz e levá-la ao Sr. Wolfgard — sugeriu Monty. — Vou mostrar-lha e deixo-o decidir.

— Lembre-se de que esta mulher é a única pessoa que sabe onde se encontra a propriedade roubada. Precisamos de uma suspeita viva e não de uma FPD. Deixe-lhe isso bem claro.

— Sim, capitão.

— Vá lá fazer a cópia e mantenha-me informado.

Monty levou o cartaz, fez a sua cópia e devolveu o original a Burke. Quando acabou, encontrou Kowalski encostado à sua secretária.

— Vamos à livraria — indicou Monty.

— Vamos perguntar pelos avistamentos de Lobos? — quis saber Kowalski.

Monty dobrou cuidadosamente o cartaz de «Procurado» em quatro e guardou-o no bolso do blusão.

— Qualquer coisa do género.

Enquanto seguiam viagem até à Ler e Uivar por Mais, Monty ponderou várias formas de abordar

Simon Wolfgard com aquela informação. Não sabia se havia maneira de conseguir o resultado pretendido pelo presidente da edilidade e pelo governador, mas de uma coisa tinha a certeza: se os Outros decidissem não colaborar, aquele cartaz de «Procurado» podia ser tão perigoso para os seres humanos de Lakeside como os barris de veneno haviam sido para outra cidade décadas antes.

Simon tirou todos os pedaços de papel do envelope e dispô-los no balcão segundo os clãs. A maioria referia-se a encomendas de livros das colônias de *terra indigene* abrangidas pelo Pátio de Lakeside. Algumas eram encomendas que ele faria chegar a outras lojas da Praça do Mercado.

À semelhança dos telefones, o correio eletrónico entre os computadores era uma forma de comunicação útil quando a informação tinha de viajar rapidamente de um Pátio para outro, ou quando era preciso lidar com os humanos. Todavia, os *terra indigene* que não precisavam de tratar com os macacos mostravam um interesse mínimo por coisas elétricas, pelo que um território que cobria uma área com três vezes a cidade de Lakeside teria, quando muito, uma dúzia de edifícios com linhas telefónicas e eletricidade para os computadores. Salvo em caso de emergência, a maior parte dos Outros ainda se servia de papel quando fazia uma encomenda ou enviava um pedido a um Pátio.

O Trincadela tinha bastante movimento nas manhãs do Dia da Lua, mas a LUM costumava ser sossegada até à hora de almoço, motivo pelo qual Simon costumava reservar esse período para tratar das encomendas.

Simon foi buscar um carrinho ao armazém — e perdeu um momento a confirmar que Heather estava mesmo a trabalhar e não enrolada a um canto, numa tentativa de o evitar — e regressou à frente da loja. Depois de uma breve análise aos títulos, empurrou o carrinho até ao expositor de novidades e encheu a prateleira de cima com vários exemplares de cada livro. Voltou depois ao balcão, pegou no primeiro papel e começou a tratar da encomenda.

— Elásticos — murmurou. Os elásticos eram objetos pequenos e úteis, um extra que vinha com cada encomenda. Mesmo que só encomendassem um livro, Simon enviava-o com um elástico à volta.

Antes de ter oportunidade de saltar o balcão para ir buscar o saco com os elásticos, a porta abriu-se e o tenente Montgomery entrou.

O tenente e os seus homens tinham-se mantido bastante visíveis desde o primeiro encontro, no passado Dia de Thaís. Não era uma competição pelo domínio, nem outra tolice do género. Era mais uma versão discreta do uivo dos Lobos — uma maneira de dizerem *estamos aqui*. Kowalski passara por lá e comprara alguns dos livros de horror no dia seguinte às discussões que haviam encerrado a LUM e o Trincadela.

Simon não tinha a certeza se Kowalski ou a fêmea dele estavam realmente interessados nesse tipo de livros, se fora apenas uma desculpa para dar uma vista de olhos no estabelecimento. Imaginava que o agente tivesse ficado aliviado por não encontrar manchas de sangue frescas, tal como os outros clientes se sentiam desiludidos pela falta de tal causa de excitação.

O tenente aproximou-se do balcão.

— Sr. Wolfgard.

— Tenente Montgomery. — Simon absorveu o ar naquele rosto, a expressão nos olhos escuros, o cheiro nervoso que não era propriamente receio. — Não veio comprar um livro.

— Não, não vim. — Montgomery tirou uma folha de papel do bolso do blusão, desdobrou-a e pousou-a no balcão entre eles. — Vim mostrar-lhe isto.

A mente de Simon apreendeu as palavras *procurado* e *roubo*, mas o que viu foi a fotografia de Meg.

Só se apercebeu de que estava a rosnar quando Montgomery recuou, a mão a afastar o sobretudo e o blusão para chegar à arma. Fitou os olhos de Montgomery, sabendo bem o que faria se aquela mão tocasse na arma.

O homem imobilizou-se instintivamente, sem sequer se atrever a respirar.

Convencido de que Montgomery não faria uma tolice — pelo menos por enquanto —, Simon voltou a olhar para o cartaz.

— A fotografia não está desfocada — comentou, passado um instante. — Porque é que não tem nome?

Montgomery abanou a cabeça.

— Não estou a perceber.

— De vez em quando vejo as vossas notícias. Quando obtêm uma imagem de alguém a roubar uma loja ou um banco e não conhecem a pessoa, a fotografia não é clara. Quando têm uma fotografia como esta — apontou para o cartaz —, a polícia sabe sempre o nome da presa.

Simon sabia que ela estava a fugir de alguém. Sabia que Meg Corbyn não era o nome dela. Devia tê-la deixado gelar na neve, em vez de a ter acolhido. Mas agora que ela *estava* ali, o que lhe acontecesse seria uma decisão *dele*.

— Porque é que não tem nome? — repetiu Simon.

Observou Montgomery a analisar o cartaz e cheirou a inquietação do humano.

— Parece uma fotografia tipo passe, não é? — admitiu Montgomery, baixinho. — Como se fosse a fotografia da carta de condução, ou... — Levou a mão ao bolso e tirou a carteira de cabelal, que abriu para mostrar a sua própria identificação. Depois voltou a guardar a carteira no bolso. — Se têm uma fotografia assim, porque é que não indicam o nome?

Simon obteria uma resposta para essa pergunta. Mais tarde decidiria se a resposta poderia ser partilhada com os humanos.

Simon pegou no cartaz, voltou a dobrá-lo e guardou-o no bolso das calças.

— Vou falar com os membros da Associação Comercial. Se tivermos alguma informação sobre esta pessoa, nós entramos em contacto.

— Deixe-me frisar-lhe que pretendemos deter e *interrogar* essa pessoa quanto ao roubo.

Simon sorriu, exibindo deliberadamente os dentes — sobretudo os caninos, que não conseguira encolher para uma dimensão humana.

— Eu percebo. Obrigado por nos dar a conhecer o caso, tenente Montgomery. Manteremos o contacto.

Desalento. Preocupação. Mas Montgomery teve o bom senso de sair da loja sem mais conversas. Não havia *nada* que a polícia pudesse fazer quanto ao que acontecia no Pátio.

Aguardou uns momentos e depois telefonou a Vlad.

— Simon — disse Vlad. — A Nyx e eu precisamos de falar contigo.

— Depois — atalhou Simon, tentando não perder a calma. — A associação Comercial tem de debater um assunto. Preciso que fale com eles. Quero toda a gente disponível na sala de reuniões daqui a uma hora. E fala com o Blair e com o Jester. Também os quero presentes. E um representante do Clã das Corujas, dos Falcões e dos Corvos.

— Mais alguém? — indagou Vlad tranquilamente.

Sabia o motivo por que Vlad fazia essa pergunta, tal como também sabia qual o grupo de *terra indigene* que estava a ser deixado de fora da discussão. Mas *eles* nunca se interessavam por tais coisas.

— Não, deve ser suficiente — respondeu Simon.

— Então, daqui a uma hora. Mas, Simon, continuamos a ter de falar. É importante.

Simon desligou. Depois bradou por Heather, que passava por ali a caminho do armazém. — Toma conta da caixa e trata das encomendas. Telefona ao John. Ele que venha trabalhar.

Vestiu o sobretudo e calçou as botas para o percurso até à Estação do Intermediário. Seria um gesto civilizado e calmo. Se não mantivesse o controlo...

Ela *mentira-lhe*.

...ia transformar-se em Lobo e ninguém seria capaz de limpar todo o sangue das paredes depois de lhe rasgar a garganta para que nunca mais lhe mentisse.

A porta das traseiras da estação não estava trancada, pelo que Simon entrou, descalçou as botas e percorreu a sala das traseiras de peúgas. Ouviu a música baixa, mesmo com a porta de acesso à sala de separação fechada. Quando entrou na sala, viu Meg a tirar um CD do leitor e ouviu-a dizer: — Não gosto desta música.

— Então, porque é que a ouves? — indagou Simon.

Meg deu meia-volta, cambaleando para manter o equilíbrio. Antes de lhe responder, devolveu o CD à caixa e apontou qualquer coisa no caderno que tinha ao lado do aparelho.

— Estou a ouvir uma variedade de músicas para descobrir aquilo de que gosto.

Porque é que não sabes aquilo de que gostas?

— Posso ajudá-lo em alguma coisa, Sr. Wolfgard? O correio de hoje ainda não chegou, mas há correspondência antiga. Pu-la no lugar da LUM. — Indicou os cubículos na parede dos fundos da sala de separação. — Outra coisa, ainda não sei se os póneis entregam o correio nos estabelecimentos da Praça do Mercado ou se é suposto que alguém de cada loja venha buscar essa correspondência.

Naquele momento, a Simon pouco interessava o correio, as encomendas, ou qualquer outro assunto de macacos.

Tirou o cartaz do bolso, desdobrou-o e pousou-o em cima da mesa.

— Chega de mentiras — alertou Simon, a voz um rosnido de ameaça contida. — Aquilo que vai acontecer a seguir depende da honestidade com que responderes a duas perguntas.

Meg fitou o cartaz. O rosto ficou exangue. Cambaleou e Simon disse para consigo que deveria deixar que a fêmea caísse, caso desmaiasse.

— Ele encontrou-me — murmurou Meg. — Na outra noite receei que sim, mas pensei... esperava que... — Engoliu em seco e depois olhou para Simon. — O que quer saber?

A frialdade nos olhos da rapariga irritava-o tanto quanto as mentiras.

— Como te chamas e o que é que roubaste? — Não podia ter sido algo pequeno. Não a caçariam daquela maneira por algo insignificante.

— O meu nome é Meg Corbyn.

— Esse foi o nome que adotaste quando vieste para cá — retrucou Simon. — Como te chamavas antes?

A expressão de Meg era um misto bizarro de fúria e de orgulho. Isso deixou-o de pé atrás, pois servia para lhe recordar que ela, inexplicavelmente, *não era presa*.

— A minha designação era *cs759* — respondeu Meg.

— Isso não é um nome!

— Pois não, não é. Mas não me deram mais nada. Não davam mais nada a nenhum de nós. Apenas uma designação. As pessoas dão nomes aos animais de estimação, mas a *propriedade* não merece nome. Se lhes dermos designações em vez de nomes, não temos de pensar nos que lhes estamos a fazer, não temos de nos interrogar se a *propriedade* tem sentimentos quando...

Meg susteve o olhar de Simon, mesmo tendo repentinamente de se esforçar por respirar. Simon manteve-se completamente imóvel. Acaso se movesse, tanto as presas como a fúria se soltariam. *O que te fizeram, Meg?*

— Quanto àquilo que roubei, foi isto que eu trouxe. — Tirou do bolso uma coisa que pousou em cima do cartaz de «Procurado».

Simon pegou no objeto. Prata. Um dos lados estava decorado com folhas e flores bonitas.

O outro lado tinha *cs759* gravado em letras simples. Encontrou o ponto onde se podia encaixar uma unha e abriu o objeto, revelando a lâmina fina e brilhante.

Vira uma coisa daquelas havia vinte anos. Ver outra naquele momento fê-lo arrepiar-se.

— É bonito, mas não pode valer assim tanto. — A voz dele tinha um tom agreste, inseguro. Sentia-se como se tivesse perseguido um coelho que de repente se houvesse transformado em Urso Pardo.

Havia qualquer coisa que não batia certo. Havia tanta coisa que não batia certo.

— Por si só, talvez não valha muito — admitiu Meg. — A segunda coisa que roubei foi isto. — Despiu o pulôver e atirou-o para o lado. Arregaçou a manga esquerda da camisola de gola alta até ficar acima do cotovelo. Estendeu então o braço.

Simon fitou as cicatrizes espaçadas.

Uma velha, de braços despidos bronzeados pelo Sol, o que lhe deixou as cicatrizes finas esbranquiçadas, sentada a uma pequena mesa onde lança as cartas e lê a sina para ganhar o dinheiro que lhe pagava cama e comida. Uma pequena comunidade humana que sobrevivia à beira de uma colónia de nativos da terra que se divertia levando turistas para a floresta, onde tiravam fotografias, criavam histórias e até filmavam filmes que seriam exibidos em cinemas.

Havia quem ensinasse competências básicas aos Outros, como tecelagem ou carpintaria. Outros ajudavam com os passeios. E havia ainda sempre quem procurasse uma desculpa para morrer e que apenas ali estavam para passar o tempo, sabendo que os Lobos e os Pardos acabariam por lhes fazer a vontade.

Ela estava sentada ao sol quente, com um chapéu de palha na cabeça, a sorrir para as crias, as

dos humanos e as dos Outros, que se riam dela ao passarem nos variados grupos.

Mas ele não se riu, não se limitou a passar por ela. As cicatrizes deixaram-no intrigado, incomodado.

A expressão naqueles olhos perturbava-o, e depois...

— Já não sobra grande pele, mas isto era para ti...

A lâmina de prata refulgiu com o sol quando saiu do bolso do vestido. Um corte meticuloso na face, a distância de uma cicatriz anterior igual à largura da lâmina.

Aquilo que ele viu nesse dia, aquilo que ela disse nesse dia, viria a moldar-lhe a vida.

— Profeta de sangue — murmurou Simon enquanto fitava Meg. — És uma *cassandra sangue*.

— Sim — admitiu ela, baixando o braço e desarregando a manga.

— Mas... porque fugiste? A vossa espécie vive em sítio especiais. Sois mimadas e recebem o melhor...

— Não interessa se somos espancados ou mimados, se nos dão as melhores comidas ou se passamos fome, se estamos limpas ou imundas. Uma gaiola será sempre uma gaiola — exclamou Meg, com uma emoção intensa. — Aprendemos aquilo que os Nomes Ambulantes querem que saibamos, porque uma profetisa não vale nada se não souber descrever o que vê. Passamos dias a fio fechadas em salas de aulas, a olhar para imagens que descrevem coisas que existem no mundo, mas nunca deixam que nos conheçamos umas às outras, nunca permitem que tenhamos amigas, nunca nos deixam falar, a menos que isso faça parte de um exercício. Dizem-nos quando comer, quando dormir, quando andar na passadeira para fazer exercício. Até programam quando defecamos! Estamos vivas, mas não nos permitem viver. Quanto tempo durava o *Simon* se tivesse de ficar assim?

Meg estava a tremer. Simon não sabia dizer se de frio ou de fúria, mesmo depois de ela ter ido buscar a camisola para a vestir outra vez.

— Porque é que não há mais de vós a fugir? — indagou Simon.

— Se calhar, a maioria não se incomoda por viver numa gaiola e não ter nome. Além disso, para onde é que se ia? — Meg recusava-se a cruzar o olhar com o de Simon. — Deixa-me ficar até ao anoitecer? Se puder sair durante a noite, talvez consiga escapulir-me a quem tiver sido enviado pelo Controlador.

Simon meneou a cabeça, num esforço para a compreender.

— Vais fugir outra vez?

Meg fitou-o finalmente.

— Prefiro morrer a ter de voltar para lá.

Uma declaração perfeitamente calma. A honestidade das palavras assustou-o por aquela voz denotar um tudo-nada de Lobo a mais. Ela não era *terra indigene*, mas também não era uma humana normal. Ela era uma confusão, e até que Simon percebesse melhor, só podia seguir o instinto.

Há alguns dias, ela chegara à procura de emprego porque queria viver. Se isso não fosse verdade, teria ido dormir num monte de neve qualquer. Agora estava disposta a morrer?

Simon não gostava disso. Não gostava disso de todo.

Guardou no bolso a lâmina de prata e o cartaz.

— A lâmina é minha — protestou Meg.

— Então vais ter de ficar até que eu ta devolva.

— Sr. Wolfgard...

— Vais ficar, Meg — rosnou Simon. — Ficas, até que te diga que podes ir. — Ouviu um camião a parar, e depois outro. — Tens trabalho à tua espera.

Ao cruzar a sala das traseiras, Simon pegou nas botas mas não se deteve para as calçar. Em vez disso, correu de volta à LUM.

Cs759. O significado das letras era por de mais óbvio. Não queria pensar no significado do número.

Esse tal de Controlador estava a tentar deixar a polícia na pegada dela. Haveria outro tipo de caçadores atrás de Meg? O intruso da outra noite seria um predador contratado?

Depois de informar John e Heather do seu regresso, Simon dirigiu-se ao seu gabinete e calçou peúgas secas. Olhou pela janela com vista para a Estação do Intermediário enquanto aguardava a chegada dos elementos da Associação Comercial para a reunião.

Poder. Quando os *terra indigene* lidavam com seres humanos, tudo se resumia sempre ao poder e ao conflito potencial.

Era líder do Pátio de Lakeside, e a sua vontade tinha um peso considerável, mas aquela decisão era demasiado importante para ser tomada sozinho.

Meg desligou o leitor de CD. Não valia a pena ouvir música para descobrir aquilo de que gostava. Em vez disso, tirou correspondência do último saco antigo e tentou concentrar-se na sua separação, em concluir *alguma coisa*, antes que fosse ela a chegar ao fim.

Uma sala branca e uma daquelas camas terríveis. E Simon Wolfgard. Vira essas coisas numa profecia que lhe revelara o próprio futuro.

Será que ele a iria entregar ao Controlador, talvez até negociá-la em troca de profecias? Ou faria o mesmo que o Controlador, agora que sabia o que ela era? Saberia como fazê-lo? Teria sido por isso que ela vira a cama usada quando as raparigas se destinavam aos cortes mais íntimos?

Concentrou-se tanto em não pensar na eventual decisão de Simon que deu um salto quando ouviu o relinchar à porta da sala de separação.

— Pelos deuses — resmungou, e viu as horas. Pretendera passar pela mercearia para comprar cenouras ou maçãs. Já não havia tempo para isso. — Só um momento — gritou, quando o relinchar se tornou um coro. Imaginava o que Elliot Wolfgard diria sobre o barulho, caso os funcionários do consulado fossem incomodados.

Meg correu de volta à sala das traseiras para vestir o blusão e olhou em seu redor em busca de *algo* que servisse de guloseima. Nem queria pensar na possível reação dos póneis caso ela *não tivesse* alguma coisa para lhes dar.

Além de um frasco de café instantâneo e de saquetas de chá de ervas, as únicas coisas que tinha na zona da cozinha eram uma caixa de cubos de açúcar, um pacote de bolachas e uma lata de arrumação com um pacote aberto de biscoitos de chocolate.

Enfiou o blusão, pegou na caixa de cubos de açúcar e correu a abrir a porta, pois o coro seguinte de relinchos foi acompanhado pelo grasnar dos Corvos.

— Estou aqui, estou aqui — arfou Meg quando abriu a porta. Pousou a caixa na mesa de separação, agarrou no primeiro monte de correspondência e começou a encher os alforjes.

Os pôneis mexeram-se, desviaram-se e mordiscaram-lhe o blusão. Pareciam crianças a tentar chamar a atenção de um adulto puxando-lhe as mangas.

Não tinha correspondência selecionada suficiente para encher os alforjes dos oito pôneis que haviam comparecido, mas certificou-se de que todos tinham algo que levar. Depois abriu a caixa de torrões de açúcar.

— Uma guloseima especial para o Dia da Lua — declarou Meg, oferecendo dois cubos a Trovão, que os aceitou alegremente. Todos aceitaram. Ficaram tão contentes que todos tentaram voltar a meter-se em fila para mais um torrão. Quando Meg fechou a caixa e acenou em despedida, todos a fitaram — e à caixa — por um longo instante antes de se afastarem a trote para entregar o correio.

Com um suspiro e a tremer, Meg fechou a porta, arrumou o açúcar no armário da sala das traseiras e voltou ao trabalho.

A sala de reuniões da Associação Comercial tinha um círculo de cadeiras de madeira dispostas à volta de uma mesa redonda baixa. Tinha ainda uma secretária e arquivadores, bem como um computador numa outra secretária, o qual podia ser usado para enviar *e-mails* ou para fazer encomendas a empresas humanas.

Como o gabinete da Associação Comercial ocupava a outra metade do primeiro andar da LUM, Simon foi o primeiro a chegar. Ocupou um dos lugares e aguardou que os restantes elementos se decidissem quanto aos lugares onde se sentarem, pois os maiores clãs não se sentavam de livre vontade ao lado uns dos outros e *nenhum* deles queria sentar-se ao lado dos Sanguinati.

Vlad e Nyx chegaram um minuto depois de Simon. Os restantes entraram momentos depois, deixando os sobretudos no bengaleiro da pequena sala de espera e atrasando a sua entrada o suficiente para que os Sanguinati escolhessem os seus lugares.

Vlad sentou-se ao lado de Simon e Nyx à direita de Vlad. As outras cadeiras foram ocupadas a partir daí — Jester, Blair, Jenni Crowgard, Tess, Julia Hawkgard e Henry. Allison Owlgard ficou com a última cadeira.

Jenni fazia parte da Associação Comercial, mas Julia e Allison não, o que significava que provavelmente os líderes dos respetivos clãs as teriam escolhido como representantes por trabalharem nos estabelecimentos com contactos com seres humanos, ou perto deles.

— Já cá estamos todos, Simon — resmungou Henry baixinho.

— O tenente Montgomery procurou-me esta manhã — informou Simon.

— Ontem ficámos nos nossos terrenos — rosnou Blair. — Ou nos passeios adjacentes, que são considerados propriedade pública. Os humanos não têm razão para se queixarem disso.

— Ouvi dizer que algumas crias se divertiram a escavar o monte do composto — comentou Jester. — Será que alguém se queixou disso?

Blair abanou a cabeça.

— Tecnicamente, esse terreno pertence-nos, mas deixamos que os trabalhadores de manutenção de Lakeside o usem. Ambos os lados contribuem para o composto e podem usar o material. Os

trabalhadores não se importam que os escavemos. Poupa-lhes trabalho a revirar os montes. Além disso, os miúdos não se divertiram assim tanto. Está congelado, com tudo o resto, neste tempo.

— Ele não esteve cá por termos sido vistos, nem por causa do composto — esclareceu Simon. Inclinou a anca e tirou o papel e a lâmina do bolso. Abriu a folha e colocou-a no centro da mesa redonda.

— Oh — exclamou Jenni, parecendo satisfeita. — Nessa fotografia a Meg está mais parecida com um Corvo.

Jester recostou-se, como se quisesse distanciar-se do cartaz. Vlad mexeu-se desconfortavelmente e Nyx manteve-se imóvel. O cabelo de Tess ficou verde e começou a encaracolar-se.

Os olhos de Blair deixavam transparecer a raiva sentida, mas a voz soou calma quando perguntou: — O que roubou ela?

— Isto. — Simon pousou a lâmina de prata em cima do cartaz, com a designação virada para cima. — Brilhante!

Jenni fez menção de agarrar a navalha, mas recuou a mão quando Blair virou a cabeça e quase lha mordeu. Jenni encostou ostensivamente a mão ao peito e inclinou-se para Tess.

Henry chegou-se à frente.

— O que é *cs759*?

— A designação dela. — Simon hesitou. — A Meg é uma *cassandra sangue*.

— Uma profeta de sangue? — exclamou Jester. — A nossa Intermediária é uma *profeta de sangue*?

Simon assentiu.

— Fugiu do sítio onde a tinham. Foi assim que veio cá parar.

— É raro andarem pelo mundo — meditou Henry. — Pouco sabemos acerca desse tipo de humano porque são muito poucos os que correm o mundo. Será que a Meg não cheira a presa por ser um tipo diferente de humano?

— O Clã das Corujas pouco sabe sobre eles, além de uns poucos rumores, e esses boatos mostram-nas sempre como especiais e mimadas — adiantou Allison.

— Engaioladas. Ela disse que estavam engaioladas — informou Simon. — Disse que preferia morrer a ter de voltar — acrescentou, pouco depois.

Instalou-se um silêncio incómodo. Prender um *terra indigene* era considerado um ato de guerra — razão pela qual manter Sam numa gaiola para a segurança da cria ia matando Simon pouco a pouco.

— Viste cicatrizes? — indagou Nyx.

Simon assentiu.

— No braço esquerdo, acima e abaixo do cotovelo. A espaços iguais.

Jester soprou o fôlego.

— A Meg é a primeira Intermediária decente que temos neste Pátio... pelo menos desde que cá vivo. Mas se a polícia tem este cartaz e to mostrou, eles sabem que ela cá está. Queremos uma desavença com eles por causa de outra humana? Nem sequer temos conhecimentos suficientes acerca das profetas de sangue para sabermos se vale a pena a briga.

Tess mexeu-se repentinamente na cadeira — um movimento nervoso e zangado. O cabelo estava

agora de um vermelho-sangue, com madeixas verdes e fios pretos.

Jenni olhou para Tess, crocitou e arrastou a cadeira o mais possível para junto de Blair.

— Não me perguntem como sei estas coisas — disse Tess, num tom roufenho. — Só sei que são verdadeiras.

— Partilha connosco — pediu Simon, esforçando-se por não fazer nada que parecesse agressivo.

— *Cassandra sangue* — começou Tess. — Profeta de sangue. Mil cortes. Ao que parece, houve quem determinasse que era esse o número passível de ser obtido com cada uma dessas raparigas. A distância entre cortes tem de ser exata. Demasiado próximos e as profecias... esbatem-se. Demasiado espaço e a pele é desperdiçada. Um golpe preciso com uma lâmina muito afiada para produzir a euforia e as profecias. As raparigas ficam viciadas na euforia, desejam-na acima de tudo o resto. É isso que acaba por as matar. Se não tiverem supervisão, podem fazer um corte demasiado profundo ou acertar numa veia e esvaírem-se enquanto as mentes se encontram mergulhadas na euforia e nas profecias. Ou então fazem um corte demasiado próximo e as profecias misturadas enlouquecem-nas. Seja qual for a causa, a maior parte morre antes dos trinta e cinco anos de idade.

— Então elas são presas para seu próprio bem? — indagou Henry, com relutância na voz.

— Seria preciso perguntar a quem tenha vivido nesse tipo de prisão — respondeu Tess. — Enquanto dispuser de pele que possa ser cortada, a Meg é valiosa para alguém, é uma fonte potencial de riqueza. Como qualquer outro tipo de criatura, as *cassandra sangue* têm diferentes níveis de capacidade. Um corte numa tola de pele grossa vale algumas centenas de dólares. Numa pele sensível, a par de inteligência que tenha sido treinada? Dependendo da parte do corpo que esteja a ser cortada para a profecia, estamos a falar de mil dólares por corte, até dez mil ou mais.

Blair assobiou.

— Isso é que é aumentar a parada.

Simon olhou para os elementos em torno da mesa. Sim, isso aumentava a parada. Meg podia valer milhares de dólares para o humano que a controlasse.

Qual o valor dela para nós?

— Imagino que nos tenhas convocado por causa do potencial conflito em que nos vamos envolver se permitirmos que a Meg fique — adiantou Vlad.

Simon assentiu.

— Nesse caso, a Nyx e eu gostaríamos de acrescentar alguma informação que será necessária para que tomem uma decisão. — Vlad olhou para Nyx, que aquiesceu. — A Meg conheceu o Avô Erebus.

Todos se agitaram nos seus lugares.

— Ela foi entregar correspondência — disse Nyx — e ficou incomodada com uma encomenda que não cabia nas caixas. Já estava há algum tempo na estação, por isso ela não a queria levar de volta, e não a quis deixar na neve, tal como outros humanos fariam. Então, o Avô deu-lhe permissão para entrar nas Câmaras e deixar a caixa à frente da porta dele. A encomenda era a caixa de filmes antigos por que ele estava à espera desde há meses.

— Ele decretou que a sangue doce pode entrar nas Câmaras para entregar encomendas, que os Sanguinati nada farão para magoar ou assustar a sangue doce quando estiver nas Câmaras ou em qualquer outro ponto do Pátio — concluiu Vlad.

— Sangue doce? — disse Simon. — Ele sabe que a Meg é uma *cassandra sangue*?

Vlad encolheu os ombros.

— Isso importa? Ela possui uma doçura que o cativou, e deixou claro o que espera dos seus no que diz respeito à Meg.

Simon não teceu comentários. Meg era cativante de uma maneira irritante, mas *ele* não a chamaria doce. Como um cachorrinho, de certa forma, o que interessaria aos Lobos, mas de todo doce.

Foi a vez de Julia e Jenni se mexerem nos seus lugares.

— Ela esteve com a rapariga no lago — adiantou Julia.

Jester gemeu.

— Qual? — quis saber Blair.

— Qual andaria a patinar só com um vestido de manga curta e sapatos? — indagou Julia à laia de resposta.

— Inverno — murmurou Simon. — A Meg falou com a Inverno?

— Os Falcões e os Corvos foram afugentados. Ao que parece, a Elemental não quis partilhar a conversa. Não sabemos o que foi dito, mas ela e a Meg conversaram por um bocado, e depois a Meg foi-se embora.

Pelo menos uma das Elementais também se interessava por Meg. E quando provocada, Inverno podia ser uma grande cabra, mesmo para com os restantes *terra indigene*.

Entreolharam-se. Depois viraram-se para Simon e aquiesceram.

— A Meg fica — confirmou Simon. — E vamos certificar-nos de que ela, e a polícia, ficam a saber que agora a consideramos uma dos nossos.

— Como vais fazer isso? — perguntou Tess, à medida que os fios pretos se desvaneciam do cabelo.

Simon pegou na navalha e no cartaz de «Procurado».

— Com uma pequena alteração de morada.

Meg não precisou de ver o entregador a ficar repentinamente tenso para saber que Simon se encontrava na entrada Privada. Quando o homem se foi embora, ela continuou a fitar a rua, em vez de olhar para o Lobo.

— Fecho a estação? — perguntou ela.

— A estação está fechada entre o meio-dia e as duas da tarde, e é quase meio-dia — indicou Simon. — Portanto, sim, vais fechar até voltares para o expediente da tarde.

Meg virou-se então para o encarar.

— Posso ficar?

— Com algumas mudanças.

— Que tipo de mudanças?

— Fecha a estação, Meg. Depois falamos.

Meg fechou a estação, vestiu o blusão e calçou as botas, e depois seguiu-o pela porta das traseiras, que ele trancou antes sequer de Meg conseguir tirar as chaves.

Simon levou-a até um Cairo estacionado junto à porta e mandou-a entrar para o lugar do

passageiro. Quando finalmente ela se instalou, Simon estava ao volante a caminho do Pátio.

Meg voltou a perguntar quais as mudanças que ela teria de fazer, mas Simon franzia cada vez mais o cenho. Depois pisou o travão e o Cairo deslizou e ficou atravessado antes de parar.

Os olhos ambarinos fitaram-na. A testa enrugou-se ainda mais.

— Como é que aprendeste coisas lá no sítio onde te tinham?

Meg reparou que Simon não dissera onde ela vivera. Pelo menos o Lobo compreendia essa distinção.

— Mostravam-nos imagens. Às vezes desenhos, de outras vezes fotografias. Víamos documentários e filmes de treino. De vez em quando, cenas de filmes. Depois de termos aprendido a ler, davam-nos trabalhos de leitura, ou um instrutor lia em voz alta. Ou então líamos nós em voz alta, para aprendermos a falar corretamente e a pronunciar as palavras.

E havia coisas que lhes eram feitas «para experiência», ou coisas que eram obrigadas a ver serem feitas a uma rapariga que já fora gasta ou demasiado deficiente para ganhar o seu sustento através dos cortes.

O cenho de Simon aprofundou-se um pouco mais.

— No outro dia levaste o Cairo. Como aprendeste a conduzir?

— Não é assim tão difícil — resmungou Meg, ao que acrescentou, num tom defensivo: — Pelo menos não fiquei atravessada.

Simon endireitou o Cairo e prosseguiu viagem pela estrada.

— Não te ensinaram a conduzir. Ensinaram-te alguma coisa, além de proferir profecias?

— Não estamos dependentes dos nossos guardiões quando o podemos fazer sozinhas — respondeu baixinho.

Os sons que Simon fazia eram terríveis e assustadores. Quando a mirou, parou os sons, mas assim que os olhos se encontraram, Meg viu um estranho lampejo vermelho no âmbar.

— Onde vamos? — quis saber Meg. Parecia estarem a caminho do Complexo Verde. Um minuto depois, entraram numa zona de estacionamento no lado oposto ao complexo.

— Este é o estacionamento das visitas ou o estacionamento temporário — explicou Simon ao sair do Cairo. Quando ela o alcançou, Simon apontou para uma alameda que acompanhava o edifício em U. — Por ali vais dar às garagens e ao estacionamento dos residentes. O autocarro da manhã não chega à estação a horas da abertura, por isso tens de usar o Cairo do Intermediário... quando aprenderes a conduzir.

— Eu sei conduzir — protestou Meg. — Pelo menos em frente.

Simon fitou-a.

— Não consegues fazer marcha-atrás? — Meg não respondeu. — Certo. Vamos juntos para o trabalho durante alguns dias.

— Mas...

— Não podes ficar no apartamento de serviço por cima das lojas, Meg. Vais estar demasiado vulnerável. Portanto, se vais ficar e ser nossa Intermediária, passas a morar aqui.

— Aqui? Mas estamos no interior do Pátio. Os humanos não moram aqui.

— Tu vais morar.

As palavras foram ditas com um tom conclusivo, à semelhança da forma como Simon lhe agarrou no braço e a levou a atravessar a estrada. Meg já vira parte do Complexo Verde quando Tess lá a levava para lavar as roupas.

Longe da vista. Fora de alcance. Seguro.

— Primeiro andar — indicou Simon, levando-a a uma escadaria. O alpendre era cercado por gelosia de ambos os lados e em metade da frente. Meg imaginou que garantisse sombra, abrigo e alguma privacidade no verão. E algum abrigo da neve naquela estação.

Simon tirou um porta-chaves do bolso do sobretudo, abriu a porta e afastou-se.

Meg avançou para o tapete da entrada, descalçou as botas e colocou-as em cima da grade rachada. Depois olhou à volta.

Uma sala de estar grande. Tons naturais de terra e madeira. Algum mobiliário que não enchia o espaço, mas que não ficava atrás do que tinha no apartamento de serviço. Olhou para trás, para Simon, que permaneceu junto à porta, com uma expressão inescrutável no rosto. Hesitante, Meg foi explorar.

Dois quartos. Um estava vazio; o outro tinha uma cama de casal sem lençóis e uma cómoda. A casa de banho parecia modestamente limpa e a cozinha dava uma sensação espaçosa, incluindo um espaço de refeições. Tinha igualmente uma porta que dava para um patamar interior e para uma escadaria traseira de acesso à porta exterior — ambos partilhados com o apartamento vizinho.

— Aceitável? — perguntou Simon quando Meg regressou à sala.

— Sim. Obrigada.

Simon virou a cabeça na direção da porta, ficando à escuta por um instante, após o que aquiesceu.

— Há fêmeas que te vão ajudar a deixar a tua habitação em condições de limpeza humana. Depois levo-te à estação a tempo das entregas da tarde.

Quando Simon abriu a porta, Meg ouviu Merri Lee e Jenni Crowgard a falarem enquanto subiam as escadas.

— Sr. Wolfgard? — disse ela, antes de Simon sair. — Reparei que a porta da cozinha dá para um patamar partilhado. Quem mora no outro apartamento?

Simon fitou-a demoradamente.

— Eu.

Depois saiu, e Merri Lee, Jenni, Allison Owlgard e uma jovem que se apresentou como Heather Houghton entraram com comida e material de limpeza. Quando voltaram a sair, de regresso aos trabalhos habituais, a única coisa que restava a Meg era trazer as roupas e as poucas coisas que adquirira.

Simon aguardava ao fundo da escada. Quando as mulheres passaram por ele, Jenni disse: — A Meg não te quis perguntar, mas a casa não tem televisão, nem leitor de filmes. Ela pode trazer os que estão no apartamento pequeno?

Simon fitou-as, e depois olhou para Meg.

— Mais alguma coisa?

— A Meg gosta de livros — replicou Merri Lee alegremente. — Se houver uma estante a mais no apartamento de serviço, também a podias trazer.

— Eu não disse... Não estava a pedir... — gaguejou Meg.

Simon pegou-lhe no braço e encaminhou-a para o Cairo. As outras mulheres entraram para o que estava estacionado ao lado do dele, com Merri Lee no lugar do condutor, Heather ao lado e Jenni e Allison apertadas atrás. Partiram com Simon a mirá-las.

Abanou a cabeça, abriu a porta do passageiro e, mais uma vez, empurrou Meg lá para dentro. Ao sentar-se ao volante disse: — A Merri Lee não conduz melhor do que tu.

— Eu conduzo bem, muito obrigada — retrucou Meg.

— Sim, tendo em conta que não sabes conduzir. — Saiu do parque de estacionamento e acelerou estrada abaixo a uma velocidade que Meg nunca sequer ponderaria.

A jovem cruzou os braços, fitou a paisagem pela janela do seu lado e resmungou: — Lobo mau.

A única resposta por parte de Simon foi uma gargalhada.

Monty seguiu o homem chamado John escadas acima e corredor abaixo até à porta com ESCRITÓRIO pintado com letras pretas em vidro fosco. John bateu, abriu a porta e afastou-se.

— Entre, tenente — indicou Simon, levantando-se da cadeira à secretária de madeira escura.

A olhadela rápida que Monty se permitiu antes de oferecer ao Lobo a sua atenção completa deu-lhe a impressão de estar num escritório típico — secretária com telefone, computador, tabuleiros para papelada; um calendário grande que também fazia as vezes de mata-borrão e de proteção da madeira.

Havia arquivadores ao longo de uma das paredes e uma ausência total de objetos pessoais — não havia fotografias, nem sequer estampas emolduradas —, mas havia quem preferisse um ambiente de trabalho austero, pelo que nem isso era exatamente fora do comum. A única coisa naquele espaço que não parecia habitual no escritório de um empresário humano era a pilha de almofadas e de cobertores a um canto.

— Agradeço a sua presença tão célere — disse Simon.

— Muito sinceramente, Sr. Wolfgard, surpreende-me que tenha entrado em contacto comigo de todo — respondeu Monty.

Havia qualquer coisa com aqueles olhos ambarinos. Pareciam mais ferozes do que nessa manhã, se é que isso seria possível.

— Falei com os elementos da Associação Comercial e todos concordámos que embora a mulher no cartaz de «Procurado» se assemelhe bastante à nossa Intermediária, não se trata da mesma pessoa.

Monty abriu a boca, fazendo menção de discordar, mas rapidamente se apercebeu de que não valia a pena. Wolfgard sabia perfeitamente que Meg Corbyn era a mulher exibida naquele cartaz.

— Além disso — prosseguiu Simon —, parece que houve mais alguém a cometer esse erro. Na noite do Dia da Água houve alguém que tentou invadir os apartamentos de serviço que temos por cima da costureira/alfaiate. Só conseguiu arrombar a fechadura da porta exterior e subir as escadas, sendo depois afugentado pelo Henry Beargard.

— Tem a certeza que se tratava apenas de uma pessoa? — tentou confirmar Monty.

— Talvez estivesse outro à espera no veículo, mas o Henry só sentiu o cheiro de um intruso.

Embora a forma de Wolfgard não tivesse mudado, ele não fingia passar por humano.

— Não nos deu conta de uma tentativa de invasão — comentou Monty, enfiando as mãos nos bolsos do sobretudo para ocultar os tremores.

— Estou a dar conta agora. Uma fechadura partida não era motivo suficiente para incomodar os nossos amigos na polícia, mas caso tenha sido uma tentativa de levar a nossa Intermediária contra a vontade dela, o caso merece a atenção de todos. É claro que tomámos precauções. A Meg Corbyn reside agora no Complexo Verde, onde o acesso só é possível com autorização prévia. Eu também lá moro, bem como Vladimir Sanguinati e Henry Beargard.

Mensagem entendida. Ninguém que tentasse chegar a Meg Corbyn quando esta se encontrasse a dormir ou de outro modo vulnerável sobreviveria.

— De certeza que a Menina Corbyn agradece o seu interesse pelo bem-estar dela — adiantou Monty.

Simon soltou uma gargalhada.

— Ainda não se nota. — Depois o rosto assumiu a expressão animalesca que era horrível de se ver numa cara, em todos os restantes aspetos, humana. — A lei humana não se aplica no Pátio, tenente. Pouco importa o que os outros pensem: a Meg Corbyn, agora, é uma dos nossos... e nós protegemos os nossos. Certifique-se de que essa mensagem chega a quem tiver feito o cartaz.

— Sabe porque estará alguém a dar-se a tanto trabalho para a encontrar?

— Isso já não interessa.

Mais uma abordagem a experimentar.

— Se os objetos roubados fossem devolvidos, imagino que a Menina Corbyn deixasse de ser de interesse para...

Lampejos vermelhos nos olhos ambarinos de Wolfgard. Quando este falou, Monty imaginava que Simon nem sequer tivesse noção do modo como a voz soava a um rosnido.

— A Meg é *nossa*.

Mais uma mensagem — e a súbita perceção de que talvez ele estivesse a lidar com algo mais delicado e arriscado do que imaginara.

— Obrigado pelo seu tempo, Sr. Wolfgard. — Foi difícil, mas Monty conseguiu virar as costas ao Lobo e sair do escritório, fechando a porta atrás de si.

Ainda não tinha acabado de descer as escadas quando ouviu o uivo no piso acima.

Cumprimentou a jovem pálida ao balcão com um aceno de cabeça e saiu da Ler e Uivar por Mais — e reparou na quantidade de pessoas que andavam a ver os títulos na frente da loja e que se dirigiram à caixa.

Kowalski aguardava-o quando Monty entrou para o lado do passageiro do carro-patrolha. No lado oposto ao parque de estacionamento agora reduzido pela neve estava uma carrinha com FECHADURAS FALLACARO pintado nos lados.

— Alguma coisa? — indagou, enquanto punha o cinto de segurança.

Kowalski inclinou a cabeça na direção dos três homens em torno de uma porta de vidro.

— Houve um arrombamento na outra noite. Fechadura partida. O intruso não chegou a entrar em nenhum apartamento, nem levou nada. O Chris Fallacaro gere este lado do negócio. O pai está semiaposentado, o que imagino queira dizer que tem algum preconceito contra os Outros e não aceita

estes serviços específicos.

— O Sr. Fallacaro trata de alguma fechadura residencial no Pátio?

Kowalski abanou a cabeça.

— Está a ensinar alguns Outros a substituir fechaduras, e eles já têm uma máquina de fazer chaves no Complexo de Serviços. Tive oportunidade de trocar algumas palavras com ele antes de os Outros aparecerem. Diz que eles não regateiam as contas, pagam em numerário e que salvo o facto de estarem sempre em cima dele para verem o que está a fazer e de o cheirarem, o que pode ser incómodo, pois eles ficam sempre a saber se esteve com a namorada, ou o que a mãe serviu ao jantar na véspera, não é difícil trabalhar com eles.

— Aquele miúdo não sobrevivia um único dia se alguma chave acabasse nas mãos erradas — comentou Monty.

— Ele bem sabe, tenente. É por isso que tem o cuidado de entregar as chaves todas e vai ao complexo deles ajudá-los a fazer chaves novas.

— Muito bem. Vamos voltar à esquadra. Parece que vou estragar a tarde do capitão Burke.

Monty viu a expressão do capitão azedar cada vez mais à medida que apresentava o relatório.

— Acha mesmo que eles vão lutar por causa disto? — quis saber Burke.

Monty assentiu.

— Vão, meu capitão.

Burke recostou-se na cadeira.

— Faz ideia de qual será a importância desta mulher para eles? Ou o que ela poderá ter roubado?

— Porque é que levamos um gatinho perdido para casa e lhe damos de comer? — indagou Monty, à laia de resposta. — Pode não ter passado disso ao início, mas agora que alguém lhes invadiu o território para chegar à Menina Corbyn, os Outros ficaram muito mais dispostos a mantê-la com eles. — Fez uma pausa, sem saber o quanto revelar quanto às suas suspeitas. — O Simon Wolfgard disse uma coisa que me tem estado a incomodar. Se a vítima do roubo sabia quem levou os artigos e nos deu o que equivale a uma fotografia de identificação para o cartaz de «Procurado», porque não nos forneceu um nome? Se se trata de algum tipo de roubo industrial e a Meg Corbyn era funcionária, porque é que não nos indicaram um nome?

— Está a querer chegar a qualquer lado. De que se trata?

— E se ela não tinha nome? Ou se o anonimato é para segurança dela?

— Toda a gente tem... — Burke chegou-se devagarinho à frente.

— Pelo que sei, esses complexos são tão bem vigiados como qualquer Pátio e ninguém sabe o que se passa lá dentro, nem sequer os clientes que frequentam esses sítios.

Burke suspirou.

— Estamos em terreno minado, tenente, e se alguma parte daquilo que acabou de insinuar for verdade, vamos ter gente poderosa a atirar pedras, a tentar acertar nas minas por baixo dos seus pés... e dos meus. Que os deuses sejam louvados, se acharem que o governo da nossa cidade está do lado errado nesta questão, e se o nosso presidente, a par do idiota do governador, já nos tiverem posto no lado errado ao darem ordem para fazer circular esse cartaz...

Não concluiu o raciocínio. Não precisava de o fazer. Acabou por se levantar.

— É melhor falar com o chefe e ver o que ele pode fazer para retirar o cartaz das ruas antes que alguém tente fazer uma detenção. O que vai o tenente fazer?

— Vou falar com o MacDonald e com o Debany quando eles entrarem ao serviço para os deixar a par do potencial conflito que temos entre mãos. E vou tentar confirmar se as minhas suspeitas quanto à importância da Menina Corbyn para tanta gente têm fundamento.

Monty pendurou o sobretudo e serviu-se de uma caneca de chá verde. Depois sentou-se ao computador e passou as horas seguintes a vasculhar o pouco que a polícia sabia acerca da raça de seres humanos conhecida como *cassandra sangue*.

Asia programou a chegada e levou o carro até à zona de entregas da Estação do Intermediário, estacionando de modo a que o veículo ocupasse tanto espaço quanto possível. Depois tirou o copo do suporte e apressou-se a entrar na estação. Ao ver Meg a hesitar à porta da sala marcada como PRIVADO, Asia sorriu ainda mais e dirigiu-se ao balcão.

— Hoje mudei de turno e só tenho um bocadinho — disse Asia, parecendo um tudo-nada ofegante. — No outro dia não começámos bem, e a culpa foi toda minha. Às vezes fico muito excitada, e gostava mesmo de te conhecer melhor, pois não tenho muitos amigos e pareces-me o tipo de pessoa com quem posso falar, percebes? Bom, trago aqui uma oferenda de paz. — Pousou o copo no balcão à frente de Meg. — Não sabia como é que gostavas do café, nem sequer se bebes café de todo, por isso trouxe-te chocolate quente. Com o chocolate não há que enganar. — Mudou de posição, com a linguagem corporal a deixar transparecer uma mensagem de nervosismo, mas ao mesmo tempo de sinceridade. — Bem, espero não te ter causado problemas.

— Não me causaste problemas — asseverou Meg. — Agradeço o chocolate quente, e gostava de poder falar contigo, mas...

— Mas neste momento tens de trabalhar e eu tenho de trabalhar. — Asia olhou para trás quando ouviu uma buzina e os Corvos empoleirados no muro responderam. Revirou os olhos quando se voltou para Meg. — E estou no caminho daquelas carrinhas de entrega e a criar um engarrafamento na autoestrada do comércio.

Meg sorriu.

— É mais o carreiro até à caixa dos trocos.

Asia regressou ao carro a acenar, ofereceu ao condutor da carrinha um sorriso que lhe apagou o ar carrancudo, e saiu do Pátio. Quando olhou pelo retrovisor, antes de entrar no trânsito, viu dois Corvos a alçar voo.

Bingo, pensou Asia. Que aquelas bisbilhoteiras de asas pretas fossem dizer a toda a gente que ela estivera na estação. Meg Corbyn não tinha competências sociais e era incapaz de mentir, quer fosse com o corpo, quer fosse com palavras. A tola acreditara na nova versão de Asia Crane, o que cumpria o objetivo de Asia para esse dia.

Um café aqui, uma fatia de piza ali, e Asia seria a amiga a que Meg era incapaz de dizer não. E depois poderia dar seguimento à sua missão e deixar felizes os patrocinadores.

Monty sentiu um arrepio quando entrou na sala de reuniões da esquadra e viu o capitão Burke a distribuir os cartazes com Meg Corbyn.

— Tenente? — murmurou Kowalski atrás dele. — Se calhar devíamos sentar-nos.

O Burke compreende o risco. Porque haveria...?

Monty observou o rosto dos outros homens quando estes olharam para o cartaz e depois analisou o capitão, após o que a reação de todos àquela reunião começou a tornar-se clara.

Depois de todos se sentarem, Burke ofereceu-lhes o seu sorriso feroz.

— Procurada — disse Burke. — Roubo. Como podem ver, não se refere o que foi roubado, nem a

identidade desta pessoa, pese embora a indicação de que ela é conhecida da pessoa ou pessoas que denunciaram o dito roubo. Fui informado de que se solicitou a todas as cidades da zona oriental de Thaísia que ficassem atentas a esta pessoa, e cumprimos o nosso dever para com o governo e para com a nossa cidade mantendo os olhos abertos.

»Agora, cavalheiros, quero frisar uns quantos pontos. Em primeiro lugar, nada me leva a crer que esta pessoa esteja armada ou seja perigosa, ou que constitua uma ameaça quer para nós, quer para os habitantes de Lakeside. Assim sendo, se acharem que viram esta mulher, não é necessária força para o contacto inicial. Quero que isso fique bem claro.

»Em segundo lugar, diz-se que cada pessoa tem o seu duplo — alguém tão parecido que poderia ser confundido com essa pessoa. Isso dá-nos histórias interessantes sobre confusão de identidades — a menos que o duplo por acaso more num Pátio.

Movimentos repentinos nas cadeiras. Tiques nervosos. Tossidelas nervosas.

— Chegou ao meu conhecimento que uma residente do Pátio de Lakeside tem uma semelhança muito forte com a mulher que veem neste cartaz. Imagino que tenham noção das consequências para esta cidade caso tentemos deter a pessoa errada. O tenente Montgomery e a sua equipa estão encarregues de lidar com quaisquer incidentes relacionados com os Outros, quer os *terra indigene* se encontrem no Pátio, quer entre nós, nesta cidade. Se virem alguém com os Outros que se pareça com a mulher do cartaz, falam com o tenente Montgomery. Se ele, ou algum dos elementos da equipa, pedir apoio ou reforços, vocês providenciam-no.

»O governador quer esta alegada criminosa detida e a propriedade roubada devolvida ao dono. Essas ordens foram transmitidas aos presidentes de todas as cidades e vilas da Região Nordeste. Esses presidentes deram ordens aos comissários das respetivas cidades, que por sua vez transmitiram essas ordens aos chefes da polícia, que as transmitiram aos capitães, os quais, tal como é o meu caso, as estão a transmitir a todos vós.

Burke fez uma pausa e olhou para todos. Ainda sorria, mas os olhos azuis brilhavam com a fúria.

— Portanto, já sabem o que Sua Excelência quer que façam. Espero que todos compreendam aquilo que *eu* quero que façam.

Monty deixou a reunião sem dizer nada. Foi à secretária buscar o casaco e depois saiu da esquadra. Kowalski juntou-se a ele no carro-patrulha.

— Para onde, tenente? — indagou Kowalski ao ligar o carro.

Monty soltou o fôlego num suspiro. Burke entrara em areias movediças verbais para alertar os agentes para um potencial conflito com os Outros. Monty esperava que as suas palavras cuidadosas tivessem o mesmo êxito.

— Para a Ler e Uivar por Mais.

Kowalski arrancou.

— Não me parece que a LUM esteja aberta a esta hora, mas o Trincadela já deve estar aberto.

Monty olhou para o outro homem antes de espreitar pela janela do passageiro.

— Karl, um café por conta da casa é uma coisa, mas não podemos aceitar sanduíches e bolos ao pequeno-almoço todos os dias. E o MacDonald e o Debany não deviam ir buscar uma sopa gratuita todas as tardes.

Um sorriso breve, que desapareceu num abrir e fechar de olhos.

— Não me parece que o agente Debany lá vá por causa da sopa.

— Ah é? — Pensou na humana que trabalhava para Tess e compreendeu o interesse de Debany. —

Seja como for, esse aproveitamento constante pode ser mal entendido, e talvez estejamos a criar uma conta que não queremos pagar.

— Da última vez que tentei pagar a conta, a dona pareceu insultada. E muito sinceramente, tenente, tenho mais medo dela do que de si.

Tess. Garantemente alguém que não queria ver insultada.

— Está bem. Mas... moderação. — Monty voltou a suspirar. — Além disso, se continuo a comer assim, tenho de ir à procura de um ginásio.

De repente, Kowalski começou a prestar uma atenção excessiva às estradas.

— A Ruthie tem dado a entender que se quer inscrever num ginásio... mais concretamente o Corre & Bate, por ser mais próximo do apartamento para onde nos vamos mudar. Os residentes e os funcionários do Pátio podem usar o C & B, mas também há algumas vagas para humanos que não trabalhem para eles.

— Pode não ser a melhor altura para ela se inscrever — alertou Monty. — Se alguma coisa correr mal...

— Eu sei, mas a Ruthie acredita que dar uma exposição positiva dos humanos aos Outros pode vir a ajudar-nos a longo prazo. Ela frequenta bastante a LUM e diz que nunca se sentiu ameaçada. Se for educada, os Outros também são.

— Ajudar quem? A polícia?

— Ajudar-nos a todos. Não foi por causa da exposição mútua que o Simon Wolfgard abriu umas quantas lojas a humanos?

Talvez, pensou Monty. Depois de alguns dias de contacto com os Outros, Monty não acreditava que Wolfgard quisesse ser amigo dos humanos, tal como o Lobo não queria ser amigo de um veado, mas compreender melhor a presa poderia ser útil por uma série de motivos.

— Tenham cuidado, vocês os dois — alertou Monty.

— Pode crer.

Quando chegaram ao Pátio, a LUM ainda tinha a placa de «Fechado» na porta, mas o Trincadela estava aberto. Kowalski entrou no parque de estacionamento.

— Espera aqui. — Monty levou a mão à pega da porta, e depois parou. Havia qualquer coisa quanto à forma como Burke falara ao referir-se ao Pátio. Qualquer coisa na forma como os homens ficaram nervosos de repente.

Recostou-se.

— Karl? Alguma vez apareceu um crachá naquelas antas lá no parque?

— Não havia um lugar específico para procurar identificações sobre um FPD até a Daphne Wolfgard ter sido assassinada, há dois anos. — Kowalski olhou em frente. — Não aconteceu desde que o capitão Burke assumiu o cargo de capitão de patrulha na Esquadra da Rua Chestnut, mas houve alturas no passado em que um agente foi dado como desaparecido e as únicas coisas que se encontraram fora um carro-patrulha abandonado e um crachá sujo de sangue. Especula-se que o chefe

e o capitão tenham um... entendimento... porque quando o capitão Burke quer *alguém* transferido da Esquadra de Chestnut, no dia seguinte essa pessoa já desapareceu, sem que se façam perguntas. — Hesitou. — Entre os agentes costuma dizer-se: é melhor ser transferido do que ser um FPD.

— O subsídio de risco que recebes por estar nesta equipa vale a pena? — perguntou Monty.

— Tenente, se algo correr mesmo mal entre nós e os Outros, não há subsídio que pague o risco. Mas também não vai haver qualquer sítio em Lakeside que *seja* seguro, por isso talvez sejam esses riscos que vão fazer a diferença.

Como Kowalski não parecia inclinado a dizer mais nada, Monty saiu do carro e dirigiu-se ao Trincadela. Tess estava ao balcão. O sorriso que ela lhe ofereceu deixou-o zozinho e a tremer, como se alguém lhe tivesse aberto a coluna.

— Tenente. O café é fresco; os bolos são de ontem. Parece que esta manhã anda toda a gente um bocado lenta.

— Agradeço o café — replicou Monty. — Mas passei por cá para ver se podia dar uma palavrinha ao Sr. Wolfgard. Reparei que a Ler e Uivar por Mais ainda não abriu. Sabe como posso entrar em contacto com ele?

— Qual o assunto?

— Uma conversa que tivemos ontem.

O cabelo castanho de Tess começou de repente a encaracolar-se e apareceram-lhe fios pretos.

— Por aqui. — A voz dela nunca fora calorosa. Agora parecia brutalmente gelada. Seguiu-a até à porta de gelosia que separava os dois estabelecimentos. Tess abriu a porta, entrou na LUM e disse: — Vladimir. O tenente Montgomery gostaria de dar uma palavrinha. — Dirigiu-se a Monty e acrescentou: — Os elementos da Associação Comercial estão a par da vossa conversa. O Simon não está disponível neste momento, por isso pode falar com o Vlad.

Regressou ao café e fechou a porta, deixando Monty com um dos Sanguinati.

O sorriso de Vladimir era tão gelado como a voz de Tess fora há uns instantes e Monty precisou de reunir toda a coragem do seu ser para se aproximar do expositor que o vampiro estava a organizar.

Não queria dizer aos Outros nada sobre Meg Corbyn que eles não soubessem já, mas não lhes contar o suficiente poderia dar azo a um massacre. E talvez — quem sabe — houvesse uma qualquer informação mínima que convencesse os *terra indigene* a deixar que fossem os seres humanos a lidar com os outros humanos.

— Queria dizer ao Sr. Wolfgard que o cartaz que lhe mostrei ontem foi distribuído por todas as esquadras de Lakeside... mais ainda, por todas as esquadras da zona oriental de Thaísia.

— Isso é relevante?

Vlad parecia estar a esforçar-se por mostrar um interesse educado, mas Monty interrogava-se quanto tempo demoraria essa informação a chegar ao Pátio mais remoto da costa oriental — e o que representaria para a polícia nessas outras cidades.

— Também gostaria de dar conta de alguns pormenores com que me deparei ao confirmar a informação nesse cartaz. — Fez uma pausa para ponderar nas palavras. — Existe um pequeno segmento da população humana considerado em risco. As suas mortes são causadas, grosso modo, por cortes autoinfligidos, pelo que a lei humana prevê uma disposição que permite que outra pessoa

tenha a «posse benevolente» de tais indivíduos.

— Será que essa benevolência não seria chamada escravatura caso fosse imposta a qualquer outro tipo de ser humano? — perguntou Vlad, que agora parecia intrigado. Antes que Monty pudesse responder, o vampiro prosseguiu: — E quanto ao segmento da vossa população que opta por suicídio por Lobo? Enquanto defensor do seu povo, deve saber que tal coisa acontece. Será que a vossa lei insiste nessa posse benevolente caso eles sejam impedidos antes de se atirarem para a frente de uma alcateia?

Suicídio por Lobo. A expressão arrepiou Monty — e o vampiro apercebeu-se disso.

— Não — respondeu Monty. — A nossa lei não prevê isso. — Não lhe pareceu boa ideia tentar explicar as alas psiquiátricas nos hospitais, pois não sabia se Vlad iria compreender — ou interessar-se — pela diferença em estar-se confinado a uma dessas alas e a posse benevolente.

Vlad parecia cada vez mais gelado na sua satisfação.

— Existirão sempre os mais fortes e os mais fracos, os líderes e os seguidores. Não obrigam os mais fracos entre vós a aceitar os restos que sobram depois de os mais fortes terem ficado satisfeitos? Não usam trapos em vez de roupas quentes? Existem fortes e fracos em todos os grupos, mas vocês decidiram claramente que alguns *tipos* de humanos são mais importantes do que outros. Alguns tipos de humanos são humanos e outros são... propriedade? É assim que funciona? Nunca me tinha apercebido de que os macacos possuíam tamanha selvajaria. Não tarda nada vão começar a devorar os fracos para manter os fortes saudáveis.

— *Não.*

Monty sabia que o olhar que Vlad lhe lançou lhe assombraria os sonhos nos anos vindouros.

— Quanto tempo irá durar essa atitude se não houver outro alimento? — indagou Vlad tranquilamente.

Por um instante, Monty não foi capaz de respirar. Seria aquilo uma verdadeira ameaça de cortar os alimentos à laia de experiência sobre canibalismo, ou apenas o raciocínio peculiar de uma mente *terra indigene*?

— Há mais alguma coisa que queira dizer ao Simon? — perguntou Vlad.

Pelo menos aquilo era parte do que pretendia dizer.

— Receia-se que com tantos agentes à procura da pessoa naquele cartaz, possam ser cometidos erros de identificação.

— Refere-se à pessoa que é parecida com a nossa Intermediária?

Monty assentiu.

— Gostaria de ser informado sempre que a Menina Corbyn se ausente do Pátio. Nem eu, nem os meus homens vamos interferir com ela, mas sentir-me-ia mais confortável se estivesse presente. Para evitar mal-entendidos.

— É uma excelente sugestão, tenente Montgomery. — Vlad sorriu. — Já houve mal-entendidos muito caros.

Monty sentiu um arrepio ao pensar na Cidade Afogada.

— É verdade, Sr. Sanguinati. Pois houve.

Não tendo mais nada além do silêncio como resposta, Monty recuou.

— Vou deixá-lo trabalhar. Agradeço pelo seu tempo.

Vlad deu um passo em frente e ofereceu a mão.

— Sempre que precisar, tenente.

Sem pretender ofender, Monty aceitou a mão do vampiro — e sentiu de imediato um formigueiro que desapareceu em seguida. E nesse exato momento, teve a estranha sensação de que o forte aperto de Vlad se tornou menos substancial.

— Pode sair pelo Trincadela — indicou Vlad, libertando a mão de Monty e regressando ao expositor de livros.

Satisfeito por poder sair dali, Monty dirigiu-se à porta de gelosia. Quando fez menção de a abrir, reparou nos pequenos pontos de sangue na palma da mão. Sentiu-se a perder o equilíbrio quando a compreensão substituiu a perplexidade. Não se atreveu a virar-se e encarar o vampiro.

Quanto sangue teria Vlad retirado nos breves segundos que as mãos haviam estado em contacto? Ter-se-ia alimentado, seria um aviso ou uma ameaça?

Querendo fugir dali, apressou-se a entrar no café e virou-se a caminho da porta.

No entanto, a voz de Tess a dizer: — Não se esqueça do seu café — fê-lo dar meia-volta.

Os fios pretos haviam desaparecido, mas o cabelo continuava invulgarmente encaracolado.

Tess começou por lhe entregar guardanapos de papel — e sorriu.

Foi preciso um esforço supremo para não correr, mas Monty conseguiu sair a passo do Trincadela e juntou-se a Kowalski, que estava apoiado ao carro-patrolha, a observar os telhados dos prédios.

— Eles estão muito atentos — comentou Kowalski quando Monty lhe entregou um dos cafés. — Enquanto esteve lá dentro, já passaram por aqui uma dúzia de Corvos e uns quantos Falcões. Tenente, sente-se bem?

— Vamos entrar para o carro — foi a resposta de Monty.

Uma vez no interior do veículo e parcialmente abrigados dos observadores emplumados, Monty afastou os guardanapos da mão.

— Os deuses sejam louvados — exclamou Kowalski, assobiando baixinho. — O que aconteceu?

— Apertei a mão ao Vladimir Sanguinati.

— Porquê?

— Não tinha grande alternativa, e tendo em conta a conversa anterior, não me pareceu muito inteligente insultá-lo.

Kowalski empalideceu.

— Eles conseguem beber-nos o sangue só por nos tocarem?

— Aparentemente, sim. Já tinhas dito que havia indícios de que eles conseguiam tirar sangue sem morder uma pessoa. Parece que acabámos de ter uma demonstração desse outro método.

Monty levou o copo aos lábios e depois baixou-o sem ter bebido.

— Vamos sair daqui, Karl. Tenho de comer alguma coisa e preciso de me afastar do Pátio por um bocado.

Kowalski pousou o copo num suporte e saiu do parque de estacionamento.

Sinais de alerta por todo o lado, pensou Monty. O presidente queria a criminosa presa e a propriedade roubada devolvida ao dono. Mas a propriedade não era uma coisa; era uma pessoa. Meg

Corbyn roubara o próprio corpo, fugira da «posse benevolente» de alguém.

Tendo em conta o que as *cassandra sangue* eram capazes de fazer, até que ponto essa benevolência tinha a ver com lucro?

Monty fechou os olhos, deixando que Kowalski escolhesse o local para uma refeição ligeira.

Agora que Vladimir Sanguinati adiantara essa hipótese, Monty ficava na dúvida se, naquele caso, a *benevolência* não seria apenas outro termo para «escravatura». Também não sabia até que ponto deixar uma profeta de sangue sozinha não seria uma forma de homicídio passivo.

Mas *tinha* a certeza que qualquer intervenção quanto a Meg Corbyn e ao seu vício por cortes teria agora de vir de Simon Wolfgard e não dele.

Meg estava a vestir o blusão quando o telefone tocou.

— Estou?

— Meg? É o Jester. Escuta, o velho Tufão hoje vai acompanhar os outros póneis. Ele já se reformou, é por isso que está a morar em Lakeside, mas seria bom para ele se se sentisse útil. Podes dar-lhe a correspondência do Clã das Corujas ou do Estábulo dos Póneis?

— Claro. Como é que eu sei qual deles é?

— Crina e cauda branca, e pelagem cinzenta com um toque de azul. Não há como confundi-lo com os outros.

— Tenho de me ir embora — indicou Meg quando ouviu o coro de relinchos.

Abriu a porta das entregas e estacou.

Estavam doze póneis à espera dela. Meg não reconheceu quatro, mas, com base na descrição de Jester, identificou Tufão. Em vez de formarem a fila habitual, os póneis disputavam o primeiro lugar à porta, empurrando-se uns aos outros até que Trovão bateu o casco.

O estrondo fez estremecer o edifício e levou Meg a agarrar-se à ombreira da porta para não se desequilibrar.

Olhou para o pónei.

Não, ele não seria capaz de...

— Abençoada Thaísia! — gritou de repente uma voz. — O que se passa?

Meg nunca ouvira aquela voz, mas apostaria que se tratava de Elliot Wolfgard a gritar da janela do consulado.

No silêncio absoluto que se seguiu, Meg ouviu uma janela a fechar-se com força.

— Ainda me metes em sarilhos — admoestou ela Trovão, com um sussurro sonoro.

O pónei não a fitou, confirmando que fora ele o responsável por aquele estrondo imenso.

— Muito bem — disse Meg, com firmeza. — Os carteiros de Lakeside são póneis bem-educados. Quem não se porta bem vai para casa.

Meg não podia obrigá-los a regressar ao Estábulo dos Póneis se eles não tivessem bons modos, mas deixou-se ficar à porta da sala de separação. Os póneis fitavam-na como se tentassem discernir se ela estaria a fazer *bluff*. Dispuseram-se então numa fila ordeira, com Trovão na primeira posição habitual.

— Obrigada. — Quase embriagada com a vitória, Meg dirigiu-se à mesa e pegou nos montes de

correspondência para os alforjes de Trovão. À medida que cada pônei foi mudando de posição na fila, Meg encheu os alforjes de Relâmpago, Tornado, Terramoto e Nevoeiro. Ao regressar à mesa para pegar nos últimos três montes de correio, interrogou-se quanto aos nomes dos pôneis. Se Trovão conseguia fazer tanto barulho pelo simples facto de bater o casco, o que fariam Tornado e Terramoto com uma birra?

Não podia pensar nisso. Tal como *não* pensaria nos Lobos e nos vampiros que moravam no mesmo complexo de apartamentos que ela — ou no motivo por que se sentia mais segura junto deles do que com os seres humanos com que vivera no complexo.

Tal como não admitiria ter curiosidade de ver um Lobo em forma de Lobo.

Não tinha uma imagem de formação de um Lobo *terra indigene*, apenas imagens do animal.

Nem mesmo o Controlador dela, com todo o dinheiro conseguido graças ao uso da sua propriedade, conseguira comprar uma fotografia de um Lobo que servisse de imagem de referência.

Meg ignorou tais pensamentos, foi buscar a taça com as guloseimas e ofereceu dois pedaços de cenoura a Trovão.

O pônei fitou-a, olhou para as cenouras e abanou a cabeça.

— Cenouras — disse Meg. — Na semana passada gostaram de cenouras.

Outra vez a abanar a cabeça. Trovão ergueu um casco, olhou na direção do consulado e voltou a baixar cuidadosamente a perna.

Meg observou os pôneis e sentiu um aperto no estômago. *Oh não.*

Afastou-se da entrada — e apercebeu-se de quão fria a sala ficara por ter deixado a porta aberta demasiado tempo — e correu para a sala da frente, pegou no calendário e num marcador, e depois regressou para junto dos pôneis.

— Olhem. — Escreveu um grande A no Dia da Lua e depois virou o calendário para que todos o vissem. Não que julgasse que sabiam ler, mas pareciam compreender palavras. — Os torrões de açúcar no Dia da Lua foram uma guloseima especial. Só voltamos a ter açúcar no *próximo* Dia da Lua, que é aqui. — Escreveu outro A no calendário. — *Hoje* temos cenouras.

Meg pousou o calendário e o marcador, pegou na taça das guloseimas e voltou à entrada.

— Hoje temos cenouras. — Ofereceu dois pedaços de cenoura.

Trovão comeu as cenouras, conseguindo transmitir um misto de desilusão e de resignação, e partiu para entregar a correspondência.

Todos os pôneis comeram as cenouras, incluindo os que teriam aparecido nesse dia por esperarem açúcar.

Meg fechou a porta exterior, confirmou a sala de entrada para garantir que não estavam carrinhas de entrega a chegar, e dirigiu-se então à sala das traseiras para preparar um chá de hortelã. Se iam ter uma discussão sobre as guloseimas todos os dias, passaria a calçar as botas e a esperar lá fora. Pelo menos depois seria capaz de aquecer.

Simon desligou o telefone do escritório e recostou-se na cadeira. Era o terceiro líder de Pátio da Costa Oeste a ligar-lhe nessa manhã, querendo saber se tinham ocorrido ataques peculiares no território do Pátio de Lakeside.

Havia qualquer coisa nova entre os humanos. Algo que era absorvido pelos *terra indigene* quando estes comiam a carne. Os seres humanos estavam a tornar-se selvaticamente agressivos, e não só entre a sua própria espécie. Estavam a *atacar* alguns Outros.

Na sua maioria eram Corvos a serem atacados, a serem desfeitos em ambas as formas, por bandos de humanos tão agressivos que não exibiam instintos de sobrevivência. Os principais predadores desses Pátios haviam derrubado os macacos, começando depois a lutar entre eles, após o consumo da carne.

Igualmente perturbador era o facto de os Lobos, os Pardos e os Gatos estarem de repente a ficar tão passivos que não eram capazes de se defender contra um ataque de um bando de humanos.

Os curandeiros dos *terra indigene* não encontravam vestígios de venenos ou de drogas, mas havia *qualquer coisa* que levava os humanos a comportarem-se de forma estranha e que também afetava os Outros.

Era nas grandes cidades que mais humanos consumiam drogas que não só lhes prejudicavam a vida, como também os estragava enquanto carne. Todavia, os incidentes relatados não haviam tido lugar em grandes cidades.

Esse novo acontecimento passava-se em pequenas aldeolas agrícolas ou em centros industriais com poucas centenas de habitantes. O tipo de sítios em que os Outros tinham o mínimo de contacto com seres humanos e não saberiam que poderia haver motivos para não comerem uma presa abatida.

O tipo de sítios onde, se por acaso os Outros se sentissem ameaçados e decidissem eliminar esses humanos, o número de mortos seria anunciado como trágico nos jornais e nas televisões, mas na verdade não passaria de uma inconveniência. Um novo grupo de humanos seria selecionado para trabalhar nas quintas ou para operar as máquinas, limparia o sangue e ocuparia as casas — caso os Outros não chegassem primeiro e se limitassem a reclamar as terras e as propriedades como suas.

Será que os humanos não percebiam como eram dispensáveis? Os *terra indigene* eram velhos como o mundo, velhos como a terra e os mares. Aprendiam com os predadores mais ferozes e tornavam-se *mais* do que esses predadores. Sempre a adaptar-se, sempre a mudar, tal como Namid mudava.

Eles seriam eternos.

Os *terra indigene* de Thaísia já não precisavam dos humanos para terem as coisas materiais que queriam. Se os macacos se tornassem uma ameaça real, já não tinham o que oferecer para fazer com que a sua presença fosse suportável. Se tal dia chegasse, os seres humanos seguiriam o mesmo rumo de outras criaturas antes deles e tornar-se-iam uma carne extinta.

Meg não se surpreendeu quando Jester apareceu, uma hora depois de os póneis terem ido à sua vida. Pousou a pilha de correspondência que estava a separar e ofereceu a taça das guloseimas.

— Toma uma cenoura.

Jester inclinou-se sobre a taça, cheirou e depois chegou-se atrás.

— Prefiro carne.

— Toca a dar um bom exemplo — resmungou Meg. — Come uma cenoura.

Jester deu um passo atrás e mirou-a.

— Pareces um bocado lupina. Houve problemas com os póneis esta manhã?

Meg pousou a taça em cima da mesa.

— Só o facto de hoje não terem tido torrões de açúcar, mas o açúcar é uma guloseima especial e não é algo que devam ter todos os dias, portanto, hoje, a guloseima foram cenouras, e o Trovão... trovejou... o que incomodou o Elliot Wolfgard, que enviou uma Coruja velha para me lembrar de que o consulado tratava com o governo humano e não podia ser embaraçado pelas brincadeiras dos trabalhadores do Pátio!

Meg não se apercebera de como a reprimenda a incomodara. Afinal de contas, ela não fizera nada para a merecer.

Não. Ela não estava incomodada. Ela estava *zangada*.

Era bom estar zangada. Sabia bem poder sentir emoções sem recear castigos. Sentia-se *viva*.

Fitou Jester.

— Deste açúcar aos póneis? — indagou ele.

— E depois? Um torrão de açúcar esporádico não lhes vai fazer mal.

— Não. É claro que não. — Recuou mais um passo. — Enfiava a cauda entre as pernas mas é muito desconfortável deixá-la crescer com calças vestidas, e acho que ambos preferimos que eu continue vestido.

Meg pegou na taça e ofereceu-a.

— Come uma cenoura. Também não te vai fazer mal.

Com um suspiro, Jester pegou num pedaço de cenoura e mordiscou-o.

— Vai voltar a haver açúcar?

O calendário estava agora ao lado do leitor de música. Meg ergueu-o e bateu com o dedo no grande A preto. — Temos açúcar no Dia da Lua.

— Certo. Eu explico-lhes.

A fúria de Meg desvaneceu-se.

— Não estou zangada contigo, Jester. É só que eu quero fazer um bom trabalho. A sério. Mas ainda nem há uma semana aqui cheguei e estou sempre a meter-me em sarilhos.

Com um sorriso, Jester aproximou o polegar e o indicador.

— Mas só um bocadinho. E a diversão que nos garante compensa.

— Obrigadinha. — Meg hesitou. Não era preciso ser muito inteligente para perceber que ia ficar com muito tempo livre. — Jester? Quando não havia trabalho atrasado, o que faziam os outros Intermediários enquanto esperavam pelas entregas?

Jester olhou à sua volta.

— Já trataste da correspondência e das encomendas antigas?

— Sim.

O Coiote pareceu espantado.

— Não sei, Meg. Não me lembro de ver este espaço tão limpo. Talvez... ler livros?

— Será que há mais alguma coisa em que possa ser útil?

— O que queres fazer?

Era uma boa pergunta, que merecia alguma ponderação.

— A sugestão da leitura é boa. Vou começar por aí. — Podia estudar o que quisesse, podia ler desde o início ao fim sobre qualquer tema, se assim desejasse. Podia aprender a fazer coisas, em vez de ter uma cabeça cheia de imagens desconexas.

— Ótimo — exclamou Jester. — Muito bem, vou falar com os póneis. A partir de agora, eles ficam satisfeitos com a guloseima que lhes deres.

E depois foi-se embora, esgueirando-se porta fora tão depressa que Meg quase ficou na dúvida se ele ali teria estado de todo.

Meg abanou a cabeça. Não sabia se os seres humanos podiam — ou deviam — compreender o modo como os Outros pensavam. Mas a sugestão de Jester era válida, pelo que a partir dali, durante a hora de almoço, ela escolheria um livro para estudar e outro para se divertir, e ponderaria sobre o que mais fazer para pagar a estadia.

Ocorreu-lhe então que se os Outros não tinham sugestões sobre o que fazer com o seu tempo, ela poderia adaptar o trabalho para fazer aquilo que *ela* quisesse. Não o tinha já feito quando começara a tratar das entregas?

Meg colocou um disco no leitor, encheu a sala com uma melodia animada e voltou à separação.

Simon afastou-se para a berma da estrada quando ouviu o barulho dos pneus atrás de si. No entanto, o sedã de um preto brilhante abrandou para o acompanhar e o vidro traseiro desceu.

— Queres boleia para casa? — ofereceu Elliot.

Simon abanou a cabeça.

— Preciso de andar.

— Pare o carro — ordenou Elliot ao motorista.

Simon esperou que Elliot trocasse os caros sapatos de couro por botas mais práticas e saísse do veículo. O sedã afastou-se, deixando os dois Lobos a caminhar na direção do Complexo Verde.

— O que se passa? — quis saber Elliot. — A tua Intermediária causou novos problemas? Um por dia não chega?

— Podia ter sido pior — retorquiu Simon, as palavras sublinhadas por um rosnido. — Pelo menos foi o Trovão a expressar uma opinião. E se ele não estivesse a exhibir-se, ou a tentar assustá-la, ou lá o que queria fazer, não teria acontecido aquilo quando bateu com o casco.

— E se tivesse sido o Furacão ou o Terramoto a expressar uma opinião no meio de tantos prédios?

— Não foi nenhum deles. — Nesse caso, Simon teria tido uma troca de palavras desagradável com a rapariga do lago, pois os póneis eram as montadas das Elementais. Em vez disso tivera uma conversa desconcertante com Jester. O Coiote estava encantado com a capacidade de Meg incomodar Elliot com tão pouco esforço, mas Jester olhava igualmente com cautela para a Intermediária de cabelo bizarro. Não se comportava como os restantes humanos, pelo que os Outros não sabiam como lidar com a jovem — o que fazia dela a coisa mais interessante e frustrante que lhes surgira pela frente desde há muito.

— Temos problemas nos Pátios ocidentais — mudou Simon de assunto. Enquanto andavam, contou a Elliot sobre os telefonemas, os ataques e as mortes. — Pode vir a haver um encontro na Região do Midwest com alguns líderes de Pátios para se debater esta nova ameaça.

Elliot franziu o cenho.

— Essa... doença. É contagiosa?

Simon abanou a cabeça.

— Não é uma doença. O efeito desaparece passadas algumas horas, como se fosse uma droga. Há *dois* tipos de imundície a entrar nas colônias humanas mais pequenas, e os nossos curandeiros não encontram a origem de qualquer deles.

— Vais representar a Região Nordeste?

— Se a reunião for convocada, serei o representante dos Pátios desta parte de Thaísia.

Seguiu-se um breve silêncio desconfortável, ao que Elliot disse: — E quanto ao Sam? Eu tomo conta dele. Sabes disso. Mas não o quero numa gaiola.

— A gaiola é para segurança dele. — Era uma discussão antiga. Assolado pela mágoa e pelo terror de ter visto a mãe a ser morta, Sam lançara-se numa onda de comportamento destrutivo que nem a mais dura disciplina de alcateia foi capaz de deter. Depois de quase se ter matado pela segunda vez, Simon procurara uma gaiola, pretendendo livrar-se dela assim que a cria se acalmasse. No entanto, quando Simon finalmente decidiu que Sam podia ficar sozinho, o cachorro escolhera a gaiola como sendo o *único* lugar seguro. Tirá-lo de lá nem que fosse por alguns minutos de cada vez tornara-se uma batalha diária.

Por mais que Elliot adorasse Sam e ainda lamentasse a perda de Daphne, aquela era uma batalha que o Lobo mais velho se recusava a travar. E ver Sam numa gaiola perturbava todos os residentes do complexo do Clã dos Lobos, especialmente as outras crias.

— O Henry toma conta dele. Ou o Vlad.

— Quanto tempo vais ficar ausente?

— Alguns dias. Talvez uma semana. — Não queria pensar no que poderia acontecer numa semana, ou em quem poderia não estar no Pátio quando ele regressasse. — Tenta dar-te bem com a Meg, sim? Ela é a primeira Intermediária desde há muito tempo que trabalha a sério, incluindo fazer entregas nas Câmaras.

Elliot pareceu sentir-se desconfortável ao ser lembrado de que Erebus Sanguinati aprovava a nova Intermediária.

— Bem, verdade seja dita, ela foi o primeiro macaco que se dignou a cruzar o curto espaço entre os edifícios para entregar a correspondência em mão, para que eu recebesse o meu correio atempadamente.

Dito isso, completaram o percurso até ao Complexo Verde num silêncio confortável. O carro preto aguardava num estacionamento para visitas. Elliot abriu a porta e fez uma pausa.

— Já agora, o presidente ligou-me a queixar-se de uma ladra perigosa, e a dar conta do boato de que ela pode estar escondida no Pátio, até mesmo a fazer-se passar pela nossa Intermediária, e que era de suma importância que a propriedade levada fosse devolvida ao dono.

Simon mexeu-se, desconfortável. Deveria contar a Elliot sobre Meg? A decisão tomada pela Associação Comercial de não contar a ninguém que Meg era uma profeta de sangue fora acertada — e fora preciso uma ameaça da parte de Tess para levar Jenni Crowgard a prometer que não partilharia essa informação com ninguém, nem mesmo os outros Corvos. Mas talvez isso ajudasse

Elliot a lidar com os macacos que lhe fossem encher os ouvidos?

— O que lhe disseste? — perguntou Simon, sabendo que a sua hesitação dera pistas a Elliot sobre o facto de ele ter outros motivos para querer manter a nova Intermediária, além da sua competência na separação de correspondência e na entrega de encomendas.

Elliot exibiu os dentes num sorriso.

— Disse-lhe que a nossa Intermediária não tinha coragem para ser perigosa, nem inteligência para ser uma boa ladra.

— Serve. — Não era meritório para Meg, mas era o tipo de resposta útil para o governo humano. Depois ocorreu-lhe uma coisa. — Como é que o presidente soube que a Meg era parecida com a mulher no cartaz? Só alguns polícias a viram, e os motoristas das entregas não têm motivos para saber do cartaz.

— O presidente disse que recebeu uma dica anónima — explicou Elliot.

— De um macho ou de uma fêmea?

— Não especificou.

Como poderia Asia Crane ter visto um dos cartazes? Ela não teria pejo em levantar problemas à pessoa com o emprego que ela dizia querer. Ou teria sido outra pessoa? Alguém capaz de seduzir um polícia para obter informações. Ou alguém que trabalhava para os Outros e houvesse conquistado um determinado nível de confiança.

Mais um tema a debater com Henry, Vlad e Tess, sobretudo se fosse obrigado a ausentar-se por causa daquela reunião.

Simon observou Elliot a partir para o Complexo do Clã dos Lobos. Depois atravessou a rua e dirigiu-se ao seu apartamento. As boas-vindas de Sam foram interrompidas assim que Simon abriu a porta da gaiola e agarrou na cria.

Ignorou os gemidos, tirou Sam da gaiola e levou-o à rua. Tal como era habitual, assim que as patas de Sam tocaram o chão, ele tentou fugir para o apartamento.

Simon rosnou e virou-se para o perseguir. Ter de usar a malfadada gaiola incomodava-o tanto quanto a Elliot, mas que alternativa havia, deixar o cachorro morrer?

O que vais fazer se ele voltar a crescer, se amadurecer até ao tamanho de um Lobo adulto e continuar a precisar de uma gaiola?

Dera alguns passos atrás da cria quando Sam se deteve e afastou da porta, cheirando o solo com um interesse que há muito tempo não exhibia.

Intrigado, Simon juntou-se ao cachorro e baixou-se, tentando captar o odor que Sam considerara tão interessante.

Meg.

Ao endireitar-se, viu-a passar pela arcada que dava para as garagens e para a zona de estacionamento atrás do complexo. Trazia sacos nas duas mãos e arfava um pouco.

Tinha de se certificar de que ela fazia mais exercício — nem que fosse obrigado a caçá-la como um coelho.

— Meg — cumprimentou Simon, com um aceno de cabeça.

— Sr. Wolfgard.

O tratamento por Sr. Wolfgard tornava-se uma porta que estava continuamente a fechar-se-lhe na cara, e Simon não gostava disso. Se ela continuasse assim, vê-la como um coelho bípede seria cada vez mais atraente.

Depois ela olhou para baixo, sorriu e disse: — Olá. Quem és tu?

Foi então que Simon se lembrou da cria, meio escondida entre as suas pernas.

Sam ofereceu-lhe um uivo esganiçado à laia de cumprimento.

Quando jovens, os Lobos *terra indigene* não eram muito diferentes dos lobos animais. As diferenças de dimensão e de forma tornavam-se notórias à medida que amadureciam.

— Este é o Sam — apresentou Simon. Não adiantou qualquer explicação sobre quem ele era. Meg pareceu nem reparar.

— Olá, Sam.

A cria rosnou e uivou num tom de conversa. Sempre seguro entre as pernas de Simon, avançou um pouco para cheirar Meg e depois voltou a esconder-se. Entretanto, o corpo de Sam estremecia e a cauda batia contra a perna de Simon.

Não é como nós, mas também não cheira a presa, pensou Simon. *Não tem o mesmo cheiro dos humanos que destruíram o mundo de Sam*. Meg era algo novo, e o cheiro dela fizera com que o cachorro se esquecesse de que tinha medo de estar na rua.

Mas que interessante.

— Precisas de ajuda a levar esses sacos pelas escadas? — perguntou Simon.

— Não, obrigada. As escadas não têm neve, portanto, eu fico bem. Além disso, é a minha segunda viagem. Boa-tarde, Sr. Wolfgard. Adeus, Sam.

Observou-a a subir as escadas e depois levou a cria até ao local que Sam usava para se aliviar. Os outros residentes toleravam a situação por se tratar de Sam e por estar tanto frio que os Falcões e as Corujas não se queixavam das ratazanas e dos ratos que eram atraídos pelas fezes. Claro que, mais cedo ou mais tarde, Simon teria de limpar os excrementos.

Assim que Sam acabou o que tinha a fazer, correu para as escadas que davam ao apartamento de Meg. Simon apanhou-o a meio caminho e levou-o para casa.

— Não — disse com firmeza. — Acho que ela hoje não quer brincar. — Imaginava, com demasiada clareza, os dois a correr com Meg pela neve. — Anda. Vou dar-te uma boa escovadela. As raparigas gostam de um Lobo bem arranjado.

Meg a escovar, os dedos dela enterrados no pelo.

Era melhor também não pensar *nessa* imagem.

Sam foi escovado e ficou relativamente calmo por estar fora da gaiola enquanto Simon a limpava — calmo a ponto de se chegar à porta sozinho e cheirar a entrada.

Era fácil imaginar qual o cheiro que o cachorro procurava.

Que interessante.

Meg fez estremecer o frasco de pickles quando qualquer coisa lhe foi bater à porta da cozinha. As mãos tremiam-lhe quando pousou o frasco na mesa e o coração batia-lhe com força no peito.

Tinham-na encontrado, mas ela parecia incapaz de se mexer, não conseguia correr para a porta da frente e fugir.

A batida repetiu-se, seguida por um — Abre, Meg! — rosnado.

O alívio deixou-a zozza. Ninguém a encontrara, salvo o malfadado Lobo cujo apartamento também dava acesso ao corredor e à escadaria das traseiras partilhados.

— Só um bocadinho! — Chaves. Precisava...

Uma chave girou na fechadura, mas a porta continuava bloqueada pelo fecho de correr. Essa resistência foi seguida por um rosnido que a fez arrepiar-se enquanto corria para a porta para correr o fecho.

Simon irrompeu pela cozinha, agarrou-a antes que ela conseguisse afastar-se do seu alcance, e arrastou-a para o patamar e depois através da porta aberta do seu apartamento.

Meg debateu-se — uma necessidade instintiva de fugir a um homem zangado — até que ele fez menção de a morder, deixando os dentes tão perto da ponta do nariz dela que Meg se interrogou se ele teria despido uma camada de pele.

— Não tenho tempo para brincadeiras. — O rosnido fez-se ouvir sob as palavras enquanto ele a puxava por um quarto vazio, corredor e escadas abaixo, e para o interior da cozinha. — Vou ter de me ausentar uns dias e preciso que tomes conta do Sam.

O formigueiro encheu os braços e as mãos de Meg assim que ele proferiu aquelas palavras, mas não se atreveu a esfregar a pele e com isso chamar a atenção sobre si mesma.

— Porque é que se vai embora? Para onde é que vai? — Não era apenas curiosidade ou preocupação que suscitavam a pergunta. Simon ainda estava na posse da lâmina. Na véspera, Meg passara uma hora a ranger os dentes quando uma espécie de fome pareceu corroer-lhe a barriga e o peito. Não sabendo até onde chegaria o cheiro do sangue e receando, obviamente, excitar a natureza predatória dos vizinhos — especialmente o vampiro, o Pardo e o Lobo —, Meg conseguira resistir à vontade de se servir de uma faca da cozinha para fazer um corte. Claro que não seria capaz de resistir por muito mais tempo.

— Não te diz respeito — retrucou Simon. — Faz o teu trabalho até eu regressar e vai correr tudo bem. — Abriu um armário de baixo, tirou um saco de comida seca para cão e despejou um pouco para uma taça. — Esta é a comida do Sam. Dou-lhe uma taça de manhã e outra por volta da hora do jantar. E dou-lhe água limpa por volta da mesma hora.

Assoberbada pela responsabilidade que acabara de lhe ser depositada sobre os ombros, Meg queixou-se: — Mas eu não sei como é que se trata de um cachorro!

— Dá-lhe água e comida duas vezes por dia — repetiu Simon, passando um porta-chaves para a mão. — As chaves do meu apartamento. Se tiveres dúvidas, pergunta ao Vlad ou ao Henry.

Meg apressou-se atrás dele enquanto Simon se dirigia à porta e pegava na mala que lá estava.

— Sr. Wolfgard!

Simon virou-se e fitou-a. O formigueiro por baixo da pele de Meg transformou-se num ardor forte que lhe preencheu as pernas e os braços.

Aconteceu alguma coisa má. Uma coisa muito má.

— E quanto a levar o Sam à rua? — indagou ela, obrigando a voz e o corpo a imitar calma, uma competência que aprendera devido à necessidade. Por mais que os Nomes Ambulantes se gabassem de modos profissionais e de uma atitude clínica ao lidarem com os corpos femininos, quando as raparigas se debatiam ao serem restringidas para os cortes, isso levava alguns deles a fazerem... coisas... depois do corte e da profecia, para que aliviassem a reação tida perante a perturbação das raparigas. E conquanto não se danificasse pele utilizável, o Controlador optava por não ver o que os funcionários faziam. Afinal de contas, algumas dessas experiências garantiam pormenores mais ricos a acrescentar às visões — sobretudo as visões mais sombrias.

Para sua surpresa — e alívio —, Simon respondeu aos modos calmos acalmando-se também.

Abanou a cabeça.

— Se o Sam fugisse, podia magoar-se antes que o apanhasses. Ele vai ter de fazer as necessidades na gaiola. Eu limpo-a quando regressar.

O apartamento federia a excrementos se a gaiola não fosse limpa durante alguns dias.

OuvIU-se uma buzina.

Simon levou a mão ao saco de viagem.

— Sr. Wolfgard. — Quando Simon olhou para ela, Meg ergueu o queixo. — Tem uma coisa que me pertence.

Simon nada fez, além de se endireitar e encará-la, mas Meg sentiu a ameaça subjacente. Quem o visse naquele momento saberia perfeitamente que ele não era humano. Por isso mesmo, Meg teve a certeza que, pelo menos daquela vez, não se poderia dar ao luxo de recuar. Se o fizesse, algo nele obrigá-la-ia a permanecer submissiva.

— Não precisas disso — declarou Simon.

— Isso não é uma decisão sua. Mas tem razão... não preciso disso. Uma faca de cozinha é quanto baste, mas os acidentes são mais frequentes quando a lâmina não tem um peso familiar e um gume suficientemente afiado.

Não estava a brincar. A maior parte das raparigas que se servia de outro tipo de lâmina afiada quando não tinha acesso à navalha correta acabava arruinada, quando não morta.

Simon fitou-a, com lampejos vermelhos nos olhos. Depois exibiu os dentes e Meg observou, incrédula, os caninos a alongarem-se e depois a regressarem quase ao tamanho humano.

Naquela manhã, o Lobo estava perigosamente perto da superfície.

Sem dizer nada, Simon levou a mão ao bolso das calças, tirou a navalha de prata e entregou-lha.

Alguém lá fora voltou a buzinar.

Simon pegou no saco de viagem e saiu porta fora, sem se preocupar em fechá-la.

Meg correu atrás dele e viu-o a entrar para uma pequena carrinha de passageiros. Não distinguiu quem conduzia, mas parecia haver mais pessoas nos bancos traseiros.

Quando o veículo se afastou, Meg recordou-se de que se encontrava no exterior e estava frio. No

entanto, ao regressar ao interior, Meg sentiu-se assoberbada pela necessidade de se cortar. A recordação da euforia provocou-lhe um frémito na pélvis, a deliciosa sensação de excitação.

Um corte por uma boa causa. Acontecera qualquer coisa má. Algo que afastava Simon do Pátio. Um simples corte poderia dizer tanto ao Lobo.

Meg entrou, fechou a porta e depois encostou-se à madeira enquanto abria a navalha.

Um corte para ajudar Simon e para se livrar daquele ardor terrível que sentia por baixo da pele. Mas no que haveria de se concentrar, se não fazia ideia do motivo por que ele se ausentara? As profecias tornavam-se demasiado vagas se a *cassandra sangue* não estivesse concentrada em algo específico. Por vezes, nem sequer uma fotografia chegava, pois a profecia podia ser acerca do indivíduo que *tirara* a fotografia e não sobre o sujeito *na* imagem. Era por isso que os clientes do Controlador tinham de se encontrar na mesma divisão que a profetisa para que as visões desta fossem sobre a pessoa certa.

Quando ergueu o braço esquerdo e observou a pele no antebraço e na mão, Meg ouviu um gemido. Entrou na sala e olhou para a cria na gaiola. Estava encolhida a um canto, com um ar assustado.

Uma profetisa precisava de alguém que escutasse a profecia, tinha de pronunciar as palavras para sentir a euforia resultante de um corte. Recordara-se das visões que lhe tinham mostrado como fugir engolindo as palavras e suportando a dor.

Teria coragem suficiente para voltar a sofrer dessa maneira?

Simon partira, mas ainda ali estava alguém que podia ouvir. Mas o cachorro não lhe poderia repetir o que fora dito, e ela não se recordaria de nada que fosse útil para alguma coisa, salvo para obter alívio físico.

Caw caw caw

Meg deu um salto ao ouvir os Corvos de partida. Pelos deuses, ia chegar atrasada ao trabalho!

Alterada, fechou a navalha e guardou-a no bolso. Foi buscar a taça de comida que Simon deixara na cozinha e enfiou-a na gaiola. Depois trancou a porta e correu pelas escadas até ao corredor das traseiras e à sua cozinha, trancando as portas à medida que avançava. Enfiou os nacos de carne e o frasco de pickles no frigorífico. Voltaria durante a hora de almoço para ver Sam e guardar tudo devidamente.

Uma derradeira vista de olhos para se certificar de que estava tudo ligado ou desligado como era suposto.

Depois pegou no blusão e no saco de maçãs para os póneis, enfiou os pés nas botas e trancou a porta. Desceu as escadas à pressa e correu até à garagem onde tinha o Cairo.

Só quando já estava a caminho da Estação do Intermediário se apercebeu de que Simon não lhe dissera o que fazer se a cria se transformasse num rapaz.

Simon esperou até chegarem ao Complexo de Serviços antes de virar a cabeça e olhar para Nathan Wolfgard e Marie Hawkgard, sentados no banco traseiro da carrinha.

— Vão a algum lado?

— Eles vão contigo — rosnou Blair, abrاندando junto ao portão do complexo.

O Lobo que operava o portão abriu-o o suficiente para que a carrinha saísse. Cumprimentou Simon

com um aceno de cabeça, recebendo o mesmo gesto em resposta.

Blair entrou no trânsito, sempre a rosnar.

— O comboio não vai esperar por ti e não estamos adiantados, com estes macacos todos na estrada. Porque é que eles estão na estrada?

— Vão trabalhar — replicou Simon. Relanceou Nathan e Marie, e acrescentou: — Não preciso de companhia.

— Eles não te vão fazer companhia — atirou Blair com maus modos. — São teus guardas. És o líder do Pátio de Lakeside. Não viajas sozinho. Sobretudo agora. Se os seres humanos veem um Lobo sozinho num comboio, podem armar-se em parvos e matar-te. Lembras-te do que aconteceu na última vez que um *terra indigene* foi atacado num comboio?

Fora como se o Leste e o Oeste de Thaísia tivessem sido separados por uma linha imaginária. Durante três meses, qualquer comboio que percorresse o continente era fustigado por um tornado na linha onde o Falcão fora morto por humanos.

Três meses de corpos e de aço despedaçados e espalhados pelos carris. Quando finalmente marcaram a sua posição, as Elementais voltaram à forma habitual de interagir com o mundo.

— Lembro-me — respondeu Simon.

Blair aquiesceu.

— É por isso que vais ser acompanhado por elementos dos Lobos e dos Falcões. Foi também por isso que liguei para a estação, a dizer-lhes que estarias a bordo do comboio para oeste, e que pedi ao Henry que ligasse àquele polícia para que ele mandasse homens para a estação.

— Isto devia ser um encontro tranquilo de líderes para se falar sobre o que aconteceu ontem em Jerzy.

— Assim que saíres do comboio na estação do Midwest, desapareces em território *terra indigene*. Até lá... — Blair fitou-o. — Simon, não é nada óbvio, mas hoje não consegues passar por humano. A polícia e o pessoal ferroviário têm de manter os da espécie deles sob controlo, pois os humanos não se podem dar ao luxo de causar mais problemas.

Talvez os humanos naquela parte de Thaísia ainda não tivessem ouvido as notícias, mas assim que ouvissem, ficariam mergulhados em pânico, fúria e choque. Não era uma boa altura para que os *terra indigene* estivessem no meio deles, a menos que fosse para uma caçada. Mas os Outros também estavam zangados. Um movimento errado por parte dos humanos naquele momento e muitas aldeias, vilas, ou até cidades poderiam desaparecer.

— Então e o Sam? — perguntou Blair.

— A Meg vai tomar conta dele.

— A Meg? — Blair desviou a atenção da estrada para olhar para Simon mais do que devia e quase bateu no carro que abrandou à frente deles. — Porquê?

— Porque ela foi a primeira coisa em dois anos que o deixou curioso a ponto de se esquecer que tem medo da rua.

Ouviu-se um gemido suave da parte de Nathan.

— O que disse o Elliot? — quis saber Blair.

— Não lhe contei.

Blair pareceu ficar pensativo. Depois aquiesceu.

— Quando ele descobrir, eu trato disso.

— Quero os Corvos de guarda à estação — ordenou Simon. — Diz ao Vlad e ao Henry que fiquem de olho na Meg. Ela nunca teve muito contacto com outros *terra indigene* e o facto de não cheirar a presa pode lançar a confusão. — *Em mais alguém, além de mim*, acrescentou silenciosamente. Embora saber que o cheiro se devia ao facto de ser uma *cassandra sangue* tivesse acalmado a confusão no seu íntimo. Continuava a ser enigmática, mas isso tornava-a uma exploração interessante.

— O Jester foi quem teve mais contacto com ela — comentou Blair. — Ele acha-a divertida, mas também o deixa cauteloso.

<Se alguém sentir o mais leve traço de sangue que seja na Meg, quero que o Vlad ou o Henry fiquem ao corrente>, disse Simon a Blair. Se não podia impedir que ela se cortasse, pelo menos ficaria a saber sempre que ela o fizesse.

Blair assentiu.

Fizeram o resto do caminho até à estação ferroviária em silêncio. Os pensamentos de Simon estavam ocupados com Sam e Meg. Lamentava não estar lá para os vigiar, mas talvez isso fosse pelo melhor. Teriam de descobrir sozinhos como lidar um com o outro.

Chegados ao parque de estacionamento da estação, Simon reparou no carro da polícia assim que saiu da carrinha e deixou que Nathan fosse buscar o saco de viagem. O tenente Montgomery saiu do carro.

— Temos de ir, ou perdemos o comboio — indicou Nathan.

Simon cumprimentou Montgomery com um aceno de cabeça e dirigiu-se à estação, seguido por Nathan e Marie.

Quando embarcou, Simon e os seus guardas ficaram com metade de um vagão de passageiros para eles. Um revisor suado bloqueou o corredor depois de eles ocuparem os lugares, indicando aos humanos que ainda não tinham lugar que se dirigissem à frente do vagão.

Olhares nervosos. O burburinho dos comentários assim que a composição partiu. E um segurança da empresa ferroviária a ocupar o lugar do revisor para garantir que não havia problemas.

Nathan estava dois bancos à frente de Simon. Marie dois lugares atrás dele, no lado oposto do corredor. Ficariam de guarda, a par do segurança humano; ele não precisava de se preocupar.

Por enquanto não havia nada que pudesse fazer. A nova droga ou doença que afetava tanto seres humanos como Outros tornara-se mais do que uma preocupação. O que acontecera em Jerzy podia dar início a uma guerra. Os líderes *terra indigene* tinham de se reunir, tinham de falar, tinham de decidir o que fazer. Os seres humanos dispunham de ferramentas para se oporem a garras e a presas. Tinham bombas e armas que podiam matar os metamorfos e até os Sanguinati, quando estes se encontravam em forma humana — caso morressem antes de serem capazes de se vaporizar. Mas nada deteria as Elementais, algo de que os seres humanos costumavam esquecer-se até ser demasiado tarde.

Esse era um dos motivos por que os *terra indigene* racionavam os metais, os combustíveis e restantes materiais necessários aos seres humanos para criarem armas. O resultado de uma guerra não ia mudar, portanto, porque teriam metamorfos de morrer antes de se extinguirem os macacos?

Além disso, matar os humanos todos de uma só vez era um desperdício de carne.

Simon fechou os olhos. Não havia nada que pudesse fazer por enquanto. Blair cuidaria do Pátio — e tomaria conta de Sam e de Meg. Quanto aos humanos, teria de depender do tenente Montgomery para que este mantivesse a paz até ao seu regresso.

— Ai, que isto não é nada bom — resmungou Meg ao ver o sedã preto à espera junto à Estação do Intermediário, sem poder avançar devido aos camiões de entregas no caminho.

Estacionou o Cairo de qualquer maneira, rezando para que ninguém precisasse de retirar outro veículo das garagens, e correu para a estação. Tinha de tratar de algumas daquelas entregas antes que Elliot Wolfgard ficasse com os pelos eriçados.

Será que os Lobos ficavam com os pelos eriçados? Como poderia descobrir tais coisas?

Meg abanou a cabeça, descalçou as botas, correu para a sala de separação... e deteve-se. A porta Privada estava escancarada, pelo que podia ver parte do balcão frontal. O Falcão que ela conhecera no outro dia estava de pé ao balcão, de braços cruzados e pose agressiva. Mirava alguém que ela não conseguia ver e dizia: — Escreva as palavras que a Meg quer e deixe as caixas.

Em cima do balcão, um dos Corvos grasnou ao entregador, depois saltitou até ao recipiente com canetas, retirou uma e regressou, segurando-a com o bico. Bateu com uma das extremidades da caneta no balcão e depois ergueu-a, como se a oferecesse a alguém — que obviamente não a aceitou, pois a caneta voltou a bater no balcão.

Meg dirigiu-se à porta, espreitou para a sala e viu o entregador.

— Olá, Dan. Desculpe o atraso. Não acordei com o alarme. Dê-me só um bocadinho para despir o blusão e vou já ter consigo.

Só se apercebeu de como ele ficara nervoso por estar sozinho com os Outros quando lhe viu o alívio no rosto. Meg não imaginara que os Falcões e os Corvos pudessem ser assim tão perigosos, mas talvez ele os conhecesse melhor.

— Ah, não faz mal, Menina Meg. Acontece a todos.

O Corvo bateu com a caneta no balcão e voltou a erguê-la.

Meg ofereceu um sorriso radiante ao Falcão em forma humana e ao Corvo.

— E vocês os dois abriram a estação? Que maravilha. Obrigada. Vou já ter consigo, Dan.

— Eu sei do que precisa.

E não esperou por Meg.

Ao regressar à sala de separação, Meg viu-o a aceitar timidamente a caneta que o Corvo lhe oferecia. Quando finalmente Meg pendurou o blusão e enfiou os sapatos, Dan chegara lá fora e estava a falar com outros entregadores, enquanto Harry abria a porta, equilibrando a sua encomenda num braço.

— Bom-dia, Harry — cumprimentou Meg. Ter-se-ia ela lembrado de se pentear?

A cena com Simon nessa manhã desordenara-lhe a rotina por completo. Levou a mão ao lado da cabeça.

— Bom-dia, Nina Meg. — Harry olhou-lhe para a mão e sorriu. — Estou a ver que hoje tem uns quantos ajudantes. Prepare-se lá à vontade. Nós cá nos arranjamós.

O Corvo pegou na caneta que estava em cima do balcão e ergueu-a.

Meg acreditou em Harry, dirigiu-se à casa de banho e olhou-se ao espelho. O cabelo não estava espetado, mas ficara achatado pelo chapéu.

Penteou-se, decidiu que não conseguiria ficar melhor e regressou ao balcão.

O último entregador anotava os seus dados sob o olhar atento do Corvo. Olhou para Meg e sorriu.

— Tinha de ser; o dia em que se atrasa é o dia em que paramos todos primeiro no Pátio.

— Bem, vocês trataram de tudo, e agradeço-lhes por isso — replicou Meg, observando o sedã preto a entrar na Rua Central.

— O Urso disse para ajudar a Meg hoje — indicou o Falcão.

— Oh. — O Corvo entretinha-se a pegar em canetas e distribuí-las pelo balcão, mas o que deveria fazer com o Falcão? E durante quanto tempo iriam «ajudar»? Como estava em forma humana, havia uma coisa que o Falcão podia fazer. — Esta manhã não tive tempo para tomar o pequeno-almoço — explicou Meg. — Podes ir ao Trincadela e pedir café à Tess? Diz-lhe que é para mim, e ela sabe como o há de preparar. E pergunta-lhe se a Ler e Uivar por Mais tem algum exemplar do jornal de Lakeside.

O Falcão fitou-a.

— É o Lorne que faz o jornal. Ele está ali. — Apontou na direção do Três P.

— Não é a *newsletter* do Pátio. Queria o jornal que os humanos leem.

— Para que é que queres isso?

O Corvo desviou a atenção da disposição de canetas e fitou-a também.

Obviamente, estar *demasiado* interessada nas atividades humanas representava um comportamento suspeito por ali, mesmo que o interessado fosse humano. Mas tinha acontecido qualquer coisa má, algo que levara Simon a sair à pressa. Talvez ela o pudesse descobrir sem cortes.

— Enquanto Intermediária, devia estar ao corrente do que se passa na parte humana da cidade — indicou Meg, escolhendo as suas palavras com cuidado. — E posso ver os anúncios e fazer uma lista de coisas que podem interessar aos *terra indigene*.

Passado um instante, o Falcão assentiu e saiu. Meg sorriu ao Corvo e foi buscar o carrinho das encomendas para a sala de separação.

Algumas eram pequenas quanto bastasse para seguir com o correio. Outras seriam colocadas no Cairo, para as entregas em mão.

O Falcão regressou com um café grande, um jornal e um saco pequeno, os quais pousou num dos extremos da mesa de separação.

— A LUM recebe jornais — disse ele. — A Tess vai dizer ao Vlad que passas a receber um. Há comida. Não tem rato, mas a Merri Lee diz que gostas mais desta carne.

Graças aos deuses pela Merri Lee.

— Obrigada. — Quando ele a fitou, Meg acrescentou: — Por agora não preciso de mais ajuda.

O Falcão deu meia-volta e dirigiu-se à sala das traseiras. Meg estava a pegar no café quando ele regressou, desnudado. Passou por ela, saltou o balcão e estendeu o braço ao Corvo, que hesitou, mas acabou por lhe saltar para o braço. Saíram os dois da estação.

O Corvo juntou-se aos amigos no muro que separava a zona de entregas do pátio de Henry. O

Falcão ficou à vista de todos os carros que por ali passassem tempo suficiente para que Meg se interrogasse como haveria de explicar a causa de todos os acidentes rodoviários quando a polícia lá aparecesse.

Depois o Falcão transformou-se e levantou voo.

Meg devolveu as canetas ao recipiente e dirigiu-se à sala de separação. Não tinha nada para fazer até que o carro do correio chegasse, pelo que tomou o pequeno-almoço e folheou o *Lakeside News* da primeira à última página. Encontrou algumas coisas que imaginou pudessem ser de interesse para os Outros, mas falaria com Tess ou Vlad antes de fazer fosse o que fosse.

No entanto não encontrou qualquer notícia que pudesse explicar o motivo por que Simon havia partido com tanta pressa nessa manhã.

Monty hesitou na soleira do gabinete do capitão Burke. Havia qualquer coisa na forma como o capitão se sentava à secretária que deixava transparecer a impressão de que nenhuma intrusão seria tolerada, salvo em caso de emergência.

No entanto, quando Monty recuou, Burke indicou: — Entre, tenente, e feche a porta. — Monty assim fez e acercou-se da secretária. — Passa-se alguma coisa? — perguntou Burke. Pareceu conter-se.

— Esta manhã, o Simon Wolfgard e outros dois *terra indigene* apanharam um comboio com destino a oeste — disse Monty. — O Henry Beargard ligou-me a dar essa informação e sugeriu que enviássemos um carro-patrolha à estação para garantir o bom comportamento por parte dos humanos. O agente Kowalski diz que isso não é habitual, pois os Outros viajam bastante de comboio e a presença da polícia não costuma ser solicitada. — Fitou Burke. — Deve querer dizer alguma coisa, não?

— Quer dizer que o Simon Wolfgard sabe mais do que nós sobre o que está a acontecer lá no Oeste — retrucou Burke. Suspirou e recostou-se. — O mais provável é que os jornais e a televisão venham a receber uma versão atenuada para evitar a escalada dos acontecimentos no Oeste ou para impedir que se espalhe para outras zonas de Thaísia.

Monty arrepiou-se.

— Como assim, capitão?

— Os Outros não têm um Pátio em aldeias com menos de mil habitantes. Não precisam, pois a única maneira de entrar e de sair desses sítios é pelas estradas que atravessam território *terra indigene*. Mas os Outros costumam ter uma casa à entrada das aldeias, um sítio onde entregar a correspondência, com eletricidade e telefones, e onde possam apreciar a tecnologia que nós desenvolvemos. Os clãs servem-se da casa à vez e revezam-se a cuidar dela, bem como a tratar da correspondência e das entregas.

— Ontem à noite em Jerzy, uma aldeia agrícola que fornece cerca de um quarto dos alimentos de uma das nossas maiores cidade da Costa Oeste... — Burke calou-se e limitou-se a olhar em frente durante algum tempo. — Bem, não sabemos ao certo o que aconteceu, mas parece que uns miúdos tolos sob o efeito de qualquer coisa perceberam que os Corvos se tinham juntado para ver uns filmes, entraram na casa e atacaram os Outros. Um dos Corvos conseguiu chegar ao telefone e pedir ajuda, e

alguns fugiram e alertaram o resto dos *terra indigene*. Os agentes que responderam ao pedido de ajuda foram abatidos pelos intrusos, bem como alguns Corvos. Isso, pelo menos, nós sabemos. Depois disso... Os Outros apanharam alguns dos atacantes e mataram-nos, mesmo no meio da rua. E depois, enlouqueceram. Em vez de ficarem em casa, alguns dos aldeões pegaram no que conseguiram à laia de armas e os conflitos escalaram. — Burke cruzou os dedos e pousou as mãos na secretária. — Quando os reforços da polícia de outras aldeias chegaram, os confrontos já estavam no fim e os Outros haviam desaparecido no território deles. Não sabemos quantos *terra indigene* morreram nesse confronto, mas um terço dos habitantes de Jerzy morreu. Sabemos que foram os humanos que começaram, por isso os sobreviventes têm muita sorte por os Outros deixarem que alguém ficasse vivo.

A voz de Burke tornara-se algo parecido com um rugido furioso.

Pelo canto do olho, Monty viu homens a deterem-se e a olhar, antes de se afastarem rapidamente.

— Como é que o capitão soube disso? — indagou Monty.

Burke deixou descair os ombros, ficando com o rosto de um tom cinzento pouco saudável.

— Um dos agentes que foi enviado ao local é filho de um amigo meu. Os Outros encontraram o Roger e levaram-no à clínica. Salvaram-lhe a vida. Os outros três agentes não se safaram. Por isso, o Roger é o único a saber o que aconteceu até ter sido baleado. O meu amigo telefonou-me esta manhã, tanto para me contar do Roger como para me avisar sobre algo que o Roger ouvira antes de perder os sentidos. — Afastou a cadeira da secretária e levantou-se. — Vou falar, discretamente, com o chefe, com outros capitães e com os líderes de equipa desta esquadra. Fica ao critério do chefe decidir quem mais precisa de ficar a saber.

— Do ataque?

Burke abanou a cabeça.

— De algo que provoca o comportamento agressivo. Um dos atacantes gabava-se de ter «passado de lobo», e de como se iam tornar no inimigo para derrotar o inimigo.

— Que os deuses nos ajudem — murmurou Monty.

— Portanto, se ouvir dizer alguma coisa sobre humanos que «passaram de lobo» ou sobre qualquer coisa nas ruas que promova a agressão, eu também quero saber, entendido?

— Sim, senhor. — Hesitou, sem ter a certeza que queria saber. — E quanto ao resto dos habitantes da aldeia? O que lhes vai acontecer?

— Os Outros deixaram que uma ambulância entrasse e saísse para levar o Roger a um hospital na cidade. Fizeram-no porque ele tinha respondido ao pedido de ajuda dos Corvos. Depois barricaram as estradas. Agora, os únicos caminhos para fora de Jerzy não vão dar a nada humano, e não se sabe se as pessoas sobreviveriam se tentassem fugir. Mas há uma coisa que já está a acontecer na cidade que é fornecida por Jerzy.

— Racionamentos — adiantou Monty. Lembrava-se de um certo inverno, quando era pequeno, em que a mãe fazia mais sopas do que o habitual e ficava muito zangada quando ele ou os irmãos tentavam tirar uma segunda fatia de pão. Nessa primavera, ele, o pai e os irmãos haviam dedicado parte do quintal à criação de uma horta, e a mãe tinha aprendido a enlatar fruta para os tempos mais difíceis e nunca ia ao talho ou à mercearia sem os talões de racionamento.

— Racionamentos — assentiu Burke. — E bem pode apostar que *isso* vai chegar às notícias em todas as cidades de Thaísia, mesmo que o motivo não chegue. É tudo, tenente, a menos que tenha alguma coisa a acrescentar.

— Não, capitão. Não tenho nada a acrescentar.

Ao regressar à secretária para confirmar se tinha mensagens, Monty recordou as palavras de Vladimir Sanguinati.

Não tarda nada vão começar a devorar os fracos para manter os fortes saudáveis.

Deixou-se sentar pesadamente na cadeira, as pernas a tremer. Estaria alguém a *tentar* provocar uma guerra entre os seres humanos e os Outros? Haveria quem imaginasse que os humanos tinham hipótese de vencer?

E se os humanos iniciassem uma guerra e perdessem, o que aconteceria aos sobreviventes? Haveria *algum* sobrevivente?

Monty tirou a carteira e abriu-a na fotografia de Lizzy. Fitou longamente a imagem.

Vou fazer o possível por te proteger, minha pequenina. Mesmo que nunca mais te veja, vou fazer o possível por te proteger.

Devolveu a carteira ao bolso e foi à procura de Kowalski.

— *Sim?*

— *Deuses! Ouviu falar de Jerzy? Tanta gente morta!*

— *Mencionou-se uma aldeia com esse nome, mas os relatos foram muito vagos.*

— *O que vai fazer quanto a isso?*

— *O que aconteceu nada tem a ver comigo. Quanto ao que devia fazer, parece-me altura de ajustar os preços das safras. A profecia disse que um incidente ia trazer a oportunidade de grandes lucros.*

— *Mas a profecia não disse nada quanto a massacres!*

— *Devia dizer porquê? Quis saber como lucrar mais com as suas quintas sem novos investimentos. Os preços sobem sempre quando há carências. Como é dono da maior parte dos terrenos agrícolas noutra aldeia que fornece a mesma cidade, terá grande influência nos preços de uma variedade de produtos.*

— *Mas não me disse que a carência ia ser causada pela morte de pessoas!*

— *E quando a rapariga foi cortada, não perguntou sobre mais nada, além do lucro.*

Fez-se um silêncio desconfortável.

— *Devia ter articulado o meu pedido com mais cuidado. Não quis dar a entender que tinha recebido uma rapariga inferior.*

Uma ameaça discreta.

— *Pagou o corte de uma das minhas melhores raparigas, e foi isso que recebeu.*

— *Sim, é claro. Tem uma instituição magnífica, e todas as suas raparigas são de uma qualidade excelente. Mas será que poderia reservar a cs759 para a minha próxima consulta?*

— *De momento, a cs759 não está disponível.*

— *Mas que pena. Ela tem a melhor pele que existe. É como se começasse a ver a profecia antes*

do corte. Quando é que a vai disponibilizar outra vez?

— Em breve. Acredito que voltará a estar disponível muito em breve.

Meg acocorou-se e fitou a cria de Lobo, que lhe retribuiu o olhar. Sam parecia tímido, o que fazia sentido, pois ela era uma estranha, mas também parecia interessado em ficar a conhecê-la. Pelo menos assim parecia quando ela lhe reabasteceu as taças de comida e de água. Todavia, quando Meg tentou chegar mais longe com papel de cozinha para apanhar os excrementos no canto mais distante, Sam tentou mordê-la — e continuou a tentar sempre que ela chegava mais longe do que as taças, à entrada da gaiola.

— Vá lá, Sam. Queres passar o dia a cheirar o cocó?

O lobacho respondeu-lhe. Como Meg não falava Lobo, não fez ideia do que ele lhe dissera, mas ficou com a impressão de que ele estava embaraçado. O facto de ela ter reparado nas fezes piorara as coisas, mas Meg não sabia o que fazer quanto a isso. Os *terra indigene* não eram humanos, não pensavam como humanos nem sequer quando se encontravam em pele humana. Ficara a saber isso durante a semana em que trabalhara para eles. Mas tinham sentimentos. Também ficara a saber isso.

Olhou para o relógio na parede e suspirou. Se não se despachasse, voltaria a chegar atrasada ao trabalho.

Prendeu a porta da gaiola.

— Está bem. Ganhaste porque tenho de ir trabalhar. Mas ainda não acabámos a conversa.

Sam respondeu-lhe e depois baixou a cabeça.

Apostava uma semana de trabalho — se já tivesse recebido — em como Simon não admitia esse tipo de resposta vinda de uma cria. Claro que não lhe parecia que Simon Wolfgard aceitasse respostas tortas de ninguém.

Levantou-se e olhou para o lobacho. Porque estaria numa gaiola? Será que alguém lhe responderia, caso perguntasse?

Não estava sempre na gaiola. Ainda na outra noite, Sam estivera lá fora. Simon iria desfazê-la se Meg deixasse que Sam saísse e lhe acontecesse alguma coisa. Mas tinha de haver *qualquer coisa* que ela pudesse fazer para ficarem ambos em segurança e ela o pudesse levar à rua.

— Falamos quando eu voltar do trabalho. — As palavras não tiveram resposta, mas quando Meg trancou a porta de Simon, ouviu o uivo lamentoso de Sam.

Meg disse para consigo para não se sentir mal por deixar Sam sozinho — afinal de contas, era algo que Simon estava sempre a fazer —, correu para a garagem, desligou o carregador do Cairo e dirigiu-se ao trabalho. Ainda tinha a tendência de pisar demasiado o pedal de aceleração ao fazer marcha-atrás. A recordação das imagens de formação retiradas de filmes — excertos em que carros aceleravam em marcha-atrás rampa acima e voavam sobre outro veículo — ia interferindo com a realidade de uma saída a direito. Contudo, sentia-se cada vez mais confiante quanto à condução em frente, sobretudo agora que as ruas principais do Pátio já estavam limpas.

Virou a placa da porta da estação para a posição de «Aberto» um minuto depois das nove. Quando espreitou à porta para dizer bom-dia aos quatro Corvos no muro e ao Falcão que se apoderara do topo da escultura de madeira — e do melhor panorama para o interior da estação —, reparou em Elliot Wolfgard a sair do consulado.

Boas roupas. Atitude de poder. A maior parte dos homens que visitavam o complexo e lhe olhavam para a pele com uma fome quase sexual tinham boas roupas e aquela atitude.

Com um aceno brusco de cabeça à laia de cumprimento, Meg retirou-se e voltou à sala de separação, encostando a porta Privada. Depois assentou as mãos na mesa e fechou os olhos.

Há uma semana que não se cortava. O receio de fazer um mau corte com uma lâmina desconhecida abafara suficientemente o anseio pela euforia. O receio e a lembrança do que Jean lhe dissera.

— *Eles cortam-nos tantas vezes por causa do dinheiro. Lembro-me de a minha mãe dizer que quanto mais nos cortam, mais queremos cortar. Mas Namid deu-nos as sensações agradáveis como recompensa pelos cortes quando as pessoas precisam de ajuda. — Jean fez uma pausa. — É claro que quando os cortes são a única coisa que nos faz sentir bem, a maior parte das raparigas não resiste quando as levam para a cadeira.*

Seria aquilo a privação? Os Nomes Ambulantes sempre haviam dito que as raparigas *precisavam* dos cortes. Verdade ou mentira? Será que ela precisava mesmo de um corte, ou só queria a euforia? Uma vez que podia fazer as escolhas que quisesse quanto ao seu corpo, será que isso importava?

O cimo dos braços seria o lugar mais seguro sem um acompanhante. Ou as pernas, conquanto se afastasse do interior das coxas.

Meg enfiou a mão no bolso dos jeans e afagou a navalha, com o polegar a acariciar o *cs759* gravado na pega. Uma designação, não um nome. E *isso* era importante.

OuvIU o baque de caixas a serem pousadas no balcão. Tirou a mão tremente e vazia do bolso e foi receber a primeira entrega.

Asia comprou no Trincadela dois copos de chocolate quente para levar e depois encaminhou-se para a Estação do Intermediário.

Passara um serão na Universidade de Lakeside com as raparigas que gostavam de falar sobre darem uma volta pelo lado selvagem. Esperara obter algumas ideias para conseguir esse tipo de interesse por parte dos Outros, mas, depois de uma hora, apercebera-se de que havia rapazes que se faziam passar por aquilo que não eram e as raparigas que julgavam ter tido uma aventura com um Lobo ou um vampiro nunca tinham sequer realmente visto uma dessas criaturas.

Isso deu-lhe uma ideia sobre como aceder por uma porta secundária, por assim dizer, mas, para isso, continuava a ter de se tornar amiga de Meg. Deveria conseguir ficar a saber algo de interessante se continuasse a frequentar a Estação do Intermediário, e também estaria a par de possibilidades de emprego no consulado.

E recebera ainda aquele telefonema interessante dos patrocinadores, que haviam tido notícias do seu contacto no gabinete do presidente da edilidade. Ao que parecia, Meg fora marota e a Carrinha Branca procurava um ladrão e não um cônjuge fugido. Assim sendo, ficar de olho em Meg poderia revelar-se lucrativo só por si.

Um entregador segurou-lhe a porta. Asia ofereceu-lhe um sorriso, mas não perdeu tempo a namoriscar, pois Meg estava ao balcão, com um ar confuso, o que a deixou curiosa.

— Algum problema? — indagou Asia, ao pousar os copos de chocolate quente no balcão.

— Esta loja mandou-me oito catálogos — explicou Meg. — Porque haveria uma loja de me

mandar oito exemplares da mesma coisa?

— Para os poderes distribuir?

— Porquê?

Mas de onde é que me saíste para não saberes que se pode encomendar a partir de catálogos?

— Nunca reparaste nos anúncios no *Lakeside News*? Só se pode imprimir um determinado número de jornais cada dia, e cada exemplar só pode ter até um determinado número de páginas. Quando a loja faz promoções ou entra em saldos, anunciam o número da página do catálogo onde se encontra a descrição. Mesmo quando não é época de saldos, há muitas pessoas que veem os catálogos antes de irem à loja e gastarem gasolina com a viagem.

A expressão no rosto de Meg passou de confusa a empolgada.

— Isto é bom! Ou pode vir a ser, se os Outros compreenderem como usar os catálogos. Posso mandar um a cada complexo e ficar com um exemplar como referência.

— Ora aí está. — Asia aproximou o chocolate quente de Meg.

— O que acontece aos catálogos antigos?

— São recolhidos e devolvidos às lojas. A quantidade de papel a que uma loja tem direito baseia-se na quantidade de papel que envia para reciclagem. Quanto menos catálogos a loja devolver, menos novos catálogos pode imprimir. Quando o catálogo de primavera sair, fazem troca por troca; recebes tantos catálogos novos quantos os que entregares.

— Vou anotar isso, para poder devolver os antigos. Obrigada, Asia.

— É um prazer ajudar. — Asia hesitou, após o que decidiu que era uma boa altura. — Escuta, Meg. Por acaso tens visto o Simon ultimamente? Frequentar nem que seja um par de aulas na universidade é caro, e ainda estou à procura de outro emprego para ajudar a pagar as contas. Queria saber se ele precisa de alguém uma ou duas noites por semana na LUM. De preferência quando ele não estiver de serviço. Ele deixa-me nervosa, por isso pareço uma tola quando estou ao pé dele, mas eu trabalho bem. A sério.

Meg hesitou.

— Acho que o Simon não vai estar na livraria nos próximos dias, mas podes falar com o Vlad. Ele é educado.

Asia não precisou de fingir o arrepio que sentiu.

— Não, obrigada. Gosto do meu pescoço tal como está. — Ao ver a expressão vazia de Meg, acrescentou: — Sabes o que ele é, não sabes?

— Oh. Sim. Nunca tive muito contacto com ele, mas tem sido simpático. Pelo menos não é tão rabugento como os Lobos que já conheci.

Que bom para ti, pensou Asia. Talvez isso significasse que os vampiros estavam proibidos de ver a Intermediária como jantar. Asia estava disposta a fazer sexo com um *terra indigene*, mas queria alguma garantia de que sobreviveria à experiência. Talvez o seu erro tivesse sido visar Simon. Talvez Vlad fosse uma melhor opção como amante.

Doar um *pouco* de sangue em troca de alguma conversa útil de travesseiro seria um negócio justo.

Ofereceu a Meg o ar de «mulher a passar por um mau bocado, mas ainda com orgulho» que treinara ao espelho na véspera. E não olhou para o chocolate quente que não deveria ter comprado se

estava falida — especialmente com as lojas a cobrarem pelos copos descartáveis.

Meg ia mexendo nas canetas que tinha em cima do balcão.

— Posso perguntar ao Vlad se de vez em quando contratam algum temporário — acabou por sugerir.

— Ficava-te agradecida. — Asia respirou fundo e deu o tom exato de alegria falsa à voz. — Bom, tenho de me ir embora.

— Obrigada pelo chocolate quente.

Asia saiu da estação com um aceno indolente e apressou-se a regressar ao carro. Parecia insignificante, mas saber que Simon se ausentara do Pátio tão pouco tempo depois do incidente na zona oeste era uma boa informação — especialmente numa altura em que os jornais e as televisões ainda não sabiam o que acontecera em Jerzy. A ausência de Simon era boa indicadora do envolvimento dos Outros, e informar desse facto os patrocinadores era dinheiro em caixa para ela.

E a ausência de Simon dava-lhe tempo para descobrir mais alguma coisa sobre Meg e o homem da carrinha branca.

Dias, meses e anos de imagens e sons de formação. Excertos e fotografias do belo e do aterrador. Filmes, documentários e sequências cuidadosamente montadas retiradas das notícias. Durante todas essas lições, os Nomes Ambulantes nunca diziam às raparigas quais as imagens falsas e quais as reais. *Real* era um termo com pouco significado além das celas e das coisas físicas que eram feitas às raparigas que deixavam de ser úteis o suficiente para serem «mimadas» — coisas que davam às restantes «a experiência completa» para as visões exigidas por determinados clientes.

E depois havia as outras imagens, as que pairavam abaixo da superfície da memória e vinham ao de cima sem qualquer aviso ou contexto. As que vinham das profecias. O aspeto era diferente, a sensação era diferente. Por vezes pareciam demasiado vivas, eram excessivamente sentidas. Mas eram veladas pela euforia, e os Nomes Ambulantes não sabiam que as raparigas nunca se esqueciam do que era visto ou ouvido durante as visões. Não, nada era realmente esquecido, mas essas rememórias, como Jean lhes chamava, não podiam ser recordadas deliberadamente da mesma forma que as imagens de formação.

Meg abanou a cabeça, afastou esses pensamentos e regressou à separação da correspondência.

Pensar no complexo só serviria para lhe dar pesadelos nessa noite. Tinha de se lembrar de alguma coisa que a ajudasse a lidar com Sam. *Teria* visto alguma coisa em todos aqueles arquivos de imagens que pudesse ser útil naquele momento?

— Meg?

Ouviu a voz um momento antes de Merri Lee espreitar à porta da sala das traseiras.

— Queres dividir uma piza com a Heather e comigo? — convidou Merri Lee. — A Massa Quente fica no centro comercial, a uns quarteirões daqui, e hoje é um dos dias em que um autocarro do Pátio leva *terra indigene* às compras. O Henry disse que nos trazia a piza se eu encomendasse umas quantas pizzas familiares para o Complexo Verde.

Meg franziu a testa.

— A Massa Quente não faz entregas?

— Costumavam fazer, mas houve um... incidente... e deixaram de vir ao Pátio. — Merri Lee animou-se. — Mas talvez voltem a fazer, agora que és a Intermediária.

Meg vasculhou a memória em busca de imagens de diferentes tipos de piza. Imagens de pessoas a comer piza. Certa vez fora-lhe dada uma fatia para ficar a conhecer o sabor, a textura e o cheiro.

— Não gosto dos peixinhos salgados — indicou. Não tinha a certeza que isso fosse verdade, mas não gostara do aspeto deles.

— Nós também não — concordou Merri Lee. — Regra geral, pedimos metade com *pepperoni* e cogumelos e a outra metade com pimentos. Parece-te bem?

— Sim, claro. Mas eu não tenho dinheiro.

— Esta somos nós que oferecemos, uma espécie de presente de boas-vindas ao Pátio. O último Intermediário deixava-me nervosa, e à Heather também por isso estamos muito satisfeitas por te termos aqui. E por falar em dinheiro. — Merri Lee entregou um envelope a Meg. — O teu primeiro pagamento. Cobre os três dias que trabalhaste na semana passada.

Meg abriu o envelope e fitou as notas de vários valores.

— Eu sei — disse Merri Lee. — A maior parte das empresas passa cheques. No Pátio recebes em numerário, e compete-te a ti pôr de lado o suficiente para pagares os impostos, pois eles também não se preocupam com isso. Podes abrir uma conta no banco da Praça do Mercado, para passares cheques para despesas que tenhas fora do Pátio. Ou então tens um banco no centro comercial, que é o que a Associação Comercial usa quando passa cheques a vendedores externos.

— Acho que não é a quantia certa — disse Meg, passando as notas. — É demasiado para as horas que trabalhei a semana passada.

— Essa é outra das coisas de se trabalhar para os Outros. Eles nunca te pagam menos do que ficou acordado, mas às vezes dão-te mais sem explicação. Imaginamos que seja a maneira de te dizerem «Bom trabalho, não te despeças» sem terem de to dizer. Não o fazem todas as semanas, mas o Lorne diz que se não receberes pelo menos um pagamento inflacionado por mês, é melhor veres isso como um alerta para o facto de estares a fazer qualquer coisa de que a Associação Comercial não gosta. — Merri Lee dirigiu-se à porta dos fundos, dizendo para trás de si: — Estão a prever mais neve para esta noite. Espero que não caia na cidade. Se se acumular mais, temos de trepar aos montes de neve e entrar em casa pela janela do primeiro andar.

Imagem de formação. Neve e rocha nua vertical. Homens agarrados à rocha, presos com cordas. Cordas. Cabos de segurança. Amigos.

Meg correu para a sala das traseiras, apanhando Merri Lee à soleira.

— A que horas sai o autocarro para o centro comercial? — perguntou, sentindo a pele quase a arder em resposta ao entusiasmo.

— Onze e meia. Regressa do centro comercial à uma e meia.

— Obrigada.

Assim que Merri Lee saiu, Meg regressou à sala de separação e pegou na lista telefónica de Lakeside. As cordas não serviriam, mas... Boa! O centro comercial tinha uma loja de animais. De certeza que encontraria qualquer coisa que fosse confortável para Sam e os mantivesse juntos.

A mão pairou-lhe sobre o telefone enquanto revia mentalmente a lista de Outros que conhecia.

Vlad e Tess estariam a trabalhar nos seus estabelecimentos. Jenni também. E Henry estaria no autocarro. Julia ou Allison? Talvez. Blair? Ao recordar o que ele dissera sobre entregadores e Lobos, nem pensar. Assim sobrava...

Atenderam o telefone ao segundo toque.

— Estábulo dos Póneis. Fala o Jester.

— É a Meg.

Uma pausa. — Há algum problema, Meg?

Será que o nome dela era sinónimo de problemas?

— Não, mas queria pedir um favor.

— Diz.

— Queria ir buscar uma coisa ao centro comercial, mas o autocarro sai às onze e meia. Preciso de alguém que fique a tomar conta da estação para o caso de chegar uma entrega antes de fecharmos para almoço.

— Eu vou com os póneis e fico até regressares.

— Obrigada, Jester.

Depois de desligar, fitou o telefone e pensou no que estava prestes a fazer. No Pátio estava em segurança. Agora, num centro comercial humano, onde a lei humana se *aplicava*?

Era arriscado.

Ergueu a palma da mão direita e observou as cicatrizes que tinha em cada dedo. Normalmente não conseguia obter grande coisa com um corte num dedo, quando muito algumas imagens desconexas.

Entrar num autocarro cheio de *terra indigene* com um golpe fresco na mão? Queria mesmo arriscar-se a desencadear um ataque? Além disso, tinha quase a certeza que Henry sabia que ela era uma *cassandra sangue*, pelo que não teria como explicar o corte, caso ele reparasse.

— Não precisas do corte para ires à loja — disse para si. — O Jester é o único que sabe que vais sair do Pátio. Vai correr tudo bem. Compra aquilo de que precisas para o Sam, depois volta ao autocarro e espera por eles.

Esfregou bruscamente os braços e tentou ignorar o formigueiro que sentia por baixo da pele, concentrando-se na correspondência que tinha de preparar para os póneis.

Ainda bem que o capitão Burke espera que cada um dos seus tenentes apresente pelo menos um relatório por turno, pensou Monty ao entrar no gabinete de Burke. Caso contrário, os outros agentes começariam a pensar que ele estaria a fazer asneira da grossa.

— Tem alguma coisa a relatar, tenente? — perguntou Burke.

— Alguém chamado Jester ligou-me para me informar de que a Meg Corbyn se encontrava no autocarro das compras do Pátio, juntamente com uns quinze Outros, entre eles Henry Beargard e Vladimir Sanguinati.

Burke fitou-o e Monty não foi capaz de encontrar uma pista naqueles olhos azuis que lhe indicassem em que estaria o capitão a pensar.

— Dê-me uns minutos e eu pago-lhe o almoço — acabou Burke por dizer. — Levamos o meu

carro, por isso diga ao agente Kowalski que se encontre consigo no centro comercial. Talvez ele queira ir almoçar, ou esticar as pernas.

Monty deixou Burke e esperou por Kowalski na sua secretária. Não tinha mensagens. Não tinha relatórios. E, os deuses fossem louvados, não tinha FPD para preencher. Esperava que continuasse assim depois da viagem dos *terra indigenes* ao centro comercial.

Quando Kowalski se juntou a ele, Monty contou a Karl sobre o telefonema e informou-o de que ele e o capitão Burke estariam no centro comercial.

— Mas ele quer um carro-patrolha estacionado nas redondezas — concluiu Kowalski, aquiescendo. — Provavelmente não serei o único. O autocarro do Pátio leva Outros a esse centro comercial todos os Dias do Sol e Dias do Fogo à mesma hora. Os carros-patrolha costumam passear um bocado pelo parque de estacionamento para irem buscar o almoço. Ajuda a manter toda a gente na linha.

— Encontramo-nos lá — disse Monty quando Burke saiu do gabinete, a ajeitar a gola do sobretudo.

Não sabia se Burke esperava conversa de ocasião por parte dos agentes ou se preferia silêncio para se manter atento à condução. As estradas estavam cobertas por uma fina camada de neve, e depois de ver um par de carros a dar de traseira ao tentarem parar num semáforo, Monty decidiu não fazer com que Burke desviasse a atenção da estrada.

Asia seguiu o autocarro do Pátio até ao centro comercial, estacionando onde pudesse ver o veículo verde-escuro, mas de onde os Outros não reparassem nela. Perscrutou o parque e avistou uma carrinha branca a entrar vinda do outro lado.

Não era um bom sítio para um rapto, a menos que Meg estivesse tão perto da carrinha que o condutor a pudesse agarrar antes que os *terra indigene* se apercebessem de que havia problemas.

Depois foi a vez de um carro-patrolha entrar no parque de estacionamento e parar alguns espaços além do autocarro, tendo um segundo entrado pelo acesso oposto, indo também estacionar poucos lugares ao lado.

— Rai'spartam — murmurou Asia. Não era raro ver carros da polícia no centro comercial nos dias de compras dos Outros, mas desta vez nem sequer tentavam ser discretos. Isso significava que estavam mais preocupados do que o habitual e tencionavam atalhar quaisquer problemas antes que eles acontecessem.

Estariam nervosos por causa do que acontecera em Jerzy, ou haveria alguma preocupação mais imediata?

Asia imaginou ter uma espécie de resposta quando Meg Corbyn saiu do autocarro.

Burke estacionou dois lugares ao lado do pequeno autocarro verde-escuro com PÁTIO DE LAKESIDE escrito de lado.

— Nunca pensei que fossem anunciar que o veículo era deles — comentou Monty. Olhou para o parque de estacionamento que se enchia rapidamente. — Sobretudo depois de estacionarem o autocarro de modo a ocupar quatro lugares.

— Está anunciado para que os familiares de quem arranjar problemas não possam afirmar que a carne não sabia que estava a implicar com o veículo do Pátio. Além disso, o centro reserva aqueles quatro lugares para que os *terra indigene* tenham muito espaço. Assim é mais seguro para todos.

Monty apreendeu o significado do termo *carne* e sentiu o estômago dar uma volta. De repente, já não sabia se era capaz de almoçar.

Burke saiu do carro e dirigiu-se ao autocarro. Monty apressou-se a segui-lo e viu o motivo. Meg fitou-os quando saiu do autocarro e empalideceu. Manteve-se junto ao autocarro, chegando-se para o lado para deixar que os restantes *terra indigene* saíssem. Um homem corpulento, que Monty reconheceu como sendo o escultor e imaginou tratar-se de Henry Beargard, desceu, fitou-os e rosnou — e os restantes Outros, que se dirigiam às lojas, viraram-se para o fitar e a Burke.

Beargard deu um passo para a direita. Vladimir Sanguinati desceu do veículo e, de alguma maneira, passou entre Meg e o autocarro e foi-se colocar à esquerda dela.

Monty sentiu a tensão e ficou sem saber o que fazer. Havia sido eles a chamá-lo; para quê aquela hostilidade?

Porque ela está com medo, apercebeu-se Monty, ao olhar para Meg. *Ela está com medo e os Outros estão à espera para ver o que fazemos onde a lei humana se aplica.*

— Menina Corbyn — disse Monty, obrigando os lábios a formarem um sorriso. — Posso apresentar Douglas Burke, o meu capitão?

— É um prazer conhecê-la, Menina Corbyn — cumprimentou Burke, oferecendo a mão.

Meg hesitou e Monty só voltou a respirar quando ela apertou a mão de Burke.

— Obrigada, capitão — respondeu Meg. — Se me permite. — Os restantes *terra indigene*, salvo Vlad e Henry, dispersaram para se dedicarem à vida deles, enquanto Meg se dirigia às lojas no outro lado do parque de estacionamento.

— Quando falámos com o tenente Montgomery, não estávamos à espera de ver um oficial com esta patente — admitiu Vlad, olhando para Burke.

O sorriso de Burke passaria por amável para quem não o conhecia bem.

— Vou levar o tenente a almoçar ao O Picante e apresentá-lo a um dos melhores molhos vermelhos da cidade.

— Excelente opção para almoçar. Também eu aprecio um bom molho vermelho — disse Vlad.

O sorriso de Burke imobilizou-se.

— Capitão? Devíamos ir marcar mesa antes que cheguem os clientes do almoço.

Acenando com a cabeça a Vlad e a Henry, Burke virou-se e abriu caminho até O Picante.

Monty não disse nada até se encontrarem sentados e a empregada de mesa ter entregado as ementas e aceitado os pedidos de café.

— Capitão, não me parece que ele quisesse parecer... — Monty calou-se, sem querer mentir ao capitão.

— Parecer ameaçador? — indagou Burke. — Ah, de certeza que quis. Eles fizeram o telefonema para verem o que faríamos, mas não confiam em nós, não de um modo geral e, especificamente, no que diz respeito à Meg Corbyn. — Ofereceu um sorriso à empregada quando esta lhes trouxe café e aceitou os pedidos. — Já conhecia o Vladimir Sanguinati. Algum motivo para não me apresentar?

Monty arrepiou-se e esfregou a palma da mão direita.

— Não queria que se sentisse obrigado a apertar-lhe a mão.

Burke olhou para Monty longamente, e depois encaminhou a conversa para temas banais e para histórias sobre Lakeside.

Quando chegou ao Palácio dos Animais, no outro lado do centro comercial, Meg olhou em seu redor. Não se via nenhum dos Outros que haviam viajado com ela no autocarro, mas havia pássaros na maior parte das luzes do estacionamento. Não sabia se eram corvos ou Corvos. Não que isso fosse relevante. Se aquilo resultasse, todos os habitantes do Complexo Verde ficariam a saber das suas compras.

Com um pouco de sorte, os Outros iriam perceber que ela só queria ajudar Sam e não a comeriam em seguida.

— Posso ajudá-la? — perguntou o funcionário assim que ela entrou.

Meg ofereceu um sorriso animado.

— Procuro um arnês para cão e uma trela comprida.

O empregado levou-a a um corredor com um sortido avassalador de trelas e coleiras.

— De que tamanho é o cão? — perguntou ele.

Meg mordeu o lábio inferior.

— Bem, ainda é cachorro, mas é um cachorro grande. Pelo menos, acho que seria considerado um cachorro grande.

— É o seu primeiro cão? — O funcionário parecia encantado. — Qual é a raça?

— É um Lobo.

Meg imaginara que os excertos de filme onde alguém ficava de um tom esverdeado eram fictícios. Pelos vistos não.

— Quer pôr uma trela a *um Lobo*?

A voz do funcionário tinha qualquer coisa — choque?, receio? — que a levou a pensar nos problemas que teria até se lembrar de outra forma de sair em segurança com Sam.

— Ele é jovem e não quero que se magoe se o levar a passear.

Meg não viu mais ninguém na loja, mas ele aproximou-se.

— Como é que deitou as mãos a uma cria de Lobo?

— Sou a Intermediária do Pátio. Ele vive no apartamento ao lado do meu. Vai ajudar-me ou não?

Meg não acreditava que ele estivesse disposto a fazê-lo, mas o funcionário lá foi buscar um arnês. As mãos tremiam-lhe e a voz falhava-lhe, mas baseando-se na informação que Meg lhe transmitiu, ele encontrou um arnês vermelho que julgava poder servir ao lobacho, a par de uma trela vermelha comprida que daria a Sam espaço para correr.

— Deseja mais alguma coisa? — perguntou o funcionário.

Meg pensou um pouco.

— De que brinquedos é que um cachorrinho pode gostar?

Acabou com uma bola e uma corda com nós. Depois avistou biscoitos para cão e escolheu uma caixa com sabor a vaca e outra com sabor a frango.

O funcionário pareceu tão aliviado quando Meg lhe passou o seu enorme saco de compras que ela se interrogou se a partir desse dia a loja estaria encerrada quando os Outros visitassem o centro comercial.

— Tem algum catálogo? — perguntou Meg.

O funcionário enfiou dois no saco.

— Normalmente, as encomendas seguem em vinte e quatro horas.

Meg pagou as compras e suspirou de alívio quando chegou ao passeio. Não fizera nada de mal, mas não sabia o que os Outros pensavam acerca das lojas de animais.

Começou a andar entre dois carros estacionados e depois parou, sem conseguir dar mais um passo.

Rememória. A porta de um carro a abrir-se de repente no momento em que uma jovem passava. Mãos fortes a agarrá-la. Gorro escuro. Difícil respirar. Impossível ver. E aquelas mãos a tocarem e...

— Está tudo bem?

Meg saltou para trás e quase escorregou, e depois voltou a escorregar quando tentava impedir que uma mão a alcançasse.

Ouviram-se Corvos a soar um alarme.

Meg concentrou-se no homem, agora perfeitamente imóvel. Polícia. Não era um dos dois que se haviam apresentado, mas também não era totalmente desconhecido.

— Sou o agente Kowalski, ‘nha senhora. Trabalho com o tenente Montgomery.

Meg exalou lentamente. Vira-o no carro no dia em que o tenente a visitara.

— Distraí-me — disse ela. — Não estava a ver por onde andava. — Isso não explicaria o que ele lhe vira no rosto quando a tentara ajudar, mas a forma como ele a fitou mostrou-lhe claramente que a explicação, mesmo, de certa forma, sendo verdadeira, não era suficientemente boa para que o tenente acreditasse nela.

— Deixe-me ajudá-la a voltar ao autocarro. O parque de estacionamento está escorregadio.

Como se sentia tonta e sabia que, se recusasse a ajuda, iria levantar problemas, Meg aceitou o braço — e reparou que, mesmo estando no lado oposto do parque de estacionamento, Vlad ficara tenso ao vê-los. Também reparou na forma como outros dois polícias saíram de um carro-patrolha e começaram a olhar em volta.

— Raptaram alguém deste centro comercial recentemente? — perguntou Meg. Só se apercebeu do formigueiro nas pernas quando a sensação começou a desvanecer-se.

— ‘Nha senhora? — Kowalski fitou-a.

As rememórias e as imagens não a costumavam preencher sem que estivesse concentrada numa questão específica, sem que estivesse cingida, à espera do corte para a profecia. Seria aquilo que as outras pessoas sentiam quando falavam sobre a recordação de memórias e de informação — aquela associação imediata entre coisas?

Será que aquilo significava que estava a começar a processar a informação em seu redor como as outras pessoas, ou seria a primeira fase da loucura numa *cassandra sangue*? Os Nomes Ambulantes diziam às raparigas que estas ficariam loucas se tentassem viver fora do complexo. Só Jean insistia que tal não aconteceria, mas ela já era meio doida.

— Deixe estar. Não foi nada — mentiu Meg. — Imaginação muito fértil. Tenho de deixar de ler histórias assustadoras antes de me deitar.

O agente assentiu.

— A minha noiva diz o mesmo, mas nem assim deixa de as ler.

Meg largou-lhe o braço quando chegaram junto do autocarro — e de Vlad — e sorriu a Kowalski.

— Obrigada pela escolta.

— Foi um prazer, ‘nha senhora. — Regressou ao carro-patrulha depois de cumprimentar Vlad com um aceno de cabeça.

— Algum problema? — indagou Vlad.

Meg abanou a cabeça.

— Queres comprar mais alguma coisa?

Meg voltou a abanar a cabeça. Queria sair dali, queria esconder-se. Essa necessidade era quase dolorosa, e Meg não sabia porque se sentia assim. Mas lembrava-se do modo como Simon se acalmara em resposta à calma dela, pelo que não era difícil de perceber que os predadores não reagiam bem à presença do medo.

— Gostava de deixar isto no autocarro e depois ir tirar apontamentos sobre as lojas que aqui temos — indicou Meg.

— Eu levo-te isso. — A mão de Vlad fechou-se à volta do topo do saco.

Meg não sabia como recusar a ajuda do vampiro sem o deixar curioso quanto às suas compras, pelo que entregou o saco e tirou um caderno da bolsa. À medida que os Outros iam regressando aos poucos ao autocarro com sacos carregados de artigos, Meg fez uma lista das lojas — e tentou ignorar a sensação de estar a ser observada por algo mais que não apenas a polícia e os *terra indigene*.

Asia afundou-se no banco do carro, espreitando sobre o tablier enquanto o autocarro do Pátio deixava o parque de estacionamento.

— Deuses — resmungou quando, momentos depois, a Carrinha Branca também arrancou. — E ser mais óbvio, não? — O tolo tinha-se aproximado de Meg e estava a poucos carros de distância quando aquele agente a abordara. Polícias, Corvos e um maldito vampiro a vigiar o parque de estacionamento. A guardar *Meg*. Será que aquele idiota julgava mesmo que podia escapar-se se a tivesse sequer tentado apanhar? Na melhor das hipóteses teria uma longa conversa com a polícia. Na pior, haveria bocadinhos dele espalhados pelo parque de estacionamento.

Satisfeita por não restar ninguém que pudesse reparar nela, Asia ligou o carro. Era altura de falar com o Manda-chuva, para saber se ele teria mais informações acerca de Meg Corbyn.

Alguém que supostamente seria uma ladra não devia ter proteção da polícia. Podia ser uma cobertura. Uma mulher em fuga a ser obrigada a revelar-se devido a uma falsa acusação de roubo. É detida, um polícia acredita na história dela e ajuda-a a fugir. Depois ficam os dois em fuga, numa corrida contra o tempo para revelar uma conspiração mortífera.

Dava um filme que podia ser um êxito de bilheteira. Tinha de anotar a ideia e falar com o Manda-chuva sobre ela. Em vez de um filme, talvez pudesse ser um episódio especial em duas partes na série de televisão Asia Crane, IE, onde seria apresentado o polícia que talvez viesse a tornar-se uma

fonte de informação e/ou um amante.

Enquanto falasse dessa ideia para um argumento com o Manda-chuva, talvez ele conseguisse descobrir o motivo por que tanta gente andava a prestar atenção à Intermediária do Pátio.

Meg ajoelhou-se à frente da gaiola de Sam. Tinha tido esperança de que todos estivessem ainda a trabalhar mas, ao que parecia, por vezes até os estabelecimentos abertos a clientes humanos seguiam caprichos e fechavam as portas.

Ou talvez os residentes do Complexo Verde tivessem chegado mais cedo a casa devido às pizzas que Henry levava para a sala de convívio.

Se esperasse para fazer aquilo depois de anoitecer, haveria menos hipóteses de serem vistos, mas talvez fosse mais assustador para Sam. Portanto, tinham de o fazer naquele momento.

— Sam — disse ela. — Acho que devíamos experimentar o sistema dos amigos para podermos ir lá fora juntos. — O lobacho ganiu e começou a tremer. — Quando os humanos escalam montanhas, eles prendem-se com uma corda que o deixa ligado ao amigo. Assim, se um deles cair num buraco tapado com neve, o outro pode puxá-lo.

Estava a unir imagens de um modo que talvez não fizesse grande sentido na realidade, mas imaginava que Sam não se apercebesse disso. Além do mais, não havia montanhas no Pátio, mas havia buracos que podiam engolir qualquer um deles.

— Foi por isso que comprei estas coisas. — Mostrou a trela. — Estás a ver? É uma corda de segurança. Prendo-a à minha cintura, assim. — Passou a extremidade da trela pelo laço do pulso e puxou a argola criada até à cintura. — Esta ponta vai prender-se a um arnês que tu usas, pois é melhor do que apertar-te a meio do corpo. — Prendeu a trela ao arnês e mostrou-o à cria. — Queres experimentar o sistema de amigos? Não vamos longe. Damos só uma voltinha sem sair do complexo. O que te parece?

Meg abriu a porta da gaiola. Tinha quase a certeza que Sam não seria capaz de sair do apartamento, mas lembrava-se de excertos de filmes que mostravam o interior de uma casa depois de um cão, perseguido por um humano, ter por lá corrido.

Se isso acontecesse, assim que Simon visse a sua casa quando regressasse, de certeza que a comia.

Sam acercou-se da porta da gaiola e esticou o pescoço para cheirar o arnês. Olhou para o apetrecho e depois para ela... e saiu da gaiola, soltando sons ansiosos.

— Muito bem — disse Meg alegremente. — Vamos dar uma volta pela neve!

Soltou-se da sua ponta da trela e pôs-lhe o arnês, certificando-se de que não havia nada apertado. Depois vestiu o blusão e voltou a prender a trela à cintura. Sam hesitou e pareceu disposto a correr de volta à gaiola, mas seguiu-a até à porta da rua e pressionou-se contra as pernas de Meg, fazendo com que ela quase se desequilibrasse ao calçar as botas.

Enfiou as chaves de Simon no bolso, abriu a porta e saiu com Sam.

Ao fechar a porta, respirou fundo, pegou na sua extremidade da trela antes que o laço já solto escorregasse e afastou-se do edifício. Passado um instante, Sam seguiu-a.

— Lá está o Henry e o Vlad — indicou Meg, avistando o vampiro e o Pardo no outro lado do complexo. — Vamos dizer-lhes olá. — Começou a andar, mas deteve-se assim que sentiu a trela a

retesar-se à cintura. Olhou para Sam, que não semexera, mas estava a observar a trela vermelha esticada entre os dois.

Meg sorriu.

— Estás a ver? É uma corda de segurança.

O lobacho começou a abanar a cauda. Correu até ela e seguiram juntos o carreiro até se juntarem a Vlad e a Henry.

Não conseguiu identificar as expressões que lhes viu, mas como não lhe estavam a gritar, nem a ameaçar comê-la, ofereceu-lhes um sorriso rasgado e disse: — Eu e o Sam somos grandes aventureiros, tal como nos filmes.

— Estou a ver que sim — respondeu Henry passado um instante. Olhou para Sam. — Tu és melhor do que ela a seguir rastos, portanto vê lá se a nossa Intermediária não se perde.

Sam respondeu em Lobo, e Meg e o lobacho prosseguiram com o seu passeio em torno do complexo.

Ao observar a mulher e a cria de Lobo, Vlad sentiu-se aliviado por Simon não ter telefones à mão. Quando prometera vigiar aqueles dois, nunca lhe passara pela cabeça que Meg fizesse uma coisa *daquelas*.

— Aquele é o Sam — comentou, esforçando-se por dar um tom neutro à voz, para não provocar o Pardo.

— Pois é — concordou Henry.

— Aquele é o Sam *com uma trela*. — Como a sua segunda forma não podia ser contida por coisas assim, os Sanguinati não sentiam o ódio por correntes e jaulas que preenchia os metamorfos, mas até ele se sentiu furioso ao ver um *terra indigene* a ser tratado como um... um... cão. Imaginava o que Blair ou, pior ainda, Elliot diriam se descobrissem.

Ao ouvir os Corvos, corrigiu-se: *quando* descobrissem.

— E aquela é a Meg com uma trela à volta da cintura — acrescentou Henry, enquanto Sam a rodeava a correr e a fazia desequilibrar-se, derrubando o par num monte de neve. — É difícil fugir do que está na outra ponta, mas é uma boa maneira de puxar alguém, se houver sarilhos.

É uma boa maneira de capturar dois, em vez de um só. Mas Vlad não deu voz aos pensamentos. Limitou-se a observar a rapariga e a cria a desemaranharem-se e a saírem da neve.

— Houve qualquer coisa que a assustou no centro comercial — comentou Henry. — Por um instante, o ar trouxe o cheiro do homem que tentou invadir os apartamentos de serviço. Mas com tanta polícia à volta, não era a melhor das alturas para caçar.

Vlad observou Meg e Sam darem início à segunda volta ao complexo, aproximando-se dele e de Henry. Sam estava agora à frente de Meg, a cheirar tudo. Depois deixou-se ficar para trás, após o que voltou à frente.

Aquele era o Sam de que ele se lembrava antes de Daphne ser morta — um lobacho exuberante.

Como é que um pedaço de cabedal que o devia ter ofendido podia fazer tanta diferença? *Porque* fazia tanta diferença?

Sam escavava qualquer coisa na neve e Meg observava-o. Assim, nenhum deles viu Blair à

entrada do complexo, de boca aberta a ver a trela e o arnês.

— Henry — alertou Vlad.

— Já o vi.

Antes que Meg e Sam se apercebessem dele, Blair saiu de vista. Não se fora embora, ficando a observar Sam a correr e a desaparecer na neve.

Soltou o uivo tão parecido a um ranger de porta que não era passível de ser confundido com qualquer outro Lobo.

Meg riu-se e recuou.

— Trepá, Sam. Trepá! Somos companheiros de aventura a escalar na neve poderosa! — Meg puxou e Sam trepou até sair do buraco. Abanou-se para fazer saltar a neve e olhou para Meg, a cauda a abanar e a língua pendurada num sorriso.

— Hora de jantar? — perguntou ela à cria.

A resposta do lobacho foi começar a correr, puxando-a atrás dele.

Quando Meg e Sam entraram no apartamento de Simon, Vlad viu Blair a reaparecer na entrada, com uma expressão circunspecta. Aquele arnês e aquela trela iam enfurecer todos os Lobos do Pátio. Sem a presença de Simon, Blair, enquanto principal defensor do Pátio, iria defender Meg ou deixar que os outros Lobos a fizessem pagar por aquela ofensa. O que faria com que os Lobos entrassem em conflito com os Sanguinati, pois o Avô Erebus sentia-se divertido com a Intermediária e as suas cortesias, tendo deixado claro que Meg estava sob sua proteção até indicação em contrário.

Blair fitou-os, aquiesceu e afastou-se.

— O que te parece? — indagou Vlad.

— Vê o que descobres nos livros ou no computador sobre aventuras e cordas. Vê se encontras porque é que a Meg fez isto.

— Posso procurar. Ou posso simplesmente perguntar-lhe.

— Ou podes simplesmente perguntar-lhe. — Seguiu-se uma pausa pensativa. — Ela não pensa como os outros humanos, nem pensa como nós. É uma coisa nova, uma coisa desconhecida e ainda por compreender. Mas encontrou maneira de acalmar o receio do Sam. Não podemos esquecer isso.

Não, isso não podia ser esquecido; seria algo que frisaria a Blair.

Henry suspirou.

— Anda. Temos piza e um filme à nossa espera. O que é que escolheram para o entretenimento?

Vlad sorriu, exibindo as suas presas de Sanguinati.

— *A Noite do Lobo*.

Com o blusão pendurado no braço, Meg regressou a correr à sala de Simon e gritou: — Sam! O que estás a fazer? Para com isso! Para!

O lobacho continuava a roer a gaiola e a empurrar as patinhas contra os arames com tanta força que parecia que os dedos se tinham alongado para conseguir agarrar no trinco.

Meg bateu na gaiola com a mão aberta, sobressaltando-o a ponto de o levar a dar um passo atrás.

— Para com isso! — admoestou-o. — Vais partir um dente ou cortar as patas. O que se passa contigo?

Sam respondeu-lhe e Meg levantou as mãos, exasperada.

— Tens comida. Tens água. Já comeste os biscoitos e demos um passeio rápido. Agora tenho de ir trabalhar. Se voltar a atrasar-me, o Elliot Wolfgard vai dar-me uma *dentada*, e aposto que ele morde com *força*.

Sam levantou o focinho e ganiu.

Meg fitou-o e interrogou-se quanto ao que teria acontecido ao cachorrinho doce que ela escovara na véspera, o lobinho que se enroscara com ela no sofá enquanto Meg assistia a um programa de televisão. Não se importara de ir para a gaiola quando ela lhe dissera que eram horas de dormir. Não se queixara por ela ter de ir para o seu próprio apartamento. E estava bem quando ela chegara nessa manhã — até que ela tentou sair.

— Não podes ir para o trabalho comigo — disse Meg. — Ias aborrecer-te e eu não posso ficar a brincar contigo. Passas o dia inteiro em casa quando o Simon vai trabalhar.

Sam uivou.

— Posso voltar à hora de almoço para irmos dar um passeio.

Sam *uivou*.

Se ela se fosse embora, será que Sam pararia de uivar? Se ela se fosse embora, será que Sam *ainda* estaria a uivar quando ela regressasse? Quanto tempo até que Vlad ou Henry ou Tess aparecessem a bater à porta para saber o que se passava? Ou será que Sam fazia aquilo todas as manhãs e os residentes já estavam habituados?

Talvez estivessem, mas ela não.

— Está bem! — gritou. Abriu a porta da gaiola. — Sai! Sai, sai, sai. Espera por mim ao pé da porta.

Sam correu gaiola fora e ocupou-se a tentar retirar o arnês e a trela do cabide em que estavam pendurados, junto à porta.

Meg pegou nas taças de comida e de água de Sam e correu até à cozinha. Encontrou uma lata de café vazia num dos armários de baixo e encheu-a com ração seca e alguns biscoitos, despejou a água no lava-louça e secou a taça, depois pegou num dos sacos grandes que estavam pendurados e encheu-o com as coisas de Sam. A breve lembrança da combinação entre cachorros e neve levou-a a subir as escadas em busca de uma toalha de banho.

— Estou atrasada, estou atrasada, estou atrasada — resmungava, correndo escadas abaixo. Enfiou Sam no arnês, ignorando-lhe as queixas por não ter alisado o pelo na mesma direção. — Eu arranjo-o

quando chegarmos à estação.

Cachorro, bolsa, saco pessoal, saco do Sam. Toalha num braço, trela presa ao pulso. Com um esforço para equilibrar tudo, Meg abriu a porta, procurando as chaves no bolso. No momento em que as conseguiu tirar, Sam puxou a trela, desequilibrando-a.

Deixou cair as chaves — e uma mão com pele cor de azeitona apanhou-as antes de chegarem ao chão.

— Precisas de uma mãozinha? — ofereceu-se Vlad, sorrindo-lhe.

— Ou de um martelo.

O vampiro pareceu confuso — e muito divertido.

— Não compreendo.

Meg abanou a cabeça.

Vlad trancou a porta de Simon e entregou as chaves a Meg.

— Obrigada — agradeceu ela, largando as chaves para a bolsa e procurando a chave do Cairo. — A manhã não está a ser fácil. Sam! Para de puxar!

— Estás naquela altura do mês? — perguntou Vlad.

Meg foi percorrida por uma onda de um qualquer sentimento. Talvez fosse embaraço, mas ela imaginou que se aproximasse mais da fúria.

— *O quê?*

Vlad observou-a.

— Não é uma pergunta apropriada?

— Não!

— Estranho. Em muitos dos romances que eu li, os machos humanos costumam apresentar essa questão quando uma fêmea está a agir... — O vampiro mostrou-se confuso enquanto continuava a observar-lhe o rosto. — Claro que, pensando bem, regra geral não tecem esse comentário à fêmea propriamente dita.

— Tenho de ir trabalhar, sim? — disse Meg, pronunciando cada palavra.

— Ah. — Olhou para Sam, e depois para os sacos e para a toalha. — Onde vai o Sam?

— Vai comigo.

Passou qualquer coisa pelos olhos de Vlad. Surpresa? Pânico? Pânico não faria diferença a Meg. Assim, pelo menos, não seria a única a sentir-se sem mão nas coisas.

Claro que um vampiro descontrolado podia não ser muito saudável para quem o rodeasse.

— Eu ajudo-te com essas coisas — ofereceu-se Vlad.

Meg não discutiu, sobretudo por ainda não ter encontrado as chaves do Cairo. Vlad pôs a toalha ao ombro e segurou os sacos numa das mãos, com se não pesassem nada, após o que abriu caminho para as garagens, deixando-a a tratar de Sam.

Meg reduziu o tamanho da trela para impedir que o lobacho lhe corresse à volta em círculos. Se as coisas continuassem daquela maneira, ainda ia acabar esparramada na neve. Outra vez.

Se as coisas continuassem daquela maneira, se ela não se impusesse, acabaria a tomar conta de um tirano em miniatura.

Ainda estava à procura da chave — interrogando-se se por acaso a deixara na mesa da cozinha —

quando Vlad enfiou a mão no bolso, tirou uma chave e abriu a porta traseira do Cairo.

— O quê? — tartamudeou ela. — Como?

— Qualquer chave de Cairo serve em todos os outros Cairos do Pátio — explicou Vlad. — Isso facilita as coisas, pois são poucos os que estão atribuídos a um indivíduo específico.

Enquanto Meg o fitava, Vlad pegou em Sam, limpou as patas da cria e depositou toalha e lobacho onde o pequeno pudesse espreitar entre os bancos da frente. Deixou os sacos no banco traseiro.

— Vais lá atrás? — Apontou para a trela que Meg ainda tinha presa ao pulso.

Meg soltou a trela e atirou-a para a traseira. Vlad fechou a porta e dirigiu-se ao lado do condutor. Mostrou-se cortês e, salvo pela piada acerca da SPM, foi educado. Não obstante, Meg tinha a óbvia impressão de que o vampiro se ria dela.

— O Cairo é meu, sou eu que o conduzo — impôs-se Meg.

— Já encontraste a tua chave? — Vlad não esperou por uma resposta. — Como eu tenho uma chave, sou eu que conduzo... e nenhum de nós chega atrasado ao trabalho.

Meg soltou um som de rosnido que o fez erguer as sobancelhas, surpreso, mas por agora ela não tinha alternativa, pelo que contornou o veículo e entrou para o lugar do passageiro.

Os Cairos eram feitos para se arrastarem por uma comunidade fechada, como um Pátio, por exemplo, mas sabendo que Elliot andava a queixar-se dos atrasos da Intermediária, Vlad acelerou o veículo até à velocidade máxima, ciente de que Meg estava a tentar observá-lo sem parecer mirá-lo. De acordo com o que os elementos da Associação tinham conseguido discernir ao observarem Meg, esta absorvia tudo o que via e ouvia com uma clareza fascinante, e essas imagens recordadas tornavam-se a sua referência para o mundo. Era capaz de repetir e de fazer o que via — até certo ponto. Havia falhas, omissões de informação, algo que eles imaginavam fosse deliberado, para que as profetisas de sangue pudessem fazer muito pouco de forma independente.

Pelo que Tess apurara ao questionar Merri Lee, Meg era capaz de identificar muitos objetos, mas não sabia para que servia a maior parte.

O que fazia com que a fuga do complexo onde vivera e a chegada ao Pátio fossem ainda mais espantosas. Conseguira perceber o suficiente para fugir — e para se manter viva.

Vlad pensou no que Henry, Tess e Simon diriam se Meg acabasse numa vala devido à forma como *ele* conduzia e por isso decidiu abrandar para uma velocidade moderada, tendo o cuidado de não fazer nada que fosse considerado má condução. Haviam chegado a acordo quanto a isso — seriam corretos ao mostrar à Intermediária como fazer alguma coisa, para ela aprender o que era preciso saber.

É claro que Simon ignorara tudo isso quando saíra do Pátio e deixara uma cria de Lobo nas mãos dela.

Algo novo, comentara Henry acerca dela. Algo pouco conhecido e não compreendido. Sim, Meg era tudo isso. E era uma ameaça em potencial, pois alguém com a capacidade de Meg de recordar imagens e as descrever corretamente podia contar demasiado a um inimigo sobre o Pátio e sobre os *terra indigene*.

Ignorou esses pensamentos quando um Falcão, uma Coruja e quatro Corvos se acercaram deles,

vindos da direção da Estação do Intermediário.

<Há macacos à espera da Meg>, disse o Falcão a Vlad.

<Estamos quase lá>, respondeu o vampiro a todos eles. <Os humanos esperam por ela.>

<Vamos dizer à Nyx>, informaram os Corvos enquanto descreviam círculos, após o que regressaram.

Vlad não estava muito atrás deles, pelo que daí a pouco chegou à Estação do Intermediário, estacionando junto à porta das traseiras.

— Vai preparar-te. Eu levo o Sam e os sacos.

— Obrigada — agradeceu Meg, saltando do Cairo.

Sam tentou passar para o banco da frente e segui-la, mas Vlad agarrou-o quando Meg fechou a porta. O lobacho debateu-se por um instante, fazendo sons ansiosos.

<Escuta, Sam. Escuta>, disse Vlad. <Aqui neste sítio nós lidamos com seres humanos. Vai haver muitos a entrar e a sair. A Meg vai falar com eles. Tu tens medo, mas se vais ficar aqui com a Meg, tens de ser corajoso. Estás a perceber?>

Não teve resposta, salvo a respiração ansiosa, acompanhada por um gemido.

Vlad suspirou. Como fora Simon capaz de aguentar aquele silêncio de uma cria que adorava?

Saiu do Cairo, levando Sam nos braços para que não tivesse de secar o lobacho. Depois de o pousar no soalho da sala das traseiras — e de observar Sam a correr para a sala de separação, à procura de Meg —, tirou os sacos e a toalha do Cairo e levou-os lá para dentro.

Entrou silenciosamente na sala de separação. Sam cheirava um dos cantos do espaço, alheio a tudo salvo ao cheiro que encontrara. Abriu completamente a porta Privada, observou a cena e pensou, *Um Corvo, uma profetisa e um vampiro entram numa estação...*

Depois exalou. Parecia o início de uma daquelas piadas idiotas que os *terra indigene* nunca compreendiam.

Três entregadores, todos com caixas nos braços e todos afastados do balcão.

O Corvo largou a caneta que tinha no bico, grasnou-lhes, dirigiu-se a uma das extremidades do balcão, escolheu outra caneta, depois regressou e bateu com a caneta no papel preso à prancheta.

Os homens hesitaram em aproximar-se, como se aquela pequena distância fizesse alguma diferença. Se Nyx se quisesse alimentar, não havia nada que a presa pudesse fazer para a impedir. Se estivesse de calças de ganga e camisola, aqueles homens não a veriam como um dos Sanguinati. No entanto, Nyx envergava um vestido preto comprido de veludo preto, com uma cauda discreta e aquelas mangas caídas — o tipo de traje que as vampiras usavam habitualmente nos filmes antigos de que o Avô tanto gostava. Era uma roupa que a divertia, dizendo que era uma forma de mostrar à presa quem ela era, mesmo antes de se começar a alimentar.

Ainda de blusão, Meg ficou com a caneta do Corvo. Sorriu e falou com os entregadores, preenchendo rapidamente as informações, enquanto eles depositavam as encomendas no carrinho, sem nunca deixarem de mirar Nyx.

<Nyx>, disse Vlad, apercebendo-se de que nenhum dos homens saía dali.

<Não fiz nada. É o receio deles que os retém>, replicou a vampira, os olhos negros a observar os homens enquanto se mantinha absolutamente imóvel. <A Meg vai fazer o trabalho dela e eu vou

permanecer aqui.>

<Vais ficar porquê?>, indagou ele, embora não fizesse menção de se afastar.

<Para mostrar aos humanos que eles não são presa quando se encontram nesta estação. Vão aprender que não magoamos quem trata com a Meg, mesmo que ela esteja atrasada. Vão apreciá-la mais por causa disso e serão um tipo diferente de guarda.>

<Soubeste de alguma coisa que indicasse a necessidade de outro tipo de guarda?>

<Ela agrada ao Avô. Isso é motivo quanto baste para a manter segura>, respondeu Nyx.

Meg sorriu aos entregadores quando estes saíram juntos da estação e entraram para os seus camiões e carrinhas. Continuou a sorrir até que eles se afastassem. Depois soltou o fôlego e dirigiu-se a Nyx e ao Corvo.

— Obrigada por terem aberto a estação. Não faço de propósito para chegar atrasada todas as manhãs, mas as coisas têm sido complicadas nestes últimos dias.

Vlad olhou para trás, para Sam, que continuava ocupado a farejar a sala de separação.

— É compreensível — disse o vampiro.

— Foi divertido — adiantou Nyx. — E o Jake sabia o que fazer.

O Corvo que tirava canetas do recipiente e as dispunha pelo balcão fitou-os e crocitou.

— Acho que chegou uma encomenda para o Sr. Erebus, da loja de filmes — indicou Meg. — Quer levá-la consigo?

Nyx riu-se.

— E privá-lo do prazer de uma visita tua? Não. Mas vou dizer-lhe que chegou uma encomenda. — Transformou-se em fumo desde os pés ao peito e flutuou sobre o balcão. Ao voltar a assumir uma forma sólida, estendeu o braço ao Corvo, que para lá saltou para ser levado para a rua.

Meg viu o Corvo alçar voo e Nyx transformar-se completamente em fumo que se dirigiu ao acesso à Praça do Mercado. Depois olhou para o balcão e finalmente para Vlad.

— Serei a *única* a ter de usar a passagem?

Vlad sentiu Sam encostar-se a ele e sorriu a Meg.

— Não, não és a única. Pelo menos por agora. Vou estacionar o Cairo na garagem. Se não encontrares a chave, diz-me e eu levo-te a casa.

Não esperou pela resposta da rapariga. Tinha de abrir a LUM e queria dizer a Henry que Sam estava com Meg — isso, se Jake ainda não o tivesse contado ao espírito-guia do Pátio.

E tinha ainda de encontrar uma forma discreta de alertar todos no Pátio de que ele e Henry Beargard tomariam conta de Meg e de Sam até que Simon regressasse.

Meg despejou ração e água a Sam, alisou-lhe o pelo por baixo do arnês e deixou-o passear pela sala de separação sem a trela. Depois de ela quase lhe ter pisado a cauda ou as patas por várias vezes, Sam instalou-se fora do caminho, mas onde ainda podia observá-la a separar a correspondência e as encomendas. A encomenda para o Sr. Erebus chegada da loja de filmes era pequena o suficiente para seguir com o correio, mas recordando-se das palavras de Nyx, Meg juntou-a às entregas da tarde — onde se contava uma entrega especial para Inverno que ainda não tivera oportunidade de fazer.

A manhã passou rapidamente. Quando ouviu os póneis, Meg prendeu a trela ao arnês de Sam e

enfiou a outra ponta no seu pulso antes de abrir a porta, para o caso de a cria se lembrar de correr lá para fora. No entanto, Sam, por mais intrigado que estivesse, ficou satisfeito em manter-se junto dela enquanto Meg andava entre a mesa e os póneis. Estes, por seu lado, pareceram curiosos, mas pouco preocupados quanto ao lobacho.

Satisfeita por ter chegado ao fim de mais uma semana sem ser comida ou despedida, deu uma palmadinha no monte de papéis com os seus apontamentos sobre as entregas da semana. O mindinho deslizou contra a borda dos papéis.

A pontada de dor fez-se sentir antes de o sangue começar a jorrar do golpe paralelo à articulação. Fitou a mão esquerda, tentando recordar-se de algo da formação que explicasse o corte, sem querer acreditar que o papel fosse capaz de cortar pele. Foi então que chegou a *dor*, provocando-lhe um aperto no peito e uma contração na barriga.

Sam uivou, aterrorizado.

Olhou para a cria, para a confortar, esperando conseguir articular palavras normais antes que a profecia começasse a fluir.

Mas Sam não estava a uivar. Estava ao lado dela, a observá-la com ansiedade, enquanto o corpo dela lhe dizia que alguma coisa não estava bem.

Sam não estava a uivar. Mas ela ouvia-o. Naquele preciso momento, mesmo sabendo que ele não estava a fazer qualquer som, ela ouvia-o.

A visão tivera início. Meg não sabia o que aí viria, que imagens veria. Mas se Sam fazia parte dela... Se Meg falasse para sentir a euforia, não se recordaria do suficiente, caso se recordasse de alguma coisa, de todo, e ninguém saberia por que motivo Sam estava com medo. Mas se não falasse, se engolissem as palavras para que *ela* visse a profecia... Seria capaz de aguentar a dor, pelo bem de Sam?

— Fica aqui — ordenou-lhe, com os dentes cerrados. Correu para a casa de banho e fechou a porta antes que Sam a pudesse seguir.

Sentiu-se a engasgar com coisas terríveis. Debruçou-se sobre o lavatório e esforçou-se por respirar, enquanto a dor a percorria e a visão lhe ia preenchendo a mente aos poucos, qual filme aos soluços.

Homens. Todos vestidos de preto. Até os rostos, as cabeças, eram pretos. Alguns tinham pistolas; outros empunhavam espingardas... *salto*... Um homem tentava agarrar qualquer coisa, mas ela não conseguia ver... *salto*... Um som, algo entre um carro e um moscardo... *salto*... Neve a cair com tanta intensidade que não era capaz de perceber onde estava, não sabia se estava a ver o Pátio, ou a cidade, ou outro sítio qualquer com um nevão... *salto*... Mas Sam estava ali, a uivar, aterrorizado.

Meg regressou a si quando sentiu câibras nas mãos por se agarrar com tanta força ao lavatório.

Concentra-te em respirar, disse para consigo. *A dor já passa. Sabes que passa.*

Lavou as mãos, tendo o cuidado de limpar cuidadosamente o mindinho.

Era um golpe tão pequeno junto à articulação. Se voltasse a cortar para o aumentar, talvez conseguisse ver mais. E talvez visse outra profecia, mas esta estaria misturada com as imagens que já vira com aquele pequeno corte. Os Nomes Ambulantes chamavam ao resultado de um corte sobre um golpe anterior uma visão dupla, a ocorrência torturante em que uma profecia se sobrepunha a outra e

as imagens colidiam de formas que normalmente tinham consequências terríveis para a mente da rapariga que as visse.

Por vezes, as imagens em choque não eram terríveis. Por vezes, se a rapariga aceitasse o que estava a ver, as imagens podiam alterar uma vida. Havião alterado a dela quando o Controlador cortara cicatrizes antigas como castigo. As profecias em choque havião-lhe mostrado os primeiros passos da sua fuga.

O facto de já ter sobrevivido a visões duplas não significava que a sua mente não cedesse se voltasse a tentar.

Secou as mãos, foi buscar antisséptico e um penso ao estojo de primeiros socorros, e tratou do corte. Lentamente, regressou à sala de separação e para junto de Sam. Abriu o caderno pessoal numa página em branco e anotou o que vira enquanto tinha os pormenores frescos na memória.

Tinha de contar a alguém, mas quem lhe daria ouvidos?

Desejava poder falar com Simon. Pegou no telefone e fez uma chamada. O telefone no outro lado tocou até que o gravador de chamadas atendeu.

— Henry? É a Meg. Preciso de falar consigo.

Henry chegou momentos depois de ela ter fechado as portas da estação para a hora de almoço. Deixou Sam na sala de separação com alguns biscoitos e viu-se incapaz de sequer olhar para o matulão, quanto mais dizer fosse o que fosse.

— Estás ferida — acabou ele por constatar. Meg abanou a cabeça. — Cheiras a dor, a fraqueza.

Não era fraqueza. Não, ela não era fraca. Mas a dor, mesmo estando a desvanecer-se, era algo temível.

A voz de Henry soou como um trovão baixinho.

— O que fizeste à mão, Meg?

— Não sabia que o papel podia cortar. — Parecia estar a choramingar, mesmo para si própria. — Pensei que fosse uma imagem faz-de-conta.

— Faz-de-conta?

— Que não é real.

Henry pareceu intrigado.

— Deixa-me ver-te a mão.

— A minha mão está bem. Não foi por isso...

O Pardo segurou-lhe na mão esquerda e tirou-lhe o penso do mindinho. Tinha as mãos grandes e ásperas, mas o toque foi de uma gentileza surpreendente.

— Tens cicatrizes — constatou Meg, olhando-lhe para os dedos.

— Trabalho com madeira. Por vezes atrapalho-me com as minhas ferramentas. — Analisou o golpe no dedo, depois baixou a cabeça e cheirou-o. Abanou a cabeça e voltou a colar o penso. — Um corte tão pequeno não devia causar tanta dor.

Henry queria uma explicação, mas a dor que ela sentia não era relevante para o que vira, pelo que de momento não importava.

— Henry, eu vi qualquer coisa.

O Pardo soltou-lhe a mão e endireitou-se, agigantando-se sobre Meg.

— Viste...?

Meg contornou-o para ir buscar o caderno que estava na mesa da sala das traseiras e depois entregou-lho.

Observou-o a ler as palavras, com a ruga entre os olhos escuros a aprofundar-se à medida que as lia.

— Algumas profecias parecem uma série de imagens ou sons — explicou Meg. — Outras, como esta, parecem um segmento de vídeo, ou uma série de segmentos, com sons e ação. Pode aparecer a mesma imagem numa centena de profecias, pelo que cabe à pessoa que quis a visão compreender o significado.

Henry observou-a.

— Ouviste um Lobo a uivar. Tens a certeza que era o Sam?

— Há algum Lobo cujo uivo seja parecido com o do Sam?

— Não. — Henry pensou por um instante. — Porque haverias de ter uma visão sobre o Sam? Ele não era capaz de te pedir para veres alguma coisa.

— Não, mas era a única pessoa comigo quando me cortei. — Meg arrepiou-se. — Quem são aqueles homens? O que é que eles querem do Sam? — Com Henry no meio da divisão, Meg não tinha espaço para andar às voltas. — Sou tão inútil! — queixou-se ela. — Fui eu que vi isto, mas não sei dizer onde vai acontecer, nem quando ou porquê!

Henry mostrou o caderno.

— Tenho de falar com alguns dos Outros. Posso levar isto? Eu devolvo.

— Está bem. Sim. E o Sam?

— O Vlad leva o Sam a casa. Já cá está há bastante tempo para um dia.

— Mas...

A porta dos fundos abriu-se e Vlad entrou, lançando a Henry um olhar interrogativo. Depois olhou para as mãos dela e retesou-se.

Aconteceu algo entre o Pardo e o vampiro que nenhum deles partilhou com Meg. Vlad entrou na sala de separação, enquanto Henry foi buscar o blusão de Meg ao gancho na parede.

— Vem comigo — indicou Henry.

— Tenho a bolsa na sala de separação, e as minhas chaves estão lá.

Antes que Meg calçasse as botas, Vlad entreabriu a porta o suficiente para lhe entregar a bolsa e usou um pé para impedir que Sam se juntasse a ela.

— Onde vamos? — perguntou Meg quando ela e Henry saíram.

— Não é longe.

Levou-a até ao pátio atrás da loja dele. Um carreiro estreito atravessava o centro até à porta do estúdio, que não estava trancada. Grandes janelas preenchiam a parede traseira de cada lado da porta e forneciam luz. Os lados do estúdio eram as paredes de tijolo do edifício. O soalho era composto por lascas de madeira — ou então estava coberto com uma camada tão espessa de lascas de madeira que Meg nem sabia de que seria o chão. Aquele espaço estava mais quente do que o exterior, mas não a ponto de a levar a querer despir o blusão, e Henry não lhe disse para descalçar as botas.

Apontou para um banco. Meg sentou-se, sem saber porque ali estaria. Além de vários pedaços de madeira e de um carrinho cheio de ferramentas, havia um armário com tampo de granito e uma mesa redonda entalhada com um leitor de música.

Henry despiu o casaco e pendurou-o antes de ligar uma chaleira elétrica que tinha em cima do armário. Enquanto a água aquecia, Henry pousou o caderno numa das prateleiras do armário, depois escolheu um disco e introduziu-o no leitor. Minutos depois, entregou uma caneca a Meg, ligou a música e começou a trabalhar num pedaço de madeira no centro do espaço.

Da caneca subia o cheiro a hortelã. Sem saber ao certo o que ele queria, Meg enroscou as mãos à volta da caneca para se aquecer e observou-o a obter uma forma a partir da madeira. A música, uma mistura de tambores e guizos, a par de algo que lembrava uma flauta, pairava no ar, e os sons do trabalho de Henry pareciam fundir-se com o resto.

— Gosto da música — reconheceu Meg. — O que é?

Henry fitou-a e sorriu.

— Música nativa da terra. Quando os seres humanos inventaram os leitores de música e os discos que contêm sons, permitindo que as canções e as histórias pudessem ser partilhadas com muitos, vimos o valor dessas coisas e gravámos a música do nosso povo.

— Gosta de música humana?

— De alguma. — Henry afagou a madeira. — Mas não aqui. Não quando toco na madeira e escuto o que ela se quer tornar.

Meg analisou a forma grosseira que parecia estar a saltar do bloco de madeira.

— É um peixe.

Henry assentiu.

— Um salmão.

Não tendo mais resposta, Henry pegou nas ferramentas e recomeçou o trabalho. Meg observou o salmão a surgir da madeira, o corpo a descrever uma curva graciosa. Era verdade que não estava concluído, mas já não era informe.

Meg esperava ainda ali estar para o ver quando acabado.

A música acabou. A caneca estava vazia. Henry aceitou-a e disse: — A dor está mais calma. Come alguma coisa. Descansa um pouco antes de voltares ao teu trabalho.

Meg levantou-se.

— Obrigada por me ter deixado aqui ficar. Sinto muito não poder ser mais útil.

— Alertaste-nos. Isso é uma ajuda. Quanto ao resto, és bem-vinda aqui. Vem deixar que o teu espírito toque a madeira.

Agora que a dor acalmara, Meg tinha fome para mais do que a habitual sopa e sanduíche que ia buscar ao Trincadela, pelo que se dirigiu ao Carne-e-Legumes, o restaurante na Praça do Mercado. As imagens de formação diziam que aquilo não era um restaurante de luxo — as toalhas eram do tipo que se limpava com um trapo molhado e não de tecido que precisava de ir para a lavandaria —, mas a ementa continha um pouco de tudo, desde entradas a refeições completas.

Pediu um bife pequeno com puré de batata e ervilhas, desfrutando da experiência de fazer uma escolha.

Quando regressou à estação, encontrou uma caixa de sopa e uma sanduíche embrulhada no refrigerador, e o copo tapado cheio de café fresco.

— Já não é preciso preocupar-me com o jantar — comentou, enquanto ia buscar os exemplares do *Lakeside News* e a *newsletter* do Pátio que alguém deixara na mesa dos fundos.

Levou-os e ao café para a sala de separação e depois abriu a estação para as entregas da tarde.

Henry, Vlad, Blair e Tess juntaram-se na sala de reuniões da Associação Comercial. Henry pousou o caderno na mesa.

— Isto é da Meg. Imagino que tudo o resto que aqui está escrito seja privado, mas ela permitiu que víssemos estas palavras.

Ninguém falou enquanto liam o registo feito por Meg da visão, mas Blair começou a rosnar.

— Se isto fosse um livro, a visão teria incluído um jornal que nos indicaria a data em que viria a acontecer alguma coisa — comentou Vlad.

— Mas não é um livro — retorquiu Henry. — Ela deu-nos muito com um corte tão pequeno. Foi um acidente — acrescentou quando Blair o fitou.

Blair aquiesceu e voltou à análise das palavras.

Henry olhou para Tess.

— Disseste que havia prazer nos cortes. Só consegui cheirar-lhe a dor. Porquê?

— Não sei — admitiu Tess. — Talvez seja a diferença entre um corte accidental e um feito deliberadamente. Talvez seja algo que ela não pode fazer sozinha, e portanto sentiu dor, em vez de euforia. Contei-lhes tudo o que sei acerca de profetisas de sangue.

— Usei o computador para procurar livros ou quaisquer outros escritos sobre elas — adiantou Vlad. — Existem histórias com *cassandra sangue* como personagens, mas estavam na categoria de romances de horror ou de suspense, por isso duvido que contenham informações úteis. Acrescentei alguns à próxima encomenda de livros para a LUM. Vou continuar a procurar.

— Tem de haver quem saiba acerca delas — afirmou Tess.

— A Meg sabe — disse Henry tranquilamente. — A seu tempo vai contar-nos. — Olhou para o Lobo. — Blair?

Blair soltou lentamente o fôlego.

— Pode ser este ano, pode ser daqui a cinco anos. Ainda há muito tempo para uma tempestade daquelas antes que a rapariga do frio ceda à irmã. Aquele som. Mais pequeno do que um carro, mas não é um Cairo. Tem de se deslocar bem sobre a neve.

— Posso ajudar o Vlad a procurar um veículo assim nos computadores — ofereceu-se Tess. Depois hesitou. — Devíamos contar ao polícia que fala com o Simon?

— Essas visões alguma vez se enganam? — indagou Blair. — Podemos ter a certeza que esses homens com as armas e as caras tapadas não são polícias?

— Porque é que a polícia haveria de querer o Sam? — questionou Vlad.

— Porque é que haveria alguém de o querer? — contrapôs Henry.

Lampejos vermelhos bailaram nos olhos ambarinos de Blair.

— A Daphne está morta, por isso o Sam é filho do Clã dos Lobos. Poderia alguém ser tolo a ponto

de lhe tocar e começar uma guerra?

— Alguém *vai* ser tolo a esse ponto — afirmou Henry. — A Meg assim o viu.

Silêncio.

— O céu hoje está limpo — acabou Blair por dizer. — Não deve haver outra tempestade durante alguns dias, a menos que alguém faça zangar a rapariga do lago.

Tess chegou-se à frente e passou o dedo pela página com os apontamentos de Meg sobre a visão.

— Mesmo que uma profetisa de sangue nunca se engane, aquilo que ela vê está aberto à interpretação. A Meg mostrou-nos o início de um confronto, mas não há nada que nos diga como acaba.

Olhou para os três homens. Apesar da sua força enquanto Pardo, Henry sentiu um arrepio na espinha quando lhe viu o cabelo a começar a encaracolar-se.

Tess saiu da sala, decidindo, aparentemente, que não havia mais nada a dizer.

— O Sam não vai aceitar ficar sempre para trás — lembrou Vlad. — E estar com a Meg é bom para ele. — Fitou Blair. — Não gostas do arnês e da trela, e eu compreendo-o, mas estes dias com a Meg retiraram o Sam do péssimo sítio onde ele estava desde que a Daphne morreu. Isso devia contar para alguma coisa.

— Não posso falar pelos outros Lobos, mas para mim conta — garantiu Blair. — Vamos proteger o Sam. E a Meg também.

Vlad mexeu-se na cadeira.

— Ela ainda não viu um Lobo. Exceto o Sam.

— Há sempre um Lobo de serviço na LUM — disse Blair.

— Sim, mas ela não entra na livraria desde que se tornou Intermediária, por isso ainda não viu nenhum de vocês.

— Vou destacar um par de Lobos que fiquem de guarda à estação. Em forma humana.

— Lembra-te de que eles vão ver a Meg e o Sam — recordou Henry.

Blair rosnou.

— *Isso* é responsabilidade do Simon. Ele trata disso quando voltar.

— De acordo.

Satisfeito por terem feito o possível por enquanto, Henry levantou-se.

— Estou por perto durante o dia, e os Falcões e os Corvos ficam de vigia quando a Meg está a trabalhar. Eles alertam os Lobos se houver uma ameaça.

O trio voltou aos respetivos trabalhos.

Quando Henry percorria o carreiro estreito até à porta do seu estúdio, olhou para os Corvos pousados no muro. <Alguma coisa para me dizer?>

<Humanos e caixas>, replicou Jake. <A Meg não precisa de ajuda com a escrita.> Soava desiludido.

De volta ao estúdio, Henry pendurou o casaco e contornou os pedaços de madeira que esperavam que lhes dessem uma nova vida — e pensou na fêmea que começava a ver como amiga, mesmo sendo humana.

Entre entregas, Meg deu uma vista de olhos ao *Lakeside News* mas não viu nada que devesse ser relatado a Henry ou a Tess — e interrogou-se se estaria a abusar pelo simples facto de estar à procura. Por certo, Tess ou Vlad já o fariam. Mas eles não dispunham da quantidade de imagens que ela tinha armazenadas, e poderiam não reconhecer algo que pudesse influenciar os Outros.

Reparou nos anúncios de promoções, apresentados tal como Asia indicara, mas não sabia se algum dos residentes estaria interessado em tais produtos.

Leu a banda desenhada e não compreendeu a maior parte. Mas uma tira sobre os Outros perturbou-a. Parecia ser parte de uma história em continuação, pelo que as palavras pouco sentido tinham, mas o Lobo baboso, de pé e parecendo um homem hirsuto com cabeça de lobo, deixou-a desconfortável. Talvez fosse um modo de ridicularizar algo receado, mas parecia arriscado. Não sabia se seria arriscado para os Outros ou para os humanos, mas absorveu a imagem e depois olhou para a data no cimo do jornal. Outra imagem.

Meg dobrou o jornal e fez menção de pegar na *newsletter* do Pátio, mas deteve-se. Demasiada informação; já absorvera demasiado nesse dia. Além disso, a distribuição do catálogo novo pelos complexos residenciais levava a um aumento de encomendas que haviam chegado nessa tarde, pelo que ela ainda tinha de separar uma carga de caixas e entrar em contacto com os complexos para que fossem levantar as encomendas.

Fechou a porta exatamente às quatro, encheu a zona de carga do Cairo com pequenas encomendas para as Câmaras e para o Complexo Verde, certificou-se de que tinha a encomenda para Inverno e saiu para fazer as entregas.

Ainda se sentia nervosa ao sair do Cairo em qualquer dos mausoléus que alojava os Sanguinati — salvo na casa do Sr. Erebus —, mas estava a habituar-se ao fumo que saía dos edifícios sempre que ela parava o veículo. Os Sanguinati na forma de fumo não ultrapassavam as vedações quando ela estava por ali, e os que permaneciam em forma humana não falavam com ela, nem se aproximavam. Meg desejava-lhes sempre uma boa tarde quando enfiava as encomendas nas caixas do correio — e respirava sempre de alívio por nenhum deles querer fazer dela uma refeição.

O Sr. Erebus, por outro lado, foi ao seu encontro quando ela saiu do Cairo.

— Os seus filmes chegaram — informou Meg, exibindo o pacote. Reparou que as unhas dele não pareciam tão amareladas ou duras como da primeira vez que o vira, mas talvez isso se devesse ao facto de na altura ter estado nervosa e de a entrada estar escura.

— Gosto muito dos meus filmes — disse o vampiro. — És uma menina muito simpática por mos trazeres. — Depois apontou para as caixas de correio pretas, indicando que Meg lá deveria deixar a encomenda. Mesmo quando vinha ao encontro dela, nunca aceitava um embrulho diretamente das mãos dela.

— É um prazer — garantiu Meg.

Erebus observou-a a enfiar o resto das encomendas nas caixas.

— O Vladimir é simpático contigo?

Ficou surpreendida com a questão, mas ainda mais por sentir que o bem-estar de Vlad dependia da sua resposta.

— Sim, é. Esta manhã, ele e a Nyx foram muito prestáveis.

— Isso é bom. — O ancião recuou. — Vai acabar o teu trabalho e depois aprecia a noite.

— Assim farei.

Ao conduzir para o lago, interrogou-se se aquilo poderia ter sido um alerta para que ficasse na zona Verde do Pátio após o anoitecer.

Inverno patinava no lago, com o mesmo vestido branco. Meg parou no mesmo sítio da primeira vez que a visitara, tirou um cachecol do saco de compras e dirigiu-se ao extremo do lago.

A rapariga aproximou-se gradualmente.

— É a Intermediária — disse Inverno. — Patinas, Meg?

— Nunca aprendi.

— Os humanos usam metal nos pés para deslizar sobre o gelo. Eu não necessito de tais coisas. — Inverno meneou a cabeça. — Vieste buscar os livros da biblioteca? Ainda não acabámos de os ler.

— Não, não vim buscar os livros. Trouxe-te isto. — Meg estendeu o cachecol.

A rapariga retesou-se e os olhos que fitaram Meg estavam repletos de uma fúria inumana.

— Trouxeste-me a cor da Verão?

Sobressaltada com tal fúria, Meg olhou para o cachecol verde.

— Verão? Não. Não pensei nele como sendo um verde estival.

Inverno pareceu mais alta do que ainda há um instante — e menos humana. E o ar, tolerável nessa tarde, pareceu gelar de repente.

Insultara a rapariga. Pelo menos isso percebera. Parecia que Inverno e Verão não se davam bem, apesar de serem irmãs. *Seriam* irmãs?

— Quando vi isto, pensei em ti — disse Meg, procurando explicar-se.

— Em mim. — As palavras saíram num murmúrio furioso. De repente, a neve começou a cair vinda do outro lado do lago, uma cortina de neve que se deslocava na direção delas.

— Por causa disto. — Meg desenrolou o cachecol, revelando os flocos de neve que se transformavam nas extremidades e borlas brancas. Esforçou-se por encontrar as palavras certas. — O inverno não é a ausência de cor; tem todos estes tons de branco. E depois temos as sempre-verdes, com os ramos cobertos de neve, com a cor delas a acentuar o branco. Quando vi o cachecol numa loja na Praça do Mercado, pensei em ti, pois o teu vestido tem tons de branco, e o verde ia destacar o vestido, tal como as sempre-verdes fazem com a paisagem.

A neve no outro lado do lago acalmou-se. Inverno observou a paisagem com as suas árvores e depois olhou para o cachecol.

— É *mesmo* da cor das sempre-verdes. — Pegou no cachecol e esfregou-o entre as mãos. — Macio.

Meg mal se atrevia a respirar.

— Gentileza — murmurou Inverno, aceitando o cachecol e enrolando o pescoço com ele. — Mas que inesperado.

Os olhos que nunca seriam confundidos com algo humano fitaram-na.

— Obrigada, Meg.

— De nada, Inverno. — Meg regressou ao Cairo e acenou antes de entrar. A rapariga não respondeu à despedida, mas quando Meg se afastou, uma segunda rapariga deslizou sobre o gelo e

deu as mãos a Inverno.

Durante a viagem de regresso ao Complexo Verde, Meg reparou que a neve ao lado da estrada voluteava no ar como patinadores a rodopiar sobre o gelo de um lago.

Depois de um longo duche quente e um pequeno-almoço tardio, Meg preencheu o Dia da Terra com tarefas, com Sam e com a primeira saída social. Enquanto as roupas lavavam, ela e Sam passearam pelo complexo. Enquanto as roupas secavam, ela e Sam passearam pelo complexo. Quando Meg chegou a casa e guardou as roupas, Sam estava esparramado no chão do quarto, sem se querer mexer. Meg teve de o carregar até à gaiola na sala de Simon.

Eram horas de se encontrar com as fêmeas reunidas na sala de convívio Verde para ver um filme para chorar. Jenni Crowgard e as irmãs estavam lá, a par de Julia Hawkgard, Allison Owlgard e Tess.

Dispuseram as cadeiras e o sofá separável ao seu gosto — e da forma mais conveniente para chegarem às pipocas, aos frutos secos e às bolachas de chocolate que Tess levara. Depois, Jenni ligou o filme.

Houve mães a chorar por causa de filhas e filhas a gritar com mães. Houve pais a discutir com filhos. Houve amigos a dar conselhos supérfluos a toda a gente. No fim, todos sorriram e se abraçaram.

Meg não conseguia decidir se era suposto ser uma história acerca de uma família real ou se era faz-de-conta e nunca aconteceria numa comunidade humana. As Outras também não compreenderam a história, mas todas concordaram com uma coisa: ninguém chorou com o filme.

Quando Meg voltou a casa, Sam estava acordado e pronto para a brincadeira. Por isso comeram, brincaram e viram outro filme que garantidamente fez chorar, a rir, e tinha animais.

— Se hoje me deixares dormir, amanhã podes ir comigo — alertou Meg quando fechou a gaiola. — Mas se começares a uivar e acordares toda a gente, vais ter de ficar em casa sozinho.

Sam gemeu, fazendo Meg sentir-se mal, mas lá se acalmou e ela regressou ao apartamento, mal tendo tempo para proceder à sua rotina noturna antes de cair na cama e adormecer profundamente.

Na manhã seguinte não se ouvia viva-voz no apartamento de Simon. Nem um pio ou um uivo. Como dormira até que o alarme tocasse, Meg não tinha a certeza de que ouviria Sam antes de ela se levantar, por mais barulho que ele fizesse. Todavia, quando saiu do duche, o silêncio assumira um peso ominoso.

E se ela não tivesse fechado devidamente a gaiola na véspera? E se Sam, perturbado por ela o ter deixado sozinho, tivesse saído e feito alguma das coisas que levara Simon a comprar a gaiola?

Meg esfregou o cabelo molhado, pendurou a toalha no toalheiro, vestiu o robe e dirigiu-se ao apartamento de Simon. Tremia enquanto abria a fechadura no corredor das traseiras — um lembrete de que até mesmo entre quatro paredes, aquela não era a melhor altura do ano para andar de cabelo molhado e com um mínimo de roupa. Trataria de ambos os assuntos assim que confirmasse Sam.

E se ele não estivesse a fazer barulho por se ter ferido e não ser capaz de uivar por ajuda? E se estivesse doente? E se...

Correu escadas abaixo e entrou na sala.

...ele estivesse sossegadinho a lamber os últimos pedacinhos de ração da taça e a esperar por ela para que o levasse?

Sam abanou a cauda e ofereceu um *arrooooo* baixinho à laia de cumprimento.

— Bom-dia, Sam — disse-lhe Meg. — Só para saberes que já te venho buscar. Está bem?

Meg assumiu que o som produzido era um assentimento e correu de volta ao apartamento para secar o cabelo e vestir-se. Apressou-se a tratar da rotina matinal, quase se engasgando com o pequeno-almoço acelerado de pão e manteiga de amendoim.

Quando Meg trancou o seu apartamento e voltou ao de Simon, Sam saltitava na gaiola. Assim que ela a abriu, o lobacho saiu e começou a dançar junto à porta da rua. Meg colocou-lhe o arnês e guardou as taças e a toalha. Quando saiu, Vlad aguardava-a.

O vampiro aceitou os dois sacos e pareceu ficar pensativo.

— O que levas todos os dias?

— As taças de comida do Sam — respondeu Meg, enquanto confirmava que trancara devidamente a porta de Simon, pois lembrava-se de imagens e vídeos de ladrões a entrarem em casas.

Havia ainda a recente visão dos homens vestidos de preto e de Sam a mostrar medo. Não lhe parecia que alguém tentasse esgueirar-se para o Pátio para roubar os Outros. Por outro lado, as pessoas estavam sempre a fazer parvoíces.

— Meg, se o Sam vai contigo para a estação quase todos os dias, mais vale comprares outro conjunto de taças para não teres de andar com estas de um lado para o outro — sugeriu Vlad.

— Hoje vou ver o catálogo do Palácio dos Animais para saber quanto custam — garantiu Meg quando se dirigiram às garagens, parando a cada meia dúzia de passos para que Sam fizesse xixi. Meg não queria ser forreta, mas a visita ao centro comercial no Dia do Fogo mostrara-lhe como o dinheiro se gastava depressa, e não queria ficar no vermelho antes de receber o envelope seguinte. E isso fê-la lembrar-se de que tinha de passar pelo banco da Praça do Mercado para saber quanto crédito em lojas podia esperar para cada mês. Começava a perceber o motivo por que muitos dos clientes do Controlador solicitavam profecias sobre dinheiro.

— Compra o que quiseses para o Sam e põe na conta da Associação Comercial — adiantou Vlad. — Eu autorizo os pagamentos.

— Obrigada.

Guardaram os sacos e colocaram Sam no Cairo. Depois, e mesmo tendo Meg a chave nessa manhã, Vlad conduziu-os à Estação do Intermediário.

Quando ela abriu a porta, Harry, da Entregas Em Todo o Lado, estava a parar a carrinha.

Esta manhã não me atrasei, pensou, acenando a Harry — e, pelo canto do olho, viu alguém a observar do primeiro andar do consulado. *Mas cheguei mesmo em cima da hora.*

Como Harry conversava sempre com ela durante alguns minutos, Meg demorou-se a preparar a prancheta e a preencher as informações sobre as encomendas trazidas. Ao contrário de Asia Crane, ele não se mostrava declaradamente curioso sobre o Pátio. Harry conversava sobre a sua própria vida, uma versão do mundo humano que era tão estranha para Meg como o modo de vida dos *terra indigene*. Mas Meg absorvia cada palavra, e sempre que dispunha de alguns minutos de sossego, tentava fazer corresponder as coisas sobre as quais Harry falava com as imagens e vídeos que haviam feito parte da sua formação.

— Para de maneira a não ficarmos no caminho das entregas — indicou Monty quando Kowalski entrou no Pátio. — Não demoro muito.

Não recebera mais informações acerca da Costa Oeste, nenhuma confirmação de quantas pessoas haviam morrido em Jerzy na semana anterior, nada sobre o motivo por que um bando de jovens havia atacado os Outros e desencadeado o confronto que escalara para massacre.

E apesar de ter um carro-patrolha à espera na estação sempre que chegava um comboio com destino a leste, não havia sinais de Simon Wolfgard.

Como preferia evitar novos contactos com Vladimir Sanguinati, Monty decidira abordar a Intermediária. Não esperava que Meg Corbyn pudesse dizer-lhe mais alguma coisa — ou estivesse disposta a isso —, mas queria recordá-la de que estava ali para ajudar.

Quando abriu a porta da estação, um dos Corvos esvoaçou sobre o muro de pedra, enquanto outro se afastou, sem dúvida para contar a alguém sobre a presença dele.

Os olhos cinzentos de Meg Corbyn denotaram um lampejo de receio quando o fitaram, seguindo-se rapidamente um esforço para ocultar esse medo. Interrogou-se se ela alguma vez o veria sem recear que ele ali estivesse para a levar de volta ao sítio de onde fugira. Mas porque continuaria com medo? Será que não sabia que os Outros não tolerariam que ela fosse detida?

— Bom-dia, tenente Montgomery. Posso ajudá-lo?

Chegado ao balcão, Monty sorriu e abanou a cabeça.

— Não, ‘nha senhora. Só passei por aqui para saber se há alguma coisa que possa fazer por si.

— Oh. — Meg olhou para o catálogo em cima do balcão, como se procurasse a resposta certa entre a mercadoria à venda.

Como ela não olhava para ele, Monty concentrou-se na divisão além da porta Privada, que Meg deixara aberta. Uma parede ao fundo com cubículos e prateleiras. Uma caixa de torrões de açúcar numa mesa grande ao centro do espaço. E um cachorro cinzento na soleira, os lábios arreganhados a revelar uma boca cheia de dentes saudáveis.

Não é uma cria de cão, pensou Monty quando o animal lhe rosnou. *É uma cria de Lobo.*

Meg sobressaltou-se com o som. Depois de fitar o Lobo, olhou para Monty e disse: — Este é o Sam. Está a ajudar-me por uns dias. — Depois olhou para o jovem. — Sam, este é o tenente Montgomery. É polícia. — De volta a Monty. — Ele é jovem. Não sei se ele percebe o que é um polícia.

Quando é que os Outros começavam a assumir forma humana? Será que aquela cria também era um menino?

De quem?

Não precisava de três tentativas para chegar a uma conclusão, mas isso fê-lo interrogar-se que mais tarefas atribuiria Simon Wolfgard à sua Intermediária.

— Talvez a livraria tenha um daqueles livros «isto é» — aventou Monty. — Não sei como se chamam mas, basicamente, são livros que ajudam as crianças a identificarem coisas. Tipo, «Isto é um gato. Isto é um carro. Isto é um rato. Isto é um alce».

Os olhos dela chamejaram com um brilho estranho e a pele branca ficou exangue.

— Lembro-me desse tipo de livros — murmurou ela. — Não sabia que havia outras crianças que

aprendiam assim.

Monty estava a pensar nos serões passados com Lizzy, a ler-lhe esses livros, e como ela ficara empolgada quando tinham ido ao jardim zoológico e ela fora capaz de identificar a cabra, a galinha e o coelho. Agora, ao olhar para Meg, duvidava que ela tivesse as mesmas recordações agradáveis sobre esses livros.

— Obrigada. É uma boa sugestão — agradeceu Meg. — Se a LUM não tiver livros infantis, pode ser que a biblioteca do Pátio tenha.

Estava na hora de sair dali. Monty olhou para o catálogo, aberto numa variedade de camas para cães, e reparou que ela destacara uma com um círculo. Demorou-se um instante a avaliar o lobacho e depois inclinou a cabeça para ver a escolha de Meg.

— Eu escolhia uma cama média e não a pequena — opinou Monty.

— Mas ele é pequeno — argumentou Meg. Fez uma pausa. — Pelo menos acho que é pequeno. Ainda não vi um Lobo adulto.

Monty sorriu, mas interrogou-se quanto ao *motivo* por que ela ainda não vira um Lobo.

— Acredite. O Sam já é maior do que aquilo que as pessoas consideram ser um cão pequeno.

— Oh. Pois, é bom saber disso.

— Tenha um resto de bom dia, Menina Corbyn.

— Igualmente.

Quando Monty saiu da estação, apercebeu-se da expressão de Kowalski.

Olhou para a direita e viu o Pardo do outro lado do muro, a observá-lo. Nos primeiros instantes, os pulmões de Monty recusaram-se a funcionar e sentiu as entranhas a liquefazerem-se.

— Bom-dia, Sr. Beargard — cumprimentou-o. Dirigiu-se então ao carro-patrolha e entrou.

— Podemos ir? — perguntou Kowalski, ainda de olho no Pardo.

— Sim. Vamos embora — concedeu Monty.

Henry Beargard acompanhou-os com o olhar até entrarem no trânsito.

— Enquanto esteve na Estação do Intermediário, apareceu um indivíduo do consulado — informou Kowalski. — Basicamente, queria saber o que estávamos ali a fazer. Disse-lhe que era uma visita de cortesia.

— E era verdade.

— O tipo estava à minha frente, por isso, quando vi o Pardo, pensei que fosse uma daquelas esculturas, até que o urso virou a cabeça e ficou a vê-lo a falar com a Intermediária. — Kowalski travou cuidadosamente quando chegaram a um semáforo. — Nunca tinha visto um Urso. Não posso dizer que esteja em pulgas para ver outro. — Fez uma pausa quando o sinal abriu e o par voltou a avançar. — Acha que ele era capaz de saltar o muro?

Era capaz de o saltar ou de o atravessar. Essa certeza não o reconfortou, pelo que Monty não respondeu.

Meg telefonou para o Palácio dos Animais e fez a encomenda com o gerente de loja, pois o vendedor não quis assumir a responsabilidade de apresentar uma fatura ao Pátio. Garantiram a Meg que as taças e a cama seriam entregues na manhã seguinte e a jovem pensou no telefonema seguinte.

Passava-se alguma coisa com Sam — ou tinha-se passado. Percebeu isso pela gaiola na sala de Simon e pela ração seca, algo que ela duvidava fosse o alimento típico de algum Lobo.

Houvera uma mudança nos últimos dias. Sam parecia mais responsivo, já parecia mais um cachorrinho curioso. Se estivesse a comportar-se mais como um Lobacho típico, isso talvez explicasse a crescente falta de interesse pela ração.

Claro que isso não explicava o interesse dele pelos biscoitos que Meg lhe comprara.

Como não podia pedir conselhos a Simon — e, garantidamente, não os queria pedir a Blair —, ligou para o talho da Praça do Mercado em busca de respostas.

E enquanto ouvia o telefone a chamar, foi assaltada por um pensamento. Havia quase duas semanas que estava no Pátio e ouvia-os todas as noites; assim sendo, porque *não* tinha visto qualquer dos Lobos em forma de Lobo? Teriam ordens para a evitar quando estivessem nessa forma?

Seriam assim tão assustadores?

— Hoje temos carne e peixe — disse uma voz masculina. — O que quer?

— Daqui é a Meg, a Intermediária. Tem carne especial?

Fez silêncio, a que se seguiu o interlocutor a engasgar-se.

— Carne especial? *Tu* queres *carne especial*?

Como era óbvio, havia uma carne especial. Igualmente óbvio, nem todos a podiam adquirir.

— É para o Sam — esclareceu Meg. — Ele não anda muito entusiasmado com a ração, por isso gostava de saber se há alguma carne especial para cachorros. Bem, se calhar uma coisa como coelho ou veado não seja propriamente especial, pois é o que os Lobos estão sempre a comer, não é? — Não obteve resposta, por isso Meg insistiu. — Os Lobos pequenos, da idade do Sam, comem carne, não comem?

Ouviu-se um suspiro profundo. Depois a voz, que parecia aliviada, disse: — É claro que comem carne. É claro que comem. Hoje recebi uns belos nacos de vaca. Sempre era mais especial do que veado ou coelho, a menos que queiras uma metade inteira de coelho. Sobrou-me metade daquele que apanhei esta manhã.

Com um enjoo repentino, Meg disse: — Pode ser um naco pequeno de vaca. Se já não come carne há algum tempo, não lhe quero dar muita.

— Eu levo-a. — O homem desligou.

Meg continuou a fitar o telefone.

— Porque é que ele ficou tão incomodado quando lhe perguntei pela carne especial?

Nem todos a podiam ter. Ou talvez fosse algo que os *seres humanos* não iriam querer porque...

Antes de perder a coragem, Meg telefonou para o Trincadela e agradeceu silenciosamente aos deuses quando Merri Lee atendeu.

— Os humanos são considerados carne especial? — indagou Meg.

— Não é um bom assunto para se discutir ao telefone — acabou Merri Lee por dizer.

Por um instante, Meg não foi capaz de pensar, mal conseguia respirar; ao mesmo tempo, o desenho de uma vaca com setas a apontarem para os vários cortes invadiu-lhe a mente. Depois imaginou o desenho de um ser humano com o mesmo tipo de setas. Haveria um cartaz desses no talho?

— Merri? O talho do Pátio vende bocados de pessoas?

Silêncio.

— Ai, meus deuses.

Depois de mais um breve silêncio, Merri Lee disse: — Tenho quase a certeza que a carne especial já não se vende no talho, se é que alguma vez se vendeu — afirmou, a voz mal passando de um suspiro. — E acho que quando os Outros matam um humano, a pessoa normalmente é consumida no local, e não sobra nada. — Engoliu em seco com tanta força que Meg o ouviu do outro lado da linha. — Mas quando *há* carne especial disponível, vemos um aviso na porta do talho. Não é óbvio aquilo que publicita, mas todos percebem porque é que lá é colocado. É como te digo, tenho quase a certeza que eles não vendem a carne, mas o sinal avisa os Outros de que está disponível.

— Mas nós podemos lá fazer compras!

— Alguma vez lá entraste?

— Não. Não sei cozinhar, por isso ainda lá não comprei carne. — E provavelmente nunca o faria.

— Quando comprares, pergunta sempre que carne te estão a dar. Ou diz-lhes o que queres. Se pedires um bife e não especificares de que animal, podes receber vaca, cavalo, veado, alce ou até bisonte. Pode acabar por ser interessante, mas nem sempre queremos uma coisa «interessante».

Meg sentiu-se zozna e segurou-se ao balcão. Quem lhe dera nunca ter pensado numa surpresa para Sam.

— Está bem. — Soprou o fôlego. — Está bem. Obrigada, Merri.

Desligou e regressou à sala de separação a tempo de ouvir baterem com força à porta dos fundos. Sam seguiu-a, ainda de arnês e trela, pois não deixava que Meg lhe soltasse a corda de segurança.

Meg abriu a porta. O homem tinha os mesmos olhos e cabelo castanhos dos Falcões que ela conhecera e usava um avental sujo de sangue à cintura. Estendeu dois pacotes embrulhados em papel pardo.

— Cortei uns pedaços de vaca para estufar — indicou. — Deixa ficar à temperatura do corpo antes de os dares ao Sam. O outro pacote tem bocados de pau de veado secos. Os lobachos gostam de os roer.

— O que é pau de veado? — perguntou Meg, aceitando os pacotes.

O homem fitou-a por um instante. Depois levou a mão abaixo do cinto e levantou um polegar.

— Ah — disse Meg. — *Ah*.

O macho deu meia-volta e regressou a correr à Praça do Mercado.

Meg fechou a porta, olhou para os pacotes que tinha na mão e exclamou: — Eeewwww.

Mas Sam saltitava-lhe à volta das pernas, equilibrando-se nas patas posteriores para farejar os embrulhos.

O primeiro pacote que abriu tinha a carne. Imaginou que a poderia aquecer no forno de ondas, pelo que guardou o embrulho no refrigerador. O pacote seguinte continha três pedaços de... veado. Pegou num bocado com o polegar e o indicador e deu-o a Sam. Depois embrulhou rapidamente o resto e correu a lavar as mãos. Duas vezes.

É claro que o pequeno não ficaria entretido na sala dos fundos, pelo que Meg começou a separar correspondência enquanto ignorava conscientemente aquilo que Sam segurava entre as patas e roía com tamanho prazer.

Vlad ergueu o olhar das faturas que separava e observou o Lobo que tinha à porta.

— Aconteceu alguma coisa?

Blair entrou e sentou-se à secretária.

— O Boone diz que não volta a ter carne especial no talho, pois não quer problemas com o Henry agora e com o Simon quando ele voltar.

— Porque é que o Boone está com medo de arranjar problemas?

— Porque a Meg lhe perguntou se tinha carne especial.

A boca de Vlad escancarou-se.

— *A Meg?*

— O Boone diz que arranja problemas se não lhe vender aquilo que ela pede, mas que arranja problemas ainda maiores se lhe vender e *depois* ela descobrir o que é. Não pode vender o que não tem, por isso vai deixar de ter.

— *A Meg?* — repetiu Vlad. Não sabia se deveria ficar intrigado ou perturbado com tal informação.

— Parece que ela andava à procura de uma guloseima para o Sam. — Os lábios de Blair retorceram-se num esboço de sorriso. — Pelos sons que ele estava a fazer quando me ligou, o mais certo é mudar umas quantas penas com os nervos antes do fim do dia.

Vlad soltou uma gargalhada.

Blair levantou-se.

— É claro que ele também levou uns bocados de pau de veado para o Sam.

— Para — suplicou Vlad, rindo-se tanto que mal conseguia respirar. — Não, espera. A Meg sabia o que era?

— Agora sabe. Disse ao Boone que ele devia continuar a entregar um pouco de carne para o Sam. — Fez uma pausa. — O Simon ligou. Volta no Dia do Vento. — Ainda a tentar recuperar o fôlego, Vlad acenou para indicar que ouvira o Lobo. — Não me parece que tenha conseguido respostas — adiantou Blair.

Vlad ficou sério e assentiu.

— Falamos todos quando ele regressar. — Assim que Blair deixou o gabinete e Vlad ficou com a certeza de que o Lobo não o podia ouvir, acrescentou: — Sobre muitas coisas.

Meg fitou a porta das traseiras da Ler e Uivar por Mais. Não havia mal em levar um Lobo para a loja; ouvira dizer que um ou dois Outros costumavam lá estar na sua forma animal para servir de seguranças. Não, o problema seria a reação ao arnês e à trela de Sam e poder quebrar alguma regra subentendida ao levar uma cria de *terra indigene* a um estabelecimento frequentado por seres humanos.

Depois de avaliar os problemas que o lobacho causaria se ficasse sozinho, deixar Sam na estação ficou fora de questão. Portanto, ali estava ela, a hesitar à porta.

O portão de madeira nas traseiras do quintal de Henry abriu-se. O Urso observou-os aos dois por um longo instante e depois olhou para a porta da LUM. Acercou-se de Meg e pegou na trela.

— Anda, Sam. Vais brincar comigo um bocadinho. Quanto mais depressa a Meg tratar do que tem

a fazer, mais depressa vocês podem ir comer.

Era Henry, e Sam ficaria seguro com o Pardo, mas Meg sentia-se desconfortável ao deixar que outras pessoas segurassem na trela e controlassem Sam; acima de tudo, não gostava que o lobacho aceitasse que outras pessoas *podiam* agarrar na trela.

O desconforto sentido por ela deve ter sido evidente, pois Henry disse: — Nós ficamos bem, Meg. Vai à tua vida.

Meg olhou para Sam.

— Era melhor se ficasses com o Henry. Está bem?

Não esperou por uma resposta. Entrou na LUM e atravessou rapidamente o armazém. Contudo, ainda não tinha chegado à zona pública e já ouvia o uivo da porta a ranger — o protesto de Sam por ter ficado para trás.

Já se sentia culpada por o ter deixado. Foi então que soltou o seu próprio guincho, ao ouvir o uivo de Sam ter como resposta um uivo mais grave algures no interior da livraria. Hesitou. Depois, a curiosidade levou-a a penetrar no estabelecimento propriamente dito.

Talvez visse o seu primeiro Lobo adulto.

Pelos vistos, ela não era a única à procura do Lobo depois de ter ouvido o uivo. Todos os clientes por quem passou procuravam alguma coisa que não se encontrava nas prateleiras, mas chegou à frente do estabelecimento sem ver um único *terra indigene* em forma de Lobo. No entanto encontrou John Wolfgard, que a levou à secção infantil. Parecia demasiado bem-disposto para ser um Lobo, e Meg interrogou-se se os clientes que falavam com ele se sentiriam aliviados ou desiludidos.

John foi solicitado por outro cliente e deixou-a a procurar nos livros ilustrados e nos livros de «isto é». Escolheu dois destes e um livro de contos infantis. Sem saber ao certo há quanto tempo ali procurava e querendo uma oportunidade de procurar um livro para si, Meg apressou-se a sair da secção infantil e dirigiu-se à frente da livraria, onde vira um expositor, e quase esbarrou com o homem que bloqueava a passagem.

Seria mais ou menos da idade de Simon, com rosto e corpo magros, mas o cabelo era um misto de grisalho e preto, e os olhos cinzentos eram os que menos transmitiam uma ilusão de humanidade de todos os metamorfos que ela vira no Pátio até então. Envergava calças de ganga, camisola branca e um blusão de cabedal preto coçado. Meg não tinha dúvida de que fora aquele o Lobo que respondera ao uivo de Sam.

O Lobo praticamente não se mexeu, apenas o suficiente para que ela passasse à justa. Quando Meg passou, o homem inclinou-se e farejou-a sem qualquer subtilidade. Depois espirrou.

Meg nem se deu ao trabalho de suspirar por ter mais um Lobo a queixar-se do cabelo fedorento dela — e que já não cheirava mal, muito obrigada.

Até o sorriso de John se desvaneceu quando reparou como o outro Lobo a seguia até à frente da livraria, mas registou as compras — entre elas um romance que Meg trouzera do expositor só para provar que era capaz de adquirir um livro para si — e colocou-as no saco que ela levava.

Meg agradeceu a John e encaminhou-se para as traseiras do estabelecimento, cada vez mais nervosa com o Lobo que parecia decidido a persegui-la. Suspirou de alívio quando ele hesitou, depois virou e entrou no Trincadela. Meg queria regressar à estação antes que ele voltasse a

persegui-la, pelo que escancarou a porta dos fundos da LUM e correu para a porta aberta do pátio de Henry.

Uma bola de neve bateu-lhe no ombro, arrancando-lhe um gritinho de surpresa. Contudo, foi o Lobo a carregar na direção dela que a fez gritar tanto que os Corvos e os Falcões no pátio de Henry e na Estação do Intermediário levantaram voo numa confusão de asas e penas. Meg caiu de costas e enrolou-se, cobrindo a cabeça e o pescoço com os braços.

O Lobo aterrou-lhe em cima das costas, rosnando ferozmente quando deslizou para o chão, tentando agarrar-lhe os braços.

Depois, uma cabecita meteu-se-lhe por baixo do braço e uma língua deu-lhe um par de lambidelas rápidas no rosto. Sam falou-lhe brevemente antes de puxar a cabeça e de voltar a saltar para cima dela.

Ouviu-se a gargalhada tonitruante de Henry.

— Apanhaste-a bem, Sam. Vá, agora deixa-a levantar-se.

Meg contou até dez. Esticou-se lentamente quando não sentiu ninguém a saltar-lhe em cima. Momentos depois, uma mão enorme agarrou-lhe as costas do blusão, levantou-a e começou a sacudir-lhe a neve.

— Dás um excelente brinquedo para morder, Meg — comentou Henry, com a voz quase abafada pelo riso. — Sam, está na hora de te ires embora.

— Já chega — arquejou Meg, sacudindo a neve da frente do blusão.

Henry pegou-lhe na mala e no saco, sacudindo-os aos dois.

— Foi simpático da tua parte brincarem às presas.

Não estivera a brincar a nada. Não se apercebera do arnês vermelho, nem do tamanho do animal. Só vira um Lobo a correr para ela a toda a brida.

Sam parecera muito maior naquele momento, e atirar-se ao chão fora instintivo.

— Se calhar devia ter fugido — murmurou, aceitando a bolsa e o saco das mãos de Henry. Sam regressou, com uma das pontas da trela na boca e arrastando o resto atrás dele.

— Não — recomendou Henry baixinho, a atenção fixa em qualquer coisa atrás dela. — Fugir não seria o acertado.

Meg aceitou a trela de Sam, prendeu uma das pontas ao arnês e a outra extremidade no pulso; depois virou-se para o que Henry observava.

O Lobo que a seguira na LUM estava ali perto, com uma das caixas térmicas que Tess usava para entregar comida ou café a quem trabalhava na Praça do Mercado. Fitava-a com uma fúria que raiava o ódio alucinado.

— O que queres, Ferus? — perguntou Henry.

Foi Sam, que se pôs entre os pés de Meg e começou a rosnar ao outro Lobo, que acabou por desviar a atenção de Ferus. Mas não por muito tempo. Parecia incapaz de desviar os olhos do arnês e da trela que prendiam Sam a uma humana.

— *Ferus*. — A voz de Henry era, ao mesmo tempo, uma ordem e um alerta.

— A Tess pediu-me que levasse isto à *Intermediária* — disse Ferus, com as palavras quase abafadas pelo rosnido.

— É melhor ires-te embora — sugeriu Henry a Meg, pousando-lhe a mão no ombro. — Não tarda muito tens de abrir a estação para as entregas da tarde. — Empurrou-a gentilmente na direção da estação.

— Anda, Sam — chamou Meg, demasiado assustada para proferir mais do que um murmúrio.

Sam correu com a trela esticada até à estação, onde parou e ficou à espera que Meg o alcançasse. E Ferus seguiu-os sempre, qual ameaça silenciosa.

Memória. Um excerto de vídeo com uma alcateia de lobos normais a derrubar um veado. A começar a comer antes de o veado estar morto. A arrancar. A rasgar. A devorar carne fresca.

Haviam passado uma tarde inteira a ver o mesmo excerto, pois uma das raparigas opusera-se ao corte, com a profecia resultante a ser de qualidade inferior. E enquanto as raparigas viam o excerto, os Nomes Ambulantes murmuravam continuamente: — Aquela pode ser uma de vós. É aquilo que os Lobos vos fazem, se deixarmos de tomar conta de vós.

Eles tomavam conta de propriedade, não de pessoas. Disposta a arriscar a vida para poder viver, Meg fugira e acabara num Pátio, escondida entre seres que eram ainda mais perigosos do que o homem que a via como uma mera ferramenta viva. Apesar de Simon lhe rosar por isto ou por aquilo, e de estar sempre a ameaçar comê-la por ter feito algo de que ele não gostara, e apesar do medo condicionado pelos Outros que os Nomes Ambulantes haviam tentado instilar-lhe, Meg nunca se considerara uma presa. Até agora.

Não precisava de cortar a pele para saber que era assim que era vista por Ferus. Para ele, os seres humanos eram presas, eram carne. Meg não precisava da navalha para saber que não era uma questão de *se* ele a abateria e despedaçaria como ao veado que vira no excerto de vídeo; era *quando*.

Estivera tão ocupada a criar uma vida ali que se esquecera da outra parte da sua visão pessoal. Ia morrer naquele Pátio.

Mas também se vira naquela cama estreita e Simon a andar às voltas naquela divisão branca. Como poderia isso acontecer se os Lobos a dilacerassem?

Sam ganiu e Meg apercebeu-se de que haviam chegado à porta dos fundos da estação. As mãos tremiam-lhe ao se esforçar por enfiar a chave na fechadura.

Assim que abriu a porta e Sam correu para o interior, atreveu-se a olhar para o outro Lobo.

— Obrigada por me ter trazido o almoço.

O Lobo mirou-a. Depois estendeu a caixa.

Meg aceitou-a, recuou para o interior da estação e fechou a porta — e quase se urinou quando o uivo furioso se fez ouvir do outro lado da porta.

Arquejando no seu esforço por respirar, Meg pousou os sacos na pequena mesa e ignorou o rasto de neve que deixava no chão. Solto a trela do pulso, despiu o blusão e foi para a casa de banho, fechando a porta atrás dela antes que Sam a seguisse.

Tinha de urinar, mas agora não era capaz de descontraír os músculos o suficiente. Quando finalmente conseguiu aliviar-se, saiu da casa de banho, a tempo de ver Sam a trepar para uma cadeira, a partir de onde tentou alcançar a caixa com o almoço.

Meg pegou no lobacho e secou-lhe os pés, após o que descalçou as botas e limpou o chão. Depois, com ele a saltitar à sua volta, abriu a caixa. Um recipiente de sopa de carne e legumes para ela, e um

mais pequeno com sopa para Sam. Despejou a ração intocada e serviu-lhe a sopa para a taça, mergulhando primeiro o dedo para se certificar de que não estava demasiado quente. O lobacho começou a lamber assim que ela lhe saiu do caminho, pelo que Meg foi abrir o seu recipiente. A sopa estava bem quente, e percebeu que Tess deveria ter deixado que a dose de Sam arrefecesse. O almoço incluía uma sanduíche de queijo.

Partiu um pedaço, que deu a Sam, e depois obrigou-se a dar uma dentada à sanduíche e a comer umas colheradas de sopa. Ainda tinha o estômago às voltas com o medo, pelo que até aquela mísera quantidade de comida a deixou enjoada.

Desistiu e pôs água a aquecer enquanto embrulhava a comida — ao mesmo tempo que se interrogava se teria de colocar o frigorífico e os armários mais baixos à prova de cachorros.

Depois de preparar um chá de hortelã, pegou no saco com as compras e dirigiu-se à sala da frente, pretendendo abrir mais cedo e dar uma vista de olhos mais atenta aos livros entre entregas.

A caixa de torrões de açúcar que deixara na mesa de separação fora derrubada e a tampa estava rasgada. As gavetas onde guardava o material de escritório estavam abertas.

E havia alguém a fazer sons furtivos na sala de entrada.

Meg girou silenciosamente a maçaneta e escancarou a porta Privada, após o que fitou o Corvo que, sobressaltado por ter sido apanhado, quase caiu do balcão.

— Jake?

Jenni dissera-lhe que Jake gostava de fazer o jogo das canetas com os humanos que entregavam encomendas, e que pretendia ajudar Meg sempre que estivesse destacado para aquela parte do Pátio.

Ajuda não foi propriamente o termo que ocorreu a Meg quando destrancou a porta. E como entrara Jake ali? Pelo que sabia, apenas meia dúzia de membros da Associação Comercial tinham as chaves da Estação do Intermediário. Bem, ele poderia ter-se esgueirado com um dos entregadores, escondendo-se para vasculhar as gavetas enquanto ela estava ausente.

Apanhou duas caixas vazias do chão e depois olhou para todos os lápis espalhados pelo balcão, a par da maior parte das canetas que normalmente tinha no recipiente próprio.

Não sabia ao certo o que o Corvo estava a construir, mas ele procurara em todas as gavetas para encontrar o que queria.

— Jake, não podes ficar com os lápis nem com as canetas — admoestou-o Meg. Levou a mão a uma das canetas. Ele bicou-a. — Ei! — Já tivera a sua conta de vida selvagem naquele dia e não precisava de um malfadado Corvo a roubar-lhe as coisas.

Caw!

— Preciso dessas canetas!

Caw!

— Jake! — Os olhos de Meg marejaram-se de lágrimas, o que era uma tolice. Tudo aquilo era idiota, mas ela fora assustada duas vezes no espaço de poucos minutos, e não precisava de mais aquilo — fosse lá o que fosse.

Jake virou a cabeça de um lado para o outro. Depois esvoaçou sobre a sua criação, pegou numa caneta azul e ofereceu-a a Meg. Quando ela a aceitou, o Corvo selecionou uma caneta vermelha e ofereceu-lha. Finalmente, devolveu-lhe uma caneta preta e dedicou-se à reconstrução do que estava a

montar no balcão.

— São minhas — fungou Meg, enquanto guardava as canetas debaixo do balcão, a par da prancheta.

Estava prestes a perguntar sobre o açúcar quando Asia entrou a correr na estação.

— Louvados sejam os deuses, Meg. O que se passa? Alguém se magoou?

— Magoou?

— Aquele *grito*. Não ouviste? Estava a ver a exposição de cerâmica na montra da Nativo da Terra e ouvi aquele grito *terrível*. E depois, os pássaros começaram a voar às voltas por todo o lado e a fazer uma barulheira terrível. — Asia levantou as mãos repentinamente, fazendo com que Jake batesse as asas e grasnasse em protesto.

Meg só queria fugir para a sala de separação, trancar as portas e nunca mais sair. Ficaria ali até secar, qual presunto humano.

Depois pensou no que os Lobos teriam todo o gosto em fazer a esse tipo de presunto.

— Ouviste aquilo?

— É claro que ouvi! — Asia afastou-se do Corvo e baixou a voz. — Sabes o que foi?

— Eu — balbuciou Meg, o rosto a arder com a vergonha. — Fui eu.

— Tu?

— Assustei-me. Até os Lobos pequenos parecem bastante grandes quando estão a correr na nossa direção.

Claro que foi esse o momento escolhido por Sam para aparecer à porta, de cauda a abanar e a lambar os beiços.

— Oh — exclamou Asia, apoiando-se sobre o balcão, mas tendo o cuidado de não deixar que qualquer parte do corpo o *ultrapassasse*. — Mas que coisinha mais doce! — O olhar saltou-lhe para a coleira. — E por falar em coisas doces, deves ser muito gulosa, Meg.

Meg olhou para trás.

— Ah, o açúcar é para os póneis. No Dia da Lua têm direito a uma guloseima. — Olhou para Jake. — Por acaso sabes como é que a caixa tombou e a tampa ficou rasgada?

O Corvo ergueu as asas de um modo que imitou na perfeição um encolher de ombros.

Meg chegou-se a Jake.

— Se alguém escondeu um torrão de açúcar para atrair bichos que pudesse comer, esse alguém vai deixar de poder brincar com os lápis.

Jake fitou-a. Depois esvoaçou até ao chão, saltitou à volta da bancada por um instante, e depois voltou ao balcão, onde deixou cair o torrão de açúcar.

Com um suspiro, Meg pegou no torrão de açúcar — e ouviu qualquer coisa a cair na sala dos fundos.

— Asia, hoje não é bom dia para visitas.

— Estou a ver que não — replicou Asia. — Fica bem. Talvez amanhã possamos ir almoçar a um daqueles sítios no outro lado da estrada.

— Não sei bem. Estou a tomar conta do Sam e ele não me dá descanso.

Um baque, seguido por Sam a responder sonoramente a qualquer coisa.

— Tenho de ir — escusou-se Meg, correndo para a sala das traseiras.

Por um instante, Meg ficou a olhar. Sam conseguira arrastar uma cadeira que estava a trepar para chegar à caixa de biscoitos de cachorro que ela deixara em cima do balcão. A porta do refrigerador estava aberta e havia pedaços de sanduíche de queijo espalhados pelo chão, a par do invólucro, que fora desfeito. Ou Sam não estava interessado na caixa da sopa, ou não a conseguira agarrar. Nem queria imaginar a confusão que seria.

Decidiu que começaria por beber o chá de hortelã já frio antes de lidar com o caso de Sam a servir-se do almoço dela e pegou no lobacho, dirigindo-se à sala de separação e trancando a porta da sala das traseiras.

Foi então que viu a caixa de açúcar em cima da mesa e se apercebeu de que já não tinha o torrão de açúcar que tirara a Jake e não fazia ideia onde o deixara cair.

Foi à sala de entrada buscar o chá e viu Ferus à porta do consulado, a falar com Elliot Wolfgard e a gesticular na direção da estação. Era fácil adivinhar o tema de conversa: Sam de trela. Vlad e Henry não pareceram incomodados com isso quando ela e Sam passearam pelo complexo, mas imaginava que os Lobos não fossem tão compreensivos em relação aos companheiros e às cordas de segurança.

— Corvo aqui à frente, cachorro ao meio e um Lobo alucinado lá fora — resmungou Meg. — Será que este dia ainda pode melhorar?

Ao que parecia, sim. Felizmente, apercebeu-se do inseto que Jake lhe deveria ter deitado para o chá como oferta de paz *antes* de beber um gole.

Quando entrou em O Veado e a Lebre, um restaurante diretamente oposto à entrada de serviço do Pátio, Asia sentou-se a uma mesa à janela. O frio emanava das vidraças em ondas, e a maior parte dos comensais encontrava-se nas mesas mais próximas da lareira, no centro da sala principal.

Asia manteve o casaco vestido, fez o seu pedido e olhou pela janela, remoendo as coisas que vira e pensando no que poderia usar.

Meg gritara e todos os *terra indigene* naquela parte do Pátio responderam, incluindo os que trabalhavam no consulado. Segundo Darrell Adams, um humano que trabalhava para Elliot Wolfgard, todos no consulado viam a Estação do Intermediário como sendo um primo pobre — algo que tinha de ser tolerado, mas que era o mais possível ignorado.

Primo pobre ou não, até eles haviam prestado atenção quando Meg gritou. Assim sendo, havia maneira de desviar a atenção dos Outros, nem que fosse por um minuto ou dois. Era possível fazer muita coisa num minuto ou dois.

E depois havia o caso daquela cria de Lobo *com um arnês*. Seria capaz de se transformar em menino, ou aquele arnês constrangeria a sua capacidade de mudar para forma humana? Se um dos Outros *pudesse* ser contido e controlado, os seus patrocinadores talvez conhecessem alguns colecionadores que se arriscariam a enfrentar a fúria dos *terra indigene* para ter um Lobo como animal de estimação, nem que fosse por pouco tempo. Até poderiam querer usar um Lobo domesticado em alguns filmes de horror — pelo menos até crescer o suficiente para ser perigoso.

Asia sorriu ao empregado de mesa quando este lhe levou a malga de sopa. Enquanto aquecia com a

refeição frugal, ia olhando para o Pátio, e voltou a sorrir.

Meg estava a cuidar de um lobacho enquanto Simon Wofgard se encontrava ausente. Não era preciso ser muito inteligente para somar dois mais dois e obter *dinheiro*.

Afinal de contas, manter alguém como refém em troca de um resgate era um negócio regra geral lucrativo, pese embora arriscado.

Na manhã do Dia do Sol, e tal como prometido, as novas taças e a cama de cão foram entregues, e Sam ficou encantado por ter um lugar confortável seu de onde ver Meg a separar correspondência e encomendas. Boone levou uma caixa pequena de carne picada, dizendo que passara a ser uma encomenda habitual. Meg não perguntou que tipo de carne era, nem quem fizera a encomenda. Limitou-se a aquecer a carne e a misturá-la com a ração.

Nessa manhã não havia sinais de Jake Crowgard. Também não havia vestígios dos lápis e das canetas com que ele estivera a brincar — incluindo as três que deviam ser dela. Entre as entregas, Meg ligou para lojas de brinquedos, encontrou o que procurava e foi-lhe garantido que receberia a mercadoria nessa tarde.

Por vezes, Sam escondia-se dos entregadores; outras vezes observava-os da entrada da sala de separação — e Meg via como alguns se demoravam um pouco mais a olhar para o arnês vermelho.

E ao longo do dia, quando pensava na visão dos homens de preto e de Sam a uivar, aterrorizado, Meg dava consigo a esfregar os braços para aliviar o formigueiro que sentia por baixo da pele enquanto se debatia para controlar o desejo de fazer mais um corte.

Chegado o Dia do Vento, Meg e Sam haviam desenvolvido uma rotina matinal aceitável e, pela primeira vez desde que começara a servir de ama de lobacho, havia sete dias, chegaram à estação sem andarem à pressa.

Quando abriu a porta da rua, Meg espreitou e sorriu aos Corvos, que haviam assumido a sua posição habitual no muro.

— Digam ao Jake que tenho uma encomenda para ele.

Depois de se preparar para o trabalho, Meg soltou a trela e retirou o arnês de Sam.

Tomara essa decisão depois de acordar por duas vezes, assustada com sonhos que não recordava.

Ficaria com o arnês e a trela à mão, mas não queria que ele os usasse sem ser necessário.

Além disso, Merri Lee contara-lhe que Ferus fora destacado para trabalhar com Blair no Complexo de Serviços. E na véspera, Henry aparecera repentinamente na estação por várias vezes, dizendo que queria confirmar uma encomenda, ou dar uma vista de olhos a um catálogo que supostamente não tinha. Apercebera-se de que o Pardo aparecia sempre que Elliot Wolfgard saía do consulado. O facto de ter percebido que Blair e Henry haviam feito isso por alguns dos Lobos estarem perturbados com o arnês era mais um motivo para que Sam não o usasse.

— Não precisamos da corda de segurança se estamos no interior da estação — disse-lhe Meg quando Sam tentou saltar e retirar o arnês do balcão. — Só tens de te lembrar de não fugir quando enchermos os alforges para os póneis.

Sam respondeu-lhe, mas ela deu-lhe biscoitos e mais um pedaço de pau de veado, que ele levou para a cama para roer, encerrando a discussão.

Jake Crowgard não era assim tão fácil de distrair.

Meg não sabia como ele andava a entrar, mas quando voltou à sala de entrada, o Corvo estava em cima do balcão, a observar o recipiente das canetas vazio. Deixou o chá de hortelã em cima da mesa

de separação, onde estaria a salvo de uma das prendas que ele lá poderia deixar, tirou uma caixa de baixo do balcão, abriu-a e mostrou-lhe as rodas de madeira, os pauzinhos coloridos e vários conetores.

— Devolve-me as canetas e os lápis, e promete que a partir de agora os deixas em paz, e podes ficar com isto — propôs Meg.

As negociações seriam mais fáceis se Jake tivesse assumido a forma humana para falar com ela. Meg estava certa de que fora essa a razão para não se transformar. Jake tentou fingir não perceber o que ela estava a dizer, pelo que Meg lhe sorriu, fechou a caixa, levou-a para a sala de separação e fechou a porta Privada.

Ignorou o grasnar de Jake enquanto separava a correspondência. Ignorou os uivos de Sam quando destrancou a porta exterior da sala de separação e depois foi à sala dos fundos buscar o blusão e a taça de pedaços de cenoura que eram a guloseima desse dia para os póneis.

Sam pôs-se à frente da porta da rua, mordendo a sua extremidade da trela e abanando a cauda. Era óbvio que ter uma porta para a rua aberta exigia a corda de segurança. Interrogando-se se teria exagerado na importância do sistema de companheiros, Meg prendeu o laço da trela ao pulso e pegou nos primeiros dois montes de correspondência no exato momento em que um coro de relinchos anunciou a chegada dos póneis. Satisfeito, Sam manteve-se atrás de Meg enquanto ela andava de um lado para o outro entre a mesa e os póneis, carregando-lhes os alforjes com correio, catálogos das lojas das redondezas e encomendas lisas.

Assim que os póneis se puseram a caminho e Sam se afastara o suficiente para amarelecer um pouco de neve, Meg trancou as portas. Depois confirmou a sala de entrada. Jake não estava à vista, mas havia três lápis em cima do balcão.

Pegou nos lápis e trocou-os por dois pauzinhos coloridos e uma roda.

Quando fechou as portas para almoço, tirou às escondidas a caixa do brinquedo da estação e fechou-a no Cairo. Depois foi deixar Sam no pátio de Henry para uma hora de brincadeira enquanto ela foi almoçar tranquilamente ao Trincadela.

De regresso à estação, Meg encontrou outros três lápis e quatro canetas no balcão — e uma pena preta na sala de separação. Ao que parecia, Jake tentara contornar a negociação procurando a caixa. Sentia-se estranhamente orgulhosa por ter sido mais matreira do que um Corvo.

Não o voltou a ver durante as entregas da tarde, mas sempre que entrava na sala de receção, tinha mais canetas ou lápis em cima do balcão. Quando o recipiente das canetas e as caixas de lápis voltaram a estar cheios, Meg depositou as restantes peças do brinquedo no balcão e fechou as portas por esse dia. Tinha entregas a fazer e precisava de deixar Sam em casa antes de se fazer à estrada.

Quando ela e Sam saíram pela porta dos fundos, Starr Crowgard correu até eles.

— O Jake quer saber se encontraste os últimos lápis — disse Starr.

— Sim, encontrei. — Meg fez uma pausa, de chave já enfiada na porta.

— Ele estava a pensar se podia ter o resto das peças.

Estava a pensar?, interrogou-se Meg ao abrir a porta.

Dirigiram-se à sala de entrada. Meg devolveu as peças restantes à caixa e entregou tudo a Starr, que ia saltitando de um pé para o outro.

Era um erro pensar que os Outros eram exatamente como os pássaros ou os animais que imitavam, mas depois de viver com aquelas formas durante tantas gerações, eles haviam absorvido alguns dos comportamentos desses animais. Ao comparar o que sabia acerca de corvos com a forma como Starr a fitava, Meg tentou não suspirar.

— Quantas caixas querem para a sala de convívio corvina? — Starr ergueu cinco dedos. — Amanhã encomendo-as.

Starr seguiu-a para a rua com um sorriso, após o que correu para a Praça do Mercado, onde as irmãs — e Jake, indubitavelmente — a aguardavam na Brilhantes e Tralhas, para acabarem de construir qualquer que fosse o projeto que tinham entre mãos.

Quando ela e Sam se instalaram no Cairo, Meg suspirou profundamente. Não era fácil lidar com os Outros, mas pelo menos mostrara aos Corvos que não se deixaria controlar.

Os Corvos poderiam aprender que Meg não se deixava controlar, mas essa lição específica não surtira efeito junto do lobacho. Quando estacionou no Complexo Verde, Sam recusou-se a sair do Cairo.

— Sam — admoestou-o Meg severamente. — Tenho entregas a fazer antes de podermos brincar. Tens de esperar por mim em casa.

Sam respondeu-lhe, e Meg não precisava de falar Lobo para saber que ele queria acompanhá-la e não iria aceitar nada que ela lhe dissesse quanto a ficar sozinho em casa.

Até há poucos dias, a cria ficava praticamente sempre sozinha. Aparentemente, já não gostava disso.

Meg fitou o lobacho insolente e meditou no problema. Podia tentar pegar-lhe, mas ele era rápido o suficiente para correr pelo interior do Cairo, e havia a possibilidade de ele pisar uma encomenda com algo frágil. Podia tentar agarrar o arnês, mas corria o risco de que ele se esquecesse de que eram amigos, acabando por a morder. Ou podia agarrar na trela e puxá-lo para fora do veículo. No entanto, ela passara uma vida inteira a ser controlada e presa por um tipo ou outro de trela, e não queria que Sam pensasse que deveria deixar que alguém o controlasse sem lutar até ao fim contra essa pessoa.

Pelo menos uma pessoa humana, já que Simon Wolfgard controlava basicamente tudo e todos no Pátio. Algo que de momento não era de grande ajuda para Meg, pois ele ainda se encontrava ausente.

Meg encostou-se ao Cairo e abanou o dedo à frente de Sam, dando-lhe alguns piparotes no focinhito.

— Está bem — cedeu. — Podes vir comigo. Mas, Sam, tens de me obedecer, ou ficamos os dois em sarilhos. Percebes?

Sam lambeu-lhe o dedo e abanou a cauda. Assim que se certificou de que patas, cauda e trela estavam em segurança no interior do veículo, Meg contornou o carro e dirigiu-se ao seu lado.

Depois de ligar o Cairo, pensou na rota a seguir para as entregas. Nem sequer se aproximaria do Complexo dos Lobos com Sam ali atrás. Seria atrair problemas. Tinha uma caixa para Jester. O Estábulo dos Pôneis seria seguro. O Complexo de Serviços? Seria mais complicado se Blair e Ferus lá estivessem, mas tinha enviado um recado a par da correspondência, onde dizia a Blair que lhe entregaria as encomendas quando fizesse a volta da tarde, e não lhe parecia boa ideia quebrar uma

promessa feita ao defensor do Pátio.

— Seja como for, vou acabar por ser mordida — resmungou, ao dirigir-se para o estábulo. Quando parou à frente da construção, contou quatro Corujas empoleiradas numa extensão decorativa da cerca de madeira. Três Falcões ocupavam um pedaço semelhante de vedação no outro lado do estábulo. E as árvores em torno do estábulo continham uma dúzia de Corvos. Ao que parecia, Meg ainda entretinha o suficiente para que os Outros quisessem acompanhar-lhe as atividades.

Jester acercou-se do Cairo, olhou pela janela do passageiro e sorriu.

Contornou o veículo até ao lado de Meg e esperou que ela baixasse o vidro e impedisse a tentativa de Sam de lhe saltar para o colo e pôr a cabeça de fora.

— Hoje trouxeste ajuda? — indagou Jester.

— Hoje trouxe alguma coisa — replicou ela. E depois: — Sam! Para! Tu prometeste que te portavas bem.

— Se tivesses melhor olfato, também andavas a farejar — disse Jester. Olhou para a expressão de Meg e soltou a sua gargalhada latida. — Eu tiro a minha caixa lá de trás.

— Obrigada. — Meg pegou em Sam antes que ele saltasse para junto das encomendas, mas não pôde evitar que ele uivasse para dar a saber a todo o Pátio que ali estava. E o Pátio *ia* todo ficar a saber, pois os Corvos grasnaram, os Falcões gritaram, as Corujas piaram e os pôneis relincharam. E o malfadado Coiote levantou a voz a par de todos os outros, mesmo estando em forma humana.

— Cuidado na estrada — alertou Jester. — Vem aí neve. — Fechou a porta traseira do Cairo e dirigiu-se ao estábulo.

Ao afastar-se, vários pôneis, entre eles Trovão, Relâmpago e o velho Tufão, saíram do estábulo e seguiram-na a trote, saindo da estrada principal para um carreiro sem marcações enquanto ela prosseguia para o Complexo de Serviços.

Blair lá estava, à espera da entrega. Ferus também lá se encontrava. Quando ela parou, ambos se concentraram no passageiro.

— Tens de ficar aqui dentro — ordenou Meg baixinho. — Os Lobos grandes não gostam da corda de segurança. — Meg saiu do Cairo e abriu a porta traseira antes que os dois Lobos se aproximassem.

Nos olhos de Ferus havia lampejos vermelhos e o Lobo rosnou-lhe. Blair virou-se de imediato e rosnou-lhe a ele até que Ferus baixasse os olhos e recuasse. E Sam, espreitando entre os bancos para ver os Lobos, deu voz à sua opinião a toda a gente.

Blair observou o lobacho. Depois fitou Meg. Por fim, disse: — Tens encomendas para o Complexo dos Lobos?

— Sim.

— Deixa-as aqui. Eu levo-as quando for para casa.

Aliviada, Meg retirou caixas e embrulhos que Blair entregou a Ferus para que este os levasse para o edifício de Serviços.

— O Simon chega hoje à noite — indicou Blair ao aceitar a última caixa.

— Ah. Isso é bom. — Era bom. Também implicava que tinha de ter Sam em casa antes de Simon chegar.

Quando Meg voltou ao Cairo para se dirigir às Câmaras, Sam estava enroscado no banco do passageiro, a dormir, tendo já manifestado com veemência a sua opinião.

Sentiu as mãos a tremerem-lhe ao de leve enquanto o Cairo subia a estrada e a neve cobria rapidamente o alcatrão. Queria acabar as entregas e regressar a casa antes que a neve fosse exagerada para a sua competência enquanto condutora — e não seria preciso muita para que isso acontecesse.

Sam nem se mexeu quando Meg parou no primeiro grupo de caixas de entrega das Câmaras, mas acordou quando ela procurou no Cairo pela escova de neve e limpou o para-brisas, para conseguir conduzir até aos mausoléus seguintes a que os Sanguinati chamavam casa.

Quando Meg parou à frente da casa de Erebus, Sam quase saltava com o entusiasmo, batendo com as patas na janela do passageiro e depois na porta.

— Sai por aqui — indicou Meg, abrindo a sua porta.

Sam saltou do Cairo e atravessou a estrada para explorar até onde a trela permitia.

— Aqui, Sam. — Meg suspirou de alívio ao vê-lo obedecer de imediato. Acocorou-se e pousou-lhe a mão na cabeça. — Nunca se atravessa uma estrada sem olharmos para os dois lados. Pode haver outros veículos na estrada, e os condutores podem não nos ver a tempo de travar. Isso seria muito mau, sobretudo se alguém se magoasse. Portanto, não voltas a correr dessa maneira pela estrada. Está bem?

Sam lambeu-lhe o queixo, algo que ela tomou como um sim.

Quando se dirigiram à parte de trás do Cairo e Meg começou a juntar as encomendas, reparou na forma como o lobacho fitava a vedação de ferro forjado e pensou no que Jester lhe contara acerca das Câmaras.

Meg voltou a chamar a atenção de Sam e disse: — Esta é outra regra importante que todos temos de seguir. *Ninguém* pode entrar aqui, a menos que o Sr. Erebus o permita. Nem o Simon entra nas Câmaras sem autorização. Portanto, ficamos deste lado da vedação e nem sequer metemos o nariz entre as grades.

Sam suspirou.

— Eu sei — admitiu ela enquanto abria algumas das caixas de correio e as começava a encher. — Também há muitas regras quando ultrapassamos o Complexo Verde, e ainda mais quando saímos do Pátio. Se me tivesses deixado levar-te a casa, podias estar a ver um filme no quentinho, em vez de estares aqui na neve.

— Gostas de filmes, Lobinho?

Meg deu um salto e soltou um gritinho. Sam reagiu com rosnidos e latidos de cria — que talvez fossem mais impressionantes se não tivesse saltado para trás de Meg, espreitando depois por entre os joelhos da jovem para dar voz à sua opinião.

Meg olhou para o idoso de pé junto ao portão, que lhe oferecia um sorriso gentil.

— Sr. Erebus.

— Não te queria assustar.

— Eu sei. Não o vi. — Olhou para o mausoléu do homem. A porta estava aberta, mas não havia pegadas a macular a neve fresca no carreiro. Meg habituara-se de tal modo a ver fumo a pairar sobre

a neve que dessa vez nem sequer reparara nele. Erebus não comentou. Limitou-se a ficar ali, com o seu sorriso afável. — O Sam gosta de filmes — disse Meg para preencher o silêncio. Fechou as caixas já cheias e regressou ao Cairo para mais um monte de encomendas. — Mas não me parece que veja os mesmos filmes que o senhor.

— Gosto de muitos géneros de filmes — replicou Erebus, olhando para Sam. — Já viste os filmes chamados desenhos animados? Gosto especialmente daqueles em que os animais ou as pessoas fazem as coisas mais tolas e sobrevivem.

Sam manteve-se perto de Meg enquanto esta enchia as caixas, mas quando ela regressou ao Cairo em busca das últimas encomendas — as que se destinavam a Erebus —, Sam aproximou-se do portão para observar o patriarca dos vampiros.

Erebus abriu o portão, agachou-se e estendeu a mão além dos limites das Câmaras. Sam cheirou a mão, lambeu um dedo e abanou a cauda.

Erebus riu-se baixinho enquanto afagava o lobacho.

— És um menino adorável. Fico satisfeito por estares a tomar conta da nossa Meg.

— Parece que tem aqui mais um filme — disse Meg. Quando Erebus se levantou, Meg esperava que ele lhe dissesse que colocasse a encomenda na caixa. Mesmo quando ela subira o acesso e lhe deixava as encomendas à porta, com ele a observar, Meg deixara-as no degrau, segundo as instruções dele. Mas o vampiro afagara Sam, e Meg imaginou que isso quisesse dizer qualquer coisa. Assim sendo, estendeu o embrulho.

O vampiro hesitou. Erebus hesitou realmente antes de aceitar a encomenda da mão de Meg.

— Namid está repleta de coisas, algumas maravilhosas e algumas terríveis — disse o velho, gentilmente. — E algumas das suas criações são as duas coisas. Obrigado por me trazeres os meus filmes, Meg. Gosto muito dos meus filmes antigos.

Meg abriu a porta do passageiro, certificou-se de que a toalha estava no assento e deixou que Sam entrasse. Uma vez instalado, foi a vez de Meg entrar, acenar a Erebus e afastar-se.

Porque teria sempre hesitado em aceitar uma encomenda das mãos dela até agora? Haveria algum tabu quanto aos Sanguinati tocarem nas *cassandra sangue*? Saberla ele aquilo que ela era? E porque olhara para *ela* quando dissera que algumas das criações do mundo eram tão maravilhosas como terríveis? Sim, as profecias podiam ser uma coisa ou outra, por vezes as duas, mas não lhe parecia que Erebus se referisse a profecias.

O que a levou a pensar o que poderia ele saber acerca da espécie dela que lhe fosse desconhecido.

A neve caía com mais força. Meg parou o Cairo e tirou a cópia do mapa do Pátio que enfiava na bolsa sempre que ia fazer entregas. Não ignorava o risco que era tirar um mapa da Estação do Intermediário, mas tinha o cuidado de o manter escondido. E embora mostrasse onde cada clã vivia no Pátio, o mapa não exibia quaisquer estradas, salvo as pavimentadas que se adequavam a veículos. Não era nem de longe tão pormenorizado como o mapa de Lakeside que ela encontrara na biblioteca do Pátio.

O Controlador pagaria muito dinheiro mesmo por tão pouca informação sobre o interior de um Pátio.

Depois de analisar o mapa por um instante, Meg voltou a guardá-lo na bolsa, engrenou a mudança

do Cairo e entrou numa estrada interior. Faria as restantes entregas no dia seguinte, caso as estradas do Pátio estivessem transitáveis. Naquele momento, só queria regressar ao Complexo Verde o mais depressa possível.

Quando o Cairo atravessou a Ponte dos Murmúrios, Meg agarrava o volante com força e mal se atrevia a respirar. Mesmo com as escovas a funcionar e o aquecimento a soprar com força para o para-brisas, era cada vez mais difícil ver por onde ia.

O cavalo branco na berma da estrada confundia-se com a neve rodopiante e Meg não o teria visto sozinho, mas o cavalo preto e o seu cavaleiro encontravam-se na estrada, à espera dela.

Parou o Cairo e deixou-o em ponto-morto, receando que se o desligasse talvez não conseguisse limpar os vidros o suficiente para regressar a casa. Baixou o vidro e olhou para os cavaleiros que se aproximaram do veículo. Não eram raparigas jovens. Andavam mais perto de mulheres adultas, mas ainda pareciam demasiado jovens para serem consideradas maduras.

Os seus rostos — assustadores, sedutores e cativantes — pareciam ainda menos humanos do que os seus rostos pueris, mas o cachecol verde confirmou a identidade da cavaleira do cavalo preto.

— Inverno?

Inverno riu-se e a neve voluteou em torno delas.

— Sim, sou eu. O Trovão e o Relâmpago queriam esticar as pernas, por isso a Ar e eu andamos a cavalgar. — O sorriso dela era gelado.

Meg observou os cavalos — criaturas belas e sobrenaturais com longas crinas e caudas que, salvo pela cor, não pareciam de todo os pôneis rechonchudos que entregavam a correspondência.

Foi então que Trovão bateu ao de leve o casco e fez o som percorrer baixinho o Pátio.

— Tem paciência — admoestou-o Inverno gentilmente. — É a nossa Meg.

Trovão abanou a cabeça, como se assentisse. Depois, o cavalo enfiou o nariz pela janela no mesmo momento em que Sam trepou para o colo de Meg. Farejaram-se um ao outro e pareceram satisfeitos.

— Vem aí mais neve — disse Inverno quando Trovão retirou a cabeça. — Devias ir para casa.

— Tenho os livros da biblioteca que requisitaste. — Empurrou Sam de volta ao banco do passageiro e fez menção de se virar para encontrar o seu saco.

— Deixa-os com o Jester — pediu Inverno. — Vamos buscá-los quando voltarmos. — Observou o Cairo e depois trocou um olhar com Ar. — E podemos dar-te uma ajudinha a chegar a casa.

— Não é preciso. — Meg não sabia ao certo o que estava a ser oferecido, mas não queria encarar Trovão e Relâmpago nos próximos tempos caso eles acabassem presos à frente do Cairo para a puxarem de volta ao Complexo Verde.

— Pois não. Mas vai ser divertido — retrucou Inverno.

— Será que a tempestade vai aguentar até que o Simon chegue a casa? — interrogou-se Meg. Era mais a vocalização de um pensamento do que uma verdadeira pergunta.

Outra troca de olhares entre Inverno e Ar.

— O Lobo vai conseguir chegar hoje a casa. Segue-nos.

Dando meia-volta, as montadas avançaram a meio galope pela estrada.

Meg fechou a janela, engrenou a mudança do Cairo e seguiu-as.

A neve levantava-se da estrada à frente dela, libertando o alcatrão para que o Cairo acompanhasse os cavalos e voltando a acumular-se depois de Meg passar. Era como conduzir através de um túnel criado por neve que era iluminado por relâmpagos e estremecia com os trovões que se seguiam. Devia ser assustador, mas Meg sentia-se estranhamente segura no casulo atmosférico que as Elementais criavam à volta dela. Alguns flocos caíam e eram afastados pelos limpa-para-brisas, mas Meg conseguia ver a estrada e os cavalos mais à frente. Não precisava de mais nada.

Quando se aproximaram do Estábulo dos Pôneis, Meg avistou outro cavaleiro que saía num cavalo castanho — e reparou no funil de neve que seguia Tornado.

Pararam no estábulo tempo suficiente para que Jester saísse a correr para aceitar o saco com os livros da biblioteca. Depois, Inverno e Ar acompanharam Meg e Sam até à garagem do Complexo Verde.

— Obrigada — agradeceu Meg, pegando no seu saco e na toalha de Sam enquanto o lobacho saltava para fora do Cairo.

Com acenos de cabeça, Inverno e Ar deram a volta às montadas e afastaram-se.

Meg fez uma breve pausa para confirmar que desligara as luzes. Não se lembrava da leitura da bateria, mas abanou a cabeça e fechou a porta da garagem. Devia ter energia suficiente para chegar à estação pela manhã e depois carregaria o Cairo na garagem. Além disso, a neve caía com mais força e estava um frio de rachar ali fora.

Sam não tinha problemas em correr pela neve, mas depois de Meg ter escorregado algumas vezes e quase aterrado sobre o traseiro, o lobacho abrandou para uma velocidade adequada às pernas humanas.

Meg fez uma pausa no fundo das escadas para recuperar o fôlego e reparou no sedã preto na berma.

— O que é que ele quer? — resmungou, inquieta, olhando em seu redor. Não se viam luzes no apartamento de Henry. Era provável que ainda estivesse a trabalhar no estúdio. Meg prolongou um pouco mais a pausa e depois subiu as escadas até ao apartamento. — Podes ficar comigo até que o Simon chegue a casa. — Nos últimos dias passara tanto tempo no apartamento de Simon que ainda não tivera oportunidade de se instalar na sua casa.

— Meg!

Meg abriu a porta, atirou a toalha para o chão junto ao tapete das botas e disse a Sam que ficasse na toalha. Depois cumprimentou Tess enquanto a outra mulher subia as escadas.

— Toma — ofereceu Tess, estendendo uma caixa de bolos. — Bolachas com pepitas de chocolate, acabadas de sair do forno. Expulsei toda a gente e fechei o Trincadela mais cedo, mas quando cheguei a casa, senti-me inquieta e decidi cozinhar.

Meg aceitou a caixa.

— Obrigada, Tess. Queres entrar?

— Não. Tenho comida ao lume. Estás a tremer. Tu é que devias entrar.

Tess não estava a tremer — ainda —, mas a roupa que envergava não lhe permitiria ficar muito tempo no exterior.

Meg entrou.

O cabelo de Tess começou a ficar com madeixas verdes. Abanou a cabeça, mas o cabelo continuou a mudar para verde e começou a encaracolar.

— É a tempestade — explicou. — Toda a gente vai ficar nervosa se o Lobo não chegar a casa hoje.

— A Inverno disse que a tempestade vai aguentar e o Simon vai conseguir chegar a casa — adiantou Meg.

Tess lançou-lhe um olhar bizarro.

— Ah foi? Bem, ela lá sabe.

Tess desceu as escadas e regressou apressadamente ao apartamento. Meg fechou a porta e pousou os biscoitos, a par do resto das suas coisas, para descalçar as botas e pendurar o blusão.

Sam começou de imediato a farejar a caixa. Não conseguindo abri-la com o focinho, sentou-se e prendeu-a entre as patas anteriores, tentando enfiar as unhas por baixo da tampa para a levantar.

— Não — exclamou Meg, tirando-lhe a caixa. Dirigiu-se à cozinha com Sam a saltitar atrás dela, pousou a caixa no centro da mesa e recordou tudo quanto pôde sobre biscoitos e animais.

Os biscoitos de chocolate tinham um cheiro delicioso, e Meg queria dar uma dentada num, mas ao olhar para Sam, equilibrado sobre as patas traseiras com as anteriores assentes na borda da mesa, fechou a caixa.

— Desculpa, Sam, mas não sei se os Lobos podem comer estes biscoitos. Lembro-me de que o chocolate faz mal aos cães... — Levantou a mão para o deter quando o lobacho começou a vocalizar.

— Sim, eu sei que não és um cão, e, como te podes transformar, se calhar não faz mal que comas chocolate, mesmo quando estás peludo, mas não me vou arriscar a deixar-te doente, especialmente hoje, em que seria muito difícil conseguir ajuda. Portanto, não há biscoitos de pessoas. E eu também não vou comer nenhum. — *Pelo menos até ires para casa.*

Sam uivou.

Bateram à porta.

Meg hesitou, com memórias a percorrerem-lhe a mente de coisas más a acontecerem a quem abria a porta. Depois, recordando-se de que estava em segurança no Complexo Verde, correu para a porta. Provavelmente seria Vlad a confirmar se ela e Sam tinham chegado bem a casa. Ou talvez Henry tivesse chegado a casa nos últimos minutos e quisesse dizer-lhe que já estava nas redondezas.

No entanto, quando abriu a porta, Elliot Wolfgard entrou o suficiente para impedir que ela a fechasse. O ódio nos olhos do Lobo imobilizaram-na — ainda mais quando Sam apareceu vindo da cozinha, a arrastar a trela atrás dele por Meg não ter tido oportunidade de lhe tirar o arnês.

— Sam — disse Elliot, sempre a olhar para Meg. — Vem comigo. — Sam gemeu e olhou para Meg. — *Sam* — rosnou Elliot.

— Está tudo bem — disse Meg ao lobacho. — O Simon está quase a chegar.

Elliot pegou em Sam.

— Volto assim que o instalar. Tenho de te dizer umas quantas coisas.

Assim que Elliot desceu as escadas, Meg fechou a porta e correu para o telefone.

— Tess? — disse, assim que a outra mulher atendeu.

— Meg? Aconteceu alguma coisa?

— O Elliot Wolfgard esteve mesmo agora aqui. Levou o Sam para a casa do Simon. Será que fiz mal em deixar que o Sam fosse com ele?

Fez-se uma pausa.

— Em termos humanos, o Elliot é o avô do Sam, pelo que não há razão para que não possa ir com ele.

Então, porque é que o Simon não pediu ao Elliot que tomasse conta do Sam?

— Está bem. Obrigada. Tenho de ir. Estão a bater à porta.

— Liga-me quando a tua visita sair.

Meg desligou sem prometer ligar de volta e apressou-se a chegar à porta.

Elliot entrou, deixando-a a tremer pois, mais uma vez, não avançara o suficiente para que ela fechasse a porta.

— O defensor pode estar disposto a proteger-te, mas os restantes Lobos nunca te perdoarão por aquilo que fizeste — rosnou o Lobo. — Para mim, mal serves como carne, e vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para te ter a fugir da alcateia por aquilo que fizeste ao Sam.

— Eu não fiz nada ao Sam!

Elliot esbofeteou-a.

— Aprecia o teu serão, carne. Não vais viver para apreciar muitos mais.

Desceu as escadas, deixando-a a tremer. Momentos depois, Meg ouviu a porta de Simon a bater.

Ia morrer no Pátio. Sabia-o desde que vira Simon Wolfgard pela primeira vez.

Engoliu convulsivamente, mas a boca ia-se enchendo de saliva. Mal conseguiu chegar à sanita antes de vomitar.

Vlad flutuava sobre neve a caminho do Complexo Verde, disposto a passar um serão tranquilo em casa. Blair estava a caminho para ir buscar Simon e os dois guardas que o haviam acompanhado, Nathan Wolfgard e Marie Hawkgard. Se a previsão meteorológica para Lakeside estivesse correta, dizendo que cairia mais um palmo de neve nesse serão, o regresso a casa seria lento.

Depois de ouvir a previsão, Vlad mandara Heather para casa, fechara a Ler e Uivar por Mais e trancara o Centro de Convívio. Tess havia já encerrado o Trincadela e o Corre & Bate, a par dos restantes estabelecimentos do Pátio, que tinham fechado uma hora depois. Todavia, um bar no lado oposto da rua, em frente ao Pátio, continuava movimentado. Vlad alimentara-se o suficiente de duas jovens encantadoras que afirmavam ter perdido o autocarro e estavam a tomar uma bebida no bar, à espera do seguinte. Vlad suspeitava dos motivos para se encontrarem no bar, mas não havia dúvida de que tinham bebido, pois ele ficara ao de leve embriagado com o álcool que elas tinham no sangue.

Caso o tempo estivesse mais ameno, deixaria que as raparigas chegassem sozinhas à paragem do autocarro, pois ficava à vista do bar. Só por si, a quantidade de sangue que ele retirara a cada uma pouco mais faria do que deixá-las cansadas. Contudo, aquele polícia, o tenente Montgomery, andava a prestar atenção ao Pátio e Vlad imaginava que Simon não fosse gostar de perguntas acerca de duas jovens que tinham adormecido por causa do álcool e morrido tão perto da residência do Sanguinati — sobretudo não havendo motivo para que tivessem morrido. Chamou então um táxi e pagou ao motorista para levar as raparigas de volta à residência, na faculdade de tecnologia ali perto.

Não sabia se gostava da ideia de pensar nos humanos como algo mais do que presas ou de se preocupar com o bem-estar deles depois de os ter utilizado, mas com os seres humanos agitados devido ao que acontecera na zona ocidental de Thaísia, pensar na segurança das presas era apenas uma questão de cuidar dos interesses pessoais.

Quando pairou até ao Complexo Verde e se dirigiu ao seu apartamento, teve noção dos sons que vinham do apartamento de Simon. Sam uivava desolado. Provavelmente, isso queria dizer que Meg precisava de um pouco de tempo para ela, ou então faltava-lhe vontade para passear devido à queda da temperatura e à intensidade da neve.

Ao passar pela sua porta, assumiu a forma humana e dirigiu-se às escadas de acesso ao apartamento de Meg. Como o frio e a neve não o incomodavam, oferecer-se-ia para levar a cria à rua. Pelo menos assim todos gozariam de um pouco de sossego.

A porta dela estava aberta.

Voltando a transformar-se em fumo, pairou escadas acima e entrou no apartamento. Não havia sinais de intrusos. Não havia vestígios de luta. Seguiu até à cozinha e não encontrou nada. Também não viu nada no quarto.

Assumiu mais uma vez a forma humana e hesitou à porta da casa de banho.

— Meg? — chamou, baixinho. — Meg? Estás aí?

— Eu... Sim, estou aqui.

Ignorou as inúmeras formas de perturbar uma fêmea humana por entrar sem convite numa casa de banho e abriu a porta, após o que correu para ela. O espaço cheirava a vômito, um odor que o repugnava, mas não a sangue. Não havia ferimentos, apenas doença.

— Estás enjoada? — Devia falar com Heather para saber que medicamentos os seres humanos tomavam para problemas com o estômago? Ou talvez Elizabeth Bennefeld. Ela deveria ter conhecimentos sobre o corpo humano para o trabalho como massagista.

— Não — retrucou Meg. — Eu... — As lágrimas escorreram-lhe pelas faces. Abanou a cabeça.

— O Sam?

— Em casa.

Isso, já ele sabia.

— Já acabaste por aqui?

Meg assentiu. Puxou mais uma vez o autoclismo e fechou o tampo. Quando Vlad a ajudou a levantar-se, viu-lhe o outro lado do rosto.

— O que é *isso*?

Meg abanou a cabeça. Como ele continuava a bloquear-lhe a saída da casa de banho, murmurou: — Por favor. Não dificulte ainda mais as coisas.

Dificultar ainda mais o quê?, interrogou-se Vlad.

— Gostava de ficar sozinha — pediu Meg.

Sem saber o que mais fazer, Vlad deixou o apartamento, fechando a porta ao sair. Hesitou no cimo das escadas, após o que desceu e foi bater à porta de Simon.

Ouviu um estrondo, seguido pelo grito furioso de Elliot. Voltou a bater, com mais força.

Elliot acabou por entreabrir a porta o suficiente para espreitar para a rua, mantendo o corpo a

bloquear o espaço.

Vlad sentiu o cheiro a sangue.

— Algum problema?

— É uma questão familiar — respondeu Elliot, num tom sombrio.

Vlad inclinou-se mais para Elliot.

— Se a Meg aparecer com mais uma nódoa negra inexplicável ou voltar a ficar assustada a ponto de vomitar, também isso vai ser uma questão familiar. Mas a família implicada não vai ser a Wolfgard.

Ameaça feita, Vlad regressou ao seu apartamento. Pela manhã informaria o Avô Erebus. Isso daria tempo a Simon para resolver as coisas à sua maneira.

Ladeado por Nathan e Marie, Simon desceu do comboio, percorreu a estação e saiu pela porta que dava para o parque de estacionamento. Nevara durante todo o caminho, mas assim que o comboio chegara ao lago Etu, a neve transformara-se numa borrasca. Quando chegaram à estação de Lakeside, Simon imaginou que a neve deixaria intransitáveis todas as estradas salvo as principais.

Suspirou de alívio quando viu Blair a limpar os vidros da carrinha — e sentiu os músculos a retesarem-se ao avistar o carro da polícia em ponto-morto lá estacionado.

Depois de entregar o saco de viagem a Nathan, que entrou para o banco traseiro com Marie, Simon ocupou o lugar do passageiro na frente do veículo. Blair sentou-se ao volante daí a pouco, ligou o limpa-para-brisas e engrenou a carrinha.

Simon inclinou a cabeça na direção do carro-patrolha.

— Aconteceu alguma coisa sobre a qual deva ficar ao corrente?

Blair abanou a cabeça.

— Acho que aquele tenente que tem andado por lá a cheirar queria saber quando é que chegavas.

Os sulcos dos pneus dos carros que tinham ido buscar passageiros já estavam a encher-se com neve fresca. Blair deixou o lugar de estacionamento e dirigiu-se lentamente à saída do parque.

— Achas que ainda chegamos hoje a casa? — indagou Nathan, chegando-se à frente.

Blair demorou um instante a responder. Ao olhar para o rosto do outro Lobo, Simon ficou com a impressão de que o defensor do Pátio não estava à vontade com alguma coisa. Talvez com mais do que uma coisa.

— A Tess telefonou enquanto eu esperava que o comboio chegasse — adiantou Blair. — Ao que parece, a Intermediária manifestou a mesma preocupação quanto à possibilidade de chegarem ou não a casa. A rapariga do lago garantiu-lhe que chegavam hoje a casa. — Fez uma pausa, ao que acrescentou: — O Vlad também ligou, mas não por causa do tempo.

Um limpa-neves passara por ali recentemente, bloqueando a entrada do parque de estacionamento com uma parede de neve. Blair acelerou a carrinha e irrompeu pela neve. O veículo perdeu tração por um instante, ficando com os pneus a girar em falso, após o que atravessou o resto da barricada alva e chegou à estrada.

— É claro — comentou Blair, num tom seco — que a rapariga do lago não disse que chegar a casa seria fácil.

Não, não seria fácil, mas a maior parte das estradas necessárias estava limpa, até certo ponto, e as que não tinham sido tratadas pelo limpa-neves apresentavam neve caída em padrões pouco naturais que garantiam uma faixa transitável, mesmo que serpenteante.

Simon manteve-se em silêncio até chegarem ao Pátio, deixando que Blair se concentrasse na condução. Quando chegaram à entrada de serviço, os portões estavam abertos o suficiente para que a carrinha passasse à justa.

— Deixar os portões abertos não é bom para a segurança — resmungou Nathan.

— Não os vamos conseguir fechar até retirarmos alguma daquela neve — retrucou Blair, que não estava satisfeito com a situação.

— Não me parece que um potencial intruso chegue muito longe — aventou Simon. Parecia que alguém limpara a parte da estrada principal do Pátio que se dirigia ao Complexo Verde. Na outra direção, a estrada encontrava-se completamente oculta por baixo da neve fresca. Virou-se no lugar para olhar para Nathan e Marie. — Parece que hoje não chegam a vossas casas.

— O apartamento da Julia fica no Complexo Verde. Posso passar a noite com ela — disse Marie.

— Nathan?

Antes de responder, Nathan relanceou Blair.

— Se calhar fico num dos apartamentos por cima da Estação do Intermediário?

Blair assentiu.

— E eu volto ao Complexo de Serviços e fico lá, para vigiar as coisas. Os Corvos tratam do portão corvino.

<Aconteceu alguma coisa?>, quis saber Simon.

<Há coisas que ainda não podemos discutir>, replicou Blair.

Simon sentiu um arrepio na espinha enquanto Blair seguia lentamente a caminho do Complexo Verde.

<O Sam está bem?>

Os lábios de Blair estremeceram.

<O Sam está bem.>

Simon hesitou.

<E a Meg?>

<Não está assim tão bem.> Um tom sombrio na voz de Blair. <Mas nada que não se possa resolver.>

O que queria dizer *aquilo*? Estava cansado e frustrado, e tão preocupado como os restantes líderes *terra indigene* com as agressões inexplicáveis que tinham acabado com tantos mortos naquela aldeia ocidental. Não tinham respostas, nem sequer sabiam onde começar a procurar um inimigo escondido algures nas aldeias e cidades humanas espalhadas por Thaísia.

Sabia qual a solução por que a maior parte dos Outros optaria caso os seres humanos se revelassem uma ameaça excessiva. Ele escolheria a mesma solução. Mas queria que o extermínio fosse a última opção e não a primeira.

Não queria chegar a casa e deparar-se com problemas. Esperara que Meg e Sam...

Mas Blair dissera que Sam estava bem. Assim sendo, porque não estaria Meg igualmente bem?

Quando a carrinha chegou à entrada do Complexo Verde, Blair levou a mão ao sobretudo e tirou um molho de chaves atado a um laço de cabedal que passaria pela cabeça de um humano — ou de um Lobo.

— Leva o Cairo até onde conseguires — indicou, entregando as chaves a Nathan depois de apontar para o veículo estacionado no espaço destinado às visitas. — Talvez consigas percorrer o caminho todo. Liga ao Henry quando chegares ao apartamento.

— Devo ficar de sobreaviso em relação a alguma coisa em particular? — indagou Nathan ao abrir a porta lateral da carrinha.

— À mesma coisa que andamos sempre à espreita — replicou Blair. — Intrusos.

— De manhã faço uma batida, desde a Estação do Intermediário até ao portão corvino — disse Marie, pegando no saco de viagem. Seguiu Nathan e saiu da carrinha.

Simon observou-os a palmilhar vários centímetros de neve. Queria transformar-se, queria descarregar no seu defensor, purgar a inquietação que lhe crescia no íntimo.

— Já estamos sozinhos. Conta-me.

— O Sam está bem. — Blair manteve-se de olhar fito em frente. O único outro som era o deslizar ritmado dos limpa-para-brisas. — Não me sinto confortável quanto à maneira como ela o fez, mas tenho a certeza que não foi por mal, e gosto bastante dos resultados. — Virou a cabeça e olhou para Simon. — Ela tirou-o da gaiola, e não foi só para dar uns poucos passos à porta do apartamento para xixi e cocó. Eles andaram à volta do complexo. Ele foi para a estação com ela. Acompanhou-a esta tarde, quando estive a fazer as entregas, antes de o tempo começar a piorar. Talvez ele esteja pronto para despertar, e ela fez coisas estranhas o suficiente para lhe atravessar o medo.

Simon desviou o olhar, confuso com o que estava a sentir. Ciúmes? Mágoa? Passara dois anos a tentar encontrar uma maneira de ajudar Sam a voltar para eles, e Meg encontrara a resposta em poucos dias. Parecia que um par de mandíbulas lhe tinha mordido a garganta, dificultando-lhe a respiração.

— Como? — acabou por perguntar.

— De uma maneira em que nenhum de nós teria sequer pensado — adiantou Blair. — Um arnês e uma trela.

Choque. Receio. Fúria. Como se atrevia *qualquer* humano a cingir um Lobo?

— Deixaste-a fazer isso?

— Quando descobri, já estavam a andar pelo complexo, e não ia enfrentar o Henry e o Vlad para a disciplinar. E depois de ver como a cria estava a *brincar*, achei por bem não interferir. — Blair fez uma pausa. — Ele voltou a brincar, Simon. Voltou a comer carne. Está outra vez a agir como um Lobo jovem. Em grande medida. Ainda não falou connosco, mas acho que ele chega lá se não for assustado outra vez, a ponto de regressar àquela gaiola.

— Porque haveria isso de acontecer? — O lobacho voltara a brincar? Não permitiria que nada interferisse com isso.

Blair voltou a olhar pelo para-brisas.

— Tal como te disse, não me sinto confortável com o modo como a Meg tirou o Sam da gaiola, mas o Henry e o Vlad têm estado a vigiá-los e não levantaram quaisquer objeções. O Elliot, contudo,

é um problema.

— Ele magoou a Meg? — perguntou Simon, a voz desprovida de qualquer emoção. Elliot nada sabia acerca de Meg. Se ele a mordesse, se a cortasse...

— Ela anda a vomitar, de tão assustada. Fiquei com a sensação de que havia mais qualquer coisa, mas o Vlad não se mostrou interessado em contar-me. Mas quis que te lembrasse de que embora os Sanguinati não costumem caçar outros *terra indigene*, não estamos salvos de ser presas.

Simon nem acreditava no que estava a ouvir.

— Os Sanguinati vão atrás do Elliot?

Seguiu-se uma longa pausa, após o que Blair disse calmamente: — Acho que isso depende do facto de conseguires convencer a Meg a ficar.

— Bem, ela hoje não vai a lado nenhum. — Claro que alguém que andava a vomitar de medo poderia nem ligar ao risco que era tentar fugir com as estradas péssimas e o ar demasiado frio. Sobretudo quando essa pessoa já tinha fugido uma vez, exatamente com aquele tipo de tempo.

Soltou o cinto de segurança.

— Mais alguma coisa que não possa esperar até amanhã?

Mais uma pausa.

— Nada que não possa esperar. Mas se algum macaco completamente vestido de preto tentar entrar esta noite no complexo, mata-o. — Uma pausa mais longa. — Foi uma coisa que a Meg viu. O Henry conta-te sobre isso.

Simon arrepiou-se, e não por causa do frio. Meg cortara-se na ausência dele? Quantas vezes? Que outras informações lhe seriam atiradas assim?

— Vamos todos reunir-nos amanhã — resmungou. — Tu, eu, a Tess, o Henry, o Vlad, o Jester, e qualquer outro que te pareça necessário estar presente.

— Ligo-te de manhã para saber se nos vamos encontrar na Associação Comercial ou na sala de convívio aqui do complexo — indicou Blair.

Simon assentiu. À exceção de Blair, os restantes viviam no Complexo Verde. Podiam reunir-se logo cedo e depois tratar de abrir as lojas e desimpedir as estradas.

Simon pegou no saco de viagem, saiu da carrinha e dirigiu-se à porta do apartamento. Levou a mão à maçaneta, depois recuou e olhou à volta.

As janelas estavam iluminadas em todos os apartamentos, salvo no de Meg.

Não era assim tão tarde, pelo que não seria de estranhar ver todas as residências iluminadas.

No entanto, parecia haver demasiadas luzes, demasiado brilho a tornar aquele espaço escuro demasiado visível, quase ominoso.

Porque estaria Meg às escuras?

A inquietação de Simon tornou-se um formigueiro por baixo da sua pele humana, fazendo com que ficasse ansioso por mudar para uma forma mais natural. Enquanto Lobo, tinha as presas e a força para lidar com problemas inquietantes.

Ouviu Sam a uivar — e o rosnido de Elliot em resposta. Abriu a porta do apartamento e avançou para uma cena de tensão que o fez esforçar-se por não se transformar e obrigar os dois Lobos a submeterem-se.

Atirou o saco de viagem na direção das escadas e passou pela arcada de acesso à sala, deixando um rasto de neve pelo soalho de madeira. Elliot virou-se para o encarar, os dentes à mostra, os caninos demasiado longos para passarem por humanos. Sam atirou a Simon um olhar de acusação e depois sentou-se a um canto da gaiola, de costas viradas para ambos os adultos.

<Sam?>, chamou Simon.

Não teve resposta. Nem sequer um rosnido.

Com uma expressão estranhamente inquieta, Elliot virou a cabeça e bradou à cria: — Para com essa tolice e sai da maldita gaiola! Não precisas de aí estar!

<Para a cozinha>, rosnou Simon. Sangue e fúria. Consequia farejar ambos.

— Pelo menos descalça essas botas cheias de neve — retrucou Elliot com maus modos. — Estás a molhar o chão...

Simon agarrou em Elliot e empurrou-o contra a parede do corredor.

— Não sou um humano qualquer que possas intimidar. E já não sou uma cria. Não me dizes o que fazer. *Ninguém* me diz o que fazer.

Alongou as presas e esperou.

Elliot fitou-o por um instante. Depois fechou os olhos e levantou a cabeça, expondo a garganta ao líder.

Simon recuou, sem se sentir suficientemente humano ou Lobo para ser capaz de decidir como reagir. Soltou Elliot e dirigiu-se à cozinha, desapertou as botas e deixou-as no tapete junto à porta das traseiras.

Elliot foi buscar um par de toalhas velhas e limpou o soalho. Ao regressar à cozinha, Simon observou o progenitor.

— Agitaste bem as coisas — acabou por dizer. — Porquê?

— Não fui eu que...

— Enfureceste os Sanguinati e isso não vai ajudar ninguém neste momento.

— Não sabes o que se tem andado a passar — retrucou Elliot. — O que aquela macaca vaca fez.

— Ela não é uma macaca vaca, e nem é presa — contrapôs Simon, a voz um ronco ameaçador. — Ela é a Meg.

— Não sabes o que ela fez!

— Ela leva regularmente correspondência e encomendas aos complexos. Criou uma rotina com os entregadores, e por isso recebemos os artigos que compramos. E tirou o Sam daquela maldita gaiola!

— Ela pô-lo numa trela, Simon. *Numa trela!*

— Não é uma trela — gritou uma voz jovem e esganiçada. Ou tentou gritar. — É uma corda de segurança. Os companheiros de aventura usam uma corda de segurança para se poderem ajudar uns aos outros.

Elliot estacou a fitá-lo. Simon virou-se, mal respirando.

O que viram foi um menino despido, a cambalear sobre as pernas magras. Tinha cabelo dourado misturado com um cinza lupino mais raro do que um Lobo de puro preto ou branco. Olhos cinzentos marejados de lágrimas furiosas. Não obstante, aquele corpo fraco denotava um domínio que não se equiparava ao de Simon, mas que superava a posição de Elliot no seio da alcateia de Lakeside. Ou

ultrapassaria, caso Sam fosse adulto.

— Sam — murmurou Simon.

Sam ignorou-o e fulminou Elliot com o olhar.

— Fizeste a Meg chorar, por isso não tenho pena nenhuma de te ter mordido!

Simon estreitou a distância entre eles e apoiou-se sobre um joelho à frente do rapaz.

— Sam. — Os dedos tocaram, hesitantes, aqueles braços magros e fracos. Um nariz contorceu-se com o odor de um corpo por lavar. — Então, Sam.

Olhos enormes fitos nele. Ele era o líder. Supostamente, melhoraria as coisas, faria com que tudo ficasse bem.

Ora mordam-me, pensou. *Cria*, ele percebia. Não sabia ao certo o que fazer com um *rapaz*.

<Elliot...> Simon olhou para trás, para o progenitor, que parecia exangue e abalado.

<Diz o que for preciso para o manter entre nós>, pediu Elliot.

— Essa corda de segurança entre companheiros de aventura é uma coisa nova que aprendeste com a Meg? — perguntou Simon.

Sam assentiu.

— Os outros Lobos nunca tinham ouvido falar disso, portanto o Elliot pensava que a corda de segurança era outra coisa. Uma coisa que te podia magoar.

— A mim, nunca não me fazia mal — protestou Sam. — Ela é minha amiga.

— Eu sei, Sam. Eu sei. — Mais um toque hesitante dos dedos nos ombros do menino. Comparado com a forma humana das crias de Lobo da idade dele, Sam era excessivamente pequeno e demasiado magro. Claro que isso mudaria, se o rapaz não voltasse a desaparecer no interior do Lobo.

— A Meg vai-se embora? — perguntou Sam.

Simon abanou a cabeça.

— Não, ela não se vai embora.

Elliot pigarreou.

— Amanhã irei apresentar as minhas desculpas.

Sam balançou. Os músculos das pernas tremiam com o esforço de o manter ereto. Não obstante, o olhar que lançou a Simon, mesmo tímido, tinha um propósito óbvio.

— Simon?

— Sam?

— Posso comer um biscoito?

Não sabia se haveria mais alguma coisa para comer além da ração seca de Sam. Tinha a *certeza* daquilo que não encontraria.

— Desculpa, Sam, mas não temos biscoitos.

— A Meg tem. — Sam lambeu os lábios. — Cheiravam muito bem, mas ela não sabia se os Lobos podiam comer chocolate, por isso não comemos nenhum. Mas agora posso comer um.

Ora morde a cauda e cospe o pelo. Claro, o *menino* podia comer um biscoito se o homem estivesse disposto a bater à porta de Meg a pedi-lo.

Naquele momento, faria muito mais do que pedir para que Sam tivesse o biscoito que queria.

— Eu vou pedir-lhe. — Franziu o nariz e sorriu. — Se calhar, devias tomar um banho antes de

comer a guloseima.

— Eu posso ajudar o Sam — voluntariou-se Elliot baixinho.

Simon levantou-se e recuou.

— Então, eu vou buscar o biscoito. — E enquanto lá estivesse, descobriria se Meg tencionava fugir.

Ao pensar no apartamento escurecido dela e interrogando-se se algum *terra indigene* seria bem-vindo naquela noite, Simon pegou nas chaves sobressalentes do apartamento de Meg antes de subir até à porta dos fundos no corredor.

Uma batida rápida.

— Meg? — Mais uma batida, mais forte. — Meg? É o Simon. Abre a porta. — Não tendo resposta, serviu-se da chave, suspirando de alívio por ela não ter usado igualmente o fecho de correr.

Meg estava sentada à mesa da cozinha às escuras, de braços em volta do corpo.

— Não quero companhia — disse ela, sem olhar para o Lobo.

— Temos pena. — Procurou o cordão do candeeiro do teto, mas depois pensou melhor na intensidade e acendeu a luz sobre o lavatório. Ao regressar à mesa, viu-lhe o rosto e foi incapaz de conter o rosnido quando viu a nódoa negra. Isso explicava a ameaça de Vlad.

Simon inclinou-se e segurou-lhe o queixo entre o polegar e o indicador para lhe virar a cabeça e ver melhor. Aproximou-se, inspirando-lhe o odor. O cheiro do vômito permanecia-lhe nas roupas. Sem saber o que fazer, lambeu-lhe ao de leve a face.

— Neve — disse, chegando-se atrás. — A neve ajuda.

— O quê?

Os olhos de Meg pareciam pisados. Não fisicamente, o que acabava por fazer com que fosse pior.

— Fica aqui. — Simon encontrou um pano e desceu as escadas dos fundos, até à porta da rua. Esticou-se o suficiente para chegar à neve, colocando uma bola no pano, que enrolou e levou a Meg. — Encosta isto à cara.

Meg obedeceu e Simon sentou-se na outra cadeira, encarando-a.

— Não queria arranjar problemas — murmurou Meg. Os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas que lhe escorreram pelas faces. — Não estava a tentar fazer mal ao Sam.

— Eu sei. — Pegou-lhe na mão livre e afagou-lhe a pele macia, a pele delicada e estranha que era o ponto de acesso às profecias. — O Elliot não percebeu e lamenta ter-te magoado. *Eu* lamento que ele te tenha magoado.

— Ele disse... — Arrepiou-se.

Simon abanou a cabeça.

— O que ele disse não interessa. Aqui estás a salvo, Meg. Estás segura connosco. Eu certifico-me disso.

Meg afastou o pano do rosto.

— A neve está a derreter.

Simon aceitou o pano e deixou-o no lavatório. Depois virou-se e fitou-a. O que devia fazer com ela? Qual a maneira *correta* de lidar com ela? Sabia atender as fêmeas humanas que eram suas clientes na livraria. Sabia o que fazer quando elas procuravam o calor do sexo e ele se sentia

inclinado a providenciá-lo. E sabia o que fazer com presas. Mas não sabia o que fazer com Meg.

— Queres comida? — indagou, observando-lhe as costas.

Meg abanou a cabeça.

— Chá?

Nova recusa.

Simon dirigira-se ali para ir buscar algo para Sam, mas isso já não parecia o correto a fazer. Mesmo assim, não podia desiludir o menino.

Regressou à mesa e sentou-se. A caixa de bolos estava ali à sua frente, a provocá-lo. Fora muito mais fácil lidar com humanos até que ela aparecera, meio gelada, e alterara as regras.

— Meg? — disse baixinho. — Posso levar um biscoito ao Sam?

Meg pestanejou. Limpou as lágrimas. Depois olhou para a caixa dos bolos e franziu o cenho.

— São biscoitos com pepitas de chocolate. Os Lobos podem comer chocolate?

Simon nunca pensara nisso.

— Ele transformou-se, Meg. É um menino. — Não era capaz de lhe sustentar o olhar e ouviu o seu próprio gemido de confusão. — Não assumia a forma humana desde que lhe mataram a mãe. Não falava connosco, fosse de que maneira fosse, desde a noite em que a Daphne morreu. Tinha medo de estar na rua e magoou-se várias vezes. Foi por isso que tive de arranjar a gaiola. Mas tu mudaste isso. Ele não podia comer o biscoito na forma de Lobo, por isso transformou-se em menino. Não fui capaz de chegar a ele, mas tu fizeste-o... com uma trela que não é uma trela e um biscoito.

— O Simon tratou dele, amou-o e protegeu-o — lembrou Meg. — Mesmo que não o mostrasse, ele *estava* a aprender consigo. — Meg fungou, depois levantou-se e procurou no armário até encontrar uma pequena lata. Depois de depositar alguns biscoitos na lata, entregou-lhe a caixa de bolos. — Tem leite para acompanhar os biscoitos?

— Não sei.

Meg abriu o frigorífico e deu-lhe um pacote por encetar.

A olhadela rápida que Simon deu ao interior do frigorífico não lhe garantiu que *ela* tivesse suficiente que comer — especialmente se pela manhã tivessem ficado retidos pela neve.

Era estranho, andar a cheirar a vida pessoal de uma fêmea. Era estranho, já não saber até onde a podia pressionar, depois de não ter problemas em pressioná-la antes de partir em viagem. Era estranho, pois ela começava a ser importante para si, ao mesmo nível dos seus.

Recuou.

— Obrigado.

— Não o deixe comer os biscoitos todos — alertou Meg. — Mesmo na forma de menino, isso fazia-lhe mal.

Simon assentiu, saiu e regressou ao seu apartamento.

Sam estava sentado à mesa da cozinha, a explicar as cordas de segurança a Elliot, que escutava como se cada palavra fosse desesperadamente importante. As palavras cessaram assim que Simon pousou a caixa na mesa.

— Uma — disse Simon com firmeza. Serviu um copo de leite a cada um e abriu a caixa.

Sam foi dando pequenas dentadas, saboreando o gosto enquanto mirava a caixa, até que Simon

voltou a tapá-la, confirmando que uma era mesmo uma.

— Os biscoitos de Lobo são bons, mas estes são melhores — declarou Sam.

— Biscoitos de Lobo? — indagou Elliot.

Sam assentiu.

— A Meg arranjou-os, só para mim.

<O que são biscoitos de Lobo?>, perguntou Elliot a Simon.

Este encolheu os ombros. Algo mais que teria de descobrir.

Sam bocejou.

— Foi um dia muito comprido para todos nós — disse Simon.

Sam esforçou-se por se levantar.

— Não tenho sono. A Meg deixava-me ver um filme.

<A partir de agora, a Meg vai ser a bitola que ele usa connosco?>, indagou Elliot.

<Só até que eu descubra aquilo que a Meg realmente autorizava>, garantiu Simon. — Está bem.

Vai escolher um filme.

A cambalear. A usar as paredes como apoio. Mas mantendo uma forma que fora uma descoberta recente antes de o medo ter prendido Sam na forma de Lobo.

Simon esvaziou o copo e depois acabou o copo de leite de Sam.

— As estradas para o Complexo do Clã dos Lobos não estão transitáveis. Devias ficar aqui.

— Está bem. — Elliot hesitou. — Preferia não manter esta forma.

Também Simon queria despir a pele humana.

— Esperamos que o Sam adormeça.

Não demorou muito. Enroscado no sofá, tapado com um cobertor que lhe protegia o corpo pequeno a tremer, Sam adormeceu cinco minutos depois do início do filme. Simon confirmou as portas, apagou as luzes e certificou-se de que tudo estava seguro. Quando regressou à sala, Elliot já se tinha transformado.

Simon deixou o filme a correr e despiu-se. Depois mudou de forma e instalou-se ao lado de Elliot no chão da sala. Podia não ser tão quente e confortável como as camas lá em cima, mas o menino que dormia no sofá garantia um tipo diferente e mais profundo de satisfação.

— Mas eu quero ir com a Meg!

Enquanto se secava com uma toalha, Simon atirou um olhar duro ao sobrinho e desejou, de modo totalmente impróprio, poder, por mais um dia, enfiar o lobacho na gaiola, em vez de ter de lidar com um menino instável que era mais estranho do que membro da família e que agia com modos irritantemente humanos.

— Hoje não podes ir com a Meg — asseverou, com firmeza. Sentia-se como se tivesse passado cada momento a repetir as mesmas palavras desde que Sam acordara. — Vais ficar aqui com o Elliot enquanto eu vou a esta reunião.

— Mas se eu lá não estiver, quem é que vai ser o companheiro de aventuras da Meg?

— Ela vai ter de arranjar um companheiro de aventuras. — Absorvido com a lista de pontos a seguir na sua higiene pessoal quando tinha de lidar com humanos, Simon só se apercebeu do erro que cometera quando Sam lhe atirou um olhar horrorizado e lavado em lágrimas.

— Mas o companheiro de aventuras dela *sou eu*. Ela *disse* que era eu! — lamuriou-se Sam.

Antes que Simon pudesse agarrar o menino, Sam saiu da soleira da porta da casa de banho e fugiu do quarto de Simon.

Pernas vacilantes. Escadas.

Simon correu para o quarto, pegou nas calças de ganga que dispusera em cima da cama e saiu para o corredor. Não vendo Sam nas escadas, vestiu as calças e depois tentou puxar o fecho de correr e abotoar-se enquanto corria atrás do menino, esperando encontrar Sam escondido na sala ou na cozinha, a queixar-se a Elliot por não poder sair com Meg.

No entanto, quando Simon chegou ao fundo das escadas, a porta da rua estava aberta, as roupas de Sam encontravam-se espalhadas pelo chão, a malfadada trela desaparecera e havia rastos na neve fresca que indicavam por onde uma cria fugira aos saltos.

Simon correu porta fora e rosnou quando os pés descalços se afundaram na neve. Com mais alguns passos ficou com vista desimpedida para o alpendre de Meg — e para Sam erguido sobre as pernas traseiras, com as da frente transformadas em braços hirsutos que chegavam à campainha e as patas alteradas o suficiente para ter dedos que pressionassem o botão. E uma e outra vez.

— Merda. Foda-se. Porra porra *porra*. — Os palavrões eram uma das melhores invenções humanas, pensou Simon enquanto saltava pelas escadas. Estava quase ao alcance quando a porta se abriu e Sam correu para o interior, com a trela vermelha a arrastar atrás dele.

Meg ficou na soleira, a tentar envolver-se com o roupão de banho que não lhe cobrira a parte inferior das pernas. Em qualquer outra altura, Simon daria mais atenção àquelas pernas — só para confirmar a pele visível em busca de cicatrizes. Naquele momento, com Sam peludo e a responder-lhe, e Meg a parecer um coelhinho que andasse a fugir de um Falcão só para dar de caras com um Lobo, Simon agiu como imaginava ser a atitude humana mais educada, e manteve o olhar no rosto dela.

Isso não o impediu de lhe agarrar a mão antes que Meg se controlasse o suficiente para lhe fechar a porta na cara.

— Meg.

— Sr. Wolfgard, o que é que...?

— Podes tomar conta do Sam por um bocado? Esta manhã tenho uma reunião. Vou buscá-lo à hora de almoço. Mas esta manhã podem ser companheiros de aventura.

— Mas... ia entrar para o duche — protestou Meg debilmente. Arrepiou-se. — Tenho de ir trabalhar.

— Então podem ser companheiros de aventura na estação. Tem é cuidado para não ficarem enterrados na neve. — Uma tentativa medíocre de humor, já que havia essa possibilidade.

<É por isso que temos a corda de segurança!>

Ficou tão sobressaltado ao perceber que Sam comunicara com ele ao modo dos *terra indigene* depois de tanto tempo de silêncio que apertou a mão de Meg com força suficiente para a fazer gemer.

— Sr. Wolfgard — disse Meg, libertando a mão da dele. — Não está vestido.

E ela também não.

— Por favor, Meg. Só esta manhã. — Acentuou as últimas palavras e olhou para Sam.

Sam abanou a cauda, de todo lamentando a forma como conseguia o que queria — ou preocupado com isso.

Não tendo resposta por parte de Meg, Simon fê-la recuar alguns passos.

— Vai para o duche. Isso vai aquecer-te.

Fechou-lhe a porta e desceu as escadas de regresso ao apartamento. Elliot estava à soleira da porta, a fitar as roupas no chão e a porta aberta.

— Louvada seja Thaísia, e agora, o que é que foi?

Que raios, tinha os pés frios e as calças molhadas.

— A Meg vai ficar com o Sam esta manhã. Põe as roupas dele num saco de viagem. Eu deixo-o com a Meg quando sair para a reunião. E liga ao Nathan. Vê se as estradas à volta da estação e das nossas lojas foram limpas. Não vale a pena a Meg tentar ir trabalhar se não houver entregas.

Subiu as escadas, pretendendo tomar novo duche quente e vestir-se completamente antes de sair de casa.

— Simon? — chamou Elliot, detendo-o no topo das escadas. — Já que não vou ficar a tomar conta do Sam, gostava de assistir à reunião. Se não te importares.

Embora quisesse que alguns indivíduos específicos participassem na reunião, qualquer líder de clã ou outro grupo de *terra indigene* podia assistir às reuniões da Associação Comercial. Naquele dia iriam discutir tópicos relacionados com a semana anterior do Pátio. Também seria necessário falar sobre o que acontecera em Jerzy, e era bom que Elliot ouvisse o que seria dito.

E talvez Elliot devesse ficar a saber algumas coisas acerca de Meg.

— Está bem. Fala primeiro com o Nathan e depois liga ao Blair e diz-lhe que nos vamos encontrar na sala de convívio Verde.

Não esperou pela resposta de Elliot. Dirigiu-se à casa de banho, despiu as calças molhadas e deixou-se ficar no duche até aquecer. Enquanto se vestia, pensou no novo desafio que seria desmamar Sam da companheira de aventuras.

Claro que primeiro teria de descobrir uma boa razão para que o fizesse.

Parecia que não iam a lado nenhum.

Meg fitou os montes de neve além da arcada de acesso à zona de estacionamento e às garagens do Complexo Verde. Haviam sido abertos carreiros pelo interior do complexo para que os residentes chegassem à lavandaria, à sala do correio, à sala de convívio e aos apartamentos, mas nunca seria capaz de tirar o Cairo da garagem, e muito menos de chegar à estrada.

— Anda, Sam. Vamos dar um passeio rápido e voltamos para dentro. — Mudou de mão o saco de viagem com uma muda de roupa de criança e dirigiu-se ao apartamento, pensando em como chegar ao trabalho. Os estabelecimentos abriam depois dos nevões. Seriam feitas entregas. O carteiro traria o saco da correspondência e levaria o que fora depositado no marco do correio azul junto à parede do consulado. As pessoas prosseguiam com as suas vidas no inverno, mesmo que demorasse um pouco mais do que o habitual.

Quando ela e Sam se dirigiam ao outro extremo do complexo, Meg ouviu sinos.

Sam ergueu o focinho e uivou.

— Anda — ordenou Meg, caminhando o mais depressa possível.

Chegaram à estrada a tempo de ver o trenó puxado por dois cavalos castanhos. Um cavalo tinha crina e cauda preta; a crina e a cauda do outro eram de um dourado-claro.

Tornado e Furacão nas suas outras formas equinas.

E no banco da frente estavam Inverno e Ar, ainda com a aparência de jovens mulheres. Não envergavam casacos, chapéus ou luvas. As vestes eram camadas de tecido diáfano que parecia ter sido feito a partir de nuvens que iam desde o branco ao cinzento-escuro tempestuoso.

— Hoje vais brincar? — perguntou Inverno quando o trenó parou junto a Meg.

— Não vou brincar, é mais não ir trabalhar — replicou Meg. — Não posso tirar o Cairo da garagem, por isso não sei se consigo chegar à estação.

— Chegar à estação é importante? — quis saber Ar.

— É, se quisermos receber a nossa correspondência hoje ou as encomendas que estiverem nas carrinhas de entrega.

Inverno olhou para as janelas da sala de convívio no primeiro andar. Depois sorriu.

— Podemos levar-te à tua estação. Não demora.

Meg olhou para trás e depois outra vez para a Elemental.

— Tens a certeza que não chegas atrasada à reunião? Acho que o Sr. Wolfgard e alguns dos outros já lá estão.

Inverno ofereceu-lhe um sorriso gelado, mas Meg tinha a certeza que não pretendia ser malévolo.

— Não vou chegar atrasada à parte da reunião que é do meu interesse e das minhas irmãs — garantiu Inverno.

— Então, obrigada. Agradeço a boleia. E ainda por cima, nunca andei de trenó.

Era mais comprido do que o Cairo dela e tinha dois bancos longos.

Meg pegou em Sam, gemendo com o peso inesperado. Poderia ele ter crescido assim tanto no espaço de uma semana? Pousou-o no chão do banco de trás e depois subiu para se sentar atrás de Ar. Quando se instalou, viu Jester à porta do apartamento dele, a observá-los.

Inverno ergueu as rédeas.

— Toca a levantar a neve, meus queridos. A nossa Meg quer ir trabalhar.

À medida que Tornado e Furacão avançavam a uma velocidade que fazia os olhos de Meg lacrimejarem com o vento e o frio cortante, a neve à frente deles erguia-se em volutas, deixando suficiente neve calcada na estrada para garantir uma boa superfície para os patins do trenó. Tinha de admitir que andavam melhor na neve do que o Cairo, e Inverno deixou-a nas traseiras da estação muito mais depressa do que imaginara.

Fora limpa uma área atrás da Estação do Intermediário e havia um carreiro até à Ler e Uivar por Mais, ao Trincadela e ao quintal de Henry. Depois de agradecer a Inverno e a Ar, Meg seguiu o carreiro até à frente do edifício.

Não reconheceu o homem com a pá, mas como só envergava uma camisa de flanela, imaginou que não fosse humano. Teve a certeza disso quando ele olhou na direção dela e se retesou assim que viu Sam e o arnês e trela vermelhos.

Quanto a Sam, o lobacho uivou um cumprimento e saltou para a neve virgem.

O Lobo observou a cria por um instante, após o que se dirigiu a Meg e meneou a cabeça no que deveria ser um cumprimento.

— Sou o Nathan Wolfgard — apresentou-se, com um certo rosnido no tom enquanto mirava Sam.

— Fiquei aqui em cima ontem à noite.

Meg olhou para o primeiro andar da construção.

— Há apartamentos lá em cima? — Já se apercebera das escadas atrás do edifício e da porta no primeiro andar, mas o que se encontrava por cima da estação não era da sua conta. — Mora ali?

O Lobo abanou a cabeça.

— Fiquei lá. O Blair queria olhos nesta parte do Pátio.

Porquê? Não era uma pergunta que lhe pudesse fazer, mas de repente a pele começou a formigar-lhe de tal maneira que só teve vontade de espetar as unhas através da roupa.

— Abri um caminho desde a rua até à porta — indicou Nathan. — Não vai permitir a entrada ou a saída de veículos até que chegue o limpa-neves do Complexo de Serviços, mas se estiverem dispostos a isso, os macacos conseguem chegar ao edifício. — Não parecia satisfeito com isso.

— Obrigada por ter aberto o caminho até às portas — agradeceu Meg. — Anda, Sam. Sacode a neve. São horas de ir trabalhar.

Sam, agora coberto de neve e a ofegar alegremente, abanou-se com força antes de contornar o edifício atrás de Meg, que os sacudiu a ambos e depois abriu a porta e virou o sinal para «Aberto». A neve que acompanhava o muro do pátio de Henry parecia uma rampa, fazendo-a interrogar-se se estaria amontoada da mesma maneira do outro lado.

Cinco Corvos vieram pousar no muro. Não grasnaram ao Lobo. Depois de olhar para Nathan pela janela, Meg decidiu que ninguém provocava um Lobo agarrado a uma pá de neve — ou que pudesse fazer uma bola de neve bem dura para treinar a pontaria em alvos de penas pretas, caso os ditos alvos se tornassem irritantes.

Encheu uma das taças de Sam com água fresca e despejou um pouco de ração para a outra; para ela preparou uma caneca de chá de hortelã. Meg deixou Sam a roer o último pedaço de pau de veado e levou o chá e duas edições da *newsletter* do Pátio para o balcão da entrada. Aí estava mais frio do

que na sala de separação, mas ainda não tinha nada para separar e queria manter-se atenta à estrada.

Viu Nathan, de pá ao ombro, a encaminhar-se para as traseiras do edifício. Momentos depois, ouviu o chão a gemer por cima dela. A seguir, o murmúrio baixo e monótono de vozes. Não era uma conversa. Passado um instante, concluiu que Nathan deveria estar a ouvir televisão ou rádio enquanto também ele montava guarda.

Haveria mais algum motivo para que Blair — e Simon? — quisesse olhos naquela zona do Pátio, ou tratar-se-ia apenas de ter alguém por ali caso os estabelecimentos não abrissem nesse dia?

Uma vez que era pouco provável que obtivesse resposta de algum dos Lobos, Meg abriu a primeira *newsletter* para descobrir o que se havia passado no Pátio.

— Limpei e fechei o portão de serviço — informou Blair ao sentar-se na sala de convívio Verde. — Tirei o limpa-neves e comecei a tratar das zonas comerciais. Segue-se o camião e a pá carregadora. Vamos ter de levar a neve para o aterro para abrirmos espaços de estacionamento no parque e para abrir a zona do consulado e da Estação do Intermediário. O Nathan abriu um carreiro desde a rua até à estação. Fica lá em cima por enquanto, a menos que o queiras noutro lado.

— Ele que lá fique — concordou Simon. A transformação de Sam em menino na véspera e a confusão dessa manhã haviam-lhe ocupado os pensamentos. Interrogava-se agora se Blair estaria a ser cauteloso devido a alguma ameaça vaga que pudesse surgir da parte dos seres humanos, ou se pretendia mostrar aos outros residentes do Pátio que os Lobos estavam a cuidar bem da Intermediária. Ou estaria Blair a tentar evitar algum incidente que pudesse desencadear um conflito entre os Lobos e os Sanguinati?

Não teve de ficar na dúvida por muito tempo. Bastou-lhe observar o defensor do Pátio quando Vlad entrou na sala e reparou em Elliot.

Portanto, os vampiros encaravam sinceramente a possibilidade de matar um Lobo.

Jester e Henry entraram juntos. O Coiote parecia demasiado alegre. O Pardo limitava-se a parecer sonolento.

Tess entrou com o cabelo aos canudos e completamente verde. Assim que avistou Elliot, surgiram madeixas vermelhas e fios pretos.

— Os *terra indigene* e os seres humanos estão a enfrentar um risco novo — declarou Simon. Esperou que Tess se instalasse antes de prosseguir. — Até agora não houve relatos de mortes estranhas na zona oriental de Thaísia, mas já se verificaram várias mortes bizarras e ataques peculiares no Ocidente. Uma matilha de cães atacou uma alcateia de Lobos. Os cães foram mortos, mas depois os Lobos abateram vários veados e estriparam-nos sem pararem para se alimentar. Numa outra aldeia, um grupo de machos humanos atacou três fêmeas e dois machos subordinados com tal violência que a polícia começou por julgar que se tratava de um ataque animal. Três das presas morreram durante o ataque. As outras duas morreram no hospital. Houve mais ataques, uma dezena ao todo, que ocorreram no espaço de vários meses. Uma vez que o grosso dos ataques foi de humanos contra humanos, ninguém tinha motivo para pensar que se tratava de uma doença que passava dos humanos para nós.

— Até às mortes em Jerzy — concluiu Henry pausadamente. — Até que os líderes dos *terra*

indigene se reuniram para falar e começaram a ver um padrão.

Simon assentiu.

— A maior parte dos ataques praticamente não nos afetou, salvo por a polícia andar à procura de alguma maneira de nos culpar. Em alguns casos, a doença teve início numa aldeia de humanos no interior do nosso território, e ninguém sabe dizer como afetou uma aldeia sem que outras aldeias na mesma estrada fossem tocadas. A doença deveria ter-se espalhado de aldeia em aldeia, deixando um rasto, mas desta vez não foi esse o caso.

Vlad recostou-se e cruzou uma perna sobre a outra.

— Os líderes dos Pátios afetados concordam que esta doença tem início junto dos humanos?

— Sim. Mas os líderes humanos estão igualmente convictos de que somos nós os causadores.

— Não interessa aquilo em que *eles* acreditam — resmungou Jester.

— Se os seres humanos estiverem a transmitir-nos uma doença nova, há maneira de resolver o problema — declarou Blair, fitando Simon.

— A resposta não pode ser essa — alertou Henry, mudando de posição na cadeira. — Ainda não. Primeiro, ou nós ou os humanos têm de encontrar a origem da doença. Só então podemos decidir o que tem de ser morto.

— Concordo — adiantou Simon. — Sobretudo por ainda não haver sinais da doença no Leste. — Suspirou. — Há uma coisa que nos associa a cada um destes ataques: um ou dois dias antes de cada ataque, houve Corvos a serem mortos perto das aldeias. Vou falar com a Jenni Crowgard. Se os Corvos começarem a morrer sem motivo aparente, teremos de o encarar como aviso para o facto de a doença ter chegado a Lakeside. — Aguardou um momento. — Muito bem. O que é que tem andado a acontecer por aqui?

Não sabia se teria sido coincidência ou se Vlad enviara algum sinal, mas assim que apresentou a questão, a porta abriu-se e Inverno entrou na sala, seguida por Erebus Sanguinati. Após um momento de silêncio consternado, juntaram-se duas cadeiras ao círculo.

Elliot estava sentado perto o suficiente de Simon para que este lhe conseguisse farejar o medo. Já era mau ter Erebus presente naquela reunião, mas uma das Elementais? Elas raramente se preocupavam com alguma coisa que não a sua ligação a Namid. E quando o faziam, os resultados eram imprevisíveis — e, regra geral, devastadores.

— A Meg teve uma profecia durante a tua ausência — adiantou Henry, com as suas palavras repentinas a alterarem o rumo da discussão antes mesmo de ela ter começado.

Elliot lançou um olhar sobressaltado a Simon.

— Uma profecia?

— A Meg é uma *cassandra sangue* — explicou Simon.

Inverno não reagiu. Erebus limitou-se a aquiescer.

— O que sabes acerca das profetisas de sangue? — perguntou a Erebus.

— Muito pouco. A Meg foi a primeira da espécie que eu vi, pelo que não sabia que as *cassandra sangue* e as humanas de sangue doce são o mesmo — replicou Erebus.

— O que é o sangue doce? — indagou Henry, semicerrando os olhos enquanto mergulhava em pensamentos.

— Elas têm corpo adulto, mas mantêm a doçura do coração infantil — explicou Erebus.

Simon pensou na velha que cortara o rosto para lhe ver o futuro. Apesar da idade, a mulher tinha tal doçura nos olhos, no sorriso. Não era atrasada, como lhe tinham chamado alguns dos adolescentes. Não. Não havia qualquer problema com a mente dela. Mas talvez essa inocência pueril servisse de proteção contra as coisas terríveis com que as profetisas por vezes se deparavam nas suas visões.

— Não são presas — lembrou Henry, olhando para Simon. — Já reconhecemos algo diferente em certos humanos, sem nos apercebermos do que era.

Simon assentiu.

— A Meg.

— Os Sanguinati não se alimentam das crias — afirmou Erebus. — E também não nos alimentamos das sangue doce, pois elas são tão maravilhosas como terríveis. Esse tabu foi imposto há muito, e continua a ser transmitido de geração em geração de Sanguinati, mesmo que já nos tenhamos esquecido do motivo.

— Porquê? — indagou Tess, chegando-se à frente. O cabelo ainda estava policromático, mas começava a assumir ondas mais largas.

Erebus encolheu os ombros.

— Há profecias que nadam nesse sangue. Não me parece que fosse gostar de ver tais coisas caso bebesse de uma *cassandra sangue*.

— A nossa Meg *vai* ficar, não vai? — perguntou Inverno, dirigindo a Elliot um olhar que gelou o ar. — As minhas irmãs e eu não ficaríamos satisfeitas se alguém a fizesse sair de cá.

Como sabia ela da discussão entre Meg e Elliot? Mais precisamente, o que faria ela com tal conhecimento?

Não queria pensar nisso, pelo que se concentrou em Henry.

— Que profecia?

Tess, Vlad, Jester e Blair já sabiam que Sam estava, de algum modo, ligado a homens armados que entravam no Pátio. Isso explicava o facto de Nathan ter sido destacado para vigiar a Estação do Intermediário e de Blair ter passado a noite de guarda ao portão de serviço aberto. Os homens que Meg vira chegavam a meio de uma borrasca.

— Temos estado alerta — garantiu Henry. — A cria nunca esteve sozinha. A Meg nunca esteve sozinha. Ambos ficaram mais fortes nos últimos dias.

Apesar da ameaça em potencial vista na profecia, Simon descontraíu-se um pouco à medida que cada elemento da Associação Comercial lhe fazia o seu relatório. Chegou até a rir-se com a narrativa de Blair sobre as trocas entre Boone e a Intermediária, e o pedido feito por esta de carne especial. Não houvera conflitos com os humanos em geral ou com a polícia em particular durante a ausência dele, nem conflitos entre os *terra indigene*, salvo pelo lapso de Elliot que enfurecera os Sanguinati. Mas isso não iria repetir-se. Mais depressa expulsaria Elliot do Pátio de Lakeside antes de permitir que outro Lobo — ou fosse quem fosse — magoasse Meg.

E Meg. A fazer entregas, a fazer amigos, a fazer uma vida nova entre eles em tão pouco tempo.

Meg. Uma das criações de Namid, terrível e maravilhosa.

Aí estava algo em que teria de pensar.

Estimada D. Sabe-tudo,

No outro dia convidei um amigo para jantar e para um passeio pelo lado selvagem (se é que me entende). Correu tudo bem até à parte dos beijos e dos toques. Fiquei um bocadinho excitada quando ele começou a brincar ao empurra depois de o ter mordiscado e, bem, lá lhe dei uma dentada na coxa. Não foi uma dentada forte — nem precisou de pontos — e, apesar do que ele diz, não foi assim tão perto do brinquedo de roer dele. Agora não me responde aos telefonemas.

O que devo fazer?

Assinado,

Confusa

Estimada Confusa,

Em primeiro lugar, muitas vezes os terra indigene jovens ficam confusos quando a comida fornece mais do que um tipo de estímulo. Mas quando se convida um ser humano para jantar, ele espera que lhe sirvam o jantar, não que sirva de jantar. Em segundo lugar, embora os humanos digam que gostam de morder como preliminares, isso só se aplica a parceiros que não tenham dentes com um comprimento considerável. Em terceiro lugar, não há macho, humano ou Outro que se sinta à vontade quando tem dentes demasiado próximos do brinquedo de roer. Portanto, pense nisso como uma experiência, e da próxima vez que convidar um humano para dar uma volta pelo lado selvagem, limite-se a uma corrida pelo parque.

Meg tentou respirar e engolir ao mesmo tempo e acabou por espalhar chá de hortelã por cima do balcão.

A D. Sabe-tudo. A conselheira da *newsletter* para interações entre seres humanos e os *terra indigene*.

Louvados fossem os deuses.

Interrogou-se se Lorne consideraria a coluna divertida ou se o facto de saber que os Outros consideravam tais conselhos bastante assisados no que dizia respeito ao trato com seres humanos era o motivo para preferir um balcão entre ele e a maior parte dos clientes no Três P.

Ainda estava a limpar o chá do balcão quando avistou Harry a percorrer o carreiro estreito vindo da rua. Abriu a passagem e chegou à porta ao mesmo tempo que ele. Abriu-lhe a porta até que ele a conseguisse segurar com o ombro e pegou na encomenda do topo, apressando-se de volta ao balcão.

Pensando melhor...

Depositou o embrulho no carrinho e esperou por ele.

— Teve um derrame, Nina Meg? — perguntou Harry enquanto pousava o resto das encomendas no carrinho.

A voz denotava um tom estranho.

— Tão grande que ainda tenho o balcão molhado — respondeu Meg, olhando sobre o ombro e depois outra vez para o homem. — Não se empate. Eu preencho as minhas notas assim que acabar de limpar o balcão. Esta manhã vi carros a patinarem e a deslizarem na estrada, e não queremos que lhe batam no camião.

— Ah, pois não quero. Não apanhe frio, está bem? E tenha cuidado com os derrames.

— Eu tenho. Cuidado com a estrada. Até ao Dia da Lua.

Harry acenou aos Corvos ao abrir a porta e dirigir-se ao camião.

Meg acabou de limpar o balcão, dobrou as *newsletters* e depositou-as na caixa de reciclagem na sala dos fundos.

Quando se dirigiu à casa de banho para lavar as mãos, Meg viu-se ao pequeno espelho sobre o lavatório. Aí, ficou siderada.

Harry não comentara o balcão molhado. Fitava-lhe o rosto quando mencionara o derrame.

Esquecera-se da nódoa negra. Estivera tão apressada para se preparar para o trabalho, ainda por cima com Simon e Sam a aparecerem e a perturbarem-lhe a rotina, que não se vira ao espelho nessa manhã, nem sequer para se pentear.

Se Harry ou um dos outros entregadores falassem com a polícia e mencionassem o hematoma...

Tinha de falar com alguém. Tinha de falar com Simon. Só por via das dúvidas.

Ao passar pela sala de separação, a caminho do telefone no balcão da frente, olhou para Sam, que continuava alegremente a roer o seu pau de veado.

O estômago de Meg deu uma volta bizarra. Enquanto aguardava que lhe atendessem o telefona na LUM, prometeu a si mesma que, a partir daquele momento, ia certificar-se de que os paus de veado que Boone deixasse para Sam eram mesmo feitos de carne de veado.

Monty estava à porta da Esquadra de Chestnut, à espera que Kowalski chegasse com o carro-patrolha. O nevão da véspera era uma boa desculpa para visitar o Pátio sem parecer demasiado óbvio que estavam a acompanhar o líder do Pátio — e à procura de informações sobre o que acontecera em Jerzy.

— Hoje não me importava de ter café — comentou Monty ao entrar no carro. — Achas que as lojas do Pátio vão estar abertas?

— É difícil dizer — respondeu Kowalski, entrando no trânsito. — Os Outros não têm os estabelecimentos para ganhar dinheiro. Para eles é mais um passatempo e uma experiência, e é uma maneira de obterem bens e serviços sem terem de se deslocar a lojas geridas por humanos.

Não, é claro que não tinham de se preocupar com lucros. Quando se era proprietário e se tinha uma cidade inteira como imóveis, quaisquer outros negócios geridos por um Pátio eram supérfluos.

No entanto, quando chegaram ao Pátio, Monty viu os Outros ocupados a retirar a neve do parque de estacionamento, servindo-se de uma pequena escavadora para depositar a neve na caixa de uma carrinha. Viam-se luzes no Trincadela e na Ler e Uivar por Mais, mas não suficientes para se ter a impressão de que os estabelecimentos estavam abertos.

— Vamos confirmar a Estação do Intermediário — indicou Monty.

Meg Corbyn tinha a porta aberta. O mesmo se passava com o consulado, a julgar pelas luzes nas

janelas. E aquele acesso ao Pátio já estava limpo.

— Espera aqui.

Entrou e acercou-se do balcão. A cria de Lobo estava à entrada da sala Privada, a observá-lo.

— Bom-dia — cumprimentou Monty. — A Menina Corbyn está cá?

Como não esperava uma resposta, recuou, sobressaltado, quando, de repente, o lobacho se transformou num menino despido e gritou: — Meg! Está aqui o polícia humano!

— Quem...? — Meg apareceu e fitou o rapazito. — Ah... Sam? Está frio. Devias vestir-te.

O rapaz olhou para o corpo. Depois mirou Meg e riu-se.

— Não preciso de roupas. Tenho pelo!

E era verdade. Também tinha quatro patas e uma cauda quando passou por ela a correr e desapareceu de vista.

Meg parecia zozza quando se aproximou do balcão.

— Um desenvolvimento recente? — indagou Monty, fitando a porta. Certa vez vira um deles transformar-se de Lobo em criança. Tal como na altura, ficou de coração aos pulos quando viu a rapidez com que se transformavam.

— Muito recente — assentiu Meg. — Ainda não percebi as regras. Nem sequer descobri se existem regras.

Mirou-lhe o rosto e sentiu uma fúria a inflamá-lo, mas manteve a voz calma.

— E isso? Também é um desenvolvimento recente?

Meg suspirou.

— Foi um equívoco. Não volta a acontecer.

— Tem a certeza?

Simon Wolfgard entrou vindo da sala Privada.

— *Eu* tenho a certeza.

Não tocou em Meg, mas serviu-se das ancas e dos ombros para a forçar a afastar-se, garantindo que era ele que ficava à frente de Monty.

— Sr. Wolfgard — disse Monty. — Gostava de lhe dar uma palavrinha, se tiver oportunidade.

Um olhar demorado. O que veria Wolfgard? Um inimigo? Um rival? Talvez um aliado?

Sons vindos da divisão ao lado, como se alguém estivesse a saltar e a arfar com o esforço.

Meg fez menção de se virar para ver o que se passava, mas Simon abanou a cabeça.

— A LUM ainda não abriu — disse Simon. — Mas a Tess acabou de fazer café. — Olhou para Meg. — O teu está na mesa de separação, juntamente com um chocolate quente e queques. — Falou mais alto. — Os queques e o chocolate quente só podem ser consumidos por meninos vestidos.

Ouviu-se um ganido, seguido pelo clique de unhas no chão.

— Há alguma regra para quando o Sam tem de ser menino e para quando é Lobo? — perguntou Meg.

— Um Lobo levanta a perna e amarelece a neve. Um menino tem de usar a sanita — respondeu Simon.

— E isso resulta?

— Só se tiver de fazer xixi.

Monty tossiu com força para ocultar a risada.

— O seu agente que traga o carro para as traseiras — indicou Simon. — Limpámos muita neve, mas se não tiver o carro estacionado à frente da estação da Meg, é mais fácil para os carros de entregas. Espero por vós na entrada dos fundos do Trincadela.

— Menina Corbyn. — Monty inclinou a cabeça e saiu. Quando abriu a porta e olhou para trás, Simon Wolfgard fitava-o — e aqueles olhos ambarinos nada tinham de afável.

Ao chegar ao carro, deu ordem a Kowalski para que o levasse para as traseiras.

Ao pensar naquele olhar, interrogou-se se poderia haver mais algum «equívoco» que acabasse com uma nódoa negra nova em Meg Corbyn.

Assim que Montgomery saiu, Simon dirigiu-se a Meg.

— Aquele macaco tem andado a incomodar-te?

Olhos de coelho, sobressaltados com o inesperado.

— Não — balbuciou Meg.

— Ele deixa-te nervosa. — Farejara isso nela.

— Eu... — Hesitou. — Quando vejo a polícia, não é fácil lembrar-me de que não posso ser levada, de que eles não podem devolver-me...

Simon não pôde evitar um rosnido.

— Eles não te levam. O que mais? Ele estava zangado. Não tem o direito de estar zangado contigo.

Mais uma hesitação. Depois levou a mão ao lado esquerdo do rosto.

— Isto deixa-o zangado?

— Sim!

— Também o zangou a ele.

Foi preciso algum esforço, mas Simon recuou. Montgomery estava zangado com o hematoma? Uma reação que se equiparava à dele. Isso era bom. Era algo que compreendia em relação ao humano.

— O tenente Montgomery está à sua espera — lembrou Meg.

— Telefonaste para a loja. Para falar comigo.

— Para lhe dizer que os entregadores viram a nódoa negra e que algum pode dar parte à polícia.

— Os humanos fazem isso?

— Às vezes.

E noutras ocasiões não o faziam. Foi essa a verdade silenciosa que Simon lhe viu nos olhos cinzentos.

Observou-lhe o rosto e o cabelo bizarro com uma linha preta junto ao couro cabeludo.

— Sr. Wolfgard?

Um rangido no chão acima dele.

<Nathan?>

<Aqui.>

<Continua atento.> — Venho buscar o Sam à hora de almoço — disse a Meg.

Depois saiu, passando por Sam a caminho da porta das traseiras. As roupas do menino não estavam bem abotoadas, mas deixaria que fosse Meg a tratar disso, já que ele e Sam teriam de tratar

de outros assuntos assim que chegassem a casa.

Ao dirigir-se à porta dos fundos do Trincadela, reparou como o agente Kowalski estacionara o carro-patrolha virado para fora, para que o polícia não perdesse muito tempo a dar meia-volta quando quisesse sair.

Montgomery observava-o, com muitas coisas por dizer atrás daqueles olhos escuros.

Parecia que havia muita coisa a não ser dita naquele dia.

Levou-os para o estabelecimento. O cabelo de Tess continuava verde, mas agora havia madeixas castanhas à vista, o que significava que estava a acalmar-se. Serviu café a todos e levou-lhe uma travessa de bolos que, mesmo aquecidos, sabiam à véspera. Não que alguém o tivesse comentado. Ou comia-se aquilo que Tess oferecia, ou não se comia de todo.

Quando se aperceberam de que não tinham grande coisa a partilhar, ele e Montgomery andaram um pouco às voltas, mas ao escutar o que se encontrava nas entrelinhas do que era dito, levou Simon a perceber que Montgomery estava mais interessado em manter a paz do que ele. O seu único interesse era manter a sua espécie em segurança por todos os meios.

E enquanto falavam e andavam às voltas, compreendeu que Meg se incluía agora na sua espécie.

Asia parou o carro na zona de entregas à frente da Estação do Intermediário.

— Obrigado pela boleia — agradeceu Darrell Adams. Tinha a mão no puxador da porta, mas não a abria. Em vez disso, olhava para o muro cheio de Corvos.

Malfadados espiões. Asia sabia que Darrell a queria beijar, sabia que queria fazer muito mais. Já jantara algumas vezes com ele. Não era preciso muito para o pôr a falar, mas apesar de trabalhar no consulado, o seu manancial de informações era bastante reduzido. Era verdade que se tratava de um humano a trabalhar para os *terra indigene*, pelo que seria de esperar que não lhe contassem nada de muito importante. Não obstante, era mais um acesso ao Pátio. O problema era que se quisesse mantê-lo interessado e suficientemente afável para lhe garantir um favorzinho, Asia teria de lhe dar sexo. Não que se importasse de usar o sexo como parte do trabalho, mas os homens com quem dormira até à altura tinham posição social. Por outro lado, em breve ela teria de conseguir informações novas para os patrocinadores.

Contudo, aquelas aberrações de penas pretas estavam a ver, e dar boleia a alguém num dia nevoso não era um relato tão interessante como falar de umas esfregadelas em público.

— Se calhar é melhor eu entrar — disse Darrell.

— Se calhar é — concordou Asia. — Fica bem. — Não se ofereceu para lhe dar boleia até casa dela. Não ia deixar que ele lhe entrasse no apartamento e não queria uma cena incómoda se ele a convidasse para o dele. Além disso, assim que ele entrasse, Asia queria ir espreitar Meg — e, com sorte, dar mais uma vista de olhos ao cachorro.

Antes de Darrell chegar à porta do consulado e de ela desligar o carro, do acesso entre os edifícios surgiu um carro-patrolha, e Asia estava mesmo no seu caminho. O veículo que conduzia não era invulgar, mas estava estacionado no parque com frequência suficiente para que alguém nele reparasse.

Ofereceu então aos homens no carro um sorriso radioso e um aceno entusiástico antes de se dirigir

à saída. E só voltou a respirar quando se afastava e teve a certeza que a polícia virara para o outro lado.

Quando Simon foi buscar Sam, o sobrinho voltara a ser peludo. Blair levava o Cairo de Meg até à estação. Como ela tencionava fazer compras na Praça do Mercado durante a sua hora de almoço, Simon levou o Cairo e regressou ao Complexo Verde.

Estacionou num lugar para visitas, levou Sam ao colo a atravessar a estrada e deixou que o lobacho alçasse a perna antes de entrarem.

Fechou e trancou a porta do apartamento.

Estar trancado com medo durante dois anos fazia diferença a muitos níveis, mas pelo bem de ambos, Simon não podia deixar que fizesse diferença nos níveis mais importantes. Não com Elliot a ligar-lhe a dizer que o presidente de Lakeside continuava a reclamar quanto à incapacidade da polícia de deter a perigosa ladra que se parecia com Meg Corbyn. Não com alguém a levar uma doença desconhecida para a zona ocidental de Thaísia. Não, sendo essencial para o bem-estar de todos que ele permanecesse líder daquele Pátio.

O que significava que nada nem ninguém poderiam pôr em causa ou minar essa liderança, fosse de que maneira fosse.

Foi a forma arrogante como Sam erguia a cabeça, tão certo de que a partir daquele momento teria tudo o que quisesse, que fez estalar a paciência de Simon. Derrubou o lobacho num abrir e fechar de olhos e virou-o de costas. Com uma mão pressionou o peito de Sam, enquanto se debruçava sobre a cria, as presas a alongarem-se, os olhos fitos na garganta vulnerável.

<O líder sou eu, não és tu>, rosnou Simon. <Sou eu que dou as ordens, não és tu. Esta manhã deixei-te desobedeceres-me, mas isso acabou. *Acabou*, Sam. Se não obedeces por estares a morar aqui, vais ter de morar com o Elliot no Complexo dos Lobos. Se mesmo assim continuares sem obedecer, vais morar com uma alcateia fora deste Pátio.>

Sam transformou-se em menino. Simon pressionou o peito com mais força e aproximou as presas da garganta vulnerável.

— Porque é que não posso ficar com a Meg? — lamuriou-se Sam. — Eu quero ficar com a Meg.

— És um Lobo. A Meg é humana. Tens de aprender muitas coisas que ela não te pode ensinar. *E não tens escolha*. — Simon aguardou, mas o menino não levantou objeções. — Tens de voltar a estar com Lobos. Tens de voltar a aprender.

Os olhos de Sam marejaram-se de lágrimas.

— E a Meg?

— A Meg vai ser a recompensa pelo bom comportamento. — Tinha a certeza de que isso faria com que Meg não o visse com bons olhos, mas não ia preocupar-se com isso naquele momento. Também ela tinha de aprender. Meg nunca vira um Lobo adulto. Ele iria tratar do assunto.

Assim que Simon libertou Sam, o menino voltou a transformar-se em lobacho e correu para a gaiola.

Também isso tinha de mudar.

No entanto, enquanto aquecia comida para ambos, interrogou-se se estaria a tentar retirar a

companheira de aventuras a Sam por acreditar realmente que isso seria o melhor para ele e Meg, ou se o estava a fazer por se sentir excluído.

No Dia da Água, Simon colocou a gaveta do dinheiro na caixa registradora e abriu as portas da LUM. Não estava com o melhor dos espíritos para lidar com clientes, mas o trabalho com a papelada não impediria que pensasse no que ia fazer quando Meg fechasse a estação à hora de almoço.

A véspera fora soalheira e os limpa-neves da cidade haviam deixado as estradas principais de Lakeside abertas, a par das ruas residenciais. Assim sendo, nesse dia todos os humanos andavam ao ar livre, como se a borrasca da noite do Dia do Vento os tivesse retido durante uma semana, em vez de os ter abrandado quarenta e oito horas, no máximo. O parque de estacionamento para clientes do Pátio estava lotado. Havia humanos a treinar no Corre & Bate, entre eles a Ruthie, companheira do agente Kowalski. A maior parte das mesas do Trincadela estavam ocupadas, e agora que a LUM abria as portas, imaginou que muitos desses clientes entrassem pela porta de ligação para fazer compras, dar uma vista de olhos, ou pura e simplesmente ter um motivo para ficar fora de casa mais um pouco.

Síndrome do isolamento, assim lhe chamavam os humanos, uma expressão que não fazia sentido para os *terra indigene*.

Quando havia uma tempestade, dormia-se ou ficava-se quieto num sítio seco e quente.

Quando a borrasca passava, saía-se para caçar e para brincar. Não era preciso perder a cabeça por isso. Querer fazer uma coisa e depois a outra era sabedoria que Namid concedia a todas as suas criaturas.

À maioria, pelo menos.

Não que ele se importasse. Os humanos acabariam por comprar um livro, ou um exemplar do número limitado de revistas oferecido pela livraria, e depois partiriam para o frio, a caminho do pouso seguinte na sua migração, antes de acabarem por regressar aos ninhos.

John acercou-se do balcão da caixa, com uma expressão preocupada no rosto normalmente alegre.

— Bom-dia, Simon. Vi o Sam no Complexo dos Lobos. Está tudo bem?

— Esta manhã ficou a brincar com os outros pequenos.

— Como lobacho?

Ah, aí estava o motivo de preocupação. Os Lobos haviam ficado a saber que Sam se transformara finalmente em humano, mas a maior parte não tivera oportunidade de ver o menino, não tivera possibilidade de identificar quem Sam era na sua outra pele, quer através da visão, quer através do cheiro.

— Provavelmente — replicou Simon, mantendo a voz calma. — Devia passar metade da manhã na forma humana, mas acho que ao pequeno-almoço já tinha esgotado a paciência do Elliot e foi autorizado a mudar. — Não censurava Elliot pela decisão. Deixar que Sam ficasse como Lobo era mais fácil do que estar sempre a ouvir que *A Meg faz assim* e *A Meg não faz assado*.

Meg era agora a bitola com que deveriam avaliar tudo quanto era humano. É claro que o menino também insistira que Meg fosse à escola das crias, pois havia coisas que ela *não* sabia.

Simon não acreditava que Meg quisesse aprender a destripar um coelho. Talvez se enganasse, mas

não era capaz de a imaginar a derrubar um coelho e a esventrá-lo com os dentes.

Talvez o visualizasse se se esforçasse um pouco mais?

— Parece que temos um bando de universitárias aqui ao lado — indicou John. — Queres que reforce a mesa das promoções ou mudo e trato da segurança?

Sentiu o odor de outros dois Lobos antes de os ver. Quando chegaram à entrada da livraria, Nathan estava na sua forma humana e Ferus aproximava-se como Lobo.

Simon viu Ferus a instalar-se no canto que dava ao Lobo um panorama completo da porta e da frontaria do estabelecimento. Como normalmente ele ou Vlad estavam na loja durante o horário de expediente, regra geral não tinham mais do que um Lobo como segurança acrescida. Se era a vez de Ferus servir de Lobo de guarda, porque estaria Nathan com ele?

— O Blair está à espera de problemas?

Nathan abanou a cabeça.

— O Henry disse que aqui devia haver uma caixa de livros para a nossa biblioteca. Esta manhã ele quer trabalhar com a madeira e eu não estava a fazer nada de especial, por isso disse que vinha buscar a caixa e que a levava para a Praça do Mercado. — Sorriu a Simon. — Além disso, amanhã é Dia da Terra, e eu quero passar um bocado sossegado. Se ajudar com os livros novos, tenho direito de escolha.

— Sempre podes comprar um — sugeriu John.

Nathan limitou-se a rir-se.

Como a presença de Nathan lhe garantia um defensor adicional naquela parte do Pátio, Simon não via motivo para não usar o Lobo.

— Antes de ires buscar a caixa, para pelo Corre & Bate e pelo Centro de Convívio. Vai lá acima; vê toda agente que lá está. A Ruthie estava lá quando olhei pela janela. Ela é a fêmea de um dos polícias. Vigia-a. Demos-lhes um livre-trânsito para fazerem compras na Praça do Mercado. Ele conhece as regras, mas isso não quer dizer que não haja quem tente esgueirar-se com ela se decidir fazer compras antes de ir para casa.

— Eu vou lá e certifico-me de que todos veem que os Lobos estão de guarda. A Marie está a vigiar lá em cima, mas a maior parte dos humanos não se lembra dos Falcões quando tentam fazer qualquer coisa parva.

A maioria dos seres humanos também não se lembrava dos Corvos, nem de como eles eram capaz de transmitir um alarme por todo o Pátio mais depressa do que a maior parte dos humanos era capaz de arranjar problemas.

Nathan saiu. John foi ao armazém buscar livros. E Simon observou os primeiros clientes a entrarem na LUM vindos do Trincadela. Esforçou-se por não rosnar quando reparou em Asia Crane entre esses clientes. Não estava com a disposição certa para aturar Asia e esperava que ela comprasse um livro e se fosse embora.

— Olá, jeitoso — cumprimentou ela ao insinuar-se junto do balcão. — Há muito tempo que não te via. Tens andado a esconder-te de mim?

Havia outro cheiro nela. Era algo familiar, mas leve e estranho o suficiente para não ser reconhecível de imediato. Simon tinha vontade de se debruçar sobre o balcão para a farejar melhor,

mas ela talvez confundisse esse gesto com interesse pelos seios dela, algo que regra geral era seguido por um convite para fazer sexo. Uma vez que Simon não estava interessado nem em seios, nem em sexo, optou por uma abordagem diferente para apurar o que queria saber.

<Ferus. Vem cá descobrir contra quem anda ela a esfregar-se.>

— Procuras alguma coisa em especial, Asia? — perguntou Simon.

Asia inclinou-se sobre o balcão, oferecendo-lhe uma vista desimpedida pela camisola abaixo.

— Tens alguma coisa em mente?

Ao sentir o focinho de Ferus entre as pernas, Asia soltou um guincho bastante satisfatório e deu um salto quase suficiente para aterrar no balcão.

<Tem o cheiro do Darrell no casaco, mas não no sítio dela para o sexo>, informou Ferus. Depois espirrou e regressou ao seu lugar ao canto.

— Grande porra! — gritou Asia. — O que foi aquilo?

Simon tirou os óculos do estojo e pô-los.

— Curiosidade. Pelo menos não encontrou nada que quisesse trincar. — Ostentou um sorriso cheio de dentes e levantou o tom de voz. — Hoje temos a loja um bocado cheia. Há muita gente a querer ter uma reserva de livros, para o caso de termos nova borrasca. A minha assistente pode ajudar-te a encontrar alguma coisa?

Asia pareceu ter vontade de lhe rasgar o pescoço, e Simon não teve dificuldade em imaginá-la a *ela* a esquartejar um coelho.

— Não quero nada *teu* — asseverou, e marchou para fora da livraria.

Simon esperava que assim fosse. Esperava que ela fizesse sexo e que deixasse de o andar a cheirar a *ele*.

Fitou o bando de universitárias de boca aberta a assistir ao drama que se desenrolava.

— E vocês? Estão interessadas em comprar livros?

Muitas promessas de que ali estavam para comprar livros. Apressaram-se a chegar a prateleiras onde não fossem vistas. Simon meneou a cabeça e ouviu John a falar com as raparigas durante o seu regresso do armazém, apercebendo-se do tom empregue, mas não das palavras ditas.

As raparigas haviam conseguido o que procuravam. Comprariam alguns livros como paga pela possibilidade de transmitirem às amigas o que haviam visto, *em primeira mão*, um Lobo a cheirar *em público* o sexo de uma mulher.

Com um suspiro, Simon pegou no monte de encomendas de livros que tinha atrás do balcão. Chegara a não ter o suficiente com que se ocupar. Agora, não tinha mãos a medir.

Apesar de se andar declaradamente a atirar a Simon, Asia esfregava-se em Darrell, um humano que trabalhava no consulado. Elliot não dera voz a queixas acerca do indivíduo, o que significava que Darrell seria um bom trabalhador, mas não era o tipo de macho que Simon imaginava pudesse interessar a Asia. Parecia demasiado banal para uma fêmea que pretendia dar umas voltinhas com as feras.

Simon rosnou com a frustração. Havia qualquer coisa que lhe estava a escapar. Ele não pensava como um humano, pelo que havia qualquer coisa a escapar-lhe.

Infelizmente, não havia humanos em quem confiasse o suficiente para lhes perguntar o que estaria

de errado com o interesse de Asia por Darrell.

Maldito Lobo! Ele costumava deixá-la namoriscar. Agora, tratava-a como se fosse uma cascavel que ele pretendesse pisar. Pensando bem, Simon começara a tratá-la mal mais ou menos na altura em que a nova Intermediária aparecera.

Mas ele não podia estar a acasalar com aquela débil desenxabida! Pelo que Darrell lhe contara — só entre eles, claro —, Simon Wolfgard não recebia uma fêmea desde que a irmã fora morta. Quando Asia soubera disso, a rejeição por parte de Simon aos avanços dela passou a fazer mais sentido. Mas a forma como ele a deixara à vista de todos pelas razões erradas podia transformar-se num desastre profissional. E que raios, ela não queria ter de se contentar com Darrell por Meg lhe ter comprometido qualquer hipótese com Simon.

Quando chegou ao carro, Asia mirou a estrada e viu uma carrinha branca a passar. E sorriu.

Meg fitou a cama de cão vazia, depois desviou o olhar e disse para consigo que se concentrasse na separação da correspondência. Já se vira obrigada a rever alguns dos montes ao aperceber-se de que trocara correio das Câmaras com correspondência dos Corvos. Se por acaso essas missivas chegassem ao Complexo Corvino, as hipóteses de regressarem incólumes às mãos dos Sanguinati... bem, eram menos do que nulas.

Sam precisava de confraternizar com a sua espécie, tinha de passar tempo com os outros lobachos. Ele já perdera dois anos, e Meg não imaginava que houvesse muitos jovens da idade dele no Pátio, mesmo de outras espécies. Assim sendo, ele tinha de passar mais tempo com Lobos, e ela estava satisfeita por poder trabalhar sozinha sem interrupções.

É claro que estava.

Ainda nem há duas semanas o conhecera. Como era possível que sentisse a ausência deles — dele! — de tal maneira se o conhecia há tão pouco tempo?

Presta atenção, admoestou-se. Os póneis chegam não tarda nada, e eles estão à espera que tenhas correio para entregar.

Concentrou-se no trabalho e procurou ignorar o silêncio que nem a algaraviada na rádio conseguia preencher.

Simon olhou para o relógio na parede atrás do balcão e tentou não repreender Vlad por este estar atrasado.

O Sanguinati observou o Lobo.

— Aconteceu alguma coisa?

Simon abanou a cabeça.

— Tenho coisas para fazer, só isso.

Vlad olhou em seu redor.

— Estamos a dar abrigo, ou os seres humanos estão mesmo a comprar livros?

— Um bocado de cada coisa. As vendas, hoje, têm sido boas. A Heather insistiu em termos certos livros que eu normalmente não escolheria para a livraria por dar ideias erradas aos humanos.

Vlad pareceu divertido.

— Referes-te ao tipo de histórias em que o Lobo não come a fêmea depois de fazer sexo com ela?

— Depois de a Asia e eu termos trocado palavras desagradáveis esta manhã, e de o Ferus ter enfiado o focinho nas partes baixas dela, esgotámos os romances com Lobos como amantes. Se deixares um dos clientes exangues, de certeza que esgotamos os livros com os vampiros.

— A Heather lá sabe — resmungou Vlad.

Simon passou por Vlad sem responder. Verificar-se-ia um aumento no número de raparigas que iriam passear aos bosques e que não voltariam a ser vistas. Acontecia sempre isso quando surgiam histórias que representavam os *terra indigene* como sendo humanos peludos que só queriam ser amados.

A maior parte dos *terra indigene* não queria amar humanos; queria comê-los. Porque seria que os humanos tinham tanta dificuldade em perceber isso?

— Ainda voltas? — perguntou Vlad.

Simon hesitou.

— Não sei.

Dependeria muito da forma como Meg reagisse ao ver um Lobo adulto.

Estava quase na altura de encerrar para o almoço. Dizia-se pelo Pátio — com origem em Jenni Crowgard e suas irmãs, é claro — que nesse dia ficariam disponíveis livros novos na biblioteca. Como era véspera do Dia da Terra, Meg imaginava que tivesse muito tempo entre mãos, pelo que queria escolher um ou dois para ler. Talvez passasse também pelo Música e Filmes para levar um filme. E tinha de ir buscar algumas coisas à mercearia a caminho de casa. Talvez ligasse para a Massa Quente e encomendasse uma piza antes de sair da estação ao fim do dia.

Havia muitas coisas que poderia fazer no dia seguinte. Muitas coisas.

Meg desligou o rádio e ouviu os sons abafados vindos da sala dos fundos.

— Merri Lee? És tu? — Nos últimos dias, era Meg quem passava pelo Trincadela, mas talvez Tess tivesse enviado alguém com a refeição. — Julia?

Aquilo que abriu a porta e entrou na sala de separação não era humano nem Falcão. O Lobo tinha uma beleza terrível, e era muito mais do que o animal que vira em imagens, que empalidecia quando comparado com o que os *terra indigene* haviam feito a partir dessa forma. O Lobo que se acercava era grande e musculoso, com uma pelagem escura, salpicada de pelos de um cinzento mais claro. Meg não sabia se era a pelagem ou qualquer outra coisa na natureza dele que o faziam parecer menos substancial quando se mexia, que fazia com que esforçasse os olhos para o *ver*.

Quantas pessoas haviam julgado estar a alucinar até ao momento em que eram atacadas?

Os olhos ambarinos denotavam uma inteligência feroz — e uma frustração irritada que Meg reconheceu.

— Sr. Wolfgard? — O Lobo meneou a cabeça. — Simon?

O Lobo abriu a boca num sorriso lupino.

Reconhecera-o. Um ponto a favor dela.

Depois voltou a observá-lo. Sam ia crescer e ficar assim?

— Uau.

Simon abanou a cauda e pareceu satisfeito. Depois começou a farejar a sala, soltando rosnidos agradados quando cheirou o canto que tinha o ninho de ratos. Meg afastou-se quando ele chegou à sua zona da divisão, e teve a impressão notória de que a aspiração dos odores seria muito mais exaustiva se ela houvesse ficado quieta. Recuou então mais um passo e não disse nada quando ele passou o nariz à volta da cama de Sam.

Simon dirigiu-se à sala dos fundos, com a espádua a roçar-lhe a cintura ao passar por Meg.

Ela deixou-se ficar onde estava.

Era *aquilo* que estava escondido por baixo da pele humana? Aquela força, aqueles *dentes*? Não admirava que os Lobos não a deixassem vê-los até que se habituasse a viver no Pátio.

Ter Sam a correr na direção dela a fingir caçá-la fora assustador. Ser perseguida por uma alcateia de Lobos adultos...

Quem entrasse no Pátio sem convite era louco!

Os Lobos eram grandes e assustadores, e tão fofos; como poderia alguém resistir a abraçá-los para sentir aquele pelo todo?

— Esquece lá o fofos — resmungou Meg. — Lembra-te da parte do grandes e assustadores.

Foi então que ouviu sons que a fizeram entrar a correr na sala dos fundos.

— O que estás a fazer? — gritou.

Simon abrira os armários e encontrara os biscoitos de cachorro. A tampa rasgada da caixa encontrava-se em pedaços pelo chão. Mordeu um dos lados da caixa e abanou a cabeça, espalhando biscoitos pelo soalho.

— Para com isso! — ralhou Meg. — Para! Vais ser um mau exemplo para o Sam.

Meg não pensou, nem sequer considerou a estupidez do que estava a fazer. Limitou-se a agarrar o outro lado da caixa e a tentar arrancar-lha.

Nunca jogar à corda com um Lobo que pese o dobro, pensou Meg ao aperceber-se de que os seus sapatos tinham mais tração, mas ele dispunha de mais patas e de mais experiência no jogo.

Antes que Meg descobrisse como acabar com a disputa com elegância, a caixa rasgou-se e os biscoitos saltaram por todo o lado. Simon largou a caixa e atirou-se aos biscoitos. Lambeu um do chão — *nhoca, nhoca* — e engoliu antes de passar ao seguinte.

— Não comas do chão! — Meg empurrou-o para longe dos biscoitos, fazendo-o soltar um rosnido surpreendido.

Entreolharam-se, ele com os lábios arreganhados a mostrar um conjunto impressionante de dentes, e ela a aperceber-se de que talvez já tivesse passado muitos anos desde que alguém se atrevera a empurrá-lo da comida que ele desejava.

Meg recuou e tentou fingir que estava a lidar com uma versão grande do lobacho Sam, pois isso parecia-lhe mais seguro do que tratar com Simon, o Lobo dominante... e seu patrão.

— Está bem — exclamou ela. — Vá, enfarda os biscoitos. Mas da próxima vez que o Sam cá vier, és *tu* que explicas porque é que já não há biscoitos.

Meg virou-lhe as costas e dirigiu-se à sala de separação, continuando a andar até chegar ao balcão na sala de entrada, as pernas a tremer-lhe cada vez mais a cada passo que dava.

— Ele que fique com os biscoitos — resmungou, enquanto via uma carrinha branca a entrar na

zona de entregas. — Talvez assim fique cheio e se esqueça de querer comer a fêmea irritante.

Pegou na prancheta que tinha atrás do balcão e aguardou a última entrega da manhã.

Henry saiu para o Pátio e fechou a porta do estúdio. A madeira deixara de falar com ele havia alguns minutos, pelo que guardara as ferramentas e arrumara tudo. Ia comer alguma coisa ao Carne-e-Legumes e depois trataria dos livros novos para a biblioteca — os que restassem. Felizmente teria uma lista, pelo que saberia quais os livros a estarem nas prateleiras.

Os Corvos no muro estavam inquietos — e silenciosos.

<O que foi?>, indagou Henry.

<Entrou um estranho com uma caixa. Está a falar com a Meg.>

Não havia nada de estranho nisso. Agora que finalmente dispunham de uma Intermediária decente, estavam a receber cada vez mais entregas.

Inspirou ar frio e limpo — e expirou fúria quente quando o cheiro vindo do outro lado do muro chegou a ele. Pertencia ao intruso que se esgueirara para o Pátio quando Meg mal começara a trabalhar com eles e vivia no apartamento de serviço.

Um intruso que se encontrava agora na estação, a falar com Meg.

<O Simon?>, perguntou aos Corvos.

<Lá dentro com a Meg>, respondeu Jake.

<Fiquem quietos.> Henry abriu a porta da sala de trabalho, e descalçou as botas e as peúgas.

Deixou-as no interior e fechou a porta.

O *Intermédio* não era aconselhado nos Pátios. O *Intermédio* era demasiado perturbante para os humanos, provocava demasiado receio. Naquele momento, isso pouco lhe importava. Transformou aquilo de que precisava. Os pés mudaram de forma e ganharam almofadas, pelo e garras. As palmas das mãos ganharam almofadas e os dedos transformaram-se em dígitos gordos com garras.

A neve amontoada contra o muro do quintal formava uma rampa, e Henry subiu a neve e desceu do outro lado do muro, acorando-se ao lado do monte de neve enquanto analisava a carrinha. Depois, mantendo-se baixo, cruzou a zona aberta e chegou ao lado do passageiro.

Olhou para o interior da estação. Meg estava a falar com o intruso.

Não parecia querer estar a falar com aquele macaco. Mas ele sim. Ah, sim. Ele parecia.

Simon perseguia um biscoito pelo chão, apreciando o jogo tonto.

Meg não ficara perturbada quando o vira como Lobo. Na verdade, fora nesciamente corajosa, atrevendo-se a afastar o líder da comida. E depois tinham *brincado*. Não se lembrava de alguma vez ter *brincado* com um ser humano.

Perseguir um humano que se fosse comer não contava.

Teria jogado à corda com Sam? E ao atirar? Simon não imaginava que ela fosse forte o suficiente para atirar fosse o que fosse para muito longe, mas mesmo assim, poderia ter sido divertido. Podiam brincar os três. Podiam..

Simon ergueu a cabeça, rosnando baixinho, mas sem saber o que sentira que o deixasse à beira do ataque.

Entrou na sala de separação, farejou o ar... e percebeu.

Meg não estava apenas inquieta. Meg estava com *medo*.

A pele formigou-lhe com tamanha intensidade que Meg mal conseguiu impedir-se de largar a prancheta e a caneta para pegar na navalha e aliviar a sensação terrível que surgira quando o homem entrou na estação. Tudo nele estava *mal*, mas o indivíduo não fizera nada.

— Deves sentir-te muito sozinha, sempre a trabalhar aqui sem ninguém — comentou ele.

— Ah, não. Há sempre alguém a entrar e a sair. — Já para não falar dos Corvos que estavam atentos a quem entrava e saía.

Meg tentou ignorar o formigueiro e mirou a traseira da carrinha. Não havia informação suficiente, e tinha demasiados espaços em branco. Afinal de contas, qual era aquele serviço de entregas?

Desistiu da carrinha e dedicou-se à encomenda, desviando o olhar para ver mais uma vez o homem. Corpulento. Aspeto rude. Sem nome bordado no bolso da camisa. Sem logótipo ou identificação da empresa no blusão.

— Esta etiqueta não tem o nome da empresa — indicou Meg. A caixa era alta, permitindo que Meg visse a etiqueta, mas não que a lesse com facilidade. Mais um ponto negativo para aquele serviço de entregas: o entregador nem se dignou a inclinar a caixa para que ela a visse. — Quem é que mandou isto?

O homem encolheu os ombros

— Não faço ideia.

— Devia estar nos seus papéis. — O tom da voz de Meg ficou mais agudo. A expressão nos olhos do indivíduo lembrava-a dos Nomes Ambulantes quando uma das raparigas se atrevia a fazer uma pergunta que não se referisse a uma das lições. — Para quem é?

— É para um *deles*. Isso faz diferença?

A voz dele assumira um toque feio. No entanto, ele era mais assustador quando tentou voltar a soar simpático, como se Meg não se apercebesse da fealdade subjacente às palavras.

— Desculpe lá — lamentou-se ele. — Há bocado tive de fazer umas entregas muito chatas. Fizeram queixa de coisas que eu não posso corrigir. Percebe?

Era possível, embora ela imaginasse que as reclamações fossem merecidas. Meg pousou a caneta e a prancheta em cima do balcão e alcançou a caixa, pretendendo virá-la, na esperança de pelo menos identificar a que complexo se destinava. Se nem isso fosse capaz de ler, iria recusar a entrega e redigir um memorando a Simon e a Vlad, para o caso de alguém aparecer à procura da encomenda.

O homem mexeu-se com rapidez, agarrando-lhe o punho com força.

— E se viesses comigo? — disse ele, ostentando um sorriso quando percebeu que ela não era capaz de se libertar. — Vamos comer qualquer coisa e vamos conhecer-nos melhor.

— Não. — Meg torceu o braço, procurando libertar-se. — Largue-me o pulso!

— O que é que vais fazer? Arrancar-me a mão à dentada?

Simon saltou vindo da sala de separação. Não se preocupou com a mão. O impulso levou tão longe sobre o balcão que os dentes falharam por pouco o rosto do indivíduo. Este largou-a e recuou para a porta.

— Grande cabra! Ia só convidar-te para almoçar. Não era preciso atiçares a merda do teu cão!

O «cão» rosnou com tanta selvajaria que o homem saiu a correr da estação e foi tropeçando até à carrinha, os movimentos de tal modo violentos que os pneus do lado do condutor chegaram a levantar-se do chão por um instante. Mas não houve tempo para pensar nisso, pois Simon usou o corpo para a empurrar para o interior da sala de separação.

Ergueu-se sobre as patas traseiras e transformou-se, mas não reverteu completamente à forma humana antes de a agarrar, e a sua fúria, a par do aspeto enquanto se apresentava como uma mistura bizarra de humano e Lobo, gelou-lhe a pele.

— Onde está? — Simon aproximou-a e começou a farejá-la. — *Onde está?*

Meg tentou afastá-lo, perturbada com a sensação daquela pelagem a cobrir um peito humano.

— Onde está o quê? — Quando o híbrido se baixou para lhe farejar as ancas e a cintura, Meg gritou e debateu-se para se libertar.

— Onde está o corte, Meg? — rosnou ele.

— Não fiz nenhum corte! — Começou a esmurrá-lo. Simon parecia algo saído de um pesadelo, e isso aterrorizava-a. — Pare, Simon! Largue-me!

Afastou-se dele, indo bater contra o balcão no momento em que uma mão que ainda não era completamente uma mão lhe puxou a camisola. Ouviu o som de tecido a rasgar-se.

E ouviu a respiração arrastada do Outro enquanto lhe fitava a parte superior do braço esquerdo. — Não fiz um corte — asseverou ela, tentando não chorar. — Estava na sala dos fundos consigo, e depois estava aqui a tentar lidar com o entregador.

— Mas sabias que ele era mau — argumentou Simon. — *Tu sabias.*

— Mas não por me ter cortado! Não foi por causa de uma profecia. Ouviu-me a descrever uma visão?

— Não é preciso dizeres as palavras em voz alta!

Meg não percebia porque estaria ele tão zangado com a possibilidade de um corte. Afinal de contas, agora a escolha pertencia-lhe. Contudo, Meg tinha noção de que havia pormenores que ele não compreendia acerca das *cassandra sangue*, e a avaliar pela forma como ele lhe encarava as cicatrizes, sabia que não eram corretas. Pelo menos isso ele sabia.

— A maior parte das pessoas só sabe da euforia, do êxtase que as profetisas de sangue sentem com um corte. — Simon meneou a cabeça para mostrar que estava a ouvir. — E existe euforia. Existe um êxtase que se assemelha a um prazer sexual prolongado. Mas primeiro, Sr. Wolfgard, existe dor. Logo quando a pele é cortada, nos momentos antes de a profetisa começar a falar, há muita dor.

Simon não gostava disso. Meg percebia como ele se sentia repugnado com isso pela quantidade de vermelho que lhe tremeluzia nos olhos ambarinos.

— Sabe como se castiga uma rapariga como eu? — Ergueu a mão direita e indicou as cicatrizes diagonais no braço esquerdo. — Prendem-na à cadeira, como sempre. Depois amordaçam-na. E finalmente, o Controlador senta-se na cadeira dele enquanto um dos Nomes Ambulantes pega na navalha e corta visões antigas, profecias antigas, e cria uma coisa nova e terrível. Ficamos com uma série de imagens misturadas sem pontos de referência, sem uma âncora. E como está amordaçada, a rapariga não consegue falar. As palavras têm de ser ouvidas, Sr. Wolfgard. Quando uma profecia não

é dita, quando não é partilhada, não há euforia. Só há dor.

Simon aproximou-se dela, os olhos ainda presos ao braço da jovem. Ergueu uma mão, mas os dedos terminavam ainda em garras de Lobo que pairaram sobre a pele frágil.

— Porque te castigaram?

Mais do que uma vez. Podia contar o número de vezes que ela tentara desafiar o Controlador e os Nomes Ambulantes. Uma zona do braço de Meg era um quadriculado de cicatrizes. Aquilo que ela vira e suportara poderia tê-la ensandecido. Em vez disso, as imagens haviam-se fundido num padrão que lhe mostrara como fugir.

— Menti — disse ela. — Havia um homem. Um homem muito mau. Era um dos clientes favoritos do Controlador que geria o complexo onde eu estava. Esse homem fazia coisas más a meninas pequenas. Ele fazia muitas viagens de negócios e tinha encontrado duas meninas de que gostava em cidades diferentes. Uma profecia disse-lhe que podia raptar uma das meninas sem que ninguém soubesse. Mas se levasse a outra, ele seria apanhado e morreria. Pagou por outra profecia que lhe diria qual a menina com que podia ficar sem que fosse apanhado.

— Deste-lhe as imagens erradas, o lugar errado, levaste-o a tomar a decisão errada. — Meg assentiu.

— Antes que pudesse magoar a menina, a polícia encontrou-o e apanhou-o... e matou-o. — Tentou cobrir as cicatrizes com a mão, mas eram demasiadas. — O Controlador recebia bastante dinheiro com este cliente, por isso ficou muito zangado quando ele morreu. Fui presa à cadeira e castigada várias vezes por o cliente ter morrido. — Engoliu em seco, com uma sensação de náusea. — A dor é horrível. Não tenho imagens que transmitam a sensação. Por isso, nunca me cortaria para ficar em silêncio, Sr. Wolfgard. Não sem um bom motivo.

Simon parecia menos zangado, embora Meg julgasse que ele ainda não estava convencido.

— Se não te cortaste, como sabias que o entregador era mau?

Meg permitiu-se libertar um pouco da fúria que ela própria sentia.

— Eu presto atenção às coisas, e ele não se comportou como os outros entregadores que aqui vêm! — Como a sensação a preocupava a ponto de querer que mais alguém o soubesse, Meg acrescentou: — E aquele maldito formigueiro começou assim que ele entrou na estação.

Simon voltou a menear a cabeça.

— Formigueiro?

— Não sei como o descrever. É enlouquecedor! Costumava sentir este formigueiro imediatamente antes de ser cortada. Agora sinto-o todos os dias, e só quero cortar-me e cortar-me para que pare!

Simon observou-a.

— Talvez isso seja algo natural na tua espécie quando não estão presos. Talvez esse formigueiro seja a maneira de o teu corpo te dizer que há qualquer coisa que não está bem. Se eu ouço um chocalhar perto de um rasto de caça, não preciso de ser picado para confirmar que há por ali uma cobra. Talvez os teus instintos estejam a despertar, agora que vives fora do complexo. Para um Lobo, isso é bom. — Meg não pensara nas coisas por esse prisma. — O que te disse o teu instinto acerca do homem? — indagou Simon.

O rosto mudara para uma forma humana, salvo as orelhas. Estavam mais pequenas do que há uns

minutos, mas continuavam a ser orelhas peludas de Lobo, o que fazia com que fosse difícil para Meg estar concentrada com aquelas orelhas às voltas para captarem os sons no exterior da construção e depois a virarem-se para ela, quando Meg falava. E havia qualquer coisa no modo como ele a fitava que lhe dizia que Simon pretendia confirmar se o instinto de Meg era fidedigno.

— Os camiões e as carrinhas de entrega têm o nome da empresa de lado, ou na traseira, e eles estacionam de modo a que eu veja o nome antes de o motorista entrar na estação — explicou Meg. — Os homens têm o nome bordado nas camisas, ou então trazem um cartão com a fotografia, e normalmente os blusões têm o nome ou um logótipo da empresa. Eles *querem* que eu saiba quem são e onde trabalham. Aquele homem não tinha cartão, nem sequer um logótipo na farda. A carrinha não tinha nome. A matrícula traseira estava coberta de neve e não se conseguia ver o número. E a encomenda! — A voz subia de tom, agora que refletia em tudo o que não estava bem. — Ele não me soube dizer qual a empresa que a tinha enviado, nem para quem era. A etiqueta não tinha o nome da empresa e a letra era tão má que não consegui ler para quem seria. As empresas que fazem negócio com o Pátio nunca enviariam uma encomenda assim! — Pensou no que acabara de dizer. — Simon — murmurou. — Nenhuma das empresas que fazem negócios com o Pátio enviaria aquela encomenda.

Simon não precisou de a ver empalidecer para saber aquilo que lhe ia na mente.

Uma bomba.

Correu para a sala de entrada e saltou o balcão. Simon agarrou na caixa e correu para a porta, abrindo-a com o ombro. Depois deu alguns passos a afastar-se da estação para ter margem de manobra e atirou a caixa, que voou sobre quase toda a área de entregas e foi aterrar perto da entrada para a estrada. A caixa deslizou pela camada restante de neve e deteve-se na beira do passeio, quase caindo para a rua.

Os pedestres recuaram. Os condutores buzinaaram e guinaram os veículos quando viram a caixa a deslizar e a aparecer-lhes no caminho.

Depois, as pessoas avistaram-no e começaram a gritar. Algumas limitaram-se a dar meia-volta e a fugir. Outras correram para o meio do trânsito e por pouco não foram atropeladas.

A porta do consulado escancarou-se e Elliot, parecendo exangue, gritou: — Simon! Estás entre formas!

Simon não respondeu. Em vez disso, ergueu a cabeça e uivou uma Canção de Batalha.

Os Corvos alçaram de imediato voo do muro de pedra, grasnando os seus alertas.

Simon voltou a uivar. Teve a sua resposta na forma de uivos da Praça do Mercado, do Complexo de Serviços e, segundos depois, do Complexo do Clã dos Lobos. Havia Corvos e Falcões, e até algumas Corujas em voo, a espalhar o alerta, a fazer soar o chamado para a batalha.

E os Lobos continuaram a uivar.

<Simon.> A voz de Elliot parecia mais controlada, mas ainda estava chocada.

<Chama a polícia. Chama o Montgomery. Diz-lhe que venha *já*.>

Elliot entrou no consulado.

Tinha de recuperar o controlo. Tinha de sair dali e mudar para uma forma ou para outra.

Queria ser Lobo. O Pátio — e Meg — precisava que ele usasse a pele humana durante algum tempo. E ele tinha de descobrir o que acontecera à carrinha e ao intruso.

Quando se virou, fazendo menção de entrar, reparou nas pegadas de Urso.

<Henry?>, chamou.

<Tenho o intruso. Eu trato disto. Cuida da Meg.>

Só um líder tolo contestaria sem um bom motivo as palavras de um Pardo zangado.

Dirigiu-se à porta de entrada da estação e avistou Vlad no caminho de acesso à Praça do Mercado e ao resto do Pátio. Simon mudou de direção, alcançou o Sanguinati e prosseguiu até às traseiras do edifício.

— O que aconteceu? — perguntou Vlad. — Tranquei a LUM e deixei o Ferus de guarda. Ninguém sai até termos respostas. A Tess também fechou toda a gente lá dentro.

— Um macaco tocou na Meg — rosnou Simon. — Tentou *levar* a Meg.

— Ela está ferida?

Simon não imaginava que ela estivesse magoada, mas lembrava-se de uma coisa que teria de ser feita antes que alguém a visse.

— Espera. Diz à Tess que venha ter connosco. A polícia vem aí.

— A lei humana não se aplica aqui — lembrou Vlad num tom gelado.

— Pois não, mas vamos deixar que a polícia trate daquilo que estiver na caixa que o intruso levou para a estação.

Entrou na estação pela porta dos fundos e estacou. Meg continuava na sala de separação. Dali a minutos haveria Corvos e polícias em toda aquela zona do Pátio. E haveria Sanguinati e Lobos. Esperava que as raparigas do lago se contentassem com um relatório de Jester.

Foi preciso muito esforço para assumir a forma humana. Ser humano não era tão útil como ser Lobo.

Regrediu quase por completo. Tinha um manto de pelo sobre os ombros que lhe percorria parte das costas e do peito, e não conseguiu encolher os caninos até uma dimensão humana.

Teria de bastar.

Vestiu as calças de ganga e a camisola leve que envergava quando ali chegara. Dirigiu-se aos armários da sala das traseiras e pegou na camisola cinzenta que lá tinha, dirigindo-se então à sala de separação.

Meg estava encostada ao balcão, com os braços a envolver o corpo.

— Era uma bomba? — perguntou.

— Não sei. A polícia logo descobre. Toma. — Estendeu a camisola. — Não tarda vai haver muita gente por aqui, e a polícia vai querer falar contigo. — Ela estava pálida, o que o incomodava. — Se vestires isto, ninguém vê as cicatrizes.

Meg despiu a camisola que tinha vestida e enfiou a outra sobre a de gola alta só com uma manga.

A camisola ficava-lhe grande e ela parecia ridícula, mas ele gostava. E gostava que ela estivesse a usar uma peça de roupa com o cheiro dele.

— Fica aqui — indicou Simon. — Volto não tarda nada.

Meg olhou na direção da sala dos fundos.

— Tenho frio. Vou preparar um chá de hortelã.

Simon aquiesceu. Fosse como fosse, a reunião teria lugar no exterior.

— Está bem. Só quero que fiques dentro da estação. — Simon pegou na camisola e na manga rasgada e dirigiu-se à sala das traseiras. Aí chegado, enfiou os pés nas botas e saiu.

Vlad e Nyx já lá estavam, bem como Tess, cujo cabelo apresentava canudos vermelhos com madeixas pretas.

— A Meg está bem — garantiu Simon.

Tess olhou para a camisola que ele segurava numa mão e para a manga arrancada na outra.

— Isso não parece de quem esteja bem.

— Ela está bem — rosnou o Lobo.

— Porque é que este homem tentou levar a Meg? — indagou Nyx.

— O Henry vai descobrir, e depois ficamos todos a saber.

Uma dúzia de Corvos fez soar o alarme ao mesmo tempo que Simon ouvia sirenes a caminho do Pátio, vindas de várias direções.

<Muitos macacos>, explicou-lhe Jake, momentos depois. <Conheço algumas caras, mas não todas.>

— A polícia já cá está — informou.

— Mais vale destrancar a porta da Lum — declarou Vlad. — Com tanta excitação por aí, os clientes não vão longe.

Tess suspirou e estendeu a mão.

— Dá-me isso. Mando a Merri Lee à Praça do Mercado para as substituir.

Os punhos cerraram-se sobre o tecido com o cheiro de Meg.

— A Merri Lee não precisa desta para ir buscar outra camisola.

Tess lançou-lhe um olhar demorado. Depois regressou ao Trincadela.

Nyx transformou-se em fumo da cintura para baixo e flutuou ao longo do caminho. Os Sanguinati preocupavam-se menos do que os Lobos quanto a serem vistos numa forma intermédia.

Talvez por os humanos não compreenderem o perigo e não terem medo suficiente.

— Vou tomar conta da loja — indicou Vlad passado um instante.

— Eu trato da polícia — disse Simon.

— O Montgomery não é tolo. Tu chamaste-o, por isso diz-lhe alguma coisa. Ele vai fazer perguntas.

Simon assentiu.

— Sim, ele não é tolo. Espero que isso signifique que sabe quando acabar com as perguntas.

O coração de Monty batia-lhe com força no peito e era incapaz de esquecer a história da Cidade Afogada.

Uma possível bomba deixada na Estação do Intermediário. Seria um ataque contra os Outros? Ou contra Meg Corbyn? Fosse como fosse, as consequências poderiam ser terríveis para a cidade, caso os líderes do Pátio decidissem castigar todos os seres humanos pelas ações de um.

O cruzamento entre a Avenida Crowfield e a Rua Central estava bloqueado por carros da polícia, o que afastava o tráfego do Pátio. A brigada de minas e armadilhas já lá se encontrava, a par de um carro dos bombeiros e de uma ambulância. Outra meia dúzia de carros-patrolha estava parada

aleatoriamente pela Rua Central. Quando Kowalski parou e estacionou, Monty avistou a sua outra equipa, os agentes Debany e MacDonald.

Havia polícias um pouco por todo o lado, mas nem um com um dedo que fosse no interior do Pátio.

— Os deuses sejam louvados — murmurou Kowalski. — O que se passou aqui?

— É isso que vamos descobrir. — Monty abriu a porta do seu lado e fez sinal a Debany e a MacDonald para que se juntassem a ele. — Vão falar com quem estiver à frente do Trincadela e da Ler e Uivar por Mais. Vejam se eles sabem de alguma coisa e tentem confirmar se os clientes e os funcionários humanos estão todos presentes. — *E ilesos*, acrescentou silenciosamente. Não que precisasse de o dizer aos seus homens. Com os agentes a caminho, Monty acercou-se da barricada erguida pela brigada de minas e armadilhas. — Louis?

Louis Gresh, o comandante da brigada, falou baixinho com os seus homens, após o que se dirigiu à barricada.

— Monty. — Cumprimentou Kowalski com um aceno de cabeça. — Não é uma bomba. É só uma caixa cheia de trapos com uma lista telefónica a fazer peso. Vou levá-la e entregá-la aos nossos. Talvez encontrem alguma coisa útil.

Chegaram os Corvos. Alguns deles pousaram em telhados. Outros cruzaram a rua e empoleiraram-se em candeeiros. Grasnavam entre eles e arranjavam as penas — e reparavam em tudo.

Louis observou-os.

— Deve haver muitas testemunhas que provavelmente sabem o que aconteceu, mas duvido que encontres quem te diga seja o que for.

Depende de como eu fizer as perguntas, pensou Monty.

— Obrigado pela presença rápida.

— Sempre. — Louis mirou os Corvos que observavam a polícia e depois ergueu o olhar. Monty seguiu-lhe o olhar e viu os Falcões a pairarem sobre o Pátio. E algures nas suas profundezas, ouviu Lobos a uivar. — Boa sorte — desejou Louis antes de se afastar.

Monty respirou fundo e chamou os agentes que tinham respondido ao chamado. Encarregou-os de confirmar os estabelecimentos no outro lado da estrada, opostos ao Pátio. Era possível que alguém tivesse visto qualquer coisa e tivesse coragem de o admitir.

Monty contornou a barricada e entrou no Pátio, com Kowalski a seu lado.

— Karl, vai ver se está alguém a trabalhar no consulado.

— Sim, tenente.

Não olhou para os Corvos pousados no muro, nem para a mulher de vestido preto junto à estação. Limitou-se a abrir a porta e a dirigir-se ao balcão.

Quando Meg Corbyn apareceu, vinda da outra divisão, parecia pálida e usava uma camisola cinzenta demasiado grande.

— Está bem, Menina Corbyn? — perguntou Monty calmamente. Não chegou mais longe antes de Simon Wolfgard surgir na porta Privada. Preferiria falar com ela sozinha. Ainda tinha questões acerca do hematoma no rosto dela e, regra geral, uma mulher não pediria ajuda com o agressor a ouvir tudo o que era dito.

Não, teve de se recordar. Não foi o Wolfgard que lhe fez aquela nódoa negra.

— Estou abalada, mas estou bem — respondeu Meg.

Monty observou-a por um instante e decidiu que isso estava suficientemente perto da verdade, pelo que tirou um bloco e uma caneta. Pediria a qualquer outra pessoa que fosse à esquadra fazer um depoimento. A ela, no entanto, não valia a pena pedir, pois Monty sabia que não iria; e se por acaso fosse, nem queria imaginar quem a acompanharia.

— Pode dizer-me o que aconteceu?

Meg contou-lhe sobre a carrinha branca e sobre os pormenores em falta que lá deveriam ter estado. Arregaçou uma manga e mostrou-lhe o hematoma escuro no pulso que o homem agarrara, e depois explicou-lhe como o indivíduo fugira para a carrinha quando Simon aparecera.

Mas não lhe sabia dizer para onde fora a carrinha, nem para que lado virara quando deixara o Pátio. Encontrava-se na sala de separação quando a carrinha partira.

Meg não o disse, mas Monty era capaz de apostar que fora levada para a sala de separação exatamente para que não visse para onde a carrinha ia.

Um olhar para Simon Wolfgard bastou para que ficasse alertado para a necessidade de perguntar sobre qualquer outra coisa além da carrinha.

A questão seguinte raiou o perigo, mas ele fê-la, não obstante.

— Precisa de cuidados médicos, Menina Corbyn? Tem mais hematomas além desse no pulso? — Fitava-lhe o rosto, mas não comentou *aquele* hematoma. — Temos uma ambulância ali fora, e pessoal clínico. Não parece necessitar de um hospital... — Hesitou quando Wolfgard começou a rosnar.

Meg abanou a cabeça.

— Sinto-me um bocadinho dorida, mas de resto estou bem. — Monty tinha de aceitar a palavra dela. — É tudo, tenente? — perguntou Meg. — Gostava de me sentar.

— É tudo. Obrigado. A informação que nos forneceu vai ser útil. — Viu-lhe qualquer coisa na expressão. — Mais alguma coisa?

As palavras não foram proferidas para causar alarme, mas Simon foi bloquear a porta de imediato, os olhos ambarinos fitos em Meg.

— Meg? — disse Simon. — Há mais alguma coisa?

Meg suspirou.

— Não é nada. É uma parvoíce, dadas as circunstâncias. — Humano e Lobo limitaram-se a aguardar. Meg voltou a suspirar. — Estou com um desejo tolo de piza. Antes de isto acontecer, estava prestes a ligar à Massa Quente a encomendar uma, e agora nem consigo pensar em mais nada.

Não era propriamente a resposta que se esperava de alguém que acabara de escapar a uma tentativa de rapto. Claro que a mente tinha um sem-fim de maneiras de se proteger — entre elas concentrar-se numa guloseima —, e talvez fosse esse o modo habitual de as *cassandra sangue* reagirem às experiências traumáticas.

— Tens fome? — perguntou Simon, com alguma da tensão a abandonar-lhe o corpo enquanto a observava.

Meg assentiu, após o que acrescentou, esperançosa: — Eles entregam na Estação do Intermediário?

Hoje, não, pensou Monty.

— É um caso especial. Eu faço o pedido e mando um carro buscá-la. — Quando Meg fez menção de protestar, Monty ergueu a mão. — Peço mais algumas para a brigada. Até os policiais têm de comer.

Viu um lampejo de qualquer coisa nos olhos de Simon. Diversão selvagem? Ou será que o Lobo estava reconhecido pela cortesia mostrada à Intermediária do Pátio?

— *Pepperoni* e cogumelos? — sugeriu Monty. — Ou prefere outra coisa?

— Pode ser assim — aceitou Meg. — Obrigada.

Simon chegou-se para o lado e deixou-a entrar na outra sala.

— Foi simpático da sua parte — comentou Simon.

— Estou aqui para ajudar. — Não tendo resposta por parte do Lobo, Monty virou-se e fez menção de sair. Depois parou e acrescentou: — Um homem em fuga pode deixar cair a carteira, ou só a carta de condução. Nem dava por isso, se caíssem na neve. Se descobríssemos onde ele mora, talvez encontrássemos qualquer coisa que indicasse se está a trabalhar para alguém... ou com alguém.

Não queria que os Outros olhassem para cada ser humano como uma ameaça potencial, mas a possibilidade de um parceiro implicava que Meg ainda não estivesse a salvo.

Seguiu-se um silêncio pensativo tão pesado que Simon o sentiu a assentar nos ombros.

— Talvez tenha caído alguma coisa — admitiu Simon. — E podemos apanhar o cheiro de qualquer coisa, mesmo que esteja escondido na neve. Se encontrarmos algo, eu informo-o.

Monty aquiesceu.

— Vou mandar um dos meus agentes buscar a piza.

— É melhor que seja uma cara conhecida.

Monty aquiesceu novamente e saiu da estação. Kowalski acompanhou-o.

— Alguma coisa? — indagou Monty.

Kowalski abanou a cabeça.

— Eles só deram por alguma coisa quando o Simon Wolfgard fez soar o alarme. Depois, toda a gente perdeu a cabeça.

— *Perder a cabeça* como em «estar pronto para combate»?

— Foi assim que entendi a coisa.

Assim que cruzou a linha que separava o território humano do Pátio, Monty parou para avaliar a rua. A brigada de minas e armadilhas já partira, a par do carro dos bombeiros, da ambulância e de metade dos carros-patrolha. O cruzamento ainda estava bloqueado, afastando o trânsito da entrada do Pátio.

Mas a chegada do carro preto brilhante e do homem a ele apoiado tivera lugar enquanto Monty falava com Meg e Simon.

Ao acercar-se do capitão Burke, que o aguardava, Monty avistou os agentes que enviara para avaliar os estabelecimentos do outro lado da rua. Deteve-se e esperou por eles.

— Alguma coisa?

— Ninguém se lembra de nada sobre os veículos que hoje entraram e saíram do Pátio — indicou o agente Hilborn. — Mas *todos* quantos estavam em O Veado e a Lebre viram o homem lobo.

Monty franziu o cenho.

— Homem lobo?

— Meio homem, meio lobo. Ou um homem peludo com cabeça de lobo. Até aparecermos, a maior parte das pessoas julgava que era promoção de um filme de horror, ou uma partida idiota, naqueles preceitos, onde os Outros o podiam ver. Quando perceberam que era *real*, ficaram borrados de medo.

As imagens das histórias e dos filmes de horror tinham de vir de algum lado, pensou Monty.

— Portanto, ninguém viu uma carrinha branca a sair do Pátio?

Hilborn abanou a cabeça.

— Só se lembram de ter visto uma coisa mais assustadora do que pensavam que podia viver no Pátio.

O excesso de medo deixa as pessoas tolas.

Monty relanceou o capitão. Burke observava os Corvos que o miravam. O capitão não manteria a paciência durante muito tempo, mas era suficiente para ouvir Debany e MacDonald antes de apresentar o seu próprio relato.

— Quero que escrevas o teu relatório — indicou a Hilborn.

Hilborn inclinou a cabeça, indicando o parceiro e os outros dois agentes que tinham feito perguntas nos estabelecimentos.

— Não sei se vai servir de alguma coisa. Todos concordaram que havia qualquer coisa que era homem e lobo ao mesmo tempo. À parte isso... bem, é só escolher o seu filme de terror preferido.

— Entendido. — Dispensou-o com um gesto e dirigiu-se a Debany e MacDonald.

— No Trincadela só se aperceberam de que havia problemas quando a Tess trancou a porta e saiu pelas traseiras, deixando o Falcão de guarda e a Menina Lee a tratar dos clientes — explicou Debany.

— Aconteceu mais ou menos a mesma coisa na Ler e Uivar por Mais — adiantou MacDonald. — Porta fechada, Lobo de guarda, nenhuma explicação. — Olhou para Kowalski. — A Ruth estava lá. Ao que parece, os humanos com livre-trânsito para a Praça do Mercado podem ser usados como funcionários temporários. Ou talvez se ofereçam como voluntários. Essa parte não é clara. Seja como for, ela acabou por ficar à caixa e por ter uma discussão com um Corvo quanto à necessidade de dar o troco correto às pessoas, mesmo que isso implique entregar moedas brilhantes.

Depois de Debany e MacDonald receberem o pedido da piza e estarem a caminho, Monty virou-se para Kowalski.

— Tira cinco minutos e vai dar mais uma vista de olhos à LUM.

— Obrigado, tenente.

Quando só restavam ele e Burke, Monty acercou-se do capitão.

— Algum motivo para se manter o cruzamento fechado? — quis saber Burke.

— Não, capitão. Acho que hoje não vamos ter mais problemas por aqui.

— Hoje — repetiu Burke, num tom sombrio. — Parece que ainda temos alguém a buzinar aos ouvidos do governador, que continua a pressionar o nosso presidente para que encontre a propriedade roubada. Acha que isto pode estar ligado ao caso?

— Sim, capitão.

— Eu também. O que é que temos?

Monty contou-lhe sobre a carrinha sem identificação e acerca do comportamento suspeito do homem que se fazia passar por entregador. Depois transmitiu-lhe os relatos sobre um homem lobo e viu Burke ficar exangue.

— Já viu um dos Outros nesse estado?

Burke assentiu.

— No início da carreira, trabalhei numa aldeia mesmo no meio do território selvagem. Quase toda a Thaísia é selvagem, mas dizíamo-lo assim para indicar que a aldeia não ficava perto de uma cidade maior. Os Outros que vivem nos territórios selvagens... Ninguém sabe se eles não conseguem assumir a forma humana devidamente para passarem por seres humanos ou se apenas não o querem fazer. Mas se visitarmos as colónias deles, podemos ver esses híbridos, coisas que parecem saídas de pesadelos. — Soprou o fôlego. — Acha que a carrinha e o condutor saíram do Pátio?

— Não, capitão. Mas tenho esperança que o Simon Wolfgard se sinta na obrigação de «encontrar» a carteira do homem e no-la entregar.

Burke não respondeu. Depois desencostou-se do carro e abriu a porta.

— Está a conseguir manter as coisas tranquilas, tenente. Bom trabalho. — Entrou para o carro, ligou-o e afastou-se.

E uma mancheia de Corvos alçaram voo a caminho do Pátio para apresentarem o seu relatório.

Monty entrou para o carro. Enquanto aguardava por Kowalski, tirou um envelope do bolso interior do casaco. O envelope estava endereçado com a letra de Elayne e a pressão exercida pela caneta sobre o papel indicava que ela fora obrigada a enviá-lo. O postal feito à mão no interior era de Lizzy, a sua menina querida. Abraços e beijos para o papá.

Guardou o postal e fechou os olhos. *Manter as coisas tranquilas.* À parte todas as vidas que estavam em jogo em Lakeside, Monty tinha um motivo bastante importante para manter as coisas tranquilas.

Com algum esforço, Asia arrombou a fechadura do apartamento e entrou.

Quando terminasse a sua missão, disporia de grandes competências para a série de televisão. Asia Crane, Investigadora Especial, seria nativa de Toland... Não. A maior parte dos Investigadores Privados da televisão eram naquele momento da Cidade Grande da Costa Leste. *Ela* seria uma especialista vinda da Aliança de Nações Cel-Romano para desmascarar intrigas empresariais em Thaísia, ou para revelar uma ameaça ao governo humano, ou até para lidar com problemas entre humanos e os *terra indigene*. Talvez a sua personagem pudesse ter um romance com um agente do navio que fazia habitualmente a travessia do Atlântico, garantindo transporte entre Cel-Romano e Thaísia. Talvez pudesse ter um Lobo domesticado como assistente, que farejaria informações que os outros investigadores não eram capazes de encontrar. *Isso* seria um belo pontapé no rabo de Simon Wolfgard!

Fosse como fosse, aquela missão ia torná-la bastante desejada, a ponto de poder fazer as suas escolhas e apresentar o preço que quisesse.

Graças aos deuses estacionara numa rua secundária ao regressar ao Pátio.

Quisera estar presente quando Simon Wolfgard desse conta da falta de Meg, *a Débil*.

Em vez disso, encontrou carros da polícia um pouco por todo o lado, o cruzamento encerrado e muitas conversas sobre alguém a *tentar* fazer qualquer coisa suspeita na Estação do Intermediário. Qualquer coisa sobre uma caixa ou uma carrinha ou... qualquer coisa.

Todos os possuidores de telefones móveis atiravam patacoadas para o éter, mas isso bastou-lhe para ficar a saber que o Carrinha Branca falhara redondamente. O palerma não só estragara o serviço, como se deixara apanhar. Asia não receava que ele aparecesse e a apanhasse a revistar-lhe o apartamento. Mesmo que conseguisse sair do Pátio, já passara à história, *desaparecera*. Mas ela deixara algumas mensagens impressas por baixo das escovas da carrinha, com informações acerca da rotina de Meg. Um profissional ter-se-ia livrado das mensagens.

Um profissional não se deixaria apanhar.

À laia de preparação para o papel que se avizinhava, certa noite Asia seguiu o Carrinha Branca para descobrir onde ele morava. A localização servira de informação a passar aos patrocinadores, e não fora de grande interesse. Ela, por seu lado, imaginou que viria a ser útil, caso precisasse de encaminhar a polícia para um suspeito convincente. Claro que o palerma tratara disso sozinho. Pior, ele tinha-se atirado aos Lobos, e só os deuses sabiam o que ele lhes contaria antes de o matarem.

Portanto, ali estava ela, a procurar à pressa para se certificar de que a polícia — ou alguém pior — não encontrava nada que a compromettesse a ela.

Nada.

Encontrou revistas por baixo do colchão e revirou os olhos, mas folheou-as, esperando que não houvesse páginas coladas, e encontrou um pedaço de papel com um número de telefone.

Não era da zona. E tendo em conta aquilo que o Carrinha Branca tentara fazer, esse número poderia vir a revelar-se lucrativo.

Asia enfiou o papel no bolso, voltou a guardar as revistas por baixo do colchão e saiu do apartamento.

Final da tarde. Debany e MacDonald haviam entregado a piza, e Simon sentira-se aliviado ao ver o entusiasmo e o apetite de Meg pela comida.

Não estava muito magoada. Pelo menos se comia com um prazer tão óbvio. Já não estava com medo por um intruso ter entrado na estação. E já não tinha medo dele, pelo menos se brincava com ele a dizer-lhe que estava demasiado cheio de biscoitos para querer piza.

A Meg Feliz deixava-o mais calmo.

A Meg Feliz estava disposta a partilhar comida. Chegou a rasgar a tampa da caixa de piza, depositar duas fatias em cima dela e a levá-la lá para fora, para os Corvos.

Simon teve o discernimento de insistir para que ela levasse as fatias para as traseiras, em vez de as deixar à frente, onde os humanos as veriam. Os humanos já tinham visto a sua dose de formas intermédias. Era melhor que não vissem Corvos com mãozinhas nas pontas das asas, a desfazer comida.

Com os Corvos ocupados, Simon pegou nas suas fatias de piza e foi comer no balcão da frente, a observar a rua.

Merri Lee levava camisolas novas para Meg e convencera-a a procurar Elizabeth Bennefeld para uma massagem de descontração. Assim, quando Simon finalmente encerrou a Estação do Intermediário, Meg estava na Praça do Mercado, a ser mimada. Quando o Lobo saiu pela porta dos fundos, reparou em Blair à espera dele, encostado à garagem.

— O Henry está muito zangado — informou Blair tranquilamente. — Transformou-se e quer ficar sozinho até amanhã.

— Disse alguma coisa antes de se transformar? — indagou Simon.

— Alguém contratou o intruso para nos tirar a Meg. Deram-lhe um número para onde telefonar, mas mais nada. Também disse que havia quem lhe deixasse mensagens, em que lhe disseram onde a Meg morava e quando estava na estação. Não sabia quem o estava a ajudar.

— Alguém que sabe onde a Meg mora. — No Complexo Verde estava protegida, mas na estação? — A partir de agora fica sempre alguém com ela. Quero mais do que Corvos de guarda. Mais do que alguém no andar de cima que pode não chegar a tempo de evitar que seja magoada. — Blair hesitou. — Ela viu-me como Lobo e não teve medo. A partir de agora vai haver sempre um Lobo na estação quando ela estiver a trabalhar.

Blair assentiu.

— O Boone quer saber se põe o aviso para que se saiba que temos carne especial.

Simon quase assentiu. Depois pensou na polícia. Ele deixara-os entrar e Montgomery andaria por ali a cheirar durante mais algum tempo. E pensou em Meg a pedir carne para Sam, e pensou na Ruthie a fazer compras na Praça do Mercado.

Mais cedo ou mais tarde, as fêmeas veriam o aviso e teriam de aceitar o que significava. Mas desta vez, a origem da carne era demasiado óbvia.

— Sem avisos — indicou Simon. — Passem palavra; digam que há carne para quem a quiser. E certifiquem-se de que pelo menos parte do sangue é oferecido ao Erebus.

— Essa parte já está tratada. A Nyx já o veio buscar.

Sim. Erebus queria sangue do homem que tentara levar Meg, que *tocara* em Meg.

— Queres que te guardemos carne? — perguntou Blair.

Simon não era humano. Nunca seria humano.

— Quero o coração. Mais logo vou buscá-lo.

Quando Meg estivesse a dormir.

Quando Meg acordou na manhã seguinte, o Sol brilhava e o céu estava de um azul límpido. Ao espreitar à porta da rua ficou convencida de que apesar do céu limpo e do brilho do Sol, o tempo continuava gélido. Como não tinha de fazer nada nem de ir a lado nenhum, aqueceu a última fatia de piza e comeu-a ao pequeno-almoço enquanto lia mais alguns capítulos do livro que requisitara na biblioteca do Pátio.

Os últimos dois Dias da Terra no Pátio haviam sido preenchidos com algum tipo de confusão, mas, ao olhar pela janela, Meg sentiu uma diferença. Naquele dia, o Complexo Verde, talvez mesmo todo o Pátio, parecia mais calmo.

Quando se fartou de ler, limpou o pó aos móveis, varreu o chão e aspirou os tapetes. Quando finalmente tomou um duche e limpou a casa de banho, Meg também se fartara de tarefas domésticas e sentia-se incomodada com a falta de companhia.

Seria a única no complexo? Estariam todos os outros ausentes a fazer qualquer coisa em alguma parte do Pátio?

Aqui estás segura, pensou ela. Ninguém vai chegar aqui à tua procura.

Não obstante, quando acabou de comer o guisado que o Carne-e-Legumes lhe mandara na véspera, e apesar do frio, Meg queria sair do apartamento. Juntou então as roupas e as toalhas e aprontou-se para a curta distância que teria de percorrer até à lavandaria. Depois de ligar as máquinas, subiu à sala de convívio.

Quando ela entrou, Henry ergueu o olhar e sorriu.

— Não estava à espera de te ver por aí hoje — admitiu ele.

Meg arrastou os pés, de repente com muita vontade de ter ficado lá em baixo.

— Os seres humanos não são assim *tão* frágeis. Ontem assustei-me e fiquei com um pulso magoado. Não caí de uma falésia ou coisa do género.

O Pardo riu-se com uma gargalhada afável.

— És a primeira humana que vive aqui entre nós, por isso temos muito a aprender.

Meg acercou-se da mesa a que ele estava sentado.

— Mas têm aqueles apartamentos que deixam que as pessoas usem. E têm pessoas a trabalhar para vocês e que fazem compras na Praça do Mercado.

— Pois temos — admitiu Henry —, mas não é o mesmo que estás a fazer.

Meg não sabia o que dizer, por isso concentrou-se nas peças coloridas em cima da mesa.

— Um puzzle?

— É uma diversão agradável para uma tarde de inverno. — Apontou para a outra cadeira. — Senta-te e faz-me companhia, se quiseses.

Meg sentou-se e pegou em várias peças, umas a seguir às outras.

— Nunca fizeste um puzzle? — indagou Henry.

Meg abanou a cabeça.

— Vi imagens de jogos, incluindo de puzzles como este, mas não havia necessidade de os usar para que os reconhecêssemos numa visão.

— Nesse caso chegou a altura de experimentares o mundo, em vez de te limitares a identificar as peças.

Observou-o a trabalhar por um instante antes de começar a procurar as peças certas. O silêncio entre eles era tranquilo. Com efeito, só falaram quando Meg regressou da lavandaria, depois de ter deixado as roupas e as toalhas nos secadores.

— Somos os únicos no complexo? — perguntou Meg ao voltar a ocupar o seu lugar à mesa.

Henry assentiu.

— A maior parte foi passar o dia com os clãs nos outros complexos. O coiote anda a correr.

— E a Tess? — Meg juntou quatro peças do puzzle antes de concluir a ideia. — Só a vi na forma humana.

— Ninguém a viu com outra forma. Sabemos que é *terra indigene*. Sabemos identificar os sinais de alerta. Agora, aquilo que ela é quando descarta a pele humana... isso só Namid sabe.

Meg decidiu que já fizera perguntas suficientes e continuou a trabalhar no puzzle com Henry até que a roupa secou. Encheu o saco da roupa, apetrechou-se para a breve caminhada e dirigiu-se ao apartamento.

A meio caminho viu o Lobo a correr na sua direção à luz suave do final da tarde.

— Sam! Não! — Era a voz de Simon.

O lobacho passou por ela a correr, em vez de lhe saltar em cima, depois deu meia-volta e tentou agarrar um canto do saco da roupa lavada.

— Se rasgas o saco e eu tiver de lavar outra vez esta roupa, lavo-te com ela — alertou Meg.

O jovem meneou a cabeça e abanou a cauda. E Meg interrogou-se se teria metido uma ideia terrível na cabeça de uma cria. Mas ele não ia tentar entrar para uma máquina de lavar. Pois não?

Sam virou-se e correu na direção de Simon, que se encontrava junto à porta do apartamento deles. O lobacho saltou, mal dando tempo a Simon para o agarrar antes de saltar para o chão e correr de volta a Meg.

Assim que ela se aproximou o suficiente para que Sam saltitasse entre ambos, o pequeno começou a falar para ela.

Com um sorriso, Meg abanou a cabeça.

— Não falo Lobo.

— Não te transformas aqui fora — ordenou Simon. — Está *frio*.

Sam falou ao tio.

Em resposta, Simon abriu a porta do apartamento.

— Vai lá para dentro e eu pergunto-lhe.

Sam correu para o interior do apartamento, escorregando quando as patas molhadas chegaram ao soalho. Simon abanou a cabeça, fechou a porta e olhou para Meg.

— Está tudo bem hoje? — perguntou-lhe.

— Foi sossegado — respondeu Meg. — Pacífico.

Simon arrastou os pés e pareceu inseguro. Verdade fosse dita, ele aparentava estar relutante em olhá-la diretamente.

— Sr. Wolfgard?

— Depois de o Sam tomar banho, vamos ver um filme, e ele estava a pensar... *nós* estávamos a pensar se gostavas de nos fazer companhia.

Era mais complicado definir emoções num rosto real do que numa imagem com legenda, pelo que Meg não sabia ao certo a que mensagem deveria responder. Ele convidara-a para se juntar a eles, mas...

— Prefere que eu encontre um motivo para recusar o convite?

— Não. — A palavra saltou-lhe dos lábios. Depois Simon deu um passo atrás e Meg ouviu o gemido baixo frustrado.

Em dada altura, Simon deveria ter andado na escola, teria de ter recebido formação para ser capaz de gerir um negócio e um Pátio, mas de repente Meg percebeu o que Henry queria dizer quanto à diferença entre *lidar* com humanos e ter um ser humano a viver entre eles. Ter um ser humano que tratavam como amigo.

Simon queria que ela fosse a casa deles e visse o filme, mas havia qualquer coisa que o deixava infeliz.

— Nos outros dias passo muito tempo dentro desta pele. — Simon bateu no peito e olhou para a neve amontoada no centro do Pátio do complexo. — É nos Dias da Terra que posso ser Lobo. Mas quero encorajar o Sam a transformar-se e isso quer dizer usar a pele humana um bocado todos os dias.

Meg separou as palavras, como se fossem imagens que voltariam a ser unidas para criar uma profecia — e para serem compreendidas.

— Gostava de passar o serão na sua outra forma.

— Sim.

— Bem, porque é que não faz isso depois de preparar as pipocas e de pôr o filme a dar?

Agora, Simon fitava-a.

— Não te ias importar?

— Não, não me ia importar.

— Às sete?

Meg sorriu.

— Encontramo-nos às sete.

Meg sentiu Simon a observá-la enquanto subia as escadas até ao apartamento. Ouviu Sam a uivar e interrogou-se quantos residentes do Pátio tinham ficado a saber que ia visitar o vizinho para ver um filme.

Simon lavou a louça e engoliu a impaciência. Mal podia esperar por despir aquela pele, aquela forma. Era verdade que tinha algumas vantagens em relação à forma pura de Lobo, mas não era *natural*, e ter de permanecer naquela pele quando ela começava a debilitar um *terra indigene* de corpo e alma podia levá-lo a uma fúria insana.

Não seria muito diferente do que acontecera no Ocidente, salvo pelo facto de essa loucura ter acontecido enquanto os Outros se encontravam em formas animais.

Não era algo em que um líder que tinha de passar tanto tempo com aspeto humano quisesse pensar

que pudesse acontecer-lhe.

Abanou a cabeça, como se isso lhe apagasse os pensamentos.

Meg dissera que não se importava que ele estivesse na forma de Lobo enquanto via o filme com Sam. Não lhe parecia que ela estivesse a mentir.

Subiu as escadas e tirou Sam do banho, mal escutando os planos grandiosos que o menino acreditava poder encaixar nas duas horas que faltavam para se deitar. Deixou Sam a decidir qual o filme a ver enquanto se dirigia à cozinha para fazer as pipocas. Não era algo que o cativasse, mesmo naquela forma, mas sendo um petisco humano tradicional para se ver um filme, Simon preparou uma grande taça que Meg e Sam pudessem partilhar.

Ainda mal acabara de despejar a manteiga derretida sobre as pipocas quando alguém bateu à porta da frente. Sam fez um som que era em parte um guincho de menino e em parte um uivo de Lobo e correu a abrir a porta.

As palavras do rapaz tropeçavam umas nas outras e faziam pouco sentido, salvo para transmitir um entusiasmo feliz. Depois ouviu-se a voz de Meg, ainda junto à porta.

Simon empertigou uma orelha. Porque estaria ela ainda junto à porta? Teria mudado de ideias quanto a passar tempo com eles?

Não, apercebeu-se, quando lhe ouviu a voz na sala. Ela parara para tirar botas e blusão. Porque não teria usado a porta das traseiras? Será que a porta da frente transmitia uma mensagem diferente da dos fundos?

Simon esforçara-se bastante para aprender as regras dos negócios com os humanos, mas as relações interpessoais talvez se servissem de regras completamente díspares.

Frustrado — e imaginando que estivesse a complicar uma coisa simples —, Simon levou as pipocas para a sala. Regressou à cozinha para ir buscar duas taças grandes de água. Depositou tudo na mesa à frente do sofá, cumprimentou Meg e dirigiu-se mais uma vez à cozinha, para despir as roupas e se transformar.

Aproximou-se da sala, silencioso e na expectativa. Sam e Meg puseram o disco do filme no leitor e iniciaram-no. Ouviu as apresentações de outros filmes, ouviu menino e mulher instalarem-se no sofá. Esperou mais alguns minutos e depois entrou na sala.

Estavam acomodados num dos extremos do sofá, a taça de pipocas no colo de Meg, os olhos concentrados no televisor.

Passou como uma seta por trás do sofá e foi aparecer do outro lado.

Seguiu-se um momento de tensão. Um momento de receio. Então, Meg deu uma palmadinha na almofada e disse: — Acho que cabes bem aqui.

Simon subiu para o sofá, ocupando o restante espaço.

— Pipocas? — ofereceu Meg, inclinando a taça na direção dele.

À laia de resposta, Simon desviou-se da taça, pressionando ao de leve o focinho e a testa contra o braço dela. Mais tensão, mas como ele não lhe disse nada, Meg descontraíu-se lentamente e começou a comer as pipocas.

Simon fechou os olhos. Manteve a cabeça contra o braço dela e inspirou os odores que compunham aquilo que era Meg. O cabelo continuava malcheiroso, mas já não tanto, e o resto tinha

um cheiro bom. Agradável. Reconfortante.

Depois de alguns minutos, deu-lhe um toque no braço até que a cabeça lhe assentou na coxa.

Outro momento de tensão. Em seguida, sem protestos, ela mudou as pipocas para que a taça não lhe estivesse a bater.

Minutos depois, Simon sentiu os dedos a enterrarem-se timidamente no pelo. Na primeira vez que ela respirou fundo ele quase saltou, pensando que ela ouvira qualquer coisa lá fora. Começou então a perceber o ritmo do toque e os comentários de Sam acerca da história. Dormitou. Era capaz de seguir a história através dos dedos e da respiração de Meg, mal ouvindo o menino a dizer: — Esta parte é assustadora, mas eles ficam bem e... Vê só o que acontece agora!

Prazer. Conforto. Satisfação.

Salvo pelo cabelo, ela realmente cheirava bem.

Simon despertou quando Sam disse: — Podemos ver outro.

— Tu, talvez — respondeu Meg. — Mas eu amanhã tenho de trabalhar, por isso são horas de ir para casa.

— Mas...

<Chega, cria>, atalhou Simon. <Vai lavar os dentes como te mostrei. Vou levar a Meg a casa e verificar o terreno à volta do nosso covil. Depois venho ler-te uma história.>

<A Meg podia ler-me a história.>

Simon levantou a cabeça e olhou para o menino.

Sam deslizou para fora do sofá. Ofereceu um sorriso tímido a Meg e um olhar cauteloso a Simon.

— Posso ir trabalhar contigo amanhã — aventou Sam.

— Amanhã tens escola — replicou Meg com um sorriso. — E eu não concordo com nada sem falar primeiro com o teu tio. Portanto, boa-noite, Sam.

O menino esticou o lábio inferior, como se tentasse avaliar o tipo de reação que obteria. Quando Meg e Simon se limitaram a fitá-lo, Sam suspirou, deu as boas-noites e subiu. Meg pousou a tigela na mesa e depois olhou para a mão.

— Acho que devia ter ido buscar guardanapos.

Simon esticou o pescoço e passou a língua sobre a palma da mão de Meg. Ela não se afastou e Simon lambeu outra vez, continuando assim até a limpar de sal e manteiga.

Ela cheirava bem. Sabia ainda melhor.

— Isso é bom. Obrigada — agradeceu ela. Pegou na tigela e nas taças, levantou-se e saiu da sala.

Simon desceu do sofá, bocejou e espreguiçou-se, após o que a seguiu até à cozinha.

— Não sei se as pipocas vão para o composto ou para o saco do incinerador — disse Meg. — Portanto, isso fica contigo.

Voltou atrás para vestir o blusão e calçar as botas.

Era difícil não ficar colado a ela, não saltar, era complicado não a convidar para brincar. Mas estava quase na hora de dormir e não queria que Meg se irritasse ou ficasse preocupada por estar junto a um Lobo grande. Se ela não tivesse medo do Lobo, poderia ir dar passeios com ela e Sam.

Saiu com ela e acompanhou-a até à porta. Esperou que ela entrasse e depois farejou intensamente à volta do alpendre antes de descer e verificar o resto do complexo.

Quando chegou à estrada, Allison piou um cumprimento e planou por ele a caminho de casa. Havia luzes acesas no apartamento de Vlad, o que significava que o vampiro havia regressado do serão nas Câmaras.

Sem odores estranhos. Nenhum sinal de perigo.

Pelo menos por aquela noite, todos estavam seguros.

Satisfeito, Simon trotou de volta ao apartamento e ao menino que esperava por uma história.

— Estou?

— O mensageiro que contrataste para recuperar a tua propriedade foi descuidado. Os Outros apanharam-no antes da polícia.

— Quem fala?

— Alguém com mais hipóteses de te ajudar a recuperar a tua propriedade... pelo valor certo.

— Como conseguiste este número?

— Tal como eu disse, o mensageiro foi descuidado. — Uma pausa. — E pensei que talvez fosse inconveniente se a polícia encontrasse este número quando revistassem o apartamento do indivíduo.

— Há vários mensageiros à procura da minha propriedade. Qual deles foi descuidado?

— O de Lakeside.

— Tens a certeza que encontraste a minha propriedade? Descreve-a.

Uma hesitação.

— Baixa, delicada, olhos cinzentos.

Silêncio. Em seguida: — Quanto tempo para a recuperares?

— Algumas semanas.

— Inaceitável. Vão perder-se demasiados lucros nesse espaço de tempo.

— A tua propriedade está escondida num sítio muito inconveniente.

— Posso ajudar com isso, fornecendo alguns músculos e acessórios.

— Prefiro contar com os meus próprios acessórios, mas os músculos vêm a calhar.

Outra pausa.

— Dou-te uma semana para obteres informações úteis que me ajudem a recuperar a minha propriedade. Se vieres a provar ser uma fonte válida, discutimos honorários e gratificações.

Clique.

Asia escutou o vazio por alguns segundos, em seguida desligou o telefone e observou as mãos a tremerem. Conseguira: estabelecera contacto e parecera uma profissional que recuperava propriedade todos os dias. Parecera alguém que não iria recuar perante nada para recuperar propriedade viva.

Portanto, a Meg desenxabida não era apenas o ladrão; ela era a propriedade roubada? Alguém valioso a ponto de se terem contratado várias pessoas para encontrar a débil?

— Se Asia Crane, IE, tivesse essa informação, o que faria ela? — murmurou Asia. Pegou no telefone e ligou para o Manda-chuva. — Que tipo de pessoa poderia ser propriedade roubada? — perguntou, assim que ele atendeu o telefone.

O entusiasmo preencheu a linha telefónica.

— Já tínhamos ouvido dizer que uma profetisa de sangue tinha desaparecido — comentou ele. — Há elementos a vasculhar a Região Nordeste por sinais dela. Achas que a encontraste?

A mente de Asia fervilhou de tal modo que mal conseguia pensar. Meg era uma *cassandra sangue*? Não admirava que a Carrinha Branca a tivesse querido levar. Não admirava que alguém pressionasse o governo de Lakeside para ajudar a encontrá-la. Aquela pele devia valer milhares e milhares de dólares. Talvez até um milhão!

E estava rodeada de presas, garras e bicos que poderiam inutilizá-la.

— Achas que a encontraste? — repetiu o Manda-chuva.

— Não sei. Talvez. — Asia hesitou, tentando perceber quem faria a melhor oferta pela sua ajuda.

— Alguém tentou raptar a Intermediária lá do Pátio, pelo que vou ter de fazer as perguntas com cuidado.

— Achas que ela está lá? No Pátio? — Seguiu-se uma pausa. — Sim. Sim, isso faz sentido. O presidente estava bastante frustrado com a falta de progressos feitos pela polícia atrás da ladra de que te falei. Portanto, a profetisa e a ladra são a mesma pessoa.

Tens de decidir agora, pensou Asia. Apostas em alguém que possa cumprir a oferta feita, ou ficas com os homens que te garantem que tens uma série que dura temporadas suficientes para fazer de ti uma mulher muito rica?

— Sim, acho que são.

— Mesmo que não encontremos o proprietário original, há outros que...

— Já o encontrei. — O silêncio que se seguiu foi pesado, por isso ela continuou: — Fiz algumas investigações e revistei o apartamento do suposto raptor. Encontrei um número de telefone. Acabei de falar com o interessado, pouco antes de lhe ligar a si. Ele vai enviar elementos dele, mas nós vamos receber os honorários por a encontrarmos e compensação pelo apoio contínuo.

— Parece que queres mesmo protagonizar o teu próprio programa de televisão.

Asia sorriu.

— Se calhar quero mesmo. — Depois de lhe prometer atualizações diárias, Asia desligou e andou às voltas pelo apartamento, incapaz de descontrair.

Havia qualquer coisa no tom de voz. Uma falta de confiança ausente até ela lhe dizer que contactara o homem que supostamente seria o Controlador de Meg.

Estaria o Manda-chuva a contar vender Meg pela oferta mais alta? Ou pretenderia esconder a débil em algum sítio para ser usada exclusivamente pelos seus eleitos?

Não importava. Os músculos estavam a caminho de Lakeside. Era altura de mudar de objetivo. E isso significava que Darrell, afinal, ia ter sorte.

E a sorte dela também estava a mudar. O Manda-chuva e os outros patrocinadores podiam não gostar de ver uma profetisa de sangue a escapar-se-lhes por entre os dedos, mas ela iria dar-lhes algo ainda melhor: uma pequena moeda de troca, peluda.

Quando Meg entrou na sala da frente da estação na manhã do Dia da Lua, deparou-se com um Lobo a mirá-la do outro lado do balcão. Uma olhadela sobre a passagem confirmou que os fechos de correr ainda estavam no sítio. Isso não lhe transmitia qualquer sensação de segurança, especialmente quando o Lobo se ergueu sobre as patas traseiras e assentou as anteriores em cima do balcão, qual humano a descansar os antebraços.

Recuou pela porta Privada, fechou a porta, trancou-a e correu para o telefone na sala de separação. As mãos tremiam-lhe, dificultando a marcação, mas conseguiu ligar para a Ler e Uivar por Mais.

— Está um Lobo na Estação da Intermediária! — gritou.

Um silêncio espantado preencheu a linha, até que John Wolfgard indagou: — Não era suposto estar?

— Peludo, não! Onde está o Simon? Preciso de falar com o Simon!

Mais silêncio. Em seguida, com cautela: — Ele está aí, na estação.

— Não, não está. Sei como é o Simon como Lobo, e *este não é o Simon!*

— Este é o Nathan — esclareceu Simon, vindo da sala dos fundos. — Está de serviço esta manhã.

Meg desligou o telefone, depois pegou no auscultador e disse: — Adeus, John — para o sinal de marcação, e voltou a pousar o auscultador no descanso.

— Abriste a porta da frente? — perguntou Simon, procurando as chaves da estação numa gaveta. Encontrou-as no balcão ao lado do telefone, pegou-lhes e deu um passo na direção da porta Privada.

— Não, eu não abri a porta. Tinha um lobo no caminho!

Simon parou e observou-a. Farejou o ar.

— Estás a agir de forma estranha. Estamos naquela altura do mês?

Meg gritou. As orelhas humanas de Simon colaram-se à cabeça de uma maneira que as orelhas humanas não deviam fazer, e recuou.

Na sala da frente, o Lobo uivou.

Então Simon pareceu recordar que era o líder. Parou de recuar e os olhos ambarinos flamejaram como os de um predador.

— Não tiveste medo de mim quando eu assumi a forma de Lobo — comentou. — Porque estás com medo do Nathan?

— Ele tem as patas grandes. — O que era verdade, mas não vinha ao caso. Foi apenas a primeira coisa que lhe surgiu na mente.

— O quê?

Um *arrrroooo* insultado fez-se ouvir do outro lado da porta, um lembrete de que os Lobos também tinham orelhas grandes.

Meg fechou os olhos, em seguida respirou fundo e soltou o ar. Inspirou outra vez. Não ia chegar a lado nenhum com aqueles dois se continuasse a parecer uma tola.

E estava com alguma dificuldade em explicar a si própria porque tivera aquele momento de pânico.

— Um Lobo estranho é mais assustador do que um Lobo familiar, especialmente quando não estamos à espera de nenhum.

Simon acenou com a mão, ignorando o que para ela se tratava de uma argumentação perfeitamente lógica.

— Aquele é o Nathan. Ele vai ficar aqui. Como líder do Pátio, a decisão é minha.

— Enquanto Intermediária, eu devia ter sido informada *antes* de haver alterações nesta estação.

Simon deu um passo na direção dela. Meg deu um passo na direção dele.

— *Arrroooooo?* — indagou Nathan.

— Alguém pagou àquele homem para te levar, Meg — rosnou Simon. — Alguém tentou magoar-te. Assim, vai haver sempre um Lobo de guarda quando a estação estiver aberta. O Nathan é um defensor do Pátio. É um dos melhores em combate.

— Mas...

— *Está decidido.*

Meg não ia ganhar, nem sequer o convenceria o suficiente para que Nathan ficasse fora da vista. Olhou para a porta Privada e baixou o tom de voz.

— O que acontece se ele morder um entregador?

— Isso vai depender do facto de estar ou não com fome.

Meg teve vontade de dizer, *Ah, ah. Muito engraçado*, mas tinha a certeza que ele não estava a brincar.

E tinha a certeza que ele estava certo quanto ao homem que a agarrara. Por vezes, a vida com os Outros ocupava-lhe os pensamentos de tal maneira que ela se esquecia do Controlador.

— Eu devia ter sido consultada. — Tentou a abordagem uma última vez.

A única resposta de Simon foi abrir a porta Privada e, em seguida, destrancar a porta da frente e virar a placa para «Aberto».

Pelo menos teve de usar a passagem, uma vez que havia um Lobo a bloquear o balcão. Quando voltou para a sala de separação, atirou as chaves para a gaveta — e atirou-lhe um olhar que a fez querer espancá-lo.

— Sr. Wolfgard...

Simon virou-se para ela a rosnar, expondo os dentes que se alongaram enquanto ela o fitava.

— Se dizes mais uma palavra sobre isto, eu como-te e nem uma orelha deixo para ele. — Acenou com a cabeça na direção da sala de entrada.

Depois saiu. Meg estremeceu quando a porta dos fundos bateu.

Olhou para a sala da frente. Nathan já não estava debruçado sobre o balcão. Estava deitado no chão, a olhar para o Corvo empoleirado na escultura de madeira lá fora.

Assim que Meg entrou na sala da frente, ele fitou-a.

Procurou sorrir.

— Bom-dia, Nathan. Desculpe a confusão.

O Lobo arreganhou um lábio para lhe mostrar alguns dentes, depois virou decididamente a cabeça e voltou a olhar para o Corvo.

Pois, pensou Meg. Sente-se insultado e não vou ser perdoada tão cedo.

Meg regressou à sala de separação e folheou o catálogo do Palácio dos Animais para tentar encontrar alguma coisa que pudesse encomendar para sanar a situação.

— Harry, Nathan. Nathan, Harry.

O entregador olhou para o Lobo e empalideceu. O Lobo olhou para o entregador e lambeu os beiços.

Meg imaginou que a partir dali a manhã fosse por água abaixo, mas Harry surpreendeu-a.

— Ouvi nas notícias que houve problemas por aqui — comentou Harry. — Não avançaram pormenores, mas isso nunca é dito quando o Pátio está envolvido. — Observou-a. — O problema foi aqui, nesta estação?

Em resposta, Meg arregaçou a manga o suficiente para lhe mostrar a contusão no pulso.

— Um homem fez-se passar por entregador e agarrou-me. O Sr. Wolfgard apareceu antes que ele pudesse fazer mais alguma coisa.

Harry cerrou os lábios e fez um som bizarro com os dentes. Depois soltou o fôlego.

— Os Corvos lá fora são bons para alertar quanto a um problema, mas não têm força para os resolver assim que os problemas entram pela porta. — Tamborilou com os nós dos dedos no balcão. — Tenha cuidado consigo, Nina Meg.

Foi-se embora, acenando brevemente a Nathan ao sair.

O resto da manhã foi parecido. Havia uma reação instintiva quando um entregador entrava e via Nathan. A maioria dizia algo do género: — Tem um ajudante novo? O que aconteceu ao Corvo? — Meg entendeu o comentário como querendo dizer que lidar com um Corvo podia ser peculiar, mas era preferível a lidar com algo que pesava tanto quanto nós e nos rosnava.

Apenas um entregador se recusou a entrar assim que viu Nathan, o homem que prestara demasiada atenção a Sam e ao arnês que o lobacho usava. Meg acabou por chamar Lorne, do Três P, para levar os pacotes, pois Nathan bloqueou a porta, impedindo-a de sair enquanto aquele homem em particular ali estivesse.

Depois de a correspondência ter sido entregue, Meg comparou a lista com a da semana anterior.

Olhou para Nathan, que farejava a sala de entrada de uma forma que a fez desejar que ele soubesse distinguir entre um balcão e uma árvore.

— Foi a última entrega normal da manhã — declarou Meg, esperando soar alegre e não demente. — Vou trabalhar um bocado na sala de separação. Queres ir lá fora esticar as pernas?

Nathan não respondeu, pelo que ela se dirigiu à sala de separação para tratar da correspondência e das restantes encomendas. Momentos depois, ouviu os Corvos. Quando olhou pela porta, viu Nathan lá fora, a andar de um lado para o outro de focinho colado ao chão. Em seguida levantou a cabeça e uivou.

— Isso vai ajudar o trânsito — resmungou ela enquanto de várias direções chegaram uivos em resposta.

Estamos aqui.

Era sempre essa a mensagem. Mas tinha a sensação de que as pessoas já não teriam de ir à Ler e Uivar por Mais para verem um Lobo.

<Nathan?>, chamou Simon. Olhou pela janela do gabinete enquanto ouvia os Lobos que respondiam ao uivo de Nathan. <Onde estás?> O primeiro uivo não fora abafado por paredes ou vidros suficientes.

<Cá fora.>

<Devias estar lá dentro, a guardar a Meg.>

<A Meg disse para sair.>

<Não recebes ordens da Meg.>

<A minha presença na estação vai ser mais fácil de aceitar se ela achar que sim.>

Nathan tinha uma certa razão. A reação bizarra de Meg ao ver um Lobo na estação continuava a incomodá-lo. A maioria dos seres humanos que houvessem visto um Lobo não se incomodava quando via outro, conquanto não estivesse a atacar alguém. Pelo menos, em relação aos clientes da Ler e Uivar por Mais. Para eles, um Lobo era sempre um Lobo.

Por outro lado, ficava satisfeito por não ser confundido com os restantes Lobos e por Meg o reconhecer, mesmo na primeira vez que ela o vira como Lobo.

Avistou Nathan quando o outro Lobo contornou uma esquina para farejar à volta da estação.

<Alguma coisa?>, perguntou Simon.

<Nada de cheiros que não devessem estar aqui>, respondeu Nathan, levantando uma perna para amarelecer um pouco de neve.

Foi preciso um esforço um tudo-nada excessivo para se impedir de correr para a estação e marcar o território. Não que ele devesse considerar a Estação do Intermediário como sendo mais seu território do que o resto do Pátio.

Raspou os pés no chão e gemeu baixinho.

Tenho de permanecer humano, fazer o meu trabalho — e confiar no Nathan para fazer o dele.

Ouviu os Corvos, viu Nathan dirigir-se à porta dos fundos e entrar para a estação.

<Entrega?>, perguntou aos Corvos.

<Uma fêmea>, foi a resposta. <Conhecemos o rosto.>

Uma fêmea familiar que ia à estação para conversar com Meg. Alguém que não era *terra indigene*. Os Corvos diriam se a mulher fosse um Outro. Isso reduzia as possibilidades. Mas Heather estava lá em baixo, a repor livros. Merri Lee só estaria de serviço no Trincadela a partir da hora de almoço. A Ruthie? Talvez, mas ele não se lembrava de a ver nas lojas de manhã, e normalmente passava algum tempo no Corre & Bate ao fim do dia. Pelo que restava Asia Crane.

Simon imaginou Asia sozinha com Meg e rosnou. Sem motivo. Asia não fizera nada, salvo ser profundamente insistente em querer o trabalho do Intermediário e em querer dar uma voltinha com ele. Mas já não parecia muito interessada em nada disso.

E se estivesse, não lhe estava a dizer nada.

<Nathan? Fica junto da Meg.>

Não obteve resposta, nem esperava obter. Simon regressou à secretária e olhou para o telefone. Com Elliot no consulado, havia cinco Lobos naquela zona do Pátio, mas apenas dois em forma de Lobo — Nathan e Ferus, este de serviço na LUM. Não faria mal ter mais um par de Lobos por ali, sobretudo por ter prometido a Sam que poderia passar a tarde com Meg.

Talvez ele o devesse mencionar a Meg?

Pegou no telefone, mas não ligou a Meg. Em vez disso, telefonou a Blair e pediu o aumento da presença de Lobos na zona da Intermediária.

Asia dirigiu-se à Estação do Intermediário de chocolate quente na mão. Em encontros anteriores com Darrell, ela dera a entender que Simon poderia mostrar alguns ciúmes quanto ao tempo que ela passava com outro homem. Agora que os planos haviam mudado, ela queria que todos no Pátio soubessem que era namorada de Darrell.

Não imaginava que Simon se importasse, mas esperava que ele baixasse um pouco a guarda se já não lhe prestasse atenção a ele e não tivesse muito tempo para Meg.

— Ora aí estás! — exclamou Asia quando Meg se aproximou do balcão. — Ainda não tinha tido tempo de ver como estavas.

Uma olhadela rápida sobre o ombro de Meg. Não viu a cria, o que a desiludiu, mas avistou a caixa de torrões de açúcar em cima da mesa. Era a confirmação de que Meg usava o açúcar no Dia da Lua.

— Ver como eu estava? — disse Meg.

— Ouvi dizer que a polícia cá esteve e que houve muita agitação. E depois ouvi dizer que tinhas sido ferida, que talvez até estivesse no hospital, pelo que tinha de ver por mim mesma que estavas bem. Toma. Trouxe-te chocolate quente. — Darrell não dissera nada sobre Meg. Limitara-se a mencionar a ambulância — e contara uma história alucinada sobre um homem lobo à frente de toda a gente, a mostrar muito mais do que quereriam ver.

— Obrigada. — Meg deu um gole e pousou o copo no balcão. — Eu estou bem. Alguém trouxe uma caixa suspeita, só isso.

Nem por sombras, pensou Asia. Esse tal pequeno incidente deixou o Pátio com os nervos à flor da pele, não foi só a polícia.

— Bem, fico satisfeita por saber que estás bem. — Olhou ostensivamente para lá de Meg. — Então e onde anda o cachorrinho adorável que tinhas no outro dia? Era tão fofo.

— Hoje não está cá.

Antes que Asia insistisse para saber do paradeiro do lobacho quando não estava na estação, um Lobo adulto apareceu à porta, sobressaltando-a e levando-a a recuar alguns passos. Mesmo grandes, aqueles malfadados bichos eram tão *silenciosos*. Depois de aquele Lobo do outro dia ter enfiado o focinho entre as suas pernas, ficara muito menos interessada em tê-los por perto, a menos que lhes pudesse pegar e levá-los embora.

Meg olhou para o Lobo, após o que disse a Asia: — Agora tenho um amigo diferente na estação.

— Sempre? — indagou Asia.

Meg hesitou.

— O incidente no Dia da Água... Foi perturbante, e tanta polícia provocou muita agitação. Assim, o Sr. Wolfgard decidiu acrescentar alguma segurança à estação durante o horário de expediente... tal como ele tem na livraria.

Não gostara da forma como o Carrinha Branca estragara a operação, mas aquilo confirmava quão inútil seria continuar a rondar Meg. Tudo o que fosse dito a partir dali seria relatado a Simon.

Um coro de relinchos deu-lhe uma desculpa para sair.

— Mais amigos? — perguntou Asia.

— Os póneis vieram buscar a correspondência.

— E o açúcar.

— Pois, isso também. Obrigada pelo chocolate quente.

— Ainda gostava que fôssemos almoçar um dia destes — asseverou Asia. — Avisa-me quando te der jeito.

Não que isso vá acontecer, pensou, enquanto saía da estação. Olhou na direção do consulado, avistou Darrell numa das janelas do andar de cima, e soprou-lhe um beijo. *Vou andar ocupada a todos os níveis com o meu namorado novo.*

Dirigiu-se à LUM e deixou-se ficar tempo suficiente para se certificar de que fora avistada.

Em seguida, pegou num livro ao acaso, satisfeita por não ser Simon à caixa quando o foi pagar.

Assim que voltou ao carro, telefonou a Darrell, que ficou entusiasmado por ter a oportunidade de a convidar para novo encontro.

Meg não sabia onde Nathan se encontrava quando ela foi ao Trincadela para o almoço e depois se dirigiu à Praça do Mercado para dar uma vista de olhos na biblioteca, mas ele aguardava-a junto à porta dos fundos quando Meg chegou para o horário da tarde da estação.

Interrogou-se se ele estaria a esforçar-se para não a assustar outra vez, já que a sua aparição nessa manhã deixara claro que podia entrar sozinho.

Meg abriu as portas e o *Lakeside News* em cima da mesa de separação para lhe ir dando uma vista de olhos em busca de algo de interesse para os Outros. Nathan estava na sala da frente, a farejar tudo.

Quando os Corvos começaram a agitar-se, Meg dirigiu-se à porta, retesando-se quando viu um camião de entrega não programado. Depois, o veículo virou o suficiente para ela ler o nome Entregas Em Todo o Lado.

— É o Harry — informou ela Nathan ao correr para abrir a porta ao entregador.

— Pediram-me que fizesse uma entrega especial esta tarde — explicou Harry ao colocar a caixa no carrinho. — Tenho mais uma, mas é melhor ver se o soalho está seco para a pousar.

— Boa ideia. — Meg correu para a sala dos fundos e trouxe uma toalha. Enquanto Nathan andava de um lado para o outro, obviamente sem saber onde deveria posicionar-se, ela limpou o chão onde o Lobo se deitara nessa manhã. — Para aqui, Harry. — Como as botas de Harry estavam cheias de neve, Meg aceitou o volume em tecido estofado e pousou-o ela no lugar certo.

— Preciso da sua assinatura, Nina Meg — pediu Harry.

Meg assinou o recibo, fez a sua nota na prancheta e esperou que Harry se fosse embora antes de sorrir para Nathan.

— Vá lá. Espreita.

Nathan avançou à cautela. Contornou o objeto, cheirou-o, bateu-lhe com a pata.

Depois encontrou a etiqueta do produto e fitou-a por um instante. Voltando-se para ela, arreganhou um lábio no que poderia ser uma ameaça.

— Eu sei que diz que é uma cama de cão, mas de certeza que um Lobo a pode usar — indicou

Meg. Do Lobo nada, além de sons rabugentos. — Bem. Se te queres deitar no chão frio e duro, em vez de num sítio confortável e quente só porque *Lobo* está soletrado como c-ã-o, estás à vontade. — Foi para a sala de separação e fechou a porta. Então lembrou-se da outra caixa e abriu a porta de entrada o tempo suficiente para puxar o carrinho para a sala de separação. Se ele ia ser assim tão mesquinho quando ela só queria ter um gesto simpático, garantidamente não ia deixar seis caixas indefesas de biscoitos para cães sozinhas com ele.

Guardou as caixas — três caixas para cachorros e três para cães de grande porte — nos armários por baixo da mesa de separação. Voltou a ler o jornal até que os Corvos anunciaram o camião de entregas seguinte.

Simon entrou na Estação do Intermediário e olhou para o Lobo enroscado num...

— O que é isso? — perguntou, sacudindo a neve das botas ao avançar na direção de Nathan.

<Meu>, foi a resposta de Nathan.

— Como é que passou a ser teu?

<Estou de guarda, por isso é meu.> Nathan ofereceu a Simon um olhar presunçoso e acrescentou:

<E também tenho biscoitos.>

Simon ignorou o grunhido de advertência e passou a mão sobre o tecido, apertou o recheio e olhou para a etiqueta.

— Onde é que encontraste isto? — Não só parecia confortável, como era mais bonito do que o monte de cobertores velhos que tinha no seu gabinete para quando queria transformar-se em Lobo e fazer uma sesta.

<Foi a Meg que encontrou.> Nathan pousou a cabeça sobre as patas e observou Simon. O líder tinha sempre a primeira escolha de alimentos, de fêmeas, de qualquer coisa que lhe chamasse a atenção. Um líder que ficava sempre com o que outro tivesse era um líder que acabava numa luta constante pela liderança.

— Esta fica aqui para quem estiver de guarda. Vou pedir à Meg que me encomende outra. — Olhou para a porta fechada e interrogou-se porque Meg não saíra, já que até os ouvidos humanos deveriam ser capazes de o ouvir a falar com Nathan.

<Há problemas?>

<Não, mas um Falcão disse-me que o Darrell pediu autorização ao Elliot para usar um dos quartos lá em cima. Acho que encontrou uma fêmea para sexo.>

Imaginava que fêmea Darrell encontrara.

Da primeira vez que Asia entrara na Ler e Uivar por Mais e indicara que gostaria de fazer sexo com ele, Simon tentara imaginar-se com ela. Algo sobre o interesse dela não batia certo, e só imaginava uma armadilha com dentes de aço escondida sob folhas e galhos. Mas isso foi a reação dele a ela e, sinceramente, estava aliviado por ela ter virado a atenção para um humano, deixando-o em paz.

Não gostava dela, por isso não confiava nela. Pouco lhe importava se era justo ou não. Tal como pouco lhe importava se seria justo interrogar-se se os Outros deveriam continuar a confiar em Darrell assim que ele começasse a fazer sexo com Asia. Afinal de contas, os homens faziam muita

coisa tola quando queriam sexo.

Não disse nada a Nathan. As suas novas reservas acerca de Darrell eram um assunto a tratar com Henry e Vlad. Agora, teria de enfrentar uma outra discussão.

Usou a passagem para chegar atrás do balcão, observou a porta fechada, ponderou por um instante e depois bateu à porta, antes de a entreabrir o suficiente para dizer: — Meg?

Não obteve resposta. Entrou na sala e não encontrou uma mulher. Antes de ter oportunidade de uivar pelo desaparecimento, ouviu o autoclismo. Paradeiro descoberto, Simon abriu os armários até encontrar os biscoitos. Estava com a mão na caixa quando Meg entrou na sala. Enfiou um par de biscoitos no bolso do casaco, depois fechou a caixa e voltou a guardá-la.

— Onde encontraste a cama para o Nathan? — indagou.

Meg suspirou.

— É assim tão importante que a etiqueta diga cão em vez de Lobo?

Seria, caso ele decidisse enviar algumas para as colónias, mas ali no Pátio poderia ignorar as palavras.

— Perguntei porque gostava de ter uma para o meu gabinete. E talvez mais umas quantas para o armazém.

— Encomendei-a ao Palácio dos Animais.

Simon franziu o cenho, imaginando o que Elliot diria acerca de uma qualquer compra nesse sítio. Bem, não contaria a Elliot a origem das camas.

— Encomenda mais.

— Está bem. — Fitou-o, perplexa. — Como é que sabia da cama?

— Não sabia. Vim perguntar se o Sam pode ficar contigo esta tarde. Vou buscá-lo à escola. Ele pode acompanhar-te nas entregas, ou podes deixá-lo com o Henry.

— Está bem. — Agora, Meg parecia desconfortável. — Simon? A Asia perguntou pelo Sam. Ela viu-o quando esteve fora, quando ele estava aqui comigo.

— O que lhe disseste?

— Disse que hoje ele não estava cá. Depois viu o Nathan. Conversámos uns minutos e ela foi-se embora. O Sam é fofo, e os seres humanos gostam de fazer festas a cachorros e a gatinhos. — Encolheu os ombros. — Acho que ela não perguntou por mal, mas imaginei que devesse ficar a saber.

— Ótimo. — Assentiu. — Ainda bem que me contaste. Vou levar o teu Cairo e vou buscar o Sam.

Saiu pela porta dos fundos. Ao cruzar o espaço para a garagem, olhou para as escadas de acesso aos dois pequenos apartamentos sobre a Estação do Intermediário. Um lugar de encontro. Um lugar para passar a noite. Um lugar de sexo para aqueles, entre os *terra indigene*, cuja posição no mundo humano exigia mais privacidade do que a garantida pelos quartos por cima do Centro de Convívio.

Uma armadilha com dentes de aço. Tinha de descortinar o que não entendia sobre o facto de Asia estar com Darrell antes que a armadilha se fechasse.

Com Sam a seu lado no banco da frente, Simon afastou-se da escola do Pátio e dirigiu-se à Estação do Intermediário. A escola ficava perto do centro do Pátio, afastada dos olhares indiscretos dos humanos.

Não era seguro para os jovens *terra indigene* frequentarem uma escola com crianças humanas, pelo que os Pátios ofereciam aos residentes uma educação semelhante à que os seres humanos recebiam. Um ser humano não seria capaz de enganar um Lobo que soubesse fazer contas como qualquer outra pessoa.

Dois mais dois era sempre quatro, qualquer que fosse a espécie a que se pertencesse.

A História de Thaísia, por outro lado, era um assunto completamente diferente. Os seres humanos e os Outros tinham opiniões muito diferentes sobre o assunto.

Mas o relato do dia sobre aritmética, leitura e escrita havia sido revisto nos primeiros dois minutos de viagem. Agora, Sam dedicava-se a um tema mais importante.

— Mas o Nathan não está a fazer nada — queixou-se Sam. — Porque é que ele não pode brincar comigo?

— Ele está a fazer alguma coisa — retrucou Simon. — Ele está de guarda, portanto só pode brincar durante a hora do almoço, quando a Meg não está na estação.

— Porque é que a Meg agora precisa de um guarda? O Nathan não estava de guarda quando eu estava com a Meg.

Não queria contar ao menino sobre o intruso, mas se não lhe dissesse alguma coisa, o lobacho iria continuar a atormentá-lo e a Nathan quanto ao motivo pelo qual o Lobo de guarda não poder brincar.

— Um homem entrou na estação e foi mau para a Meg. Nós não gostámos, por isso o Nathan foi para lá para se certificar de que mais ninguém é mau para a Meg.

Sam olhou pela janela. Depois perguntou em voz baixa: — Foi o homem que fez mal à mãe?

— Não. Esses homens fugiram. Um dia vamos encontrá-los, Sam. Prometo. Mas o homem que entrou na estação não era um desses.

— Quero ser Lobo quando estou na estação.

Simon relanceou o menino.

— A Meg não sabe comunicar como os *terra indigene* fazem. Se estiveres como Lobo, não vais ser capaz de lhe contar o que aprendeste na escola.

— Posso contar-lhe quando chegarmos a casa. Não posso usar o arnês nesta forma, por isso tenho de agarrar a corda de segurança, e às vezes esqueço-me e largo-a.

— Já não tens de usar o arnês. — Simon gostava que o menino não se concentrasse tanto no arnês e na trela. Isso deixava todos os Lobos inquietos. Bem, não seria um problema duradouro. O filhote crescera o suficiente naqueles dias para que o arnês deixasse de lhe servir numa semana.

Sam lançou-lhe um olhar incrédulo.

— Se eu não usar o arnês, como é que eu puxo a Meg para fora de um banco de neve quando ela lá cai?

Simon manteve os olhos na estrada. O menino tinha dito *quando*, não *se*. Com que frequência caía

Meg num monte de neve? Seria desajeitada ou estaria a brincar? Ou acabaria na neve depois de ser levada a tropeçar por uma cria?

— E a Meg não é boa a cavar — continuou Sam. — Como Lobo, eu cavo muito melhor.

— Foi por isso que foste tu a escavar o Cairo quando ontem ele ficou preso na neve? — perguntou Simon gentilmente.

Sam deitou-se no banco e resmungou: — Não era suposto saberes isso.

— Pois. — Recebera uma dúzia de telefonemas de Falcões, Corujas, Corvos e um par de Lobos que haviam assistido a essa idiotice e mal podiam esperar por lhe contar. Simon considerou interessante que nenhum deles se tivesse oferecido para ajudar. Na verdade, os Lobos haviam-lhe dito que tinham deliberadamente ficado escondidos, deixando que Meg e Sam resolvessem o assunto sozinhos.

E assim fora. Entre eles, haviam conseguido desencalhar o Cairo e prosseguido com as entregas.

Isso também explicava o motivo por que, quando Simon regressara de uma corrida com Blair e alguns outros Lobos, ele encontrara a televisão ligada e o lobacho e a profetisa a ressonarem no chão da sala.

Como ela estava enroscada a Sam para o manter quente, parecera assisado a Simon que a envolvesse na forma de Lobo para a aquecer a *ela*. O facto de se ter sentido satisfeito ao aninhar-se junto dela nada tivera a ver com essa decisão. Absolutamente nada.

Quando chegaram à estação de Meg, Simon ajudou Sam a dobrar as suas roupas e a guardá-las num dos cubículos da sala dos fundos e depois abriu a porta para a sala de separação quando o menino se transformou em Lobo. O lobacho saudou Meg com exuberância, uivou um cumprimento a Nathan, e depois começou a farejar pela sala, em busca dos biscoitos que Meg escondera.

— Tens alguma coisa que queiras que eu leve para o consulado? — indagou Simon.

— Não, obrigada — respondeu Meg. — O Darrell veio buscar o correio. — Fez uma pausa, parecendo confusa.

Simon sentiu o cheiro do mal-estar e deu um passo na direção dela.

— Algum problema por ele ter cá vindo?

Meg abanou a cabeça.

— Só que antes desta semana, nunca cá tinha vindo ninguém do consulado buscar correspondência.

Simon ponderou a hipótese de lhe contar sobre o sexo de macaco programado, mas não disse nada, pois de repente ela soltou um gritinho.

— Tens o nariz frio! — exclamou Meg, olhando para Sam. — E acho que não engulo a desculpa do «estava só à procura de biscoitos» para me bateres com um nariz gelado no tornozelo!

Sam respondeu-lhe, parecendo muito satisfeito consigo mesmo, e depois trotou em redor da mesa de separação, retomando a busca por biscoitos.

A sorrir, Simon deixou o escritório e dirigiu-se ao consulado.

Darrell estava à secretária, parecendo já ter sentido o cheiro de uma fêmea no cio e prestes a perder a cabeça por ela. Simon cumprimentou o humano com um aceno de cabeça, e subiu até ao gabinete de Elliot.

— Queria falar comigo? — perguntou quando o progenitor ergueu o olhar.

— Sim.

Elliot gesticulou na direção da cadeira das visitas, e Simon interrogou-se quanto ao político que ele estaria a imitar. Também se interrogou quanto ao desconforto aparente do outro Lobo.

— Continua tudo bem com a Menina Corbyn? — acabou Elliot por perguntar.

— Algum motivo para não continuar?

— Ontem à tarde vi o Nathan e o Sam a persegui-la, atrás da estação. Eles pareciam... convictos... na perseguição.

Ah.

— O Henry convenceu a Meg a brincar à caça ao veado, alegando que o Sam precisava de desenvolver as capacidades de perseguição. Acho que, acima de tudo, ele estava a certificar-se de que ela fazia um pouco de exercício. A Meg é muito convincente no papel de presa, razão pela qual o Henry não queria perdê-los de vista... para o caso de o Nathan ficar demasiado entusiasmado ou de outro Lobo confundir o jogo com uma caçada a sério. Vai acabar por desenvolver os músculos e a resistência da Meg, e por desenvolver os músculos e a resistência do Sam, e o Nathan tem como recompensa do trabalho como guarda um bocado bem passado.

É claro que ouvir os lamentos de John na véspera por não poder brincar não ajudara a sua própria autodisciplina cada vez menos forte, especialmente por ser óbvio que Meg era realmente um bom brinquedo para roer.

Elliot sorriu. Em seguida, riu-se.

— É bom ver a cria a brincar outra vez. Se pelo menos lhe pudéssemos tirar o arnês.

— Ele diz que precisa disso para tirar a Meg dos bancos de neve — retrucou Simon com um tom neutro.

Elliot soltou uma gargalhada. Quando os risos esmoreceram, ficou sério.

— Desculpa-me ter-lhe batido. Os instintos dela são bizarros, mas creio que são sentidos.

Simon assentiu. Era irritante ter Sam a citar Meg quanto a atitudes humanas quando ela sabia menos acerca do mundo humano normal do qualquer elemento da Associação Comercial, mas a sua falta de conhecimentos sobre os Outros era uma vantagem para eles. Que outro ser humano aceitaria o rótulo de *presa* para que um lobito a perseguisse?

— O Darrell vai ter a reserva esta noite — informou Elliot.

— Concordámos em deixá-lo usar um dos quartos por cima da Estação do Intermediário — disse Simon.

— Ele também quer permissão para levar a companheira a jantar ao Carne-e-Legumes.

— Porquê? Não é um lugar luxuoso para quando se quer impressionar uma fêmea. Para isso levamo-la a um restaurante humano.

— Mas fica na Praça do Mercado, um lugar que muito poucos têm permissão para ver. Há fêmeas que ficam bastante excitadas com a emoção do proibido.

— Sabes quem é que ele quer trazer?

— É a mulher que andava a farejar-te. Pelo menos, o Ferus disse que cheirou o Darrell nela.

Simon assentiu.

— Asia Crane. — Emoção com o proibido. Isso explicava o motivo por que jovens universitárias

ou da escola comercial andavam sempre a cheirar na LUM e no Trincadela, ou a passar o serão no Centro de Convívio, na esperança de se esfregarem num *terra indigene*. Mas tinha a impressão de que Asia andava a cheirar à procura de algo mais. Será que os seres humanos ganhavam estatuto entre a própria espécie se fossem autorizados a entrar na Praça do Mercado do Pátio? Talvez perguntasse à Ruthie da próxima vez que ela entrasse na LUM. Estava a revelar ser de bastante confiança para humano.

— Dá-lhe um livre-trânsito de convidado para a Praça do Mercado — indicou Simon. — Diz ao Darrell que pode levar a fêmea a todas as lojas que estejam abertas. Mas ele que tenha noção de que se trata de um livre-trânsito temporário.

— Eu digo-lhe.

Simon levantou-se.

— Tenho de ir. O Vlad hoje está à frente da loja, mas prometi que tratava de alguns documentos.

Regressou à LUM, passando pelo Trincadela para um café e uma fatia de tarte de frutos que cheirara ao início do dia. Levou o lanche para o seu gabinete na livraria, e foi rosnando enquanto tratava da papelada; tentou ignorar o mal-estar que sentia por conceder a Asia Crane algum tipo de acesso ao Pátio.

Meg manteve-se atenta à estrada enquanto seguia o rumo familiar para as Câmaras.

— Hoje não vais pular para cima de mim e assustar-me para um monte de neve por teres visto um cervo e queres ir caçá-lo. Está bem? Porque não precisamos de ficar atolados dois dias seguidos.

Rezara com toda a convicção para que Simon — e Blair — não soubesse do monte de neve. Encontrar uma pá de cabo curto na traseira do Cairo, junto à escova para a neve e ao raspador de gelo, fora prova suficiente de que um deles — ou ambos — tinha tido conhecimento da aventura da véspera.

Sam sorriu e abanou a cauda.

Dele não podia contar com ajuda.

É claro que ela nunca vira veados a sério, e ter avistado uma manada no que parecia um curral de neve fora mais um motivo para não se concentrar na estrada por uns segundos excessivos.

Não que fosse admiti-lo.

Ao passar pela casa de mármore de Erebus Sanguinati, Meg olhou para a esquerda. Em seguida parou e fitou uma das estradas interiores. A maioria não havia sido limpa devidamente, e as poucas transitáveis levavam a edifícios sem identificação. Como não precisava de percorrer essas estradas para fazer as entregas e imaginando que, fosse como fosse, o Cairo não seria capaz de abrir caminho, limitou-se à circular externa e às estradas interiores de acesso a todos os complexos, bem como ao estábulo e às raparigas do lago.

Talvez na primavera, quando as estradas sem marcação voltassem a ficar transitáveis, ela pudesse passear pelo interior do Pátio e encontrar um refúgio para onde fugir quando quisesse um pouco de solidão.

Mas quando voltou a olhar para aquela estrada estreita e coberta de neve, a pele por baixo das cicatrizes mais recentes — as que lhe haviam mostrado onde a sua vida chegaria ao fim — começou

a formigar com tal intensidade que teve vontade de gritar. Se Simon estivesse certo e aquilo fosse algum tipo de instinto de defesa das *cassandra sangue*, aquele caminho representava um qualquer perigo.

O formigueiro não desapareceu quando ela passou pela estrada. Verdade fosse dita, piorou, concentrando-se na pele exatamente por baixo dessas cicatrizes.

Acendeu os faróis do Cairo, interrogando-se como poderia ter-se esquecido de que precisava de luzes para conduzir à noite.

Só que não era noite. Ela e Sam estavam a fazer as entregas da tarde, e não precisava das luzes para ver a estrada.

A tremer, Meg parou o Cairo e deixou-o em ponto-morto, ignorando os gemidos de Sam quando ele tentou subir-lhe para o colo e lambe-lhe o rosto.

O formigueiro transformou-se num ardor forte na pele.

Fazia mais de uma semana desde que se cortara, e fora um corte com papel, um acidente. Talvez fosse por isso que se sentia tão nervosa, tão desesperada para aliviar o formigueiro. Talvez fosse por isso que acabara de ter algo que não era bem uma visão. Ou não era o tipo de visão que fora treinada para ver.

Era algo novo, desconhecido, assustador. Era pior do que ser distraída por veados durante alguns segundos. Se ela não se tivesse lembrado *quando* estava a conduzir, teria a estranha visão continuado até que batesse com o Cairo?

Estava a conduzir sozinha. À noite. Fosse o que fosse, era pessoal. Era sobre ela. E só havia uma maneira de descobrir mais.

Não se tratava de um desejo físico. Não haveria qualquer euforia. Mas *tinha* de descobrir porque reagira tão intensamente a uma estrada que ela vira numa visão durante alguns segundos.

Vai ter de esperar, pensou ela, rangendo os dentes ao engrenar a mudança do Cairo. *Vai ter de esperar até que eu termine as entregas e leve Sam a casa.*

— Hoje não há muitas encomendas — notou Sam enquanto ela se dirigia à última secção das Câmaras. Deixou-o no Cairo enquanto enfiava um par de encomendas nas caixas de fora da vedação, mas prendeu a trela ao arnês quando chegou ao Complexo dos Falcões e deixou que ele a acompanhasse à sala da correspondência.

Dois pacotes para o Complexo dos Lobos, depois quatro caixas de outro brinquedo de construção para a sala de convívio dos Corvos. Não fazia ideia daquilo que os Corvos estavam a construir, mas tendo em conta as observações feitas por Jenni e Crystal quando as encontrara na Praça do Mercado, os Corvos juntavam-se todas as noites para trabalhar nas construções e estavam a divertir-se bastante.

Quando chegou ao Complexo Verde e estacionou o Cairo na garagem, a necessidade emocional de se cortar era tão intensa como a necessidade de aliviar o formigueiro na pele. Tentou parecer e agir normalmente, mas os gemidos ansiosos de Sam mostraram-lhe que o lobacho sabia que algo estava mal.

E se Sam o sentira antes que ela fizesse alguma coisa, teria de evitar Simon até que o corte

cicatrizasse. Só não sabia como fazer isso com ele a chegar em breve para ir buscar o pequeno.

Ao entrarem no apartamento, Meg pendurou o blusão, descalçou as botas e sorriu a Sam.

— Tenho de ir à casa de banho. Queres mudar de forma enquanto lá vou?

Não a surpreendeu que ele a tivesse seguido e tentado entrar com ela em vez de ir para o quarto transformar-se e vestir as roupas que ela separara.

Trancou a porta com ele lá fora e despiu as camisolas. Tirou a navalha do bolso das calças, abriu-a e pousou a lâmina de lado no braço, com a parte romba junto à cicatriz anterior. Depois virou a mão, encostando a parte afiada na pele virgem — e pressionou ao de leve.

Teve a sensação de pele a afastar-se, como se fugisse do aço.

Ergueu a lâmina, pousou a navalha no lavatório e preparou-se para a dor. Surgiu de um lugar sombrio no seu interior, enquanto o sangue jorrava da ferida.

A estrada interior, logo após a casa de Erebus. Não havia muita neve no alcatrão, mas continuava a cair com força. Estava escuro, mas não sabia se era início da noite ou perto da alvorada. Um som como um motor que zumbisse como vespas. A conduzir sozinha no escuro a uma velocidade imprudente, sem luzes que lhe revelassem a presença. O som a envolvê-la cada vez mais. E lá atrás, Sam a uivar de terror.

Mas seguro. Desta vez, ele estava seguro.

Saindo da profecia, Meg apoiou-se ao lavatório e reprimiu a necessidade de gritar de dor. Era tão pior do que aquele pequeno golpe no dedo. Talvez ainda pior do que os cortes que lhe haviam mostrado o Pátio e Simon Wolfgard.

Pelo menos o formigueiro por baixo da pele parara. O corte trouxera-lhe bastante alívio.

Ofegante e a chorar, lavou o corte antes de colocar a pomada antibiótica e de o tapar com uma compressa grossa, esperando ocultar o cheiro a sangue. Depois limpou a navalha e certificou-se de que o lavatório ficava lavado. Por fim usou a sanita, sem saber durante quanto tempo o nariz de um Lobo era capaz de sentir um cheiro.

Vestiu a camisola de gola alta, tendo o cuidado de não puxar o penso, depois o pulôver e saiu da casa de banho. Contava encontrar Sam mais ou menos vestido e à sua espera na cozinha com uma lista de possíveis lanches. Encontrou-o ainda na forma de Lobo, encolhido junto à porta da rua. Fitou-a e gemeu, mas não se aproximou dela, não se afastou da porta.

Inquieta, Meg não o empurrou. Foi buscar alguns biscoitos, que ele se recusou a comer. Limitou-se a ficar encolhido junto à porta, a tremer.

Apercebeu-se do momento em que Simon começou a subir as escadas. Sam alternou os uivos e o arranhar da porta.

— Sai da frente, Sam — indicou ela. — Não posso abrir a porta contigo à frente.

Assim que a porta foi aberta, Sam saiu a correr do apartamento e desceu as escadas, passando por Simon.

— Ele está chateado — disse Meg. Tentou fechar a porta na cara de Simon, mas não foi rápida o suficiente. Simon não forçou a entrada, não fez qualquer exigência, mas Meg tinha a certeza que os laivos vermelho nos olhos e a maneira como farejava o ar significavam que sabia exatamente o motivo da perturbação de Sam.

De regresso à cozinha, Meg serviu um copo de sumo de laranja. Depois sentou-se à mesa e esperou pelo que Simon fosse fazer.

Simon lavara a gaiola e guardara-a na cave. Estava pronto a ignorar o arnês e a trela durante mais algum tempo, especialmente agora que sabia o motivo por que Sam queria continuar a usá-los, mas não era capaz de continuar a olhar para a gaiola.

No entanto, quando abriu a porta do apartamento, Sam correu para o lugar da gaiola e encolheu-se onde costumava ficar o canto mais afastado.

Simon descalçou as botas, entrou na sala e ajoelhou-se ao lado do lobacho a tremer.

<Sam? O que foi?> *Além do cheiro de sangue em Meg.*

A gemer, Sam trepou para os braços de Simon.

<Aconteceu alguma coisa quando tu e a Meg foram fazer as entregas?>

<Não sei.> Apenas um sussurro mas, pelo menos, Sam estava a responder. <O mau aconteceu depois.>

<Onde é que foram depois?>

<Para o covil da Meg.> Gemidos e tremores. Depois: <Lembro-me do cheiro. Quando a mãe... Qualquer coisa na casa de banho magoou a Meg, e houve aquele cheiro.>

Fêmea estúpida, pensou Simon enquanto afagava Sam. *Porque se foi cortar com o pequeno ainda com ela? Porque não pôde esperar até ele chegar a casa para não sentir o cheiro a sangue fresco?*

Realmente, porquê?

À medida que o cheiro do sangue desaparecia, substituído pelos aromas familiares da sua própria toca, a fúria de Simon também se desvaneceu.

Não havia euforia se as palavras de uma profecia não fossem proferidas. Só dor.

Havia outras razões para o cheiro a sangue, especialmente na casa de banho de uma mulher.

Poderia ter sido um corte accidental. Poderia ser um tipo diferente de sangue, ainda desconhecido de uma cria.

Não. Esse tipo de sangue não se misturava com cheiro a medicamentos.

Não se apercebeu de que estava a rosnar até que Sam lhe começou a lambe o queixo e a fazer sons ansiosos.

Enganara-se na última vez que a acusara de se cortar. Não voltaria a cometer o mesmo erro.

<Henry?>, chamou Simon.

<Aqui.>

<Preciso de orientação.>

<Estou quase em casa. Vai ter comigo.>

O alívio percorreu-o. Talvez a memória de encontrar Daphne e Sam naquela noite terrível dificultassem o raciocínio quanto a Meg. Quanto a ela ser magoada. Talvez estivesse tão vulnerável quanto Sam.

— Sam? Tenho de falar com o Henry. Ficas sozinho ou queres que peça... ao Elliot ou ao Nathan para ficarem contigo? — Era prova de como ela se tornara um deles que Meg fosse a primeira escolha para ficar com o lobacho.

Sam mudou de forma. Simon envolveu o menino nu com o casaco, deixando que a sua temperatura aquecesse a pele fria.

— Posso ver um filme? — perguntou Sam.

— Podes ver um filme.

— Posso lanchar?

— Podes lanchar o que eu te fizer.

Olhos cinzentos preocupados fitaram-no.

— Simon? A Meg vai morrer e deixar-nos?

Simon abanou a cabeça.

— Se a Meg estivesse ferida com gravidade, ela dizia-nos. E ela não parecia magoada, Sam. — Na verdade, parecia. O rosto, os olhos, ainda mostravam sinais de dor quando abriu a porta e tentou fingir que estava tudo bem. — Depois de falar com o Henry, vou ver como ela está.

Nada mais podia fazer, nem pelo menino nem pela mulher, pelo que preparou um lanche para Sam e pôs um filme a correr antes de ir a casa de Henry. Quando Simon entrou na cozinha do Urso, o Pardo já chegara e estava a fazer chá.

Esperou que se instalassem à mesa, com o chá fumegante em canecas, antes de contar a Henry sobre Sam e o cheiro a sangue.

— Ela parecia ferida? — perguntou Henry.

— Ela não está ferida — retrucou Simon. — Ela cortou-se. Tu sabes disso e eu sei disso. Só não sei o que fazer quanto a isso.

— A decisão não é tua.

— Eu sou o líder. A decisão é minha.

Henry bebeu um gole de chá e não disse nada. Simon esforçou-se por manter os caninos do tamanho humano normal enquanto esperava, pois percebeu que Henry o estava a fazer esperar.

— Em quantos humanos confias? — perguntou Henry finalmente.

— Em poucos. Quase nenhum.

— Acho que a nossa Meg confia ainda em menos. À maneira dela, é ainda mais reservada do que os *terra indigene*, e acho que ela tem tido muito pouca privacidade. Vais ser como aquele homem que a usou e que pensava que era dono dela, ou vais ser um amigo em quem ela pode confiar?

Simon arreganhou os dentes e rosnou para Henry. Depois, o rosnido desvaneceu-se pois o Urso revelara a armadilha. Quando Meg se cortava, via uma profecia. Se ele a obrigasse a revelar o que vira, talvez ela julgasse que trocara um tipo de Controlador por outro.

Podia voltar a fugir.

Suspirou, um som carregado de resignação frustrada.

— Se ela fizer um corte em média por semana durante cinquenta e duas semanas, quantos anos poderá sobreviver a esse ritmo?

— Não sei — respondeu Henry calmamente. — A pergunta a fazer é: onde queres que ela passe esses anos?

— Connosco. Quero que ela os passe connosco. — Levantou-se. — Obrigado pelo chá.

De regresso ao apartamento, Simon subiu as escadas e bateu à porta de Meg. Ela abriu com tal

celeridade que Simon imaginou que estivesse à sua espera.

— O Sam achou que não te estavas a sentir bem — informou Simon. — Por isso é que estava chateado.

— Eu estou bem.

Não parecia bem; e também parecia cansada. Simon não gostava de a deixar sozinha parecendo tão exausta.

Não lhe competia forçar ou exigir. Também não gostava disso.

— Queres dizer-me alguma coisa? — perguntou.

Meg hesitou e depois abanou a cabeça.

— Está bem. Até amanhã.

Desceu as escadas, atento ao mais ínfimo som por parte dela, ao chamamento mais débil.

Apenas ouviu a porta a fechar-se devagarinho.

Asia fechou os olhos e pensou num jantar elegante, em quartos de hotel limpos, e em homens que sabiam mais acerca de sexo do que apenas que o aparelho A entra na ranhura B. O facto de a maioria das pessoas que vira a comer no Carne-e-Legumes estar a apreciar a comida era motivo suficiente para chamar exterminadores — dos que dispunham de material para eliminar qualquer tipo de praga. Não tinha queixas quanto ao seu bife até que cometeu o erro de perguntar que tipo de carne era, ficando a saber que se tratava de cavalo.

Salvo a imagem que visualizou, o cavalo não era tão mau como o alce de Darrell. Ao que parecia, uma descrição servia para tudo.

E os apartamentos que a classe superior do Pátio usava para divertimentos mais íntimos! Não era capaz de imaginar uma mulher que quisesse passar uma hora ali por qualquer motivo, salvo poder gabar-se — ou um qualquer objetivo lucrativo ulterior.

Quanto ao sexo, quanto menos pensasse nisso, melhor, especialmente tendo obrigatoriamente de aceitar outro convite por parte de Darrell. Vira o suficiente naquela noite para elaborar um plano, mostrara-se ousada a ponto de deixar Darrell a babar-se por mais, sem se mostrar excessivamente experiente. Isso, só por si, deveria valer uma gratificação — e provava o calibre das suas capacidades de representação.

Asia Crane, Investigadora Especial. Imaginava Darrell dali a uns anos, a gabar-se de ter dormido com Asia, estrela de uma série de televisão de êxito.

Suspirou, beijou o peito de Darrell e fez menção de se levantar da cama.

— Onde é que vais? — perguntou ele, tentando puxá-la de volta.

— Meu querido, já é tarde. Tenho de ir.

— Pensei que íamos passar a noite juntos.

— Ah, não. Não posso fazer isso. Não na primeira vez. Não seria correto. E o meu carro está no estacionamento do Pátio. E se alguém percebe que estive lá a noite toda?

Darrell franziu a testa.

— Ainda estás preocupada com os ciúmes do Simon Wolfgard? Porque ele sabe de nós. Ele autorizou o livre-trânsito que tenho para ti.

É claro que queria que se soubesse no Pátio que Darrell era seu namorado, mas não lhe ocorrera que Simon pudesse saber que a mulher ali em cima era ela. Mas Asia Crane, IE, teria noção de que Simon saberia daquela aventura e imaginaria maneira de se servir disso.

Sim. Era bom que Simon soubesse que ela estava ali. Melhor do que bom, porque agora não teria motivo para se interrogar quanto à presença do cheiro dela em algum sítio inesperado.

Beijou ao de leve o peito de Darrell.

— Não, querido. Não estou preocupada com o Simon Wolfgard. No outro dia deixei claro que estou à procura de um homem de verdade, não de um Lobo a fingir que é uma coisa que não é, nem nunca virá a ser. — Era verdade que não dissera aquelas palavras exatas quando tentara, pela última vez, namoriscar com Simon, mas imaginava que Darrell não o perguntaria a um Lobo, pelo que ninguém viria a saber.

Sentiu uma mudança em Darrell, a forma possessiva como as mãos dele lhe acariciaram o corpo.

— Então qual é o problema? — perguntou ele.

— Já te disse. Posso não resistir à paixão com alguém especial, mas não sou o tipo de mulher que janta *e* toma o pequeno-almoço no primeiro grande encontro. — Acariciou-lhe o peito. — Além disso, não trouxe nada comigo para passar a noite. — Levou-lhe o dedo aos lábios antes que ele pudesse argumentar. — Não estragues tudo. Por favor. Diz-me só quando é que posso fazer a mala para passar então a noite.

— Assim que possa reservar outra vez o quarto. — Rebolou na cama, imobilizando-a. — Mas temos tempo para mais uma. Não temos?

— Ah, sim. — Asia envolveu-lhe o pescoço com os braços enquanto ele se instalava entre as pernas dela. — Temos, sim senhor.

—Estou?

— Recebeu o meu presente? Os artigos foram selecionados exclusivamente para si.

— Foi-me entregue por um mensageiro especial, mas nunca lhe disse o meu endereço.

— É possível adquirir informações quando se sabe a quem perguntar.

— Bem, adorei o meu presente. Posso usar uma série deles no meu encontro de amanhã à noite.

— Quer companhia? Esse mensageiro especial possui uma variedade de habilidades. Por acaso, estão duas dezenas de mensageiros dessa empresa na cidade. Foram treinados para lidar com encomendas delicadas ou voláteis.

Uma breve gargalhada.

— Não, obrigada. Eu safo-me sozinha. E espero encontrar alguma coisa que possa enviar como agradecimento.

— Nesse caso, fico ansioso pela nossa próxima conversa.

Asia desligou o telefone e calçou as luvas usadas nas alas infetocontagiosas dos hospitais. Enquanto examinava cada frasco dentro da caixa cuidadosamente embalada enviada pelo proprietário de Meg Corbyn, Asia agradeceu em silêncio ao Manda-chuva pelas informações avançadas sobre várias drogas e as penas pela sua posse. Na altura vira-o como informações úteis para o papel na série. Agora, a informação era vital para a vida real.

Alguns dos produtos na caixa eram fáceis de obter, pois provocavam poucos efeitos secundários na pessoa em que fossem usados, quando os causavam de todo. Alguns valiam anos de prisão só pela posse, e uma condenação perpétua caso se fosse apanhado a usá-los. Um dos produtos era algo de que ela nunca ouvira falar, uma coisa chamada sobrelobo. Até descobrir o que fazia, não iria ignorar o aviso de uso com moderação.

Asia pegou no último frasco, leu o rótulo e voltou a guardá-lo com muito cuidado.

E alguns produtos garantiriam uma viagem só de ida para o país selvagem. Nada de prisão. Nada assim tão agradável. Apenas uma longa viagem até às profundezas do território dos Outros, onde se era libertado sem comida, sem água, sem calçado.

Não havia registo de quem sobrevivesse a essa punição específica.

O seu novo benfeitor, tal como via agora o proprietário de Meg, talvez tivesse como puxar cordelinhos suficientes para se escapar às sanções para a posse de um daqueles artigos, mas Asia não se iludia pensando que ele a protegesse igualmente. E não tinha dúvidas de que o Manda-chuva e o seu grupo de patrocinadores se distanciariam caso ela fosse apanhada com alguma daquelas drogas merecedoras de prisão, e mais ainda a que acarretava uma pena de morte automática. Assim sendo, seria para seu bem usar esse último frasco o mais depressa possível.

E sabia exatamente como seria mais útil.

— Sabes o que eu gostava mesmo de fazer? — indagou Asia a Darrell enquanto percorria o acesso e estacionava o carro atrás da Estação do Intermediário. Aí estaria protegido de potenciais ladrões e longe da vista dos carros-patrolha que poderiam reparar num carro deixado no estacionamento do

Pátio durante a noite. No Dia do Sol, o facto de ter o carro no parque fora a sua desculpa para sair. Naquela noite, tê-lo escondido significava que Darrell era a única pessoa que sabia que ela regressara ao Pátio com ele.

— Faço ideia — respondeu Darrell com um sorriso que parecia um pouco estranho, um tudo-nada malandro.

— Antes disso. — Desligou os faróis do carro e mal conseguiu distinguir os contornos do homem no outro banco.

Se algum dos estabelecimentos do Pátio dispunha de luzes exteriores nas portas dos fundos, ninguém se lembrara de as acender — nem mesmo aquela que sabia encontrar-se no cimo das escadas que subiria em breve. Seria uma luz demasiado simpático para um ser humano, ou teriam os Outros partido do princípio de que Darrell trataria disso?

Isso fê-la interrogar-se se haveria lençóis limpos na cama, e se alguém teria usado o quarto na véspera.

— O que é que queres fazer? — perguntou Darrell, com a sugestão de maldade a desaparecer, como se nunca tivesse estado presente.

Asia debruçou-se sobre ele, encontrou o fecho das calças e abriu-o uns centímetros.

— Vamos dar uma volta.

— Uma volta? — Erguera o tom de voz, que quase cedeu quando ela abriu o fecho mais um centímetro. — Aonde?

— Até ao Complexo Verde e voltamos.

A mão fechou-se sobre a dela. Asia imaginava que a respiração ofegante não se devia unicamente à luxúria.

— Asia, estás louca?

— Os seres humanos podem andar na zona Verde.

— Só se tiverem um livre-trânsito! E mesmo assim é arriscado afastarmo-nos da Praça do Mercado.

— Mas tu tens um passe — lembrou Asia, adoçando as palavras enquanto os dedos se dedicavam a abrir o fecho mais um centímetro. Asia deitara alguns flocos de sobrelobo na última bebida dele, só para ver o que aconteceria. Até agora, a resposta era: absolutamente nada. Talvez ela o tivesse usado com *demasiada* moderação. — E eu *quero* ser o tipo de mulher corajosa a ponto de fazer algo arriscado. Como passar a noite inteira com um homem — concluiu, tentando afastar a mão do fecho.

A mão dele apertou-lha quase dolorosamente antes de a libertar. Asia afastou a mão e sentou-se empertigada, com os olhos fitos em frente.

— Só pensei em termos uma aventurazinha antes de... — Mexeu o corpo de maneira a transmitir constrangimento. — Queria fazer qualquer coisa especial. Como aquela rapariga estava a fazer no filme que vimos da última vez. Aquilo que querias que eu fizesse, mas não pude. Até comprei um livro. Tu sabes. Um desses manuais. Fui a uma livraria no outro lado da cidade para o comprar. Mas acho que não queres...

Darrell engoliu em seco, e Asia percebeu que já o tinha.

— Não saímos do carro — alertou ele, com a voz a tremer.

— Oh, não — concordou Asia. — Isso seria demasiado arriscado.

— Não podemos levar o teu carro — acrescentou ele passado um instante. — Eles não usam carros como este no Pátio. Encontravam-nos assim que passássemos pela Praça do Mercado. Mas qualquer pessoa pode conduzir um Cairo até ao Complexo Verde, para fazer uma visita.

É bom saber disso, pensou Asia.

— Então o que devemos fazer?

— Espera aqui. Tenho de ir buscar uma chave ao consulado.

Quando Darrell deixou o carro, Asia contou até vinte antes de abrir a porta e sair também. Desabotoou o casaco e pegou na máquina que escondera num bolso interior. Depois olhou em volta. Não adiantava tentar fotografar aquela zona. Nem mesmo o flash da máquina serviria de nada.

Darrell voltou, ofegante, como se tivesse corrido uma maratona. Ou estivesse a fugir de uma alcateia.

— Não sei que Cairo pode estar disponível, mas as chaves servem em todos — indicou.

Também é bom saber, pensou Asia ao vê-lo abrir e fechar a porta de um espaço de garagem vazio.

— Cá está um. — Fez-lhe sinal para que ela se aproximasse.

Asia pegou nas chaves e trancou o carro. A mala com a roupa — e os acessórios especiais — ficaram na bagageira. Não tencionava usar qualquer das roupas, por isso não importava se ficavam rígidas com o frio. E os pés nos frascos congelariam.

Apressou-se a atravessar a estrada nevada e sentou-se no lugar do passageiro do Cairo. Interrogava-se se a coisa teria motor e esperava que tivesse aquecimento.

Tinha ambas as coisas, mais ou menos.

Cerrou os dentes quando Darrell recuou para fora da garagem e depois perdeu algum tempo a fechar a porta.

— Se uma Coruja vir a porta aberta, vai dar o alarme — explicou Darrell enquanto saía da zona comercial do Pátio.

— Ah. Ainda bem que pensaste nisso. — Ainda estavam à vista da zona comercial quando ela avistou um tubo de luz amarela ao lado da estrada. — O que é isto?

— Luz solar — respondeu Darrell. — Os Outros deixam-nos nas encruzilhadas. O Complexo Verde fica na circular externa.

— Para onde vai o acesso da esquerda?

— Para o interior do Pátio. Ou talvez para o portão dos Corvos. Não sei.

Darrell parecia muito nervoso, e Asia deixou de fazer perguntas.

Não havia iluminação pública, pelo que não havia grande coisa que se visse, nem pontos de referência que pudesse descrever a outra pessoa. Pelos vistos, o Pátio era um vazio enorme até chegarem ao Complexo Verde, onde Simon Wolfgard morava.

Quando Darrell fez marcha-atrás para um dos lugares de estacionamento das visitas do outro lado da estrada em relação ao complexo, Asia engoliu a desilusão. Era apenas um prédio de apartamentos em U, que nem sequer era simétrico a ponto de parecer concluído. Era ali que viviam os elementos da Associação Comercial, os manda-chuvas entre os *terra indigene*?

Havia ali muitas luzes. Estariam muitos Outros em casa?

— Os seres humanos são muito melhores neste tipo de coisas — comentou Asia.

— Que coisas?

— Edifícios e carros, e assim.

Darrell assentiu e fez um som depreciativo.

— *Eles* julgam que estão a viver no luxo por terem água e aquecimento central, e por não terem de ir cagar ao mato, se não quiserem.

Tal linguagem vinda de Darrell? Asia observou-o com mais interesse. De onde viera aquela centelha de raiva?

— Pensava que gostavas de trabalhar no consulado.

— Trabalhar num consulado fica bem no currículo — respondeu ele. — E com o crédito na Praça do Mercado de que os funcionários recebem em cima dos salários, recebo quase o dobro por trabalhar no consulado do que receberia numa posição equivalente no governo humano. Mas isto é apenas um trampolim, um caminho para algo melhor.

Qual seria o verdadeiro Darrell Adams: o coninhas sexualmente inepto com quem ela dormira ou aquele homem irritado que provavelmente passava as noites a imaginar dar um tiro na cabeça de Elliot Wolfgard?

— Odeia-los, não é? — indagou Asia.

Quando Darrell estava prestes a responder, Vladimir Sanguinati saiu de um dos apartamentos. O vampiro olhou na direção deles e parou, parecendo concentrar-se excessivamente para o gosto deles.

— Já viste o suficiente? — perguntou Darrell, a bravata a desvanecer-se à medida que o vampiro caminhava na direção deles. Engrenou a mudança do Cairo e arrancou, fazendo os pneus deslizar no seu esforço para se afastar do Complexo Verde antes que Vlad se aproximasse o suficiente para os identificar.

Asia não vira o suficiente. Ainda não sabia qual o apartamento que pertencia a Meg Corbyn e qual o que pertencia a Simon Wolfgard, mas pelo menos tinha algumas das informações de que o mensageiro especial necessitaria.

E tinha de pensar em como uma substância chamada sobrelobo transformara o coninhas num homem irritado, mesmo tendo a mudança durado apenas um minuto ou dois. Havia muita coisa que poderia ser feita num minuto ou dois, caso fossem os minutos certos. Talvez valesse a pena fazer uma experiência nova, dependendo do facto de ter de aceitar outro convite para sair.

Por enquanto, tinha de concluir os planos para aquela noite. Assim, quando regressassem ao quarto, daria a Darrell o tipo de sexo com que ele não tinha sequer coragem de sonhar.

Asia observou Darrell mais um minuto antes de se levantar. Restara sobrelobo suficiente no organismo dele para o tornar interessante depois de excitado, mas duas vezes era mais do que suficiente. As gotas iam deixá-lo apagado durante pelo menos uma hora, o que seria mais do que suficiente.

Vestiu as calças de Darrell, apertando-as com um cinto que comprara na véspera para que os cheiros de todas as outras pessoas em que tocara na loja ainda estivessem razoavelmente frescos. Vestiu a camisa dele e até as peúgas. Vestiu o sobretudo. Tirou o gorro de lã do bolso e enfiou-o

sobre o cabelo. Passou a máquina fotográfica e uma pequena lanterna do seu casaco para o dele e depois calçou as botas que eram suas, pois não queria arriscar-se a cair.

A mão pairou sobre a mala com a roupa. Era muito possível que aquilo corresse mal. Mas sendo bem-sucedida, a recompensa chegaria para a tornar a estrela mais quente de Sparkletown.

Escolheu um frasco e enfiou-o no bolso do sobretudo. Pegou nas chaves da mesa de cabeceira, saiu do quarto e dirigiu-se à porta dos fundos da Estação do Intermediário.

Três chaves na argola. Uma era do quarto que estavam a usar. Uma do outro quarto lá de cima. E a terceira...

Boa!, pensou Asia ao abrir a porta dos fundos da estação. Descalçou as botas e esfregou os pés para deixar o cheiro de Darrell no chão. Pegou na lanterna, acendeu-a e olhou em volta.

Típica sala dos fundos de um escritório. Mesa e duas cadeiras, pseudo cozinha com refrigerador e bancada. Casa de banho e zona de arrumos com caixas de roupa, alguma limpa e outra quase imunda.

O frigorífico não continha nada que lhe fosse útil. Mas no armário por baixo da bancada encontrou o que procurava: uma caixa parcialmente usada de torrões de açúcar.

Desejando poder acender uma luz, Asia pousou a lanterna no chão e tirou o frasco do bolso. Os cristais eram iguais ao açúcar e, pelo que aprendera acerca daquelas coisas, o sabor não era muito diferente, razão pela qual era tão eficaz e as penas pelo seu uso tão duras. Despejou cristais sobre a camada superior dos cubos de açúcar, depois abanou ao de leve a caixa para que fossem cobrir mais torrões. Repetiu os gestos até derramar os últimos cristais sobre todo o açúcar.

Guardou o frasco vazio no bolso do sobretudo, devolveu a caixa à prateleira e dirigiu-se à divisão seguinte.

Não havia muito para ver. Quem seria capaz de trabalhar num espaço tão chato dia após dia? Nem sequer havia uma pilha de correspondência que lhe desse nomes que não conhecesse da livraria e do café.

Abriu um armário e encontrou caixas de biscoitos de cão. Por um momento arrependeu-se de ter usado os cristais sobre o açúcar, mas depois percebeu que era bom que não pudesse dar seguimento ao impulso. Se acontecesse alguma coisa a um Lobo, isso poderia ser considerado uma declaração de guerra. Mas nunca ouvira falar de Outros que se chamassem Póneis, o que significava que os malfadados bichos eram apenas animais. Serviriam de distração, uma maneira de agitar as coisas, nada mais do que danos colaterais no esquema geral.

Abriu uma gaveta por baixo do balcão e fitou longamente uma folha de papel. Depois sentiu o coração a bater com entusiasmo. Encontrara um mapa do Pátio.

Portões, estradas, edifícios — tudo aquilo de que uma equipa de extração precisaria.

Dia de pagamento!

Envolveu a mão com a camisa de Darrell e pegou no mapa com dois dedos para o pousar em cima da mesa. Depois pegou na máquina... e praguejou entre dentes.

Uma lanterna e o flash da máquina não chegavam. Se quisesse imagens úteis, teria de acender as luzes, só por um instante.

Não havia cortinas nas janelas. Nada que ela pudesse usar rapidamente para encobrir a luz.

Para de empatar, pensou, iluminando as paredes com a lanterna até encontrar o interruptor.

Quanto mais depressa tirares as fotos, mais depressa podes sair daqui.

Acendeu as luzes e correu de volta à mesa para tirar várias fotografias do mapa por inteiro. Depois tirou mais algumas com *zoom* para apanhar pormenores. Guardou a máquina no bolso do sobretudo e o mapa na gaveta, apagou as luzes — e ouviu o pio de uma Coruja.

Porra, merda, foda-se. Estaria uma empoleirada no muro ao lado da estação? Ou pior, no corrimão das escadas que tinha de subir?

Entrou na sala dos fundos, calçou as botas, abriu a porta do exterior e ficou à escuta. Não havia som de penas a restolhar, nem pios.

Esgueirou-se para a rua, trancou a porta e depois apagou a lanterna. Pisou o primeiro degrau quando se lembrou do frasco vazio que tinha no bolso. Segundo o Manda-chuva, a presença da polícia e a velocidade com que respondiam a qualquer coisa que envolvesse os Outros eram incomuns. Isso significava que um frasco vazio poderia ser tão bom como uma confissão, caso o encontrassem na sua posse.

Tirou o frasco do bolso, afastou-se alguns metros das escadas e enfiou o frasco num monte de neve, até onde foi capaz. Depois espalhou neve para tapar o buraco, sacudiu a manga do sobretudo e correu escadas acima.

Despiu as roupas de Darrell, levou as que usara naquela noite para a casa de banho, acompanhada da mala. Tomara um duche com Darrell como parte dos preliminares, usando o sabonete e o champô que os Outros diziam aos seus funcionários para usarem.

Borrifou então as suas roupas e o corpo com o aroma floral que os Outros associavam a Asia Crane, pois ela usava sempre aquele cheiro quando entrava na Ler e Uivar por Mais e no Trincadela.

E esse perfume não estava na Estação do Intermediário.

Guardou tudo e deitou-se, grata pelo calor corporal por baixo dos lençóis.

Darrell ainda dormia profundamente e mais não fez do que grunhir e afastar-se dela quando Asia tentou encostar o corpo frio àquele mais quente.

Passou-se uma hora. Depois duas. Pensou no frasco escondido na neve, onde talvez permanecesse até à primavera. Pensou na máquina e nas fotografias incriminatórias no cartão de memória. Pensou em como acabar o relacionamento com Darrell.

Pensou no que Asia Crane, IE, faria.

Voltou a levantar-se, vestiu-se, guardou as coisas e saiu. Não deixou o carro aquecer o suficiente, nem limpou neve suficiente do vidro traseiro antes de sair do Pátio. Já era tarde, pelo que praticamente não havia trânsito. Isso não significava que um polícia não a visse e a assinalasse.

Percorreu mais um quarteirão antes de parar e limpar devidamente todos os vidros. Depois tirou o telefone móvel da mala e fez um telefonema, mas não foi para o Manda-chuva.

— Estou?

— Preciso de um mensageiro especial. Alguém que possa imprimir fotografias e que receba ordens mais pessoais.

— Ele pode estar na tua residência em trinta minutos.

— Por essa altura já tenho de estar de volta.

Asia desligou, voltou a guardar o telefone na mala da roupa e conduziu de volta ao apartamento.

Escolhera o bairro da universidade por ficar perto o suficiente do Pátio, mas não ser uma das zonas adjacentes ao território controlado pelo Outros. Não era provável que algum deles a tivesse visto, salvo quando frequentava as lojas, pelo que não sabiam onde morava.

Era agora de extrema importância que não soubessem onde morava.

Quando chegou a casa, mal teve tempo de acender as luzes antes de ouvir bater ao de leve à porta.

Era o mesmo mensageiro especial que lhe entregara o seu presente.

— Tens alguma coisa para mim? — perguntou ele depois de fechar a porta.

Asia abriu o casaco e tirou a máquina do bolso interior.

— Tenho imagens que não podem ser vistas por ninguém que trabalhe numa loja de fotografia.

O homem exibiu o estojo preto que tinha consigo.

— E eu tenho uma maneira privada de imprimir fotografias. — Dirigiu-se à mesa de jantar e começou a montar o seu equipamento.

Asia observou-o a montar um centro de impressão em miniatura.

— Nunca vi nada assim. Deve custar uma fortuna.

— Custa os olhos da cara, literalmente, se for perdido ou danificado, mas o benfeitor que financia estas missões acredita que os seus agentes devem ter equipamento topo de gama, pois raramente existem segundas oportunidades.

— Como é que fabrica uma coisa assim sem que os Outros saibam disso? — indagou Asia.

O sorriso oferecido foi feroz.

— Se sabemos como fazer, é possível esconder tudo deles. Agora, dá-me o cartão de memória, e vamos ver se o que aí tens valeu a pena o telefonema tardio.

Ofendida pela crítica implícita de que irritara alguém importante por uma informação reles, Asia retirou o cartão de memória da máquina e entregou-o ao mensageiro. Este introduziu-o numa das suas pequenas caixas, e depois fez correr o programa que abriria as imagens.

Observou-as por um instante. Depois assobiou.

— Retiro o que disse. Estas imagens valem a pena a chamada tardia. — Mirou-a com um interesse renovado. — Onde encontraste isto?

— Na Estação do Intermediário.

— Com que celeridade reagem a ameaças?

— Rapidamente. E a polícia reage quase com a mesma rapidez.

— Bolas. Eles costumam pisar ovos quando recebem uma chamada de um Pátio.

— Aqui não. — Asia hesitou. Aquele trabalho era muito mais arriscado do que qualquer outra coisa que houvesse feito pelos patrocinadores, e executar um trabalho para aquele benfeitor e seus patrocinadores acarretava um risco muito próprio. Mas, caramba, era emocionante, e era exatamente o tipo de coisas que Asia Crane, IE, faria.

— Acho que algumas distrações, alguns alarmes falsos, seriam bem pensados — sugeriu ela, entrando na sua personagem. — Dar à polícia um motivo para retardar a resposta. Criar distrações que não passem de aborrecimentos.

O homem começou a imprimir as imagens, estudando o mapa geral do Pátio enquanto as imagens ampliadas iam sendo impressas.

— Pequenas distrações e aborrecimentos junto aos portões. — Percorreu com o dedo a área que englobava as lojas, o consulado e a Estação do Intermediário. — As atividades decorrem sobretudo durante o dia?

— E ao início da noite. Não têm horários fixos, como os estabelecimentos humanos, mas a maior parte das lojas já fechou às nove.

— E quanto a este lugar? O Complexo de Serviços?

Asia abanou a cabeça.

— Não sei. Creio que é mais ativo durante o dia, mas não sei com certeza se os seres humanos lá podem entrar.

— Podemos descobrir — comentou ele, distraidamente, enquanto continuava a estudar o mapa. — Distrações. Podemos mantê-los agitados, para que não reconheçam a verdadeira ameaça quando ela chegar.

— Mas só depois do Dia da Lua.

O homem virou a cabeça e observou-a. — Porquê?

— Porque eu já pus a primeira distração em ação. E acho que isso vai acontecer no Dia da Lua.

Terminou de imprimir as imagens, incluindo um mapa geral para ela. Depois de voltar a guardar o equipamento no estojo e de guardar as fotografias num envelope, mirou-a de forma mais abrangente — e sorriu.

— Disseram-me que também precisavas de algo mais pessoal.

— Não é isso — esclareceu ela. — Não quero o cheiro de ninguém, exceto o do homem com quem estive hoje à noite.

— Nesse caso, do que precisas?

— Bate-me. Não demasiado para precisar de um hospital nem para te denunciar à polícia, mas o suficiente para que as outras mulheres percebam o motivo que me levou a terminar o relacionamento com este homem, e não andar em locais onde ele me possa ver. Preciso de uma razão para não estar no Pátio no Dia da Lua.

O homem semicerrou os olhos.

— Vais incriminá-lo?

— Digamos que vai servir de apólice de seguro de todos nós.

O mensageiro avaliou-lhe o corpo com uma frieza profissional e calçou um par de luvas de pele fina.

— Então vamos começar.

— Tens a certeza? — perguntou Simon, depois de fechar a porta do gabinete e de voltar para a secretária.

— Tenho a certeza — asseverou Vlad. — Segui-os desde o Complexo Verde. E esta manhã, o Blair confirmou que o Cairo deveria estar totalmente carregado, já que ficara ligado à fonte de energia desde ontem, mas não está.

— Então porque é que não trataste disso ontem à noite?

— Porque é que não trataste disso esta manhã, depois de o Nathan dizer que tinha encontrado o cheiro do Darrell na sala dos fundos e na sala de separação? — contrapôs Vlad.

Simon olhou para a cama confortável de Lobo ao canto do gabinete — algo que vários Lobos tinham agora nos seus espaços de trabalho — e percebeu que tanto ele como Vlad tinham o mesmo motivo para não matar Darrell imediatamente.

Não se importava com o que a polícia ou o governo humano ou toda a maldita cidade de Lakeside pensassem por ele rasgar o pescoço de um humano que houvesse traído a confiança dos *terra indigene*. Mas havia a possibilidade de que Meg tivesse pedido a Darrell que entregasse algo por ela no Complexo Verde, e ele ficara assustado ao ver Vlad por ter deixado que Asia Crane fosse com ele. E havia ainda a possibilidade, mesmo que mais remota, de que Meg houvesse pedido a Darrell que a ajudasse com alguma coisa na sala dos fundos ou na sala de separação. A Associação Comercial deixara de ser tão rigorosa quanto a manter seres humanos conhecidos afastados desses espaços desde que Meg começara a trabalhar para eles, sobretudo por ela precisar de companhia humana para estar satisfeita. Os Outros queriam que ela fosse feliz, para que ali ficasse. Não podia comer Darrell se ele estivesse mesmo a fazer um favor a Meg.

— Não podemos permitir que um macaco quebre as nossas regras — lembrou Vlad.

— Não, não podemos. Mas o Darrell trabalha para o Elliot. Como ele não fez mais nada além de chegar ao Complexo Verde sem autorização, vou deixar que seja o Elliot a decidir como lidar com ele. — Simon pensou por um instante. — Depois de falar com o Elliot, vou chamar o Chris Fallacaro e mandá-lo trocar as fechaduras no consulado e na Estação do Intermediário.

— E quanto à Asia Crane? — indagou Vlad.

— Ela estava com o Darrell e não saiu do veículo. Não sei se podemos chamar a isso invasão de propriedade — adiantou Simon. Sobretudo por Vlad a ter deixado sair no Pátio na véspera. — Fica proibida de entrar no Pátio, a partir de agora. E isso inclui as lojas, até mesmo a LUM e o Trincadela. — O alívio que sentia por ter um motivo para a manter longe de Meg era tão profundo que quase o magoava.

Se Meg ficasse zangada com ele pela expulsão de Asia, ele aceitá-lo-ia. A sério. Pelo menos durante algum tempo.

— Está bem — assentiu Vlad. — Vou informar o Avô da decisão dos Lobos. Tu falas com o Elliot.

Quando Vlad saiu, Simon esticou o pescoço e os ombros, sentindo os estalos dos músculos tensos a relaxarem. Em seguida telefonou a Elliot, depois sentou-se e dedicou-se à redação dos panfletos que Lorne lhe imprimiria assim que o Três P abrisse.

Vlad fluiu por baixo da porta do gabinete de Elliot, uma nuvem de fumo a deslocar-se sobre a carpete, mantendo-se junto à parede. Não se importava que Elliot o visse a entrar e soubesse que ouviria o Lobo a lidar com o humano. Só não queria que Darrell percebesse que ele ali estava.

Embora não houvesse dúvidas de que o ser humano seria demitido do emprego no consulado, não era garantido que sairia do Pátio, apesar da curta distância entre a porta do consulado e a entrada para a zona de entregas.

Não importava quão rápido um ser humano pudesse correr; os Sanguinati eram mais rápidos. E segundo as ordens de Erebus, a menos que Vlad ficasse convencido de que Darrell agira apenas estupidamente por causa de uma mulher, o humano não passaria por Nyx quando estivesse a fugir para a suposta segurança presumida do território controlado pelos humanos.

— Sr. Wolfgard? — disse Darrell enquanto ajeitava o nó da gravata. — Queria falar comigo?

— Sim — respondeu Elliot, com o tom de voz a suavizar-se sem revelar nada. — Sabes porquê?

— Não, senhor. Mas... alguém limpou a minha secretária e guardou alguns dos meus objetos pessoais numa caixa.

— Não, nós guardámos *todos* os teus objetos *pessoais* na caixa. O resto das coisas na secretária pertence ao consulado. Agora vais entregar as chaves que te foram confiadas, bem como o livre-trânsito para a Praça do Mercado.

— Mas... porquê?

— Estás a ser demitido por quebra de confiança.

Respiração rápida. Pulsação a disparar. Rosto a empalidecer. E mesmo assim, o tolo ainda tentou negar aquilo que os Outros sabiam.

— Não fiz nada — insistiu Darrell.

— Para teu bem, espero que essa violação tenha começado e acabado quando levaste a fêmea ao Complexo Verde. Espero que compreendas o que te vai acontecer se fores indiscreto quanto ao que viste e ouviste no consulado.

— Sr. Wolfgard, acho que fiz um bom trabalho aqui no consulado — começou Darrell a dizer.

— E fizeste. Fiquei satisfeito com o teu trabalho. Mas quebraste a confiança que tínhamos depositado em ti, e agora tens de te ir embora. No entanto, antes de te deixar sair deste gabinete, preciso de uma resposta: o que procuravas na Estação do Intermediário?

— Eu não estive na estação — protestou Darrell. — Estive no quarto lá de cima, no quarto que me disseram que podia usar. Estava com a minha... amiga... até acordar esta manhã.

— Então, nunca entraste na estação? — indagou Elliot, a voz ainda tranquila.

— É claro que entrei na estação. Fui lá por várias vezes buscar a correspondência do consulado.

— Porquê?

— Porquê?

— Sim — disse Elliot pacientemente. — Porquê? Nunca tinhas feito isso.

Darrell contorceu-se na cadeira.

— Nunca me senti confortável junto dos outros Intermediários. Mas a Meg é uma rapariga simpática, e ela tem sempre o correio bem ordenado. Pensei que seria um gesto simpático, se lá fosse buscar o correio.

E seria uma maneira de preparar Meg como próxima amiga potencial caso Asia Crane não resultasse?, interrogou-se Vlad.

— De quem foi a ideia de ir ao Complexo Verde? — quis saber Elliot. — O teu livre-trânsito não abrange mais do que a nossa zona comercial sem permissão especial, e a tua convidada não tinha autorização para ir fosse onde fosse ontem à noite, salvo o quarto destacado para a vossa... interação social.

— Ela queria ver o complexo, como uma aventura.

— Ver o quê? Já era tarde. Estava escuro.

— Acho que ela queria ver onde vive o Simon Wolfgard. — Darrell baixou a cabeça e falou com a gravata. — Ela disse que já não estava interessada nele, mas acho que está. Acho que ela estava a fingir...

<É quanto baste, Elliot>, disse Vlad. <Vou informar o Avô de que este macaco tentou impressionar a fêmea e não passa de um tolo. Como a Asia está a ser expulsa do Pátio, a explicação irá satisfazê-lo.>

Deixando Elliot a concluir a demissão, Vlad passou por baixo da porta, assumindo a forma humana quando chegou ao corredor. Lá fora, deteve-se tempo suficiente para dizer a Nyx que Darrell estava autorizado a deixar o Pátio intacto. Depois percorreu o caminho de acesso entre as construções e parou atrás da Estação do Intermediário.

A carrinha da Fechaduras Fallacaro já lá estava, e Chris Fallacaro trabalhava na porta dos fundos da estação. Blair observava-o, o que, provavelmente, seria o motivo por que o humano estava a demorar tanto tempo para mudar a fechadura. Ter jovens a prestar atenção para aprenderem era uma coisa. Ter o principal defensor do Pátio a assistir era algo completamente diferente.

E lá estava Meg, a parar o Cairo e a parecer confusa, pois a carrinha e o Cairo de Blair estavam a impedir-lhe efetivamente o estacionamento do seu veículo.

Não tinham decidido o que diriam a Meg, e não queria pressionar Simon — sobretudo não estando em lados opostos. Teria preferido uma solução mais permanente para se livrarem de Asia Crane, e deveria ter tratado disso na véspera. Como tomara a decisão errada, acreditava que deveria ser Simon a assumir uma abordagem direta — e dar-lhes a todos um pouco de sangue e de carne.

Mas o que diriam à Intermediária? *É assim, Meg. Nós não gostávamos da Asia Crane, por isso comemo-la.*

A honestidade nem sempre é a melhor política ao lidar com seres humanos, pensou Vlad ao acercar-se do Cairo para abrir a porta de Meg.

— O que se passa? — perguntou Meg ao sair do Cairo.

— Vamos entrar. Está frio aqui fora. — Segurou-lhe o cotovelo, enquanto se dirigiam à porta dos fundos.

Blair disse algo a Chris. O homem deu um salto, virou a cabeça de uma maneira que lhe deve ter feito retesar alguns músculos, e depois abriu mais a porta para que Meg pudesse entrar.

Meg trocou as botas por sapatos, pendurou o blusão, e entrou na outra sala para abrir a estação. Vlad seguiu-a e parou na soleira da porta Privada enquanto ela se encostava ao balcão.

— O que aconteceu? — perguntou Meg.

— Uma quebra de confiança. O Darrell quebrou uma das regras — respondeu Vlad, querendo ser franco e direto como se estivesse a falar com alguém da sua espécie. Mas de repente interrogou-se sobre o que as profetisas de sangue em geral, e Meg em particular, saberiam acerca de sexo e sentiu necessidade de cautela ao explicar o motivo por que o humano estivera lá em cima na noite passada. — Ele foi despedido. Como tinha uma chave do consulado, bem como a chave deste edifício, estamos a mudar as fechaduras.

— Fazem isso sempre que um funcionário sai daqui?

— Nem sempre.

Meg empalideceu, o que o assustou.

— O Sam está em perigo? — perguntou ela.

Pergunta interessante.

— Não me parece.

É claro que Nathan escolheu aquele momento para abrir a porta da frente. Fez uma pausa quando um dos Corvos lhe grasnou e depois levantou o braço num convite. O Corvo acercou-se e entraram os dois. O Lobo lançou uma olhadela à cama, depois sacudiu a neve das botas e aproximou-se do balcão. O Corvo saltou do braço para o balcão, deslizando um pouco.

Meg olhou para os dois.

— Bom-dia, Nathan. Bom-dia, Jake. — Relanceou Vlad. — Vai ficar por aqui?

— Até que as fechaduras estejam prontas. Depois de as fechaduras terem sido trocadas, o Blair vai ter com o Chris ao Complexo de Serviços para fazer as chaves. A fechadura da entrada também vai ser trocada.

— Isto tudo porque o Darrell quebrou uma regra? — indagou Meg.

— Foi uma regra importante — respondeu Vlad gentilmente, tentando compensar o rosnido de Nathan.

O barulho de pneus a esmagar neve fê-los olhar na direção da zona de entregas.

Meg pegou na prancheta debaixo do balcão e aceitou a caneta que Jake lhe ofereceu.

— Tentem não assustar os entregadores, está bem?

— *Caw* — respondeu Jake.

Vlad entrou na sala de separação, onde não seria visto. Reparou que Jake foi o único a oferecer garantias a Meg quanto a isso.

Imaginava que Meg também tivesse notado.

Depois de pensar bastante na sua abordagem, Asia entrou na Ler e Uivar por Mais, convencida de que alcançara o equilíbrio certo: maquilhagem um pouco pesada de mais, como se tentasse encobrir alguma coisa; cabelo penteado, mas não tão bem como habitualmente; uma camisola que mostraria os hematomas nos ombros quando ela se mexesse de determinada maneira, mas que não dizia que queria que fosse flagrante.

O mensageiro especial fizera um bom trabalho ao fingir que era um coninhas que de repente se transformara em bruto. Mas se um Lobo metesse o focinho onde não devia, sentiria o cheiro de Darrell.

A rapariga à caixa fitou-a e empalideceu. Asia pensou que fosse por ter avistado os hematomas. Depois reparou no seu próprio nome em letras garrafais numa espécie de panfleto ao lado da caixa registadora.

Deu um passo na direção da caixa. Quando deu por si, Simon Wolfgard estava a bloqueá-la, a rosnar de uma maneira que destruía qualquer ilusão de ser humano.

— Asia Crane, estás banida do Pátio — declarou ele num tom repleto de autoridade e raiva. — Isso é válido para todas as lojas do Pátio. — Deu um passo na direção dela, obrigando-a a recuar. — Isso é válido para este estabelecimento. Desta vez podes ir, mas se te encontrarmos novamente no nosso território, matamos-te.

Os clientes na frente da loja estacaram.

Asia ergueu o queixo, trocando a representação de vítima de sexo duro pela de defensora da humanidade.

— Não me podes proibir de entrar numa loja. Isso é discriminação. Nenhum de vocês poderia comprar as vossas preciosas tralhas se as lojas humanas *vos* discriminassem.

— Já nos discriminam bastante. Isso não vem ao caso. O importante é que andaste a cheirar onde não devias e apanhámos-te, mas desta vez vamos deixar-te e ao Darrell irem-se embora. Sim, também o banimos. Quanto a vocês — disse Simon, dirigindo-se aos outros clientes —, se quiserem fazer compras noutras lojas porque banimos os dois humanos que quebraram as nossas regras em vez de vos banirmos a todos, é convosco. — Dirigiu-se a Asia. — E o teu tempo esgotou-se. Desaparece ou morre. — Agarrou num dos panfletos e entregou-lho, batendo-lhe no peito. — Leva isto contigo para que não te esqueças.

Asia agarrou no panfleto e amarfanhou-o. Ainda pensou em fazer um comentário de despedida, mas percebeu que ele procurava uma desculpa para a matar naquele momento.

Faria saltar-lhe o sangue pela loja e ficaria convicto de que a mercadoria perdida tinha valido a pena.

— O que é que eu te fiz? — murmurou ela, satisfeita com o tremor natural na voz.

Simon aproximou-se, a voz igualmente baixa.

— Quando eu descobrir, vou caçar-te.

Asia saiu da livraria, a mente a ferver. Sempre pagara em dinheiro tudo o que comprara na LUM ou no Trincadela. Ela era Margaret A. Crane em quaisquer identificações que os patrocinadores lhe haviam fornecido, um nome bastante comum. Assim sendo, ela não seria fácil de encontrar. Nem Darrell sabia onde ela morava.

Quando entrou no carro, um carro-patrolha entrava no parque de estacionamento do Pátio. O agente que saiu do carro e se dirigiu à LUM era um dos polícias que lá passavam diariamente.

O estômago de Asia deu um breve salto bizarro. Será que o Lobo ia entregar aqueles panfletos à polícia?

Estava a conseguir demasiada atenção, e do tipo errado. Se o mensageiro especial soubesse daquilo e informasse o benfeitor, poderia ser o fim de um arranjo muito lucrativo. Agora, até mesmo os seus patrocinadores queriam que ela trabalhasse em conjunto com os homens do benfeitor e ficariam profundamente desgostosos se as suas ações estragassem a missão, fazendo com que os

Outros se tornassem mais desconfiados dos humanos.

Mas o mensageiro especial do benfeitor sabia o que ela ia fazer. Afinal de contas, ele ajudara-a com aquela charada. Só tinha de o convencer que ser banida do Pátio sempre fizera parte do plano.

N a manhã do Dia da Lua, Meg abriu a estação, preparou a prancheta e suspirou de alívio. Após a demissão de Darrell e a expulsão pública de Asia, todos os seres humanos que trabalhavam para os Outros haviam ficado nervosos, especialmente os que trabalhavam na Praça do Mercado, e teria mais dificuldade em fugir se os *terra indigene* se tornassem selvagens. No entanto, à exceção do aumento de carros-patrolha a passar pelo Pátio, o Dia do Fogo e o Dia da Água foram dias de trabalho normais. O Dia da Terra fora um equilíbrio agradável de tarefas domésticas e uma longa brincadeira na neve com Simon e Sam nas suas formas de Lobo. A brincadeira havia-a deixado exausta a ponto de adormecer enquanto viam um filme nessa noite.

E Simon não disse nada por ela o usar como almofada peluda.

Meg ainda não sabia ao certo por que motivo Darrell não deveria visitar o Complexo Verde. Afinal de contas, ele trabalhava para o consulado. Por certo haveria material mais sensível nesse gabinete do que qualquer coisa que pudesse ser visto no escuro, no exterior dos edifícios.

Só que Darrell levara Asia, que não tinha permissão para lá estar.

Meg massajou rapidamente os braços, ficando aliviada quando o formigueiro por baixo da pele abrandou. Sair à noite para olhar para o Complexo Verde era estranho, mas ela vira bastantes imagens de formação de alguém sentado num carro às escuras, a vigiar um edifício. Antigos amantes obcecados. Perseguidores. Polícia. Asia não se encaixava em nenhum desses rótulos, mas Meg imaginava que a outra mulher fosse impulsiva o suficiente para aproveitar a oportunidade de ver alguma parte do Pátio. E como Asia se mostrara tão curiosa acerca de Sam, talvez ela esperasse conseguir dar mais uma olhadela ao lobacho.

Será que Asia sabia que Sam vivia com Simon no Complexo Verde? Meg abanou a cabeça, não conseguindo lembrar-se. Bem, isso já não importava. Asia já lá não estava e Darrell já lá não estava, e nenhum deles fizera parte da visão sobre os homens de preto.

Meg esfregou uma última vez os braços, ignorou os pensamentos sobre Asia e Darrell e foi à sua vida. Conversou com Harry quando este chegou com as entregas, rindo-se das piadas dele, mesmo quando não as compreendia. Passou vários minutos a tentar convencer Nathan de que ele não poderia ter caixas inteiras de biscoitos e teria de escolher o tipo de biscoito que queria para o lanche. Como insistiu em apontar uma grande pata para cada caixa, Meg acabou por lhe dar dois biscoitos de cada sabor, os quais ele levou para a cama para roer.

Por volta do meio da manhã, Meg acabou envolvida num bizarro jogo da corda entre Nathan e Jake. Não sabia qual deles trouxera a corda como brinquedo, mas o Lobo, ainda deitado, mordida uma das extremidades, e o Corvo agarrava com as patas a outra e batia alucinadamente as asas. O erro de Meg foi pensar que poderia acabar com o jogo agarrando a corda à frente das patas de Jake. De repente, Nathan ficou de pé, abanando a cauda enquanto lhe rosnava, e os grasnidos de Jake pareciam por de mais alegres. Como o chão estava um pouco escorregadio da neve e os sapatos não tinham tração suficiente, Meg foi puxada de uma ponta da sala à outra, sem saber como largar a corda sem cair de traseiro no chão.

Só conseguiu abandonar o jogo porque Dan entrou com uma entrega e começou a rir com tanta

força que quase deixou cair os pacotes. Depois da entrega assinada, Meg retirou-se para a sala de separação e interrogou-se que jogo o Lobo e o Corvo realmente tinham tido em mente: puxar a corda ou enganar Meg para a levar a brincar com eles.

Era revelador da resiliência humana que uma semana depois de Nathan ter sido destacado como Lobo de guarda da estação, ele era aceite pela maioria dos entregadores, embora sempre cautelosos. Alguns dirigiam um — Olá, tudo bem? — a Nathan antes de se ocuparem com ela. Apenas uma empresa teve um novo motorista para o Pátio, substituindo o homem que se recusara a entrar na estação a partir do momento em que vira Nathan.

Quando a correspondência ficou separada e as encomendas destinadas às colónias *terra indigene* estavam etiquetadas para os veículos de entrega nativos da terra, Meg espreitou a sala de entrada. Jake estava em cima do balcão, de penas tufadas e a dormir. Nathan estava de costas, de patas no ar, também a dormir. Naquele momento não pareciam grande coisa a nível de segurança, mas Meg sabia que ficariam despertos assim que ouvissem passos ou pneus na área de entregas.

Deixou-os para a sesta da manhã e dirigiu-se à sala dos fundos. Os póneis chegariam dali a meia hora, e ela queria estar pronta.

Ao entrar na sala, foi acometida por uma enxurrada nauseante de imagens. Mãos velhas, mãos jovens, mãos masculinas, mãos femininas, mãos escuras, mãos pálidas. Todas a quererem agarrar qualquer coisa e... Gritos de dor. Gritos de angústia.

A tremer, Meg cambaleou para fora da sala dos fundos. Estaria doente? Estaria a enlouquecer? Era isso que acontecia às *cassandra sangue* quando não viviam nos complexos? Seria por isso que eram levadas para viver num tal isolamento?

Talvez fosse esse o motivo por que as raparigas dispunham de tão pouca experiência pessoal, por que as suas vidas eram tão estéreis.

Esfregou os braços, as pernas, a barriga, a cabeça, querendo arranhar e cavar até que o formigueiro doloroso desaparecesse. *Nunca* fora assim tão mau, e ela nunca vira imagens *antes* de um corte.

Mas tivera aquele momento na estrada em que entrara numa visão sem corte.

Meg apoiou os braços na mesa de separação e esforçou-se por pensar.

Pele sensível. Certa vez ouvira os Nomes Ambulantes, quando estes avaliavam o valor das raparigas. Havia dito que as profecias dela eram mais caras por ter a pele tão sensível que se ligava às visões mesmo antes de ser cortada. Só tinha de estar perto de algo ligado à profecia.

E Simon especulava que o formigueiro seria sinal dos instintos a despertarem por ela estar a viver e a experimentar sozinha, em vez de encarar o mundo como imagens rotuladas.

Seria o formigueiro não só um alerta mas também uma bitola? Um formigueiro leve que era incómodo mas que desaparecia rapidamente indicava uma escolha que não teria grandes consequências, ao passo que o ardor doloroso...

Meg regressou à sala dos fundos, cambaleando quando as imagens voltaram a inundar-lhe a mente. Mas não conseguia perceber o que lhe estaria a provocar a reação.

— Há qualquer coisa... — murmurou, correndo para a sala de separação. — Tenho de o fazer. Tenho de arrancar a visão escondida na pele.

Mas desta vez precisava de quem a ouvisse... porque o que estava a debater-se para sair era grande de mais para que o suportasse sozinha. E receava não ser capaz de descortinar as imagens da profecia, não conseguir reconhecer o aviso ou juntar as peças.

Para quem ligar? Não para Simon. Ele ficaria zangado se não falasse com ele, mas também ficaria zangado com o corte, e Meg sabia que não tinham tempo para discutir.

Dirigiu-se na ponta dos pés à porta Privada. Jake e Nathan ainda dormiam. Fechou a porta em silêncio e trancou-a. Em seguida ligou para o Trincadela, esperando que o espírito que guardava as profetisas guiasse a mão de Tess para o telefone.

— Trincadela — atendeu Tess. Parecia alegremente irritada, o que significava que o café estava cheio.

— Tess? É Meg.

Silêncio.

— Aconteceu alguma coisa? — A voz de Tess já não estava alegre ou irritada.

Agora denotava algo que fez Meg arrepiar-se.

— Sim — admitiu Meg. — Preciso da tua ajuda. É urgente. Podes vir já? Só tu.

Tess desligou. Meg esperava que fosse uma resposta positiva. Dirigiu-se à casa de banho, pensando no que ela precisaria e no que Tess precisaria. Quase reconsiderou, quase chamou Henry. Mas não iria fazê-lo pelo mesmo motivo que não chamaria Simon: não seria inteligente da sua parte estar no mesmo espaço que um carnívoro quando cortasse a pele e derramasse sangue.

— Tenho de sair — disse Tess a Merri Lee. — Telefona à Julia. Diz-lhe para vir assim que possível. Diz ao Simon que precisas que a Heather te ajude até que a Julia chegue.

— Ele vai querer saber porquê — alertou Merri Lee. — O que lhe digo?

— Quando eu souber, digo-lhe — respondeu Tess. Vestiu o casaco e saiu pela porta dos fundos, dirigindo-se à Estação do Intermediário.

Porque não chamaste o Simon, Meg? Porque me chamaste a mim? Será que as profetisas fazem ideia do que sou? Chamaste-me por conhecimento ou ignorância?

— Obrigada por teres vindo — agradeceu Meg, trancando a porta assim que Tess entrou na estação.

— Porque não chamaste o Simon? — indagou Tess.

— Achei que seria muito perigoso com um predador na mesma sala.

Então foi ignorância, pensou Tess. Se Meg tentava evitar predadores, não iria chamar conscientemente um que era temido pela maioria dos *terra indigene*.

— Tenho de cortar — disse Meg, as palavras a tropeçarem umas nas outras. — Vai acontecer algo terrível, e nesta sala há qualquer coisa que faz parte disso.

— Mas não sabes o que é? — Meg abanou a cabeça. — O que precisas de mim?

— Preciso de alguém para ouvir a profecia, para escrever o que eu disser.

— Está bem. Onde?

— Na casa de banho. Lá estamos sossegadas.

— Do que preciso?

Meg apontou para os objetos em cima da mesinha. A mão tremia-lhe, mostrando a Tess o esforço necessário para que Meg se controlasse e não se cortasse indiscriminadamente.

— O bloco de folhas e a caneta. Quando se faz um corte, as imagens vêm como vierem. Regista-as. Depois, alguém vai ter de perceber como elas se encaixam, para compreender o que querem dizer.

Tess acenou com a cabeça na direção da frente da estação.

— O que disseste ao Nathan?

— Ele e o Jake estão a dormir.

O Lobo não ia ficar a dormir por muito mais tempo. A sua espécie de nativos da terra tinha sentidos apurados, e a falta de sons na sala de separação alertaria Nathan, tal como o alertaria um barulho desconhecido. Assim que o Lobo percebesse que Meg estava trancada fora do seu alcance, chamaria o defensor e o líder, e não havia como dizer quem mais responderia ao chamamento.

— Vamos lá despachar isto — declarou Tess. Despiu o casaco, pendurou-o num cabide, descalçou as botas e seguiu Meg para a casa de banho.

As mãos de Meg pairaram sobre o botão e o fecho das calças.

— Acho que isto pede um corte maior. A pele das pernas deve funcionar melhor. Tenho de despir as calças.

— *Arrroooo?* — Uma pergunta. Soou baixo, pois Nathan encontrava-se na sala de entrada e elas estavam nas traseiras, e havia várias portas fechadas entre eles. Mas isso significava que o Lobo estava acordado e consciente.

Tess puxou o autoclismo.

— Isto dá-nos algum tempo. Mas se o Nathan continuar sem resposta, ele vai chamar o Simon e o Blair. — Não era preciso acrescentar que Henry e Vlad também procurariam respostas se o Lobo de guarda comesse a fazer alarido.

Meg despiu as calças e atirou-as para um canto da casa de banho. Em cima do tampo da sanita estavam dispostos a navalha, pomada antibiótica, pensos rápidos, gaze e fita adesiva. No chão estava uma toalha de rosto. As faces estavam salpicadas de cor quando se sentou no chão e examinou as cicatrizes nas pernas.

— Como escolhes o sítio onde cortar? — indagou Tess, sentada sobre os calcanhares, de forma a encarar Meg e poder ver o corpo da jovem e a expressão do rosto, bem como a ouvir-lhe as palavras.

— Era o Controlador que escolhia, com base em quanto o cliente estava disposto a pagar pela profecia. — Meg olhou para a sua pele. — Até fugir, não era eu que fazia os meus cortes. Não sei como escolher.

— Sabes, sim — asseverou Tess calmamente. — Faz parte de quem tu és. — Pegou na navalha, abriu-a e entregou-a a Meg. — Sabes onde encontrar essa profecia.

Meg aceitou a navalha e fechou os olhos. A mão livre deslocou-se sobre a perna esquerda, em cima e em baixo, à frente e atrás. A mão mudou-se para a perna direita. Os dedos hesitaram logo abaixo do joelho. Abriu os olhos, levou a navalha ao lado direito da canela e cortou.

Tess viu a mão de Meg tremer com o esforço para pousar a navalha com a lâmina para baixo. Viu a rapariga empalidecer, viu a dor nos olhos cinzentos que ela achava excitantes, mas também havia

confiança naqueles olhos, em vez de medo. Não podia, *não iria*, matar a confiança.

— Fala — disse Tess, a voz roufenha com o esforço para reprimir a sua natureza. — Fala, profetisa, e eu te escutarei.

A caixa de torrões de açúcar. Uma mão a recuar. A mão de um homem a calçar uma luva de pele fina. Uma mão de mulher, as unhas pintadas com um bonito tom de rosa. Um sobretudo sem nada de destaque. A manga de uma camisola feminina, de uma cor azul desconhecida.

Os póneis a rebolar no chão, junto ao estábulo, a gritar quando cobras negras lhes saíam pelas barrigas. Caveira e ossos cruzados. Açúcar cheio de cobras negras. Os póneis a gritar. Um esqueleto com um capuz a distribuir doces pelas crianças. Uma caveira a rir-se enquanto as crianças gritavam e cobras pretas lhes saíam das jovens barrigas.

— Mãos — murmurou Meg, a força visivelmente a esvair-se. — Caveira e ossos cruzados.

Cobras negras no açúcar.

— As tuas palavras foram ouvidas, profetisa — murmurou Tess. — Agora descansa. Descansa.

Com um gemido profundamente sexual, Meg deitou-se no chão. Ficou de olhos fitos e o corpo, de repente, libertou o cheiro de uma excitação diferente, atraente.

— *Arrrrrooooo!*

Acabou-se o tempo, pensou Tess, pondo-se de pé. Olhou para Meg, para a toalha de rosto que continuava a ensopar-se com o sangue a jorrar do corte. Não tinha a certeza de quanto sangue seria demasiado, mas sabia com o que tinha de lidar primeiro.

Ao abrir a porta da casa de banho, vislumbrou-se no espelho sobre o lavatório. Cabelo cor de sangue a ficar preto como um túmulo. Entrou na sala dos fundos no momento em que Simon abria a porta da rua, entrando à frente de Henry e Blair. Nathan espremeu-se entre Henry e Simon, a atenção concentrada no cheiro do sangue.

— Saíam — rosnou Tess. — Saíam todos desta sala. Já!

— Não te atrevas a dar-me ordens! — rosnou Simon em resposta. A cabeça começou a transformar-se em Lobo para acomodar as garras e as presas que seriam melhores armas.

— Fiquem lá fora! — repetiu Tess. Algo na voz dela deve ter chegado a Henry, pois agarrou Nathan pelo cachaço no momento em que o Lobo se atirou para a casa de banho.

Nathan rosnou e tentou morder, mas não conseguiu soltar-se de Henry.

— Têm todos de sair. E tu também, vampiro — acrescentou Tess à medida que o fumo fluía através da porta aberta. Se naquele momento tivesse início um confronto, alguém morreria. Se um daqueles homens morresse, os outros perceberiam o que ela era, e Tess teria de partir. Ela não queria partir. Era raro que a sua espécie fosse aceite, e muito menos que encontrasse uma amizade cautelosa, mesmo entre outros *terra indigene*. — Simon, há coisas que todos vocês precisam de saber, mas neste momento é perigoso estarem nesta sala. A Meg precisa de cuidados. Deixa-me ajudá-la.

Tinha os olhos vermelhos com traços dourados, sinal de que estava furiosa ao ponto da loucura.

— Podes fazer isso? — perguntou Henry, a voz um ronco baixo.

Tess assentiu.

— Ela pediu-me que viesse ouvir a profecia. Pediu a minha ajuda. Deixa-me acabar de a ajudar.

— Deve haver alguma coisa que possamos fazer — disse Henry.

Tess ainda fez menção de o rejeitar, mas acabou por entender a frase como uma ordem e percebeu o motivo. Simon estava a rosar, quase vibrando com a fúria. Talvez fosse o cheiro do sangue a provocar o Lobo, talvez fosse porque também ele dava valor à amizade. Um dos elementos da sua alcateia estava ferido, e como Meg não era um Lobo, ele não sabia o que fazer.

— Vão buscar uma almofada e um par de cobertores — indicou Tess. — E não tragam nada que feda a outros seres humanos. — Não tinha a certeza se o cheiro de Asia faria diferença a Meg, mas isso era importante para ela. — Há uma cadeira de rodas no consultório do curandeiro. Tragam isso também. E alguém que chame o Jester. Ele tem de participar na discussão.

<Porquê?>, perguntou Simon.

Não era capaz de vocalizar como ser humano apesar de a cabeça ter assumido outra vez a forma humana? Isso não era bom.

— Podes chamar o Jester ou a rapariga do lago. Um deles tem de ouvir isto. — Todos os machos se arrepiaram. — Tenho de cuidar da Meg. Deixei-a sozinha demasiado tempo. Vemo-nos na sala de separação daqui a dez minutos.

Nenhum deles gostou da ideia, mas todos saíram da sala. Simon, é claro, foi o último a sair. Mirou-lhe o cabelo.

— Eu cuido dela, Simon Wolfgard — garantiu Tess gentilmente. — Ainda não sabes o quanto lhe devemos, mas eu sei.

Simon saiu e fechou a porta.

Tess soprou e regressou à casa de banho. Meg ainda estava no chão, mas virou a cabeça e olhou para Tess.

— Tens uma resposta? — perguntou Meg.

— Tenho, sim. — Encheu o lavatório com água quente e procurou mais um par de toalhas. — Se isto é o que normalmente acontece quando te cortas, temos de pensar sobre o que precisas nesta casa de banho. Não, fica deitada. Não sei quanto sangue perdeste, e já deixaste os Lobos, o Pardo e o vampiro perturbados. Não te podes dar ao luxo de ficar tonta e cair.

Mergulhou uma toalha em água morna, lavou cuidadosamente o sangue da perna de Meg, e depois baixou-se para examinar o corte.

— Parece que está a começar a coagular agora. Costumas cortar assim tão fundo?

— Tem de ser profundo o suficiente para cicatrizar — explicou Meg. — Embora a pele das *cassandra sangue* tendam a cicatrizar facilmente.

Será que Simon tinha noção disso? Ou não lhe ocorrera que Meg poderia ser ferida enquanto brincasse com Lobos, mesmo que eles não a quisessem magoar?

Depois de secar a perna, Tess aplicou a pomada, usou os pensos rápidos para fechar o corte e finalmente cobriu tudo com gaze e fita adesiva. Enrolou a toalha mais ensanguentada com as outras duas e deitou-as todas para o lixo.

— Vou ajudar-te para te sentares na sanita — indicou Tess. — O que é que normalmente acontece depois de um corte?

— Dão-nos alguma comida e depois levam-nos para a nossa cela para descansar e garantir que o

corte fecha corretamente. — Meg hesitou. — Tess? Vou ter de falar com o Simon?

— Sim, mas só depois de descansares.

— Podes dar-me as calças? Devia vestir-me.

Tess olhou para o penso à volta da perna de Meg e avaliou as calças de ganga. Abanou a cabeça.

— Precisas de algo mais largo, para podermos ir verificando o corte. Fica aí. — Não faltaria muito para que os outros regressassem.

Pegou na última toalha de rosto, dirigiu-se aos armários e procurou até encontrar um frasco pequeno e limpo. Usando a toalha para evitar tocar na caixa do açúcar, despejou alguns torrões para dentro do frasco. Deixou a caixa no chão com a toalha, selou o frasco e guardou-o no bolso do casaco. Em seguida, ajudou Meg a vestir as calças largas que encontrou nos armários. Eram demasiado grandes para a jovem, mas tinham a vantagem de serem fáceis de passar pelo joelho.

Arrancou as páginas que continham a profecia, dobrou-as e enfiou-as no bolso de trás. Deixou o bloco e a caneta na mesa e entrou na sala de separação. Quando abriu as portas exteriores, percebeu que tinha um outro problema: onde deixar Meg durante a reunião? Não queria que a rapariga ficasse na sala dos fundos com a caixa de açúcar, e imaginou que Meg não fosse gostar de estar perto de Simon e dos restantes que se interessavam por ela até que soubessem o motivo do corte. A sala de entrada estava muito exposta, mas eles poderiam trancar a porta e recusar aceitar entregas.

O quarto lá de cima que Darrell não usara era uma possibilidade, mas o que mais poderia estar lá em cima que os Outros não tivessem percebido?

Um Cairo parou junto à porta da sala de separação. Blair e Simon saíram. Nenhum deles parecia amigável — ou compreensivo.

— A Meg precisa de descansar — alertou Tess —, mas ainda não convém usarmos o quarto dos fundos.

Em resposta, Simon tirou uma cama de Lobo do Cairo, com Blair a retirar a cadeira de rodas. Henry tinha almofadas e cobertores. Vlad trouxe um dos sacos grandes das compras que ela usava para as entregas, com comida. Jester estava presente, assumindo uma expressão preocupada ao perceber o que os outros traziam. E Nathan, ainda em forma de Lobo, limitou-se a fitá-la e a rosnar.

Todos passaram por ela. Simon ergueu o braço para desviar os montes de correspondência da mesa. Com um ganido, Jester pegou apressadamente nos montes e depositou-os sobre o balcão, para que Simon pudesse pousar a cama em cima da mesa. Henry cobriu-a com um cobertor e deixou o outro de lado, juntamente com as almofadas. Blair abriu a cadeira de rodas. Vlad dispôs os alimentos no balcão, evitando o correio apenas porque Jester lembrou o vampiro de que Meg ordenara a correspondência e estragar-lhe o trabalho seria um insulto.

— Agora — rosnou Simon. — A Meg.

— Ela está na casa de banho — indicou Tess. — Vou trazê-la.

— Vou buscá-la — voluntariou-se Vlad.

— Ela é uma das criações de Namid, tão maravilhosa como terrível — proferiu Tess. Assentiu ao ver todos a imobilizarem-se. — Ninguém vai farejar as toalhas que usei com ela. E ninguém vai cheirar a caixa de açúcar.

Simon deu meia-volta e dirigiu-se à sala dos fundos.

— O que se passa? — indagou Jester.

— Hoje tens de tratar do correio — indicou Tess. — Diz aos póneis que não há guloseima.

— É Dia da Lua — protestou Jester. — No Dia da Lua há sempre açúcar, e eles vêm *todos* ver a Meg. Até o velho Tufão.

— Hoje não — repetiu Tess.

Simon regressou, com Meg nos braços. As faces dela eram uma explosão de cor. As deles tinham pelo que surgia e desaparecia enquanto ele se esforçava por manter a forma de que precisava, em vez daquela que ele desejava. Os dedos tinham garras de Lobo em vez de unhas, mas Tess apercebeu-se da gentileza com que deitou Meg na cama improvisada que lhe tinham preparado.

— Queres comer alguma coisa? — perguntou Tess.

— Não — respondeu Meg. — Só quero descansar.

A voz de Meg era débil e Tess debateu-se com o desejo de reagir. A cor da morte desaparecera-lhe do cabelo, mas o som fraco trouxe novamente fios preto para o vermelho.

Simon instalou uma almofada por baixo da cabeça de Meg e tapou-a com o outro cobertor. Depois debruçou-se sobre ela.

— O Nathan está aqui para te guardar. Não o voltes a prender.

Ouviu-se um *arrrrooo* mal-humorado de Nathan antes de o Lobo se sentar ao lado da mesa.

— Fechem as portas exteriores — ordenou Tess. — Ainda temos alguns minutos antes de os póneis chegarem, e a Meg tem de ficar quente. — Trancou a porta Privada, depois abriu a passagem e continuou. Virou a placa na porta da frente para «Fechado» e trancou-a também.

Reuniram-se a um canto da sala, longe o suficiente para que Meg provavelmente não os ouvisse, sobretudo especialmente com a porta Privada quase fechada para manter a sala quente.

— Alguma coisa na sala dos fundos perturbou a Meg a ponto de ser necessário o corte da pele para uma profecia — explicou Tess. — Ela pediu-me ajuda. — Tirou os papéis do bolso e entregou-os a Simon. — Estas são as imagens que viu.

Henry e Blair debruçaram-se sobre os ombros dele para poderem ler.

— Não faz qualquer sentido — murmurou Blair.

— São peças de um puzzle — aventou Henry. — Temos de as juntar para encontrar a resposta.

— A resposta é veneno — adiantou Tess calmamente. — A caveira e os ossos cruzados são o símbolo humano para o veneno. Era isso que a Meg estava a tentar dizer-nos. Alguém envenenou o açúcar para matar os póneis.

Jester gemeu. Vlad tirou os papéis da mão de Simon para ler as palavras com os seus próprios olhos.

— Este esqueleto com o capuz e as crianças — disse Vlad. — Não é sobre nós.

— Talvez o veneno já tenha sido usado ou esteja prestes a ser usado noutro lugar — sugeriu Tess. — Talvez estas imagens sejam a única maneira de uma profetisa ajudar alguém a identificar este tipo específico de morte.

— Isso significa que devemos chamar a polícia — adiantou Henry.

Simon assentiu.

— Montgomery.

— Deixamo-lo entrar na sala dos fundos? — perguntou Vlad.

— Não — respondeu Simon. — Mas vamos entregar-lhe a caixa do açúcar. O povo dele que identifique o veneno. — Olhou para Tess. — O que podemos fazer pela Meg?

— Ela diz que lhe davam comida e a deixavam descansar quando era cortada — explicou Tess. — A sala dos fundos e a casa de banho têm de ser limpas e as toalhas queimadas, a par de tudo o que tenha o sangue da Meg. Eu vou tratar da limpeza. A Merri Lee vai ajudar-me.

— Depois de a polícia se ir embora — contrapôs Simon. — Depois de o veneno se ir embora.

Jester olhou para Simon.

— Quando os póneis tiverem a correspondência, vou contar à Inverno. Mas acho que ela vai querer falar contigo.

Simon assentiu. Depois olhou em seu redor.

— Onde está o Jake?

— Provavelmente a informar todo o Clã dos Corvos de que aconteceu alguma coisa com a Meg — aventou Blair com acidez.

— Vlad, vai buscar uma caixa e fita para embalar ao Lorne — ordenou Simon. — Pomos aí dentro a caixa do açúcar. Vou ligar ao Montgomery e chamá-lo cá. E trato das entregas que chegarem à estação até ao intervalo do meio-dia.

Ao sair, Vlad virou o sinal para «Aberto».

Jester regressou à sala de separação e voltou com os montes de correio, os quais depositou sobre o balcão da entrada antes de ir esperar pelos póneis.

— Os Corvos que espalhem palavra que a Intermediária não vai fazer entregas esta tarde — ordenou Henry, antes de sair.

Blair saiu sem dizer nada, deixando Tess e Simon.

— Não sei se a euforia compensa a dor que se sente antes — comentou Tess calmamente. — A Meg não fez o corte por ela, Simon. Ela fê-lo por nós. Lembra-te disso antes de lhe rosnares.

Saiu da estação e hesitou antes de se dirigir ao passeio, em vez de ficar no Pátio. Esquecera-se do casaco. Teria de o ir buscar depois. Enquanto percorria a curta distância até ao Trincadela, o cabelo às ondas ficou vermelho e preto, e Tess permitiu que a sua verdadeira natureza se vislumbrasse através da pele humana.

E todos os que olharam para ela morreram um pouco.

Simon entrou na sala de separação, olhou para Nathan, e acenou com o polegar sobre o ombro.

<Sai.>

Nathan arreganhou os dentes.

<Estou de guarda.>

<Quero falar com ela. Vai para a outra sala. Voltas quando eu acabar.>

O Lobo não ficou satisfeito, mas foi para a sala da frente.

Quando ficou sozinho com a fêmea problemática que o deixava confuso, Simon chegou-se o suficiente para sentir a respiração dela no seu rosto, para inspirar o cheiro dela.

Cheirava a dor e a um estranho tipo de excitação que o fez querer farejá-la entre as pernas. E também cheirava a sangue e ao medicamento que Tess aplicara sobre o corte. Também queria cheirar isso, livrar-se do remédio humano e limpar a ferida como um Lobo faria.

Mas Meg era humana, pelo que o tratamento humano seria o mais adequado.

— Sei que não estás a dormir — murmurou ele. — Não consegues enganar alguém que te tem ouvido a dormir.

— Estás a dizer que eu ressono? — indagou ela, com os olhos ainda fechados.

— Não. — Pensou um pouco. — Não me parece. Mas sei quando estás a dormir. — Meg engoliu em seco. Ela era tão apetecível, aquele pescoço, tão macio, mas tão firme. *Não*, pensou, pressionando a testa contra o braço dela. *A Meg não é apetecível*. Levantou a cabeça e observou os olhos cinzentos que agora o miravam. — Eu sou o líder. Devias ter-me chamado. Mesmo que quisesse a presença da Tess, em vez de um Lobo, devias ter-me contado primeiro.

— Eu sabia que alguma coisa estava mal. Não queria que acontecesse nada de ruim enquanto estivéssemos a discutir.

Tinha a sua razão, mas não pretendia admitir-lhe isso.

Simon afagou-lhe o cabelo. Ainda tinha uma cor estranha e era bizarro com as raízes pretas. Quando crescesse, era bem possível que ficasse com saudades do cabelo cor de laranja.

Também não lhe ia dizer isso.

— Vou receber as entregas — informou-a. — Tu descansas. Há comida. Queres comer?

— Ainda não. — Fechou os olhos, abrindo-os em seguida. — O Nathan está zangado comigo?

— Sim. Se voltares a fechá-lo, ele morde-te.

Um sorriso breve.

— Aposto que não morde se lhe disser que pode ficar com os biscoitos todos.

Simon observou-a, escutou-a e percebeu que estava realmente adormecida. Beijou-lhe a face e o gesto em si soube-lhe bem. E ao lambe-los lábios, apercebeu-se de que era agradável por outros motivos. Meg não era apetecível, mas ele gostava bastante do sabor dela.

Trocou de lugar com Nathan. Enquanto observava Jester a encher os alforjes e a explicar aos póneis porque não havia guloseimas, marcou o número que levaria Crispin James Montgomery ao Pátio.

Monty só percebeu que Kowalski lhe fizera uma pergunta quando de repente o silêncio preencheu o carro-patrulha.

— Desculpa, Karl. Não estava a ouvir. Estava a pensar.

— Como por exemplo no motivo para estarmos a ser chamados desta vez? — indagou Kowalski. — É um bocado estranho dizerem que há uma urgência e depois darem-nos uma hora específica para aparecer.

— Em parte. — Outra parte pensava no capitão Burke a informá-lo de que o presidente andava a queixar-se dos recursos a serem gastos com os Outros, quando estes não pareciam inclinados a retribuir quaisquer favores. Burke suspeitava que Sua Excelência estivesse a avaliar a ideia de Humanos Agora e Sempre como potencial plataforma de campanha.

Deixe-me ser eu a preocupar-me com o presidente, tenente. Lembre-se apenas de que todos os caminhos vão dar à floresta.

Por outras palavras, manter o bom relacionamento com os *terra indigene* era mais importante do que a política humana.

Entraram na área de entregas da Estação do Intermediário. Monty respirou fundo. A placa na porta dizia «Fechado», mas via alguém ao balcão.

Alguém que não era Meg Corbyn.

— Anda comigo, Karl. — Não era o pedido habitual, mas desta vez queria o apoio consigo, em vez de à espera no carro.

Enquanto se dirigiam à porta, Simon Wolfgard aproximou-se vindo do outro lado. Destrancou a porta e abriu-a.

— A Menina Corbyn tirou o dia de folga? — perguntou Monty enquanto se acercavam do balcão de receção.

— Pausa do meio-dia — explicou Simon. — Ela volta para as entregas da tarde. — Não parecia satisfeito com isso.

A porta para a sala seguinte estava escancarada. A divisão propriamente dita não interessava a Monty, mas a cadeira de rodas parada ao lado de uma grande mesa sim.

— De repente, a Menina Corbyn parece ter ficado propensa a acidentes — comentou Monty em voz baixa. Será que Meg regressaria para as entregas da tarde, ou teriam os Outros uma desculpa diferente para a sua ausência?

Simon virou-se, olhou para a cadeira de rodas e rosnou.

— Esta manhã ela magoou a perna. Ela diz que não precisa da cadeira de rodas, mas é o que se usa quando os seres humanos se ferem, não é?

Monty não teve a certeza se se tratava de uma pergunta ou de uma exigência para que confirmasse a resposta que o Lobo queria.

— Não se usam cadeiras de rodas para ferimentos superficiais, a menos que a pessoa não possa andar por algum motivo.

— Bem, não queremos que ela force aquela perna hoje. — Depois Wolfgard pareceu retrair-se, como se a admissão de que os Outros estavam realmente preocupados com um ser humano fosse demasiado reveladora. — Mas não foi por isso que o chamei. A Meg... Nós suspeitamos que possa haver alguma coisa errada com os torrões de açúcar que estavam na sala dos fundos. Normalmente, no Dia da Lua, a Intermediária oferece o açúcar aos póneis como presente, mas ela teve a sensação de que havia qualquer coisa errada. Acreditamos que o açúcar possa ter sido envenenado, mas não temos maneira de o testar.

Monty juntou as peças e preencheu o que faltava: Meg, a *cassandra sangue*, cortara-se a si própria e vira veneno no açúcar. Simon não reconheceria que a sua Intermediária era uma profetisa de sangue, mas isso explicava a solução excessiva por ele encontrada para lidar com o que deveria ser uma pequena lesão.

— Onde estão os torrões de açúcar? — perguntou Monty.

— Na sala dos fundos. Enfiámos a caixa dentro de outra caixa — esclareceu Simon. — Pode ir

buscar o seu carro lá para trás, para não ter de tocar muito tempo na caixa.

O que terá ela visto além do veneno para te deixar assim tão cauteloso?, interrogou-se Monty. Olhou para Kowalski.

— Vai buscar o carro até à porta dos fundos.

— Sim, tenente.

Virou-se para Simon.

— Faz alguma ideia de quem possa ser o responsável por isto?

Recebera um dos panfletos que baniam de todo o Pátio, incluindo as lojas, uma mulher chamada Asia Crane. E tivera conhecimento de que um funcionário fora demitido por quebra de confiança, fosse lá o que isso fosse.

Simon hesitou.

— Não. Ninguém tem motivo para ferir os póneis. — Mudou o peso de um pé para o outro. — Tenente... — Respirou fundo antes de falar. — Caveira e ossos cruzados. Um esqueleto com capuz. Crianças aos gritos com cobras negras a saírem-lhes das barrigas.

— O quê? — Monty apoiou as mãos no balcão. Aquilo era uma ameaça?

— Acreditamos que o veneno foi usado para matar crianças humanas. Ou que vai ser usado.

— Aqui? Em Lakeside?

— Não sei onde. Não sei quando. Talvez isso já tenha acontecido. Talvez seja algo que possa ser impedido. — Simon afastou-se do balcão. — Vou abrir a porta ao seu homem.

Sobressaltado, Monty ficou ao balcão até que Kowalski regressasse à zona de entregas. Simon Wolfgard não voltou à receção, pelo que Monty se foi embora.

— Regressamos à esquadra? — perguntou Kowalski.

— Sim. Onde está a caixa?

— Na bagageira. Imaginei que fosse melhor do que tê-la no carro fechada connosco.

Monty assentiu. Manteve o rosto virado para a janela do passageiro e disse: — Karl? Lembras-te de alguma coisa sobre crianças a ser envenenadas por alguém vestido como um esqueleto ou uma caveira com uma túnica com capuz?

Kowalski pisou o travão e deixou a traseira derrapar antes de recuperar o controlo.

— Tenente?

— Podemos estar à beira de outro crime.

— Os deuses sejam louvados — murmurou Kowalski.

Não voltaram a falar até chegarem à esquadra. Enquanto Kowalski dava início à pesquisa por um crime com esses indícios, Monty apresentou-se ao capitão Burke.

Burke empalideceu e o azul dos seus olhos endureceu.

— Foi só isso que ele lhe disse?

— Acho que me disse tudo o que sabiam — retorquiu Monty. — Não tinha de me dizer nada.

— A maior parte não diria. — Burke suspirou. — Está bem. Só temos um laboratório em Lakeside preparado para analisar venenos e identificá-los. O Kowalski que vá entregar a caixa pessoalmente. Vou ver o que posso fazer para antecipar o nosso pedido. Veja o que consegue descobrir sobre crianças envenenadas. E por mais triste que seja, esperemos que encontre alguma coisa. Se já tiver

acontecido, sabemos onde e quando, e talvez mesmo com que tipo de veneno.

— Se não tiver acontecido, como é que alertamos as restantes cidades de Thaísia? — perguntou Monty.

— Vou ter de pensar no assunto. Talvez isto seja uma surpresa, tenente, mas nem toda a gente gosta de mim. E nem toda a gente que gosta aprecia a minha posição em relação aos Outros. Não esvaziámos os cofres da esquadra para comprar uma profecia, e qualquer pessoa que já tenha ouvido uma vai reconhecer que esse tipo de pistas costuma surgir nas profecias. Se admitirmos que isso foi uma espécie de nota de rodapé de uma profecia feita para o Pátio de Lakeside, estamos a revelar a muita gente que os Outros têm uma profetisa de sangue residente.

— Estaremos a transformar a Meg num alvo, sem termos a certeza de que estamos a ajudar a nossa espécie.

Burke assentiu.

— Vou fazer uns telefonemas e espalhar a palavra como puder depois de o tenente fazer a pesquisa para descobrir se isso já aconteceu e foi, deuses queiram, uma referência trágica, e não uma possibilidade futura.

— Sim, capitão.

Monty mandou Kowalski ao laboratório e assumiu as rédeas da pesquisa. Que idade teriam as crianças? E onde estavam elas?

Lizzy, pensou, olhando para a fotografia da filha que tinha em cima da secretária. *Espero que estejas bem, Lizzy.*

Quando começou a nevar no gabinete de Simon, este tirou o pulôver e a camisa para tapar o computador. Vlad tinha mais conhecimentos acerca desse tipo de coisas, mas ele sabia que neve e tudo o que estivesse ligado a uma ficha elétrica não eram uma boa combinação.

Ao ouvir passos no corredor, dirigiu-se apressadamente à porta antes que Inverno e a sua fúria entrassem na divisão.

Os braços e o tronco ganharam pelo como defesa contra o frio que a cercava. O vestido estremecia, mesmo sem vento. Os pedacinhos que dele se soltavam transformavam-se em neve que rapidamente cobria o chão em torno dela.

— Quem tentou envenenar os nossos póneis? — A sua voz criou uma película adicional de gelo no vidro fosco da porta e aumentou para o volume de uma tempestade. — Quem ousou levantar a mão contra os nossos companheiros e garanhões? Quem?

— Não sei — respondeu Simon calmamente, fitando-lhe os olhos. — A Meg viu o suficiente para os proteger e para nos avisar, mas não viu quem envenenou o açúcar. — Fez-se um silêncio terrível. As Elementais já eram bastante perigosas com a sua orientação passiva do tempo e das estações de Namid. Quando em estado caprichoso e cruel, eram capazes de eliminar tudo de um pedaço do mundo, deixando-se apenas a si próprias.

— Peço à Meg que tente outra vez? — indagou Simon.

Inverno tocou no cachecol verde que tinha ao pescoço.

— Não — recusou, num tom calmo. — Não. O Jester diz que a nossa Meg sangrou para proteger

os póneis. Diz que houve dor.

— Sim.

— Ela já fez o suficiente. — Inverno fez menção de se virar. Depois parou, sem propriamente o olhar. — A perna dela. Vai ser difícil andar na neve dura. Pode provocar dor.

— É verdade — assentiu Simon, sem saber a que poderia estar a Elemental a referir-se.

— Vou pedir à minha irmã que acorde por uns dias e acalme o ar. Será mais fácil para a nossa Meg andar se as estradas estiverem sem neve.

— Ela ficaria grata. E eu fico grato.

Inverno afastou-se, com a cauda do vestido a esvoaçar atrás dela.

Simon regressou à secretária e removeu a camisa e o pulôver. De um modo geral, não caíra demasiada neve no gabinete nem na mesa. Imaginou que não haveria problema, já que o computador ainda funcionava e não explodiu quando tocou numa tecla. Simon serviu-se das roupas e quando Vlad chegou ao piso superior, já tinha a secretária limpa.

— Ela parecia zangada — comentou Vlad. Desapareceu por um instante, regressando com um par de toalhas com que ajudou Simon a limpar a mobília.

— Mas ainda estava suficientemente controlada para não criar um nevão dentro da loja. — Interrogou-se como ela teria entrado. — Os livros no armazém ficaram com neve?

— Não, só o chão. O John está a limpar tudo. Vou buscar uma vassoura. Podemos varrer a neve no corredor e nas escadas. — Vlad olhou em redor e depois estendeu a mão. — Dá-me a camisa e a camisola. Vou usar o secador do Centro de Convívio. É mais próximo e ficas com a roupa seca para quando precisares de levar a Meg de volta à estação para as entregas da tarde. — Fez uma pausa, ao que perguntou: — O que vais fazer com o Sam?

— O Blair leva-o. Já é difícil quanto baste que o Nathan e eu deixemos o penso na perna da Meg em paz. Não me parece que uma cria fosse capaz de o ignorar e ele pode magoá-la. Ela fica connosco esta noite e o Sam pode enroscar-se com ela na forma humana.

Depois de varrerem a neve, Simon recolheu o pelo, vestiu uma camisa de flanela que tinha numa gaveta da secretária e voltou ao trabalho.

Meg parou num cruzamento, abriu o vidro do lado do condutor e inspirou ar onde já se sentia o calor da primavera. Ainda se percebia o inverno por baixo desse calor, mas as estradas estavam limpas de neve e gelo, encontrava-se na pausa do meio-dia, e estava sozinha pela primeira vez desde que fizera o corte, havia dois dias.

Até mesmo a amizade podia ser sufocante, especialmente quando os amigos eram grandes e peludos e apreciavam o contacto físico. Acabara por perceber que mesmo assumindo uma forma humana, a compreensão dos Outros em relação à anatomia humana resumia-se, grosso modo, às partes do corpo que gostavam de comer. Havia reagido ao corte na sua perna com a intensidade normalmente reservada para as amputações.

Na véspera apelara a Merri Lee, Heather, Ruth e Elizabeth Bennefeld para que explicassem que um simples corte que estava a sarar bem não exigia uma cadeira de rodas, um motorista ou um guarda permanente para o caso de ela cair para o lado. Simon não o queria aceitar, mas elas não lhe haviam dado espaço de manobra.

Era por isso que se encontrava a conduzir o Cairo sozinha naquela bela tarde do Dia do Vento, em busca de onde parar e comer o almoço que Tess lhe preparara.

As estradas interiores estavam limpas pela primeira vez desde que chegara ao Pátio, pelo que era nessa direção que encaminhava o Cairo, seguindo a estrada que a atraísse.

Árvores e espaços abertos. Viu um Falcão no tronco de uma árvore. Não olhou com atenção suficiente para determinar o que lhe estaria a servir de almoço.

Parou num cruzamento e viu os póneis passarem por ela a meio galope, claramente a aproveitar a oportunidade de correr. Encaminhou-se na direção que eles haviam tomado, apenas para descobrir que agora eram *elas* que a seguiam, abrandando quando ela reduzia a velocidade, aumentando o ritmo quando ela acelerava, acompanhando-a sempre que ela virava para uma estrada a seguir a outra. Deixaram-na quando ela virou a caminho das pequenas casas que pertenciam às raparigas do lago. Parou ao lado de uma das casas e depois saiu para caminhar ao longo do carreiro largo que contornava o lago.

Inverno estava a patinar, sendo agora uma mulher madura com cabelo que lhe chegava à cintura e que era branco como a neve que flutuava no ar em seu redor. Ao ver Meg, acenou e disse: — Fica aí. — A voz não se propagou, exatamente. Parecia subir dos montes de neve.

A Elemental pareceu pairar sem esforço vinda do lago, sem deixar pegadas na neve. Sorriu para Meg. — Onde estão os teus companheiros?

— Estou a gozar um passeio sem eles — respondeu Meg, devolvendo o sorriso.

— Estás igualmente a apreciar o meu presente e da minha irmã? — perguntou Inverno.

Parecia um insulto não saber o que poderia ser tal presente. E, no entanto, quando Meg olhou em volta, o significado tornou-se bastante claro.

— O clima ameno. Estradas limpas. O Sol a entrar pela janela e a criar um feixe de calor. — Olhou para Inverno. — Fizeste isso por mim?

— Gostas de sair para a terra, gostas de lhe tocar. Quisemos que fosse mais fácil para ti passear e

desfrutar de tudo sem magoar a perna. — Inverno desviou o olhar. — Os pôneis são-nos muito queridos. Não esqueceremos o que lhes estaria destinado. Mas salvaste-os. Também não o esqueceremos. — Olhou para Meg e sorriu. — A Primavera gostaria de te conhecer. Está lá em baixo, perto do riacho.

— Então vou dizer-lhe olá.

Meg contornou o lago até à estrada entre o lago e o ribeiro. A rapariga estava nas rochas que formavam um dique natural, observando dois patos a nadar numa extensão de água pouco maior do que um círculo que Meg fizesse com os braços. Havia outras manchas escuras na borda onde a terra e a água se encontravam — sinal de gelo a derreter.

A rapariga virou-se. Ao ver Meg, subiu um carreiro até um caminho entre os montes de neve. O cabelo era de um misto de castanhos e o vestido...

Meg não tinha a certeza se o vestido fora concebido para se parecer com flores ou se era feito das flores que seriam as primeiras a rebentar quando a neve derretesse. Conseguia identificar tulipas, jacintos e açafroes a partir das imagens de formação, mas havia outras, azuis e delicadas, que pareciam nunca vir a florescer num sítio que não fosse selvagem.

A rapariga tomou a mão de Meg e o riso alegre fez com que algumas dessas delicadas flores silvestres lhe florescessem aos pés.

— És a nossa Meg — declarou. — Eu sou a Primavera. Costumo acordar durante alguns dias, ainda durante o reinado da Inverno, embora não tão cedo. Mas queríamos agradecer-te por teres salvado os pôneis, e ainda não é apropriado que a Verão ou a Outono acordem, por isso, aqui estou. — A gargalhada cintilou no ar.

— Fico satisfeita por ter podido ajudar. — *Será que alguém os tentou envenenar por eu estar aqui?* — Vieste visitar-nos por uns dias?

Primavera assentiu.

— Daqui a um dia ou dois volto a dormir. Não tão profundamente como antes, mas vou passar a maior parte do tempo a dormir durante mais algumas semanas. A Inverno fez uma lista dos livros novos que chegaram à nossa biblioteca desde que eu dancei no Pátio, e ela diz que se eu escolher os que quero ler, tu os entregas. Isso é verdade?

Como seria possível resistir à rapariga e àquele sorriso?

— Sim, é verdade.

Mais risos. Mais flores a desabrochar à volta delas.

Depois, Primavera ficou séria.

— O calor desperta, mas também enfraquece. Cuidado, nossa Meg. — Apontou para o ribeiro. — Estás a ver? O gelo cedeu em alguns lugares. Noutros, é sólido mas fraco. Já não é um lugar onde se possa caminhar ou patinar. Vai endurecer outra vez em poucos dias, embora talvez já não todo.

— Porque é que vai endurecer? — quis saber Meg.

— Está a chegar uma tempestade vinda dos nossos irmãos e irmãs no Norte. No Dia da Água vai atravessar o lago Etu. Eu vou voltar para a minha cama, e a Inverno, a Ar e a Água vão governar durante mais algum tempo. — Primavera sorriu-lhe. — Fico feliz por te ter conhecido. Mal posso esperar por nos encontrarmos outra vez.

Espero que volte mesmo a vê-la.

— É melhor ir-me embora. Se me atrasar a regressar, o Sr. Wolfgard vai enviar a alcateia toda à minha procura.

Meg pretendia fazer uma piada, mas a resposta de Primavera foi séria.

— É claro que sim — asseverou Primavera. — Foste um presente de Namid, e nós valorizamos as dádivas do mundo. — Ofereceu mais um sorriso a Meg e lá foi saltitando estrada abaixo.

Meg regressou ao Cairo e voltou à estação. Comeu o almoço na sala dos fundos impecavelmente limpa enquanto lia um capítulo do mais recente livro que requisitara na biblioteca.

Se me atrasar a regressar, o Sr. Wolfgard vai enviar a alcateia toda à minha procura. Foste um presente de Namid, e nós valorizamos as dádivas do mundo.

E passou o resto da tarde a ignorar as palavras que lhe tinham provocado um formigueiro leve por baixo da pele.

Asia estava em O Veado e a Lebre, a observar o trânsito e a zona de entregas do Pátio enquanto esperava pelo mensageiro especial. Na véspera fora a um salão de beleza de luxo e mudara o louro natural dos cabelos para um canela rico. Uma mudança nas peças de roupa básicas suavizou-lhe o peito, em vez de o acentuar, e um par de camisolas novas mais largas completaram a sua transformação superficial. Não lhe ficava muito mal, e Asia decidiu pensar nisso como um teste para um disfarce que Asia Crane, IE, pudesse usar durante uma missão secreta.

O mensageiro chegou, olhou em volta e depois ofereceu-lhe um sorriso radiante. Chegado à mesa, inclinou-se na direção dela, como se estivesse prestes a beijá-la. Depois hesitou e, em vez disso, tocou-lhe a mão.

Também é uma espécie de ator, pensou Asia. Transmitira à rececionista a impressão perfeita de um homem que ainda não era amante, mas que tinha essa ambição.

— Alguma coisa interessante? — perguntou, pendurando o blusão nas costas da cadeira.

— Nada. — Tentava afastar a frustração da voz. Era suposto ter havido um alvoroço no Pátio no Dia da Lua, depois de os póneis comerem o açúcar, mas não acontecera nada na altura, nem viera a acontecer desde então.

— Nada óbvio. — O mensageiro abriu a ementa, deu uma vista de olhos à folha solta com a lista de pratos do dia, e fez o pedido assim que o empregado de mesa chegou.

Asia pediu o menu de sopa e sanduíche, e esforçou-se por ser educada. Mudara o tom de voz, de meloso para afável mas distante. Isso, a par das diferenças no cabelo e no decote, era alteração suficiente para que os funcionários ficassem na dúvida sobre se alguma vez a teriam visto.

Quando voltaram a ficar sozinhos, o mensageiro chegou-se à frente, parecendo estar apenas a namoriscar com uma mulher bonita.

— Alguém ficou desconfortável em relação ao açúcar e não o deu aos póneis — informou ele. — Está nas mãos da polícia, que o vai testar em busca de veneno.

— Isso não é bom — murmurou Asia.

— Não é relevante. O nosso benfeitor fez uma chamada e tratou do assunto. Os humanos estão sempre à frente dos outros, pelo que os exames ao açúcar foram relegados para o fim da lista do

laboratório. Quando alguém tratar dessa requisição específica, já cá não estamos.

— Portanto, não nos serviu de nada.

— É claro que serviu. Serviu para confirmar que a propriedade do nosso benfeitor está escondida no Pátio e que está a gastar um recurso valioso para ajudar aqueles animais. Com esse conhecimento, avançamos para a fase seguinte.

O empregado trouxe-lhes os pedidos e encheu-lhes os copos de água. Naqueles restaurantes, o primeiro copo e a segunda dose estavam incluídos no menu. A partir daí, e com a taxa sobre a água nos valores em que estava, um copo de água custava tanto quanto um copo de vinho.

— A história que criei para os habitantes locais é que umas duas dezenas de homens, amigos meus do tempo de faculdade, vieram a Lakeside para umas férias de inverno: motos de neve, esqui em corta-mato, etc. Há bons trilhos no parque, e uma pousada nas redondezas que recebe turistas que gostam de desportos de inverno. Até tem uma zona de estacionamento exclusiva para motos de neve. O degelo estragou um bocado as condições para desportos de inverno, mas estamos a visitar a zona e a aproveitar a oportunidade de rever velhos amigos. Não nos estamos a queixar aos proprietários do clima demasiado ameno, o que faz de nós bons clientes. — Depois de lhe oferecer mais um sorriso, o mensageiro deu uma grande dentada na sanduíche.

— Vinte homens é uma grande despesa para recuperar um artigo. — Asia engoliu uma colher de sopa. Não esperara que o benfeitor enviasse tantos agentes para um trabalho como aquele. Os seus patrocinadores queriam uma grande fatia da recompensa que lhe fora prometida mas, mesmo assim, a sua parte seria substancial. E isso apenas por ajudar o benfeitor a recuperar Meg. O dinheiro *a sério* viria da aquisição da cria de Lobo.

— Segundo as previsões meteorológicas, no Dia da Água vai cair uma tempestade. — O mensageiro limpou a boca com o guardanapo. — Vamos aproveitá-la para cobrir o nosso rasto e para recuperar a propriedade.

— Não seria melhor tratar da operação antes de a tempestade chegar? — questionou Asia. — Não — prosseguiu, respondendo à própria pergunta. — Aqueles malditos Corvos estão sempre alerta. O mensageiro assentiu.

— Os meus homens avaliaram o bairro, incluindo a área do parque mais próxima do Pátio. Alguns dos Corvos avistaram as motos de neve e seguiram duas delas ao longo de metade do parque. Os pássaros têm de ser obrigados a ficar em terra para que possamos trabalhar sem que nos espiem.

— Vai ser arriscado se a edilidade fechar algumas estradas.

— A tempestade vem de norte, e nós vamos usar as estradas com destino a leste ou a sul. Vamos permanecer à frente dela, e mesmo se tivermos de nos abrigar durante algumas horas, vamos afastar-nos o suficiente para que não nos encontrem o rasto. Entretanto, nós causamos problemas.

— Como por exemplo? — Estava com mais apetite do que no início da refeição, por isso Asia provou a sanduíche.

— Alguns universitários com braços fortes, uma carrinha com porta lateral, e umas dúzias de ovos para sujar as coisas. Bombinhas atiradas por cima da vedação por uma equipa numa moto de neve. Atear fogo em trapos e papel numa das entradas do Pátio. Fazemos as mesmas partidas nas ruas residenciais da zona. — Ofereceu o sorriso rasgado a Asia. — Além de manter a polícia ocupada,

isso dá-nos oportunidade de observar como os Outros reagem, quantos ficam encarregues das várias situações, quantos se dirigem aos lugares que consideram obrigatório defender, e quais as áreas vulneráveis que podemos explorar.

— A zona comercial do Pátio costuma ficar deserta quando as lojas fecham as portas — indicou Asia.

O mensageiro assentiu.

— E a porta no muro do fundo do estacionamento é de madeira com uma fechadura simples. A segurança deles é uma lástima. Deixa-nos a pensar como conseguiram manter o controlo deste continente.

— Quando é que as partidas começam? — perguntou Asia. Depois, quase se atirou para o chão quando ouviu uma sequência rápida de estampidos sonoros.

O mensageiro sorriu.

— Agora.

— É um caso típico de febre de primavera? — perguntou Monty enquanto Kowalski os conduzia ao relato seguinte de uma partida. Eram já três os telefonemas do Pátio. Simon Wolfgard ficara irritado com o primeiro caso de fogo de artifício atirado para a zona de entregas da Estação do Intermediário e para o parque de estacionamento para clientes do Pátio. E não ficara divertido com os ovos atirados contra as montras da Ler e Uivar por Mais e do Trincadela. Mas o segundo caso de explosões deixara-o furioso, pois os adolescentes idiotas haviam ficado no passeio, a provocar Nathan, que corraera para fora da estação, numa atitude de desafio. Depois fora Meg a correr atrás de Nathan. Ela tropeçara e poder-se-ia ter magoado se não tivesse caído em cima do Lobo, impedindo-o efetivamente de se aproximar demasiado dos fogos de artifício.

Louis Gresh respondera ao chamado, e Monty esperava por notícias do comandante da brigada de minas e armadilhas, para saber se haveria algo escondido entre as bombinhas que pudesse ter ferido mulher ou Lobo.

— Típico? — Kowalski abanou a cabeça. — A maior parte dos miúdos não se arriscam a levar uma tarefa por gastarem a ração semanal de ovos, pelo que estes ovos contra as montras são coisa nova.

— Podem estar a comprar os ovos com o dinheiro deles — aventou Monty.

— Os ovos custam o dobro sem os cupões de racionamento familiar — contrapôs Kowalski. — Os vendedores reparavam em estudantes do liceu e universitários que fossem comprar ovos a esse preço. E se os comprarem numa loja no bairro onde moram, vamos ficar a saber disso, ou então ficam os pais.

Monty apertou a cana do nariz.

— Não estou a gostar disto, Karl. Até parece que nos estão a armar uma cilada.

— Quem?

Monty baixou a mão e suspirou.

— Não sei.

Pararam junto à berma e saíram. Ao verem a montra suja de ovo, não precisaram de perguntar ao

proprietário irado qual era o problema.

— No Dia da Água vai cair uma borrasca — disse Kowalski. — Isso deve acabar com estas situações.

Monty pegou no bloco e na caneta.

— Espero que tenhas razão, Karl. Espero sinceramente que tenhas razão.

O capitão Burke devolveu o auscultador ao descanso com um cuidado exagerado. Depois olhou para Monty e declarou: — Estão a encurralar-nos, tenente. O laboratório acabou de me informar de que eles têm de começar por tratar das provas que dizem respeito a crimes reais. O nosso pedido diz respeito a um crime que *quase* foi cometido. Acho que mais depressa chegamos ao verão do que temos notícias.

— Os Seres Humanos em Primeiro Lugar — proferiu Monty, pensando na potencial plataforma de reeleição do presidente.

Burke assentiu.

— É isso que me parece. Muito bem. O que vai dizer ao Simon Wolfgard? — Ofereceu a Monty o seu sorriso duro. — Não há grande coisa que aconteça nesta esquadra que eu não saiba, por isso sei que o Wolfgard já ligou esta manhã, à procura de uma resposta.

— Vou dizer-lhe a verdade. O laboratório vai fazer os testes assim que puder.

— Acha que ele vai acreditar nisso? — Monty não se deu ao trabalho de responder. — O Wolfgard vai perceber que o laboratório está a tentar fodê-lo sem primeiro lhe pagar o jantar — comentou Burke calmamente. — Esperemos que ele continue a acreditar na sua sinceridade.

Quando Vlad, Henry e Tess entraram no escritório da LUM, Simon não perdeu tempo.

— Os macacos não nos vão ajudar. O Montgomery deu-me desculpas, mas o que interessa é que não vamos saber se o açúcar foi envenenado.

— O tenente parecia sincero ao lidar connosco — lamentou-se Henry, parecendo desiludido.

Simon cedeu um pouco e reprimiu a fúria.

— Ele parecia frustrado, até mesmo zangado. O laboratório forense não nos quer ajudar, e também não estão interessados em ajudá-lo a ele.

Vlad encolheu os ombros.

— Temos de agir contra os macacos, algo que não seja esquecido.

— Não, não vai ser esquecido. — Sobretudo depois do relatório de Elliot nessa manhã, sobre as tentativas do presidente de cortejar apoiantes de uma política de leis humanas exclusivas em Lakeside. Isso já antes fora tentado, noutras partes de Taísia. O território selvagem continuava a reclamar a última cidade com líderes do género, por isso, a situação não tivera lugar há muitos anos.

Tess agitou-se. Ou melhor, o cabelo de Tess agitou-se, encaracolando-se enquanto passava de castanho para vermelho.

— Há outra maneira de descobrir se o açúcar foi envenenado — adiantou.

— Como? — indagou Simon. Ao observá-la, percebeu que Tess não fitava qualquer um deles nos olhos quando estava zangada.

— Preciso do endereço da casa do Darrell Adams. O Elliot deve tê-lo nos registos dos funcionários do consulado.

Tess esperou até à noite antes de se dirigir a uma paragem de autocarro a alguns quarteirões de

distância do Pátio. Os *terra indigene* podiam usar gratuitamente qualquer transporte público na cidade como parte do acordo com Lakeside. Claro que se usasse o passe no autocarro, iria chamar a atenção sobre ela, algo que não queria, pelo que pagou a passagem, depositando as moedas na ranhura como qualquer ser humano, indo depois sentar-se perto da frente. Manteve o cabelo preso por baixo do gorro de lã, mas soltou o cachecol que tinha enrolado em torno do pescoço e da boca.

Mudou para outro autocarro, acabando por sair numa paragem a alguns quarteirões do complexo de apartamentos onde Darrell Adams vivia. Caminhou vigorosamente, reprimindo a sua natureza a cada passo. Queria assumir uma forma mais próxima do seu estado natural, mas era importante que permanecesse reconhecidamente humana. Ninguém que visse a sua verdadeira forma poderia sobreviver. Uma vez que ali estava para testar a arma de outrem e para enviar uma mensagem à polícia, um edifício repleto de cadáveres seria um exagero.

Ao chegar ao apartamento de Darrell, ouviu a televisão através da porta fechada. Será que os vizinhos se incomodavam com o volume? Meneou a cabeça quando de repente se fez ouvir música de outro apartamento. Ou será que cada um aumentava o volume para ouvir as suas opções musicais e abafar a concorrência?

Bateu à porta de Darrell, voltando a bater com força suficiente para que a porta do outro lado do corredor se abrisse e uma velha fosse espreitar. Tess ignorou a mulher e bateu mais uma vez.

Darrell atendeu finalmente, com o programa de televisão agora a berrar para o corredor com tanta energia que praticamente abafou o som da porta do outro lado do hall a ser fechada com estrondo.

— O que é que queres? — perguntou Darrell quando a reconheceu.

Ao fitá-lo, Tess permitiu que num dos seus olhos surgisse o mais leve vislumbre da sua forma verdadeira.

— Temos um assunto a discutir.

Darrell deu uns passos cambaleantes para trás e Tess seguiu-o, agarrando-lhe o braço e levando-o para o cadeirão que era obviamente o seu lugar preferido. Só um breve palpitar do coração, o mais leve enfraquecer dos membros com o vislumbre momentâneo que tivera dela. Ele tinha de estar em boas condições de saúde para o teste.

Tess tirou o gorro. O cabelo — preto com fios vermelhos — caiu-lhe em torno dos ombros, a encracolar-se e a mover-se. Tirou o pequeno frasco de um bolso interior do casaco, desenroscou a tampa e estendeu o recipiente a Darrell.

— Tira dois — ordenou. — Come-os.

— Porquê?

— Podes escolher entre o açúcar e isto. — Voltando a fitar-lhe os olhos, Tess deixou que a máscara humana no seu rosto se desvanecesse um pouco mais.

Darrell urinou-se.

Tess agitou o frasco.

— Dois.

Darrell pegou em dois torrões de açúcar, enfiou-os na boca, mastigou algumas vezes e depois engoliu. Devolveu ao rosto a imagem que os seus clientes e os *terra indigene* estavam habituados a ver, mas o cabelo permaneceu da cor da morte, com uns poucos fios vermelhos.

Enquanto o observava, deitou dois torrões de açúcar para o chão, junto à cadeira de Darrell. Não teve de esperar muito. Por duas vezes aumentou o volume da televisão para lhe abafar os gritos, e por duas vezes esses gritos ultrapassaram o som do aparelho.

Alguém começou a bater na porta, aos gritos.

— O que se passa aí dentro? Chamámos a polícia!

Intrometido, pensou Tess, irritada. E como estava irritada, enfiou o gorro no bolso do casaco e saiu do apartamento, deixando a porta aberta. Manteve os olhos desviados, mas a sua verdadeira forma estava perto da superfície e o cabelo aos rolos atraía o olhar dos transeuntes. Saboreou a breve morte que tocava em cada pessoa que a fitava.

Tess foi andando, o cabelo ainda preto mas a começar a relaxar. Mantinha ainda os olhos desviados, embora duvidasse que os condutores sequer olhassem na direção dela, e eram muito poucas as pessoas a pé.

Um homem recostado numa entrada viu-a e avançou na direção dela. Tess não sabia se ele pretendia roubá-la ou violá-la. Pouco importava. Com ele, poderia saciar a fome.

Fitou-o e susteve-lhe o olhar enquanto ele tombava. Depois contornou-o e prosseguiu.

Quando o frio se tornou mais cortante do que a fúria dela, Tess enfiou o cabelo por baixo do gorro de lã, dirigiu-se à paragem de autocarro mais próxima, e apanhou a primeira carreira de volta a casa.

Na tarde do Dia do Fogo, Monty estava à secretária, a apreciar uma chávena de chá quente, enquanto tratava de relatórios. Na véspera, os ataques com ovos haviam parado — sobretudo porque os supermercados estavam sem ovos e as pequenas mercearias guardavam os ovos nos armazéns, entregando-os apenas a clientes adultos conhecidos. O fogo de artifício ainda rebentava aqui e ali e alguém pegara fogo a uma secção de zimbros que os Outros haviam plantado como divisória entre o Pátio e a Avenida Parkside. Um grupo de homens em motos de neve no Parque de Lakeside alegou ter visto duas pessoas a fugirem numa carrinha de caixa aberta pouco antes de um dos pilotos ter avistado as chamas.

O fogo consumiu os arbustos, acima de tudo porque nenhum dos elementos do grupo das motos de neve se lembrara de trazer um telefone móvel, e nenhum dos ocupantes dos carros que passavam pensara em relatar o avistamento de chamas. Quando os bombeiros chegaram, já não havia nada a fazer, pois algo arrancara os arbustos e os deitara, a par de uma secção de cerca de ferro do Pátio, acumulando mais de meio metro de neve nas faixas de sentido sul-norte da Avenida Parkside, fazendo com que o trânsito travasse a fundo.

Os danos batiam certo com os causados por um tornado, embora todos os meteorologistas com quem Monty falara nessa manhã garantissem que não havia sinais de um padrão meteorológico assim, e mesmo que *tivessem* visto alguma coisa, um impacto seletivo não era, de todo, natural.

Monty imaginava que o uso de um tornado para apagar um fogo fosse um exagero, mas servia para lembrar que os seres humanos não faziam ideia do que vivia no Pátio e os observava.

A quebra da vedação incomodava-o por ser mais um ponto de entrada, a par do buraco causado pela carrinha que na noite anterior saltara o passeio e abrira um espaço no muro que percorria a Rua Central. Duas carrinhas diferentes e dois acontecimentos aleatórios? Ou as mesmas pessoas?

Monty arrepiou-se. Ultimamente havia muitos acontecimentos aleatórios. E isso levava-o a interrogar-se se haveria alguém a tentar causar problemas.

Não devo ser o único a pensar assim, cogitou, quando o capitão Burke, vestido para a rua, se aproximou da sua secretária. Burke parou e não olhou para Monty enquanto calçava as luvas.

— Pegue no casaco, tenente — disse Burke tão baixinho que Monty teve a certeza que ninguém o teria ouvido. — Vamos dar uma volta. Encontramo-nos lá fora.

Cada vez mais inquieto, Monty obedeceu e encontrou-se com Burke no exterior da esquadra.

— Vamos andar um pouco — indicou Burke, começando a subir o quarteirão.

— Vamos a algum lugar específico? — indagou Monty.

— Vamos só sair daqui. Tem o seu telefone móvel?

— Sim, capitão.

— Ótimo. Desligue-o.

Ai, meus deuses.

Percorreram dois quarteirões, e depois um terceiro, antes de Burke voltar a falar.

— Há uns minutos recebi um telefonema do capitão Zajac. Lembra-se do Darrell Adams?

Monty assentiu.

— Trabalhava para o consulado e foi demitido há uns dias.

— Morreu ontem à noite. Parece que comeu açúcar envenenado, pois encontraram dois torrões de açúcar junto à cadeira onde ele se encontrava.

Percorreram mais um quarteirão até que Monty conseguisse falar.

— Não os ajudámos e por isso os Outros fizeram o seu próprio teste com a pessoa que julgavam responsável?

— Não creio que o Sr. Adams tivesse saído vivo do Pátio se os Outros acreditassem que ele tinha tentado envenenar algum dos seus. Mas também não foi escolhido por acaso.

— Será que o laboratório vai acelerar a investigação da causa *desta* morte? — indagou Monty.

— Vá lá, tenente. Nada de sarcasmos — admoestou-o Burke, gentilmente. — Eles têm um bom motivo para acelerarem estes exames. Os agentes que estiveram no local pensavam que iam apenas confirmar uma morte suspeita. Depois do que foram encontrando, o Zajac ficou apavorado, pois não sabe quantas mais mortes podem seguir-se.

Monty franziu o cenho.

— Não percebi.

— Partimos do princípio de que o Adams comeu açúcar daquele. Está morto. Mas um dos vizinhos diz que foi bater à porta, e quando olhou para a mulher que saiu do apartamento do Adams, ficou com o braço e o ombro esquerdos dormentes. Foi levado para o hospital. Não tem lesões, não tem ferimentos, mas os músculos do braço e ombro estão mortos. Outra vizinha, uma idosa que afirma ter visto a mulher chegar e que espreitou à porta quando ela saiu, ficou com um olho morto. Não há sinais de lesão, nem há qualquer explicação. Pouco depois, começaram a aparecer pessoas nas urgências dos hospitais, alegando falta de ar ou tonturas ou dores no peito ou uma fraqueza repentina nos membros. Hoje de manhã, a maioria estava recuperada sem qualquer explicação para o que lhes causara os sintomas físicos. A única coisa que eles têm em comum é o facto de se terem aproximado

do apartamento do Adams ontem à noite, todos por volta da mesma hora.

— Como estão os agentes que atenderam o caso? — Mesmo com o frio, Monty apercebeu-se de que estava a transpirar.

— Estão bem. — Burke fez uma pausa enquanto esperavam que um semáforo abrisse. Depois de atravessarem a rua, prosseguiu: — O homem e o menino que entraram no momento em que a mulher estava a sair também estão bem. O indivíduo diz que a avistou e que lhe virou imediatamente as costas, pondo-se entre ela e o filho. Também tapou os olhos do menino com a mão. Disse aos agentes que se lembrava dos mitos, e por isso não olharam. O homem não quis adiantar mais nada aos agentes, e o Zajac está compreensivelmente relutante em aprofundar o assunto.

— Será que ele não quer descobrir? — Mitos? Poderia a universidade ter alguém entre o corpo docente que encontrasse a origem do mito?

— Não, ele não quer descobrir. E nós também não. — O olhar de Burke alertou Monty para a sua sinceridade. — Conhece a expressão, «Se o olhar matasse»? — indagou Burke passado um instante. — Bem, parece que há qualquer coisa entre os *terra indigene* que faz exatamente isso.

...em vigor até às seis da manhã. A WZAS recomenda que não faça viagens desnecessárias.

«*Pensámos em adiantar-nos ao comunicado oficial da Câmara. Portanto, vá lá buscar o leite e o papel higiénico e toca a ir para casa. Já temos uns quantos centímetros de neve a entupir as ruas e há mais a caminho. As previsões mais recentes dizem que a cidade de Lakeside pode ficar toda com pelo menos meio metro de neve até que a borrasca amaine, e nem sequer imaginamos a profundidade das depressões. O arrefecimento provocado pelo vento pode chegar aos vinte graus negativos esta noite. Vamos atualizar as estradas encerradas nas notícias à hora certa e nos resumos à meia hora. Boas ou más, foram as notícias e o tempo com a Ann Hergott. E agora, do maior êxito de bilheteira do ano passado, ficamos com a música que andou nos tops “Se o Verão Não Chega”.»*

Monty desligou o rádio, vestiu o sobretudo e calçou as botas. Não estava de serviço nesse dia, mas estavam todos de prevenção. Já testemunhara algumas tempestades mazinhas durante os anos que passara em Toland. A Cidade Grande chegara mesmo a ficar sem acesso durante um dia inteiro.

Mas depois de ouvir Kowalski, Debany e MacDonald na véspera, homens que tinham morado em Lakeside uma vida inteira, percebeu que nunca vira o tipo de tempestade que *eles* consideravam má.

E todos se preparavam para uma das más.

Confirmou que tinha as chaves e saiu.

No céu acumulavam-se nuvens negras, quais pedregulhos imensos à espera de desabar sobre o mundo. A neve caía cada vez com mais intensidade e o frio fazia-lhe arder a pele. O limpa-neves já passara por ali, mas a rua estava outra vez coberta. Isso levou-o a interrogar-se se dali a uma hora ou dias haveria algum coisa capaz de entrar ou sair na sua rua.

Regressou ao apartamento e telefonou a Kowalski.

— O que achas desta tempestade? — perguntou, quando Karl atendeu.

— Está a chegar mais depressa do que se esperava — respondeu Karl. — Acabei de ouvir na rádio que na baixa está tudo a fechar, e os acontecimentos sociais desta noite foram cancelados. O trânsito já começa a acumular-se por causa da quantidade de neve nas estradas e só vai piorar.

— E os limpa-neves?

— Vão fazer o possível para manter as vias principais abertas, mas há limites até que a tempestade passe.

Monty pensou por um instante.

— Nesse caso, vou enfiar umas roupas num saco e vou apanhar um táxi até à esquadra enquanto ainda lá consigo chegar. E tu?

— O tenente tem mais hipóteses de conseguir um táxi se disser ao taxista para se encontrar consigo à esquina. O tenente não mora numa artéria principal, e duvido que um taxista se arrisque a entrar numa rua residencial. Há demasiadas probabilidades de ficar preso. Eu e uns amigos andámos a abrir caminho para os vizinhos que foram chamados ao trabalho. Andam a convocar pessoal médico, serviços de emergência e bombeiros. — Hesitou. — Verdade seja dita, cheguei a pensar que estivesse a ligar-me a chamar-me ao serviço.

E isso seria um problema?, interrogou-se Monty, percebendo qualquer coisa nas entrelinhas. Não era só o clima. Queria parecer-lhe que Kowalski resistiria o mais possível a ter de sair de casa.

— Tentei ligar para as pousadas e para os hotéis mais próximos do Parque de Lakeside, mas acho que as linhas já devem ter caído em alguns, pois não me atenderam.

Monty respondeu calmamente à preocupação de Karl.

— É um motivo de preocupação, mas será um problema imediato?

— Está um grupo de homens na cidade para uma espécie de reunião. Eles têm motos de neve. Pensei que não custaria nada tentar localizá-los para ver se poderiam fazer algum tipo de trabalho voluntário.

— O que é que não me estás a dizer, Karl?

— Não imaginámos que a tempestade caísse tão depressa, por isso a Ruthie foi à Corre & Bate treinar, e depois ia passar pela mercearia da Praça do Mercado para trazer umas coisas. — Kowalski hesitou. — Ninguém responde da Ler e Uivar por Mais, nem do Trincadela, e a Ruthie ainda não me atendeu o telefone móvel. Estamos a poucos quarteirões do Pátio, mas não sei se neste momento a Ruthie consegue chegar a casa.

Monty observou um carro a descer lentamente a rua.

— Karl? Tenho de desligar. Continua à procura dessas motos de neve. Tenho o telefone móvel comigo, por isso diz-me quando souberes alguma coisa da Ruth.

— Eu digo. — Kowalski desligou.

Monty fez rapidamente a mala, chamou um táxi para o apanhar ao fundo da rua, e saiu para a tempestade.

Asia embateu com o carro alugado na neve amontoada à entrada do parque de estacionamento do Pátio, determinada a criar um ponto de fuga para quando tivesse a cria de Lobo. Teria preferido o estacionamento do outro lado da rua, mas os espaços junto a O Veado e a Lebre estavam ocupados, e quando passou pelo parque municipal disponível para os clientes dos estabelecimentos desse quarteirão, tornou-se óbvio que somente o último carro que conseguisse forçar a entrada seria capaz de voltar a sair, e mesmo isso não era certo.

Acelerou o motor até que os pneus começaram a girar, depois tirou o pé do acelerador e engrenou a marcha-atrás para recuar o suficiente para uma nova tentativa de entrar no parque de estacionamento. Ignorou a buzina do carro que acabara de lhe falhar a traseira quando recuara, engrenou a primeira e voltou a acelerar. O carro derrapou e acabou atolado, bloqueando completamente os outros veículos no estacionamento.

Asia saiu do carro irritada, praguejando com veemência. Que monte de sucata inútil. Dissera à empresa de aluguer que precisava de um carro que fosse capaz de lidar com neve, e eles haviam-lhe garantido que aquele seria capaz de lidar com neve na maior parte das condições atmosféricas.

Na maior parte das condições uma porra, pensou Asia enquanto tirava uma mochila do banco traseiro. Depois de pegar na machadinha, pôs as alças da mochila aos ombros e dirigiu-se ao muro ao fundo do parque de estacionamento.

Começou por experimentar a porta de madeira, esperando que os Outros não se tivessem dado

ao trabalho de a trancar. Não teve sorte. Mas havia neve acumulada até ao topo do muro, a qual seria fácil de trepar.

Serviu-se da machadinha e içou-se monte acima, depois passou a perna sobre o muro e desceu para a neve amontoada no outro lado. Aquele lado do estacionamento não fora limpo durante todo o dia, pelo que os carros não iam a lado nenhum nos próximos tempos. Ia deixar um rasto, mas não podia preocupar-se com isso.

Analisou o cadeado que trancava a porta de madeira que dava acesso ao lote seguinte e praguejou. Tinha de encontrar a chave do cadeado. Não seria capaz de sair tal como entrara, pelo menos com o lobito a tiracolo.

Tirou do ombro uma das alças da mochila e observou o edifício de tijolo de rés-do-chão que compunha o limite direito do parque de estacionamento. Uma porta de garagem e uma porta normal. Começou por tentar abrir a porta normal. Quando a abriu, entrou numa garagem cheia de equipamentos de remoção de neve e de ferramentas de jardinagem. Basicamente, um barracão de jardineiro.

Asia fechou a porta quase na totalidade, para o caso de algum dos Outros *estarem* na rua com aquele tempo, tirou uma pequena lanterna de bolso do casaco e percorreu a parede ao lado da porta com o feixe de luz. Quase se riu quando avistou o chaveiro. A última chave do grupo estava numa trança de cordel e tinha a palavra CADEADO escrita por cima.

Pegou na chave, correu para o exterior e abriu o cadeado, após o que o atirou sobre o muro para garantir uma saída rápida. Devolveu a chave ao seu lugar e depois verificou as restantes.

Uma delas estava marcada Cairo.

Boa!, pensou Asia, guardando a chave no bolso. Darrell dissera que uma chave servia para todos os Cairos, pelo que lhe bastava encontrar um desses pequenos veículos.

A parede oposta da garagem de manutenção tinha a configuração inversa das portas. Dirigiu-se à outra porta normal, apagou a lanterna e entreabriu a porta o suficiente para espreitar e confirmar que eram as garagens que vira quando passara a noite com Darrell.

O mensageiro antecipara o planeado quando se apercebera de que a tempestade seria pior do que o previsto e chegara mais depressa à cidade do que originalmente pensado. O único problema com a antecipação era o facto de Meg ainda não ter encerrado a estação. Quando o mensageiro e os seus homens criassem as distrações que levariam Simon Wolfgard e os restantes Outros para várias zonas do Pátio, Meg teria de ser levada para o seu apartamento no Complexo Verde, ficando à espera para ser apanhada.

Asia puxou as mangas da parka e da camisola os centímetros necessários e viu as horas no mostrador luminoso do relógio. Apenas três e meia da tarde, mas já estava escuro por causa da tempestade. Isso iria trabalhar a seu favor.

Atirou-se para trás e fechou a porta quase toda quando a da Ler e Uivar por Mais se abriu e ela ouviu Simon a dizer: — Ela que espere. Não demoro.

Observou-o a dirigir-se à Estação do Intermediário e viu-o a parar quando algo lhe chamou a atenção. Ficou imóvel por um momento, após o que prosseguiu até à porta dos fundos da estação.

Asia voltou a confirmar o relógio e acomodou-se para esperar.

Assim que Simon entrou na sala dos fundos da estação, sentiu a energia inquieta de Nathan e ouviu a voz de Meg. Ela falava com alguém, mas não lhe pareceu que fosse o Lobo.

<Nathan?>, chamou.

<Quero ir para casa>, disse Nathan, parecendo nervoso. <Devíamos ir para casa.>

<Talvez não chegues ao Complexo dos Lobos, mas vamos sair desta zona do Pátio.>

<Bom. Precisamos de nos abrigar.>

Tinham mesmo de chegar a casa e instalar-se. Fechara a LUM meia hora antes e Tess fizera o mesmo com o Trincadela, mas ele ainda estava a ruminar quanto ao que fazer com os funcionários humanos, especialmente aqueles que Meg considerava amigos. Não podia, pura e simplesmente, empurrá-los porta fora e deixá-los por sua conta para encontrarem o seu caminho para casa. Não, quando podia olhar pela montra da LUM e ver os engarrafamentos que já se formavam e que ainda piorariam.

Meses antes, teria fechado a loja sem pensar duas vezes em Merri Lee e Heather. Eram seres humanos que não eram comestíveis por serem úteis, e nada mais eram para os nativos da terra. No entanto, de alguma forma, elas tinham passado a fazer parte da alcateia humana de Meg, pelo que passaram a ser membros indistintos do Pátio, o que as deixava sob a sua proteção.

Não gostava de pensar em seres humanos daquela maneira. Não gostava mesmo nada.

Bem, trataria de Merri Lee e de Heather, mas primeiro teria de tratar de Meg. O que significava lidar com Nathan.

<O que se passa contigo?>, perguntou, andando pela sala de separação. Meg estava no balcão da frente, de costas para ele. Nathan tinha as patas anteriores em cima do balcão e parecia mal-humorado, o que não era bom para um guarda quando não havia nada por perto que ele pudesse apanhar e comer.

<Ela!>, respondeu Nathan. <Está inquieta e não para de esfregar a pele como se tivesse pulgas. Tentei cheirá-la à procura de sangue, e ela bateu-me.> Soltoou um rosnido baixo, olhou para Meg e levantou uma pata.

— Não há problema — disse Meg a alguém ao telefone, empurrando distraidamente Nathan quando este tentou bater no telefone para desligar a chamada. — A entrega pode ser feita no Dia da Lua. Cuidado com as estradas. Obrigada. Para si também. — Meg desligou e abanou o dedo na direção do Lobo de guarda. Depois reparou em Simon e corou.

<Estás a ver?>, queixou-se Nathan. <Fá-la ir para casa.>

Meg estava inquieta e a esfregar a pele? Estaria a sentir o formigueiro que indicava uma visão potencial ou, à semelhança dos outros, a tempestade deixava-a incomodada? Não lhe interessava o motivo por que a mulher estava inquieta. Ia afastá-la daquela zona do Pátio.

— Vais fechar imediatamente a estação — ordenou Simon, bloqueando a entrada Privada para não lhe dar espaço de manobra.

— É exatamente o que estou a tentar fazer. Seria mais fácil se não tivesse tanta ajuda — respondeu Meg, parecendo disposta a morder alguém.

Nathan gemeu e lançou um olhar suplicante a Simon.

Era embaraçoso ouvir um dos melhores defensores do Pátio a ganir como um filhote.

— Falei com todos os serviços de entregas que normalmente aparecem na tarde do Dia da Água — informou Meg. — Hoje, a maior parte não tinha entregas para o Pátio, e aos outros disse que não havia problema se a entrega fosse feita no Dia da Lua. Além disso, o Harry da Entregas Em Todo o Lado ligou-me há uns minutos para informar de que as estradas foram encerradas em toda a cidade. Não se fazem viagens desnecessárias. Assim sendo, estou quase pronta para sair.

— Mas...? — Já a conhecia o suficiente para saber que havia mais alguma coisa.

Meg respirou fundo e soprou o fôlego.

— Duas coisas. A carga do Cairo estava baixa quando voltei do almoço. Não sei se tem carga suficiente para voltar a casa, não sei se consigo conduzir com a neve assim tão alta.

— Não vais conduzir. O Jester deve estar quase a chegar com um pónei.

Meg animou-se.

— Vamos andar de trenó?

Simon abanou a cabeça.

— Mas não o das Elementais. Esse, só elas o conduzem. O Jester vai trazer o mais pequeno, mas é grande o suficiente para lá caberes com o Nathan. Vou levar o Cairo de volta ao Complexo Verde. Se ele não aguentar, mudo de forma e faço o resto do caminho como Lobo. — Não houve protesto da parte de Meg, provavelmente por querer andar de trenó. — Qual é a outra coisa?

Agora pareceu ficar desconfortável, como se estivesse prestes a pisar a cauda dele.

— A Merri Lee apanha um autocarro para o trabalho. — Virou-se o suficiente para olhar para a neve que não parava de cair.

Simon descontraiu-se, satisfeito por ter previsto isso.

— Ela não vai para casa. Nem a Heather. Podem ir buscar comida ao Carne-e-Legumes ou à mercearia, e hoje à noite ficam nos apartamentos de serviço. Vou falar com Lorne e ver se ele quer ficar. A Marie Hawkgard vai ficar de guarda e a Julia também fica nos apartamentos de serviço.

Meg abriu a boca, e ele quase esperou que ela dissesse que queria ficar com as amigas na zona demasiado exposta do Pátio. No entanto, enquanto o fitava, o rosto de Meg ficou exangue.

— Tenho de chegar a casa — proferiu ela em voz baixa. — Esta noite tenho de chegar a casa.

— É por isso que o Jester está a chegar com o trenó e o pónei. — Simon observou-lhe a expressão. Porque estaria com um ar tão pálido, tão assustado? — Meg?

Ela abanou a cabeça.

— Tenho de ir à casa de banho.

Preocupado com o que ela poderia fazer sozinha naquele espaço, Simon rosnou: — *Meg?*

— Não posso alçar a perna, como vocês fazem, por isso tenho de fazer xixi antes de sair para o frio — retrucou.

Simon deu um passo atrás, deixando-a passar. Mas ele também a farejou brevemente. Nathan tinha razão; não havia nela cheiro a sangue fresco.

Abriu a passagem para Nathan.

— Espera por ela junto à porta dos fundos. Vou trancar o resto.

Tirou as chaves da gaveta na sala de separação e atravessou a passagem. Nathan dissera-lhe que Meg normalmente limpava o chão após a última entrega, pois o soalho ficava escorregadio com a

neve trazida pelas botas dos entregadores. Desta vez não o fizera, pelo que saltar por cima do balcão seria uma boa maneira de escorregar e partir uma perna ou, na melhor das hipóteses, dar uma queda feia.

Quando virou a placa para «Fechado», viu uma figura encapuzada de parka verde e branca a apressar-se na direção da porta. Ainda considerou a hipótese de ignorar o ser humano e trancar o resto, mas ainda há pouco vira essa mesma parka a sair do Pátio.

Abriu a porta e rosnou — O que foi? —, reconhecendo depois a Ruthie, que parecia estar a tentar não chorar.

— Sr. Wolfgard — disse ela, ofegante. — Ainda bem que o encontrei antes de estar tudo fechado. Tenho o meu carro no seu estacionamento.

— Isso é sensato. — Estaria fora do caminho, e os Lobos adolescentes iriam divertir-se no dia seguinte a escavá-lo.

— Mas está um carro preso na entrada do estacionamento. O motorista não está no veículo, e eu não consigo contorná-lo.

Simon reviu as palavras dela e percebeu que chegara a uma conclusão diferente de Ruthie.

— Ficas aqui. Vai até à porta dos fundos da Ler e Uivar por Mais. Encontramo-nos lá daqui a dois minutos.

— Mas...

— Vai para a porta dos fundos — atalhou ele. — É altura de encontrar um abrigo e não de andar a correr na neve.

Depois de alguma hesitação, ela assentiu.

— Obrigada.

Simon observou-a até ter a certeza de que ela estava a dirigir-se às traseiras do edifício, em vez de se armar em tola e mergulhar na tempestade. Tal como Meg fizera na noite em que chegara ao Pátio. O que se passava com as fêmeas humanas para não terem o discernimento de procurar abrigo?

Claro que se Meg se abrigasse noutro sítio, em vez de chegar aos tombos ao Pátio, talvez ela não os tivesse encontrado e talvez ele nunca a tivesse conhecido. Talvez Namid, bem vistas as coisas, fosse assisada ao mandar as fêmeas humanas fazerem coisas loucas.

<Vamos embora>, disse Nathan. <O Jester vai levar a Meg para a toca dela. Espero por ti lá.>

Com isso tratado, Simon acabou de trancar a estação. Espreitou ao Três P para dizer a Lorne que fechasse as portas e fosse para a LUM. Depois encaminhou-se a trote para a porta dos fundos da livraria. Empurrou Ruthie para o interior e encontrou o armazém repleto de pessoas confusas e ansiosas. E depois havia Tess, que parecia estar a divertir-se.

— Os carros estão presos no estacionamento, pelo que vocês as duas não saem daqui — informou ele, apontando para Ruthie e Heather. Depois apontou para Merri Lee. — E hoje é uma tolice apanhar um autocarro. Por isso, vão ficar aqui. Vamos tratar dos apartamentos de serviço e levar-lhes comida. Vão ficar abrigadas. A Marie e a Julia Hawkgard também vão ficar aqui esta noite.

— Tenho uma caixa de chocolates e um par de filmes — comentou a Ruthie. — Imaginei que fosse uma boa noite para cinema.

— E quanto a outras pessoas que possam estar encurraladas? — perguntou Merri Lee.

Simon abanou a cabeça.

— Há alguém que está a tentar prejudicar os *terra indigene*. Os estranhos que procurem abrigo noutros lugares. Aqui não vão estar seguros.

Enquanto Tess foi ao escritório de Simon buscar as chaves dos apartamentos de serviço, John chamou Simon à parte.

— Também posso ficar — disse ele. — Ter os Falcões por aqui é bom, mas ter um Lobo de guarda à porta vai ser melhor.

— Está bem. Leva o trenó de entregas e vai ao Carne-e-Legumes. Traz comida suficiente para todos para esta noite. — Quando a porta dos fundos se abriu, Simon acrescentou: — E leva o Lorne contigo.

Com isso resolvido, subiu a escada e chegou à porta do gabinete no momento em que Tess saía.

— Daqui a nada saio daqui com um Cairo — informou ele. — Queres boleia?

O cabelo castanho ia-se enrolando em canudos e esticando, um sinal de indecisão. Finalmente, Tess abanou a cabeça.

— Vou ficar de olho nesta parte do Pátio.

— Não nos quero dispersos. — Simon não acreditava que ela partilhasse de livre vontade um quarto com alguém, e embora estivessem à vista, os quartos por cima da Estação do Intermediário pareciam demasiado longe para servirem de companhia ou de apoio. Não queria nenhum elemento do seu povo isolado.

— Eu fico bem — garantiu ela. — Tenho uma muda de roupa na loja. Tinha pensado tirar um par de livros da nossa biblioteca e apreciar um dia de leitura, mas vou antes tirar uns livros das prateleiras da LUM. Até sou capaz de fazer uma fornada de biscoitos e juntar-me às meninas para um filme.

Tudo parecia normal e razoável, razão pela qual Simon não acreditava nela. Aquela era Tess, e ela raramente se interessava por coisas normais e razoáveis.

— Está bem — disse Simon. — Posso...

— Para de querer ser uma ama de alcateia a tentar juntar as crias todas no mesmo sítio. Vai para casa e tenta manter a tua cria desmiolada longe de uma borrasca.

Se ela ia pôr as coisas dessa forma...

— Vou levar os humanos aos apartamentos — indicou ele, de pelos eriçados por ter sido chamado de ama de alcateia. Estendeu a mão. Tess deu-lhe as chaves.

Quando voltou a descer as escadas, Heather e Ruthie chegavam da frente da loja.

— Finalmente consegui falar com o Karl — informou a Ruthie, sorrindo para todos. — Ele fica grato por me deixar ficar aqui.

Simon não conseguiu pensar numa resposta adequada, por isso limitou-se a levar o bando de humanos tagarelas até aos apartamentos de serviço. Abrira algumas das lojas do Pátio para estudar os seres humanos mais de perto, para os vigiar, tal como Elliot fazia com os elementos do governo da cidade. Cuidar de alguns deles tornava tudo tão... pessoal.

Os seres humanos e os *terra indigene* não deviam ser amigos. Isso não se fazia.

Mas, de alguma forma, parecia que era exatamente isso que estava a acontecer.

Meg queria saborear o seu primeiro passeio num trenó puxado por um pônei, mas o vento aumentara, levantando a neve e fazendo com que fosse difícil apreciar fosse o que fosse, salvo a perspectiva de chegar a um lugar quente e seco. Aconchegou-se então na parte de trás do trenó com Nathan, enquanto Jester estava no banco, de tal modo encolhido que ela mal o reconheceu. O único que parecia estar a divertir-se era Furacão, com os sinos dos arreios a tilintar e os cascos largos de pônei a levantar a neve em seu redor enquanto ia trotando pela estrada.

É capaz de estar a retirar tanta neve da estrada que talvez alguém fosse capaz de levar um Cairo até ao Complexo Verde, pensou Meg. *Conquanto esse alguém não esperasse muito.*

Faria alguma diferença? Como seria fazer a diferença? Sentia-se nervosa, inquieta, desde que a neve começara a cair, deixando Nathan à beira de um ataque de nervos porque o Lobo captava o estado de espírito, mas não compreendia o motivo. Estava nervosa e inquieta, mas o formigueiro por baixo da pele só começou quando viu Simon.

— Já chegámos — informou Jester, virando-se no banco.

Nathan saltou do trenó e depois esperou que ela pegasse nos sacos com a comida que comprara durante a hora de almoço. Nathan foi à frente, deixando um rasto pelo qual ela ficou grata. Não ficou assim tão grata quando ele parou junto às escadas, assumiu a forma bizarra e perturbadora meio homem/meio Lobo, pegou num dos sacos e subiu as escadas.

As escadas estavam cobertas de neve e ela teria dificuldade em carregar ambos os sacos, pois assim não seria capaz de ver onde colocar os pés; ele só estava a tentar ajudar.

Não obstante, Meg evitou olhar diretamente para ele — e para as partes que não estavam adequadamente cobertas com pelo — enquanto abria a porta da frente, sacudia a neve que podia e entrava.

Nathan entregou-lhe o saco e assumiu de imediato a forma de Lobo puro.

— Queres entrar? — perguntou ela.

À laia de resposta, Nathan escolheu um ponto no interior da treliça da varanda, onde tinha alguma proteção contra a neve e o vento — e onde quem subisse as escadas não o visse antes de ele os ver.

Deitou-se e lançou-lhe um olhar que dizia «Idiota, não vais fechar a porta?» Assim, Meg fechou a porta, despiu as roupas molhadas e pendurou-as na casa de banho a escorrer.

Guardou a comida no frigorífico e nos armários, e interrogou-se se alguém se lembraria de confirmar os alimentos antes que eles se estragassem.

As profecias e as visões não funcionavam da mesma forma no mundo exterior e no complexo. As suas experiências, as suas memórias forneciam o contexto. Fora por isso que, ao ver Simon de pé na porta Privada, ela entrara no estranho tipo de visão que não precisava de cortes.

Pelo. E dentes. E um frio terrível. Depois, vislumbres das imagens que recordava das visões que tivera sobre o Pátio. Uma tempestade. Homens vestidos de preto. Um som como um motor que lembrava vespas. A estrada interior perto da casa de Erebus Sanguinati. Sam a uivar de terror. Um quarto branco com aquela cama estreita. E Simon Wolfgard.

Moveu as imagens em várias direções, como peças de um puzzle, alterando a sequência e procurando pistas. Podia salvar Sam. Se seguisse uma sequência de imagens, ela poderia fazer isso. Depois? Não ia ceder. Não ia entregar o seu corpo como se fosse propriedade de alguém. Iria lutar

tão ferozmente quanto possível durante tanto tempo quanto possível. A única coisa que conseguiria com a luta era a sensação de ser uma pessoa em vez de uma coisa, porque o final seria o mesmo.

Era o início da profecia que vira sobre si mesma.

Aquela era a noite em que ia morrer.

*V*á, com calma, pensou Monty quando o táxi patinou e deu de traseira na Estrada de Whitetail. Com calma.

Sempre que chegavam a um semáforo, ouvia o zzzzzzzzzzzzz dos pneus a girar quando os carros tentavam obter tração suficiente para avançar pelo cruzamento e seguir viagem. Quando finalmente chegaram ao cruzamento da Rua Chestnut e se tornou óbvio que teriam de esperar por várias mudanças do semáforo até que antes o táxi conseguisse dar a volta, Monty disse: — Eu saio aqui — e pagou ao taxista.

— Acho que nos vamos safar bem — comentou o taxista quando Monty saiu. — Parece que a neve está a abrandar.

Asia ouviu o *brrmmm putt putt* de um Cairo a roncar através da neve. Depois ligou ao mensageiro especial.

— O Simon Wolfgard está a caminho do Complexo Verde. A propriedade do seu benfeitor já lá deve estar. Parece que alguns dos funcionários vão passar a noite nos apartamentos por cima das lojas, mas não há ninguém na zona comercial do Pátio que te vá atrapalhar.

— Estamos todos a postos. O Veado e a Lebre ainda está aberto e cheio. Podes misturar-te por lá. Assim que estivermos na posse da propriedade, saímos da cidade. Eu ligo-te.

Talvez ele lhe telefonasse. Tinha a sensação de que poderia ser convenientemente deixada para trás. Isso seria bom. O mensageiro e os seus homens eram apenas a diversão de que ela precisava para capturar a cria de Lobo e sair do Pátio antes que os Outros percebessem o que acontecera.

Esperou mais um minuto, depois saiu da garagem de manutenção e correu para a garagem onde se encontrava o Cairo que Darrell usara na semana anterior.

Esse espaço estava vazio, mas quando abriu a porta ao lado, essa garagem continha um Cairo. Desligou o veículo da fonte de energia e entrou. O Cairo resmungou quando ela deu à chave, mas o motor pegou. Localizou os controlos das luzes e do limpa-para-brisas. Quando acendeu as luzes, reparou que a barra de energia indicava trinta por cento de carga. Não se lembrava da carga que o Cairo tinha na noite em que Darrell a levava ao Complexo Verde e isso incomodava-a. Asia Crane, IE, lembrar-se-ia de um pormenor desse género com um mero relance para o tablier.

Deve ser o suficiente para lá chegar e voltar, pensou Asia ao apagar as luzes e recuar para fora da garagem. *Afinal de contas, não sou eu a abrir caminho na neve.*

Encaminhando o Cairo para o trilho deixado pelo veículo de Simon, Asia dirigiu-se para o Complexo Verde e para a bola de pelo que daria pilhas de dinheiro ao Manda-chuva e aos outros patrocinadores e faria dela uma mulher famosa.

Uma rajada de vento fez abanar o Cairo. Simon rosnou, sem saber se fora provocado pelo tempo ou se era apenas Ar a divertir-se. Fosse como fosse, a direção mudara, o que significava que a tempestade estava a contornar a cidade em vez de continuar a fustigá-la. Esse abrandamento teria de ser obra de Inverno, com a ajuda de Ar. Ainda era cedo para se chegar a casa e por lá ficar, e sendo

Dia da Terra no dia seguinte, a limpeza da zona de entregas e do estacionamento podia ser feita sem pressas. E ele gostava da ideia de ter os Lobos a escavar os carros bloqueados no parque de estacionamento. Seria mais divertido do que estar na forma humana com uma pá.

Talvez pudessem deixar os póneis...? Não, não ia incentivar os póneis a revelar a sua verdadeira natureza e habilidades, limpando a neve em lugares onde os seres humanos os pudessem ver. Mas no interior do Pátio, isso era outro caso. Tornado, Ciclone e Furacão não eram forças insignificantes, mas poderiam controlar a sua intensidade em nome da brincadeira. Pela forma como a estrada fora limpa, podia dizer que Jester atrelara um deles ao trenó para que Meg chegasse a casa. E Blair notara pequenas espirais de neve que se deslocavam pelas estradas no interior do Pátio à velocidade do trote de um pônei. Os três póneis ficavam satisfeitos porque raramente podiam exhibir a sua natureza naquela parte de Thaísia, e Blair estava contente por não precisar de empregar tempo ou combustível para limpar as estradas.

E Meg podia conduzir em qualquer parte do Pátio sem ficar presa na neve, o que lhes agradava a todos.

Demorou mais tempo do que o habitual, mas lá chegou ao estacionamento dos visitantes no Complexo Verde e abrandou para pensar. A alameda que dava para as garagens nas traseiras não fora limpa de todo, e os veículos que lá se encontravam não iam a lado nenhum nos próximos dias. Sobravam os lugares no outro lado da estrada em relação ao complexo.

Alguém com membros grandes e poderosos desviara a maior parte da neve dos lugares dos convidados. Simon não sabia se lá caberiam dois Cairos com espaço suficiente para que os condutores saíssem, mas tinha bastante espaço para ele, e mais ninguém usaria um veículo para chegar a casa. Na forma de fumo, Vlad deslocava-se mais depressa com aquele tempo do que qualquer outro *terra indigene*, salvo as Elementais.

Observou a neve junto ao espaço livre. Depois apagou as luzes do Cairo e deixou que os olhos se adaptassem. Com as luzes acesas, parecia que aquilo que se encontrava ao lado do espaço de estacionamento era um remoinho de neve. Mas no escuro, esse remoinho assumia uma forma.

Henry Beargard era um homem grande e um urso enorme. No entanto, quando Henry assumia a forma de urso-espírito, era ainda maior. E de pé sobre as patas traseiras, tal como estava agora, parecia capaz de arrancar as estrelas do céu.

<Henry?>, indagou Simon.

<Thaísia está inquieta. Eu estou inquieto. Está a chegar um tipo diferente de tempestade.> Henry fez uma pausa. <Da primeira vez que a Meg partilhou uma profecia connosco, ela viu uma tempestade.>

Rosnou. Ela partilhara essas palavras com Henry, o espírito-guia do Pátio. E o Pardo estava inquieto.

Henry deixou-se cair sobre as quatro patas e afastou-se. <A tempestade está a falar. Tenho de a ouvir.>

Simon observou-o a afastar-se, a sua forma visível apenas porque o Lobo sabia o que procurar. Estacionou o Cairo e atravessou a estrada a correr, interrogando-se se encontraria Sam no seu apartamento ou no de Meg. Depois parou e ficou à escuta.

<Tess?>, chamou. <Por acaso mudaste de ideias quanto a ficares no Trincadela à espera que a tempestade passe?>

<Não>, respondeu ela. <Porquê?>

<Ouvi outro Cairo a vir para cá.> Agora não havia nada, mas ele *ouvira-o*.

<Vou verificar as garagens e já falo contigo>, disse ela.

Simon correu para o apartamento. Quando enfiou a chave na fechadura, Nathan disse: <O Sam está aqui com a Meg.>

Simon destrancou a porta, mas subiu as escadas até ao alpendre de Meg.

O pelo de Nathan já tinha uma leve camada de neve, tornando o Lobo de guarda quase invisível no lugar que escolhera.

Nathan meneou a cabeça. <Simon?>

Não teve oportunidade de responder antes que Tess o chamasse. <Simon!>

<Fala comigo>, disse.

<Tiraram outro Cairo das garagens comerciais. Quem o levou não se deu ao trabalho de fechar a porta.>

<O Blair vai morder a cauda de alguém à conta disso.> Ocorreu-lhe algo que o deixou com um osso na garganta. <Onde estão os seres humanos que foram autorizados a permanecer nos apartamentos?>

<Estão nos apartamentos, a fazer lanches e a escolher filmes para ver.> Tess fez uma pausa. <Encontrei rastros, a maior parte já tapada pela neve, vindos da direção do nosso parque de estacionamento para clientes. Um intruso pode ter escalado um monte de neve e chegado ao Pátio — e talvez também tenha levado o Cairo.>

Um Cairo não serviria de grande coisa nas ruas da cidade, especialmente com aquele tempo, mas seria bastante útil para que alguém penetrasse no Pátio até encontrar as estradas que os pôneis não tivessem seguido.

Simon voltou a descer as escadas. Nathan seguiu-o. Ficaram perfeitamente imóveis — e à escuta.

Jester olhou para os Outros a seu cargo e depois para os grandes flocos de neve que seriam mais bonitos caso não houvesse tantos.

Doze poneizinhos confortáveis nas suas baias, pensou. E um Coiote, que ia aconchegar-se na palha com eles.

Não valia a pena ir para o Complexo Verde. Tinha ali tudo aquilo de que precisava.

E queria ficar de olho nos pôneis, especialmente no velho Tufão, que estava a ter alguma dificuldade a abrir caminho pela neve. Teria de mencionar isso a Inverno. Os corcéis das Elementais demoravam a envelhecer, mas até mesmo o seu tempo no mundo chegava ao fim, sendo o seu lugar ocupado por jovens que ficavam nesse nicho.

Ainda assim, nunca era fácil quando chegava a vez de um pônei, e Tufão era o favorito de Ar e de Água.

Tinha começado a fechar a porta quando ouviu um som e se afastou do estábulo para identificar a direção. Era um motor, sim, mas não de um Cairo nem de qualquer outro veículo usado no Pátio.

Jester arreganhou os dentes e assumiu as orelhas da sua forma de Coiote para captar melhor os sons. Mais do que um veículo com um motor a zumbir. Meg não dissera qualquer coisa sobre motores que zumbiam? E agora que escutava com mais atenção, apercebia-se de que nos últimos dias ouvira aquele em torno do Pátio. Mas não no seu interior.

<Intrusos!>, gritou.

O alerta foi abafado por uma explosão vinda da direção do Complexo de Serviços.

Simon ouviu a explosão, localizou a sua origem e gritou <Blair!>, enquanto Nathan uivava um alerta.

<Estamos a ser atacados!> A incredulidade na voz de Blair rapidamente se transformou em fúria.

<Vou tratar desses intrusos.>

<Eles podem ter armas!>

Não houve resposta. Não era preciso nenhuma. Quem ali estivesse para rebentar com parte do Pátio teria armas.

Outra explosão, com um som mais fraco vindo do lado ocidental do Pátio — o lado mais próximo do Parque de Lakeside, o lado onde havia um buraco na cerca por causa do fogo de há alguns dias.

Uivos a oeste dos Lobos que respondiam a essa ameaça. Nathan a seu lado, a rosnar e inquieto, querendo sair dali e ajudar com a mesma intensidade com que *ele* queria ir ao encontro dos inimigos e destruí-los.

Quando Simon se virou para dizer a Meg que tinha de sair, os Corvos gritavam alertas sobre atacantes. Depois ouviu o grito repleto de medo e de raiva de Jester: <O estábulo está a arder!>

Jester escutou os Corvos soarem um grito de batalha e ouviu o zumbido dos motores a aproximar-se cada vez mais do Estábulo dos Pôneis. Viu o fumo encher o céu de inverno acima do Complexo de Serviços e pensou: *O Blair vai esventrar alguém por isto.*

O que mais dissera Meg sobre os motores que zumbiam? Homens vestidos de preto. Homens com armas. Sam a uivar. Mas Sam não estava a uivar. Havia muitos outros Lobos, mas não o filhote, portanto...

Furacão irrompeu da sua baía nas traseiras do estábulo e galopou para a porta aberta onde Jester se encontrava, seguido por Ciclone e Nevoeiro. Momentos depois, o vidro de uma das janelas estilhaçou-se, depois outro. E logo a seguir...

— Lá para fora! — bradou Jester para os pôneis quando de repente surgiram chamas das fundas camas de palha em duas das baias. — Saiam todos! — Depois acrescentou, para quem o ouvisse: <O estábulo está a arder!>

Furacão correu porta fora.

Motores a zumbir. Um disparo. Sangue a espirrar sobre a neve quando Furacão tombou.

Jester uivou de fúria e correu para o pônei. Outro tiro que o levou a atirar-se em busca de abrigo, com o corpo moribundo de Furacão a protegê-lo da bala.

Os restantes pôneis transformavam-se ao irromperem do estábulo. Embora parecessem cavalos, eram agora os corcéis das Elementais, e os gritos de fúria que se fizeram ouvir nas profundezas do Pátio quando Furacão morreu eram de Terra, Ar, Fogo, Água... e Inverno.

Ciclone e Nevoeiro foram os corcéis seguintes a saírem pela porta. Ao correr, Nevoeiro cobriu de imediato o terreno à volta do estábulo com uma neblina, enquanto Ciclone transformava a neve caída numa arma poderosa. Perseguiram os motores que zumbiam, agora já livres de carne que se atolaria na neve funda ou seria detida por balas.

Areia-Movediça e Tufão seguiram Nevoeiro e Ciclone, enquanto Tornado e Onda se dirigiram ao Complexo de Serviços, com a neve a rodopiar como um funil em torno dos cascos de um e a formar uma onda crescente atrás do outro. Avalanche levantou a neve em torno do estábulo, derrubando a parede e lançando um rio de neve sobre as baías para abafar o fogo.

Terramoto e Névoa afastaram-se a galope, dirigindo-se para os problemas na parte ocidental do Pátio. Trovão e Relâmpago foram os últimos a saírem do estábulo, rasgando o céu com uma luz selvagem e um estrondo que abalou o chão.

— Esperem! — gritou-lhes Jester.

Eles viraram-se, a bufar e a bater os cascos.

Não sabia o que lhes dizer. Cuidava deles como sendo o serviço que prestava ao Pátio, e eles davam-lhes ouvidos, até certo ponto. Mas não eram seus, para lhes poder dar ordens.

Depois, já não teve de decidir o que lhes dizer. Com a voz prenhe de fúria, Inverno ordenou: <Coio, traz o trenó ao lago.>

Simon correu escadas acima e quase derrubou Meg quando lhe entrou no apartamento. Agarrou-lhe os braços, consciente de que Sam corria para fora da cozinha. Os olhos do menino estavam brilhantes, mas Simon não tinha tempo de avaliar se o brilho era de entusiasmo ou de medo.

— Meg, eu tenho de ir. O Pátio está a ser atacado. Tu e o Sam ficam aqui até que eu volte. Entendeste? Fica aqui.

— Vai — disse ela. — Nós ficamos bem.

Desceu as escadas a correr, e ele e Nathan trotaram a caminho do Cairo. Depois parou. Três das entradas para o Pátio podiam acomodar veículos quando as estradas estavam limpas. Alguém deveria ter entrado através do portão do Complexo de Serviços para causar aquela explosão. Mas havia ainda aquelas duas aberturas na vedação por onde alguém poderia esgueirar-se. Alguém entrara pela da Avenida Parkside para causar a explosão na parte ocidental do Pátio. A outra...

Simon rosnou e virou-se para Nathan.

— O buraco na vedação da Rua Central fica entre as nossas lojas e o Complexo Verde.

<Neve profunda>, disse Nathan. <Difícil de percorrer.>

— Eles têm lâminas que podem por baixo dos pés. Esquis — corrigiu-se, pensando na palavra humana. — E aqueles trenós com motores. — Coisas irritantes que zumbiam, mas que talvez fossem úteis. — Vou à procura do Blair. Vai confirmar o buraco na vedação e certifica-te de que nenhum daqueles macacos que invadiram o nosso território está a tentar vir para *aqui*. — Virou-se e olhou para o apartamento de Meg.

Nathan partiu. Simon correu para o Cairo e dirigiu-se ao Complexo de Serviços a uma velocidade imprudente.

Meg esfregou as mãos suadas nas calças e depois estendeu uma ao menino.

— Anda, Sam. Vamos ficar em tua casa até o Simon voltar.

— Mas eu quero ficar aqui — protestou Sam.

Meg abanou a cabeça, incapaz de explicar, mesmo para si, o motivo por que queria estar num lugar onde a porta desse para terra e não para escadas.

O menino gemeu baixinho quando ela o levou pela porta da cozinha até à entrada do primeiro andar do apartamento de Simon. Chegados à sala, ajoelhou-se à frente do menino de olhos cinzentos que a fez interrogar-se se teria irmãos mais novos. Nunca ouvira falar de uma *cassandra sangue* do sexo masculino, e recentemente começara a questionar-se quanto ao que aconteceria às crianças do sexo masculino que nasciam das raparigas que eram criadas. Seriam abandonadas? Mortas? Alojadas em algum lugar para um uso diferente? Nunca saberia. Mas, durante um breve período, tivera alguém na sua vida que poderia ter sido um irmão mais novo, e ela amava-o.

— Ouve-me, Sam — disse ela em voz baixa. — Há pessoas más que entraram no Pátio e estão a causar problemas. — Sentia-o a ensimesmar-se. Quando lhe pegou nas mãos, estavam peludas e tinham perdido a forma humana. — Tens de me ouvir e fazer exatamente o que eu te disser. Está bem? — O menino assentiu. Meg não sabia se ele seria capaz de falar. — Quero que assumas a forma de Lobo. És mais forte e mais rápido como Lobo.

Sam esforçou-se por formar palavras.

— Corda de segurança?

— Não. — Meg abanou a cabeça. — Desta vez, não. Não deixes que ninguém te ponha um arnês ou te prenda uma corda de segurança. Se alguém tentar fazer isso, morde-os com toda a força que consigas e foge. Percebeste?

— Morder e fugir.

— Isso. — Ajudou-o a tirar sapatos, camisola e camisa. — Agora, muda de forma.

Sam foi para trás do sofá acabar de despir a roupa. Meg acocorou-se sobre os calcanhares. Talvez não fosse nada. Talvez estivesse a ser tola ou tivesse percebido mal.

As profecias podiam mudar. Uma escolha diferente numa série de opções poderia mudar tudo. Ela e Sam estavam ali, no apartamento, e não lá fora, onde havia medo, dor e morte. Porque precisaria de sair dali até que Simon e Nathan regressassem?

O formigueiro por baixo da pele voltou de repente e no silêncio que rodeava o Complexo Verde ouviu o som de um Cairo.

Vlad, Nyx e mais alguns membros do clã pairaram sobre a neve, quais segmentos de uma serpente negra a caminho do Complexo de Serviços. Outros Sanguinati seguiam para a brecha a oeste para ajudar os Falcões e os Lobos a lutar contra os intrusos.

Ele e Nyx não haviam questionado a ordem de Erebus de destruir tudo o que se atrevesse a tocar os *terra indigene*. Será que aqueles macacos teriam iniciado uma guerra com os Outros se Meg não tivesse ido para o Pátio? Provavelmente, não. Mas alguém que os macacos queriam recuperar com tal determinação seria alguém que os *terra indigene* estariam determinados a manter.

Além disso, ele gostava de Meg, e a sua diligência na entrega de filmes de Erebus dava ao Avô um prazer imaculado que havia muito o patriarca Sanguinati não sentia.

<Vlad, olha>, indicou Nyx.

Uma espiral de neve a caminho dos edifícios do Complexo de Serviços. Ao lado dela, igualmente rápida, via-se uma onda crescente de neve.

Tiros. Um grito de dor. E o zumbido das motos de neve.

Vlad e os companheiros passaram pela asa carbonizada de um Falcão, mas não viram o resto do corpo. Ao contornarem o edifício principal, avistaram um grupo de intrusos em motos de neve. Viu Ferus a tentar arrastar-se para longe da parte do edifício rebentado e em chamas — e viu um dos intrusos apontar uma arma e alvejar o Lobo já ferido.

Vlad mudou parcialmente de forma, chamando a atenção do atirador. Distraído pelo fumo que começava a ganhar forma humana, o homem não viu Blair, na sua forma intermédia, até que o Lobo o derrubou da moto de neve e lhe rasgou o pescoço.

O resto dos intrusos vai fugir, pensou Vlad, furioso. Aquelas máquinas iam retirá-los do Pátio, e servir-se-iam da tempestade para se esconder entre o resto dos macacos.

Apercebeu-se então de que a espiral de neve se dirigia para o portão de serviço e que o alcançaria antes dos intrusos. Quanto à onda de neve...

<Vai buscar o Ferus>, ordenou a Nyx ao ver a onda de neve a encrespar-se e percebendo o que estava prestes a acontecer. <Vou buscar o Blair.>

Nyx assumiu forma humana da cintura para cima, pegou em Ferus pela cintura e pairou sobre a neve, meio a carregar, meio a arrastar o Lobo ferido. Vlad assumiu a forma humana total, agarrou os ombros de Blair enquanto o defensor continuava a rasgar o inimigo, e quase ficou com o rosto dilacerado quando o Lobo se virou para ele e o atacou.

— Vem comigo! — bradou Vlad. — Já, Blair!

Um mero olhar para trás foi quanto bastasse. Blair começou a correr e Vlad, assumindo a segurança da forma de fumo, seguiu-o enquanto Onda libertava a neve para que caísse e apanhasse os três macacos que haviam tentado fugir de Tornado. Um homem, atirado da espiral de Tornado, voou por cima deles e aterrou num círculo de fumo que ganhou mãos e presas.

Vlad ignorou o festim e dirigiu-se para o local onde Nyx aguardava com Ferus.

— O Tornado saiu do Pátio — informou Blair, assumindo a forma humana total ao aproximar-se deles. — Vai haver estragos na parte da cidade dos macacos.

— E estamos preocupados com isso? — perguntou Vlad.

Blair mirou Ferus, que estava a tingir a neve de vermelho.

— Não. Não estamos preocupados com isso. — Observou o terreno e os edifícios à sua volta. —

Vamos. Acho que conseguimos tirar um dos Cairos da garagem e levar o Ferus à curandeira dos Lobos.

Bateram sonoramente à porta de Simon.

— Meg? Meg! Estás aí?

Meg olhou para Sam, cujo rosto hirsuto a mirou por trás do sofá.

Depois encaminhou-se até à porta, entreabriu-a e fitou a camisola azul por baixo da parka branca de Asia.

— Meg... — começou Asia a dizer.

— Não conheço esse tom de azul — declarou Meg, sentindo o frio no seu íntimo quando Asia entrou no apartamento.

— Sei que não devia estar aqui — debitou Asia. — Mas, Meg, tens de ouvir o que te vou dizer. Andam por aí homens à tua procura. O resto que está a acontecer não passa de uma diversão. E o que tem andado a acontecer nos últimos dias? Esses homens andavam a avaliar a reação dos Lobos. Tenho um Cairo. Está lá fora. Vou ajudar-te a fugir.

— Não conheço essa cor.

— O que é que isso interessa? — gritou Asia.

— Vi esse azul na visão, com o açúcar e a caveira com os ossos cruzados — disse Meg, com um tom tão roufenho que suscitou um rosnido de resposta por parte de Sam. — Tentaste envenenar os póneis.

Houve qualquer coisa no rosto de Asia que mudou, apagando qualquer pretensão de preocupação.

— Foi só um meio para um fim, tal como agora.

— Como o quê?

— Estava a falar a sério. Eles vieram à tua procura, Meg, mas eu não quero saber de ti. Só quero o filhote. Eu vou-me embora e tu podes fugir. Até talvez consigas sair do Pátio e encontrar outro sítio onde te esconderes por mais algum tempo. Talvez para sempre.

Está a tentar empatar, apercebeu-se Meg. A conversa destinava-se apenas a ganhar tempo. Mas precisava de saber uma coisa.

— Para que queres o Sam?

Asia sorriu.

— Sei de homens que gostariam de ter alguma influência sobre o líder do Pátio. São homens poderosos que talvez conseguissem algumas concessões para nós, seres humanos. Alguns até talvez gostassem de ter um animal de estimação exótico durante algum tempo.

Ele não é uma coisa, pensou Meg, com o frio no seu íntimo a dar lugar ao calor da fúria.

Empurrou Asia com força e gritou: — Foge, Sam!

Asia retribuiu o empurrão, atirando Meg contra a parede. Sam saltou de trás do sofá. Aumentara bastante de tamanho nas últimas três semanas, compensando a falta de crescimento durante os anos

em que ficara imobilizado devido à morte da mãe. Os dentes só trespassaram a manga da parka de Asia, mas o seu peso e a forma como manobrou o corpo para a presa foi quanto bastou para a deixar de gatas.

Meg afastou-se da parede, gritou — Sam! — e correu porta fora. Não estava vestida para o exterior — não tinha blusão, nem botas; só calças de ganga, a camisola mais grossa e sapatos. Mas correu para o Cairo que Asia trouxera e abriu a porta. Sam saltou para o interior do veículo e saiu do caminho dela quando Meg entrou, deu à chave e engrenou a mudança do Cairo antes de fechar a porta. Quando Asia chegou à estrada, já Meg se afastava dos apartamentos.

Ao olhar pelo retrovisor, viu luzes intermitentes que se aproximavam do Complexo Verde. Deviam ser os homens que Asia referira, à sua procura.

— Fizeste bem, Sam. — Ouviu a explosão e percebeu que havia problemas à frente, pelo que virou à esquerda assim que pôde, procurando acelerar numa estrada estranhamente limpa de neve. — Fizeste bem. — Ao que acrescentou para consigo, *Agora é a minha vez.*

À primeira vista não parecia haver grandes problemas com o Complexo de Serviços. Depois, Simon viu Blair ajoelhado ao lado de Ferus e reparou na neve ensanguentada. Parou junto deles, deixou o Cairo em ponto-morto e saiu.

— É grave? — perguntou a Blair, acrescentando um apelo silencioso a Vlad, que deteve de imediato os esforços para retirar a neve da frente das portas da garagem e se dirigiu a eles.

— Um dos Falcões morreu e o Ferus levou dois tiros — explicou Blair. — Não sei quanto a lesões internas, mas está a sangrar muito. Temos de o levar à curandeira dos Lobos.

Simon levantou-se e abriu a porta traseira do Cairo. No inverno, a maioria dos Cairos continha certos apetrechos básicos: dois cobertores, uma pá de cabo curto, uma escova de neve e um raspador de gelo. Pegou nos cobertores e estendeu-os na neve ao lado de Ferus. Passou o Lobo ferido para cima dos cobertores com a ajuda de Blair, envolveu-o e deitou-o no compartimento traseiro. Blair contornou o veículo até ao lado do passageiro, mas Simon esperou por Vlad.

— Alguma coisa? — perguntou, afastando-se do Cairo.

— A Nyx diz que há um festim irregular — indicou Vlad. — Três dos intrusos estão mortos e já estão a arrefecer, mas os outros dois... O coração ainda bate, e o sangue está quente.

— Então, não os desperdicem.

— Há um buraco grande nas traseiras do edifício. A onda de neve abafou o fogo. Não sei se vamos encontrar algum dos nossos lá dentro.

Simon conteve a impaciência. Ferus estava a sangrar. Não tinha tempo para aquilo. Os Sanguinati nem sempre consideravam tais coisas, mas sabia que Vlad não estaria com conversa fiada.

— Os corcéis das Elementais estão de rédeas soltas — acrescentou Vlad.

Não sabia se isso seria verdade, mas encolheu os ombros.

— Isso não é connosco.

— O que fazemos se a Inverno libertar a fúria dela?

Para *isso*, ele tinha resposta. Ao abrir a porta do Cairo, disse: — Fazemos o possível por sobreviver.

Seis motos de neve aproximaram-se do Complexo Verde. O mensageiro especial apontou para três dos seus homens e ordenou: — Vão atrás dela. Já os apanho.

Os homens perseguiram o Cairo.

Levou os óculos e fulminou Asia com o olhar.

— Não podias ter cumprido as ordens, pois não?

— Tu queres a Meg Corbyn. Eu só quero o filhote de Lobo. — Ao perceber que não havia alteração no olhar, Asia acrescentou: — Ela ia fugir. Retive-a o mais possível.

O mensageiro virou a cabeça e disse para um dos homens: — Leva-a para o carro dela.

— O meu carro está preso no estacionamento — protestou Asia.

— Então é melhor consegues tirá-lo de lá antes que estas criaturas te vejam — retrucou ele duramente. — Podes aproveitar a boleia ou ir a pé. — Voltou a pôr os óculos e depois afastou-se com um dos elementos da equipa. O outro homem esperou, fitando-a.

Asia hesitou e tentou ponderar as suas alternativas. Depois apercebeu-se de que ele estava prestes a partir e correu para montar na moto de neve. Agarrou-se às costas dele, protegendo tanto quanto possível o rosto enquanto regressavam à zona comercial do Pátio.

Precisava de tempo para pensar. O mensageiro especial tê-la-ia eliminado do negócio, teria adiantado alguma desculpa para que o benfeitor dele não fizesse qualquer pagamento a ela ou aos seus patrocinadores pela ajuda para encontrar Meg Corbyn. E isso provavelmente azedaria o contrato televisivo que lhe fora prometido. Mas o mensageiro ainda não tinha Meg, e se ela telefonasse rapidamente aos patrocinadores, podia dar a volta à história de maneira a conseguir o melhor pagamento.

A equipa que lançara fogo ao Estábulo dos Póneis encaminhava-se rapidamente para o Portão Corvino. O líder olhou para trás e arreganhou os dentes num sorriso. Animais estúpidos. Um portão aberto era um convite para entrar, não?

Os Corvos que os seguiam poucos metros acima da neve seriam um bom treino de tiro ao alvo, mas eles tinham ordens para sair do Pátio assim que a missão fosse concluída. Alvejar um daqueles póneis não desperdiçara tempo e fora uma distração adicional. Além disso, para que utilizariam os Outros os póneis? Para transporte? Como alimento?

De repente, o nevoeiro ficou tão denso em torno dele e da sua equipa que mal conseguia ver os faróis das outras motos de neve.

— Alto! — bradou, esperando que os seus homens não o atropelassem. Como poderia o nevoeiro engrossar tão depressa? E onde diabos estava a estrada que os levaria até ao portão? E o que era aquele barulho?

Uma rajada de vento empurrou a moto de neve em frente e ele ficou encharcado com a chuva.

Chuva? Com tanto *frio*? Mas o que...?

O homem mais atrás gritou quando os ventos uivantes e a chuva inclemente transformaram a neve num campo de gelo. As motos de neve afastaram-se umas das outras a deslizar, perdendo-se no nevoeiro denso que devia ter sido dissipado pelo vento — mas não foi.

Ofegante, o líder tentou ver alguma coisa, qualquer coisa.

— Informem! — bradou.

— Aqui! — respondeu um dos elementos da equipa.

Sem dar tempo ao líder de gritar um alerta, uma espiral de neve surgiu do nevoeiro, arrancou o homem da moto de neve e afastou-se com um movimento que nada tinha de natural.

Outro grito. As luzes de uma moto de neve que se dirigiam a ele. Ligou o motor do seu veículo e depois apercebeu-se, chocado, de que os patins estavam congelados, presos à neve. O outro homem guinou no derradeiro momento, batendo ainda no veículo do líder com força suficiente para o arrancar do gelo antes de afundar o nariz de repente, atirando o condutor para a neve.

O nevoeiro levantou tão depressa quanto se formara, dando ao líder da equipa uma visão clara de um dos seus homens a debater-se e a gritar enquanto se afundava na neve. E de repente avistou um cavalo da cor da areia junto à neve bizarra, que o observava.

Neve a agir como areia movediça. Pelos deuses, mas que tipo de lugar é um Pátio, onde a neve se transforma em areia movediça?

Segundos depois, só restava o silêncio. Uma moto de neve de nariz enterrado. Neve imaculada, onde não havia sinais do homem que lá acabara de morrer soterrado. E um cavalo a fitá-lo com os olhos cheios de ódio.

Acelerou o veículo, ignorando as máquinas amolgadas e os corpos torcidos, procurando ser mais rápido do que o cavalo que o perseguia.

O lado direito da moto de neve afundou-se, derrubando-o. O homem rebolou e tentou levantar-se, mas a neve sugou-lhe as pernas. Desequilibrado, tombou para trás e os braços afundaram-se até aos cotovelos, prendendo-o.

— Socorro! — gritou. — Socorro!

Os Corvos caíram sobre ele a pique e o cavalo afastou-se. Antes de conseguir libertar um dos braços, três mulheres nuas e um homem agarravam-no. Tiraram-lhe os óculos, arrancaram-lhe a máscara de esqui e abriram-lhe a parka.

— O que fazemos com ele, Jenni? — indagou o homem.

A criatura chamada Jenni meneou a cabeça para um lado, depois o outro.

— Ele matou um pónei. E é um dos macacos que estavam a tentar levar a nossa Meg. Por isso, digo um para mim. — A cabeça mudou de forma, de mulher humana para um Corvo de penas pretas. Agarrou-lhe a cabeça com as mãos fortes e arrancou-lhe um olho com o bico. Inclinando a cabeça para trás, o híbrido engoliu o olho e depois a cabeça voltou a assumir a forma humana, com algumas penas pretas ainda misturadas com o cabelo. — E um para ti.

A cabeça do homem transformou-se. O Corvo arrancou-lhe o outro olho.

Ignorando os gritos do homem, os Corvos afastaram-se com o barulho de asas a bater, deixando-o cego e a esvair-se em sangue meio enterrado na neve.

Meg abrandou o Cairo ao passar sobre a Ponte dos Murmúrios. O céu plúmbeo fazia com que fosse difícil ver sem os faróis acesos, mas as luzes deixá-la-iam mais fácil de ser avistada.

Depois de atravessarem a ponte, Meg baixou o vidro e ficou à escuta, após o que olhou para Sam.

— Estás a ouvir os homens maus?

Sam gemeu, com Meg a considerar o som uma resposta afirmativa.

Voltou a subir a janela e encaminhou-se o mais depressa possível para as Câmaras. Pelo menos isso teria de conseguir. *Tinha* de conseguir.

As estradas interiores não estavam limpas, e o Cairo deslizou algumas vezes e quase ficou atolado. Ao chegar finalmente ao portão à frente da casa de Erebus, Meg saiu e manteve a porta aberta para Sam. Antes que ele pudesse fugir, Meg pegou-lhe e cambaleou até ao portão.

— Sr. Erebus! Sr. Erebus! Precisamos de ajuda!

A porta abriu-se e Erebus deslizou sobre o caminho coberto de neve.

— Porque está a nossa Meg na rua com este tempo e um inimigo entre nós?

Meg tentou erguer Sam acima do portão, mas não conseguiu.

— Aqueles homens — arquejou. — Eles querem o Sam. Eu *sei* que eles querem o Sam. Por favor, fique com ele, Sr. Erebus. O Simon está a proteger o Pátio, e não há mais ninguém que possa afastar os homens do Sam a não ser o senhor. Eu sei que é contra as regras que alguém entre nas Câmaras, mas ele precisa da sua ajuda. Ele precisa de si. — Sam começou a contorcer-se e a debater-se, mas ela segurou a cria, mantendo os olhos fitos no velho vampiro. — Por favor, ajude-nos.

Erebus abriu o portão.

— Entrem. Aqui ficarão em segurança.

Ouviu motos de neve a aproximarem-se vindas de duas direções. Eles não tinham de permanecer nas estradas, pelo que deveriam ter-se separado para a encurralar. E isso significava que o tempo se esgotara.

Empurrou Sam para os braços de Erebus e recuou.

— Vou afastar os homens daqui.

— Não — exclamou Erebus. — Também entras.

— O Sam vai correr perigo se eu ficar. — Atalhou possíveis objeções acrescentando: — Eu sei que é assim.

Regressou ao Cairo e afastou-se, tremendo de frio e reprimindo as lágrimas enquanto conduzia com imprudência pela estrada interior que a levaria ao seu destino.

Uma explosão, pensou Monty ao desligar o telefone. *No Pátio. Meus deuses*. Pegou no casaco e saiu para requisitar algum carro que estivesse disponível. Quase ignorou o telefone móvel quando este tocou, mas Debany e MacDonald já estavam em patrulha, pelo que poderiam ser eles a apresentar um relatório.

— Montgomery.

— É o Kowalski. A Ruthie acabou de ligar. Houve uma explosão no Pátio, talvez mais do que uma, mas não foi perto das lojas. Estou a ir para lá agora. Pensei que devesse ficar a saber.

Nesse caso, o Complexo de Serviços seria provavelmente o alvo de uma dessas explosões.

— Como lá vais chegar?

— Prático esqui de corta-mato. Consigo chegar ao Pátio.

Compreendia o motivo que levava Kowalski a querer chegar a Ruth, mas como iriam os Outros reagir a um ser humano naquele momento, especialmente um homem armado?

— Tem cuidado, Karl, e mantém-te em contacto.

— Sim, tenente.

Quando Monty saiu, Louis Gresh esperava-o.

— Ouvi a conversa — disse Louis. — Vai precisar de ajuda. E vai precisar de alguém a conduzir que saiba lidar com a neve.

— Obrigado — agradeceu Monty ao entrarem no carro de Louis.

— Só estou a fazer o que posso para nos manter vivos — respondeu Louis.

Ao chegarem ao cruzamento da Parkside com a Chestnut, viram as luzes intermitentes dos carros-patrolha e dos veículos de emergência. Louis abanou a cabeça e seguiu pela Chestnut.

— Vamos subir a Rua Central. Temos mais hipóteses se formos por aí.

Monty limitou-se a assentir — e a esperar que chegassem a tempo.

O mensageiro especial e o quarto homem alcançaram os três elementos enviados a perseguir a propriedade do benfeitor. Estavam parados à frente de uma vedação de ferro forjado preto.

Segundo as informações que lhe haviam sido transmitidas, era suposto que a malfadada fêmea fosse fisicamente débil e desprovida dos conhecimentos práticos necessários para operar máquinas ou conduzir veículos. A menos que estivessem a seguir um engodo, algo em que ele não acreditava, as informações do benfeitor estavam desatualizadas.

— Onde? — bradou.

— Ela deixou o filhote com o velho que vive naquela pequena construção — relatou um dos homens. — Vimo-la a entrar naquela estrada ali em cima. — Apontou. — Vai ser fácil de apanhar.

Talvez, pensou ele. Mas estavam a acontecer coisas que não tinham surgido durante as incursões anteriores — como aquelas espirais de neve que apareciam vindas do nada e que desapareciam igualmente depressa. Além disso, a equipa que incendiara o estábulo já não respondia aos chamados pelo rádio, e os homens que haviam entrado pela brecha ocidental da vedação referiam o chão a tremer e água a criar paredes congeladas que lhes bloqueavam a fuga. Estavam a dirigir-se para a saída na zona onde os Corvos faziam ninho, ou lá o que os malditos Corvos faziam. O problema era, segundo o mapa que Asia Crane lhes fornecera, os Lobos encontrarem-se entre a brecha ocidental e o Portão Corvino.

Talvez se devesse ter interrogado por que motivo o pagamento daquela missão era tão elevado, mas não o fizera, e nenhum deles ganharia fosse o que fosse se a propriedade não fosse devolvida.

Abanou um dedo na direção de dois dos homens. Pelo menos a intervenção descuidada de Asia Crane conseguira-lhes uma captura adicional.

— Vocês os dois vão tirar a cria ao velho. Vamos recuperar a propriedade e depois saímos daqui.

Dito isso, o mensageiro acelerou na direção da estrada que a propriedade tomara.

Simon e Blair levaram Ferus até ao covil da curandeira do Complexo dos Lobos e deitaram-no na cama de palha que ela havia preparado.

— Balas — rosnou a curandeira ao afastar os cobertores. — Os macacos com as armas ainda estão vivos?

— Não — respondeu Blair.

Ela assentiu com satisfação e disse: — Vão. Vou fazer o que puder, e Namid vai decidir se ele permanece connosco ou se vai tornar-se parte de Thaísia.

Eles recuaram e entreolharam-se, sem saber onde seriam mais necessários — até que Simon ouviu o <Arroooo! Arrooooo! A Meg foi-se! A Meg foi-se!> em pânico de Sam.

<Sam!>, chamou Simon. <Onde estás?>

Não foi a cria que lhe respondeu, mas sim Vlad.

Os Sanguinati juntaram-se em torno da casa de Erebus, todos eles fumo e sombras enquanto os dois homens abriam a porta e entravam nas Câmaras. Sam deixara de se debater nos braços de Erebus, tendo passado a uivar como se o seu coração de lobacho se tivesse partido.

Erebus encontrava-se na soleira da porta, sorrindo para as presas que se ofereciam como festim.

— Dá-nos a cria, velhote — ordenou um dos macacos.

— Eh? — foi a resposta de Erebus, virando a cabeça como se quisesse ouvir melhor. Como se ele não fosse capaz de ouvir um coração a bater em qualquer ponto do território dos Sanguinati.

— Se não queres problemas, dá-nos o filhote.

— Anda, pequenino — murmurou Erebus, dando um passo atrás. — Isto não é para os teus olhos.

— Ei! — exclamou um dos macacos, enquanto os dois homens corriam para a porta que se fechava.

<São mais do que presas>, declarou Erebus, com as suas palavras a chegarem a todos os Sanguinati. <São inimigos da nossa Meg e são inimigos dos Sanguinati. Levem-nos e punam-nos.>

Vlad ficou tão sobressaltado com as palavras que a forma de fumo se condensou parcialmente em humano. A punição era uma morte que demorava dias e que quebrava a mente antes de destruir o corpo. Era reservada aos inimigos mais odiados, e as palavras deram conta da intensidade do ódio sentido por Erebus para com aqueles seres humanos específicos. Assim sendo, as palavras seguintes do Avô não o surpreenderam.

<Vlad. Encontra a nossa Meg. Mantém-na segura.>

Vlad enviou uma mensagem a Simon enquanto os seus companheiros de clã rodeavam os intrusos.

<O Sam está com o Avô.> Depois assumiu totalmente a forma de fumo e foi à caça dos homens que perseguiram Meg.

Asia recompôs-se, ainda sem saber o que lhes acontecera. Tinham batido em alguma coisa. Ou tinham sido atingidos. Mas ouvira o som de ossos a partir antes de o motorista ter sido atirado para a frente e a moto ter subido um monte de neve num ângulo mau e tombado. Tivera a sorte de se atirar antes da queda, mas...

Teria mesmo visto um urso gigante feito de neve pouco antes do acidente?

Impossível!

Asia olhou para o cadáver e engoliu em seco. Mas o rosto do homem tinha sido arrancado por *qualquer coisa*.

Um uivo fez-se ouvir atrás dela. Não fazia ideia das supostas qualidades tonais dos uivos de Lobo,

mas aquele Lobo específico parecia irritado, e Asia não queria encontrar-se com ele.

Deu um passo na direção da moto de neve, imaginando que a pudesse endireitar e sair do Pátio, talvez conseguindo chegar ao seu apartamento, onde faria as malas e ficaria pronta para deixar a cidade assim que a proibição de condução fosse levantada.

Alguma coisa rosnou ali perto.

Afastou-se da moto de neve e começou a andar na direção da Praça do Mercado e do estacionamento. Pouco se importava com a proibição de condução. Ia desatolar o carro e sair da cidade.

Não ouviu nada a rosnar enquanto continuou a andar, mas um novo uivo foi lançado ao céu noturno — e obteve resposta.

Asia começou a correr.

Meg travou a fundo e deu uma volta de 360 graus antes de recuperar o controlo e pisar o acelerador. Depois logo ficaria com medo pelo que acabara de fazer. Agora, tinha de chegar ao lago. Não tinha a certeza se Inverno estaria lá, mas Primavera estaria. Talvez Ar e Água também. Ainda não conhecera Terra e Fogo, as outras duas primas, mas preencheria-lhes algumas requisições de livros da biblioteca na semana anterior. Se estivessem por lá, iriam ajudá-la. Certo?

Um triângulo amarelo ao lado da barra de energia alertou-a para o facto de o Cairo não funcionar durante muito mais tempo. Avistou luzes atrás dela. Aqueles homens, o inimigo, ainda a perseguiam.

Estava quase na Ponte do Ribeiro do Pátio. E assim que atravessasse a ponte, estaria na parte do Pátio das Elementais.

Simon despiu a roupa, transformou-se em Lobo e correu para fora do Complexo dos Lobos, seguido por Blair e por Elliot.

<Meg!>

<Está a caminho do lago>, informou Vlad. <Há três intrusos atrás dela, e eu estou atrás deles.>

O lago. Não estava muito longe da zona dos Lobos. Não estava muito longe dele.

Começou a correr, atravessando montes de neve na estrada, aproximando-se do lago e de Meg.

Enquanto Trovão e Relâmpago galopavam a caminho do lago, Jester seguia agarrado ao banco da frente do trenó. Sempre que os cascos dos cavalos batiam no chão, aumentava a possibilidade de uma nova tempestade. Podia dissipar-se; por vezes isso acontecia com as tempestades. Mas Jester duvidava que aquela desaparecesse.

Muitas vezes, os seres humanos diziam que a vingança era uma merda. Bem, Inverno andava à procura de vingança.

Como já sobrevivera ao resultado de uma fúria de Inverno, ele quase sentiu pena dos seres humanos.

Quase.

O triângulo amarelo de alerta foi substituído por um relâmpago intermitente — o símbolo de «Carrega-me». Segundos depois, o Cairo rolou até parar à vista da ponte. Meg saiu do veículo,

pronta a correr ponte fora. No entanto, as motos de neve apareceram, com os faróis a ofuscá-la.

Agora sabia o que era ser livre, ter amigos, ter uma *vida*. Ter pessoas que amava. Não permitiria que ninguém lhe tirasse isso.

Correu pelo barranco que dava para o riacho congelado. Seria mais difícil apanhá-la, seria mais difícil levá-la dali se conseguisse chegar ao riacho, onde estaria em terreno aberto e onde os Outros a poderiam ver.

Os pés escorregaram-lhe e deslizou até à beira do dique construído ao lado da ponte. Assim que se se baixou até ao ribeiro, gritou — Socorro! — e começou a deslizar sobre o gelo.

— Alto! — gritou um homem atrás dela. — Para, sua cabra!

Meg continuou a avançar na direção da outra margem, sempre a escorregar e a deslizar enquanto os homens atrás dela lhe gritavam que parasse.

— Inverno! — bradou ela. — Inverno!

— Meg? — A voz pareceu surgir de todo o lado: da neve e de uma frieza tão profunda que Meg se sentiu como se estivesse a respirar gelo.

— Alto! — vociferou um homem.

O estampido de um tiro. Houve qualquer coisa que bateu no gelo ao lado do pé direito de Meg. Estilhaços atingiram-na e ela virou para a esquerda, sempre a deslocar-se na direção da margem.

Estalos por baixo dos pés dela. Meg recordou-se do aviso de Primavera e desviou-se para a direita. Um outro tiro fez saltar pedaços de gelo que a levaram a regressar ao gelo enfraquecido.

De repente, Inverno apareceu na margem.

— Eles têm armas! — gritou Meg. Tentou apressar-se a sair do gelo antes que reparassem na amiga. *Só mais um passo*, pensou. *Só mais um passo*.

— Meg, não! — gritou Inverno.

Quando deu o último passo, as mãos esticadas para alcançar as pedras que serviam de dique natural daquele lado do ribeiro, o gelo partiu-se debaixo dos pés dela, e Meg afundou-se.

O mensageiro especial praguejou quando a propriedade caiu no gelo. Ainda tinha hipótese de a recuperar. Se conseguisse expulsar a cabra na margem, os seus homens atravessariam a ponte e...

Apareceram outras duas mulheres de repente. Uma delas saltou da margem, atravessando o gelo, enquanto fumo preto fluía sobre o ribeiro em direção ao buraco. A mulher de cabelos brancos, vestida como algo saído de um romance assustador, *gritou*, e depois a que estava ao lado dela *gritou*. Depois deixou de conseguir ver, pois a neve caía com tanta força e era soprada por um vento tão forte que nem conseguia discernir a mão. Ao esforçar-se por subir de novo a elevação de regresso à moto de neve, ouviu ramos de árvores a estalar à sua volta.

Quem eram aquelas cabras?

Lá se ia a possibilidade de recuperar a propriedade. Ainda bem que o benfeitor fizera um negócio secundário pelo lobacho com o Manda-chuva de Sparkletown que contratara Asia Crane.

Teria Asia tentado trair todos eles quando foi sozinha atrás da cria?

Não sabia e, naquele momento, não se importava. Só esperava que o lobito fosse suficientemente rentável para que aquele trabalho valesse a pena.

Arrastou-se pela distância que o separava das luzes débeis de duas motos de neve.

— Relatem! — bradou, esforçando-se por se levantar.

Tropeçou num homem cuja cabeça quase fora arrancada do pescoço. Onde estava o outro elemento da sua equipa? O desgraçado do cobarde devia ter fugido.

Ou teria sido levado?

Um relâmpago rasgou o céu, seguido de perto por um trovão que fez estremecer o chão. Quando chegou à moto de neve, demorou um instante para se lembrar para onde tinha de ir para fugir daquele sítio. Depois atravessou a ponte a toda a brida.

Que se foda esta missão e a porra desta cidade. Assim que entregasse a cria e fosse pago, regressaria à civilização. E rezou para que os tomates lhe caíssem se alguma vez *voltasse* a aceitar uma missão que envolvesse a merda dos Outros.

Frio. Tanto frio. Era impossível respirar.

De repente, as mãos de Meg sentiram o ardor do ar de um frio profundo. Tentou agarrar-se a alguma coisa, a qualquer coisa. Pensou sentir pelo, mas não era capaz de se agarrar.

Frio. Tanto frio.

Voltou a mergulhar na escuridão.

<Meg!>

Simon cerrou os dentes em torno do antebraço dela com firmeza suficiente para a segurar. Quando Vlad a arremessou na direção da superfície, Simon sentiu-lhe os dedos no pelo quando ela se tentou agarrar. Mas não tinha força suficiente para o conseguir.

O chão estremeceu por baixo dele, fazendo-o perder o apoio a ponto de a cabeça de Meg voltar a

ficar submersa. Puxou-lhe o braço, içando-a outra vez, enquanto Blair procurava agarrar qualquer coisa sem lhe rasgar a pele com os dentes ou as garras.

Vlad fazia o possível para a manter onde eles a alcançassem, mas na forma de fumo não a podia ajudar, e em forma humana arriscava-se a ser levado para baixo do gelo. Até Água tentava levar Meg para um ponto seguro, mas não sabia como — nenhum deles sabia como — ajudar um ser humano.

Simon mudou para uma forma intermédia que mantivesse a cabeça e os dentes de um Lobo e o corpo hirsuto de um homem, e finalmente conseguiu enfiar os dedos por uma presilha das calças dela, puxando-a para a margem.

<Meg!> Ao sentir o cheiro de sangue, reparou no golpe que ela tinha no queixo. Lambeu o sangue, uma e outra vez, para limpar a ferida. <Meg!>

Relâmpagos piscaram. Trovões ribombaram.

<Não temos conhecimentos de medicina humana>, constatou Blair. <Como a reparamos?>

<Vamos levá-la até um curandeiro humano. Hospital>, replicou Simon. Ela estava tão fria. Se ela fosse um Lobo, Simon saberia o que fazer. Mas não era um Lobo, era Meg, e Simon não sabia o que fazer, a não ser levá-la para os seres humanos que a poderiam consertar.

Olhou de relance para a neve ofuscante, debruçando-se sobre Meg para lhe dar alguma proteção. Como chegariam a um hospital?

De repente, Jester apareceu à frente dele, estendendo cobertores. Em seguida, Inverno pousou-lhe a mão gelada no ombro e disse: — Vou levá-los ao lugar humano.

Envolvendo Meg com um cobertor, Simon levou-a para o trenó e subiu para o banco traseiro. Instalou-se ao lado dela, enquanto Jester a pressionou do outro, tapando o melhor possível com o segundo cobertor.

Simon olhou para Blair, seu defensor, e para Vlad, a mais eficaz arma de Erebus Sanguinati.

<As Elementais abalaram os intrusos e aquela tempestade vai retardar-lhes a fuga. Encontrem-nos. Não deixem que nenhum dos nossos inimigos saia do Pátio.>

Blair uivou a Canção de Batalha e partiu. Vlad assentiu, transformou-se em fumo e seguiu o seu próprio caminho.

Ar saltou para o banco da frente, ao lado de Inverno, que olhou para Simon. Não obstante a fúria que sentia, precisou de toda a coragem que possuía para não vacilar com o que lhe viu nos olhos.

— Corram, meus queridos. Corram! — ordenou Inverno a Trovão e Relâmpago. — Corram pela nossa Meg. E QUE A TEMPESTADE VOE!

Inverno gritou e Ar gritou.

Simon manteve-se abraçado a Meg, lambendo-lhe o ferimento no queixo enquanto as Elementais libertavam a sua fúria sobre a cidade de Lakeside. E interrogou-se se o hospital com os curandeiros humanos ainda lá estaria quando o trenó chegasse.

Monty e Louis estavam a um par de quarteirões do cruzamento da Chestnut com a Central quando a nova tempestade surgiu do nada e fustigou Lakeside com uma fúria insana.

O nevoeiro abateu-se tão espesso pelas ruas que não se conseguia ver nada, salvo as luzes de presença do carro à frente deles — e por vezes nem mesmo isso. A cacimba sucedeu ao nevoeiro,

criando uma fina camada de gelo na rua, e a que caiu no para-brisas punha em causa a capacidade das escovas de manter o vidro limpo. A neve caía com força e densa, e o trânsito que avançava de forma lenta mas constante ficou imediatamente bloqueado. Os pneus rodopiavam sobre o gelo, e o vento soprava os veículos mais pequenos contra os outros, à medida que redemoinhos apareciam e desapareciam, arrancando a porta de um carro e arremessando-a através da janela de um qualquer prédio próximo. Marcos de correio foram arrancados das bases no betão, transformando-se em mais um perigo para motoristas e pedestres. Até as pessoas, derrubadas pelo vento, eram arremessadas pelas ruas enevoadas, invisíveis para os motoristas. Os relâmpagos sucediam-se tão depressa que lembravam luzes estroboscópicas, e o trovão que se seguia a cada um estremecia prédios e estilhaçava vidraças.

— Ligue o rádio — indicou Louis. — Não sei se vai ajudar, mas gostaria de saber o que nos espera.

Monty ligou o rádio.

— *...apareceu vindo do nada. Já está a ser chamada de tempestade do século. Já caiu um palmo de neve no último quarto de hora e não há sinais de que vá abrandar. Os relâmpagos já cortaram a energia em alguns pontos, e várias áreas de Lakeside ficaram às escuras. Os telefones estão erráticos. As linhas estão cobertas de gelo e a rebentar com o peso. O mesmo se passa com os ramos das árvores. Andar na rua já não é só perigoso, é suicida. Não estamos a brincar, pessoal. Esta está a ser das fortes. Saia das ruas. Procure abrigo. Está com a Ann...*

Estática. Monty desligou o rádio.

Uma tempestade que se abatera sobre a cidade com uma fúria insana. A estação de rádio podia estar a dizer que tinha aparecido vinda do nada, mas Monty sabia que todos em Lakeside teriam noção de onde surgira a tempestade. Mas quantos teriam ouvido falar de uma explosão no Pátio e imaginaria o motivo daquela vingança que se abatia sobre a cidade? Quando chegasse ao fim, quantas dessas pessoas teriam de enterrar os seus mortos e reconstruir as suas vidas? Quantos tentariam recomeçar sem nunca virem a saber porque a tempestade os tentara destruir?

<Tess.>

<Henry?>

<Aquele Asia Crane é um dos seres humanos que vieram para magoar a Meg. O Nathan está a empurrar a presa de volta à Praça do Mercado. Não deixes que fuja.>

O mensageiro especial correu em direção à entrada Corvina. Os malditos Corvos não estariam na rua com aquela tempestade. O vento rasgar-lhes-ia as asas. Pelos deuses, nada devia andar na rua com aquela tempestade.

Mas estava ali qualquer coisa. Dois deles. No seu caminho.

Formas femininas recortadas pelos faróis da moto de neve. Uma delas era castanha, mas a outra tinha cabelo vermelho com madeixas amarelas e azuis. Saíram-lhe do caminho antes que as abalroasse, mas quando passou por elas, a castanha bateu o pé.

A terra levantou-se debaixo dele, debaixo de toda aquela neve, fazendo-o saltar e à moto de neve.

Sentiu o veículo a tombar e não conseguiu recuperar o equilíbrio. Ao cair, atirou-se da moto para evitar ficar encurralado.

Bateu em neve que se derreteu tão depressa que ele ficou no fundo de uma cratera com vários centímetros de água a fumer. Em seguida, a mulher de cabelos vermelhos saltou para dentro da cratera, agarrou-lhe os ombros, pressionou os lábios contra os dele, e soprou-lhe para a boca.

Fogo queimou-lhe a garganta e os pulmões. Apareceram buracos queimados onde as pontas amarelas e azuis do cabelo lhe roçaram na parka. Esforçando-se por respirar, levou a mão à arma, numa tentativa de se defender. Ela agarrou-lhe as mãos e o fogo atravessou-lhe as luvas, transformando-lhe as mãos em archotes.

Ela firmou-se e riu-se. Depois soltou-o, pulou para fora da cratera e desapareceu.

Tenho de sair. Tenho de sair daqui.

Ainda se esforçava por enfiar ar nos pulmões danificados e por sair da cratera quando os Lobos o encontraram. E ainda estava vivo quando se começaram a alimentar.

Asia esfregou a neve que se acumulara nas pestanas e voltou a olhar.

Conseguira. Chegara à Praça do Mercado. Pelo que fora ouvindo, os Outros nem sempre trancavam as portas. Talvez encontrasse alguma coisa aberta, podia ser que se protegesse da tempestade durante algum tempo.

Ouviu-se um uivo algures atrás dela. Aquele malfadado Lobo. Porque não ganhava juízo e se escondia num buraco qualquer?

Ouviu-se um uivo de resposta à frente dela.

Que os deuses a ajudassem, *outro*?

Virou as costas ao vento para conseguir respirar fundo.

Não se podia abrigar na Praça do Mercado. Se os Lobos a encontrassem lá, matavam-na. Tinha de chegar ao carro. Ou talvez ignorasse o malfadado carro e fosse para O Veado e a Lebre esperar que a tempestade passasse.

Com um pouco de sorte, o mensageiro especial ter-se-ia escondido algures com Meg. E com a cria de Lobo também. Talvez não conseguisse tanto dinheiro quanto esperava, mas a experiência seria inestimável para a sua série de televisão e dar-lhe-ia a vantagem de saber em primeira mão o que nenhuma atriz teria como igualar.

Assim que conseguisse sair daquela cidade, voltaria para Sparkletown.

Iria encontrar-se com o Manda-chuva, que seria o seu produtor, e depois passaria alguns dias na praia, ao sol escaldante, para que os ossos descongelassem.

Mas antes de fazer fosse o que fosse, teria de sair do Pátio.

Asia manteve-se junto aos edifícios e arrastou-se pelo parque de estacionamento dos funcionários até ao muro que o separava do parque dos clientes. Ofegante, encostou-se à porta de madeira que dava acesso ao outro lote.

Quase lá fora. Quase segura. Ia conseguir.

Afastou neve da porta ao pontapé para a abrir o suficiente e ser capaz de se espremer. Depois avançou com neve até às coxas e foi de encontro a um dos carros enterrados no parque de

estacionamento. Abriu caminho até ao monte de neve mais próximo da rua e soltou uma gargalhada azoada ao afastar a neve da porta do condutor.

Tinha de sair da tempestade por alguns minutos antes de tentar chegar a O Veado e a Lebre.

— Chaves — proferiu, descalçando uma luva para abrir o fecho do bolso que continha a chave do carro. De chaves na mão, dirigiu-se à traseira do carro e afastou a neve do tubo de escape para que os vapores tivessem por onde sair. Depois regressou à porta e abriu-a. — Vou sair daqui. Vou aquecer-me.

— Não, não vais — disse Tess.

Asia virou-se e sentiu qualquer coisa a quebrar-se-lhe na mente quando olhou para o cabelo preto que se enrolava e mexia, quando viu o rosto que Tess normalmente ocultava atrás da máscara humana. Tentou desviar o olhar, mas não conseguiu fazer com que os olhos trabalhassem, não foi capaz de nada, além de fitar o que não queria ver.

Asia cedeu e teria escorregado para o chão se Tess não lhe agarrasse o braço para a manter de pé.

Não sentia o braço e as pernas não estavam a funcionar devidamente. E gotas de suor escorreram-lhe pelo interior do crânio. Sentia-as a escorrer e a fazer-lhe cócegas no interior do osso.

Isso não estava certo.

Tess sentou-a no lugar do condutor, levantando-lhe as pernas e posicionando-as de modo a que lhe bastasse mexer o pé para chegar ao acelerador. As mãos foram-lhe gentilmente pousadas no colo. Tess inclinou-se e atirou as chaves para o banco do passageiro. Asia via-as pelo canto do olho, mas não conseguia virar a cabeça para olhar para elas, não era capaz de levantar a mão para as alcançar. Só podia sentir o que de terrível e implacável lhe acontecia no interior do corpo.

Estava a chover-lhe dentro do crânio.

— O que... — Dedos viraram-lhe a cabeça para que ela pudesse olhar para aquele rosto terrível com o seu sorriso sinistro. — O que... és tu?

Tess fitou-a, depois respirou fundo e suspirou como se tivesse acabado de provar algo maravilhoso.

— Vocês, macacos, não têm uma palavra para o que eu sou.

O rosto foi mais uma vez virado para que os olhos fitassem pelo para-brisas, onde não se via nada além de neve. A porta do carro fechou-se.

A mente de Asia continuou a fraturar-se. O corpo continuou a ceder. Os nervos bradaram por fim as suas advertências de dor, mas ela não conseguia mexer-se, não era capaz de falar.

E no interior do seu crânio continuava a chover.

Tess passou à justa pela porta ao fundo do parque de estacionamento e depois fechou-a.

Antigamente houvera um nome para a sua espécie. Mas a designação atraía o nomeado, pelo que se dizia que a palavra era amaldiçoada. À medida que as raças e as línguas se foram alterando, o símbolo da palavra, ainda reconhecido na parte primeva da mente humana, nunca foi traduzido para línguas mais recentes. Era por isso que, à exceção de alguns mitos sussurrados, nem mesmo o resto dos *terra indigene* sabia fosse o que fosse sobre o mais feroz predador de Namid.

Há muito tempo, houvera uma palavra para a sua espécie. Na altura, tal como agora, significava

«ceifeira de vida».

Havia um carro preso no cruzamento, bloqueando o trânsito em ambas as direções.
 — Não — exclamou Louis quando um homem saiu do carro e se afastou. — Não. Não pode fazer isso.

Monty observou o homem e preparou-se instintivamente.

— Louis, ele está a tentar *fugir* de alguma coisa.

Um relâmpago caiu no cruzamento, um trovão estremeceu a rua e uma rajada de vento *empurrou* o carro para fora do cruzamento no momento em que um trenó passou na direção do hospital.

— Siga o trenó. — O coração de Monty batia-lhe com força no peito. Lembrava-se de uma pessoa no Pátio que, se ferida, precisaria de ajuda humana. E se Meg Corbyn *estivesse* naquele trenó, todos no hospital corriam perigo, caso os *terra indigene* reagissem mal.

Como se o nevão não fosse uma reação má o suficiente.

Louis não fez perguntas. Virou à direita na rua principal e seguiu o trenó, percorrendo uma rua que de repente estava livre de obstáculos.

Quando se aproximaram do Hospital de Lakeside, Monty apontou e disse: — Ali.

Louis assentiu e começou a fazer a curva para a entrada das urgências. O trenó estava parado mesmo à frente das portas. Os cavalos — um preto e outro branco — abanaram a cabeça e bateram os cascos. Um relâmpago rasgou o céu, enquanto um trovão fez saltar o carro da estrada, acabando de encontro à neve amontoada ao lado da entrada das urgências.

— Maldição — praguejou Louis, olhando para a parede de neve contra o lado do condutor. — Precisa de cobertura?

Monty abriu a porta.

— Não sei. Primeiro, tire o carro do caminho das ambulâncias.

— Certo.

Monty debateu-se para subir a ligeira inclinação até às urgências, mantendo a cabeça baixa num esforço para ver e para respirar. Um tempo leitoso. Um vento gelado. E depois, de repente, de pé entre ele e as portas, apareceram duas fêmeas.

Não são humanas, pensou, enquanto elas o observavam a aproximar-se. *Não são Outros como os metamorfos e os vampiros são Outros. Elementais*. Engoliu o medo e recusou-se a pensar nas que estavam perante ele.

— Sou o tenente Montgomery. Sou amigo da Menina Corbyn. — Talvez estivesse a esticar a verdade, mas naquele momento ele esticaria a verdade até que ela rebentasse se isso o levasse ao interior do hospital para descobrir o que acontecera.

— A nossa Meg está lá dentro — disse a de cabelos brancos.

— Ela está ferida?

— Sim.

Percebeu a fúria na voz dela, o ódio para com a raça humana.

— Gostaria de poder ajudar.

A criatura fitou-o com aqueles olhos inumanos. Depois chegou-se para o lado.

— Diz aos macacos que esta tempestade só termina quando o Simon Wolfgard nos disser que a nossa Meg vai ficar bem.

Monty correu para o interior, disposto a agarrar quem quer que pudesse dizer-lhe onde se encontrava Meg Corbyn. Ao ver uma enfermeira, levou a mão ao crachá. Antes que pudesse dizer alguma coisa, Monty ouviu um latido, um grito sobressaltado e uma voz furiosa a bradar: — Ela precisa de remédios humanos, por isso trouxe-a. Agora, reparem-na!

Monty correu em direção ao tumulto. Foi bater num Simon Wolfgard coberto de pelo, mas, fora isso, nu, fazendo com que o Lobo soltasse das suas garras o médico pálido, mas zangado.

— Sr. Wolfgard! — gritou Monty. — Simon!

Há qualquer coisa de errado com os olhos, pensou Monty. Mais errado do que não ter uma forma nem humana nem de Lobo.

Alguém gemeu ali perto. Olhou para outro *terra indigene* acorocado, que abraçava uma Meg Corbyn enrolada num cobertor.

— Sr. Wolfgard, deixe-me falar com o médico. Deixe-me ajudar — disse Monty com firmeza quando Simon lhe rosnou. O Lobo não tentou morder qualquer um deles, pelo que Monty pegou no braço do médico e afastou-o alguns passos.

— Sou o tenente C. J. Montgomery, da Polícia de Lakeside.

— Doutor Dominick Lorenzo. Olhe, tenente, temos ambulâncias a tentar cá chegar com *pessoas* que precisam da nossa ajuda. Não lhes podemos fazer a vontade só porque...

— Doutor, eu compreendo-o, mas ela é humana e é a Intermediária deles. Eles vieram *cá* à procura de ajuda. A menos que ela receba os melhores cuidados que puder oferecer, esta cidade nunca mais vê outra primavera. Sinto muito ter de o sobrecarregar com esta responsabilidade, mas a vida de todos os habitantes de Lakeside está nas suas mãos.

Lorenzo olhou para a entrada.

— Não tem maneira de saber que a tempestade não vai acabar.

— Tenho sim, doutor, porque a fúria que está a comandar esta tempestade está à porta deste hospital, e mesmo agora me disse que a nossa vida depende do estado da Intermediária deles.

— Os deuses sejam louvados — murmurou Lorenzo. O médico endireitou os ombros e voltou para onde Simon Wolfgard tremia de raiva.

— Sabe o que aconteceu à vossa amiga? — perguntou o médico.

— Ela caiu no gelo quando estava a fugir do inimigo — rosnou Simon.

— O mais provável é ser hipotermia, mas vamos certificar-nos de que não se passa mais nada — indicou Lorenzo. — Vamos levá-la para o consultório ao fundo do corredor.

Simon tirou Meg dos braços do outro macho *terra indigene* e seguiu o doutor Lorenzo. Monty foi atrás deles, com o outro macho a encerrar a procissão.

Monty mal ouviu as ordens rápidas de Lorenzo para as enfermeiras que despiam as roupas molhadas de Meg. Antes de o médico fechar a porta do consultório, Simon entrou à força, deixando Monty sem outra alternativa que não acompanhá-lo para o manter afastado do médico e das enfermeiras.

Virou o rosto, para dar a Meg um mínimo de privacidade, e murmurou a Simon: — O que se passa

consigo? Está doente?

A pergunta devolveu um pouco de raciocínio aos olhos do Lobo.

— Sinto- me... furioso.

— Tomou alguma coisa antes de ficar zangado? — Alguma *droga*? Não era provável, mas *era* possível que Simon houvesse ingerido qualquer coisa sem que se apercebesse.

Simon abanou a cabeça, com os olhos fitos nas pessoas que tocavam em Meg.

Depois, uma das enfermeiras inspirou fundo. Monty virou a cabeça e olhou para os braços nus de Meg Corbyn, vendo as cicatrizes a espaços uniformes — e o quadriculado de cicatrizes no braço esquerdo.

Em resposta à pergunta silenciosa nos olhos de Lorenzo, disse: — Sim, ela é uma *cassandra sangue*.

— Vão buscar mais cobertores e um envolvente de aquecimento — disse Lorenzo. Quando uma das enfermeiras saiu, o médico inclinou a cabeça para indicar que pretendia falar com eles fora do consultório.

— Quanto tempo esteve ela na água? — perguntou a Simon.

— Não muito. Ouvimos Inverno a gritar quando a Meg caiu no gelo. Puxámo-la para fora.

— E antes disso? Tiraram-lhe o casaco antes de a trazerem ao hospital?

Simon abanou a cabeça.

— Não tinha casaco nem botas. Estava a fugir do inimigo.

— Como é que aqui chegaram?

— Viemos no trenó.

Lorenzo não parecia satisfeito.

— Está bem. Vamos começar com o tratamento externo; vamos ver se temos sinais de que a podemos despertar dessa forma. Agora, aquele corte no queixo. Posso fechá-lo sem pontos, mas só se deixarem o penso em paz. Se não forem capazes, vou ter de usar pontos para garantir que o corte permanece fechado e sara corretamente. Mas a sutura vai perfurar a pele, e isso pode causar-lhe algum desconforto mental, mesmo no estado em que se encontra. Além disso, se eu usar pontos, o queixo dela deixa de ser viável para cortes.

Os olhos de Simon chamejaram.

— Acha que nos preocupamos com ela por causa da pele? — rosnou Simon. — Ela não é propriedade nossa. Ela é a Meg.

Monty segurou o Lobo, afastando-o de Lorenzo.

— Ele tem de lhe dizer isto, Simon. Está a fazer a vez da família da Meg, e é dever dele dizer-lhe o que for preciso para que tome a melhor decisão.

Simon ofegava com o esforço para se controlar.

— Repare-a.

— Seria melhor se ficasse lá fora, enquanto eu a trato.

Sentindo a objeção na forma como os músculos do Lobo se retesaram, Monty disse rapidamente: — Se me der a sua palavra de que vai ficar aqui, eu entro e fico de guarda.

Pensou que Lorenzo pudesse opor-se, mas o médico limitou-se a esperar pela resposta de Simon.

Simon assentiu brevemente. O Lobo estava ofegante e rosnavia, pelo que o aceno com a cabeça foi o melhor que pôde fazer para dar a sua confirmação.

A enfermeira chegou com cobertores e um envolvente de aquecimento. Lorenzo e Monty seguiram-na para o consultório. Quando Lorenzo fechou a porta, todos saltaram com o uivo que se ouviu lá fora.

— Consegue impedir que ele faça isto? — pediu Lorenzo enquanto limpava e fechava o corte no queixo de Meg. — Assustar todos os presentes nas urgências não vai ajudar em nada.

— Deixe que ele aqui fique. Acho que assim ficará mais calmo. — Monty olhou para a marquesa e depois desviou o olhar. — Já alguma vez lidou com profetisas de sangue?

— Vi algumas durante o meu tempo de residência. Sempre que a pele é perfurada, a profecia surge à rapariga.

— Então, se a Menina Corbyn precisar de pontos...?

— Só os deuses sabem o que ela está a ver agora por causa do corte — respondeu Lorenzo secamente. — Cada sutura só serviria para piorar.

Monty encostou-se à parede, sentindo-se enjoado. Não voltou a falar até que Lorenzo terminou e os apetrechos foram arrumados.

— Deixe-o entrar — indicou Lorenzo.

Simon saltou para dentro do consultório assim que Monty abriu a porta. Fitou Meg.

— Ela tem frio. Está a tremer!

— Isso é bom — asseverou Lorenzo. — Vamos usar o envolvente de aquecimento para aquecer os cobertores. Vamos mantê-la aquecida e vigiar-lhe a frequência cardíaca e a respiração.

— Não é assim tão diferente de um Lobo — comentou Simon calmamente.

— Vou chamar os meus homens — disse Monty, sabendo que não teria ninguém, além de Louis, como reforço até que a tempestade passasse. — Vai ficar sempre alguém de guarda.

— Isso é necessário? — indagou Lorenzo.

— Sim, doutor, é necessário.

Simon pestanejou.

— A Inverno está lá fora. — Saiu do consultório.

— Tenho de tratar de outros pacientes — desculpou-se Lorenzo. Olhou para as duas enfermeiras.

— Eu fico com a Menina Corbyn — garantiu Monty. — As suas ajudantes são precisas noutra sítio.

Quando Lorenzo e as enfermeiras saíram, Monty reparou no Outro acorrido contra a parede do exterior do consultório.

— Sou o tenente Montgomery. Pode dizer-me o que aconteceu no Pátio?

— Eu sei quem és — respondeu o homem num tom cansado, levantando-se. — Sou o Jester.

Entrou no consultório e fechou a porta.

— Posso contar uma parte.

Quando Jester terminou, Monty saiu do consultório e telefonou aos seus homens. Não conseguiu falar com Kowalski, que tentara esquiar até ao Pátio, e esperou que ele tivesse procurado abrigo em algum lugar. Debany e MacDonald encontravam-se a alguns quarteirões do hospital e estavam a

trazer habitantes feridos. Quando falou com Burke e relatou o que acontecera, o capitão concordou com a necessidade de guardas enquanto a Intermediária estivesse no hospital, já que a tentativa de rapto continuava a ser uma possibilidade.

Monty pediu a Jester que fosse buscar uma das cadeiras de plástico da sala de espera e ficou ao lado da cama. Seria a respiração de Meg demasiado arrastada? Estaria muito pálida?

Debruçou-se e disse baixinho: — Menina Corbyn? Agora está em segurança. Vamos mantê-la segura. Mas tem de nos ajudar. Todos precisamos que fique bem.

Ela abriu os olhos.

— Meg?

— Frio. — A voz era quase inaudível. — Frio.

— Vamos aquecê-la.

Meg fechou os olhos.

Momentos depois, ouviu Jester a pousar uma cadeira ao lado da porta — e Simon Wolfgard regressou, com neve a derreter-se no pelo que cobria o corpo quase humano.

— Ela acordou por um instante — disse Monty.

Simon correu para o lado da cama.

— Meg? Meg!

— Vou dizer ao doutor Lorenzo que ela despertou brevemente. — Monty deixou Simon e Jester de guarda, dirigiu-se ao médico e informou-o. Depois encontrou Louis, que tentava falar com a sua própria equipa. Finalmente, viu uma máquina de venda automática, tirou um café e voltou para o consultório, para dar início ao seu turno de guarda.

Ainda em forma humana, com as roupas salpicadas com o sangue de Furacão, Jester enroscou-se a um canto do consultório, com a cabeça contra os joelhos. Gemeu baixinho durante alguns minutos e depois adormeceu.

Simon ficou ao lado da cama, a observar Meg. Sentia-se tão confuso, tão... zangado. Tinha motivos para estar zangado. O inimigo invadira o Pátio, destruíra edifícios, *matara terra indigene*. E tinham ameaçado Sam e tentado levar Meg.

Não obstante, aquela *fúria* não parecia correta, e quanto mais perto estava da forma humana, mais ele sentia que não estava bem.

Tomou alguma coisa antes de ficar zangado?, perguntara Monty. A possível resposta a essa pergunta deixava-o inquieto, pelo que não ia pensar nisso.

Não agora.

Olhou para a porta fechada. Meg estava com frio, a tremer. Os cobertores não estavam a ajudar. Sabia o que faria com um membro da alcateia. Deitou-se cuidadosamente na estreita cama de hospital, resmungando por mal chegar para um ser humano.

Depois de ajeitar os cobertores sobre ele e Meg, mudou a forma para Lobo e enroscou a cauda à volta dos pés dela.

Muito melhor.

<Meg?> Ela não o podia ouvir, não poderia responder, mas mesmo assim, ele chamou-a. <Meg?>

Esticou o pescoço, cheirando o penso que cobria o corte no queixo dela.

Não gostava daquilo. Não devia lá estar. Queria arrancá-lo e lamber o ferimento. Lamber e lamber até que se curasse.

Afastou a cabeça. Prometera deixar o penso em paz. Trouxera-a ali para uma cura humana, pelo que não podia desfazer o que o médico fizera.

Já não estava tão zangado. Já não se sentia tão sozinho, agora que o seu corpo tocava o dela.

Inverno lá fora, no trenó, os olhos cheios de raiva fitos nele quando saiu para falar com ela.

<Eles estão a tratar da Meg>, dissera-lhe. <Vão deixá-la bem.>

Inverno assentiu. Depois, ela e Ar partiram. E quando ele se virou para voltar ao hospital, o vento e a neve haviam parado.

A porta abriu-se. Simon virou a cabeça e arreganhou os dentes, pronto para saltar e atacar. Mas era o doutor Lorenzo, por isso ficou onde estava.

— Vim ver como está a Menina Corbyn — disse o médico. — Vou confirmar a pulsação e depois usar um estetoscópio para lhe ouvir o coração e os pulmões. — Pegou-lhe no pulso e olhou para o relógio. Depois pousou-lhe uma rodela metálica no peito e pareceu ficar à escuta.

Será que Lorenzo ouvia o restolhar nos pulmões que Simon ouvia sem a rodela?

— A pneumonia é um risco — informou Lorenzo calmamente. — Mas talvez escape a quaisquer problemas. — Olhou para o corpo do Lobo por baixo dos cobertores. — O principal, agora, é mantê-la quente.

Quando Lorenzo saiu, Simon voltou a esticar o pescoço, ainda querendo livrar-se do penso e do cheiro a medicamento por baixo dele. Em vez disso, e gemendo baixinho, lambeu-lhe o braço.

Meg fletiu os dedos, que enterrou no pelo do Lobo.

<Meg?>

— Não digas ao Simon que fiz o Cairo patinar — murmurou ela.

Simon ergueu a cabeça.

<Meg?>

Mas ela estava outra vez a dormir.

Não tinha para onde ir. Não podia fazer nada enquanto ela ali estivesse. Pousou a cabeça no ombro dela, fechou os olhos e dormiu.

Vlad estudou as cinzas que se afastaram do par de cadáveres. Os dois últimos inimigos haviam chegado a avistar a entrada Corvina, quase tinham fugido. Nas suas máquinas, poderiam ter saído se houvessem encontrado alguém que não Fogo.

De súbito consciente de que o som sussurrante que ouvira durante o último minuto cessara, ele olhou para o portão aberto. A figura hesitou e depois avançou, deslocando-se lentamente sobre esquis.

— Sr. Sanguinati? É o agente Kowalski. Trabalho com o tenente Montgomery.

Reconheceu a voz, mas ainda estava desconfiado.

— Os humanos costumam esquiar durante as tempestades?

— Não, senhor, se tiverem outra opção. Mas ouvi falar sobre a explosão no Pátio e vinha ver se podia ajudar quando fui apanhado pela nevasca. O meu telefone ainda funciona e consegui ligar para a esquadra. As equipas do tenente estão a caminho do hospital. Vão proteger a Menina Corbyn enquanto ela lá estiver. — Ainda a tentar descobrir se haveria outra mensagem sob as palavras, Vlad olhou para a parte do Pátio pertencente aos Lobos enquanto uivos enchiam o ar. — Algum problema? — indagou Kowalski.

— Um dos Lobos morreu.

— Na tempestade?

— Foi baleado pelos invasores.

— Sinto muito.

E Kowalski estava genuinamente sentido, percebeu Vlad. Olhou para as duas motos de neve que Fogo deixara incólumes.

— Sabe trabalhar com estas máquinas?

— Já andei nelas várias vezes, portanto sei o suficiente para conduzir uma.

— Então vai ensinar-me e vamos usar as máquinas para chegar ao hospital.

Henry pegou na caneca fumegante de chá e acercou-se das janelas do estúdio. Naquela noite não havia nada lá fora que quisesse ver. Havia morrido *terra indigene*, e alguns seres humanos tinham perdido a vida na tempestade que servira de resposta por parte das Elementais a essas mortes — e aos danos causados a Meg.

Os intrusos também haviam morrido, e isso era bom.

Veriam agora se os seres humanos retomariam a sua paz cautelosa com os *terra indigene* ou se haveria guerra. Esperava que os seres humanos mostrassem algum bom senso. Há muitos anos que os *terra indigene* haviam esmagado uma cidade humana. Se fosse preciso chegar a esse ponto, ele lamentaria a morte de algumas dessas pessoas.

Henry abanou a cabeça e bebeu um gole de chá. Não valia a pena agitar as abelhas quando não se estava à procura de mel.

Durante o regresso àquela parte do Pátio, encontrara Nathan, exausto e meio gelado, ainda a tentar alcançar aquela Asia. Mas Tess lidara com Asia Crane, pelo que Henry mudou de forma, de urso-

espírito para Pardo, e abriu caminho para o Lobo até à porta dos fundos dos apartamentos de serviço. As raparigas tinham posto as patas de Nathan em água morna para derreter o gelo acumulado entre as almofadas das patas, haviam-no secado com toalhas, tinham-lhe dado de comer e de beber. Agora, Nathan e John dormiam enroscados no apartamento, enquanto as raparigas estavam no Trincadela, a preparar comida e bebidas quentes. E Lorne, com a autorização de Henry, encontrava-se no Centro de Convívio, deixando que os desamparados se servissem dos sanitários e descansassem num ambiente confortável.

No inverno anterior ter-se-iam mantido fechados, a observar os seres humanos a morrer. Mas as coisas tinham mudado no Pátio de Lakeside, e essas alterações tinham um bom potencial para todos os filhos de Namid. Assim sendo, esperava que o governo humano fosse assisado o suficiente para não escolher a guerra.

Meg acordou lentamente, sentindo uma farfalheira e um ardor no peito.

Um quarto branco. A cama odiada e temida. E uma figura aos pés da cama.

— Não — gemeu. Teria sido um sonho, uma ilusão?

— Meg? — A figura saltou na direção dela, com as mãos de uma forma estranha a pousarem de ambos os lados da sua cabeça. — Fica acordada, Meg. Fica acordada!

Um rosto saído de um pesadelo, saído de visões sobre água escura e um frio terrível. Depois o pelo recuou e ela reconheceu-o.

— S-Simon?

Os olhos ambarinos flamejaram com vermelho e ele rosnou-lhe.

— Se voltas a assustar-me assim, eu *como-te*! — Depois pressionou a testa contra o braço dela e gemeu.

Não era um sonho? Ela chegara ao Pátio, e estava a construir a vida que se esgueirara pelos sonhos escuros?

— Onde estamos?

— No hospital. — Simon ergueu a cabeça e voltou a rosnar. — Fêmea estúpida. Caíste pelo gelo e cortaste o queixo!

Simon andou às voltas, arquejou, rosnou e lamentou-se. Ameaçou comê-la uma meia dúzia de vezes. Mas quando uivou, muitas pessoas acorreram ao quarto.

O terror encheu-lhe o peito quando viu o homem de bata branca — o mesmo tipo de bata usada pelos Nomes Ambulantes —, mas o tenente Montgomery foi o seguinte a entrar no quarto, seguido por Vladimir Sanguinati.

— Menina Corbyn, sou o doutor Lorenzo — disse a bata branca. — Está acordada, e isso é bom. — Olhou para Simon. — Embora se deva manter o silêncio nos hospitais, mesmo quando as notícias são boas.

Simon limitou-se a rosnar para o médico.

— Quero ir-me embora — disse Meg, desesperada por sair da cama e do quarto tão parecido ao complexo, a uma gaiola.

O doutor Lorenzo abanou a cabeça.

— Tendo em conta o estado das ruas, ninguém vai a lugar nenhum até de manhã. Além disso, precisa de calor e descanso. E é por isso que o tenente Montgomery, o Sr. Sanguinati e eu estávamos a decidir mudá-la para um quarto privado num outro piso. Vai ser mais tranquilo e, sinceramente, precisamos dos consultórios aqui nas urgências.

— Concordo com o doutor Lorenzo — disse Vlad. — Um quarto privado vai ser melhor para todos.

— Mas eu quero ir-me embora — insistiu Meg, olhando para Simon. Será que ele entendia porque é que ela tinha medo de estar ali?

Simon hesitou e depois abanou a cabeça.

— Consigo ouvir a farfalheira nos teus pulmões. Ficamos aqui até que os teus pulmões deixem de fazer barulho.

Então embrulharam-na, instalaram-na numa cadeira de rodas e levaram-na até outro quarto, onde a deitaram noutra cama, deram-lhe bebidas quentes e uma malga de sopa, e finalmente deixaram-na com o vampiro e o Lobo.

— O Sam? — quis saber.

— Ele está bem — garantiu Simon.

— Está um bocado rouco de uivar durante muito tempo — acrescentou Vlad. — Mas de resto está bem. Depois de informarmos o Pátio de que estavas bem, ele acalmou-se. Ainda está com o Avô Erebus. Estão a ver filmes.

— Tomou conta dele — murmurou ela.

— Também devias ter ficado com o Erebus — rosnou Simon. — Fêmea estúpida. E não quero saber se fizeste patinar o Cairo, porque tenho a certeza que teria de te morder.

Meg fitou-o e pestanejou. *Oh. Isso também não foi um sonho?*

Vlad riu-se, um som agradável.

— Esquece, Simon. Se calhar é melhor não sabermos como a nossa Meg foi parar ao ribeiro.

— A Asia — disse Meg. — Ela foi aos apartamentos. Tentou levar o Sam. Ela fugiu?

Ambos encolheram os ombros mas ela viu o olhar que trocaram. E interrogou-se quanta carne especial estaria disponível nos dias seguintes.

Monty, Louis e Kowalski fizeram turnos junto ao quarto de hospital de Meg Corbyn durante a noite, enquanto Debany e MacDonald levavam medicamentos às pessoas que deles precisavam e a quem conseguiam chegar. A dada altura, Jester fora ao Pátio com Vlad, que regressara com roupas para Simon e Meg, mais duas motos de neve que os Outros ofereceram a MacDonald e Debany para que as utilizassem... e Jake Crowgard.

Monty não perguntou sobre o paradeiro dos proprietários anteriores das motos de neve. Talvez viessem a preencher formulários FPD para esses homens; talvez não.

Pelo amanhecer começaram a chegar notícias.

Lakeside estava isolada por enquanto, não só devido à nevasca inaudita, mas também por causa dos «glaciares» que bloqueavam todas as estradas para fora da cidade. Monty interrogou-se se seria possível derreter pontos específicos de gelo para abrir uma ou outra estrada — caso alguém se atrevesse a abordar o Pátio e a pedir com jeitinho.

Uma hora antes, o agente Debany ligara a informar que Asia Crane havia sido encontrada morta no seu carro. Monty esperava nunca mais vir a ouvir tal terror controlado na voz de um homem.

Os metamorfos e os vampiros são intermediários entre nós e o resto do que vive nos Pátios, pensou Monty. *Ontem tivemos um vislumbre. Esperemos que sejamos inteligentes o suficiente para acatar o aviso.*

Levantou-se quando viu Douglas Burke aproximar-se dele e avançar alguns passos além dele — o suficiente para que não ficassem à porta do quarto de Meg Corbyn.

— Capitão.

— Tenente. — Burke hesitou. — Imaginei que devesse ficar a saber. O presidente da nossa cidade morreu na tempestade. — A voz denotava um tom peculiar, quase receoso.

— Ele andou na rua? — indagou Monty.

— Estava no quarto, com a porta trancada e as janelas fechadas. Quando o encontraram, esta manhã, o quarto estava cheio de neve, do chão ao teto. O médico-legista vai ter de determinar se ele morreu congelado ou se sufocou, ou se terá morrido de outra causa, pois existem lesões suspeitas à volta das grandes artérias e pouca quantidade de sangue em torno do corpo. — Fez uma pausa. — O presidente interino quer que se saiba que fará o possível por manter uma relação cordial com os *terra indigene*. — Mais uma pausa. Burke baixou ainda mais a voz e acrescentou: — Cá entre nós, acho que os *terra indigene* associaram o interesse de Sua Excelência em apreender Meg Corbyn ao ataque ao Pátio e à tentativa de sequestro. E foi por isso que o mataram.

— Mas foi o governador que o pressionou, enviando ordens hierarquia abaixo. — Monty observou o rosto do capitão e sentiu um arrepio. — Aconteceu mais alguma coisa?

— O governador da Região Nordeste também morreu na noite passada.

— Mas o governador vive em Hubbney. — O verdadeiro nome era Hubb NE. Uma povoação que era o centro do governo do Nordeste, a uma hora de comboio de Toland e a centenas de quilómetros de Lakeside. — Como é que ele morreu? — *Ataque cardíaco?*, rezou Monty. *Ou acidente de viação?*

— Morreu congelado na banheira. — O sorriso de Burke não continha qualquer humor. — A água

não só congelou tão depressa à volta dele que o impediu de fugir, como lhe entrou pela garganta e congelou nos pulmões. Deve ser uma maneira hedionda de morrer.

— Não seria muito diferente do que aconteceria a uma mulher se ela caísse através do gelo ao ser perseguida por atacantes desconhecidos — comentou Monty, com novo arrepio.

— Pois, não seria muito diferente — concordou Burke.

Portanto, os Outros tinham decidido que o governador também era responsável pelo ataque e tinham chegado a centenas de quilómetros para eliminar outro inimigo.

— Bem — concluiu Burke. — Imagino que o hospital tenha proporcionado um lugar para o pessoal deles e para os agentes da lei descansarem. E se tirasse umas horas?

Monty inclinou a cabeça na direção da porta.

— Estou no meu turno.

— Eu encarrego-me do seu turno, tenente. Vá descansar um bocado. Bem o merece.

Sentia-se zozzo, pelo que não discutiu. Mas interrogou-se quem seria o primeiro a espreitar à porta para dar uma vista de olhos ao polícia desconhecido: o Lobo, o vampiro ou o Corvo.

No Dia de Thaís após a tempestade, Monty entrou na Ler e Uivar por Mais e cumprimentou Heather com um aceno de cabeça enquanto perscrutava a frente da loja. Dirigiu-se então ao balcão e ofereceu-lhe um sorriso caloroso.

— Reparei no sinal de «Aberto» — comentou. Desde que as estradas tinham sido abertas que ele e os seus homens passavam por ali várias vezes por dia, à espera da placa. — Hoje não há clientes?

— Ainda não — respondeu Heather com uma alegria forçada. Depois apontou para os montes de papel em cima do balcão e para o carrinho cheio de livros. — Mas há muitas encomendas para preparar.

Não tem a certeza se os clientes humanos vão voltar, pensou Monty. Interrogara-se quanto ao mesmo. Tal como se interrogava se os Outros voltariam a abrir qualquer uma daquelas lojas aos seres humanos. O Pátio de Lakeside era o mais progressista de toda a Thaísia, com os seus funcionários humanos e os seus clientes humanos. Era verdade que os seres humanos ainda tinham um acesso limitado, mas era um começo positivo, que poderia repercutir-se pelo continente e aliviar um pouco da tensão omnipresente entre seres humanos e Outros nas vilas e nas cidades de Thaísia. Mas o facto de o presidente de Lakeside e o governador da Região Nordeste serem cúmplices de alguém que os *terra indigene* consideravam um inimigo também poderia repercutir-se pelo continente, e a tempestade em Lakeside e o massacre em Jerzy eram lembretes sombrios de como os Outros resolviam as dificuldades provocadas pelos seres humanos.

Não obstante, houvera uma nota positiva, tendo sido isso que o levava à LUM assim que a livraria abrisse as portas.

— Gostaria de falar com o Sr. Wolfgard, se ele estiver — disse Monty.

— Vou ver se ele está disponível. — Heather pegou no telefone e marcou uma extensão. — Sr. Wolfgard? O tenente Montgomery gostaria de falar consigo. — Uma pausa. — Está bem, eu digo-lhe. — Sorriu a Monty. — Ele diz para ir ter com ele ao armazém.

— Obrigado. — Enquanto se dirigia às traseiras da loja, Monty percebeu que aquela reunião também teria repercussões importantes, e os minutos seguintes determinariam se seriam boas ou más.

— Tenente. — Simon fitou-o, depois confirmou uma lista e tirou mais livros das prateleiras do armazém.

— Sr. Wolfgard. Hoje não há Lobo de guarda?

— Eles vão e vêm. Sempre foi assim, embora o Ferus e o Nathan fossem quem passava mais tempo de guarda na LUM. O Ferus está em Ash Grove, e o Nathan acha a nossa Intermediária mais divertida do que os clientes.

— A Menina Corbyn voltou ao trabalho? — Vira as luzes acesas na Estação do Intermediário quando ele e Kowalski por lá tinham passado, o que também era bom sinal.

Simon assentiu.

— Devia ficar na toca até à semana que vem, mas ela *rosnou-me* quando o sugeri.

Monty não sabia se o Lobo teria ficado ofendido ou satisfeito, por isso não teceu comentários. Mas pensou: *Assim é que é, Meg*.

— Tem alguma coisa em mente, tenente? — indagou Simon.

Muitas coisas, mas começaria pela que apresentava menos probabilidades de ofender.

— Soube que reservou um dos apartamentos de serviço para uso dos meus agentes. Obrigado.

Simon pareceu desconfortável. Depois encolheu os ombros.

— Tínhamos espaço. Reservámos dois apartamentos para os nossos funcionários humanos, para que não tenham de sair durante uma tempestade. E o Henry ainda tem o que prefere usar quando quer ficar perto do estúdio. Deixar que os seus agentes usem o último apartamento é assisado.

E acrescentaria uma nova camada de defesa ao Pátio.

— Ouvi dizer que retirou a taxa sobre a água à Esquadra de Chestnut e ao hospital que cuidou da Meg.

— E? — Simon desapareceu por um instante, após o que regressou com uma braçada de livros que depositou no carrinho.

— Agradecemos. — Chegavam agora ao tema seguinte. — E para mostrar o seu apreço, o doutor Lorenzo gostaria de montar um pequeno consultório aqui e garantir tratamento clínico aos seus funcionários humanos.

Não havia razão para mencionar que parte do interesse de Lorenzo era a *cassandra sangue* que vivia entre os Outros. O bom doutor não ia desperdiçar a oportunidade de ganhar algum conhecimento sobre a raça de Meg Corbyn.

— Não temos espaço para... — Simon deteve-se. Monty susteve a respiração. — Talvez — acedeu Simon. — Mas isso não altera o facto de a maioria de vocês não passar de carne.

Não, não altera esse facto, pensou Monty. Mas a maioria já fica muito longe de todos, e se aprender a confiar em alguns de nós, temos todos mais hipóteses de sobreviver.

— Vou falar com a Associação Comercial — garantiu Simon. — Talvez o doutor Lorenzo possa vir falar-nos sobre um consultório... e cuidar da Meg enquanto cá está.

— Vou dizer-lhe para telefonar para a Ler e Uivar por Mais e marcar uma hora consigo.

A linguagem corporal do Lobo dizia-lhe que Simon se sentia encurralado com tanta conversa sobre mais humanos no Pátio, mesmo sendo ele a permitir-lhes o acesso. Isso queria dizer que a conversa não ia durar muito mais tempo.

— Estou ocupado — disse Simon, com um rosnido de advertência subjacente às palavras.

— Nesse caso serei breve — replicou Monty. — A sua fúria no hospital foi excessiva, mesmo tendo em conta as circunstâncias. Acho que também tem noção disso. Faz ideia do que possa ter causado essa agressividade acrescida?

— Não.

Átona. Fria. A voz de um líder que não permite qualquer contestação.

E uma mentira.

— Está bem — disse Monty, dando um passo atrás. — Estou disposto a ajudar. Por favor, lembre-se disso.

Os olhos ambarinos do Lobo chamejaram com vermelho.

Ouviu-se uma porta a fechar-se. Momentos depois, Jester aproximou-se.

Monty cumprimentou o Coiote com um aceno de cabeça e saiu do armazém. Quedou-se na loja

mais uns instantes, perscrutando a oferta e escolhendo um título.

Os humanos têm coragem e resistência e aguentam, pensou Monty ao pagar o livro e sair da Ler e Uivar por Mais. As estradas seriam limpas, os edifícios reparados e a vida continuaria.

E os seres humanos que estivessem em contacto com o Pátio dariam o seu melhor para ajudar todos a sobreviver.

Simon olhou para o Coiote enquanto as palavras de Montgomery o rodeavam e constrangiam.

A sua fúria no hospital foi excessiva, mesmo tendo em conta as circunstâncias.

— O que é que ouviste? — indagou Simon.

— Gosto de cá estar — comentou Jester. — Quero ficar.

As palavras de Montgomery pareciam ecoar no espaço.

Faz ideia do que possa ter causado essa agressividade acrescida?

— O que é que ouviste? — rosnou Simon.

— Eu não digo nada — garantiu Jester. — Não abro a boca.

Um Coiote esperto que às vezes via demasiado, ouvia demasiado. No entanto, ao contrário de muitos da sua espécie, Jester não iria faltar à sua palavra.

— Podes ficar. — É claro que ficou por dizer que mesmo que não confiasse em Jester para que ele ficasse, também não podia permitir que o Coiote se fosse embora. Mas imaginava que Jester já soubesse disso.

— Obrigado, Simon. — Jester recuou. — Vou ver se a Meg quer que os pôneis venham hoje.

Saiu e, momentos depois, Simon ouviu a porta das traseiras a fechar-se.

Faz ideia do que possa ter causado essa agressividade acrescida?

Ah, sim. Tivera muito tempo para pensar sobre isso enquanto eles esperavam para levar Meg de volta a casa, e fazia uma boa ideia do que provocara aquela fúria estranha. Nem mesmo os Sanguinati bebiam o sangue doce das *cassandra sangue*, e ele lambera muito do corte no queixo de Meg.

Inverno e Ar não lhe tinham prestado atenção a caminho do hospital, mas Jester estivera com ele. E Blair e Vlad tinham estado com ele no ribeiro, ao tirarem Meg da água. Se tivessem informação suficiente, eles chegariam à mesma conclusão.

Guardaria as suspeitas para si durante mais alguns dias. Depois falaria com Henry, antes de decidir quem mais precisava de saber aquilo de que desconfiava: que o sangue das *cassandra sangue* era a fonte da doença que afetava os seres humanos e os Outros a oeste.

Mas isso ficaria para outro dia, e Henry já carregava o peso de outro segredo.

Simon estava no hospital, de guarda a Meg, quando Asia Crane fora encontrada. Não a vira, mas Henry sim. E tudo o que Henry lhe disse foi: — Sei o que é a Tess. Nunca falaremos disto.

Era perigoso ser o único a olhar para um cadáver e perceber a verdade acerca do predador responsável pela morte. Ou talvez fosse assisado ser o único a carregar esse fardo. Fosse como fosse, Tess ainda geria o Trincadela e fazia biscoitos de chocolate para Meg e para Sam.

— Basta — rosnou. — Tens um negócio a gerir. — E até acabar de seleccionar os livros para que Heather pudesse completar as encomendas, ele teria de ali ficar, em vez de ir para a Estação do Intermediário para brincar com Meg.

Confirmou a lista e tirou mais livros das prateleiras, e pensou em Meg, pois pensar em Meg deixava-o mais calmo, mais feliz.

Ela tivera alta no Dia da Lua, mas ele servira-se da necessidade de Sam de ficar perto dela para a manter em casa por mais alguns dias. E também frisara que a maior parte de Lakeside continuava encerrada, pelo que as lojas *não podiam* despachar encomendas. Mesmo assim, ela mostrara-se obstinada quanto a ter de permanecer entre quatro paredes.

Bem, ele também podia ser teimoso, especialmente quando vestir Meg se transformara num jogo. Ele, Vlad e Jenni haviam percorrido as lojas da Praça do Mercado em busca de roupa para manter Meg quente. Fizeram-lhe luvas sem dedos e exigiram que usasse mitenes por cima delas se pusesse o nariz fora de casa. Se ela saísse nem que fosse por um instante, tinha de usar camisola interior, gola alta, pulôver e um colete de penas fechado até ao pescoço para proteger o peito. A par disso, o blusão de inverno, um cachecol e um gorro de lã. E dois pares de meias por baixo das botas.

Nenhum deles pensara nas cores das roupas até que Merri Lee voltara de uma visita a Meg no Dia do Vento e resmungara por a sua amiga estar vestida como se tivesse saído de uma explosão numa loja de tintas.

Pouco depois, ouviu Merri Lee, Heather e Ruthie encomendarem roupa que, segundo elas, combinaria com o que Meg já tinha, pelo que imaginou que o jogo das roupas tivesse resultado.

Mas ainda havia o jogo do chapéu.

Voltou a perscrutar as prateleiras ao não encontrar dois dos livros que queria.

— Também esgotámos esse? — resmungou, acrescentando outro thriller sobre personagens encurraladas por uma tempestade à lista de reposições. Apesar da falta de clientes nesse dia, ainda não parara desde que abrira a porta e limitara-se a procurar livros para tratar de encomendas das colónias de *terra indigene*!

Recusava-se a pensar no motivo por que as Elementais haviam encomendado uma série de títulos sobre presos em tempestades.

Parou e deixou que um arrepio lhe percorresse o corpo. Mesmo entre os *terra indigene*, era preciso tempo para que o medo se esvaísse quando as Elementais atacavam com toda a sua fúria.

Mas até Inverno estava mais calma, agora que Meg se encontrava em casa.

A reunião de Elliot com o presidente interino também ajudara a acalmar toda a gente. O presidente não perdera tempo a garantir ao cônsul do Pátio que todos os cartazes que tão trágico caso de erro de identidade haviam causado tinham sido destruídos, e a polícia envidaria todos os esforços para deter quem perturbasse a Menina Corbyn no futuro.

Todos os Outros que vivessem nos Pátios de Thaísia ficariam atentos para confirmar que o governo humano de Lakeside manteria a palavra.

O homem que enviara o inimigo para o Pátio, o homem que dera a Meg uma designação em vez de um nome, ainda estava algures. A pele dela era ainda demasiado valiosa para que ele desistisse de a tentar recuperar.

Esse Controlador ainda a procurava, e agora os *terra indigene* procuravam-no a ele. O governador não sabia grande coisa, mas dissera tudo o que pudera às Elementais que o haviam visitado na sua casa em Hubbney sobre o inimigo de Meg. Mais cedo ou mais tarde, os Outros iriam

encontrá-lo, e um pedaço humano de Thaísia seria reclamado pelo país selvagem.

Simon olhou para as mãos, que haviam ficado peludas. Rosnou quando não foi capaz de reverter à forma humana, sinal de que estava demasiado agitado para aquela pele. Como não queria assustar Heather, fez o mais sensato.

Despiu-se, assumiu a forma de Lobo e dirigiu-se à Estação do Intermediário para brincar um pouco com Meg.

Meg introduziu um disco musical e ligou o leitor. Já não queria ouvir rádio. Não queria ouvir sobre as pessoas que haviam morrido na tempestade, nem sobre os danos sofridos pela cidade. Talvez devesse sentir-se mal por não querer ouvir notícias, mas o que acontecera não fora culpa dela. Se tivesse deixado que os homens a levassem, as Elementais teriam, mesmo assim, devastado Lakeside pela morte do velho Tufão. Podia argumentar que, sendo a razão para o fim da tempestade, ela salvara mais pessoas do que as que havia prejudicado por ali estar.

Não a fazia lamentar menos as pessoas que tinham sido prejudicadas. E isso levou-a a interrogar-se se o tenente Montgomery pensaria o mesmo.

Ela esperara morrer no Pátio, vira as imagens das profecias a concretizar-se. Mas o resultado fora diferente. Ela não só sobrevivera, como também impedira Asia Crane e aqueles homens de levar Sam.

Nunca deixaria de ser baixa, mas não era indefesa e não era pequena. Já não era.

Olhou para o relógio. Preparando-se para o som, depositou a correspondência na mesa de separação momentos antes de Nathan uivar. Ao que parecia, ele pretendia fazer isso a todas as horas enquanto a estação estivesse aberta.

Relatório Sobre Meg. *A Meg está aqui. A Meg está bem.*

Esperava que ele se fartsse desse jogo específico muito em breve.

Ao ouvir um som na sala dos fundos, Meg pegou num monte de correspondência e mal levantara o olhar quando Simon entrou na sala de separação.

Havia qualquer coisa que mudara entre eles enquanto ela estivera no hospital. Não tinha a certeza se Simon a considerava uma amiga, uma companheira de brincadeira ou um brinquedo favorito, mas parecia gostar de brincar com ela.

Por falar em brincar...

Erguendo-se sobre as patas traseiras, Simon apoiou uma pata dianteira sobre a mesa e estendeu a outra para lhe tocar no nariz. Imaginava que aquele jogo se chamasse Pôr o Chapéu na Meg. Se o nariz dela não estivesse quente o suficiente, segundo o critério que ele estivesse a usar naquele momento, ia buscar o gorro de lã que lhe comprara e obrigava-a a usá-lo.

Mas ela já não era indefesa nem pequena. Se ia ser um brinquedo de roer para companheiros de brincadeira grandes e peludos, ela teria opinião nos jogos. A partir daquele momento, na escolha do jogo.

Recuou a cabeça e fitou-o.

— Se voltares a tentar mexer-me no nariz, hoje não há mais biscoitos.

Simon afastou a pata, pareceu ponderar por um instante, e depois voltou a estender a pata, como se

a testasse.

— Estou a falar a sério, Simon. Não há biscoitos o dia *todo*.

Nariz ou biscoitos. Uma escolha difícil. Os biscoitos acabaram por vencer.

BIOGRAFIA



ANNE BISHOP vive em Upstate New York onde gosta de passar o tempo a jardinar, ouvir música e a criar mundos de grande imaginação. É autora de vários romances, incluindo a premiada Saga das Jóias Negras, bem como o Mundo Efêmera e Trilogia dos Pilares do Mundo.

*[Mais informações em
WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM](http://WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM)*

TERRY BROOKS



Uma das mais épicas sagas de fantasia de sempre

Dizem as lendas que as Grandes Guerras do Passado destruíram todo o mundo. Mas, a viver em paz no bucólico Vale Sombrio, o meio elfo Shea Ohmsford pouco sabe sobre esses conflitos.

Até ao dia em que ressurge uma terrível ameaça: o Lorde Feiticeiro, que todos julgavam morto, planeia regressar e destruir o mundo para sempre. A única arma capaz de deter esse poder das trevas é a Espada de Shannara, que apenas pode ser usada por um herdeiro legítimo de Shannara. Shea é o último dessa linhagem, e é sobre os seus ombros que repousam as esperanças de todas as raças.

Por isso, quando um aterrorizante Portador da Caveira enviado pelo Lorde Feiticeiro voa até ao Vale Sombrio para destruir Shea, este sabe que acabou de começar a maior aventura da sua vida.

Assim começa esta saga emocionante de Terry Brooks, uma das mais épicas sagas de fantasia de sempre.

[Mais informações em
www.saidadeemergencia.com](http://www.saidadeemergencia.com)

Capítulo I

O Sol mergulhava já no verde profundo das colinas a oeste do vale, as sombras vermelhas e rosadas tocando os cantos da terra, quando Flick Ohmsford começou a descer. O trilho estendia-se irregularmente pela encosta a norte, serpenteando pelas grandes rochas que cravejavam o terreno acidentado em enormes maciços, e desaparecia dentro das florestas densas das planícies para reaparecer em breves vislumbres nas pequenas clareiras e áreas desbastadas do bosque. Flick seguia o trilho familiar com os olhos, enquanto caminhava, cansado, com a bolsa leve pendurada frouxamente sobre o ombro. O seu rosto largo e castigado pelo vento apresentava uma expressão plácida, e apenas os grandes olhos cinzentos revelavam a energia irrequieta que ardia sob o calmo exterior. Era um homem jovem, embora a forma robusta, o cabelo castanho que começava a ficar grisalho e as sobrancelhas desgrenhadas o fizessem parecer mais velho. Vestia as roupas largas de trabalho do povo do vale e carregava na bolsa vários utensílios de metal que chocalhavam uns nos outros.

O ar noturno estava um pouco frio e Flick apertou a gola da camisa de lã junto ao pescoço. O trajeto adiante atravessava florestas e planícies, ainda indistinguíveis enquanto ele passava pela floresta e pelos carvalhos altos; sombrias nogueiras elevavam-se até encobrirem o céu limpo da noite. O Sol tinha-se posto, deixando o azul-escuro do céu pontilhado por milhares de estrelas acolhedoras. As enormes árvores, no entanto, apagavam até mesmo aquela luz, e Flick ficou sozinho na escuridão silenciosa, percorrendo lentamente o caminho conhecido. Por ter viajado por aquela mesma rota centenas de vezes, o jovem percebeu de imediato a imobilidade incomum que parecia encantar o vale inteiro naquela noite. Os familiares zumbidos e chilros dos insetos em geral, presentes na quietude noturna, os gorjeios dos pássaros que acordavam ao pôr do Sol para voar em busca de alimento — todos estavam ausentes. Flick escutou com atenção à procura de algum som de vida, mas os seus ouvidos sensíveis não conseguiram detetar nada. Abanou a cabeça, apreensivo. O silêncio era perturbador, particularmente por causa dos rumores sobre uma criatura assustadora de asas negras, avistada poucos dias antes no céu noturno a norte do vale.

Forçou-se a assobiar e voltou os pensamentos para o dia de trabalho na região imediatamente a norte do vale, onde famílias que viviam afastadas cultivavam a terra e criavam gado doméstico. Visitava as suas casas todas as semanas, fornecendo vários itens de que necessitavam, levando notícias sobre o vale e ocasionalmente sobre as distantes cidades das Terras do Sul. Poucos conheciam as zonas rurais em redor tão bem quanto ele, e menos ainda se se davam ao trabalho de viajar para longe da relativa segurança das suas casas no vale. Naquela época, os homens estavam mais inclinados a permanecer em comunidades isoladas e deixar o resto do mundo viver da melhor maneira que podia. Flick, porém, gostava de se aventurar para longe do vale de vez em quando e os donos das propriedades mais remotas precisavam dos seus serviços e estavam dispostos a pagar pelo incómodo. O pai de Flick não era do tipo que deixava passar uma oportunidade de ganhar dinheiro, e o acordo parecia funcionar bem para todos os envolvidos.

Um galho baixo roçou-lhe a cabeça e assustou-o, fazendo-o saltar para o lado. Irritado, endireitou-se e olhou para o obstáculo de folhas antes de continuar o trajeto a passo um pouco mais acelerado.

Estava agora embrenhado na floresta da planície e apenas alguns fiapos de luar conseguiam penetrar os ramos espessos, para iluminar parcamente o caminho sinuoso. Parecia tão escuro que Flick tinha dificuldade em encontrar o trilho, e enquanto estudava o terreno adiante, voltou a notar o pesado silêncio. Era como se toda a vida se tivesse extinguido abruptamente e apenas ele continuasse vivo para encontrar a saída daquele cemitério de floresta. Lembrou-se de novo dos estranhos rumores e sentiu-se um pouco ansioso. Mesmo contra a sua vontade, olhou em volta, preocupado. Mas nada se agitou no trilho adiante, nem se moveu nas árvores por perto, e ele sentiu um alívio envergonhado.

Parando por um momento numa clareira iluminada pelo luar, observou a imensidão do céu noturno antes de avançar para o meio das árvores. Caminhava devagar, escolhendo com cuidado o caminho pelo trilho sinuoso que se estreitara após a clareira e parecia desaparecer sob uma muralha de árvores e moitas. Flick sabia que era apenas uma ilusão, mas mesmo assim olhou apreensivo ao seu redor. Momentos depois, encontrava-se de novo num caminho mais amplo e conseguia ver pedaços do céu através da folhagem das árvores. Estava quase no sopé do vale, a cerca de três quilômetros de casa. O jovem sorriu e começou a assobiar uma antiga canção de taberna enquanto caminhava apressadamente. Estava tão concentrado no trilho e no terreno aberto além da floresta que não notou a enorme sombra negra que pareceu avolumar-se de repente, separando-se do carvalho à sua esquerda e movendo-se rapidamente para lhe atalhar o passo no meio do caminho. A figura sombria já estava quase em cima de Flick quando ele viu a sua presença agigantar-se diante de si como uma imensa rocha negra que ameaçava esmagar o pequeno jovem. Com um grito surpreso de medo, saltou para o lado, a bolsa caindo no meio do trilho com o ruído dos metais enquanto ele sacava, com a mão esquerda, da longa e fina adaga presa à cintura. Quando se preparava para se defender, foi impedido por um braço imponente, erguido acima da figura à sua frente, e por uma voz profunda, mas tranquilizadora, que se apressou a dizer:

— Calma, amigo. Não sou seu inimigo e não tenho intenção de o ferir; apenas estou perdido e ficar-lhe-ia grato se pudesse indicar-me a direção certa.

Flick baixou um pouco a guarda e tentou perscrutar as sombras da figura adiante, num esforço para descobrir alguma semelhança com um ser humano. No entanto, não conseguia ver nada e deslocou-se para a esquerda, tentando ver as feições da figura sombria sob o luar encoberto pelas árvores.

— Asseguro-lhe que não desejo fazer-lhe mal — continuou a voz, como se lesse a mente do rapaz do vale. — Não quis assustá-lo, mas só o vi quando já estava quase à minha frente e receei que passasse por mim sem se aperceber de que eu estava aqui.

A voz fez uma pausa e a figura enorme permaneceu em silêncio, embora Flick pudesse sentir os seus olhos a segui-lo enquanto se aproximava da beira do trilho para se posicionar de costas para a luz do luar. Lentamente, o luar pálido foi desvendando as feições do estranho em linhas vagas e sombras azuladas. Encararam-se ambos em silêncio por um longo momento, analisando-se, com Flick a esforçar-se para perceber o que via e o estranho na expectativa.

Então, abruptamente, a enorme figura lançou-se sobre ele com uma rapidez desconcertante e as suas mãos poderosas agarraram os pulsos de Flick, ergueram-no do chão e mantiveram-no no ar, a adaga caindo dos dedos enfraquecidos ao ouvir a voz profunda zombar dele.

— Ora, ora, meu jovem amigo! Sempre quero ver o que vais fazer agora! Eu podia arrancar-te o

coração do peito e deixá-lo aqui para os lobos o devorarem se quisesse, não era?

Flick debateu-se violentamente para se libertar, o terror impedindo-o de pensar em qualquer outra coisa para além da fuga. Não fazia ideia que tipo de criatura era aquela que o subjugara, mas era muito mais poderosa do que qualquer homem normal e, aparentemente, estava pronta para o matar com rapidez. De súbito, o seu captor segurou-o muito perto do rosto e a voz desdenhosa assumiu um tom de desprezo gélido.

— Chega, rapaz! Já nos divertimos um bocado e continuas sem saber nada sobre mim. Estou cansado e com fome e não tenho a menor intenção de me atrasar no caminho da floresta ao frio da noite, enquanto decides se sou um homem ou uma fera. Vou pôr-te no chão para que possas mostrar-me o caminho. E aviso-te: se tentares fugir de mim, será pior para ti! — A voz poderosa tornou-se mais branda e o tom de desprezo desapareceu quando a pitada anterior de zombaria voltou, com uma gargalhada breve. — Além do mais — murmurou a figura enquanto os dedos de ferro soltavam Flick, que escorregou para o chão —, posso ser um amigo muito melhor do que imaginas.

A figura deu um passo para trás e Flick levantou-se, esfregando os pulsos com cuidado para estimular o sangue a circular-lhe novamente pelas mãos dormentes. Queria fugir, mas tinha a certeza que o estranho o alcançaria e, então, acabaria com ele sem pensar duas vezes. Baixou-se com cautela e apanhou a adaga, embainhando-a novamente no cinto.

Agora, conseguia ver com maior clareza, e uma análise rápida revelou-lhe que a figura era definitivamente humana, embora muito maior que qualquer outro homem que já tivesse visto. Tinha mais de dois metros de altura e era excecionalmente magro, apesar de ser difícil ter a certeza, pois a sua silhueta estava envolta num imenso manto negro, com um capuz largo a cobrir-lhe a cabeça. O rosto obscurecido era comprido e bastante enrugado, o que lhe conferia uma aparência encarquilhada. Os olhos eram fundos e estavam quase ocultos por sobrelanceiras desgrehadas, firmemente assentes sobre um longo nariz chato. Uma barba curta e negra emoldurava a boca ampla, que era apenas uma linha fina no rosto — uma linha que parecia nunca se mover. A aparência geral era assustadora, tudo escuridão e tamanho, e Flick teve de combater o instinto crescente de fugir para dentro da floresta. Fitou os olhos fundos e duros do estranho, não sem alguma dificuldade, e conseguiu esboçar um débil sorriso.

— Pensei que o senhor fosse um ladrão — balbuciou, hesitante.

— Estavas enganado — foi a réplica calma. Então, a voz suavizou-se um pouco. — Tens de aprender a diferenciar um amigo de um inimigo. Um dia, a tua vida poderá depender disso. Agora diz-me como te chamas.

— Flick Ohmsford. — Flick hesitou por um momento, prosseguindo, em seguida, num tom de voz um pouco mais corajoso. — O meu pai é Curzad Ohmsford. Tem uma estalagem no Vale Sombrio, a dois ou três quilómetros daqui. Lá, terá onde dormir e o que comer.

— Ah, o Vale Sombrio! — exclamou o estranho. — Sim, é para lá que quero ir. — Fez uma pausa, como se refletisse sobre as próprias palavras. Flick observou-o com cautela, enquanto o homem esfregava o rosto enrugado com os dedos tortos e olhava para além da floresta, para as pradarias do vale. Continuava a olhar para longe quando voltou a falar. — Tens... tens um irmão.

Não era uma pergunta, mas uma simples afirmação. Disse aquilo de um modo tão distante e calmo,

como se não estivesse minimamente interessado em qualquer resposta, que Flick quase não o ouviu. Mas o rapaz não tardou a aperceber-se da importância da afirmação e estacou, olhando de relance para o homem.

— Como é que...?

— Ah, bem... — disse o homem. — Não é verdade que todos os jovens do vale, como tu, têm um irmão algures?

Flick assentiu sem conseguir dizer mais nada, incapaz de compreender onde é que o homem queria chegar com aquilo e perguntando-se o que saberia ele sobre o Vale Sombrio. O estranho questionava-o com o olhar, claramente à espera de ser guiado até à comida e às acomodações prometidas. Flick voltou-se depressa para procurar a bolsa caída no chão, apanhou-a e pendurou-a ao ombro, olhando para a figura que se erguia acima dele.

— O caminho é por aqui — apontou, e ambos iniciaram a caminhada.

Saíram da floresta densa e subiram por colinas suaves que seguiriam até à vila do Vale Sombrio, no outro extremo. Fora da mata, a noite apresentava-se clara; a Lua cheia era um globo branco acima deles, o seu brilho iluminando a paisagem e o trilho que os dois viajantes seguiam. O caminho em si era uma linha indefinida e sinuosa sobre as colinas cobertas de ervas, distinguível apenas pelos sulcos ocasionais, molhados pela chuva, e por extensões de terreno duras e planas que irrompiam da relva espessa. O vento ganhara força e soprava sobre os dois homens em rápidas rajadas que açoitavam as suas roupas ao andarem, forçando-os a baixarem as cabeças um pouco para proteger os olhos. Nenhum dos dois disse uma palavra enquanto prosseguiam, concentrados no terreno adiante, com novas colinas e pequenas depressões que apareciam a cada monte. Tirando o sopro do vento, a noite permanecia silenciosa. Flick escutava com atenção, e num dado momento pensou ouvir um grito agudo vindo de norte, mas o som desapareceu no instante seguinte e ele não voltou a ouvi-lo. O estranho não parecia estar preocupado com o silêncio. Concentrara-se num acidente de terreno cerca de dois metros adiante. Não consultava, nem sequer olhava para o jovem guia enquanto viajavam. Em vez disso, parecia saber exatamente para onde o outro ia, e caminhava ao seu lado como se já conhecesse o caminho.

Passado algum tempo, Flick começou a ter dificuldade em acompanhar o ritmo do homem alto, que caminhava com passos largos e entusiasmados a contrastarem com os seus passos mais curtos. Algumas vezes, o rapaz do vale quase teve de correr para o acompanhar. Em uma ou duas ocasiões, o outro homem olhou para o companheiro mais baixo e, percebendo a sua dificuldade em acompanhar-lhe as passadas, abrandou o ritmo da marcha. Finalmente, quando os declives a sul do vale se aproximavam, as colinas começaram a nivelar-se com as pastagens cobertas de arbustos que indicavam o aparecimento de novas florestas. O terreno formava um declive suave, e Flick localizou vários pontos de referência que faziam fronteira com os arredores do Vale Sombrio. Sentiu uma onda de alívio involuntário. A aldeia e a sua casa aquecida estavam perto.

O estranho não disse uma palavra durante a breve jornada, e Flick sentia-se relutante em meter conversa. Em vez disso, tentou analisar o gigante olhando para ele de relance, discretamente, enquanto caminhavam. Estava compreensivelmente espantado. O rosto longo e enrugado, escurecido pela densa barba negra, lembrava-lhe os dos temerosos Feiticeiros que, certa noite, anciões austeros

lhes tinham descrito diante das brasas reluzentes de uma fogueira, já tarde, quando era apenas uma criança. Ainda mais assustadores eram os olhos do estranho — ou, melhor dizendo, as cavernas escuras e fundas abaixo das sobranceiras desgrenhadas, onde deveriam estar os olhos. Flick não conseguia atravessar as pesadas sombras que continuavam a mascarar toda aquela zona do rosto do homem. A fisionomia profundamente vincada parecia esculpida em pedra, fixa e curvada sobre o caminho à sua frente. Enquanto refletia sobre aquele semblante impenetrável, Flick lembrou-se, subitamente, de que o estranho não se tinha apresentado.

Encontravam-se na fronteira exterior do vale, onde o caminho, perfeitamente visível, serpenteava por entre enormes arbustos que quase impediam a passagem aos seres humanos. O estranho alto parou de súbito e baixou a cabeça, escutando com atenção. Flick deteve-se ao seu lado e aguardou quieto, também à escuta, mas incapaz de detetar qualquer som. Continuaram parados por minutos aparentemente intermináveis e, então, o homem maior voltou-se com rapidez para o pequeno companheiro.

— Rápido! Esconde-te naqueles arbustos. Agora! Corre!

Empurrou Flick, mas mais parecia querer usá-lo para cobrir a retirada enquanto corria velozmente em direção ao arbusto mais alto. Flick correu, assustado, para o refúgio das moitas, com a bolsa a bater contra as costas e os utensílios de metal a tilintar. O estranho virou-se para ele e agarrou na bolsa, guardando-a sob o longo manto.

— Silêncio! — sussurrou-lhe. — Corre agora, sem fazer barulho!

Correram para o paredão escuro de folhagem, cerca de quinze metros adiante, e o homem alto empurrou Flick por entre os galhos que lhes chicoteavam os rostos, puxando-o depois rudemente para o meio de uma mancha de mato, onde aguardaram, com a respiração ofegante. Flick olhou para o companheiro e notou que ele não observava a zona em redor através da moita, mas examinava o céu noturno, visível através de brechas pequenas e irregulares na folhagem. O céu pareceu claro ao rapaz do vale enquanto acompanhava o olhar determinado do outro. Só as estrelas, imutáveis, tremeluziam enquanto ele olhava e esperava. Passaram vários minutos; tentou falar, mas foi rapidamente silenciado pelas mãos fortes do estranho, que lhes agarraram os ombros, como que a adverti-lo para se manter calado. Flick continuou de pé, a observar a noite, tentando ouvir algum som do suposto perigo. Porém, não ouviu nada para além da respiração dos dois e de uma suave brisa que abanava os ramos do seu esconderijo.

Então, no instante em que se preparava para relaxar os membros cansados e sentar-se, o céu foi subitamente encoberto por alguma coisa enorme e negra que pairava acima deles e logo desapareceu. Momentos depois, a coisa passou de novo, rodando lentamente sem parecer mover-se, a sua sombra pairando, ameaçadora, por cima dos dois viajantes escondidos, como se estivesse prestes a precipitar-se sobre eles. Uma sensação repentina de terror percorreu os pensamentos de Flick, enredando-os numa malha de ferro enquanto se esforçava para escapar da loucura medonha que os penetrava. Dir-se-ia que algo lhes oprimia o peito, esvaziando-lhe o ar dos pulmões até o deixar sem fôlego. Uma visão passou bruscamente por ele — uma imagem negra entremeada de vermelho, de mãos com garras e asas gigantescas, algo tão maligno que a sua mera existência ameaçava a frágil vida do jovem. Por um momento, pensou em gritar, mas a mão do estranho agarrou-lhe o ombro com

mais força, afastando-o do precipício. Tão repentinamente quanto aparecera, a sombra gigantesca desapareceu e o céu noturno aquietou-se de novo.

A mão sobre o ombro de Flick soltou-o devagar, e o jovem do vale escorregou pesadamente para o chão, com o corpo flácido e coberto de uma película de suor frio. O estranho sentou-se calmamente ao lado do companheiro e um sorriso discreto insinuou-se-lhe no rosto. Pousou a mão comprida sobre a de Flick e deu-lhe uma palmadinha leve, como se ele fosse uma criança.

— Vamos, meu jovem amigo — sussurrou —, estás vivo e a salvo, e o vale fica já ali adiante.

Flick observou, com os olhos arregalados de medo, o rosto calmo do outro enquanto concordava com a cabeça.

— Aquela coisa! O que era aquela coisa horrível?

— Apenas uma sombra — respondeu o homem descontraidamente. — Mas não é o local nem o momento adequado para nos preocuparmos com esta questão. Falaremos sobre isto depois. Por agora, gostaria de comer alguma coisa e de me aquecer a uma lareira antes que perca a paciência de todo.

Ajudou o rapaz do vale a levantar-se e devolveu-lhe a bolsa. Então, com um gesto amplo do braço coberto pelo manto, indicou que estava pronto para seguir se o outro estivesse em condições de o guiar. Saíram do esconderijo nos arbustos, Flick receoso, olhando apreensivamente para o céu noturno. Era como se tudo não tivesse passado de imaginação. Flick refletiu solenemente sobre o assunto e depressa concluiu que, em todo o caso, ele já tinha vivido aventuras suficientes para uma noite: primeiro, aquele gigante sem nome; depois, a sombra assustadora. Prometeu a si mesmo que pensaria duas vezes antes de voltar a viajar de noite para tão longe da segurança do vale.

Vários minutos mais tarde, as árvores e arbustos começaram a rarear, e o bruxulear da luz amarelada tornou-se visível na escuridão. Ao aproximarem-se, as silhuetas vagas das construções foram assumindo a forma de massas quadradas e retangulares sob as sombras. O caminho alargou-se, tornando-se uma estrada de terra lisa que levava diretamente à vila, e Flick sorriu, agradecido, às luzes que os iluminavam e cumprimentavam, de forma amistosa, pelas janelas das casas em silêncio. Não havia movimento algum na estrada; se não fosse pelas luzes, seria bem possível pensar que ninguém morava no vale. No entanto, dadas as circunstâncias, os pensamentos de Flick estavam longe de tais considerações. Estava a pensar no que contaria ao pai e a Shea, pois não desejava preocupá-los com estranhas sombras que poderiam ser produto da sua imaginação e da noite escura. O estranho ao seu lado poderia prestar algum esclarecimento sobre o assunto futuramente, mas até ao momento ainda não se tinha revelado muito conversador. Flick voltou a sentir um calafrio perante a negritude do homem, que parecia refletir-se do seu manto e do capuz, descendo sobre a cabeça baixa e as mãos finas para cobrir toda aquela figura num manto de obscuridade. Independentemente de quem aquele homem fosse, Flick tinha a certeza que seria um inimigo perigoso.

Passaram devagar por entre as construções da aldeia e Flick conseguiu ver as tochas acesas através dos caixilhos de madeira das amplas janelas. As casas eram estruturas baixas e compridas, de piso único e telhados levemente inclinados, que na maioria dos casos se estendiam num dos lados para abrigarem pequenas varandas e eram sustentados por colunas pesadas, fixadas em pórticos longos. As construções eram feitas de madeira, com caboucos de pedra, tendo também algumas as

fachadas em pedra. Flick olhou pelas janelas providas de cortinas, vislumbrando os ocupantes e deixando que os rostos familiares o confortassem no meio da escuridão. Fora uma noite assustadora, e ele sentia-se aliviado por estar de novo no vale, entre as pessoas que conhecia.

O estranho permanecia pensativo. Apenas olhou de relance para a vila e ainda não abrira a boca desde que tinham chegado ao vale. Flick continuava a estranhar a maneira como o outro o seguira. Na verdade, não o seguira; antes parecia saber exatamente para onde o rapaz ia. No ponto em que a estrada formava uma bifurcação, seguindo em direções opostas por entre fileiras de casas idênticas, o homem alto não revelou qualquer dificuldade em escolher o caminho certo, apesar de não ter olhado para ele nem ter levantado a cabeça para ver por onde deveria seguir. De facto, era Flick quem percorria o trilho enquanto o outro o guiava.

Chegaram rapidamente à estalagem. Era uma estrutura grande, constituída por uma construção principal e um pórtico com varanda, com duas alas compridas que se estendiam para trás de ambos os lados. Era feita de troncos imensos, sobre uma fundação alta de pedras, coberta com o familiar telhado de madeira, sendo este, em particular, muito mais alto do que os das habitações. A construção principal encontrava-se bem iluminada e era possível ouvir vozes abafadas no interior, intercaladas por gritos e risos ocasionais. As alas da estalagem, mergulhadas na escuridão, albergavam os quartos dos hóspedes. O cheiro a carne assada permeava o ar noturno, e Flick subiu depressa os degraus de madeira do comprido pórtico até às amplas portas duplas, no centro da fachada daquela construção. O estranho homem alto seguiu-o em silêncio.

Flick fez deslizar o pesado trinco de metal e puxou as maçanetas. A grande porta da direita abriu-se, dando-lhes acesso a um grande salão cheio de bancos, cadeiras de espaldar alto e várias mesas compridas de madeira pesada, dispostas contra as paredes da esquerda e do fundo. O aposento encontrava-se bem iluminado pelas velas longas sobre as mesas, pelas lamparinas na parede e pela enorme lareira embutida no centro da parede esquerda. Flick ficou momentaneamente ofuscado, até os seus olhos se adaptarem à luz. Semicerrou-os para conseguir ver as portas duplas fechadas ao fundo do aposento, para lá da lareira e da mobília, e o comprido bar que se estendia ao longo de toda a parede do lado direito. Os homens que se encontravam no bar olharam indolentemente para a dupla que entrava, demonstrando, pelas suas expressões, um assombro indisfarçado perante a aparência do estranho. Mas o silencioso companheiro de Flick parecia não os ter visto, e todos eles depressa voltaram a concentrar-se nas suas conversas e nas bebidas, olhando uma ou duas vezes para os recém-chegados para verem o que iriam fazer.

A dupla continuou diante da porta por mais algum tempo enquanto Flick olhava para os rostos da pequena multidão uma segunda vez, à procura do pai. O estranho encaminhou-se para as cadeiras, à esquerda.

— Vou sentar-me um pouco enquanto procuras o teu pai. Talvez possamos jantar juntos quando voltarem.

Sem comentar mais nada, dirigiu-se calmamente a uma pequena mesa ao fundo do bar e sentou-se de costas para os homens que estavam ao balcão, com o rosto um pouco baixo e voltado para o lado oposto de onde se encontrava Flick. Os homens do vale observaram o rapaz por momentos, e viram-no atravessar as portas duplas que davam para um corredor do outro lado do salão. O seu pai estaria,

provavelmente, na cozinha, a jantar com Shea. Flick acelerou o passo no corredor, passando por várias portas fechadas antes de alcançar a que dava para a cozinha da estalagem. Quando entrou, os dois cozinheiros, que estavam a trabalhar, cumprimentaram-no com um animado “boa-noite”. O pai estava sentado à ponta de um balcão comprido, no lado esquerdo. Tal como Flick pensara, o pai terminava de jantar e acenou-lhe com a sua mão forte.

— Atrasaste-te mais do que o habitual — resmungou ele cordialmente. — Vem jantar enquanto ainda há comida.

Flick aproximou-se do pai, cansado, colocou a bolsa de viagem no chão com um ruído surdo e sentou-se num dos bancos altos do balcão. O seu corpulento pai endireitou-se, enquanto afastava o prato vazio e olhava para o jovem com um ar inquiridor, franzindo a testa.

— Encontrei um viajante na estrada que também vinha para o vale — explicou Flick hesitante. — Quer um quarto e comida, e pediu para nos juntarmos a ele.

— Bem, veio ter ao sítio certo — declarou o velho Ohmsford. — Não vejo motivos para não lhe fazermos companhia. Não me importaria nada de me servir de mais um prato.

Dizendo isto, levantou o seu considerável corpanzil do banco e fez sinal aos cozinheiros para lhes levarem três pratos à mesa. Flick procurou Shea, mas ele não estava por ali. O pai aproximou-se pesadamente dos cozinheiros para lhes transmitir instruções especiais sobre a preparação do jantar para o pequeno grupo, e Flick dirigiu-se à pia perto do lava-louça para se lavar da terra e da sujidade do caminho. Quando o pai voltou a aproximar-se dele, Flick perguntou-lhe aonde é que o irmão tinha ido.

— O Shea foi fazer-me um recado e deve voltar a qualquer momento — respondeu. — Mas como se chama o homem que veio contigo?

— Não sei. Não me disse o nome — respondeu Flick, encolhendo os ombros.

O pai franziu a testa e resmungou qualquer coisa sobre estranhos calados; terminou o comentário abafado com a promessa de não aceitar mais tipos misteriosos na estalagem. Fazendo sinal ao filho para o seguir, saiu da cozinha, roçando com os ombros possantes na parede ao dirigir-se ao salão. Flick apressou-se a segui-lo, com uma expressão de apreensão.

O estranho continuava sentado em silêncio, de costas para os homens sentados ao balcão. Ao ouvir as portas ao fundo abrirem-se, mexeu-se para ver quem entrava e analisou a grande semelhança entre pai e filho. Eram ambos corpulentos e de estatura média, com a mesma expressão tranquila, os rostos largos e o cabelo castanho grisalho. Pararam sob a ombreira da porta e Flick apontou para a figura negra. O homem apercebeu-se da surpresa nos olhos de Curzad Ohmsford quando o dono da estalagem olhou para ele, por momentos, antes de se aproximar. O estranho levantou-se com cortesia, preparando-se para cumprimentar os dois Ohmsford que se aproximavam dele.

— Seja bem-vindo à minha estalagem, forasteiro — cumprimentou o Ohmsford mais velho, tentando em vão olhar por baixo do capuz que escondia o rosto escuro do outro. — Como o meu filho lhe deve ter dito, chamo-me Curzad Ohmsford.

O estranho apertou a mão estendida com uma força que levou o homem corpulento que o cumprimentava a fazer uma careta.

— O seu filho foi muito simpático em trazer-me para esta agradável estalagem — disse, acenando

com a cabeça na direção de Flick enquanto exibia um sorriso que o rapaz podia jurar ser de gozo. — Espero que aceite jantar e beber uma cerveja comigo.

— Com todo o prazer — respondeu o dono da estalagem, passando pelo outro para se dirigir a uma cadeira vazia, na qual se sentou pesadamente.

Flick também puxou uma cadeira e sentou-se, ainda olhando desconfiado para o estranho, que elogiava o seu pai por ter uma estalagem tão acolhedora. O Ohmsford mais velho resplandecia de satisfação e acenou, satisfeito, para Flick enquanto pedia três copos a um dos empregados do bar. O homem alto ainda não removera o capuz que lhe cobria o rosto. Flick queria espreitar-lhe a cara, envolta na escuridão, mas teve receio de que o estranho se apercebesse, e a primeira tentativa já lhe causara pulsos doloridos e levava-o a manter um respeito salutar pela força e pelo temperamento daquele homem. Era mais seguro continuar sem lhe ver o rosto.

Permaneceu sentado, em silêncio, enquanto a conversa entre o pai e o estranho ia passando dos comentários educados sobre o clima brando a uma discussão mais íntima sobre as pessoas e os acontecimentos do vale.

Flick notou que o pai, que nunca precisara de muito encorajamento para falar, ia permitindo que a conversa se baseasse inteiramente em algumas perguntas de ocasião feitas pelo outro homem. Provavelmente não tinha importância, mas os Ohmsford nada sabiam sobre o estranho. Ele nem sequer lhes dissera o seu nome, mas ia obtendo, subtilmente, informações sobre o vale onde vivia o inocente dono da estalagem. A situação perturbava Flick, mas ele não sabia bem o que fazer. Começou a desejar que Shea aparecesse e visse o que estava a acontecer, mas o irmão continuava ausente e o esperado jantar foi servido e consumido antes de uma das portas duplas da frente se abrir e Shea emergir da escuridão.

Pela primeira vez, Flick viu o estranho encapuzado demonstrar mais do que um interesse passageiro por alguém. Mãos fortes agarraram a mesa enquanto a figura sombria se levantava em silêncio, agigantando-se sobre os Ohmsford. Parecia ter-se esquecido de que eles estavam ali, franzindo ainda mais a testa, o que fez com que as suas feições enrugadas irradiassem uma intensa concentração. Por um assustador segundo, Flick pensou que o estranho se preparava para aniquilar Shea de alguma forma, mas esta impressão foi-se dissipando gradualmente, dando lugar a outra. O homem estava a ler a mente do seu irmão.

Fitava Shea intensamente, com os olhos encovados e obscurecidos, percorrendo o semblante delgado e miúdo do alvo de toda a sua atenção. Identificou imediatamente as típicas feições élficas — as orelhas levemente pontiagudas sob o cabelo loiro desgrenhado; as sobrancelhas finas, como que desenhadas a lápis, subindo, em ângulo reto, a partir da cana do nariz e não da testa; e o nariz e o queixo finos. Via inteligência e honestidade naquele rosto, e agora que Shea se aproximava, também determinação nos penetrantes olhos azuis — uma determinação que se espalhava com o rubor que ia cobrindo as feições juvenis enquanto os dois homens se encaravam. Shea estacou por momentos, espantado com a aparição sombria e imensa do outro lado do salão. Sentiu-se inexplicavelmente encurralado, mas encheu-se de determinação e dirigiu-se à figura ameaçadora.

Flick e o pai aperceberam-se da aproximação de Shea, com os olhos ainda fixos no forasteiro alto, e, nesse momento, como que compreendendo subitamente quem ele era, levantaram-se ambos das

cadeiras. Fez-se um momento de silêncio constrangedor enquanto os quatro se entreolhavam; depois, os três Ohmsford começaram a cumprimentar-se, com uma repentina confusão de palavras que aliviou a tensão inicial. Shea sorriu a Flick, mas não conseguia tirar os olhos da figura imponente diante dele. Shea era um pouco mais baixo do que o irmão e, portanto, ficava ainda mais à sombra do estranho, embora esse facto não o deixasse tão nervoso como o irmão ao olhar para o homem. Curzad Ohmsford fez-lhe perguntas sobre o recado que lhe tinha pedido para fazer, e a insistência do pai acabou por desviar momentaneamente a atenção do rapaz do estranho forasteiro. Após algumas observações, Shea voltou-se para o recém-chegado do vale.

— Não me parece que já tenhamos sido apresentados; mas o senhor parece reconhecer-me de algum lado e eu tenho a estranha sensação de que também deveria reconhecê-lo.

O rosto sombrio concordou enquanto exibia brevemente o já familiar sorriso zombeteiro.

— Talvez devesse reconhecer-me, apesar de não ser nenhuma surpresa não te lembrares. Mas eu sei quem tu és. Na verdade, conheço-te muito bem.

Shea ficou perplexo com a resposta e, incapaz de responder, encarou o estranho. O outro levou a mão fina ao queixo para coçar a curta barba negra, olhando demoradamente para os três homens, que esperavam que ele prosseguisse. A boca aberta de Flick espelhava a pergunta na mente dos Ohmsford quando o forasteiro puxou o capuz para trás e revelou o rosto sombrio, envolto pelo longo cabelo negro, cortado à altura dos ombros, e os olhos fundos e escuros, que ainda pareciam pequenas fendas negras sob as grossas sobancelhas.

— O meu nome é Allanon — anunciou ele, calmamente.

Instalou-se, por momentos, um longo e atónito silêncio, enquanto os três ouvintes se encaravam com assombro. Allanon — o misterioso nómada das quatro terras, historiador das raças, filósofo e professor, e, no dizer de alguns, praticante das artes místicas. Allanon, o homem que estivera em todo o lado, desde os portos mais sombrios de Anar até às alturas proibitivas das Montanhas Charnal. Até os povos das comunidades mais isoladas das Terras do Sul conheciam o seu nome. E, naquele momento, ali estava ele, inesperadamente diante dos Ohmsford, que muito raramente nas suas vidas se tinham aventurado para longe do seu vale de origem.

Allanon sorriu calorosamente pela primeira vez, mas no seu íntimo sentia pena deles. A tranquila existência que tinham conhecido durante tantos anos terminara, e, de certa forma, por sua culpa.

— O que o traz até aqui? — acabou por perguntar Shea.

O homem alto fitou-o intensamente e soltou uma gargalhada grave e profunda, que apanhou toda a gente de surpresa.

— Tu, Shea — murmurou ele. — Vim à tua procura.

Capítulo II

Shea acordou cedo na manhã seguinte, levantando-se do calor da sua cama para se vestir à pressa, sob o frio húmido do ar matinal. Descobriu que se levantara tão cedo que mais ninguém na estalagem, fosse hóspede ou membro da família, estava acordado. A comprida construção encontrava-se mergulhada no silêncio quando ele passou do seu pequeno quarto, nos fundos da parte principal do edifício, para o grande salão, onde logo acendeu o fogo na lareira de pedra com os dedos quase dormentes de frio. O vale era sempre surpreendentemente frio no início da manhã, antes de o Sol alcançar o alto das colinas, mesmo durante as estações mais quentes do ano.

O Vale Sombrio era bem protegido, não somente dos olhos dos homens, mas da fúria das condições climáticas adversas que vinham das Terras do Norte. Ainda assim, apesar de as fortes tempestades do inverno e da primavera não atingirem o vale, o intenso frio das manhãs assentava nas colinas altas o ano inteiro até a calidez do Sol do meio-dia vir espantá-lo.

O fogo crepitava e fazia estalar a madeira enquanto Shea relaxava numa das cadeiras altas de espaldar direito e refletia sobre os acontecimentos da noite anterior. Recostou-se, cruzou os braços para se aquecer e encolheu-se na madeira pesada da cadeira. Como poderia Allanon conhecê-lo? Ele saíra do vale pouquíssimas vezes e certamente lembrar-se-ia do outro homem se o tivesse encontrado em alguma das suas raras viagens. Allanon recusara-se a falar mais sobre o assunto depois da sua última afirmação. Terminara o jantar em silêncio, deixando claro que esclareceria tudo na manhã seguinte, e voltou a ser a figura ameaçadora que Shea tinha visto ao entrar na estalagem, naquela noite. Após a refeição, pediu para lhe indicarem o quarto e recolheu-se. Nem Shea nem Flick conseguiram que ele dissesse mais uma palavra sobre a viagem até ao Vale Sombrio e o seu interesse por Shea. Os dois irmãos conversaram mais tarde, naquela noite, e Flick contou-lhe a história do encontro com Allanon e o incidente com a aterradora sombra.

Tornou a concentrar-se na questão inicial: como poderia Allanon conhecê-lo? Reviu mentalmente os acontecimentos da sua vida. As memórias dos seus primeiros anos de vida eram vagas: não sabia onde tinha nascido, fora adotado pelos Ohmsford ainda muito novo e a família contou-lhe apenas que nascera numa pequena comunidade nas Terras do Oeste. O seu pai morrera antes de Shea ter tido a possibilidade de reter uma imagem duradoura dele; o jovem já não conseguia recordar quase nada da figura paterna. A mãe acompanhara-o por mais algum tempo, e ele recordava fragmentos dos anos que tinha passado com ela, a brincar com as crianças élficas, cercado por árvores altas e uma solidão verdejante. Tinha cinco anos de idade quando a mãe adoeceu subitamente e decidiu voltar para junto do seu povo, na aldeia do Vale Sombrio. Deve ter pressentido que estava prestes a morrer, mas a sua preocupação principal era o filho. A viagem para o Sul fora muito dura para ela, que falecera logo após a sua chegada ao vale.

Os parentes que a mãe deixara no vale, ao casar-se, também tinham morrido, exceto os Ohmsford, que eram apenas primos distantes. Curzad Ohmsford tinha perdido a esposa há menos de um ano e criava Flick, o seu filho, sozinho, gerindo simultaneamente a estalagem. Shea tornou-se parte da família e as duas crianças cresceram como irmãos, ambos com o apelido Ohmsford. Shea nunca soube qual era o seu apelido de nascimento, nem se preocupara em perguntar. Os Ohmsford eram a

única família com quem ele se importava e eles tinham-no aceitado como um dos seus. Havia momentos em que ser mestiço o perturbava, mas Flick insistia que isso era uma vantagem, pois possuía os instintos e a índole de duas raças para se desenvolver.

Mas apesar do esforço de memória, não conseguia lembrar-se de nenhum encontro com Allanon. Era como se o dito encontro nunca tivesse acontecido de facto. E talvez não tivesse mesmo. Remexeu-se na cadeira e olhou distraidamente para a lareira. Havia alguma coisa naquele nómada tenebroso que o assustava. Talvez fosse só imaginação, mas tinha a sensação de que o homem conseguia, de alguma forma, ler-lhe os pensamentos; ver através dele sempre que quisesse. Parecia ridícula, mas a ideia perdurava na sua mente desde o encontro no salão da estalagem. Flick também sentira o mesmo. E fora mais além, sussurrando-lhe na escuridão do quarto, com medo de ser ouvido de alguma forma, que achava que Allanon era perigoso.

Espreguiçou-se e soltou um suspiro profundo. O dia já clareava, lá fora. Levantou-se para pôr mais lenha na lareira e ouviu a voz do pai no corredor. Resmungava, em voz alta, sobre assuntos quotidianos. Suspirando de resignação, Shea abandonou os seus pensamentos e apressou-se a ajudar nas tarefas matinais da cozinha.

Era quase meio-dia quando finalmente viu Allanon, que tinha um ar evidente de quem permanecera no quarto durante toda a manhã. Allanon apareceu de repente, saindo de um dos lados da estalagem, quando Shea descansava sob a sombra de uma árvore enorme nos fundos do edifício, tomando um segundo pequeno-almoço que preparara para si. O seu pai estava ocupado dentro do edifício e Flick saíra para lhe fazer um recado qualquer. O estranho sombrio da noite anterior não parecia menos ameaçador à luz do Sol. Continuava a ser uma figura tenebrosa, de altura considerável, apesar de parecer ter trocado o manto negro por outro, cinzento-claro. Aproximou-se de Shea com a cara magra ligeiramente virada para baixo e sentou-se na relva, ao lado do morador do vale, olhando distraidamente para o alto das colinas a leste, que apareciam acima das árvores da aldeia. Os dois permaneceram em silêncio por longos minutos, até Shea não conseguir resistir mais tempo.

— Porque é que veio para o vale, Allanon? Porque me procurava?

O rosto sombrio voltou-se para o jovem e um leve sorriso desenhou-se nas feições magras.

— É uma pergunta, meu jovem amigo, que não pode ser tão facilmente respondida como gostarias. Talvez a melhor forma de te responder seja fazendo-te uma pergunta primeiro. Já leste alguma coisa sobre a história das Terras do Norte? — perguntou Allanon, fazendo uma pausa. — Conheces o Reino da Caveira?

Shea indignou-se com a menção daquele nome — um nome que era sinónimo de todas as coisas horríveis na vida, reais ou imaginárias; um nome usado para assustar criancinhas traquinas, ou adultos, com histórias contadas à beira da fogueira. Era um nome que evocava fantasmas e diabos; gnomos astutos da floresta do Leste e grandes trolls de pedra no Norte. Shea olhou para o semblante sombrio à sua frente e assentiu lentamente. Allanon manteve-se em silêncio durante algum tempo antes de continuar.

— Eu sou um historiador, Shea, entre outras coisas; talvez o historiador vivo mais viajado dos dias de hoje, já que poucos além de mim entraram nas Terras do Norte nos últimos quinhentos anos. Conheço coisas sobre a raça dos homens que ninguém mais imagina. O passado tornou-se uma vaga

lembrança, e talvez seja melhor assim, porque a história dos homens não foi particularmente gloriosa nos últimos dois mil anos. Os homens de hoje esqueceram-se do passado; sabem pouco sobre o presente e menos ainda do futuro. A Humanidade vive quase apenas nos confins das Terras do Sul. Não sabe nada sobre as Terras do Norte e os seus povos, e pouco sobre as Terras do Leste e do Oeste. É lamentável que se tenham tornado pessoas de visão tão limitada, pois já foram a raça mais visionária de todas. Mas agora contentam-se em viver longe das outras raças, isolados dos problemas do resto do mundo. Permanecem satisfeitos porque esses problemas ainda não os alcançaram e porque o medo do passado os persuadiu a não encararem o futuro.

Shea sentiu-se algo irritado com tantas acusações e a sua resposta foi cortante.

— O senhor fala como se fosse uma coisa terrível querer permanecer em paz. Eu conheço a história o suficiente... ou melhor, conheço a vida o suficiente para saber que a única esperança de sobrevivência da Humanidade é continuar longe das outras raças, para reconstruir tudo o que foi perdido nos últimos dois mil anos. Portanto, talvez a Humanidade seja inteligente o bastante para não perder tudo pela segunda vez. Quase se autodestruíu durante as Grandes Guerras pela intervenção persistente nos assuntos dos outros e a fraca rejeição das políticas de isolamento.

O rosto sombrio de Allanon mostrou-se tenso.

— Tenho plena consciência das consequências catastróficas que essas guerras trouxeram, produtos do poder e da ganância que a raça dos homens causou a si mesma por meio de uma combinação de imprudência e de falta de visão impressionantes. Isso aconteceu há muito tempo. E o que mudou desde então? Achas que a Humanidade pode começar de novo, não é, Shea? Bem, talvez te surpreendas se eu te disser que algumas coisas nunca mudam e que os perigos do poder estão sempre presentes, até para uma raça que quase se autodestruíu. As Grandes Guerras do passado podem ter terminado, as guerras entre raças, políticas e nacionalismo, e as guerras de energia pura, pelo poder absoluto. Mas nós enfrentamos novos perigos agora, e esses perigos são uma ameaça muito maior para a existência das raças do que os do passado! Se achas que o Homem é livre para construir uma nova vida enquanto o resto do mundo permanece à deriva, então não sabes nada de História! — exclamou Allanon, fazendo uma pausa súbita, com as feições sombrias contraídas de raiva. Shea encarou-o com uma atitude de desafio, embora se sentisse pequeno e assustado por dentro. — Chega — retomou Allanon, com uma expressão mais suave quando a sua mão forte se ergueu e pousou no ombro de Shea, em sinal de amizade. — Não podemos mudar o passado, e é com o futuro que devemos preocupar-nos. Deixa-me refrescar-te a memória por um momento, contando-te a história das Terras do Norte e a lenda do Reino da Caveira. Como certamente sabes, as Grandes Guerras puseram fim a uma época em que os homens eram a raça dominante. Foram quase aniquilados e até a geografia que conheciam foi completamente alterada e reestruturada. Os países, as nações e os governos deixaram de existir quando os últimos membros da raça humana partiram para o Sul para poderem sobreviver. Passaram-se quase mil anos até os homens conseguirem voltar a sobrepor-se aos animais que caçavam e estabelecer um tipo de civilização progressiva. Era primitiva, claro, mas havia ordem e alguma semelhança com um governo. E então, a Humanidade descobriu que o mundo também era habitado por outras espécies; criaturas que sobreviveram às Grandes Guerras e desenvolveram as próprias raças. Nas montanhas, existiam os gigantescos trolls, seres poderosos e

ferozes, mas satisfeitos com o que tinham. Nas colinas e florestas, existiam as pequenas e astutas criaturas a que chamamos gnomos. Os homens e os gnomos travaram muitas batalhas pelo direito ao território nos anos que se seguiram às Grandes Guerras, e as lutas causaram perdas para ambas as espécies. Lutaram pela sobrevivência, e não há espaço para o bom senso na mente de uma criatura que luta pela própria vida. O Homem também descobriu que existia outra raça dentro da sua espécie: a dos homens que fugiram para debaixo da terra com o objetivo de escapar aos efeitos das Grandes Guerras. Após anos a viverem em grandes cavernas sob a crosta da terra e longe da luz do Sol, a sua aparência alterou-se. Tornaram-se baixos e atarracados, com braços e peitos poderosos e pernas fortes e grossas para escalar e escavar o subterrâneo. A sua capacidade de visão no escuro tornou-se superior à das outras criaturas, mas pouco viam à luz do Sol. Viveram debaixo da terra durante centenas de anos, até que, finalmente, voltaram a emergir e passaram novamente a viver à superfície. No início, como a sua capacidade de visão era muito má, resolveram construir casas nas florestas mais escuras das Terras do Leste. Tinham desenvolvido a sua própria linguagem, mas mais tarde voltaram a adotar a linguagem humana. Quando os homens descobriram os últimos indivíduos dessa raça perdida, chamaram-lhes “anões”, por causa de uma raça fictícia dos tempos antigos.

Allanon calou-se e permaneceu em silêncio por alguns minutos, olhando para o alto das colinas, que exibiam um tom verde e brilhante à luz do Sol. Shea refletiu sobre as observações do historiador. Nunca vira um troll; apenas um ou dois gnomos e anões, mas não se lembrava muito bem deles.

— E os elfos? — perguntou, por fim.

Allanon olhou para ele pensativo e baixou mais um pouco a cabeça.

— Ah, sim, não me esqueci deles. É uma espécie impressionante, a dos elfos. Talvez sejam o povo mais importante de todos, embora nunca ninguém se tenha apercebido disso. Mas é melhor deixarmos a lenda do povo elfo para mais tarde; digamos apenas que sempre estiveram nas grandes florestas das Terras do Oeste, apesar de, hoje em dia, as outras raças raramente os encontrarem. Agora, vejamos o que sabes sobre as Terras do Norte, meu jovem amigo. Hoje em dia, é uma terra habitada quase exclusivamente pelos trolls. É um território estéril e perigoso que poucos indivíduos de qualquer espécie se atrevem a visitar, e muito menos a estabelecer-se por lá. Já os trolls, é claro, foram criados para sobreviver nesse território. Atualmente, os homens vivem no calor e conforto do clima ameno e terreno verdejante das Terras do Sul. Esqueceram que as Terras do Norte também já foram habitadas por criaturas de todas as espécies, não apenas os trolls, nas regiões montanhosas, mas também eles próprios, os anões e os gnomos, nas planícies e florestas. Foi na época em que todas as espécies começavam a construir uma nova civilização, com ideias, leis e muitas culturas novas. O futuro era muito promissor, mas os homens de hoje esqueceram que aquela época existiu; esqueceram que são mais que uma raça derrotada a tentar viver longe daqueles que os abateram e lhes feriram o orgulho. Naquele tempo, não existiam fronteiras entre os países. Era uma terra renascida, onde cada espécie tinha uma segunda oportunidade para construir o mundo. Porém, é evidente que perceberam a importância de tal oportunidade. Estavam demasiado preocupados em manter o que julgavam possuir e em construir os seus pequenos mundos separados. Nos anos que se seguiram, todas as espécies estavam destinadas a serem o poder dominante, batendo-se como um bando de ratos que protegiam, enraivecidos, um pedaço imprestável de queijo rançoso. E o Homem,

e toda a sua glória, também mostrava os dentes — e de que maneira! — e esfalfava-se diante daquela oportunidade, exatamente como os outros. Sabias disto, Shea?

O jovem do vale fez que não com a cabeça, lentamente, incapaz de acreditar que o que ouvia pudesse ser verdade. Tinham-lhe ensinado que o Homem fora um povo perseguido desde as Grandes Guerras, lutando para manter vivas a sua dignidade e a sua honra e para proteger o pouco de terra que possuía da selvajaria das outras espécies. Nessas batalhas, a raça humana nunca fora a opressora, mas sempre a oprimida. Allanon sorriu sombriamente, os lábios retorcendo-se de satisfação zombeteira ao ver o efeito que as suas palavras haviam tido em Shea.

— Vejo que não sabias que as coisas se tinham passado desta forma. Mas não importa. Esta é a menor das surpresas que te reservo. A Humanidade nunca foi o grande povo que pensou ser. Naquele tempo, os homens lutavam como as outras espécies, embora eu admita que talvez tivessem uma noção de honra mais desenvolvida e um propósito mais claro de reconstrução do que algumas das outras raças, além de serem mais civilizados — disse Allanon, acentuando a palavra ao pronunciá-la e enchendo-a de um sarcasmo indisfarçado. — Contudo, todas estas considerações têm muito pouco a ver com o ponto principal da nossa conversa, que espero deixar claro em breve. Foi mais ou menos nessa época, em que as espécies se descobriram umas às outras e se bateram pela supremacia, que o Conselho Druida abriu pela primeira vez os salões de Paranor, na parte baixa das Terras do Norte. A história sobre as origens e os propósitos dos Druidas é muito vaga, porém acredita-se que eram um grupo extremamente culto de elementos de todas as espécies, peritos em muitas das artes perdidas do mundo antigo. Eram filósofos e visionários, estudiosos de todas as artes e ciências, e eram, principalmente, os educadores dos povos. Eram eles que distribuíam o poder de obter novos conhecimentos sobre a vida. Eram liderados por um homem chamado Galaphile, um historiador e filósofo como eu, que convocou os melhores cérebros da terra para formarem um conselho e estabelecerem a paz e a ordem. Este homem confiava que os conhecimentos do grupo o levariam a sobrepor-se às espécies e que as suas competências no âmbito da distribuição do conhecimento lhe granjeariam a confiança das pessoas. Os Druidas foram uma força muito poderosa durante esses anos, e o plano de Galaphile parecia estar a resultar como ele tinha previsto. No entanto, com o passar do tempo, tornou-se evidente que alguns membros do Conselho possuíam poderes que superavam em muito os dos outros; poderes que estavam adormecidos e ganharam força com mentes geniais. Seria difícil explicar-te estes poderes sem demorar muito mais tempo do que aquele de que dispomos. O mais importante é que saibas que alguns dos elementos que possuíam as mentes mais geniais do Conselho convenceram-se de que estavam destinados a moldar o destino das espécies. Acabaram por se separar do Conselho para formarem o seu próprio grupo, desaparecendo e remetendo-se ao esquecimento durante algum tempo. Cerca de cento e cinquenta anos mais tarde, eclodiu uma guerra civil terrível no seio da espécie humana, que acabou por desembocar na Primeira Guerra das Raças, como os historiadores lhe chamaram. A sua causa sempre foi incerta, mesmo naquele tempo, e já quase foi esquecida. Resumindo, alguns indivíduos da espécie humana revoltaram-se contra os ensinamentos do Conselho e formaram um exército muito poderoso e bem treinado. O objetivo proclamado da revolta era subjugar o resto dos homens a um governo central, para garantir a melhoria da espécie e o incremento do seu orgulho enquanto povo. No final, quase

todos os grupos da espécie se juntaram à nova causa e foi iniciada a guerra contra as outras espécies, aparentemente para concretizar esse novo objetivo. A figura central por detrás da guerra era um homem chamado Brona, um termo arcaico da linguagem dos gnomo para “Mestre”. Dizia-se que era o líder dos Druidas do primeiro Conselho, que se desintegrou e desapareceu nas Terras do Norte. Nunca foi encontrada nenhuma fonte fiável que provasse ter falado com este homem ou tê-lo avistado, e, no fim, concluiu-se que Brona era apenas um nome, um personagem fictício. A insurreição, se quisermos dar-lhe esse nome, acabou por ser esmagada pelas forças conjuntas dos Druidas e das outras raças aliadas. Sabias disto, Shea?

O rapaz do vale concordou com a cabeça e exibiu um sorriso tímido.

— Ouvi falar sobre o Conselho Druida e sobre o seu objetivo e trabalho. É uma história antiga, já que o Conselho acabou há muito tempo. E ouvi falar também sobre a Primeira Guerra das Raças, embora não da maneira como o senhor a relatou. Talvez considere a minha versão tendenciosa. A guerra foi uma lição amarga para a Humanidade. — Allanon aguardou pacientemente que Shea refletisse sobre o que sabia do passado antes de continuar. — Sei que os sobreviventes da nossa raça partiram para o Sul uma vez terminada a guerra e permanecem lá desde então, tendo reconstruído as casas e as cidades que tinham perdido e tentando criar vida em vez de a destruírem. O senhor parece pensar que se tratou de um isolamento nascido do medo, mas eu acredito que era e ainda é a melhor maneira de se viver. Os governos centralizados sempre foram o maior dos perigos para a Humanidade. Agora já não há qualquer perigo; a nova lei da vida são as pequenas comunidades. É melhor para todos deixarmos certas coisas como estão.

O homem alto soltou uma gargalhada cavernosa, desprovida de humor, que fez Shea sentir-se um tolo.

— Sabes muito pouco, embora seja verdade o que disseste. As verdades absolutas, meu jovem amigo, são as filhas inúteis de uma visão retrospectiva. Bem, não pretendo discutir agora contigo as subtilezas da reforma social, e muito menos o ativismo político. Vamos ter de deixar isso para outra altura. Conta-me o que sabes sobre a criatura chamada Brona. Talvez... Não, espera... Vem aí alguém.

Allanon mal tinha acabado de falar quando a figura corpulenta de Flick dobrou a esquina da estalagem. O jovem do vale parou abruptamente ao ver Allanon, e hesitou até Shea lhe acenar. Aproximou-se com cautela e permaneceu de pé, vendo o rosto sombrio do homem alto sorrir-lhe indolentemente, com os cantos da boca arrebitados daquela forma enigmática que já lhe era familiar.

— Começava a perguntar-me aonde é que te tinhas metido — disse Flick, dirigindo-se ao irmão. — Não queria interromper...

— Não estás a interromper nada — apressou-se a responder Shea.

Porém, Allanon parecia discordar.

— A conversa que estávamos a ter é só para os teus ouvidos — declarou ele, categoricamente. — Se o teu irmão escolher ficar, estará a decidir o seu próprio destino para os dias que virão. Sugiro fortemente que ele não permaneça aqui, que não ouça o resto da nossa discussão e que esqueça que nos viu a conversar. Mas claro que a escolha é dele...

Os dois irmãos entreolharam-se, sem conseguirem acreditar que o homem alto estava a falar a

sério. Contudo, o seu rosto sombrio indicava que não estava a brincar, e os dois rapazes hesitaram por um instante, relutantes em dizerem o que quer que fosse. Foi Flick quem acabou por quebrar o silêncio.

— Não faço ideia de que é que estavam a conversar, mas o Shea e eu somos irmãos e o que diz respeito a um de nós inclui o outro. Se ele tem algum problema, deve partilhá-lo comigo. É esta a minha escolha, e não tenho qualquer dúvida quanto a isso.

Shea olhou para o irmão, surpreendido. Nunca vira Flick ser tão assertivo no que quer que fosse em toda a sua vida. Sentiu-se orgulhoso do irmão e sorriu-lhe, grato. Flick retribuiu com uma piscadela de olho e sentou-se imediatamente, sem olhar para Allanon. O nómada cofiou a barba curta e negra com a mão esguia e fez um sorriso inesperado.

— É verdade que a escolha é tua e, com essas palavras, provaste ser um ótimo irmão. Mas o que conta são os atos, e podes vir a arrepender-te nos próximos dias da escolha que fizeste... — O homem fez uma pausa, perdido nos seus pensamentos, analisando a cabeça baixa de Flick por longos minutos antes de se virar para Shea. — Bem, não posso recomeçar a minha história só para o teu irmão ouvir. Ele terá de nos acompanhar da melhor forma que puder. Conta-me, então, o que sabes sobre Brona.

Shea pensou durante alguns minutos.

— Na verdade, não sei quase nada — disse, encolhendo os ombros. — Brona era um mito, como o senhor disse, o líder fictício da revolta da Primeira Guerra das Raças. Deve ter sido um Druida que abandonou o Conselho e usou o seu poder maléfico para controlar a mente dos seus seguidores. Nunca foi visto nem foi capturado ou morto na batalha final. Do ponto de vista histórico, nunca existiu.

— Historicamente preciso, como seria de esperar — resmungou Allanon. — O que sabes sobre a ligação dele à Segunda Guerra das Raças?

A pergunta provocou um leve sorriso na face de Shea.

— Bem, segundo reza a lenda, ele foi a força central por detrás dessa guerra também, mas isso veio a revelar-se outro mito. Supostamente, fora ele que organizara os exércitos dos homens na Primeira Guerra, mas, daquela vez, chamaram-lhe Lorde Feiticeiro; o equivalente maléfico do Druida Bremen. Porém, supõe-se que Bremen o tenha matado durante a Segunda Guerra. Mas tudo isso é só imaginação. — Flick apressou-se em assentir com a cabeça, concordando, mas Allanon não disse nada. Shea esperava algum tipo de confirmação, claramente compenetrado no tema. — Mas afinal aonde é que nos leva esta conversa toda? — perguntou, momentos depois.

Allanon olhou para ele com um ar severo, arqueando uma sobrancelha escura enquanto pensava.

— A tua paciência é notavelmente limitada, Shea. Afinal, numa questão de minutos recordámos toda a História de mais de mil anos. Mas se achares que consegues controlar-te por mais algum tempo, creio que posso prometer-te que responderei à tua pergunta.

Shea assentiu com a cabeça, mortificado com a reprimenda. Não foram as palavras que o magoaram, mas a forma como Allanon as disse — com aquele sorriso zombeteiro e o sarcasmo mal disfarçado. No entanto, o rapaz recuperou a compostura rapidamente e controlou a ansiedade, permitindo que o historiador continuasse ao seu próprio ritmo.

— Muito bem... — disse o seu interlocutor. — Tentarei terminar a nossa conversa rapidamente. Tudo o que dissemos até aqui é o pano de fundo para o que vou contar agora; a razão pela qual vim à tua procura. Deixa-me relembrar os factos da Segunda Guerra das Raças, a guerra mais recente na nova História da Humanidade, que aconteceu há menos de quinhentos anos, nas Terras do Norte. A espécie humana não participou nesta guerra; era a raça derrotada da Primeira e agora vivia no coração das Terras do Sul, em poucas e pequenas comunidades que tentavam, com muito esforço, sobreviver à ameaça da extinção total. Esta foi uma guerra entre as grandes espécies. Tratou-se da luta do povo élfico e dos anões contra o poder dos selvagens trolls de pedra e dos astuciosos gnomos.

»Terminada a Primeira Guerra das Raças, o mundo conhecido dividiu-se nas quatro terras existentes, e as espécies mantiveram a paz por um período de tempo. Durante esse período, o poder e a influência do Conselho Druida diminuíram drasticamente, quando a evidente necessidade da sua ajuda pareceu deixar de existir. É justo acrescentar que os Druidas se tinham tornado negligentes em relação às espécies, e durante muitos anos os novos membros esqueceram os propósitos do Conselho e afastaram-se dos problemas dos povos, dando primazia a questões mais pessoais e remetendo-se a uma existência mais isolada, de estudo e meditação. O povo élfico era o mais poderoso, mas preferia deixar-se estar na sua terra natal, no Oeste, onde se contentava com a permanência em relativo isolamento, erro este do qual os seus membros viriam a arrepender-se profundamente. Os outros povos espalharam-se e desenvolveram sociedades menos unificadas e de menores dimensões, principalmente nas Terras do Leste, embora alguns grupos se tenham estabelecido em certas zonas das cidades fronteiriças das Terras do Oeste e do Norte. A Segunda Guerra das Raças começou quando um enorme exército de trolls desceu das Montanhas Charnal e invadiu todo o território das Terras do Norte, incluindo a Fortaleza dos Druidas de Paranor. Os Druidas foram traídos por vários membros do seu próprio povo, que tinham sido aliciados com promessas e ofertas do comandante inimigo, então desconhecido. Tirando os poucos que escaparam ou andavam em viagem, os restantes foram capturados e presos nas masmorras do forte para nunca mais serem vistos. Aqueles que escaparam ao destino dos seus irmãos, espalharam-se pelas quatro terras à procura de refúgio. O exército troll atacou imediatamente o povo anão nas Terras do Leste, com a intenção óbvia de esmagar toda a resistência o mais rapidamente possível. Contudo, os anões juntaram-se nas profundezas das grandes florestas de Anar, que só eles conheciam o suficiente para garantirem a sua sobrevivência por muito tempo, e lá resistiram, firmes, aos avanços dos exércitos dos trolls, apesar da ajuda de algumas tribos de gnomos que se juntaram às forças invasoras. Raybur, o Rei Anão, identificou na História do seu povo a pessoa que ele descobrira ser o verdadeiro inimigo: Brona, o Druida rebelde.

— Como é que o Rei Anão pôde acreditar nisso? — interrompeu Shea. — Se fosse verdade, o Lorde Feiticeiro teria mais de quinhentos anos de idade! De qualquer forma, talvez algum místico ambicioso tenha sugerido a ideia ao rei, na esperança de fazer reviver um mito antigo e ultrapassado, provavelmente para aumentar sua influência na corte, ou algo do género.

— É uma possibilidade — admitiu Allanon. — Mas deixa-me continuar. Depois de longos meses de luta, os trolls acabaram por se convencer de que os anões tinham sido derrotados e voltaram as

suas legiões para oeste, iniciando a marcha contra o poderoso reino élfico. Mas, durante os meses em que os trolls se mantiveram em guerra com o povo anão, os poucos Druidas que escaparam de Paranor foram reunidos pelo famoso místico Bremen, um ancião muito conceituado no Conselho, que os guiou até ao reino élfico, nas Terras do Oeste, para avisar o povo dessa nova ameaça e prepará-lo para a invasão quase certa do exército que vinha do Norte. Naquela altura, o Rei dos Elfos era Jerle Shannara, possivelmente o maior de todos os reis daquele povo, com a exceção de Eventine. Bremen alertou o rei para o provável ataque às suas terras, e o governante elfo apressou-se a preparar as forças armadas, antes que as hordas dos trolls chegassem às fronteiras. Deves ter conhecimentos de História suficientes para saberes o que aconteceu quando a batalha foi travada, Shea, mas quero que prestes atenção aos detalhes que vou contar-te agora.

Tanto Shea quanto um entusiasmado Flick concordaram.

— O Druida Bremen deu a Jerle Shannara uma espada especial para a batalha contra os trolls. Quem quer que empunhasse essa espada seria invencível, mesmo contra o incrível poder do Lorde Feiticeiro. Quando entraram no Vale de Rhenn, junto à fronteira do reino dos elfos, as legiões dos trolls foram atacadas e caíram numa armadilha montada pelos exércitos dos elfos, que lutavam em terreno mais elevado, e sofreram uma pesada derrota numa acesa batalha de dois dias. Os elfos foram liderados pelos Druidas e por Jerle Shannara, que empunhava a extraordinária espada que Bremen lhe tinha dado. Elfos e Druidas combateram, juntos, os exércitos dos trolls, e dizia-se que a sua força tinha sido aumentada por seres do mundo dos espíritos que se encontravam sob o domínio do Lorde Feiticeiro. Mas a coragem do Rei Elfo e o poder da fabulosa espada sobrepujaram os espíritos, destruindo-os. Quando o resto do exército troll tentou escapar para a segurança das Terras do Norte, pela Planície de Streleheim, viu-se entre o exército dos elfos, que perseguia os inimigos em debandada, e um exército de anões, que se aproximava vindo das Terras do Leste. As forças travaram uma batalha terrível, e o exército troll foi massacrado quase até ao último homem. Durante a batalha, Bremen desapareceu enquanto combatia ao lado do Rei Elfo, lutando contra o Lorde Feiticeiro. Foi relatado que tanto o Druida como o Feiticeiro desapareceram durante a luta e nenhum dos dois voltou a ser visto. Nem os cadáveres foram encontrados.

»Jerle Shannara empunhou a famosa espada até à sua morte, que ocorreu alguns anos mais tarde. O seu filho devolveu a arma ao Conselho Druida, em Paranor, e ela foi cravada num enorme bloco de rocha-tre e guardada num cofre na Fortaleza dos Druidas. Vocês devem conhecer bem a lenda da espada, e saberão, certamente, o que ela representa, o que ela significa para todas as espécies. A grande espada descansa em Paranor há quinhentos anos. Fui suficientemente claro na minha narrativa, homens do vale?

Flick assentiu com assombro, ainda empolgado com a história. Shea, porém, concluíra que já ouvira demasiado. Nada do que Allanon lhes tinha contado sobre a História das raças era factual — não se ele acreditasse em tudo o que lhe fora ensinado pelo seu povo desde a infância. O homem alto apenas relatara uma história fantástica que Shea ouvia desde criança e era transmitida de geração em geração desde há muitos, muitos anos. Ouviu, paciente, tudo o que Allanon apresentara falsamente como sendo a verdade sobre as raças, satisfazendo-lhe a vontade apenas por respeito pela sua reputação. Contudo, a lenda da espada era ridícula, e Shea estava farto de ser tratado como um tolo.

— Mas o que é que tudo isto tem a ver com a sua vinda para o Vale Sombrio? — insistiu ele, com um sorriso contrafeito, que traía a sua indignação. — Ouvimos tudo o que tinha a dizer-nos sobre uma batalha que aconteceu há quinhentos anos; uma batalha que nem sequer teve a ver com os homens, mas com trolls, elfos e anões, e sabe-se lá mais quem, como o senhor disse. Contou-nos que havia espíritos nessa história, ou coisa que o valha? Lamento se pareço incrédulo, mas acho tudo isto um bocado difícil de engolir. Todas as espécies conhecem a lenda da espada de Jerle Shannara, mas trata-se de ficção, não de factos; uma epopeia lendária, criada para incutir as noções da lealdade e do dever nas raças que fazem parte dessa história. A lenda de Shannara é uma história para crianças que conta como os adultos devem amadurecer para aceitar as responsabilidades da Humanidade. Porque é que perdeu o seu tempo relatando-me esse conto de fadas, quando tudo o que pretendo é uma simples resposta a uma pergunta ainda mais simples? Porque é que andava à procura... de *mim*?

Shea calou-se quando viu as feições sombrias de Allanon endurecerem e enegrecerem de raiva, com as grandes sobrancelhas a eriçarem-se sobre repentinos pontos de luz, por cima das sombras profundas que lhe escondiam os olhos. Aquele homem alto parecia travar uma batalha para conter uma terrível fúria interior, e, por momentos, Shea pensou que ele fosse estrangulá-lo com as enormes mãos que se abriram diante do seu rosto enquanto o homem o fitava com raiva. Flick deu, apressadamente, um passo atrás e tropeçou nos próprios pés, o medo a crescer dentro de si.

— Cretino... Meu cretino! — rugiu o gigante, com uma fúria quase descontrolada. — Vocês sabem tão pouco... Crianças! O que é que a raça dos homens sabe da verdade? O que fez a Humanidade, para além de se esconder, rastejando de medo em esconderijos lastimáveis nas regiões mais profundas das Terras do Sul, como coelhos assustados? Ousas dizer-me que o que te digo são contos de fadas?! Tu, que nunca combatestes em nenhuma guerra e sempre te mantiveste são e salvo aqui, no teu precioso vale! Vim procurar a linhagem dos reis, mas encontrei um rapazola que se esconde debaixo de mentiras. Não passas de uma criança!

Flick desejou fervorosamente que o chão se abrisse sob os seus pés e o engolisse, ou simplesmente que um milagre o fizesse desaparecer, quando, para seu enorme espanto, viu Shea fazer frente ao homem alto com as finas feições coradas de raiva e os punhos cerrados, preparado para lutar. O rapaz do vale estava tão dominado pela raiva que não conseguia falar, e mantinha-se diante do acusador, tremendo de fúria e humilhação. Mas Allanon não se mostrou impressionado e voltou a falar, num tom profundo:

— Espera, Shea. Não sejas ainda mais cretino! Toma atenção ao que te vou dizer agora. Tudo o que te contei atravessou os tempos como lenda e dessa maneira foi transmitido à raça humana. Mas o tempo dos contos de fadas acabou. O que te contei não é lenda, é a verdade. A espada é real, continua em Paranor. Mas o mais importante de tudo é que o Lorde Feiticeiro também é real! Ainda está vivo e o Reino da Caveira é o seu domínio!

Shea sobressaltou-se ao perceber que, afinal, o homem não estava a mentir-lhe deliberadamente; que, para ele, aquilo não era um conto de fadas. Acalmou-se e sentou-se lentamente, com os olhos ainda fixos no rosto sombrio. De repente, lembrou-se das palavras do historiador.

— Falou de reis... Disse que estava à procura de uma linhagem real...?

— Como é a lenda da Espada de Shannara, Shea? O que diz a inscrição cravada no bloco da

rocha-tre?

Shea ficou perplexo, incapaz de se lembrar da lenda.

— Não sei... Não consigo lembrar-me do que dizia a inscrição. Era alguma coisa sobre a próxima vez...

— Um filho! — exclamou Flick de repente, do outro lado. — Quando o Lorde Feiticeiro surgir novamente na Terra do Norte, um filho da Casa de Shannara empunhará a espada contra ele. Essa era a lenda!

Shea olhou para o irmão, lembrando-se, finalmente, da inscrição. Depois, voltou o olhar para Allanon, que o observava com atenção.

— E o que é que isso tem a ver comigo? — apressou-se a perguntar. — Não sou um filho da Casa de Shannara nem sou elfo. Sou um mestiço, não um elfo, nem um rei. Eventine é o herdeiro da Casa de Shannara. Está a querer dizer-me que sou um filho perdido, um herdeiro desaparecido?! Não acredito!

Procurou apoio no irmão, mas Flick parecia completamente surpreso e encarava Allanon assombrado. O homem sombrio falou com calma.

— Tens sangue elfo, Shea, e não és filho verdadeiro de Curzad Ohmsford. Mas isso já tu sabes... E Eventine não é descendente direto de Shannara.

— Eu sempre soube que era filho adotivo — admitiu o rapaz do vale —, mas certamente não vim da... Flick, diz-lhe tu!

O irmão limitou-se a olhar para ele atônito, incapaz de formular uma resposta. Shea calou-se abruptamente, abanando a cabeça, descrente. Allanon assentiu.

— És filho da Casa de Shannara; simplesmente, és um filho mestiço e muito afastado da linha de ascendência direta que pode ser traçada ao longo dos últimos quinhentos anos. Conheci-te quando eras miúdo, Shea, antes de teres sido trazido para casa dos Ohmsford, como filho da família. O teu pai era elfo. Era um homem muito bom. A tua mãe pertencia à espécie humana. Faleceram ambos quando ainda eras muito novo e acabaste por ser entregue a Curzad Ohmsford para que ele te criasse como um membro da família. Mas és descendente de Jerle Shannara, apesar de seres um descendente distante e de não teres o sangue puro dos elfos.

O rapaz concordou distraidamente com a explicação do homem alto, sentindo-se confuso e ainda desconfiado. Flick olhava para o irmão como se nunca o tivesse visto.

— O que é que tudo isto significa? — perguntou ele a Allanon, ansioso.

— O que acabei de te contar também é do conhecimento do Lorde Feiticeiro, embora ele não saiba ainda onde moras nem quem és. Porém, mais cedo ou mais tarde, os seus emissários acabarão por te encontrar, e quando isso acontecer, morrerás.

Shea virou a cabeça e olhou para Flick, com medo, lembrando-se da enorme sombra que o irmão vira na fronteira do vale. Flick também sentiu um arrepio repentino ao recordar aquela horrível sensação de terror.

— Mas porquê? — perguntou Shea, ansioso. — O que é que eu fiz para merecer isso?

— Tens de compreender muitas coisas, Shea, antes de conseguires compreender a resposta a essa pergunta — respondeu Allanon —, e eu não tenho tempo para te explicar tudo agora. Tens de

acreditar em mim quando te digo que és descendente de Jerle Shannara, que tens sangue elfo e que os Ohmsford são a tua família *adotiva*. Não eras o único filho da Casa de Shannara, mas és o único ainda vivo. Os outros eram elfos e foram facilmente encontrados e destruídos. É isso que há tanto tempo impede o Lorde Feiticeiro de te encontrar. Ele não sabia que havia um filho mestiço a viver nas Terras do Sul, embora tivesse conhecimento de toda a linhagem dos reis dos elfos desde o início. Mas tens de saber isto, Shea: o poder da espada é ilimitado... É o único grande temor de Brona, o único poder ao qual ele não consegue resistir. A lenda da espada é um amuleto poderoso nas mãos das raças, e Brona deseja acabar com ela. Tentará fazer isto matando toda a linhagem de Shannara, para que nenhum descendente do antigo rei possa empunhar a espada contra ele!

— Mas eu nem sabia da existência da espada! — protestou Shea. — Eu nem sabia quem eu era, nem nada sobre as Terras do Norte ou sobre...

— Não importa! — interrompeu Allanon bruscamente. — Se estiveres morto, não haverá mais dúvidas sobre ti.

A sua voz desvaneceu-se num murmúrio cansado e ele voltou a olhar para os cumes distantes das montanhas, para além da copa dos olmos altos. Shea deitou-se lentamente na relva macia, olhando para o azul pálido do céu invernal, polvilhado de pequenas nuvens brancas que pairavam sobre as colinas. Por alguns momentos agradáveis, a presença de Allanon e a ameaça de morte foram suprimidas pela calidez modorrenta do Sol da tarde e pelo odor fresco das árvores altas. O jovem fechou os olhos e pensou sobre a sua vida no vale, os planos que fizera com Flick e as suas esperanças para o futuro. Tudo se desvaneceria se o que o homem alto acabara de lhe dizer fosse verdade. Pensou em todas aquelas coisas com calma e, por fim, sentou-se, com os braços atrás das costas.

— Não sei bem o que pensar — começou ele lentamente. — Tenho tantas perguntas para lhe fazer! Estou confuso com a ideia de não ser um Ohmsford mas alguém ameaçado de morte, à mercê de um... mito. O que sugere que faça?

Allanon sorriu calorosamente pela primeira vez.

— De momento, nada. Não corres perigo imediato. Pensa no que te disse e conversaremos sobre as implicações disso noutra altura. Então, responderei, com prazer, a todas as tuas perguntas. Mas não fales disto a mais ninguém, nem mesmo ao teu pai. Age como se esta conversa nunca tivesse acontecido até termos a oportunidade de pensar melhor numa solução para o problema.

Os jovens entreolharam-se e assentiram com a cabeça, embora fosse difícil fingir que nada acontecera. Allanon levantou-se em silêncio, esticando o corpo alto para distender os músculos dormentes. Os irmãos também se levantaram e permaneceram quietos enquanto ele os observava.

— Lendas e mitos que não existiam no mundo do passado existirão no mundo de amanhã. Coisas más, cruéis e astutas acordarão agora, depois de terem passado séculos adormecidas. A sombra do Lorde Feiticeiro começa a projetar-se sobre as quatro terras.

Calou-se de repente.

— Eu não queria ser duro — disse, com um sorriso gentil e inesperado —, mas, se essa for a pior coisa que acontecer nos dias que virão, deves ficar realmente grato. O que tens pela frente é uma ameaça real, não um insignificante conto de fadas. Nada disto será justo, e aprenderás muitas

realidades da vida de que não vais gostar.

Allanon fez uma pausa, uma sombra alta e cinzenta recortada no verde das colinas distantes, com o manto puxado cuidadosamente contra o corpo macilento. Esticou a sua enorme mão para segurar com firmeza o ombro magro de Shea, e, por um instante, transformou os dois numa só pessoa. Então, virou-se e partiu.

O Complexo dos Assassinos

LINDSAY CUMMINGS



Um thriller intenso de ação e paixão num cenário futurista onde o número de assassinatos é superior à taxa de natalidade

Meadow Woodson, uma rapariga de 15 anos que foi treinada pelo seu pai para lutar, matar e sobreviver em qualquer situação, reside com a sua família num barco na Florida. O Estado é controlado pelo Complexo Assassino, uma organização que segue e determina a localização de cada cidadão com precisão, provocando o medo e opressão em absoluto.

Mas tudo se complica quando Meadow conhece Zephyr James, que é – embora ele não saiba – um dos assassinos programados do Complexo. Será o seu encontro uma coincidência ou parte de uma apavorante estratégia? E conseguirá Zephyr impedir que Meadow descubra a perigosa verdade sobre a sua família?

[Mais informações em](#)

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM